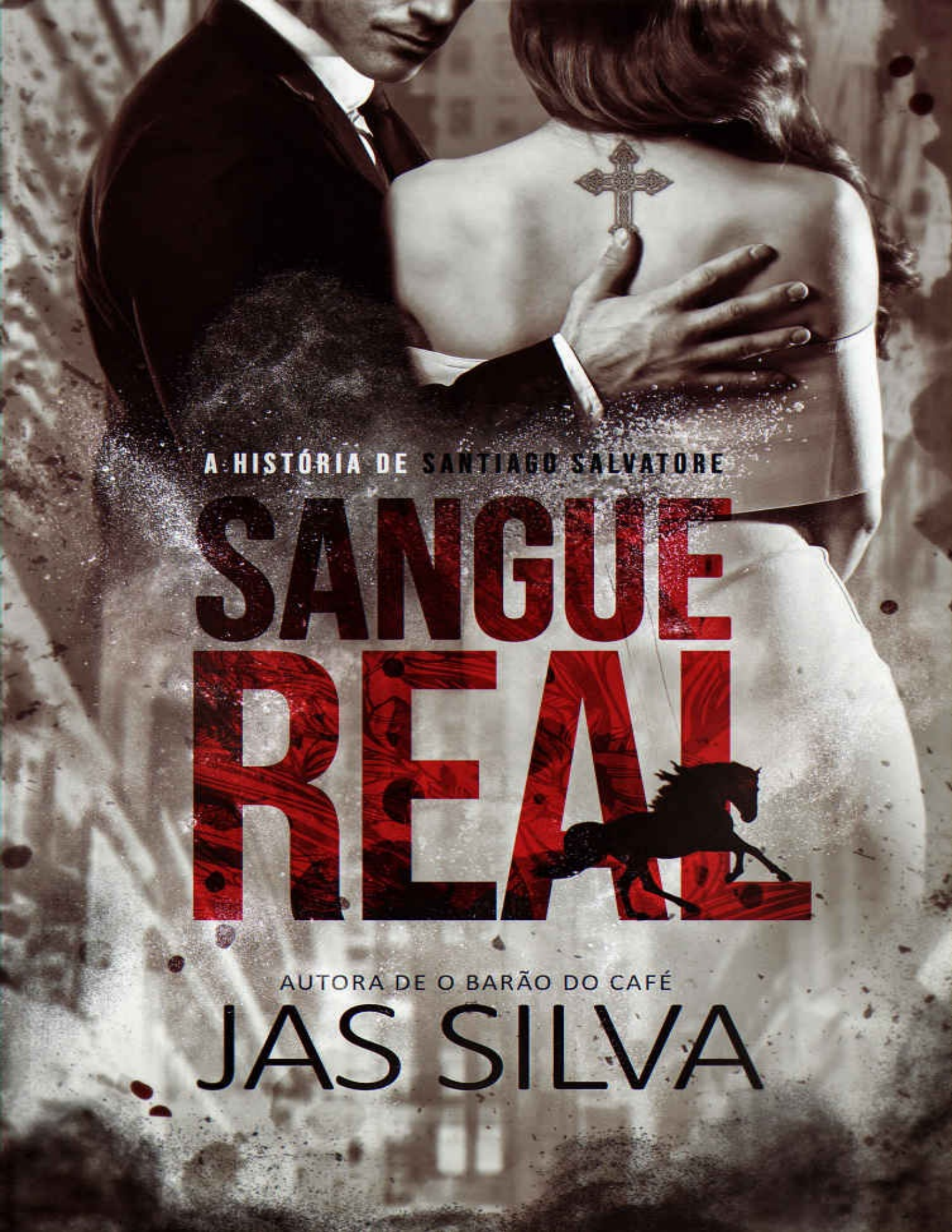

A HISTÓRIA DE SANTIAGO SALVATORE
SANGUE
REAL
AUTORA DE O BARÃO DO CAFÉ
JAS SILVA

A HISTÓRIA DE SANTIAGO SALVATORE

SANGUE REAL



AUTORA DE O BARÃO DO CAFÉ

JAS SILVA

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

NOTA DA AUTORA

OLHO POR OLHO

DENTE POR DENTE

1

SANTIAGO SALVATORE

2

SANTIAGO SALVATORE

3

MANOELA GARCÍA

4

MANOELA GARCÍA

5

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

6

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

7

SANTIAGO SALVATORE

8

SANTIAGO SALVATORE

9

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

10

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

11

MANOELA GARCÍA

12

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

13

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

14

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

15

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

16

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

17

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

18

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

19

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

20

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

21

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

22

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

23

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

24

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

25

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

26

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

27

MANOELA GARCÍA

28

SANTIAGO SALVATORE

29

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

30

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

31

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

32

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

33

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

34

SANTIAGO SALVATORE

35

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

36

MIGUEL OCHOA

37

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

38

SANTIAGO SALVATORE

39

MANOELA GARCÍA

40

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

41

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

42

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

43

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

44

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

45

MANOELA GARCÍA

SANTIAGO SALVATORE

46

SANTIAGO SALVATORE

MANOELA GARCÍA

EPÍLOGO

MANOELA SALVATORE

SANTIAGO SALVATORE

SANTIAGO SALVATORE

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA

DEDICATÓRIA

Dedico esse livro

ao herói da minha vida:

meu pai.



NOTA DA AUTORA

Sangue Real não é um livro para todos, preciso que saibam. Mas ele é lindo em sua essência, e eu espero que, por detrás da dor e loucura desses dois personagens, vocês consigam enxergar essa beleza.

Preciso dizer também que não há mocinhos aqui, e que esse romance, definitivamente, não é um conto de fadas. Ainda que haja vilões e um bicho-papão.

Santiago e Manoela são violentos, seja na hora da dor ou em amar. Eles também são complexos e cruéis, mas são honestos em tudo o que sentem – e esbravejam! Você pode se ver em um ou outro detalhe, ainda que não compactue com as atitudes tomadas por eles.

Lembre-se: essa é uma história fictícia. Não há obrigação em retratar a realidade, assim como não há certo ou errado.

Boa leitura aos corajosos(as)!

Um grande abraço,

Jas Silva.

ATENÇÃO: *Sangue Real* contêm linguagem sexual e violenta, podendo causar possíveis gatilhos. Não leia se não estiver confortável com a temática.

OLHO POR OLHO

Supersticioso, *papá* vivia repetindo que acontecimentos ruins sucediam inocentes sinais aos quais não dávamos importância. E que essa era a forma que Deus encontrou de nos preparar e fazer com que compreendêssemos quem realmente controlava a linha entre a vida e a morte. Para nos lembrar, principalmente, de que éramos mortais.

Morte. Essa era uma palavra que saía muito de sua boca, mas que nunca me causou medo ou estranheza. Até aquele momento.

Sentada no chão de terra com o caderno de desenho sobre o colo, eu tive a confirmação de que algo ruim aconteceria no instante em que avistei três carros idênticos e negros, levantando a poeira áspera da estrada cheia de buracos.

Com poucos vizinhos ao redor, a maior parte deles distantes o suficiente para que meu pai apreciasse a solidão do qual gostava, não foi difícil concluir que éramos o alvo. E o que para ele era visto com prazer, como ser deixado em paz por todos, para mim, soava como se *papá* estivesse se escondendo. Do quê e de quem, não fazia ideia.

Observando os carros a uma distância segura, eu me recordei dos últimos acontecimentos. A xícara que derrubei de manhã em nossa cozinha e o corte em minha mão, que causei ao limpar os cacos de vidro.

Inocentes sinais...

Tendo memorizado as palavras dele, eu me levantei e corri para dentro da pequena casa.

— Pai?! Pai?! — gritei, encontrando-o no caminho. Os olhos cor de

areia pareciam agitados, assustados de verdade. Não acho que meu pai tenha visto os carros ainda, mas deve tê-los escutado.

— Você sabe o que deve fazer. — Um frio inundou os meus ossos, e eu o encarei. Ciente de que deveria seguir o que planejamos e me esconder, ainda que incapaz de o deixar sozinho.

— Quem são eles, *papá*? — perguntei apavorada, sem receber qualquer resposta. Apenas um empurrão na direção do esconderijo. — Por que não pega a sua arma? — lembrei-o, com um filete de esperança. — A gente pode se proteger... e eu não vou precisar me esconder. Posso te ajudar.

Por alguma razão, eu não fui criada para temer a violência ou até mesmo uma arma quando a visse. Pelo contrário, meu pai fez questão que eu soubesse até mesmo como usá-las.

"Se algo me acontecer, você a pega e corre. Não olhe para trás. Não fale com ninguém. Mas, acima de tudo, filha, mantenha-se longe dos malditos Salvatore."

Eu podia ter apenas doze anos, mas não era estúpida como as garotas de minha idade. Sabia quem era Juan Carlos, chefe de papá*, e mais do que isso, sabia que ele era tão temido por essas bandas que todos abaixavam a cabeça em respeito quando o velho passava. Ele nunca sorriu ou falou comigo, parecia sempre estar com pressa e mal-humorado.* Papá *costumava me empurrar para longe dele e de qualquer um de seus homens quando apareciam, era algo que me irritava.*

Não que o tenha visto muitas vezes, mas foi o suficiente para me dar conta de que ele não era um homem bom... mas sangrava. Tinha pele, carne e ossos. O mesmo coração a bater dentro do peito. E se éramos iguais, por que eu deveria ter medo?

“Se continuar pensando dessa forma, você irá se meter em problemas, Manoela. E existem problemas dos quais nem mesmo eu poderei salvá-la.”

— *Eu não quero ser salva* — falei em voz alta, o pensamento idêntico ao do dia em que meu pai chamou minha atenção por respondê-lo. — Quero te ajudar, proteger o senhor.

— Você me ajuda mais, se me obedecer. — Ficamos cara a cara um com o outro, o que me permitiu notar os respingos de suor escorrendo por sua testa.

Estendi a mão para limpá-lo, vendo-o cerrar a linha fina de sua boca.

— Lembra-se do que deve fazer quando estiver sozinha?

— Correr — respondi rapidamente.

— E não confiar em ninguém — acrescentou, fazendo-me assentir.

— E se me pegarem?

— Eles não irão — garantiu. — Agora prometa que não sairá daí por nada nessa vida, Manoela. Não importa o que veja ou o que me façam.

— Mas e se eles te machucarem...

— Prometa.

— Prometo, *papá*.

Envolvi os braços finos ao redor de seu pescoço, mas o som de passos no interior da casa fez com que ele me empurrasse com mais força para dentro da despensa. Fazendo com que eu, não pela primeira vez, duvidasse da capacidade do cubículo apertado me proteger do perigo. Mas era o que tínhamos, então fiz o que combinamos tantas vezes e fiquei quieta.

Minutos de silêncio se passaram após a sua saída da cozinha, então gritos e xingamentos foram ouvidos, até que tudo o que saiu de sua boca foram sons repletos de dor.

Palavras sujas foram ditas por uma voz masculina, áspera o suficiente para que cada pelo do meu braço e nuca se arrepiassem. O pânico me invadiu quando um par de botinas passou em frente à fresta da despensa. Depois outro par, e depois outro. Eram muitos homens, e eles pareciam procurar por mais alguém dentro da casa.

Ao não encontrarem, arrastaram o meu pai de volta, jogando-o no chão, com o rosto ensanguentado e a pele inteira machucada.

De dentro da despensa, eu assisti ao momento em que o homem de cabelo comprido e feições indígenas, apontou em sua testa uma arma semelhante ao que o exército mexicano usava. Não que ele se parecesse um militar, longe disso. Acho até que era um dos soldados do Sr. Salvatore.

— Seu traidor de merda!

Papá foi chutado, mas não caiu. Ainda sobre seus joelhos e com os pulsos amarrados na parte e trás do corpo, ele se manteve firme.

— Só há um final para ratos como você, Calixto. Seu buraco nessa terra está agora mesmo sendo cavado. E ele é profundo, seu filho da puta!

Um gemido seco escapou de sua garganta ao ser acertado novamente.

— É nele que iremos enterrar você e cada infeliz a carregar o seu sangue.

A ameaça o deixou agitado.

— Está com medo, não é?

Papá não tinha medo de nada, e não era um traidor, como o homem malvado dizia.

Não era segredo o final que traidores tinham por aqui. Escutei por anos histórias assustadoras, algumas tão horríveis que não me deixavam dormir à noite. A que meu pai contava sobre a mamãe e o vício que a consumiu, era a que mais me perturbava.

Ela não havia morrido, como eu preferia que tivesse acontecido, apenas se perdeu por conta do que ele chamava de *oro blanco de la muerte*[1]. A verdade é que mamãe era uma mulher da vida; e, pelo tempo em achei que isso significava que ela era esperta, eu estive bem. Até que descobri que *mulheres da vida*, eram prostitutas, dessas que se viam nas ruas de Sinaloa, praticamente nuas e com maquiagens carregadas.

Desde então, percebi que não queria que ela voltasse para as nossas vidas. Era um pensamento extremista para uma garota da minha idade, mas quando eu odiava alguém era para sempre.

Meu pai achava-me vingativa e rancorosa, uma *pirralha metida a adulta,* como costumava dizer. Eu já preferia acreditar que era apenas inteligente demais para esquecer e perdoar.

Com os dedos dormente e doloridos, por causa do contato direto com o chão duro, eu limpei a lágrima, que se formou ao redor de meus olhos antes que escorresse, cobrando de mim uma força que eu sequer sabia existir.

— Estou te dando uma chance para que coopere, Calixto. Você sabe que, quando ele aparecer e descobrir que não me deu nada, o lugar se tornará o inferno.

Ele? Quem era *ele*?

— Não vai dizer, não é? — insistiu, e eu me perguntei o motivo pelo qual *papá* não falava nada. — Que seja, *cabrón*[2]! Você, mais do que ninguém, merece o que está prestes a acontecer. — O infeliz acenou para o

outro soldado, que, por sua vez, se afastou desaparecendo pelo corredor.

Aproximei-me da fresta e incerta do que esperar, encolhi-me diante do repentino silêncio. Então, o som de passos duros e impacientes ecoou pelo pequeno cômodo, como se mil trovões explodissem no céu de uma só vez. Através da mesma fresta, pude ver a parede de músculos deter-se diante de meu pai. Tentei assimilar o que enxergava, mas meu cérebro entrou em curto-circuito ao percorrer cada centímetro do primeiro homem a me causar medo e frio na barriga.

O instinto de sobrevivência anunciou que ele era definitivamente nosso inimigo. Ainda assim, não consegui desviar o olhar. Vestido todo de preto, com a camisa dobrada e os pelos escuros e tatuagens em evidência, eu senti que, pouco a pouco, meus músculos tornavam-se aquosos.

Mesmo atordoada, notei os crucifixos tatuados na lateral de seu pescoço, assim como a barba cobrindo a mandíbula cerrada. Não acho que esse homem tenha sorrido alguma vez na vida; e se o fez, deveria ser algo assustador, assim como ele. Possuidor de traços ásperos, agressivos, era dono de um rosto que nenhum ser humano na Terra deveria ter o direito de possuir.

A ameaça que representava fez com que eu recuasse. Porque, para mim, o homem de olhar assassino, prestes a machucar meu pai, parecia ser alguém perfeitamente capaz de trazer caos ao mundo. Pelo menos, era essa a promessa por detrás de seus olhos.

Minha reação a ele veio tão violenta que a vontade de despejar tudo o que havia em meu estômago, deixou-me fraca.

— Então você é o filho da puta que nos fodeu. — A voz soou baixa, apesar do tom severo. E contrário à frieza que emoldurava o seu rosto, o maldito, quem quer que fosse, deveria ter sangue quente correndo por suas veias. Sangue do tipo que fervia e explodia a menor provocação.

Fuzilando o meu pai, ele agarrou um punhado de seu cabelo e o obrigou a olhar para cima. Como um capacho, um servo que lhe atendeu de maneira errada. Senti-me pequena... uma verdadeira covarde. Será que todos se sentiam assim na sua presença?

— Espero que entregar a cabeça dela tenha valido a pena, e que você tenha tido tempo para aproveitar, porque eu vim cobrar o preço, Calixto.

Estremeci desconfortável, escutá-lo grunhir doía.

— E posso garantir que o meu preço nunca é barato. Você traiu o único homem dentro desse país que não perdoa uma ofensa. Que dirá, uma traição.

— Eu não sou quem você procura... e não traí você... não fiz o que está imaginando! — Escutei a voz de *papá* pela primeira vez desde que foi arrastado até o chão da cozinha. — Eu jamais...

A ponteira da arma cromada, que o homem segurava, bateu contra o seu queixo arrancando-lhe mais sangue.

— Não me tome como idiota, caralho! — Deu outro soco e, dessa vez, eu pude jurar que algum dente lhe foi quebrado. — Você deveria ter sido homem para honrar com o juramento e mantê-la em segurança.

— Pelo amor de Deus, eu seria incapaz de machucar sua...

— Diga-me. — O monstro se abaixou, interrompendo a súplica. — Você estava lá quando a pegaram? Quando os porcos acharam que estuprar minha irmã era uma boa ideia?

— Não... não... nunca...

— Eles a machucaram, Calixto. — A arma girou em sua mão, como um brinquedo inofensivo. — A drogaram e, em seguida, a deixaram para... — Sua voz falhou por um instante, mas em seguida ele continuou: — O que

eu quero saber é se você também a tocou. Se tomou algo que não lhe pertence.

— Eu a vi crescer, Santiago. Que porra!

Santiago?

O homem o machucando... ele era um Salvatore?

O primogênito de Juan Carlos?

Isso significava apenas uma coisa: *papá* iria morrer.

— E agora ela está morta.

— Não, não... Você está mentindo! — Outro soco com a arma e, dessa vez, até mesmo a ponteira foi suja com o sangue que escorreu do seu rosto.

— Ninguém te falou sobre a morte dela, não é? Ordenaram o ataque, eliminaram três de meus homens. E o quê? Como achou que essa história terminaria, Calixto?

Papá ofegou de dor, abrindo e fechando a boca, como se temesse dizer algo errado.

— Pense bem no que vai me responder, porque você arrancou a porra do meu coração fora, seu infeliz! Se havia alguém nesse mundo sujo, que não mereceria uma morte como essa, era a Celeste!

— Sinto muito, sinto de verdade.

— Foda-se, porque você não sente! — declarou, sem paciência. — Não ainda.

Quanto mais meu pai falava, mais furioso Santiago se mostrava.

— Tudo o que quero de você é um nome, algo que me leve até o defunto que ordenou a emboscada e cometeu o erro de achar que derramaria

sangue Salvatore e sairia impune!

— Santiago... eu juro...

De pé novamente, eu vi o monstro caminhar de um lado ao outro, como se estivesse prestes a atacar.

— Você tem uma filha, certo? — Meu corpo enrijeceu. — Nada mais justo que seja ela a pagar pelos pecados do pai... tenho certeza de que meus homens irão gostar de fazer justiça.

Olhando para os dois capangas parados na porta da cozinha, ele ordenou:

— Revistem a casa e me tragam a criança, eu tenho planos para ela.

Meu pai lutou contra as amarras, debatendo-se inutilmente.

— Se você encostar um dedo que seja na minha filha, eu o envio para o inferno, Santiago. Eu juro! — O infeliz riu de *papá* e de seu desespero.

— Não serei eu quem irá para o inferno hoje, Calixto, mas não se preocupe. Você vai gostar de lá, ouvi dizer que é... quente. — Ele se virou, a fim de escutar o que um dos homens tinha a dizer, com o rosto feroz contraindo-se em desgosto.

— Onde a escondeu? — grunhiu a pergunta. — Onde está a garota, Calixto?

O suor escorreu da minha testa, enquanto eu tentava me convencer de que estava vivendo um pesadelo. De que, quando acordasse, nenhum deles estaria aqui. A vontade de vomitar aumentou, mas eu a segurei. Porque finalmente entendi o que me aconteceria se fosse descoberta.

— Você morreria por ela, não é? — perguntou em um fio de voz, sem realmente esperar por resposta. — Eu também teria morrido por Celeste, e o teria feito sem hesitar...

— Não... fui... eu. — As palavras saíram trêmulas.

— Quer saber por que Juan Carlos não está aqui hoje? — O infeliz parou de andar em círculos e deu um passo definitivo à frente, entregando a arma ao homem que chamou de Firmino, e retirando em seguida uma faca de caça do coldre em sua perna.

Todos andavam como se fossem membros de algum exército, e eram mesmo, só que eles não serviam ao país e sim aos propósitos dos Salvatore. Santiago, sendo o general deles.

— Porque jamais permitiria que você deixasse esse mundo por outras mãos que não as minhas. Eu quero ser o único responsável pela sua morte.

— Confie em mim, pelo amor de Deus... — *papá* suplicou. — Ouça o que estou tentando te dizer.

— Eu não confio em minha própria sombra, Calixto. Acha mesmo que confiaria em você? Quanto ao que irá te acontecer... não se preocupe, pois pretendo fazer com que se arrependa de cada pecado que cometeu em vida. Quero que morra, sem peso algum na consciência, mas sabendo que, quando eu encontrar a sua filha, porque eu vou encontrar, eu farei questão de assistir a tudo. A cada grito de socorro que ela der, a cada súplica que sair de sua boca. Só quando isso acontecer, a sua dívida comigo e com a minha família, estará paga. Fui claro?

— Deixe-a em paz — foi tudo o que *papá* respondeu, já sem fôlego. — Minha filha é inocente.

Com um sorriso afiado, Santiago balançou a cabeça de um lado a outro.

— Engraçado você dizer isso, porque Celeste também era.

O que aconteceu depois me fez desejar a morte. Assisti-o torturar meu

pai, fazê-lo gritar de todas as formas. Afundar a faca em seu corpo tantas vezes que duvidava que ainda doesse. Sua falta de compaixão diante dos gritos deixou-me tão nervosa que tive vontade de ir contra tudo o que me foi aconselhado, e saltar sobre o infeliz.

Quando o corpo de *papá* cedeu à dor, eu acompanhei o seu olhar ir e vir até se encontrar com o meu. Esse, então, foi o instante em que Santiago se abaixou e cortou o seu rosto formando um crucifixo profundo em sua bochecha.

Não houve gritos dessa vez, apenas sangue escorrendo pelo chão.

Apavorada por não saber se meu pai estava ou não vivo, eu só pude rezar para que fossem embora logo e que eu tivesse a chance de correr e pedir por socorro. Cheguei a pensar que era o que fariam, mas assim que Firmino se virou para seguir Santiago, o meu pé esbarrou em uma pequena lata de condimento. Puxei-o, com pressa, temendo que o descuido significasse o meu fim.

Ainda mais depois de ver Santiago se deter e, lentamente, se virar. Com o olhar desconfiado, varrendo todo o cômodo em busca do que causou o barulho.

Não sei como suportei os instantes seguintes, como não chorei ao vê-lo caminhar em minha direção. Parando apenas ao se deparar com o empecilho do corpo a sua frente. Com um propósito, o seu olhar se fixou na despensa, o queixo duro se contraiu como se ele soubesse.

Chiei baixinho, arranhando com mais força o chão, mas ele não se moveu. Não deu nenhum outro passo. Apenas sacou a arma do cós da calça e a mirou, não em mim, mas no coração de *papá*.

O som a preencher a cozinha foi tão alto, que precisei cobrir a boca para me impedir de gritar. As lágrimas que segurei até então, despencaram

pesadas pelo meu rosto, como se o arranhasse e me queimassem viva. Não eram lágrimas apenas, eram sangue. Sangue do meu pai.

— O que foi, Santiago? — Firmino quis saber.

— Nada — respondeu, farejando ao redor como se o meu cheiro pudesse ser sentido. — Pensei ter escutado um barulho, mas... não foi nada. Apenas o desgraçado que ainda respirava — disse as últimas palavras devagar, sem deixar claro se dizia ou não a verdade.

E pior, se sabia ou não que eu estava aqui.

Minha razão dizia que não, mas o meu coração, ele se encolheu como se tivesse sido descoberto.

Quando se cansou e voltou a virar de costas, eu não soube se respirava aliviada ou se o odiava ainda mais por não me dar o confronto que meu corpo queria. Não que me achasse capaz de vencê-lo, se viesse a me jogar sobre ele; mas a diferença entre nós, em tamanho e força, não me impedia de desejar que o embate acontecesse, mesmo sabendo qual seria o final.

Por um longo tempo após a sua saída, eu não me revelei. Sequer me movi. Não por temer a morte, e sim a forma como eu a encontraria.

O silêncio que tomou a casa ao ficar vazia, tornou-se assustador. De tão apavorada, permaneci encolhida até que escurecesse, então esperei um pouco mais, horas, minutos. Poderiam ter sido dias.

Até que finalmente me arrastei para fora, e rastejei até o corpo de meu pai. Sem me importar, eu o toquei como pude. Tateei sua pele como se pudesse senti-lo vivo ainda, procurando por algum rastro de calor vindo de dentro dele.

Mas não havia, *papá* estava morto e o seu coração já não batia. Eu

havia perdido tudo, toda a família que possuía. O único amor que já senti. Fechei os olhos, memorizando o rosto do assassino. A brutalidade dos olhos azuis, a indiferença ao arrancar a vida de um inocente.

Porque era isso o que meu pai era. Ele jurou, implorou para que Santiago escutasse o que dizia, e o infeliz não acreditou. Mas eu sim, porque *papá* seria incapaz de machucar alguém.

Ainda nervosa, eu estendi a mão até onde se encontrava o pequeno medalhão com a imagem de *Jesús Malverde*[3] e o tirei de seu pescoço, colocando-o no meu. Ignorando a dor, eu voltei a fechar os olhos. Adormeci de exaustão, e só voltei a acordar ao sentir o peso de uma mão masculina sobre o meu ombro. Tentei me soltar, mas os dedos se fecharam onde estavam, impedindo-me de correr.

— Fique tranquila, criança, você está segura agora. — Eu não o conhecia, sequer me lembrava de alguma vez ter escutado sua voz.

Observando-me atentamente, o estranho sorriu. Exibindo, entre todos os outros, um único dente de ouro. Tão reluzente como o cordão que usava em seu pescoço. Prestei atenção a sua estatura, que era baixa, e ao fato de estar acima do peso. Ele também usava cabelos e bigodes pretos, que só poderiam ser pintados. Não era um homem agradável, parecia mau.

Estendendo a mão com a qual havia me tocado, o desconhecido deixou à mostra o anel semelhante ao que vi no dedo indicador de Santiago. O que me levou a desconfiar de suas intenções.

— Seu pai e eu éramos... bons amigos, Manoela. — Ele continuou com a mão estendida, e a menção ao meu pai foi o que me fez ficar em vez de tentar escapar. — Esse é o seu nome, não é?

Não lhe respondi, apenas contraí o rosto.

— Tenho certeza de que Calixto não gostaria que nada de ruim te acontecesse, e é isso o que pretendo fazer. Cuidar de você.

— *Papá* não tinha amigos — falei desconfiada, fazendo-o rir e se abaixar, a fim de ficar da minha altura.

— Ele tinha sim, e me fez grandes favores enquanto vivo. Está na hora de retribuir tudo o que seu *papá* fez por mim.

Assustada, continuei a ignorar a sua mão.

— Sabe o que irá acontecer se ficar aqui sozinha, criança? Que tipo de vida terá? — Mordi o lábio, e neguei. — Você corre o risco de ser morta ou, pior, de acabar como a sua mãe. Uma versão mais bonita, devo admitir. — Ele tocou o meu cabelo, sem se importar com a sujeira nele. — Mas ainda assim, uma prostituta.

Sacudi a cabeça, enfática. Preferindo morrer a ter o mesmo destino que aquela mulher. A possibilidade de que a história se repetisse foi o que me levou a aceitar a mão estendida do estranho, que me acompanhou até o lado de fora onde um único carro nos esperava.

Hesitei ao ver que de dentro do automóvel saía um capanga armado, e mesmo suspeitando o tipo de homem que o meu benfeitor era, eu entrei no carro e o esperei fazer o mesmo. Encarei-o sem culpa e, quando ele percebeu que era observado, eu virei o rosto. A tristeza por tudo o que estava prestes a perder me alcançou, assim como a certeza de que eu não voltaria a pisar nesse lugar. Tive vontade de chorar ao pensar em como *papá* estava lá dentro, ninguém o enterraria. Ninguém velaria o seu corpo.

Se eu não fizesse nada, ele teria a morte de um indigente.

— O corpo dele... enterre-o — pedi ao homem, que me fitou com estranheza. — Pare o carro. Eu quero... que ele seja enterrado. Faça isso.

Algo me dizia que esse homem não era acostumado a receber ordens, ainda mais de uma criança.

— Calixto terá o enterro que merece, Manoela, não se preocupe. — O carro continuou em movimento, e eu imaginei que ele enviaria alguém para cuidar de meu pai. Naquele momento, esse foi o único pensamento que me acalmou.

— Eles o mataram — admiti baixo, com os olhos fixos em minhas pernas finas. — Eram muitos, eu não pude ajudar. *Papá* não queria...

— Isso é o que os Salvatore fazem, eles matam inocentes — o estranho afirmou. — Não pensam nas consequências... São uns miseráveis que algum dia receberão o que merecem.

— Eles o mataram... — repeti, cansada. Mal assimilando o que era dito, limpei com força, a lágrima solitária que escorreu. — Mataram o meu *papá*. — Com uma mão em meu braço, o homem tentou me confortar.

— Algumas dores são irreversíveis, mas isso é algo que irá aprender com o tempo.

Eu não queria aprender nada, só queria o meu pai de volta.

— Há uma lei que você provavelmente não conhece, criança, mas que faz todo o sentido na forma como eu enxergo a vida.

Fitei-o, cansada e irritada.

— Já ouviu falar na Lei de Talião?

Neguei.

— Pois bem, ela foi criada por um rei que acreditava que todo agressor deveria ser punido com o tipo idêntico de sofrimento que causou. Olho por olho, dente por dente. Entende o que estou querendo te dizer?

Olho por olho, dente por dente.

Incerta se o compreendia, eu apertei o medalhão entre os meus dedos e apoiei a cabeça contra o banco do carro, passando a olhar para as ruas de Sinaloa enquanto pensava, ingênua, que não haviam me tirado um olho ou um dente.

Haviam me tirado o meu pai.

DENTE POR DENTE

Anos depois...

Deslizei o dedo através das mensagens em meu celular. O coração anestesiado, ignorando a gravidade do que estava prestes a acontecer.

Está na hora de voltar, minha criança.

Detive-me na frase curta, recebida há menos de um mês.

Não se esqueça porque iremos fazer isso.

“Impossível”, pensei enquanto um punhado de outras mensagens passavam conforme subia a tela. Elas eram como doses diárias do veneno responsável por manter o passado tão vivo quanto o dia em que fui avisada de que haviam ateado fogo à casa de *papá* horas depois de ser levada de lá. Um ato desumano, que me arrancou a chance de proporcionar um enterro decente ao único homem que amei na vida.

— *Foram os Salvatore?* — Lembro de ter perguntado a Miguel, na época.

— *Sim, minha criança, foram eles.*

Sua resposta deixou-me não apenas assustada como confusa. Foram semanas procurando entender a necessidade de voltar lá e queimar tudo. *Papá* já tinha sido morto e, para uma jovem de doze anos, o último ato deles não teve qualquer sentido. De tão angustiada, eu não tive outra opção que não a de perguntar a Miguel. Ele era o adulto, e parecia saber das coisas.

— Sabe o que acontece com ratos e animais quando se veem diante do fogo, Manoela?

— Eles correm.

— Exatamente, criança. E ao correr, tornam-se presas fáceis. Esse é o momento em que são capturados.

Nunca me esqueci de suas palavras, ou do que aconteceu no dia em que perdi meu pai. Muito menos do olhar do que homem que o tirou de mim. Fui assombrada por ele durante anos, perseguida em meus pesadelos. Posso não ter morrido naquele dia, mas não fiquei livre. Mantive-me presa ao passado e ele machucava. Furiosa por trazer à tona lembranças tão ruins, eu me detive na última mensagem enviada por Miguel. Meus dedos tremiam ao redor do aparelho, ciente de que mesmo vivendo em uma mentira, eu era péssima em esconder minhas emoções.

Faça o que for preciso, não há escrúpulos ou decência quando o que se busca é justiça.

Foi o que Miguel repetiu em minha mente por anos. Alimentando a

raiva para que nunca a esquecesse. Eu era grata a ele por muitas coisas, mas, principalmente, por não ter deixado a garotinha apavorada e cheia de ódio em seu peito, se esquecer do que lhe fizeram.

Quando a luz alta do farol vindo na direção contrária atravessou o interior do carro em que me encontrava, eu olhei para o retrovisor e encarei o motorista, que de tempos em tempos verificava-me. Havia tensão em seus olhos, mas não havia culpa. E somente por isso, eu não sentia remorso pelo que seria feito a ele quando tudo terminasse.

Enquanto aguardava pela autorização para que entrássemos no que o mundo – a parte suja dele, pelo menos – conhecia como a fortaleza dos Salvatore, eu observei com o canto do olho a propriedade antiga. Eram quilômetros de extensão, parte deles abrigando uma pequena área florestal, além de muros tão altos, que justificavam a presença das guaritas, onde seguranças fortemente armados encontravam-se preparados para intervir ao menor sinal de ataque, se assim fosse necessário.

Diante do silêncio que persistiu, a preocupação se meu telefone tocaria ou não dentro de alguns minutos, fez-se presente. Assim como o nervosismo. Porque a ligação de Miguel significaria um passo atrás no que arquitetamos. Um pedido para que eu recuasse. Algo que eu não me encontrava disposta a fazer, não depois de chegar tão perto *do meu*... do nosso, objetivo.

E se havia uma ocasião para que déssemos o primeiro passo, a ocasião era essa: o dia em que Santiago Salvatore completaria quarenta anos. Nove deles, passados como chefe de *El Castillo*, o cartel com maior poder de armamento desse país e a principal organização criminosa a dominar o narcotráfico e o tráfico de armas desse lado da América. O homem tinha aliados, dentro e fora do México, assim como inimigos.

As histórias que para alguns não passavam de lendas, não eram tão fantasiosas assim. Levando em conta as centenas de assassinatos e atentados planejados desde que assumiu a liderança do cartel, eu diria que a fama de Santiago o precedia. Muitos, porém, escolhiam fechar os olhos a ter de admitir que o controle do México se encontrava nas mãos de um monstro violento, cujo poder militar e político ultrapassava o do próprio presidente.

Enquanto uns mantinham-se alheios à verdade, outros, mais precisamente os que desejavam dar fim ao seu reinado, não importasse as razões, sabiam que os crimes cometidos por ele eram reais.

Seus homens não seriam tão leais e temerosos, se não fosse verdade.

Atenta ao telefone, eu encostei a cabeça no banco de couro que, apesar de confortável, não ajudou a controlar a agitação que ameaçava me consumir. Meu pensamento voou outra vez até Miguel. Podíamos ter motivações diferentes, mas elas seriam satisfeitas de uma única forma: a queda de Santiago.

Ainda que não fosse uma questão pessoal, eu teria retornado. Devia a minha vida a Miguel, foi ele quem me impediu de acabar como a vagabunda que me trouxe ao mundo. E que não apenas estendeu a mão quando precisei, mas me fez ser quem eu era. Deu-me um lar, comida e estudo. Permitiu-me ser livre para experimentar o que a vida tinha a oferecer, mesmo que eu soubesse que algum dia estaria aqui.

Pronta para colocar um ponto final a essa história.

Um preço alto a se pagar, admito. Mas aprendi cedo que a proteção de homens como Miguel, não era barata. As dívidas, muito menos.

Inquieta, e prevendo algum possível passo em falso, apaguei cada uma das mensagens do celular entregue por Miguel assim que cheguei ao México. O outro que possuía havia sido jogado fora antes mesmo de pisar no

Aeroporto de Paris. Uma precaução adicional para alguém que estava prestes a entrar na toca do bicho-papão.

O infeliz, também conhecido como *El Señor de la Guerra*, que, sozinho, construiu um império bilionário, com o único intuito de proteger os verdadeiros negócios de sua reverenciada família. Sua ambição por si só o colocou na lista de homens mais ricos da América Latina. *O rei* de um país, cuja monarquia no passado fora breve e drasticamente extinta.

O que ninguém imaginava, era que por trás dos diversos negócios que comandava, havia um traficante temperamental, alimentado por sangue e pelo propósito de tornar *El Castillo,* o único cartel a possuir sozinho o território do México. Um objetivo insano, que vinha causando alvoroço entre os cartéis de todo o país. Porque Santiago estava transformando – pouco a pouco – antigos aliados de seu pai em meros soldados de seu exército de assassinos.

A destruição total era o que Miguel desejava desesperadamente impedir, porque, quando a mão de Santiago envolvesse o seu pescoço, não haveria escapatória. Ou ele se rendia e entregava o pouco do controle que ainda possuía, ou o matava.

O que sempre me levava a pensar no porquê de não podermos simplesmente acabar com esse homem de uma vez por todas. Então, eu me lembrava de seus avisos sobre *El Señor* ser intocável, dentro e fora do país. Já que mesmo havendo um preço sobre a sua cabeça no mercado negro, uma recompensa avaliada em milhões, o desgraçado continuava vivo. De acordo com o que diziam, ele era bom em negociar e ainda melhor em retribuir a quem lhe fosse leal.

O que fazia com que cada tentativa de assassinato seguindo em sua direção – e eram muitas –, se transformasse em uma carnificina comandada por ele.

Quando sua irmã morreu, as ruas de Sinaloa se incendiaram com o fogo que Santiago espalhou. Mortes, emboscadas. Cartéis pequenos extinguidos a nada. Miguel costumava dizer que havia uma boa chance de ele ter procurado por mim, e que por isso, manteve-me escondida por tantos anos. Dizia também, sempre sério, que eu valia mais viva do que morta. Demorei a entender o significado de suas palavras, mas quando o fiz eu descobri que era porque... se havia alguém capaz de entrar na fortaleza dos Salvatore e destruir aquele lugar, esse alguém era eu.

Ninguém ultrapassa aqueles portões, a menos que Santiago autorize; assim como ninguém sai, sem que ele permita. Foi o que Ramírez, sobrinho de Miguel, disse ao descobrir o plano. Suas constantes tentativas de me colocar medo, deixava-me irritada. Porque, se fosse um homem planejando o que eu tinha em mente, ele não teria tentado me dissuadir. Pelo contrário.

O que o infeliz pegajoso precisava entender era que eu não me acovardaria como fiz quando criança. Havia um propósito maior em Miguel, através do estrago que estávamos prestes a causar, mas também havia um em mim.

Suando, deslizei os dedos pelo pescoço e recordei as vezes que sonhei com aqueles olhos gelados. Em algumas noites, eu era capaz até mesmo de sentir os dedos dele ao redor de minha garganta; apertando-a, tirando-me o ar. Só então acordava, quase sempre úmida de suor e apavorada. Porque junto dos dedos de Santiago, eu também sentia o cheiro de sangue impregnado em sua pele.

“*Ele terá o que merece, papá, eu juro”*, refiz a promessa e esperei que o autocontrole retornasse. Porque, depois que me infiltrasse no mundo cruel de Santiago Salvatore, não poderia haver erros de qualquer espécie. Miguel alertara sobre os riscos, batendo sempre na mesma tecla de que, se

por alguma razão, eu fosse descoberta estaria por contra própria.

Troquei outro rápido olhar com o motorista, que assentiu ao ver a fila de carros diminuir. Havia seguranças no lado de fora dos muros, lanternas sendo usadas para revistar o interior dos automóveis, a fim de evitar a possibilidade de intrusos e garantir que ninguém que não deveria entrasse.

Não foi fácil estar aqui hoje. Muito menos conseguir acesso à Jiménez e à carta de jogo que me colocaria em confronto com o meu alvo. Contudo, Miguel possuía meios de obter informações valiosas acerca de tudo e todos, e os usava a seu favor: entregou-me um pequeno dossiê sobre o homem a quem chamava de amigo.

Não era irônico pensar que eu teria sido capaz de tudo para fugir do destino de minha mãe, mas que, para obter o que desejava, não via problema em fingir ser como ela?

Esse era o tanto que eu estava disposta a me sacrificar.

Eu só precisava tomar cuidado. Jiménez não era de confiança, poucos nesse meio eram, mas o infeliz era quem alimentava os cartéis do México com mulheres, entretenimento caro e jogos de azar. Quem espalhava onde se podia encontrar o *oro blanco* de Santiago. E se entrei em sua seleta lista, foi porque não lhe deixei escolha.

Jiménez tentou me dissuadir, mas, quando percebeu que os papéis que tinha contra ele realmente existiam, o desgraçado garantiu que me daria acesso ao Santiago durante a festa. Fez questão de frisar que, depois que entrasse na *fortaleza,* ele esperava nunca mais ter de me ver em sua frente.

Desviando meus pensamentos daquele infeliz, eu alisei a parte da perna exposta por uma das duas fendas laterais do vestido, que poderia ser facilmente considerado uma obscenidade. Desde a cor vibrante e poeticamente vermelha, até a evidente falta de tecido a me cobrir. Sim, eu

precisava causar uma impressão, mesmo que ela não fosse *boa*.

Para a minha surpresa, o telefone tocou, mas não foi o nome de Miguel com que me deparei e sim com o de Ramírez.

Deixei que tocasse e, quando as tentativas não cessaram, apertei o botão que levaria a chamada até a caixa postal. Segundos depois, a mensagem chegou:

Atende, porra!

Eu já não tinha medo de suas ameaças, cresci com elas, inclusive com a perseguição pelos corredores da casa de seu tio: o homem a quem ele, algum dia, sucederia.

Nunca me esqueci das cobranças, o ciúme e a insistência em achar que eu lhe pertencia de alguma forma, por esse motivo o ignorei ao silenciar o aparelho. Dando-me conta de que agora faltava apenas um carro até que chegássemos à linha de frente de Santiago. Aguardei e, ao ver a luz da lanterna se desviar para o banco de trás onde eu me encontrava, senti o meu batimento cardíaco diminuir.

Não que fosse ruim, porque, quanto mais fria e estável eu estivesse por dentro, menores as chances de agir por impulso. Infelizmente, o meu problema nunca foi *não sentir*, e sim o contrário.

Ao estender a carta de baralho que Jiménez me entregou de manhã, o homem carrancudo, que verificava os convidados, a analisou com cuidado e, em seguida, a devolveu.

— Ela vai precisar ser revistada — informou ao motorista, ignorando-me por completo. — Percorra todo o caminho de palmeiras, entre à direita e

procure por Firmino. Ele tem alguém cuidando das meninas de Jiménez.

O motorista seguiu com o carro e, ao chegarmos próximo de onde nos foi indicado, não tive dúvidas de que – nesse lado da propriedade – não havia motivos para se esconder o armamento dos Salvatore. Seu exército exibia pistolas e fuzis sem nenhum receio. A verdade é que me pareceu que queriam mesmo que as garotas ficassem assustadas.

— Você é a novata? — Um homem bem-vestido, parecendo um armário de tão largo, abriu a porta do carro. Não houve contato, ele apenas acenou para que eu o acompanhasse, levando-me diretamente ao maldito braço direito de Santiago.

Vigiei para que minha raiva não fosse demonstrada, mas quando Firmino se virou eu não consegui mostrar o respeito que Miguel me aconselhou a ter. *Como poderia?* Eu estava diante de um dos homens que facilitou para que meu pai fosse morto!

— Mostre-me a carta. — Fui ensinada sobre o significado de cada uma delas. As de valor mais baixo, eram mulheres destinadas aos soldados e peões; as mais altas, a determinados convidados e militares. E a maior delas, apenas para *El Señor de la Guerra.*

Com o semblante fechado, e os traços indígenas encobertos pelas mais recentes rugas, Firmino pegou a carta que lhe entreguei e em seguida me examinou. Havia algo em seus olhos, uma desconfiança nata que me fez compreender por que ele era considerado o homem de confiança dos Salvatore.

— Manoela García, certo? — Acenei uma única vez, sentindo-o me estudar como se tentasse me enxergar por dentro. — Sabe o que esta carta significa? — Acenei outra vez. — Jiménez, por acaso, falou o que acontece com as mulheres que causam problemas por aqui?

Não, ele não havia dito, mas eu podia imaginar o destino delas.

Como se estivesse a par do que se passava em minha mente, Firmino me encarou com desagrado. Essa era a sua maneira de me intimidar: causar-me desconforto. O que ele *quase* conseguiu.

— Levem-na para o escritório. — Olhei ao redor, notando que, além do *armário bem-vestido,* havia dois outros homens. — E Javier? Garanta que Santiago não a veja ainda.

Javier, *o armário,* caminhou um passo à frente de todos enquanto os dois homens seguiam armados atrás de mim. Não houve comunicação entre eles, assim como não houve comigo. Durante o percurso, observei a existência da piscina atrás da casa e uma pequena trilha, que dava para área florestal, cobrindo a área norte da propriedade. Perguntei-me se o estábulo onde Santiago mantinha seus *animais selvagens* estaria em algum lugar próximo a isso, mas não tive a oportunidade de averiguar, porque os passos foram diminuindo ao chegarmos perto de uma escadaria.

Não acho que estavam me levando para um *escritório* de verdade.

Esmagada, metaforicamente, pelo espaço estreito entre as duas paredes e a ausência total de iluminação, eu desci os degraus até que um corredor largo se apresentasse e, em seguida, uma imensa sala oval. Havia pelo menos três portas ao redor; uma delas, grande e com aparência pesada, vigiada por dois outros seguranças.

— Vocês fazem isso com todas as novatas? — arrisquei, incerta do que pensar.

Permaneceram calados, mas foi Javier, o maior deles, que me empurrou para dentro de uma das salas.

— Depende dos planos de Santiago — respondeu, de repente.

Encarei-o, por um instante, vendo-o mastigar um chiclete entre os dentes. Ele não era velho como o Firmino, não acho que tinha sequer trinta anos. Era apenas outro filho da guerra, que nossos pais e avós haviam começado, imaginei tola.

Porque não importava se crescemos rodeados por violência, a escolha era nossa no final das contas. Parecia contraditório pensar assim com base em minhas motivações para estar aqui, mas eu não pretendia ficar nesse lugar por tempo suficiente para permitir que o meu futuro fosse contaminado. Estar aqui, aliás, era a única forma de garantir um futuro longe desse inferno.

— Como ele pode ter algum plano, se ainda não me viu? — murmurei, recebendo como resposta apenas uma risada ácida de Javier. — Por que estou aqui? — insisti em obter alguma pista, mas não acho que meu pequeno interrogatório tenha agradado ao homem.

— Firmino a viu. Por aqui, a avaliação dele costuma ser o suficiente.

— É ele quem decide quem chega perto do patrão?

A expressão em seu rosto tornou-se ainda mais dura.

— Você faz perguntas demais, *gatita*[4]. Esse não é um comportamento bem-visto dentro dessas paredes.

Minutos se passaram, e nenhum deles deixou o escritório. Enquanto Javier trocava mensagens através do celular, os outros dois andaram pelo cômodo atentos a cada gesto meu. Esperei, até mesmo torci para que Javier falasse comigo, me desse qualquer informação, mas ele não o fez. Desviou a atenção do aparelho apenas quando a porta foi aberta e Firmino entrou.

Não houve conversa fiada, apenas o olhar sinistro.

— Tire a roupa.

O quê?

Abri a boca para responder que *não*, mas Javier sacudiu a cabeça por detrás de Firmino, em uma sugestão para que eu me calasse.

— Vamos lá, eu não tenho a noite toda; e se Santiago decidir tocar em você esta noite, eu preciso ter certeza de que não oferece risco a ele.

Hesitei, percebendo em seguida que se não tirasse o vestido, eu não teria acesso ao desgraçado.

Por isso, com todo o orgulho que possuía, eu mantive a cabeça erguida, prendendo meus olhos em um ponto fixo atrás de Firmino. Ele e Javier foram os únicos a olharem na minha direção e, ainda assim, Javier não deslizou o olhar pelo meu corpo em nenhum momento. Não que eu tenha percebido.

Fui revistada mesmo após me recusar a tirar a calcinha, que, apesar de me cobrir, não fez qualquer serviço em me fazer sentir protegida. Tentei não saltar sobre Firmino ao sentir seu toque em partes íntimas do meu corpo, só perdendo a cabeça ao me ver diante do seu pedido para que abrisse um pouco mais as minhas pernas. O que eu não faria de maneira alguma.

— Ela está limpa, Firmino — Javier interviu ao ver minha expressão.

— Você apostaria a sua vida nisso, porra? Serviria como garantia... caso ela tente algo?

— O que alguém no tamanho dela poderia tentar? — A pergunta ecoou baixa. — Talvez Santiago nem a queira, ela não é exatamente o tipo que ele costuma pegar para a noite.

Fitando-me com a mesma desconfiança, Firmino acrescentou:

— Leve-a para o salão de festas e retorne para o seu posto, Javier! — ordenou. — Você sequer deveria ter saído de perto de Santiago.

Encarei-o, mas Javier não devolveu o olhar.

— Devo contar a ele sobre a garota? — perguntou baixo, talvez para que eu não o escutasse.

— Não. Deixe que *desse assunto* eu trato com Santiago. — Senti os olhos negros sobre mim. — Apenas peça para que se certifiquem de que não haverá incidentes com ela...

O homem se afastou, como se houvesse algum lugar mais importante a se estar, deixando-me novamente na companhia dos três soldados.

— Eu sempre me pergunto por que algumas de vocês insistem em fazer isso.

— Fazer o quê? — quis saber.

— Entrar aqui dentro e achar que conseguirão chegar até Santiago. Você pode ser bonita, *gatita*, mas não faz o tipo do patrão.

— Qual é o tipo dele?

— O que não faz perguntas — respondeu seco, enquanto o *escritório* era preenchido por um silêncio pouco agradável.

O que me fez agir.

— Talvez não seja minha escolha estar aqui. — As palavras saíram em um sussurro inocente, que o fez se deter por um segundo. Uma reação rápida, que logo foi substituída por indiferença.

Sem dizer mais nada, Javier me fez segui-lo por diversos corredores. Passagens, que duvido que qualquer pessoa descobriria facilmente, ou até que eu mesma conseguiria repetir. Apressei-me em manter o seu ritmo de caminhada até que finalmente o som da música vibrando através do salão, assim como das risadas dos convidados, me alcançou.

Antes de me liberar, porém, ele me deu um último aviso:

— Não sei qual é a sua e a verdade é que não importa. Só acho que precisa saber que esse não é o lugar para causar problemas ou falar demais, entendeu? Seja qual for a razão de estar aqui, ninguém... vai te salvar. E não estou dizendo isso porque sou um cara bom, e sim porque odiaria que, no final desta noite, fosse a sua linda cabecinha rolando próximo aos meus pés...

E quem a decapitaria? A pergunta salpicou em minha língua, mas eu não tive a coragem necessária para perguntar. Até porque conhecia a resposta.

Ainda sem reação, eu o assisti caminhar para longe com um propósito. E ao me ver sozinha, fiz o possível para passar despercebida. Mesmo que a cada passo eu pudesse sentir o olhar do exército de Santiago sobre mim.

Mas se brincar de pique-esconde era o que eles queriam, nós brincaríamos. Foi dessa forma, fugindo deles, que terminei em uma pequena sala anexa à escadaria principal. Uma sala que, em um primeiro momento, causou-me arrepios, pois se tratava de um pequeno santuário pessoal destinado ao culto da *Santa Muerte*[5]. Algo comum entre os católicos sincréticos[6] do México nos dias de hoje, que frequentavam missas e festas religiosas destinadas ao culta da santa, mesmo com a igreja católica romana a condenando.

Tudo aqui dentro parecia frio, até mesmo a imagem que toquei com dedos hesitantes. Depois que *papá* se foi, eu parei de ter fé. Ou acreditar que havia algum Deus no comando de tudo...

Infelizmente, a tentativa de fuga – mesmo que temporária – não me garantiu a paz ou a privacidade que eu buscava. Porque, assim que consegui me acalmar, tive o braço puxado de uma forma que apenas um homem teria a audácia de me tocar: Ramírez.

Sei que possuía uma parcela de culpa pela situação mal terminada com o sobrinho de Miguel, mas o motivo pelo qual não o afastei no passado era o mesmo que usava para justificar os impulsos mais absurdos que tinha: a raiva. Eu a sentia de uma forma tão densa e aflorada, que, para extravasar, precisava machucar a mim mesma. E fiz isso repetidas vezes ao dormir com Ramírez, quando ainda não fazia ideia do que me deitar com um homem significava.

Deixei-o ser o meu primeiro, ensinar-me o que sabia. Acreditar que me tinha.

— Por que não atendeu as minhas ligações? — cobrou, grunhindo próximo ao meu ouvido. — Está no país há menos de um mês e já correu para criar problemas? — Fui puxada, como a marionete que o desgraçado acreditava que eu era, mas que jamais aceitaria me tornar. — Você sabe que temos que conversar.

— Nós não temos nada a conversar. Então, por que não me solta antes que estrague tudo? — exigi, nervosa. Ciente de que, se alguém poderia foder com o plano, esse alguém era Ramírez.

Sem me dar ouvidos, ele continuou:

— Juro a você, Manoela, que se ousar trepar com o filho da puta... eu mato os dois.

— Não me venha com ameaças, Ramírez! Em vez de encher o meu saco, por que não começa a se preocupar com o que Miguel fará a você se souber que está pondo os planos dele em risco...

— Arriscado é o que vocês estão prestes a fazer!

Não sabia se Ramírez dizia isso por não me querer perto de Santiago, ou pela rivalidade que havia entre os dois. Como o futuro sucessor de Miguel,

ele já havia escolhido um lado.

Aproximando-me um pouco mais, eu murmurei com a voz cheia de desprezo:

— Se sabe o que é bom para você, fique longe de mim. — Puxei o meu braço. — E não pense nem por um minuto que permitirei que me toque novamente, Ramírez, não da forma como está imaginando.

Escapei do seu controle antes que alguns dos homens designados a me observar, nos encontrassem juntos. Mantendo-me agora às margens do enorme salão, eu sabia que as chances de avistar o ex-chefe de *papá*, o único que talvez pudesse me reconhecer, em qualquer lugar próximo, era inexistente. Todos sabiam que o homem havia desaparecido completamente da face da Terra desde que seu nome se tornou o principal suspeito pela morte de um agente do FBI, dias após a morte de sua filha.

O enterro de Celeste, aliás, foi a última vez em que o homem foi visto em público. E as provas contra Juan Carlos desapareceram com a mesma velocidade que ele próprio. Nenhum agente conseguiu concluir a investigação, porque já não havia material a ser usado contra os Salvatore. Nenhum rastro de que seus negócios lavavam dinheiro sujo, ou que eram ligados ao narcotráfico.

O engraçado é que ninguém presente aqui hoje, parecia se importar se essa família era ou não culpada. Meu pai estava certo em dizer que o dinheiro, fosse ele sujo ou não, era o que ditava as regras nesse mundo.

O *desaparecimento* de Juan Carlos na época, culminou a chegada de Santiago a liderança de *El Castillo*. Para desgosto de Ochoa, como deixou claro diversas vezes. E, enquanto um de seus filhos, assumia de forma impiedosa o legado deixado por ele; o outro, Alejandro Salvatore, afastou-se de tudo relacionado à própria família. Trilhando um caminho até então

honrado dentro da política. O filho da puta hoje era o nome mais cotado para se tornar o próximo governador de Sinaloa. O estado em que teve início o império de Juan Carlos, décadas atrás.

Atenta ao que acontecia ao meu redor, eu entrei em alerta ao ver Firmino atravessando o salão. E o teria seguido se não fosse por ninguém menos que Miguel Ochoa entrando em meu campo de visão.

Miguel era do pessoal de Juan Carlos, há mais tempo do que qualquer um deles poderia contar. Os dois ainda mantinham contato, mesmo que o outro não conhecesse o seu real paradeiro. Além de ser padrinho de Santiago, Ochoa também era o homem que me salvou no pior dia da minha vida.

Entreolhamo-nos de longe, por um mísero de segundo, e logo identifiquei a advertência em seu rosto – um pedido claro e direto para que eu segurasse os meus impulsos. Contrariada, desviei meus olhos de onde ele e seu sobrinho se encontravam.

Até porque, não era a atenção dos dois que eu precisava atrair.

Era a do *bicho-papão*.

Sentindo como se um doce me tivesse sido roubado, eu foquei ao que acontecia a minha volta, dando-me conta do número repentinamente maior de seguranças.

Procurei pelo motivo do alvoroço, e só então avistei o pequeno grupo passando pelo centro do salão. Havia dois homens à frente, um deles sendo Javier e o outro alguém com a mesma constituição física e corte de cabelo. Ambos, moviam-se como soldados: passos duros, olhares atentos. Identifiquei Firmino logo atrás e ao lado dele... a razão pela qual eu estava aqui essa noite.

Santiago Salvatore.

O monstro em pessoa.

O maldito a arruinar meus sonhos e transformar cada um deles em pesadelo.

Paralisada, eu o procurei com o olhar por detrás dos dois soldados. Querendo mais dele, precisando de mais. O desejo – quase insano – foi atendido assim que Javier e sua cópia se afastaram, dando-me total acesso ao desgraçado que caminhava rumo à saleta da qual Firmino saíra instantes atrás.

Conforme aproximava-se, uma raiva instável cresceu em meu interior. Até mesmo o meu sangue pareceu correr ácido pelas veias, que agora pulsavam. Nada ficou imune à presença de Santiago, e nada me preparou para o momento em que eu o teria tão perto de mim. Encarei-o, gananciosa. Incapaz de não o fazer. Contudo, dessa vez, não foi medo o que senti, foi algo maior. Arrebatador. Algo que, naquele momento, foi difícil compreender ou aceitar.

Tudo o que sabia e podia ver, era que o Santiago de antes, aquele que me apavorou, não era nada perto do homem que eu enxergava agora. Cada parte sinistra dele parecia ter crescido, ganhado vida. A morte ainda habitava seus olhos, mas não era tudo.

Enxerguei tempestade dentro das íris azuis. Enquanto o meu corpo, bem, ele foi consumido pelo fogo. Inteiro ardendo em fúria.

Nervosa, precisei contar até dez a fim de me acalmar. Caso contrário, não seria capaz de esconder a verdade por detrás de minhas emoções. Pensar em *papá* me ajudou, lembrar dele naquele chão... foi o que precisei para deter minha inquietude.

Ou quase, porque no instante em que achei que meu coração estivesse sob controle, Santiago inclinou o rosto para ouvir o que Firmino tinha a dizer

e, em seguida, direcionou o olhar de aço até onde eu me encontrava.

E foi certeiro, direto no alvo.

O que começou como uma inocente verificação, terminou com o seu olhar deslizando pelo meu corpo. Decote, cintura... o meio de minhas pernas, até chegar às fendas. Uma análise lenta e primitiva de sua parte.

Conforme as pessoas se afastavam para lhe dar espaço, tive a confirmação de que Santiago causava não apenas temor como respeito em seus convidados. Um grupo formado em sua maior parte por políticos, empresários e militares do alto escalão... todos dispostos a agradá-lo. Era daí que vinha a certeza de que seus pecados sempre acabariam impunes.

O infeliz era o poder absoluto dessa terra cada vez mais sem lei. Era quem criava e ditava as regras, mas, principalmente, quem as executava.

Indo contra toda e qualquer prudência e abraçando os meus instintos, eu o encarei de volta. E juro, a cada passo que o maldito deu, foi o mesmo que ser empurrada para trás. A força emanando do corpo, coberto magistralmente por um terno caro, que escondia a solidez de cada um de seus músculos, pareceu vibrar pelas paredes altas da casa. O mundo congelou, menos ele, eu... e a certeza de que, se um olhar pudesse queimar, eu o teria resumido a cinzas sobre o seu bonito chão de mármore negro, pensei, ao vê-lo passar como um tornado, afastando-se, mas não sem antes dizer a Firmino, alto o suficiente para que eu o escutasse:

— Mantenha os olhos sobre ela até que eu dê a ordem.

Caminhando duro, Santiago deixou para trás a promessa perigosa de que a noite estava apenas começando. Além da certeza de que tudo o que Ramírez disse era verdade.

Eu só escaparia desse lugar, se ele permitisse.

Outra pessoa em meu lugar talvez ficasse assustada com o tom de voz usado pelo monstro. Só que... foda-se! À essa altura, já não importava se o infeliz nasceu ou não pronto para a guerra, porque eu, Manoela García, seria a responsável por fazer com que a perdesse. E então, quando o momento chegasse, eu o afundaria de dentro do seu fodido castelo para fora.

“Aquilo que mais desejamos é o que, muitas vezes, nos destrói.”

(Conto budista)

1

Sinaloa, México

SANTIAGO SALVATORE

A garrafa de *Jose Cuervo*, colocada de forma abrupta sobre a mesa, não foi capaz de abafar o som das promessas de Alejandro sendo despejadas continuamente em um dos jornais de maior audiência do país. O maldito discurso politizado, que meu querido irmão programou para o dia de hoje, foi o estopim para que a minha paciência, já em seu limite, se extinguisse de vez.

Concentrado em cada palavra de seu pronunciamento, o que senti, além da evidente raiva, foi o bombear frenético do meu sangue. E a corrida era dura. Para momentos assim, poucos eram os atalhos capazes de me fazer recuperar a razão, não importava o quão controlado pudesse aparentar.

Mas havia um atalho, em especial, capaz de libertar qualquer anseio deturpado exigindo solução imediata. E o que, para muitos homens, seria considerado assustador; para mim, apertar o gatilho era instintivo. Parte vital do filho da puta que nasci para ser. Eu matava porque podia, e o fazia de forma calculada e pragmática. Em seguida, eu trepava. Despejava a adrenalina, oriunda da violência, em uma boceta quente e bem-disposta.

Um *modus operandi* que me acompanhava há tanto tempo, que eu já não conseguia distinguir um ato do outro. O que começava em um banho de sangue, terminava quase sempre com uma mulher de quatro em minha cama. Muitos discordariam, mas a verdade era que sexo e brutalidade caminhavam juntos. Duas forças incomparáveis que me moviam e alimentavam.

Ainda atento ao telejornal, servi-me de outra dose. Dessa vez, sem pressa alguma. Ou me forçava a ter calma, ou acabaria por arremessar o copo em uma parede qualquer. A voz de Alejandro ainda soando ao fundo, dava esperança a milhares de mexicanos. E enquanto ele bancava o *mocinho* da

história, meu cérebro corria rumo às consequências que sua aparição me causaria aos acordos políticos que possuía com o atual governador de Sinaloa.

Com o copo cheio em mão, eu o virei, inclinando a cabeça para trás a fim de permitir que o álcool arrastasse com ele o nó engasgado no meio da garganta. Essa não era a primeira dose da noite, duvido até que fosse a última. Mas, ainda que os anos que passei à frente do império de cocaína fundado por meu pai, e hoje sob o meu domínio, tenham me tornado imune a todo e qualquer tipo de porcaria tóxica, eu não gostava de brincar com a sorte. Não podia, e não queria, correr o risco de ter meus atos e pensamentos sedados quando mais precisasse deles.

Crescer dentro do que hoje era considerado um dos maiores – e mais resistentes – cartéis do país, moldava de forma distorcida o caráter de qualquer homem. E Juan Carlos, sendo quem era, sabia que eu era o único com cérebro e coragem suficientes para assumir o seu legado. Até porque o nosso objetivo sempre foi um só: controle absoluto.

Todavia, ao contrário de Juan, eu nunca sequer cogitei a possibilidade de bancar o conciliador e fingir que não ansiava por ter todo o poder em minhas mãos. Nunca desejei aliados, eu queria soldados. Um anseio difícil, mas não impossível.

Não para mim.

Transformar a riqueza acumulada por anos de tráfico, em investimentos lucrativos, por exemplo, foi um desafio que liderei e que nos tornou intocáveis. Legitimar o ilegítimo, era como eu me referia a essa parte dos negócios. Contadores, advogados e políticos... todos dispostos a tornar minha vida mais fácil. Dessa forma, eu consegui triplicar a fortuna de *El Castillo* em menos de uma década, elevando o nome Salvatore dentro de um

governo, cujo crime ascendia a cada dia e a política era imunda de tão corrupta.

Firmino, que se encontrava sentado em uma das poltronas de couro marrom do meu verdadeiro escritório, observava-me calado caminhar de um lado ao outro. A expressão fechada sinalizava a preocupação com o meu estado irrequieto. Atrás dele, Javier e James mantinham-se em seus postos. Os dois sendo parte integrante da minha segurança pessoal. Já que eu, dificilmente, dava um passo que fosse sem que algum deles estivesse comigo.

Sentindo o animal dentro de mim sufocar, eu retirei o paletó escolhido para a noite, e dobrei as mangas da camisa azul-marinho que vestia revelando o *Rolex* pesado em meu pulso. O fato de estarmos presos no segundo andar, mais precisamente sobre a principal estrutura do estábulo onde era mantida a minha notável coleção de cavalos, só fazia aumentar a sensação de que o cerco, pouco a pouco, se fechava ao meu redor.

Não eram apenas as palavras de Alejandro pondo-me em meu limite hoje, havia também a mais recente tentativa da DEA[7] em conseguir chegar até um de meus homens de confiança. A abordagem feita a Firmino, o interrogatório a respeito de meu pai... Nada fazia sentido. Principalmente, porque a última vez que tentaram uma aproximação tão direta, foi quando Juan se viu obrigado a escapar.

Acusações sérias foram feitas a ele na época, mas, assim como um estalar de dedos, tudo havia sido enterrado junto com o corpo do agente responsável pelo caso, que nunca mais voltou a ser visto.

Com o olhar perdido em uma das janelas inteiriças do estábulo, eu avistei o exato momento em que o cavalo mais valioso da minha coleção entrou na arena coberta. O espaço, com cerca de cem metros quadrados, era o mais seguro para se manter um animal desse porte. Kaiser era, sem sombra de

dúvida, uma raridade. Seu temperamento era tão agressivo como a reputação por detrás de sua raça. Mas o exemplar correndo selvagemente sobre a areia branca da arena, no momento, possuía um agravante. Ele era puro, de linhagem antiga. O que o tornava ainda mais leal às suas origens. Em outras palavras, Kaiser não era brando. Que dirá confiável.

Fascinado por cavalos desde pequeno, eu tinha um enorme respeito e adoração por esses animais. Se tivesse escolha, a maior parte do meu tempo seria gasto com eles. De raças diversas, e valores absurdamente altos, havia treze cavalos dispostos no estábulo de luxo que construí anos atrás. Só que Kaiser era o único com restrição de contato pelo perigo evidente que representava.

Coincidência ou não, ele era o meu favorito. O único com quem realmente me identificava.

Ciente de que sequer deveria estar aqui, eu respirei fundo procurando me acalmar. Havia uma festa em minha homenagem acontecendo a apenas alguns metros de distância de onde me encontrava, mas com os problemas surgidos no decorrer do dia, a última coisa que desejava era socializar com qualquer um dos convidados escolhidos por Mercedes para a noite.

Sendo a única mulher a quem me forçava a escutar, eu não tive outra escolha que não a de agradá-la em sua vontade de realizar essa pequena reunião. Para ela, era nossa obrigação mostrarmos ao mundo que éramos unidos. Principalmente, no que se referia aos inimigos.

Mexicana de sangue quente, e católica devota, mesmo que não das mais tradicionais, minha avó era uma das mulheres mais fortes e obstinadas que eu conhecia. Posso até dizer, que por todos esses anos, ela foi o pilar dessa família. E eu a respeitava, assim como admirava o fato de jamais tê-la visto fingir ou questionar o tipo de homem que éramos. Pelo contrário,

Mercedes sempre soube de onde vinha o dinheiro no qual doava todos os meses ao santuário erguido com sua ajuda. Ou as escolas da região, assim como as pequenas enfermarias locais que atendiam a parte mais marginalizada de Sinaloa.

— O que esses criminosos vêm fazendo com o país é inadmissível! Corrompendo nossos jovens, destruindo famílias, acabando com sonhos. Eu, Alejandro Salvatore, não irei permitir que o narcotráfico destrua o nosso México! Essa é a minha promessa de campanha, e é por ela que trabalharei até o último dia de minha vida.

Desviei minha atenção de Kaiser e a dirigi com raiva à figura de Alejandro. O par de olhos azuis que observava através da tela plana, não eram apenas idênticos aos meus em cor, eram também em severidade. Gostaria de poder dizer que as semelhanças se limitavam a isso, mas meu irmão e eu compartilhávamos muito mais do que traços de nossa aparência.

Antes que o passado e a última lembrança que tinha de Celeste viva voltasse para me assombrar, eu desliguei o monitor. Nove malditos anos haviam se passado desde que a perdemos. E com Juan foragido, Alejandro dando as costas à família, eu não tive outra escolha, que não a de realizar uma verdadeira caçada por vingança. Eliminei cada um dos homens que estiveram envolvidos na emboscada que fizeram ao carro em que estava minha irmã. Torturei, os fiz sangrar e implorar por misericórdia. Mas nenhum deles deu-me o nome que desejava escutar. O nome que certamente também estava ligado a cada ataque que os Salvatore sofreram no mesmo período. Então, eu matei suas famílias, e as famílias delas... e quem mais entrasse na minha frente e dissesse que eu estava louco.

Porque ao contrário do que diziam, naquela época, eu estava era destruído.

Os miseráveis não apenas roubaram a vida da minha irmã, eles a machucaram como se fossem animais. A fizeram gritar, assim como eu os fiz. E assim como faria quando descobrisse o filho da puta que deu a ordem.

Era inegável que, com todo o dinheiro que possuíamos atualmente, também viesse perdas e a constante violência. Nossos negócios eram tão sujos quanto cruéis. Dar as costas ao meu legado, no entanto, nunca passou pela cabeça. Porque foi isso que o veneno correndo por minhas veias me preparou para ser.

El Señor de la Guerra.

Chefe de *El Castillo*.

O homem que tinha o país em uma mão, e toneladas de cocaína em outra.

Diante do silêncio que inundou o escritório, eu voltei para Firmino: o homem que por anos serviu lealmente meu pai, e que agora era o meu braço direito.

Possivelmente, o único homem em quem eu confiava cegamente.

— Talvez tenha chegado o momento de visitar Alejandro, Santiago — sugeriu ao perceber que tinha toda a minha atenção. — Você tem ignorado *esse assunto* por semanas.

Por uma boa razão.

— Tudo o que precisava ser falado com Alejandro já foi dito — declarei, sem nenhum grau de paciência. — Eu dei uma escolha ao infeliz, meses atrás, e ele optou por continuar; então que lide com as consequências!

— Se vocês conversarem uma última vez, quem sabe seu irmão não dê um passo atrás no que se refere a essa campanha.

— Recuar? — grunhi, baixo. — Em que porra de mundo você vive,

Firmino? — Alejandro era como eu, um desgraçado teimoso que, quando enfiava algo na cabeça, não tirava nem fodendo.

Afastados, Javier e James mantiveram-se em suas posições. Ambos estavam desconfortáveis, não por nunca terem me visto alterado, mas pelo assunto que discutíamos.

Assim como eu, todos os presentes na sala estavam cientes de que, se Alejandro fosse em frente com a candidatura e vencesse, eu perderia o contato dentro do governo de Sinaloa. E eu não precisava dessa merda acontecendo agora.

— Não sou estúpido, filho, eu sei que vocês têm tido divergências nos últimos anos...

— Hoje não é um bom dia, Firmino — cortei-o, esperando que entendesse a sugestão para encerrar o assunto. — Se tem amor a sua vida, eu o aconselharia a se manter calado.

O meu próprio cérebro vinha fazendo um trabalho e tanto em foder comigo essa noite.

— Mesmo que não concorde com as decisões de Alejandro, seu pai jamais te perdoará se algo acontecer a ele — o infeliz insistiu, empurrando-me um pouco mais.

Não era segredo o absurdo passando pela cabeça de Firmino no momento, eu mesmo já havia contestado todos os prós e contras dessa situação. Mas havia uma regra em nossa família, uma que eu não estava disposto a quebrar: *um Salvatore não derrama sangue Salvatore.*

Jamais.

— Alejandro já não faz parte dessa família há um bom tempo. — A expressão dele se tornou tensa, porque, no fundo, Firmino temia que eu

estivesse falando sério. Se algum dia eu realmente deixasse de considerar Alejandro da família, as consequências seriam desastrosas. — Mas fique tranquilo, eu ainda não estou planejando matar ninguém.

Sobre a mesa de apoio, em frente à poltrona em que Firmino se encontrava sentado, o celular usado para ligações pessoais tocou. O nome de Rosa apareceu para que qualquer um deles pudesse ver. Não era o fato de que eu havia desaparecido da festa sem dar explicações que a estava fazendo me telefonar, eu a conhecia e suspeitava de que as razões que a levaram a tentar uma proximidade durante todo o dia eram justamente as mesmas que Mercedes alimentava em sua tola cabecinha.

Rosa acreditava que, algum dia, eu a tomaria para mim.

Só que eu sabia a verdade.

— Você precisa pôr um fim as esperanças dela — Firmino disse em um tom de voz baixo. Ele, melhor do que ninguém, conhecia a história. — Ela age como se vocês vivessem um fodido conto de fadas...

— Sabe o que realmente preciso, Firmino? Mais do que escutar você e toda a sua conversa fiada? — Vi-o recostar contra a poltrona, enquanto eu religava o setor de monitoramento na tela. — Trepar. Foder alguma boceta fácil... que não me dará dor de cabeça. — A expressão em seu rosto anuiu, e ele se rendeu ao perceber que nada do que me dissesse hoje seria levado em consideração. — Ou então, de uma boa explicação do porquê eu devo continuar seguindo os seus conselhos. — Respirei fundo. O desgraçado era um dos homens mais leais que tínhamos por aqui, afinal. — Quero saber por que a DEA chegou até você... e quem alertou aos filhos da puta sobre as rotas de *El paso*!

Com a cabeça quente, apertei a quina da mesa de madeira bruta até que meus dedos ficassem brancos. De acordo com Firmino, além de trazer o

nome de Juan Carlos à tona depois de todos esses anos, o agente, conhecido como Stevie pelos policiais locais, fez questão de revelar que sabia a respeito dos carregamentos diários atravessando a fronteira por *Ciudad Juarez*. Seria uma questão de tempo até que chegassem às carretas certas e conseguissem apreender alguma carga de cocaína.

— Pouquíssimas pessoas tinham acesso a essas rotas, Santiago. Posso contar nos dedos quem sabia.

Sacudi a cabeça. Eu conhecia os nomes que ele diria, todos eram próximos, ligados de alguma forma aos negócios. Aliados, transmitidos do extinto Conselho criado por meu pai. Homens em quem eu não confiava, mas que, até então, não acreditava serem capazes de incitar uma guerra na minha direção. Vendo-me estalar os dedos sobre a mesa, Firmino se aproximou e empurrou na minha direção um cartão preto.

— Stevie não se mostrou disposto a conversar, ou cooperar, mas esse daqui... — Peguei-o em minha mão, e assenti ao ler o nome do agente. Havia um motivo pelo qual Firmino era o meu braço direito depois de prestar serviço por tantos anos ao meu pai: o desgraçado pensava como eu.

— Faça o que tiver que fazer, mas me consiga alguém lá de dentro. Se não for por vontade própria, que seja à força, porra! Só não me apareça com as mãos abanando, porque esse não é o momento para erros, Firmino. — Seu olhar cruzou com o meu. — Eu preciso descobrir o que eles sabem.

Não apenas em relação a Juan Carlos, mas aos meus negócios.

— Cuidarei disso pessoalmente — garantiu, servindo-se de uma dose de tequila considerável.

Pensei em fazer o mesmo, pela milésima vez somente nesta noite, mas *o problema* mostrado por uma das câmeras no monitor me fez desistir.

O reconhecimento veio de forma instintiva, mesmo que eu nunca tivesse tocado o corpo feminino revelado pela câmera. E se fosse para ser honesto, a impressão deixada pela garota desde o momento em que a vi no salão de festa, ultrapassou qualquer expectativa criada.

Os olhos dela, dourados como os de um tigre prestes a avançar, eram letais. Mais do que capazes de rasgar o peito de um homem e causar um estrago irremediável. O que o álcool não foi capaz de fazer com o meu sistema, a garota conseguiu em um único segundo.

Se antes eu não tinha certeza de quais eram as intenções de Jiménez ao me enviar *um presente*, depois de tê-la visto, ficou impossível compreender. Principalmente se fôssemos levar em conta as inúmeras discussões tidas nos últimos tempos. Não era de se surpreender que eu estivesse com todos os alertas ligados na direção da garota, eu não gostava de lidar com imprevistos. Que dirá surpresas.

E a garota que eu observava tão atentamente, era uma infeliz surpresa.

Quanto a Jiménez, não vou negar que tive uma cota de *suas meninas* em minha cama. Afinal, eu tinha necessidades e elas precisavam ser saciadas. Nosso acordo era justamente esse, aliás. Ele as enviava, eu as escolhia. As mantinha por perto pelo tempo que fosse necessário. Sem perguntas ou cobranças. Apenas sexo, do tipo mais sórdido que um homem como eu poderia oferecer.

Só que a *menina* escolhida por ele essa noite... Bem, ela não se parecia com nada que eu tenha visto em uma de suas boates ou casas de show.

— Eu a enviarei para Jiménez com alguma desculpa — Firmino declarou, indiferente ao que me atormentava.

— O que disse? — inquiri áspero, dando-me conta de que sua atenção

também estava na tela.

— A garota. — Acenou na direção em que se podia vê-la. — Eu a enviarei com alguma desculpa.

Claro que ele faria.

Cabia a Firmino sondar as mulheres que tinham acesso ao interior da propriedade. Um meio eficaz de evitar diversos dos problemas que tive anos atrás. O infeliz conhecia o meu tipo de mulher: safada, experiente. Mulheres que sabiam o que aconteceria se, algum dia, pensassem em dar com a língua nos dentes a respeito de tudo o que ouviam e presenciavam estando ao meu redor.

Só que, porra, a ninfeta, claramente instável, em que tinha posto meus olhos, não se parecia com nada do que eu estivesse acostumado a ter sobre os meus lençóis. Ela poderia não ser a única com beleza dentro do salão onde ocorria a festa, mas foi a única com capacidade de me atordoar. O tempo em que a tinha encarado fora curto, raso demais, mas suficiente para que pudesse assistir o lábio carnudo ser lambido e, em seguida, mordido até se mostrarem vermelhos. Inchados, como supus que ficariam depois de serem esmagados pela minha boca.

A garota, quem quer fosse, possuía lábios feitos para o pecado. Eu até podia imaginá-la de joelhos. A boca pequena, como ela inteira, era gostosa de se olhar e encaixaria no meu pau com dificuldade... Caralho, se a visão de sua boca foi o suficiente para me deixar duro, imagine o que sua boceta faria comigo.

O que *poderia* fazer, me corrigi. Porque eu não estava disposto a correr o risco. Não importava o quanto estivesse excitado pela personificação do que seria o demônio, se ele fosse uma mulher.

— Quanto ao seu irmão... — Firmino prosseguiu, mas eu já não o

escutava. Não com a atenção que deveria.

Em vez disso, estreitei meus olhos a cada movimento feito pela tentação em pessoa. A forma descarada como chupava a beirada da taça antes de engolir o espumante que lhe fora servido. Ou então, como se esquivava sempre que algum homem a abordava. E eram muitos. A safada deveria ter previsto que algo assim aconteceria ao escolher um vestido que cobria apenas o suficiente para não ser considerado vulgar. Não que eu tivesse algum problema com a vulgaridade... pelo contrário. Gostava quando a mulher não tinha pudor ou decência, cheguei à conclusão, ao deslizar meus olhos pelas coxas nuas, expostas através das fendas laterais que tinham início pouco abaixo de sua virilha e terminavam em seus pés.

Amaldiçoando-a, eu refiz o caminho até alcançar o par de seios fartos. Não era exagero dizer que o tecido cobrindo a pele branca, por muito pouco, não expunha o bico dos seus seios. Porra, era tão verdade que pude ver claramente as marcas de uma tatuagem abaixo dos dois cumes redondos.

A impressão que tive ao analisá-la demoradamente, foi a de que a garota não desejava chamar atenção mesmo estando vestida como uma prostituta. Ainda assim, ela desejou a minha, pensei desconfiado. Recordando-me o fato de que a infeliz não desviou seus perspicazes olhinhos ao me ver encará-la, sequer abaixou a cabeça como muitos teriam feito.

— Você escutou algo do que acabei de falar?

A porra de nada.

— Qual é mesmo o nome dela, Firmino? — Não precisei dizer quem *era ela*, porque o cabra sabia a quem me referia. E talvez, por esse motivo, eu o tenha escutado prender a respiração ao compreender as intenções e consequências por detrás da minha pergunta.

— Manoela García.

García.

Eu conhecia dezenas de *García* por aí, e o seu nome não fazia absolutamente nada por mim.

— Eu a tenho por essa noite, certo? — A tensão dentro do escritório triplicou. Foi fácil sentir.

— Não vá por aí, Santiago, achei que tivéssemos concordado que a garota seria devolvida.

Aproximando-me um pouco mais do monitor, eu fiz com que as quatro câmeras do meu interesse se expandissem. O que me proporcionou uma visão maior de Manoela e me permitiu vê-la por todos os ângulos, de forma ainda mais nítida.

— Ligue para Jiménez e descubra algo sobre ela. Qualquer coisa! — ordenei.

— Nós temos problemas bem maiores...

— Às vezes, eu acho que você se esquece com quem está falando, Firmino. É isso, não é? — Encarei-o, e ao não obter resposta voltei a atenção para Manoela, que caminhava em direção a um dos garçons.

Cada passo que a maldita deu, evidenciou a pele extremamente branca fazendo um contraste trágico com o vermelho vivo do vestido. Uma pele que ela parecia gostar de marcar com tatuagens, pois, no alto de sua coxa, havia outra. Letras que formavam palavras impossíveis de serem identificadas a essa distância.

Irritado pela brutal reação do meu corpo a uma simples gravação, eu me forcei a virar o rosto e o teria feito, se no meio do caminho meu cérebro não tivesse sido invadido pelo desejo voraz de substituir suas tatuagens pelas marcas de minha mão sobre a sua pele leitosa.

— Ligue para Jiménez, Firmino. Agora.

O homem fez o que pedi, colocando o telefone no viva-voz, para que todos na sala pudessem escutar. A ligação caiu na caixa-postal após o quinto toque, e o mesmo aconteceu na segunda tentativa. A ausência de resposta só fez aumentar a minha desconfiança em relação à garota e sua presença em minha casa.

— É provável que ele já esteja a caminho — Firmino sugeriu, com o intuito de aplacar as dúvidas em meu cérebro.

O que não aconteceu.

E, se eu não podia pedir explicações ao homem que a trouxe para mim, então que fosse ela a justificar a sua presença essa noite. A explicar quem era, de onde vinha e como acabou sob o controle de Jiménez. Escutar tudo isso de sua pequena boca, seria ainda mais interessante.

— Traga-me a garota, então — pedi, sem explicar os pormenores.

— Essa pode não ser uma boa ideia. — Por mais que concordasse com Firmino, eu não podia me ajudar. Porque, além da curiosidade, eu já me encontrava à procura de uma desculpa qualquer para foder a merda fora dessa garota.

— Que bom então que sou eu quem as tomo por aqui, não é?

Não voltei a encarar Firmino, nem mesmo ao escutar seus passos irritados deixando o escritório. Em vez disso, escolhi me perder novamente na imagem de Manoela. Desejando violentamente ser a porra da bebida que seus lábios sugavam com tamanha cautela. Rígido de tão excitado, eu aguardei, aproximando-me da tela no momento exato em que ela pareceu notar que estava sendo *caçada.*

— Tão assustada, porra. — E eu gostei disso, gostei ainda mais de vê-

la encobrir o evidente pavor com uma ferocidade pouco encontrada em garotas tão jovens.

Assisti com intenso prazer o momento em que Firmino arrancou a taça e a pequena bolsa de sua mão e as entregou a um dos homens que o havia seguido, deixando-a sem opção que não a de acompanhá-lo. O que ela fez sem reclamar, mas não sem antes virar o bonito rosto na direção de uma das câmeras espalhadas pelo salão, e a encarar. Como se soubesse que era observada, ou tivesse a certeza de que, em algum lugar dentro dessa propriedade, havia alguém comendo-a com os olhos por todo esse tempo.

Cadela esperta, tive que admitir enquanto lambia o meu lábio em uma expectativa instável de tão violenta.

SANTIAGO SALVATORE

O cheiro de tabaco e menta do cigarro que traguei, espalhou-se pelo escritório rapidamente, enquanto aguardava sem paciência alguma Firmino me trazer Manoela.

Estava interessado mesmo era em descobrir quais eram os motivos escusos por detrás da presença da garota esta noite. Queria a confirmação de que a ameaça que enxerguei em seus olhos antes, tinha algum fundamento ou se era apenas o meu cérebro paranoico entrando em ação.

Não seria a primeira vez.

Apoiei parte do corpo contra a mesa ao avistar a aproximação deles na entrada do estábulo. O cigarro entre os meus dedos foi apagado sem que eu sequer precisasse olhar o cinzeiro, pois sabia exatamente em que ponto ele se encontrava sobre a madeira fria. Precisamente ao lado da *9mm* que costumava carregar comigo por todos os lados, como se fosse uma extensão do meu próprio corpo. Uma que me mantinha vivo.

Segurança era algo que eu levava muitíssimo a sério, e foi por isso que questionei Javier antes que *a convidada* passasse pela porta.

— Você estava quando a revistaram? — perguntei, cruzando os braços. — Há algo que eu deva saber?

O cabra hesitou.

— Não. — Ele a tinha visto nua, a mulher que veio até mim porque seria o *meu presente*. Eu esperava uma resposta melhor do que essa, porra.

— O que diz a tatuagem que ela possui na perna? — Dessa vez, eu o encarei desejando ver o tipo de reação que Javier teria. E não, esse não era eu

agindo como um louco. Era quem eu era, sempre fui e seria.

— Está em latim, eu não...

Latim. As cadelas que conheci jamais tatuariam algo em latim, pelo menos não *as meninas* de Jiménez.

— Quantas mais ela tem? — cortei-o, enquanto me perguntava o quanto ela havia marcado do próprio corpo. Até agora tudo o que eu sabia era que havia uma entre os seus seios e outra em sua coxa. — Então?

— Três, foi tudo o que eu vi. — Claro que o infeliz prestou atenção, um homem teria que ser cego para não olhar. Ter qualquer um de meus homens, cobiçando ou olhando para o que era meu, nunca me incomodou. O que me irritava era saber que Javier tinha sido o primeiro a vê-la nua... quando a verdade é que esse era um prazer que deveria ter sido meu.

— Eu vou querer saber onde está a terceira?

— No alto da nuca, ela tem *Libertad* escrito.

Será que tudo na infeliz chamaria a minha atenção?

— Uma progressista? — A garota não me parecia *esse* tipo de mulher, mas novamente eu jamais esperaria que alguém como ela tivesse uma frase em latim cravada em seu corpo. Isso exigia um intelecto que as meninas de Jiménez não possuíam.

— Talvez *liberdade* seja o que ela procura — Javier sugeriu, forçando um sorriso de escárnio em meu rosto.

— A garota veio ao lugar errado então.

Alterei o ângulo da câmera e as telas mostradas, obtendo total acesso as costas nuas de Manoela e ao seu pescoço delicado e fino, que ia e vinha entre as baias espaçosas como se não acreditasse no que enxergava. Eu conhecia a sensação, porque era exatamente o que estava sentindo ao olhar

para ela: incredulidade.

Irrequieto, eu girei o anel em meu dedo. Um gesto instintivo, nem sempre consciente, que por vezes me fazia lembrar o peso das responsabilidades sobre as minhas costas. Essa era uma das razões, aliás, pela qual eu não deveria perder o meu tempo com uma completa estranha.

— O que pretende fazer com a garota? — A pergunta de Javier veio baixa e certeira, e se não fosse o fato de que eu o conhecia desde que era um moleque, eu não teria me dado ao trabalho de responder. A verdade é que desde que voltou a Sinaloa e bateu na minha porta, pedindo uma oportunidade, que no passado meu pai deu ao seu pai, Javier sempre mostrou de que lado se encontrava sua lealdade.

— Ainda não sei. — Intuindo a aproximação de Firmino e Manoela, eu olhei para a divisória de vidro que dava para o corredor.

Firmino foi o primeiro a aparecer, sua expressão evidenciava sua opinião a respeito da presença de Manoela nessa parte específica da propriedade. Com passos cautelosos, a garota surgiu em seguida. O impacto dos seus olhos tempestuosos atingindo-me em cheio, drenou qualquer reação que planejava ter.

Detendo-se do outro lado da divisória, a garota me encarou com um misto de ardor e raiva. Sempre fui bom em ler pessoas, podendo afirmar com segurança que a infeliz parecia tudo, menos inofensiva. Conforme retomava o fôlego, dei espaço para que ela tomasse o seu tempo e sondasse o terreno antes de dar qualquer outro passo.

O que ela teria feito em seu próprio ritmo, se não fosse o empurrão dado por Firmino para que ela entrasse de uma vez. Fazendo com que eu finalmente enxergasse o óbvio: Manoela era jovem demais. A estatura baixa e corpo miúdo, eram facilmente enganados pelas curvas que a garota possuía.

A pouca idade ficando evidente somente ao observar os traços de seu rosto quase infantil. As sardas salpicadas no nariz, a boca rosada e de aparência macia. Eu poderia facilmente deixar-me levar pela inocência que exalava de sua direção, se não fosse pelos olhos febris que me encaravam.

Porra, garota! Querer você é a última coisa que eu preciso agora.

Como se pudesse ler meus pensamentos, Manoela arfou, dando um passo atrás do outro até que suas costas batessem de encontro a divisória de vidro.

Assim como o subir e descer frenético dos seios fartos, sua respiração também se mostrou agitada. Voltei a lamber meus lábios, desejando de forma irracional, sentir pelo menos o gosto da boca úmida e com toda certeza gostosa, marcada pelos dentes brancos, que raspavam seus próprios lábios.

Boca e nariz pequenos, olhos imensos. Eu me sentia como o próprio lobo mau aqui, e não vou negar, minha vontade era uma só: mandar o bom senso à merda e foder essa garota.

Foi com esse pensamento a me atormentar que eu eliminei a distância entre nós dois. Notei conforme me aproximava, o tremor do seu corpo. Um grunhido baixo lhe escapou no instante em que me detive, seus olhos se estreitaram enquanto prendia a respiração. A mordida em seu lábio se tornou profunda, atraindo o meu olhar e aumentando o anseio por tocá-la.

Um desejo que não me privei ao estender o braço e afastar, sem cerimônia, um lábio do outro. Meu polegar os esfregou, arrastando com ele resquícios da porcaria melada que havia sobre a pele sensível. Eu mal havia tocado a infeliz e sentia meu peito arder em fúria por dentro. Não só o meu, constatei, sendo capaz de escutar cada batida assustada que vinha do seu coração. Um som que me fez dar outro passo, eliminando uma distância que já não existia, enquanto deslizava o olhar até os seios redondos. Salpicados

por pequenas sardas. As mesmas que notei em seus ombros e nariz.

Contraí o maxilar ao tentar imaginar onde mais haveria sardas em seu corpo, meus olhos indo e vindo por sua pele ao ligar cada uma das sardas que se perdiam em meio a constelação tatuada abaixo do profundo decote.

Um caminho de estrelas negras, que fizeram a porra da minha garganta secar e meu pau crescer, latejar em antecipação. Estalei a língua, em uma tentativa árdua de umedecer o céu da boca. A vontade, quase irracional, de me inclinar sobre a garota e chupá-la exatamente sobre onde a tatuagem começava se fortaleceu dentro de mim a cada maldito segundo que passava.

Infelizmente, para ela, não era o coração de um homem batendo dentro do meu peito nesse momento, e sim o de um animal. E ele estava com fome.

— Manoela García... — disse seu nome, ao praticamente me forçar a caminhar para longe dela. E, dessa vez, a ideia de me servir de outra dose de tequila, não foi afastada. Com uma calma forjada, eu despejei o líquido âmbar em um copo estreito e, em seguida, fiz o mesmo com o que pretendia oferecer a garota.

Ganhando o mesmo tempo que permiti que ela tivesse.

— Beba. — Estendi o copo em sua direção, sem me importar que meu pedido tenha soado como uma ordem.

— Melhor não. Obrigada.

Jovem, bonita... e educada.

Havia algo de errado nessa merda.

— Não vou oferecer de novo, porra! — rosnei, mostrando à coitada que eu não era tão educado quanto ela. E mais do que isso, que apreciava uma boa luta. Sempre fui um homem violento, dentro e fora da cama... e sexo

para mim tinha que ter sangue, suor e gritos.

E, acredite em mim, nunca era contra a vontade delas. Pelo contrário. Cada mulher que tomei em minha cama esteve ali porque queria, gemeu porque gostou. Gritou porque quis, e gozou porque não tinha como ser diferente. A porra era selvagem, mas sempre com consentimento.

Sem paciência, coloquei o copo de tequila sobre a mesa lateral ao seu lado, enquanto Manoela me encarava como se eu fosse um monstro. Eu já havia sido olhado dessa forma antes, não seria a primeira e nem a última vez. Mas havia algo naqueles olhos... algo que vinha deixando meu corpo inteiro em alerta.

Perigo, eu podia senti-lo inteiramente na pele. Principalmente por não saber com que tipo de cadela eu estava lidando.

— Quer saber? Saiam todos — dirigi a ordem a Javier e Firmino, que tinham permanecido dentro do escritório enquanto James fazia a guarda no lado de fora. — Firmino, você sabe o que espero que faça, e você... — Encarei Javier. — Não importa os gritos que escute na próxima hora, eu não quero ser interrompido.

Voltei minha atenção a Manoela assim que Javier e James assumiram suas posições no corredor. Ambos de costas, mas completamente atentos ao que se passava aqui dentro. Privacidade não era uma escolha quando se tratava da minha segurança.

Deslizei o meu olhar até o seu colo, e incapaz de deter qualquer avanço em sua direção, toquei uma das estrelas negras em sua pele fazendo-a arfar, como se meu toque fosse infinitamente mais profundo do que fora na realidade. Gostei de sua reação, ainda mais de saber que eu também a afetava. Que não era o único a um passo de perder a cabeça.

— O que significa? — perguntei rude. Concentrado em ver meus

dedos percorrendo-as, e a fazendo ofegar em cada arranhar áspero de meu dedo. — Eu te fiz uma pergunta. — Encarei-a, impondo-me sobre ela.

Em resposta, Manoela entreabriu os lábios, separando-os devagar e fodendo com o meu juízo de tal maneira que praticamente a esmaguei contra a divisória atrás dela, dando um fim a qualquer espaço desnecessário que a impedisse de respirar outro ar que não o meu.

— Sua pergunta... não garante a... minha resposta — disse com dificuldade. A voz baixa foi incapaz de esconder o traço de rebeldia.

— Deixe-me te explicar uma coisa, Manoela. — A mesma mão que a tinha tocado abaixo do seu seio, acariciou o seu rosto. — Talvez você não me conheça, e se conhece... não parece ser o bastante. Por isso quero que entenda que, quando eu peço para que façam algo, eu espero que me obedeçam sem discussão. Se eu digo beba, você bebe. Se eu digo pule... você pula. Não é difícil, é?

Meus dedos se espalharam por sua bochecha, mostrando a nós dois como minha mão poderia ser grande em relação a cada pedaço dela. Meu polegar, por exemplo, tinha facilmente o dobro de tamanho de sua boca. E isso me excitou, caralho. Fez meu pau, já duro, apertar contra o estômago plano dela. Seu olhar de espanto, deu-me a resposta que eu queria: ela o tinha sentido.

— Para você, talvez não. Mas para a pessoa que abrirá mão do seu poder de escolha...

— Não me venha com essa merda, porra! — Bati o punho contra a divisória, e ao contrário do que imaginei, Manoela não recuou ou se espremeu diante de mim. Não, a pequena feiticeira ergueu o queixo em desafio enquanto um tesão do caralho se espalhava pelo interior do meu corpo. — Não comece com o papo de direito de escolha, não é assim que as

coisas funcionam por aqui!

Manoela me empurrou, com toda a força que pôde. O esforço foi inútil, porque não me fez mover um só centímetro que fosse. Em vez disso, eu aproximei o rosto do seu e a fiz me enfrentar.

— Você não faz ideia de quem eu sou, faz? — A infeliz piscou, privando-me mesmo que por instantes, da insanidade absoluta que eram os seus olhos.

— Faço, mas não tenho medo. Não de você. — Suas palavras pareciam dizer a verdade, porque não era medo que eu enxergava ao encará-la. Era outra coisa.

— Não sei se a considero corajosa ou louca. — Acariciei seu rosto bonito de forma suave, enquanto sentia-me tudo, menos pacífico. Qualquer outro dia, qualquer outra mulher... e essa conversa sequer estaria acontecendo. — Não que faça diferença, porque o que eu quero de você... — *mais do que trepar* — são respostas.

Notei sua resistência, o desejo óbvio de não ter que me olhar de baixo. Nem com o salto que usava, igualávamos em altura, e isso a incomodava. Assim como me incomodou o sorriso que a infeliz deu. Um sorriso que dizia que eu teria que obrigá-la se quisesse lhe arrancar qualquer coisa. Fosse respostas, ou a roupa.

E, pela primeira vez na noite, eu a enxerguei como uma verdadeira adversária.

Não por se mostrar uma ameaça à minha segurança, não... O perigo que Manoela representava tinha a ver com a brutalidade que seus olhos e sua boca me faziam querer. Era esse desejo, essa vontade absurda de colocar as mãos em algo que eu definitivamente não deveria, que seria a minha perdição.

Porque eu me conhecia, não era homem de ter um único defeito. Ser violento fazia parte da minha essência, a mais crua dela, mas ser obsessivo também.

— Tenho a impressão de que, quando terminarmos essa conversa, você vai desejar não ter me conhecido.

independentemente do que decidisse fazer com ela.

De forma deliberada, sua mão pousou no meu peito. Não com a agressividade de antes. Ainda assim, ficou claro que, se dependesse de sua vontade, eu não chegaria perto dela nem um centímetro a mais. O sorriso cínico que tanto me incomodou desapareceu por completo enquanto eu era pego pela visão do seu lábio superior esmagando o de baixo, molhando-o lentamente. E que tudo fosse para o inferno, porque assisti-la chupar a própria boca causou um estrago em meu cérebro maior do que qualquer boceta que eu tenha comido nos últimos tempos.

— Eu duvido — a infeliz murmurou, fazendo-me ser o único a rir agora.

Porque se havia algo do qual eu não fugia, era de um desafio. E a luta prestes a acontecer aqui... – bem, se ela não terminasse comigo fodendo a garota – terminaria com um de nós dois sangrando.

Não restava dúvidas.

MANOELA GARCÍA

Um sorriso engessado surgiu no rosto de Santiago, tornando-o ainda mais assustador. Acredito que nada que o homem fizesse, o faria parecer minimamente humano. O desgraçado poderia sorrir, destilar mentiras, prometer céu e o inferno, mas seus olhos jamais trairiam a essência bárbara por detrás da fachada impassível que exibia com tamanha facilidade.

Por descuido, eu desviei meus olhos dos seus e os fixei abaixo de seus ombros. A única visão possível, para alguém que não queria encarar o seu rosto por um segundo a mais que fosse. Uma tentativa válida, mas que não ajudou em nada. Ter todos aqueles músculos sólidos por baixo da camisa de seda cara, com o agravante do cheiro intenso da colônia masculina, tudo, tão perto de mim, deixou-me ligeiramente alarmada. Além de estar ciente do quanto eu era pequena em comparação a esse homem.

Nem todo ódio do mundo, mudaria o incontestável: eu não era uma adversária a sua altura, não em tamanho. Ou força. Mas sabia como manusear uma faca e disparar uma arma, apesar de odiá-las. E mais, eu possuía algo que Ochoa sempre elogiou: inteligência.

Nem sempre o golpe precisa ser feito na carne, criança. Alguns podem... e devem ser feitos aqui dentro. Ochoa disse certa vez, tomando de minhas mãos a faca que ele tinha me obrigado a segurar e a apontando para o próprio peito. De acordo com ele, eu não precisava ser violenta para destruir Santiago, podia usar o que tinha a meu favor.

Atenta ao balançar suave do crucifixo pendurado em seu pescoço, fui invadida pela raiva. Como ele podia se apossar tão facilmente de um símbolo que deveria ser sagrado? E pensar, que era ali, onde o crucifixo de ouro

pendia, que eu desejava acertá-lo. Justamente onde mais doía.

Se, é claro, esse infeliz fosse capaz de sentir dor.

Eu poderia tentar agora mesmo, mas não podia decepcionar Ochoa. Ele jamais me perdoaria se eu o fizesse.

— Você precisa fazer com que Salvatore te queira, esse é o primeiro passo. — Encarei-o nervosa e, ao mesmo tempo, ansiosa. Sempre soube que esse dia chegaria, eu esperei por ele, droga! Tive pesadelos.

Fazer com que Santiago me quisesse, não seria difícil. Homens como Ochoa e ele eram violentos, mas ainda sucumbiam aos prazeres da carne. Miguel era um exemplo e tanto disso.

— Santiago pode dar trabalho, Manoela, mas o filho da puta tem sangue quente. E você não é estúpida, porra, trepou por anos com meu sobrinho... deve saber o que fazer para prender a atenção de um homem como ele!

Nunca soube se colocar Santiago e Ramírez em uma mesma categoria de homens era o correto. Por anos, Ramírez me perseguiu, intimidou. Até que eu dei a ele o que tanto queria, convencendo-me de que era o melhor. Com isso veio a experiência que ganhei, o controle das minhas emoções...

— E então? Eu o faço me querer... e depois?

— Bem, pode ser que aconteçam três coisas: ele a dispense após obter o que quer; ele decida ficar com você por mais algum tempo, que é o que o infeliz costuma fazer com algumas das prostitutas que leva para cama; ou pode ser que ele decida matá-la.

Todas as opções eram horríveis, davam-me asco. Tive vontade de gritar. A frieza de Ochoa também não ajudava.

— Ele pode ter três opções, criança, mas você só tem uma — prosseguiu, enquanto eu me forçava a permanecer tão indiferente quanto ele aparentava estar. Mostrar fraqueza a Ochoa nunca se mostrou ser uma boa ideia. A fraqueza, era o que parecia deixá-lo mais firme em seus propósitos. Fossem eles quais fossem. — Sabe qual, não é?

— Permanecer lá.

Miguel assentiu.

— Espero que você não estrague tudo. — Ele olhou para trás, procurando por Ramirez, que não fez questão nenhuma de esconder a expressão contrariada em seu rosto.

Ele, mais do que ninguém, torcia pela minha derrota. Em sua mente, essa era a única forma de me ter de volta. Dada a promessa de Ochoa em me entregar ao seu sobrinho se o nosso plano não saísse como o esperado.

Mas enquanto Ramirez se apegava a essa promessa, eu me apegava a outra. Uma que me fazia levantar todas as manhãs e pensar que cada dia passado, era um dia a menos para alcançar a minha liberdade. O que só aconteceria se Santiago fosse destruído.

— Por que não posso simplesmente matá-lo? Eu poderia tentar... — Seria mais arriscado? Com toda certeza. Mas também seria menos doloroso.

— Santiago morto de imediato não resolve os meus problemas, Manoela. Preciso dos contatos dele, das informações que possui. Mas, principalmente, eu preciso e tenho que descobrir onde o desgraçado do Juan Carlos se esconde! — A vingança que Ochoa queria era direcionada a Juan, não a Santiago. Foi o velho quem o impediu de assumir El Castillo quando o mesmo se afastou. E seria o velho o primeiro a pagar por tirar dele algo que já considerava como seu. — Eu não posso arriscar que o infeliz caia e Juan decida voltar aos negócios... Tudo precisa ser feito com muito cuidado... até

que não reste nenhum Salvatore no poder.

E então, El Castillo e o México iriam para as suas mãos. A ideia me fazia querer fugir para longe. Que era o que eu pretendia fazer assim que estivesse livre. Tanto da promessa que fiz a meu papá quanto do controle invisível de Ochoa. Eu devia a minha vida e lealdade a ele, mas isso não significava que pretendia viver sob o seu teto ou compartilhar de sua mesa. Não, não era nesse mundo que eu queria ficar.

Cabia a mim então esperar pela *hora certa*, o problema era que eu não sabia se existia hora certa para se enfiar uma faca no peito de alguém. Eu queria, não, eu tinha que matar o infeliz. Agora. Arrancar o seu coração como o meu foi arrancado e então...

— Você não vai cooperar comigo, não é? — A voz grave, ainda que baixa, trouxe-me de volta à realidade.

Forçando-me a lembrar tudo o que eu teria que fazer para obter justiça. Ainda que essa não fosse a primeira vez que eu teria de sacrificar meu corpo. Era um pensamento cínico, mas a quantidade de mulheres que vi serem usadas e machucadas por Ochoa e o seu sobrinho, tornaram-me fria para o sexo. Não que eu sentisse arrependimento pelo que precisei fazer com Ramírez, pelo contrário. De alguma forma doentia, eu era grata a cada vez que me deitei com ele, porque se teve algo que o infeliz me ensinou foi que sexo tinha a mais a ver com sobrevivência do que com amor.

Anestesiada, era assim que me sentia. Antes, agora. Acho que sempre seria assim, pensei, prendendo a respiração ao ser tocada por Santiago. O primeiro impulso foi o de afastá-lo, o que cheguei a tentar. Sendo rapidamente impedida por suas mãos que envolveram o meu pulso, causando-me um desconforto que tinha início na boca do estômago, e descia até o meio

de minhas pernas.

Ao tomar fôlego, acabei por inalar mais de sua colônia. Tão forte, como quem o usava. Eu não conhecia nada sobre perfumes e aromas, mas podia identificar o cheiro alcoólico e amadeirado de longe, assim como o de tabaco. Se o poder e o crime tivessem um cheiro, seria o mesmo impregnado em cada centímetro sólido de Santiago.

— Se esse é um jogo para você, nós podemos jogar, *amor* — sussurrou em meu ouvido, antes de me encarar. — Começando com você me dizendo exatamente quem é e o que faz em meu território.

— Você sabe quem eu sou. — Meus lábios se separaram, e de tão cheios roçaram os dele ao ter Santiago tão perto. A maciez foi comprimida pela força. — E sabe por que estou aqui.

O *bicho-papão* olhou para mim por tempo suficiente para que pudesse procurar por algo suspeito. Ochoa não brincou ao dizer que o homem era insano de tão desconfiado.

— Não, porra, eu não sei! — grunhiu, pegando-me de surpresa. Parecendo-me maior, não só em maldade como em tamanho. — Por isso espero que comece a falar o quanto antes...

— Eu sou uma das meninas de Jiménez — disse o que para ele deveria ser uma verdade. — E estou aqui porque ele me enviou... para ser *sua* esta noite.

Os olhos duros se estreitaram. Nunca duvidei que seria difícil convencê-lo de qualquer merda, a fama de Santiago o precedia. Ele não era um filho da puta brincando com os negócios do papai malvado, ele era *o* negócio. A cabeça por trás de cada de cocaína vendida dentro desse país na última década. Sua palavra era lei dentro do México, e ele as despejava como se fossem malditos decretos reais.

— Quer saber o que eu penso? Que tudo o que sai dessa sua pequena boca é uma mentira... e sabe o que acontece com quem mente para mim? — Enrijeci ao sentir o toque de sua língua a cada palavra dita. O salpicar era breve, áspero, fazendo-me questionar se viria algo além da força invisível, mantendo-me esmagada entre o enorme corpo e a divisória atrás de mim. — Eu os enterro, *amor*. Vivos.

Foda-se, se Santiago pensava que iria me intimidar! Por causa dele, eu estive no inferno, e não saí de lá para sentir medo agora.

— Eu não estou mentindo.

— O caralho que não está! — rosnou, perdendo a cabeça de vez ao deixar claro que não aceitaria a minha merda. Com toda a coragem que possuía, e era muita, eu mantive o meu rosto erguido em um desafio silencioso, querendo descobrir até onde poderia empurrá-lo. Só que não tive tempo ou chance de tomar o que fosse a mais dele porque, em questão de segundos, Santiago empurrou sua boca contra a minha.

A suavidade, instável de tão crua, não durou. Senti-o me experimentar meus lábios, tomar para si o que tivesse a ser tomado. Prendendo a minha carne sensível e molhada entre os seus dentes antes de dar fim à breve calmaria. Em um piscar de olhos, o que começou como um experimento, uma prova do meu gosto, transformou-se em uma verdadeira tempestade.

Cheia de raiva por ter sido pega desprevenida, eu reagi sem pensar. Apertei os seus braços, fincando minhas unhas e o arranhando para que se afastasse, ainda que soubesse que jamais seria capaz de empurrá-lo. No entanto, a minha resistência só o tornou mais bruto e decidido a me engolir por inteira. Pedaço por pedaço.

Então eu lutei, me debati. Usei a boca e os dentes em uma tentativa de detê-lo, e fiz o impensável: eu o mordi. Arrancando-lhe sangue suficiente

para que pudesse senti-lo se misturar à nossa saliva. Santiago grunhiu, rouco, mas em seguida sorriu. O que me fez arranhar o infeliz com ainda mais força. Ofegamos juntos, ele de dor e eu de fúria.

Ainda assim, ninguém conseguiu o que queria. Santiago não obteve minha rendição, e eu não obtive o controle do qual tanto me orgulhava em situações como essa.

Nem de longe *isso* poderia ser considerado um simples beijo, não, o que estava acontecendo aqui estava mais para uma tomada de poder. A prova de que, no mundo desse monstro, quem mandava era ele.

Foi esse o momento em que Santiago se deteve, sem necessariamente afastar a boca da minha. Respirei com seus lábios ainda apertados contra os meus. E não vou negar, eu tremia por dentro e por fora. Não sei se de raiva, ódio ou dor.

Ou, então, tudo ao mesmo tempo.

Não porque tenha sido o beijo mais violento que provei na vida, e sim porque, por um mísero de segundo, eu quase me esqueci de quem éramos.

Demorei a perceber que era alvo do olhar severo de Santiago, e que ele me estudava como se eu tivesse acabado de lhe confessar uma traição. Atordoado demais para dizer qualquer coisa.

Mas com o quê, porra? Tinha sido só um beijo, certo? Não significava nada para nenhum de nós dois.

— Quanto anos você tem? — exigiu saber, como se, de repente, fizesse diferença.

Suas mãos e boca já tinham estado em mim, certo? Além disso, homens como Santiago não se importavam com detalhes como... *idade*. As regras não funcionavam da mesma forma para eles.

— Eu não sou menor de idade, se é o que deseja saber — revelei, notando que o beijo tomado só o tinha deixado mais nervoso. Arisco, ou seria desconfiado?

Merda, eu não conseguia enxergar esse homem além das informações que guardei sobre ele ao longo dos anos! *O que pensava, o que faria*... Eu estava no escuro aqui.

— Sua idade — insistiu sério, irritando-se com a demora da reposta. — Vamos lá, garota, existe algo chamado paciência, e eu a estou perdendo rapidamente.

— Vinte, mas talvez eu esteja mentindo... Você nunca vai saber.

Seu malvado e belo rosto se contorceu em uma careta de desagrado, mas nem isso prejudicou a potência masculina de um homem acostumado a ter todo o controle.

— Você está provocando o homem errado, *amor*. — Segurou o meu queixo. — E se aceita um conselho, é melhor que pare.

— Não acho que você seja o homem errado. — Ele era exatamente o infeliz a quem eu queria foder. Em um sentido, muito mais do que no outro.

Santiago sacudiu a cabeça de um lado a outro, decidindo-se sobre o que fazer comigo. Pela forma violenta como encarou minha boca e seios, eu tive a impressão de que ele também desejava descobrir por onde começar. Dando um passo à frente, se é que era possível, ele tentou me intimidar. Com sua respiração soando pesada, e seu olhar agridoce, o peso de seu próprio corpo pareceu somar-se ao meu, mesmo que ainda não fosse o caso.

Era fácil entender por que tantas pessoas o temiam, Santiago agia como se o poder e a riqueza irrestrita que possuía, o tornasse intocável.

Meu desejo era provar que ele não era.

— Por que está aqui? — exigiu saber mais uma vez, forçando a minha cabeça para trás ao puxar o meu cabelo em um agarre apertado, que fez com que minhas pernas bambeassem. Eu sabia que não seria fácil, mas não estava esperando *por isso*. — E tome muito cuidado com o que diz dessa vez, porque não vou aceitar meias-verdades.

— Estou aqui... para ser sua — disse, apesar do incômodo, sentindo-o ficar mais agressivo.

A mão grande e áspera espalhou a bagunça que se tornou o meu cabelo e deslizou até o meu rosto. Santiago o apertou, seu polegar grosso afundou em minha bochecha.

O maldito queria me causar dor e o fazia com um sorriso calmo.

— Mentirosa do caralho! — rugiu, ao empurrar minha cabeça contra o vidro a um segundo de me arrebatar com outro beijo hostil.

Só que, dessa vez, eu não o deixei me provar, e virei o rosto antes que sua língua invadisse a minha boca. Negar-lhe acesso o fez inspirar fundo de um modo bruto e, em seguida, assoprar o ar de sua respiração sobre os meus lábios. Era da sua boca que vinha o cheiro de tabaco tão marcante. Claro que o homem não fumaria qualquer cigarro, havia algo de requintado sobre esse, algo que denunciava o quanto ele era exigente.

Lambendo meus próprios lábios, também senti o resquício de um sabor forte. Mentolado. Algo que fez gelar o céu inteirinho da minha boca. O homem podia ser um filho da puta frio e calculista, mas sua boca era o oposto. Seus beijos, então, pareciam trazer o inferno à Terra.

— É uma pena que eu precise enviá-la de volta. Faz tempo demais que eu não provo uma boca tão gostosa, *amor* — murmurou com a expressão contraída e, em seguida, me soltou deixando-me confusa.

Porque se tinha algo que Santiago não podia fazer era me enviar de volta. Eu preferia morrer, a perder a chance de fazer justiça; e mais ainda, de correr o risco de ser entregue a Ramírez. Porque era isso o que aconteceria se eu falhasse.

Sentindo-me entre a cruz e a espada, eu pensei rapidamente no que poderia fazer para que ele desistisse da ideia absurda, mas qualquer pensamento me escapou ao escutar o seu celular tocar em algum canto do escritório.

Santiago ainda me encarou por algum tempo, como se esperasse justamente pelo momento em que eu imploraria para que ele não me enviasse de volta, até que se virou dando-me as costas enquanto eu soltava lentamente a respiração.

Atenta a seus passos, eu fiz uma rápida verificação ao redor do cômodo, deparando-me com uma pequena, porém, letal pistola sobre a mesa. Perturbada, olhei para o meu lado, vendo a porta aberta. Mas nem mesmo se eu corresse conseguiria escapar, não com os dois armários do lado de fora.

— Para o seu bem, eu espero que seja realmente importante. — Escutei-o responder a quem quer que fosse no outro lado da linha. — Tem certeza? — O que foi dito o fez se virar e me encarar. — Não se preocupe, eu posso lidar com a garota... sim, claro.

Antes de descobrir exatamente o que significavam suas palavras, eu procurei por entre os papéis espalhados na mesinha, ao lado do copo de tequila que ele havia me oferecido, algum objeto com o qual eu pudesse me proteger se fosse necessário. Deparei-me com uma lâmina afiada, usada para abrir correspondências.

Ela teria de servir.

— Faça melhor, Firmino, traga-o até aqui. — Uma pausa foi feita,

levando-me a desviar os olhos do objeto e encará-lo novamente, apenas para comprovar o que já sabia. Seu olhar não havia me abandonado por um só segundo. — Sim, eu imaginei mesmo que a noite seria longa.

Santiago encerrou o telefonema, enquanto o clima dentro do escritório tornava-se insuportável de tão denso.

— Talvez esse seja o momento para que beba a dose que preparei — aconselhou, impassível.

— A resposta ainda é não. — Vi-o chupar o lábio, agora com os rastros do sangue que lhe arranquei ao mordê-lo.

A expressão ilegível que carregava me fez pensar seriamente na possibilidade de pegar a lâmina. Se eu fosse rápida, talvez conseguisse acertar diretamente em seu coração. Mordi o meu próprio lábio, descartando a ideia pela milésima vez. Ochoa não queria apenas um assassinato mal efetuado. O que ele desejava inicialmente era ver o império dos Salvatore implodir.

Vê-los se destruírem entre si.

— Em alguns minutos, Jiménez passará por essa porta. — Ele apontou para a saída que Javier e James protegiam. — Então, eu terei apenas uma escolha a fazer, e não acho que ela será difícil. Principalmente se Jiménez decidir cooperar comigo, algo que até agora... você não fez.

O filho da puta estava me dando uma escolha, não que eu acreditasse que fosse servir de alguma coisa se ele viesse a descobrir as ameaças que tive que fazer para estar aqui esta noite.

— Então, *amor*, se tem algo a me dizer, esse é o momento.

Sem qualquer preliminar ou aviso, Santiago eliminou a distância entre nós e voltou a agarrar o meu cabelo. O escritório não era grande, apesar de

bem equipado; e cada detalhe dele, desde as pinturas nas paredes e os adornos de cavalos, mostravam exatamente quem Santiago era: um monstro.

— Quem é você... e por qual maldita razão, Jiménez fez parecer como se eu devesse ter cuidado? — Se antes achei que sua intenção era a de me machucar, agora eu tinha certeza.

Mas eu me recusava a ceder e me entregar tão facilmente. Ochoa colocara em minhas mãos, motivos bastante sólidos para que Jiménez cooperasse. Não que tenha sido fácil convencê-lo. O fato de o infeliz estar me queimando agora, era algo que, com certeza, ele não faria se, em vez da minha visita, tivesse sido a de Miguel em seu escritório.

Eu não posso me envolver, não confio em Jiménez, Manoela. Você terá que lidar com tudo sozinha. Compreende?

Claro que compreendia. Se em algum momento eu caísse, estaria sozinha.

— Me responda, porra! — Fui sacudida, em meio ao devaneio com o meu coração batendo forte.

— Eu não sei! — gritei de volta, dramática. — Eu juro!

Eu era íntima da garota que Santiago enxergava ao me olhar: uma versão da Manoela inventada. Uma que mentiria como se a sua vida dependesse disso para sobreviver, porque dependia.

— Você jura?! — debochou, incrédulo. — Sabe quantos homens fizeram o mesmo? Quantos juramentos já escutei? Promessas não me valem de nada, Manoela. Eu preciso de mais! — exigiu, levando a mão até o meu pescoço e o apertando.

Tentei afastá-lo antes de perder o fôlego e, ao perceber que Santiago não tinha a intenção de me soltar, eu estendi o braço o quanto pude

procurando pela lâmina sobre a mesa de apoio. O som dos cacos de vidro no chão não me fez parar ou desistir, nem mesmo o leve arranhão que levei ao apertar o objeto entre os dedos. O arfar de dor, no entanto, fez com que o filho da puta se desse conta do que eu buscava.

A clareza atravessou os seus olhos, que, de tão revoltos, pareciam quase negros agora. Eu nunca vi uma transformação tão assustadora assim.

Não restava qualquer traço de tranquilidade ou controle.

— Foi por isso que Jiménez me pediu para ter cuidado, não foi? Porque você é uma cadela louca...

Não me movi, ainda que por dentro estivesse apenas à espera da oportunidade para afundar a lâmina em seu peito. Eu poderia ser impulsiva, mas não tola. E sabia que só o faria se me visse sem saída.

— Não! — neguei com uma ideia louca se formando de repente em minha cabeça. — Jiménez... ele... ele só falou isso porque está com medo.

Fui avaliada, enquanto a mentira era planejada. E como se soubesse, Santiago hesitou antes de perguntar:

— Medo do quê?

— De você. Medo que descubra o que ele me pediu para fazer.

— Não me tome como idiota, garota...

— Dessa vez é verdade, eu juro. — Continuei a mentir, a fingir um desespero que eu não sentia por completo. — Algo deve ter acontecido para que ele tenha mudado de ideia.

— Já percebi que, além de mentirosa, você gosta de jogar. — Seu polegar apertou minha laringe, fazendo-me contorcer contra o seu corpo. Um pouco mais e eu desmaiaria. — Mas eu vou perguntar apenas por desencargo de consciência. Em relação ao quê, exatamente, Jiménez mudou de ideia?

— Sobre te matar.

MANOELA GARCÍA

O aperto feito em meu pescoço afrouxou conforme Santiago assimilava minhas palavras, como se a mentira que inventei fizesse algum sentido dentro de seu cérebro atroz. Recuperando o controle, eu enchi meus pulmões de ar e, em seguida, os expirei. Fechando os olhos por um mísero de segundo antes de reabri-los.

Mais do que disposta a convencê-lo, eu abandonei minha postura agressiva e observei que os mesmos dedos que tinham estado ao redor do meu pescoço, agora deslizavam pela pele branca de meu rosto. Seu polegar detendo-se sobre o contorno dos meus lábios, que era onde os olhos de Santiago se mantiveram. Vidrados de uma forma animalesca.

Esperei pelo momento em que me chamaria de mentirosa, mas o infeliz permaneceu calado com a mente a mil. E esse era todo o problema, porque eu não sabia como a cabeça desse homem funcionava. O que o incitava, ou pior, qual o limite que alguém tinha de ultrapassar para fazê-lo apertar a porcaria de um gatilho.

Porque sempre havia um.

— Como conheceu Jiménez? — quis saber de repente. — Eu te fiz uma pergunta, caralho!

— Meu pai — respondi, rapidamente. — Ele devia dinheiro a Jiménez, e eu... eu herdei a dívida. Tentei fugir, mas seus homens me encontraram e ele disse que eu teria de pagar pelo prejuízo que teve.

Santiago assentiu, engolindo cada palavra. Provando-as, repetindo-as em seu cérebro. Eu podia vê-lo trabalhar em busca de algum ponto falho dentro da história que eu contava.

— E o pagamento... era tentar me matar — afirmou, sem a necessidade que eu tivesse de explicar novamente.

— Sim.

Por vários instantes, Santiago não se moveu ou disse qualquer palavra. Não que precisasse, eu podia enxergar a transformação dentro dele através de seus olhos. A ira cega, a traição... Foi com essa mesma energia densa que ele estendeu a mão e a colocou sobre a minha. Que, por sua vez, ainda segurava a lâmina.

— Faça! — exigiu, impassível. — Termine o que começou, é por isso que está aqui, não é?

Era exatamente por isso, mas podia ver que sua ordem não passava de uma armadilha. Um empurrão para que eu lhe desse um bom motivo para me matar. Quando não fiz o que meus instintos pediam desesperadamente, a palma de sua mão pesou sobre a minha um pouco mais e ele a apertou, arrancando-me um gemido dolorido.

— Por que eu deveria acreditar em você? — indagou, em um tom de voz baixo. — Por qual maldita razão eu deveria levar em conta a merda que disse? — Santiago olhou para Javier, que havia se aproximado a fim de anunciar a chegada de Firmino. — Em poucos instantes, nós não estaremos mais a sós. Essa é a sua chance de me dar algo que me impeça de te matar. Não mentiras, não confissões desesperadas. Eu quero a verdade. Algo que me faça pensar mesmo que por um segundo que você viva, vale mais do que morta.

Era loucura o que eu estava prestes a fazer, mas me recusava a morrer sem obter justiça. Não importa se Jiménez iria negar cada maldita palavra, nem mesmo que eu estivesse a um passo de entregar ao infeliz uma informação que não deveria, mas era um passo que eu precisava dar.

— Apareceram homens fazendo perguntas a seu respeito na boate. — Sua testa franziu e ele prestou atenção. — Homens... com distintivos.

Santiago me encarou letal, como se procurasse a verdade por detrás do que eu dizia. Mas era verdade, pelo menos em parte. E não porque Jiménez era um traidor filho da puta, mas porque Ochoa os enviou. O pontapé inicial para a destruição do infeliz a me encarar.

— Quando foi isso?

— Há alguns dias... — respondi em um ofego.

— De onde eram esses homens? FBI, DEA? Agentes do México?

Neguei, porque qualquer coisa que dissesse a mais colocaria tudo a perder.

— Eu não sei. Só os vi entrar, e então foram para o escritório dos fundos.

Concentrado, Santiago manteve seus olhos baixos enquanto levava a minha mão, cujo corte fino ainda sangrava, até a sua própria boca. Senti seus lábios beijarem a pele ferida, e isso fez espalhar calafrios por todo o meu corpo. Porque o desgraçado não apenas a limpou, ele também provou do meu sangue. A bestialidade de Santiago era tamanha, que eu não consegui me mover ou reagir.

Pelo menos, não até que Firmino surgisse trazendo Jiménez com ele.

Ambos olharam para o corte em minha mão, estranhando o fato de que Santiago havia acabado de afastar sua boca da pele marcada.

Firmino, mais detalhista, ainda tentou compreender a bagunça em que nos encontrávamos. Se havia sangue em minha mão, também havia na boca de Santiago. E isso, de alguma forma, o deixou desconfiado.

— Santiago? — A voz controlada do cão de guarda soou grave dentro

do escritório. — Está tudo bem por aqui? — Procurou saber enquanto observava seu patrão se afastar e caminhar até a mesa de mogno.

Firmino não era o único esperando descobrir o que Santiago faria, Jiménez também não me pareceu tranquilo. Ninguém dentro da sala estava. Ainda assim, fui a única a prender a respiração ao vê-lo pegar a pistola sobre a mesa e a desengatilhar.

— Tudo ótimo — respondeu, impassível, sem me dar quaisquer pistas sobre ter ou não acreditado no que eu havia lhe dito.

Atenta ao *bicho-papão*, eu o encarei por todo o tempo. Tentando encontrar algum resquício de humanidade que obviamente não existia. Porque um homem com sentimentos ou emoções não teria se apoiado contra a mesa e nos observado com tanta calma. Seu olhar indo e vindo entre mim e Jiménez, como se esse fosse o movimento feito pela sua arma. Uma pequena e eficiente *9mm* cromada.

Apenas o melhor... para o pior.

Então, por alguma razão, seu olhar se deteve em mim. De forma tão intensa e feroz, que me arrancou todo o fôlego. Esse foi o momento em que o infeliz ergueu a arma e a mirou diretamente na cabeça de Jiménez.

O som ensurdecedor do tiro disparado causou um zunido desorientador em meu ouvido. Pisquei, recobrando a razão, enquanto me dava conta do que tinha acabado de acontecer nesse escritório. Não houve perguntas, ou contestações. Eu poderia ter acusado um inocente e o resultado teria sido o mesmo, pensei, ao assistir à queda do corpo agora sem vida. O sangue se espalhando, a frieza do ato...

Mas não foi compaixão o que senti, ou culpa. Foi raiva. Jiménez foi o primeiro a me trair, tudo o que fiz foi revidar.

— Você perdeu a porra da cabeça, Santiago?! — Firmino quebrou o silêncio, furioso.

— Ele conhecia a rota.

O homem encarou o seu patrão e, em seguida, pôs seus olhos em mim.

— Jiménez conhecer as rotas não significa que tenha sido ele a te trair, porra! — Não sei por que, mas era como se Firmino quisesse impor alguma razão a Santiago.

"Pois que tentasse", pensei irritada, incapaz de ouvir outra coisa que não o zunido ainda baixo em minha cabeça. O torpor causado pelo impacto da bala sacudiu meu corpo inteiro. Não que eu fosse deixá-los perceberem o meu nervosismo.

— Vai me dizer agora que o fato de ele ter recebido agentes na boate, a portas fechadas, também não tenha importância?

Não acho que Santiago estivesse com paciência para ter essa conversa agora.

— Como sabe? — O olhar duro de Firmino permaneceu na minha direção. — Não me diga que isso tem dedo dessa garota... Nós nem sabemos quem a cadela é!

— Verdade, nós não sabemos. — Agarrei a lâmina ao vê-los entretidos e a mantive comigo. — Mas, nesse momento, o que *a garota* disse fez mais sentido do que qualquer outra desculpa que escutei em todo o maldito dia.

— Santiago, os homens de Jiménez irão enlouquecer! Tem ideia do que acabou de fazer?

— Tenho. Mas lealdade se compra, Firmino. Não é com a reação

deles que estou preocupado.

Claro que não.

— Algumas lealdades não, lembre-se de que Jiménez tem filhos. Para os desgraçados começarem um motim faltava-lhes apenas um motivo... que foi o que você acabou de criar.

Santiago o ignorou, pelo menos o assunto em questão.

— Quero que o corpo de Jiménez seja pregado na entrada de uma de suas boates. E que o filho da puta tenha o destino que deveria ter sido de Judas! — cuspiu as palavras, com a mesma indiferença com que tirou a vida de meu *papá*. — Não precisa ser limpo, e pouco me importa se serão os federais ou os seus filhos a encontrá-lo. Desde que entendam a mensagem.

Ele não perdoava uma traição.

— Alguns irão enxergar a mensagem como um chamado para a guerra. — Se a vontade de fincar uma faca no coração de Santiago era grande, a vontade de cortar a língua de Firmino fora... era ainda maior.

A lealdade, aparentemente, cega do infeliz fez-me entender por que ele era considerado o braço direito dos Salvatore. Firmino parecia ser o único homem a trazer Santiago de volta a razão. Ou o mais perto disso de conseguir.

— Apenas garanta que minhas ordens sejam cumpridas. Acha que consegue ou eu terei que fazer por conta própria? — Assisti a interação entre os dois, curiosa e, ao mesmo tempo, preocupada. Porque se Firmino era a pessoa mais próxima a Santiago, e ele o tratava assim...

O pensamento me escapou ao ver que voltava a ser encarada por Firmino. Como se eu fosse a culpada por tudo o que havia acontecido, e talvez fosse.

— Quanto a você e essa maldita lâmina que ainda segura — Santiago se dirigiu a mim, dessa vez —, eu preciso avisar que homens já morreram por menos, *amor*. Muito menos.

Senti a intensidade do olhar de todos, incerta sobre quem tentaria arrancar o objeto da minha mão, ou pior, acabar comigo. Não que eu pretendesse entregar a lâmina de boa vontade ou morrer sem lutar. A resposta para a minha dúvida, no entanto, foi respondida assim que Firmino deu um longo passo em minha direção.

— Deixe que ela a tenha. — Santiago o deteve e assumiu o seu lugar, erguendo o meu queixo sem medo que eu pudesse, por exemplo, atacá-lo. — Esse será o meu presente pela cooperação. Tenho certeza de que Manoela pensará duas vezes antes de me apontar essa merda, não é, amor?

— O que isso significa, Santiago? Você deveria estar pensando no que fazer com a garota... e não lhe dando presentes!

— O que farei com a garota só diz respeito a mim, porra! — grunhiu, alterado. — Até lá, eu quero que limpe essa sujeira e depois a leve para o meu quarto... — ordenou, de forma mecânica.

— Você não pode estar falando sério? — Firmino o questionou, mostrando-se mais preocupado do que confuso.

— Nunca falei tão sério em minha vida! — rebateu, e, em seguida, guardou a arma na segunda gaveta de sua mesa.

Bom saber.

Com um único aceno, Santiago fez com que Javier e James o acompanhassem para fora do escritório, deixando-me sozinha com um homem que, claramente, enxergava algo em mim de que não gostava. Nada com o que eu não pudesse lidar, pensei, ignorando de propósito o olhar

assassino que Firmino me lançou, escolhendo fitar o corpo estirado no chão, a lhe dar um segundo que fosse da minha atenção.

Não que me achasse capaz de olhar para qualquer outra coisa que não o sangue escorrendo de Jiménez... cenas como essas tinham o poder de me deixar fora do ar. Arrastavam-me para um passado que eu ainda não havia superado. Estive tão concentrada, que demorei a perceber a presença de outros homens dentro do cômodo.

A *limpeza* foi rápida, e tudo o que ficou quando saíram foi o cheiro forte e enjoativo de alvejante.

E lá estava eu, sozinha com Firmino de novo.

Observei-o de longe, sentar-se e se servir de uma dose da garrafa de Santiago. Ele parecia nervoso, talvez pelas consequências que a morte de Jiménez traria. Atenta a cada movimento que o filho da puta fazia, eu permaneci encostada contra a vidraça, como se estivesse literalmente pregada. Reagindo apenas quando o corredor caiu no silêncio e Firmino se levantou.

Só que, agora, não havia ninguém para o deter, pensei em pânico.

— Não ache que, porque tem uma boceta, conseguirá se safar, garota. Não é assim que as coisas acontecem por aqui.

Eu estava certa em acreditar que o infeliz desejava me ver morta, mas *essa* sensação eu tinha desde que ele me viu pela primeira vez. Mostrando que não abaixaria a cabeça, fosse para ele ou para Santiago, eu o enfrentei:

— Por que não aproveita que está de babá de *uma boceta* e me explica como as coisas acontecem por aqui? — Meu temperamento forte falou mais alto, e eu não consegui manter a boca fechada.

O que não diminuiu o impacto do tapa que Firmino desferiu em meu

rosto, fazendo arder a minha pele branca. Apertei meus lábios um no outro, esse não seria o primeiro e nem o último que eu levava. Não seria nem mesmo a mão de homem mais pesada que tive a me machucar.

Com os dedos tremendo, eu os levei até meu rosto. A marca com certeza ficaria, mas eu não me importei. Tudo o que pensava era que... se nunca fui capaz de aceitar os tapas do homem que me salvou, por que aceitaria de alguém que desejava ver morto?

Por isso, quando o miserável se moveu para me bater de novo, eu levantei a lâmina em sua direção, deixando claro o que faria se o miserável tentasse me bater.

— Eu te mato se você encostar em mim outra vez!

— Você pode ter enganado Santiago, mas não fará o mesmo comigo. Há algo em você, sua puta, eu sinto! — Ele deu um passo à frente, ignorando a ameaça, e no instante em que eu estava prestes a machucá-lo e ele a me machucar, alguém segurou o seu braço.

Essa era a segunda vez que Javier saía de seu caminho para me ajudar de alguma forma. Eu não entendia o porquê ou que preço a sua ajuda teria.

— Firmino — Javier se dirigiu a ele —, Santiago a quer no quarto dele, e até onde sei, ele a quer viva.

— O lugar dela não é lá, ainda mais se estiver respirando. Você não é estúpido, Javier, e sabe que estou certo! — esbravejou como um cão raivoso. — Não sei que merda deu na cabeça de Santiago, mas eu me certificarei de colocar algum juízo ali dentro.

Javier o ignorou enquanto analisava o meu rosto a distância, deixando que Firmino partisse com o que havia lhe restado de dignidade. Não sabia qual era a extensão do estrago, mas ainda sentia o ardor do tapa queimar

minha bochecha.

— Achei que tivesse entendido sobre os riscos de se meter em problemas.

— Eu entendi.

— Então por que o provocou? — Ele havia escutado tudo pelo visto, mas não o deteve no primeiro tapa. Só depois, quando as coisas estavam prestes a sair realmente do controle.

Não havia mocinhos aqui, não é?

— Porque eu não tenho medo dele, ou de qualquer um de vocês — disse baixo.

Javier apenas balançou a cabeça, como se estivesse cansado.

Sem dizer nada, ele acenou para a porta, indicando a direção. James, o outro *armário*, não se encontrava em qualquer lugar próximo. As vozes que escutei ao descer eram ásperas, e a movimentação se mostrava maior do que a de quando entrei. O pior era que já não havia rastros de corpo ou sangue, além do cheiro forte.

Assumindo o controle, Javier se adiantou, passando por mim e me levando por um caminho diferente do anterior.

— Onde estamos indo? — perguntei e, ao não obter resposta, eu procurei entender por que havia pelo menos cinco homens em frente ao que parecia ser uma ala privada da casa. Uma segunda entrada.

Vi-me obrigada a subir por uma escadaria rodeada em seu corrimão por rosas vermelhas, repletas de espinhos, cujo destino se mostrou ser uma varanda íntima com vista para a parte de trás da propriedade. Árvores enormes cobriam toda a estrutura, fazendo sombra na entrada seriamente protegida. Detive-me ao alcançarmos o topo, embasbacada com a piscina

esverdeada à minha frente.

Com um passo impulsivo em direção a ela, eu notei a água de fundo verde. Um reflexo causado pela sombra que faziam as árvores. Havia rochas ao redor, e três degraus que davam para um quarto. Pelo menos, foi o que vi através das cortinas esvoaçantes. Uma enorme cama redonda... com lençóis negros amarrotados.

O inferno não deveria parecer o paraíso, mas era assim que o lugar se mostrava. Um pequeno oásis criado pelo próprio diabo.

Atordoada, eu demorei a notar a proximidade de Javier, que envolveu sua mão em meu braço fino e me arrastou até o interior da suíte. Passamos por uma porta de duas bandas, que me fez compreender que essa só poderia ser a ala privativa de Santiago. O seu próprio refúgio dentro da casa principal. Meu olhar percorreu a sala imensa, com adornos que lembravam cavalos e animais selvagens, além da cozinha bem equipada ainda que pequena.

Do outro lado, havia uma porta, que acreditei dar para o interior da casa principal. E duas outras, largas, que deveriam ser dos quartos. O da direita, era o com acesso à piscina. Claramente ocupado pelo dono de todo o lugar. E o da esquerda... eu ainda não tinha conseguido ver o que havia lá dentro, ou se era mesmo um outro quarto.

— Venha, Santiago falará com você quando estiver pronto. — Javier me levou até a porta fechada.

— E isso significa o quê? — Tentei fazer com que diminuísse o passo. Ninguém gostava de ser arrastado, droga!

— Significa que, pelo seu bem, é melhor que ele não fale com você agora.

Olhei novamente para o outro quarto, curiosa para verificar cada

centímetro do santuário de Santiago, mas não tive a oportunidade. Ao que parece, o meu lugar era no quarto vazio. Bem decorado, devo admitir. Mas, claramente, desocupado.

— Por que ele me quer aqui?

Javier se virou, sério.

— Você não é tão inocente quanto aparenta ser, tenho certeza de que faz alguma ideia.

— Então o seu patrão espera que eu vá para a cama com ele? Depois de tudo o que presenciei essa noite? — O pensamento me deixou nervosa. Porque, se o beijo daquele homem havia fodido com a minha cabeça, o que faria o sexo? — Santiago matou um homem... e vocês agem como se essa merda fosse normal.

Eu não deveria soar tão alterada, mas não podia me conter. Javier parecia o único aqui que escutaria a minha merda sem levantar a voz ou tentar me machucar. Além disso, eu precisava saber por que, de todos, ele soava quase gentil.

— Se eu fosse você parava de fazer tantas perguntas e começava a pensar na idiotice que fez. Firmino teria facilmente atirado em sua cabeça e depois inventado qualquer mentira a Santiago. Sua vida aqui dentro é tão valiosa quanto a porra de um peso.

— E ainda assim... ele me quer viva, não é?

— Eu já falei que não estou aqui para ser seu amigo ou te dar conselhos.

— Por que está, então? — perguntei, ao vê-lo atravessar o quarto e abrir as portas da sacada. Mas não tive vontade de me aproximar, não quando a minha cabeça só conseguia pensar no que fazer com o monstro.

E como dobrá-lo...

— Porque eu sou o único, além de Santiago, que pode impedir que Firmino a mate. — As palavras de Javier me fizeram encará-lo.

— E quando Santiago decidir que não se importa? Quando o meu tempo acabar?

— Então não há ninguém nesse mundo capaz de te salvar, *gatita*. Nem mesmo eu.

Outro calafrio me atravessou. Eu tinha sido honesta ao dizer que não tinha medo de nenhum deles, mas, naquele momento, foi impossível não temer o futuro. Vendo-me sozinha após a saída de Javier, eu tentei encontrar uma rota de fuga caso precisasse escapar. Inclusive, cheguei a me aproximar da sacada para sondar o terreno, mas, como imaginei, havia dezenas de *soldados* do exército pessoal de Santiago fazendo a ronda exatamente abaixo da janela.

Exausta, voltei ao quarto e o revistei à procura de alguma câmera de vigilância ou possível escuta. A cama com dossel era enorme. Mas não maior do que a que havia visto no outro quarto. Havia um closet e banheiro espaçosos. Coberto inteiro por mármore cinza e detalhes que poderiam muito bem serem de ouro.

Não seria nenhuma surpresa se o fossem, mas nada disso me impediu de odiar o lugar com todas as minhas forças. E foi com a explosão desse sentimento dentro do meu peito, que eu coloquei o quarto abaixo. Fiz o mesmo com o banheiro. Não apenas por tentar encontrar um sinal de que poderia estar sendo observada, mas também porque sentia-me presa. Enjaulada.

Desistindo da procura, e já sem fôlego, eu arranquei meus saltos e brincos grandes da orelha e me arrastei até o chão, pondo-me em guarda

enquanto olhava fixamente para a porta. Certa de que, a qualquer momento, o *bicho-papão* entraria por ela. Quando o cansaço finalmente bateu, eu tive de lutar contra o sono e as lembranças antigas a me rondar, mas a tensão do dia e o tapa dado por Firmino me fez ser arrastada diretamente até elas.

— Não encoste em mim — pedi a Ramírez, odiando os olhares que ele continuava a me lançar. Algo que vinha acontecendo há quase um ano, desde que passei a fugir de suas implicâncias e constante presença.

Mas o idiota insistia em me irritar, pensei, apertando o lápis no desenho que criava. As folhas espalhadas ao redor, tinham sido a razão pela qual eu estava chateada essa manhã. Porque, nada do que tinha feito, me agradou. Eu era exigente demais comigo mesma, cobrava-me muito... e nunca chorava.

Ochoa dizia que o fato de ser seca por dentro o irritava, mas o que realmente o preocupava era que, em vez de abaixar a cabeça para ele ou Ramírez, eu sempre os enfrentava. Mesmo quando escolhia o silêncio para fazê-lo.

Jogada em uma casa onde não conhecia ninguém, essa foi a forma que encontrei de me proteger. Principalmente do seu sobrinho. Mais alto que eu, e mais velho também, Ramírez nunca saía do meu encalço. Eu já tinha visto as meninas que ele trazia para casa. Eram todas bonitas, mas tão malvadas quanto ele.

Por isso não conseguia entender por que me perseguia...

— Não seja tão orgulhosa. Você é lixo, então não me diga o que fazer.

Fitei-o, nervosa.

— Seu tio não parece achar que eu sou lixo. — Seus olhos se estreitaram enquanto ele fazia exatamente o que eu havia pedido para não fazer.

— Meu tio não é o homem mais confiável do mundo, Manoela. Se eu fosse você, tomaria cuidado.

— Pare de falar essas coisas, ele me trouxe para cá e agora cuida de mim!

Ramírez riu em deboche, mas a certeza de que eu seria capaz de qualquer coisa por Ochoa apenas se fortalecia.

— Cuida, não é? — Ele acariciou o meu rosto, as mãos grandes em contraste com meu rosto redondo e infantil ainda. — Já se perguntou por que, menina linda?

Observei-o se abaixar e inclinar o rosto em minha direção com segundas intenções, mas no último minuto eu tapei minha boca.

— Sua ordinariazinha...

— Eu falei para não encostar em mim! — gritei, após chutá-lo e correr escada acima. Tranquei-me para que ele não pudesse entrar. A cadeira da minha mesa de desenho foi colocada atrás da porta como em todas as outras noites. Ramírez não respeitava chaves. Ele as abria e isso me assustava.

Sorrindo pela pequena vitória, eu peguei o meu caderno de desenho e o abri novamente.

Só que, dessa vez, não foi o rosto do bicho-papão que desenhei. Foi o seu nome. Em vermelho sangue...

— A culpa é sua! A culpa é toda sua!

Afastei aqueles dias da minha cabeça, ou tentei, porque, em seguida, a lembrança da surra que levei de Ochoa quando ele descobriu que eu havia deixado Ramírez encostar o dedo em mim, e tomar o que queria, surgiu. Eu não chorei, não pedi perdão. Não até que estivesse debaixo do chuveiro, sentindo a água escorrer pelo meu corpo dolorido. Eu tinha dezesseis anos, sabia a razão pela qual estava ali. Conhecia toda a história. E não via a hora de arruinar Santiago, mas era nova, Ochoa dizia. Despreparada.

Aquela não foi a primeira vez que Ochoa fez aquilo comigo, e não seria a última que eu o perdoaria. Ele foi o único a me estender a mão quando perdi meu pai. Pagou por meus estudos, meus caprichos. Salvou-me do seu sobrinho até o momento em que aprendi a lidar com ele. Eu devia essa vingança não apenas ao meu pai, mas também a ele. Era uma questão de honra destruir Santiago.

E se eu tivesse que me machucar para vê-lo quebrar, não me importaria.

SANTIAGO SALVATORE

“Ao que parece, a noite seria realmente longa”, concluí, ao virar o último *caballito*[8] de tequila de hoje. Não ser capaz de ficar bêbado depois de tantas doses, não me impediu de sentir o ardor do álcool ao atingir o lábio mordido por Manoela. Assim como não me impedia de relembrar a sensação depravada e dolorosa que foi ter as suas unhas, pintadas de escarlate, cravadas sobre a minha camisa *Hugo Boss* escolhida para a noite.

O mundo em que eu vivia era fodido, mas aparências eram tudo... O pensamento soou como algo que Mercedes diria, com toda certeza.

Para a minha avó, não importava se no final de cada dia tivéssemos que enterrar dez corpos depois de vender toneladas de cocaína. As pessoas não precisavam olhar para a nossa família e enxergar o que éramos.

Frustrado, fiz o possível para manter a atenção na conversa que acontecia ao redor da mesa. Ochoa seguia com o discurso chato sobre precisar de mais território e autonomia em seus negócios. Enfatizando que o cabresto mantido em sua cabeça, o irritava. Ter de lembrá-lo a cada discussão de quem era a última palavra dentro do Conselho, irritava-me muito mais.

Sem paciência, recostei contra a poltrona funda de couro marrom, e olhei ao redor do porão. O lugar era escuro e à prova de som. Para escapar, só se os homens sob o meu comando permitissem. O lugar ideal para reuniões como estas, que tinham o costume de acontecer a cada cinco ou seis semanas. Trazer Ochoa, Manolo e Esteban, aliados do Conselho, para baixo após o término da festa não foi um convite ao acaso.

Havia uma boa razão, talvez até mais do que uma, porque, além de estar prestes a compartilhar a lamentável partida de Jiménez com eles, eu

esperava decifrar as expressões em seus rostos quando eu os informasse.

— Então, Santiago, irá nos dizer por que estamos aqui ou continuará nos olhando como se tivéssemos cometido algum crime? — Esteban, o colombiano, sobressaiu-se diante da conversa paralela que acontecia. — Você sabe, eu realmente gostaria de aproveitar o que resta da noite.

Ignorei o tom despreocupado em sua voz, havia poucas coisas que Esteban levava a sério na vida. Por isso, ao se dar conta de não obteria uma resposta da minha parte, o infeliz sorriu desconfortável e voltou a participar da conversa entre Ochoa e Manolo.

Não era fácil se esquecer de que, ao redor da mesa, confiança era algo frágil. Uma palavra dita em um momento errado ou com um tom alterado. Um sinal, qualquer gesto, e tudo rapidamente voaria pelos ares. O único elo entre todos nós, eram os negócios. Enquanto eles estivessem funcionando bem, eu manteria minha *9mm* longe de minhas mãos.

O mesmo não poderia ser dito a respeito de Miguel Ochoa, que, no outro lado da mesa, não perdeu a oportunidade de deixar a pistola à vista. Se o desgraçado ao menos fosse bom em acertar o alvo, eu o respeitaria como homem. Dos três, Manolo era o único em quem eu estava disposto a correr o risco de confiar. Por muito tempo nós estivemos em lados opostos, minha obsessão pelo território americano nunca o agradou. Até que um grupo rival nos pegou em uma emboscada e o desgraçado, mesmo podendo ter fugido, ficou para trás e os enfrentou do meu lado.

Ainda a observar Ochoa, que se dividia entre beber e examinar a arma sobre a mesa redonda, como se calculasse o quão rápido poderia pegá-la se algo saísse errado, eu notei quando ele, de repente, deixou de contribuir na conversa e me encarou de volta. Bigode e cabelos pretos, aparência rude. Ochoa era a epítome do que chefes de cartéis eram quando retratados nos

cinemas. Exagerados, sem educação. Sujos, apesar de todo o dinheiro por detrás dele.

— É uma pena que seu pai não possa estar aqui essa noite — o infeliz se dirigiu a mim, com a mesma familiaridade de sempre. — Imagino como deve ser difícil para ele ver seu filho mais velho completar quarenta anos e não poder estar presente.

— Juan não é sentimental, Ochoa. Nunca foi. A essa altura, imagino que seja difícil para você se lembrar, certo?

Fazia anos que os dois não se viam cara a cara. Eles ainda mantinham contato, sempre e quando meu pai telefonava, claro, mas não acho que tivessem tempo para mais do que algumas poucas palavras trocadas. E no caso de Ochoa, em específico, algumas reclamações.

— Você está certo, meu compadre sempre foi focado nos negócios. Sua querida mãe, que Deus a tenha, nunca soube lidar muito bem com esse seu lado.

Acenei, de forma seca. Porque a verdade é que minha mãe não foi uma mulher presente em nossas vidas. Sua perda não me doeu como doeu a de Celeste. Não chegou perto de fazer qualquer estrago em meu interior, assim como não fez a meu pai.

— Se eu fosse você, não me pressionaria essa noite — declarei, sucinto, fazendo com que o miserável sorrisse sem graça, revelando o dente de ouro enquanto se esforçava em sair por cima.

— Por que não diz logo por que estamos aqui? Se não é para discutirmos sobre negócios... — Ochoa levantou a voz, com a curiosidade refletida em seu rosto suado.

Aparentemente, Manolo era o único sem quaisquer preocupações. De

tempos em tempos, ele sorria ao ver o nervosismo dos outros dois homens. Eu também acharia graça se estivesse na posição de expectador, mas havia muito com o que lidar no momento.

— Filho? — Ochoa me chamou, diferente de Esteban ele não aceitava ser ignorado.

— Quantas vezes já pedi para que não me chame dessa forma, porra?

— Eu sou o seu padrinho, você me deve respeito.

Sorri, áspero.

— Eu não te devo nada, Ochoa. Nem a você ou qualquer outra pessoa dentro dessa sala.

— Falei com seu pai há alguns dias... — Aposto que sim. Ochoa parecia nutrir a ideia de que se forçasse o suficiente, Juan voltaria atrás em sua decisão e o nomearia chefe de *El Castillo*. Algo que nunca aconteceria. — Ele está preocupado com os negócios, e eu também.

Acendi um cigarro, tragando profundamente a fumaça e, em seguida, a liberando. Qualquer coisa para manter minhas mãos ocupadas.

— Você continua me empurrando, Ochoa — avisei-o, caso ele ainda não tenha entendido a mensagem.

— E você, com suas malditas decisões, irá nos enfiar em uma guerra que...

— Que o quê? — perguntei, alterado. — Que não procuraram? — Encarei-o. — A partir do momento em que todos vocês se beneficiam com o lucro da *minha* cocaína, automaticamente deveriam se colocar ao meu lado, Ochoa. Na paz, mas principalmente na guerra. E se não pode me dar sua lealdade, basta dizer que nós resolvemos a situação agora mesmo.

Ochoa olhou para a *Glock* cromada sobre a mesa. O olhar negro se

estreitando.

— E apenas para que saiba, você não seria o primeiro *problema* com que lido esta noite. — Com a revelação, eu consegui a atenção de todos dentro da sala.

Inclusive a dos soldados que não tinham estado comigo no escritório e que não faziam ideia a quem pertencia o corpo que, em breve, teriam de desaparecer. A presença deles durante a reunião não se dava por garantia a minha vida, e sim ao que havia por detrás da porta de ferro pesada e larga, que só podia ser ultrapassada com o código memorizado em meu cérebro: cofres, dinheiro, armas. Explosivos. Havia de tudo, a um passo da minha mão.

— Vamos lá, Santiago... — Esteban falou, agora sim, nervoso. — Que merda está tentando nos dizer?

Não era minha obrigação dar explicação do que fazia ou deixava de fazer em relação aos negócios, mas, nesse caso, eu queria ser o único a informá-los. Jiménez era uma peça importante no jogo, os clubes, que ele enchia com suas *doces meninas*, geravam lucros para os bolsos de todos nós. Fora que ele era um excelente *repassador* de informação. O maldito seria uma perda, mas não era insubstituível.

— Jiménez está morto — anunciei, fazendo crescer a tensão que até aquele momento fora rasa. Não para tanto, que cada homem fazendo a segurança do porão se mostrou pronto a atirar caso fosse necessário. — A notícia estará em todos os jornais amanhã.

E seria uma reportagem e tanto, se fôssemos levar em conta a atenção especial que a imprensa dava a tudo que tinha ligação com *El Señor de la Guerra*, cuja identidade era conhecida por pouquíssimas pessoas. E assim como não puderam fazer com meu pai no passado, os federais hoje não

tinham como provar quem era o homem por detrás das toneladas de *oro blanco* atravessando diariamente a fronteira do México com os Estados Unidos.

— Por quê? — Esteban perguntou.

— Porque ele me traiu — respondi, analisando a reação de cada um deles. Manolo sorriu, assentindo, sem realmente se importar. Esteban assobiou, mas não me fez mais perguntas. Ochoa... Ochoa foi o único a me encarar dentro dos olhos, sem piscar ou se mover. — Mas não se preocupem, quem o encontrar pela manhã saberá exatamente por que o rato traidor foi morto.

— Você é um louco filho da puta! — Ochoa grunhiu ao se levantar, furioso. — Não percebe que irá destruir a todos se continuar agindo como se fosse a porra de um rei?

— Mas eu sou *a porra* de um rei. — Levantei-me, sobrepondo-o. — E se você ainda tem acesso a uma parte do *meu* país, é porque eu permito, Ochoa. Tenho sido benevolente até agora para as suas falhas, mas a minha paciência está acabando, caralho!

Esteban desviou o olhar, engolindo de uma só vez o líquido que lhe fora servido antes. Ochoa, por sua vez, encarou-me com ainda mais fervor, revelando algo que sempre suspeitei: eu era a pedra em seu caminho. Fui no passado e continuaria sendo por um longo tempo.

O lugar que hoje eu ocupava, deveria ter sido dele, foi o que Firmino disse certa vez. O problema... é que Miguel não era o único a desejar o lugar que eu ocupava, o filho da puta era apenas o mais próximo.

— E apenas para que fique claro a todos aqui dentro — explodi, furioso, com as mãos coçando para apertar o gatilho pela segunda vez na maldita noite —, o que Jiménez teve, foi merecido! Porque é isso que

acontece com ratos. Eles morrem!

Ainda de pé, Ochoa pegou sua arma e a guardou no cinto de sua calça. As narinas largas estavam dilatadas e os olhos vermelhos, o infeliz parecia a um passo de explodir.

— Você não é invencível, Santiago. Seu pai cometeu um erro ao deixar que acreditasse o contrário.

Dando-me as costas, ele se deteve em frente a James, que fazia a guarda da única saída rápida do porão e que não fez nada para facilitar a passagem de Ochoa. Que, quando entendeu o que acontecia, olhou para trás, enfurecido.

— Deixe-o ir, James — ordenei, com prazer. — Miguel sabe que não está pronto para essa briga ainda.

Seu olhar travou no meu e, em seguida, ele tomou o seu caminho. As pernas curtas do infeliz, andando rapidamente até a escadaria.

Não demorei a dispensar os outros homens, Manolo ainda ficou para trás, perguntando a respeito do *belo presente* que eu havia recebido, mas Manoela não era um assunto do qual eu queria tratar. Não quando ainda não tinha sido capaz de decidir o que fazer com a infeliz.

Sozinho, eu me sentei na poltrona e recostei o corpo rígido. Era raro que eu tivesse momentos de paz ou silêncio ao meu redor, porque em 99% do tempo o meu cérebro funcionava a todo vapor e eu nunca abaixava a guarda. A vida da minha família dependia unicamente das decisões que eu tomava.

Fumando um cigarro atrás do outro, meu pensamento veio e foi entre os últimos acontecimentos da noite. Seguiu assim até que Javier entrou no porão, atualizando-me sobre o *pequeno incidente* entre Manoela e Firmino, que não demorou a se juntar a nós dois. Estive certo em imaginar que ele

tentaria limpar o caminho com suas próprias mãos. Sua lealdade nunca esteve em xeque aqui.

Firmino daria a vida por qualquer Salvatore, e essa era a única razão pela qual eu não metia a porra de uma bala em sua cabeça por me desobedecer.

— Da próxima vez que te der uma ordem, eu espero que a siga à risca! — rosnei baixo, assim que Javier nos deixou a sós.

— Como espera que eu faça isso, se está na cara que a cadela não é confiável?

— Não estou dizendo que ela seja. — Continuei sentado, cansado pra caralho, com a mente correndo entre um problema e outro.

— Livre-se dela então, antes que...

— Antes que o quê? — Ergui a cabeça, e o encarei. Notando-o respirar fundo antes de continuar:

— Esse não é o melhor momento para que perca a cabeça pela boceta de uma garota que mal saiu das fraldas, Santiago. Estamos pisando em falso aqui, qualquer decisão errada... — Ele fez um sinal de explosão com a mão, mas havia algo, um mero detalhe que havia me perturbado pelas últimas horas.

E nada tinha a ver com a morte de Jiménez.

— Ela tem um medalhão — revelei, mesmo sem ter prestado a atenção que deveria a ele, mas não era cego e pude ver a corrente fina ao redor do pescoço da garota. E de uma forma que jamais entenderia, eu tinha certeza do que encontraria se o abrisse. Porque como aquele medalhão, no país, havia milhares.

— Não seja paranoico. Quantos homens já não matou com a porra de

um medalhão? — Muitos. Mas nunca um tão parecido como o do miserável que estripei anos atrás. — E tem mais... digamos que fosse o mesmo medalhão, o que não estou dizendo que seja, isso daria a você apenas outro motivo para que ela esteja morta antes do amanhecer.

Olhei para a garrafa de tequila vazia enquanto engolia em seco. As memórias do passado vindo à tona. A velha certeza de que havia alguém dentro daquela casa, era uma lembrança que sempre me deixava agitado. Firmino não teve a chance de revirar o lugar depois de sairmos, porque era tarde demais.

A casa foi abaixo por conta do fogo. Então vieram os meses de buscas, que não nos levou a lugar algum. Se Calixto tinha ou não uma filha, como um de meus homens deixou escapar na época, ela deve ter morrido queimada ou de fome. Ou, então, acabado em um puteiro qualquer.

— Eu teria notado, Santiago, você sabe que eu teria. — Firmino procurou me acalmar, ao perceber o caminho que meus pensamentos seguiam. Nós tínhamos conversado sobre o assunto antes, não somente uma vez. — E mesmo se tivesse alguém lá dentro, eu aposto que morreu no incêndio. Os ossos que encontramos não eram apenas de Calixto. — Nos entreolhamos por um segundo. — Agora, quanto a garota...

Eu nunca o tinha visto tão disposto a resolver um problema, como parecia em relação à Manoela. O meu lado racional me pedia para que o deixasse cuidar da garota, que desaparecesse com o corpo da infeliz como fez tantas vezes; mas o outro lado, o passional, gritava que ainda não era o momento.

— A ordem prevalece. Mantenha suas mãos longe dela até que eu diga o contrário.

Firmino me encarou, perguntando-se que porra estava acontecendo

comigo, uma pergunta para a qual nem mesmo eu possuía uma resposta.

Provavelmente a pedido de Firmino, que saiu contrariado do porão, duas das *meninas* de *Jiménez* desceram as escadas com a única intenção de salvar a minha noite. A ideia de rechaçá-las passou pela minha cabeça, não vou negar. Mas desapareceu quando a morena começou a se despir, ficando completamente nua diante dos meus olhos.

Cintura fina, quadril largo. Bom para bater. E seios que mal caberiam dentro de minhas mãos, e elas eram grandes.

Acenei para que se aproximasse enquanto assistia a sua colega ficar nua. E com uma única pegada em sua nuca, eu a fiz se ajoelhar entre as minhas pernas. Os dedos com unhas longas e afiadas desafivelaram o cinto da calça ajustada em minhas coxas, dando a ela a visão exata da espessura do meu pau.

Ergui o quadril, para facilitar que ela a descesse pelas minhas pernas. O que fez a putinha sorrir em antecipação e envolver a mão ao redor do membro duro. Latejei em resposta, e comigo ainda no controle, eu a forcei até que sua boca estivesse sobre o meu pau. Os lábios arreganhados enquanto ela sugava com dificuldade a cabeça larga.

Molhando-a primeiro, para em seguida tentar engolir cada centímetro de ereção. Ouvi-a engasgar-se, e fechei os olhos. Fazendo toda a merda do trabalho ao foder a boca gulosa e experiente.

— Porra! — grunhi, abrindo os olhos com ferocidade apenas para ver a loira se masturbar com a cena, sentada, de pernas abertas sobre a mesa de centro.

Inclinei-me para a frente, e a puxei. Beijando-a na boca, mesmo sabendo que se tratava de uma puta. Não tinha frescura comigo, e eu gostava que fosse assim com elas. Safadas, dispostas a tudo.

Gozei forte, querendo extravasar o tesão bruto que sentia desde o instante em que tive um gosto da boca daquela ninfeta de olhos famintos. Despejando todo sêmen em jatos grossos na garganta da cadela enquanto a mão emaranhada em seu cabelo a mantinha imóvel. Somente quando a safada se viu livre do meu pau, foi que ela tomou fôlego e lambeu os resquícios de gozo em meio às lágrimas que caíam de seus olhos.

Ainda respirando duro, ofegante pra caralho, eu as vi se beijarem e compartilharem o gosto de sêmen entre elas. Sorri de forma áspera ao me dar conta que o desejo que sentia não fora saciado, e deitei a cabeça contra o recosto da poltrona, exausto, mas com um único pensamento em mente: a infeliz da garota.

E o quanto eu gostaria que tivesse sido a boca apertada dela ao redor do meu pau essa noite.

MANOELA GARCÍA

Pisquei assustada, entre um feixe e outro de lembrança. O cansaço começando a cobrar o seu preço, mal me permitindo manter os olhos abertos. Com o quarto banhado pela escuridão, a pouca iluminação a qual tinha acesso vinha através da sacada que permaneceu aberta. Alta o suficiente para impedir qualquer tentativa de fuga. Enquanto as horas passavam, eu tentei prever o que poderia acontecer comigo. Engoli a raiva e lutei contra a confusão que se fez em meu interior após ter sido beijada por aquele monstro.

Nunca tive medo de Ramírez, ele não tinha poder para me machucar da mesma forma como não tinha a capacidade de fazer meu corpo sentir qualquer coisa. Fosse raiva ou desejo. Com Santiago não foi assim, com ele... eu experimentei ambos. Por mais que a vontade agora fosse a de vomitar, exterminar o seu gosto de dentro de mim e a lembrança do seu toque sobre a minha pele.

Com frio, eu tateei o chão à procura da lâmina e a segurei. Chame-me de louca, mas eu apreciava a dor. Ela me fazia lembrar do porquê eu não podia desistir. E se houvesse alguma chance daquele homem manter-me viva, eu me agarraria a ela assim como seguia agarrada ao *seu maldito presente*.

Atenta a cada ruído vindo abaixo da sacada, e mais ainda a porta à minha frente, eu me movi desconfortável no chão duro e gelado, ignorando a bagunça feita ao redor do quarto.

Foi em um desses momentos que devo ter cochilado e despertado assustada ao escutar a porta se fechar. Abrindo os olhos com rapidez, eu me deparei com ninguém menos do que o demônio em carne e osso. Ainda que assustadoramente belo.

Cada segundo que o infeliz levou para se aproximar, forçou o meu coração a bater um pouco mais acelerado. Se eu tivesse como rastejar para longe, eu o teria feito, mas a verdade é que eu já havia dormido e acordado tantas vezes ao longo das últimas horas que não podia dizer se estava sonhando ou se era real.

Ajoelhando-se diante de mim, eu observei o par de olhos azuis inconfundíveis me fitarem com extrema curiosidade em meio à penumbra.

— Você estava chamando pelo seu pai. — Seus dedos acariciaram o meu queixo, como se ele tivesse permissão para tal coisa.

— Não... encoste... em mim — reagi, dando-me conta de que não se tratava de outro pesadelo. E consciente, eu tentei pegar a lâmina, mas Santiago se mostrou mais rápido em me impedir.

— Você não vai precisar dela, fique calma. — Ele a afastou, detendo o meu braço em seguida. — Agora me diga, com o que estava sonhando? — Ao ver que eu não pretendia respondê-lo, Santiago continuou: — Você chamou pelo seu pai. Como, exatamente, ele morreu?

Eu poderia dizer em detalhes e de forma tão real e detalhada que o infeliz se lembraria na hora, mas tudo o que respondi foi:

— Não importa.

— Pelo visto importa para você.

Notei que sua camisa agora se encontrava aberta, e as mangas dobradas até a metade de seus braços. Mas já não era o *seu cheiro* a predominar, havia alguma coisa a mais. Algo como perfume barato. Um cheiro tão doce que me revirou o estômago. O desgraçado havia me beijado e, em seguida, ido atrás de alguma puta!

Afastei sua mão do meu rosto e o empurrei, com raiva.

— Se fosse o seu pai... você não se importaria? — inquiri, sabendo que o irritaria.

Desejando mais do que nunca que ele sentisse a minha dor, e que tivesse a porcaria do seu coração arrancado de dentro do peito como o meu foi. E mais, eu queria que Santiago assistisse a tudo, que visse a vida ser drenada do monstro que ele chamava de pai.

— Não estamos falando a meu respeito, Manoela — soou agressivo, demonstrando que Juan Carlos não era um assunto que gostasse de trazer à tona. — Vejo que... teve tempo de redecorar o quarto. — Deu-se conta, enquanto olhava ao redor do cômodo.

Encarando-me após a checagem, com sua mandíbula cerrada em desgosto. Eu só não conseguia entender por que ele não tinha tentado me forçar a nada ainda. Por que era isso que homens como ele faziam, não é? Machucavam, tomavam o que queriam.

Talvez ele não te queira.

— Por que estou aqui? — exigi saber, forçando-me a manter a calma.

Assim como eu, Santiago também era bom em escapar de perguntas. Em vez de me responder, ele segurou o meu queixo, virando-o em direção ao pequeno feixe de luz que entrava e me observou.

Respirou severamente ao identificar o hematoma ganhando cor em meu rosto, como se buscasse por algum controle que não existia.

— Eu posso imaginar o quanto você deve ter provocado Firmino para que ele chegasse a esse ponto... — O que o desgraçado não podia imaginar, era como eu desejava fazer o mesmo com todos eles. Firmino, Santiago. Juan. — Dói? — Levei apenas um instante para me dar conta ao que se referia.

— Não — menti, escondendo o rosto para que ele não visse a pele machucada. Se a dor que eu sentia significava alguma coisa, é que amanhã eu estaria com a bochecha roxa.

— Não banque a estúpida, Manoela. — Voltou a me segurar. — Não comigo, e não com os meus homens. Se tivesse sido uma boa garota...

— Ele teria me matado! — rosnei, hostil, odiando que seus dedos ainda estivessem sobre mim. — Só não fez porque Javier interferiu. — Os olhos azuis se estreitaram. — Mas você não dá a mínima, não é? Porque é para isso que estou aqui... porque você vai...

Surpreendendo-me, Santiago cobriu a minha boca com a palma de sua mão.

— Você não sabe por que está aqui. — Seu rosto sobrepôs-se ao meu, conforme ele afastava a mão e seus lábios se encaixavam superficialmente aos meus. — Então não coloque palavras na minha boca, porra! — Senti o toque áspero de sua língua, a ardência que veio junto...

Ainda tentei lamber o meu próprio lábio, com o intuito de suavizar a ardência, mas meu esforço não valeu de nada. Eu poderia ter lutado e afastado a sua boca antes que ele me tomasse em outro de seus beijos, mas não era estúpida. Sabia que precisava ceder, mostrar a esse homem que eu era dele para fazer o que quisesse...

Ainda que, no fundo, eu soubesse que jamais me permitiria pertencer a alguém tão violento e assustador como Santiago.

E foi somente porque eu *tinha* de fazer, que eu o beijei. Caindo em tentação ao empurrar a minha boca contra a dele e forçá-lo a terminar o que havia começado.

Foda-se o cheiro das putas com quem o infeliz tinha estado, porque eu

me certificaria de que essa fosse a última vez dele com uma delas.

Reagindo a provocação, Santiago tomou posse da minha boca com uma brutalidade que só poderia ter sido causada pelo álcool. Isso, ou a mulher com quem esteve não fez o trabalho da maneira certa... porque o homem parecia alucinado. Cheio de desejo. O gosto de tequila mostrou-se mais presente, como se tivesse acabado de beber uma garrafa inteira somente na última hora.

Engasguei-me com o álcool misturado a sua saliva, sentindo-os se espalharem pelo céu da minha boca e afetar diretamente o meu cérebro que ficou quieto. Submisso aos beijos, enquanto me sentia incendiar entre as pernas. O pior era a sensação de estar úmida, completamente molhada. Se o homem apenas me tocasse lá embaixo, ele veria o estado em que eu me encontrava. A ideia de que algo assim pudesse acontecer, tornou-me incapaz de respirar.

Como se soubesse exatamente a sensação que me causava, Santiago rosnou. O som a lhe escapar em meio a aspereza do duelo entre nossas línguas, fez com que cada pelo do meu corpo eriçasse. Não acho que tenha, na vida, escutado algo mais erótico do que o grunhido de prazer desse homem.

Olhei-o curiosa, em meio ao beijo sôfrego, com sua boca ainda na minha. Santiago também o fez, travando o seu olhar no meu até que, com a mesma ferocidade com que começou, ele pôs fim ao beijo sem necessariamente se afastar. Continuei com a boca atada a sua. Ambos respirando como se não houvesse ar o suficiente ao redor.

Confesso que esperava mesmo um homem selvagem, passional. Mas não imaginei que me veria tendo que separar o que *eu precisava fazer*, do que *sentia vontade* de fazer. A possibilidade, aliás, de que eu pudesse gostar

nunca passou pela minha cabeça.

— Responda-me uma coisa, Manoela — pediu com uma suavidade que contrariava o seu instinto animal. — Com quantos homens já esteve?

Confusa, eu contra-ataquei.

— Que diferença faz?

— Quantos? — exigiu, perdendo rapidamente a paciência. — Você não percebe, não é? — Ele segurou a lâmina. — Quanto mais se recusa a cooperar, mais difícil será sua estadia dentro dessa casa. O que eu dou eu posso tomar, *amor*. Lembre-se disso.

Encaramo-nos, até que comentei:

— Um — admiti contrariada, levando a sério a sua ameaça de me tirar o único objeto capaz de me fazer sentir minimamente segura. Eu poderia ter mentido, dito qualquer coisa que não a verdade, mas não via motivos para esconder *isso* dele. Ramírez foi o único homem com quem estive, ele me ensinou o que era sexo. Mas nunca foi capaz de me fazer gostar.

Ou até mesmo... gozar.

— Praticamente uma virgem.

— Eu disse *um*, não *uma* vez — corrigi-o.

— O que não muda nada, *amor*, porque você beija como se fosse uma virgem. Até mesmo o seu gosto... é inocente. Como o mel que deve escorrer dos anjos, brega, eu sei. Mas é assim que me sinto beijando você, como se estivesse cometendo a porra de um pecado. — Gemi ao ter meu cabelo puxado na nuca, instantes antes de ele se aproximar e expirar o hálito da minha boca. — E de pecados, eu entendo.

Ele lambeu os seus próprios lábios, os olhos tão famintos que parecia estar sob efeito de alguma droga alucinógena. Então, como se odiasse ver a

marca de agressão em meu rosto, ele desviou o olhar e se afastou, de repente.

— Durma bem, Manoela — desejou, enquanto eu o assistia se levantar e andar pelo quarto. Deixando-me com a lâmina. — Eu a verei amanhã — declarou, com a voz fria.

Sua inconstância confundia-me ainda mais. Porque, droga, eu não queria ser seduzida. Ou acreditar que tinha alguma escolha quando se tratava de nós dois. Então, por que ele agia como se eu tivesse?

— Quando poderei ir embora? — arrisquei, não querendo que o infeliz fosse embora antes de responder a cada uma de minhas perguntas. — Quando? — gritei, ao não obter resposta, o que o fez se deter próximo à porta.

E, ainda a distância, dizer implacável:

— Te aconselho a não criar problemas pelas próximas horas. — Santiago se virou. — Há homens por toda a propriedade avisados sobre o que devem fazer se *uma coisinha pequena* como você for vista tentando escapar.

Encarei-o, enraivecida. E antes que pudesse jogar contra ele o vaso caído ao meu lado, grande o suficiente para fazer um estrago, eu o escutei:

— Pense muito bem nas decisões que toma, *amor*, porque, quando eu começar a revidar... você não irá gostar.

A porta do quarto bateu com força, ouvi-o virando a chave no lado de fora, deixando-me tão nervosa que atirei o maldito vaso contra a estrutura rígida.

— Filho da puta, você ainda me paga — grunhi baixo, enquanto me arrastava até o *meu lugar de segurança*. Forçando-me a não desabar.

Porque eu não era mais a garotinha assustada que presenciou seu *papá* sendo morto. Não, eu era a mulher com sede de justiça. Disposta a fazer esse

homem sangrar da pior maneira, mesmo que isso me matasse no caminho.

MANOELA GARCÍA

O sol adentrava o quarto pela sacada quando acordei, depois de uma noite inteira sem nenhum dos pesadelos que, por vezes, faziam-me despertar angustiada. Pela posição em que o sol se encontrava eu supus que não fosse mais do que seis horas da manhã. O que era bom, pensei, vendo os raios refletirem por sobre o chão de mármore frio até a parte da cama onde me encontrava deitada.

Consciente de onde estava e do porquê, eu me levantei, cobrindo-me com o roupão limpo encontrado no banheiro na noite passada. Meus pés fazendo o caminho já conhecido enquanto me arrastava até a sacada alta. O sol que atingiu o meu rosto, fez arder a pele atingida. Eu ainda não havia me olhado no espelho, mas podia imaginar o quanto o hematoma deveria estar arroxeado.

Fingindo apreciar o momento, como se não houvesse preocupação alguma na cabeça, eu me inclinei contra o corrimão e observei a movimentação no andar inferior, atenta a cada maldito detalhe.

A segurança se mostrava tão intensa como a da noite anterior, nada de novo até aí. Olhei ao redor, em uma tentativa de parecer desinteressada sobre como *o exército* de Santiago trabalhava. Mas confesso que era difícil *não notar* que seus homens andavam livremente armados pela propriedade. E eles não andavam como os infelizes que trabalhavam para Ochoa. Não, os de Santiago agiam como se tivessem treinamento militar.

"Dizem que ele tem um cofre com armas militares roubadas do próprio exército americano", Ramírez revelou, certa vez. *"O filho da puta é*

ganancioso, Manoela. Gosta apenas do melhor”.

E quem não gostava?

Pouco importava de onde vinha o armamento de Santiago, desde que eu descobrisse alguma forma de chegar até o *tal* cofre. Dizem que conhecer o inimigo era a melhor forma de se vencê-lo, e se Ochoa e eu quiséssemos pôs o lugar abaixo então precisaríamos saber o que nos esperava por baixo dessas paredes, pensei, ao caminhar até o banheiro e me enfiar sob os jatos fortes de água quente.

Somente quanto terminei o banho foi que me forcei a virar e encarar meu corpo no espelho cobrindo uma parede inteira do boxe espaçoso. Aproximando-me dele, com a pele e os cabelos molhados, eu passei a lateral do punho contra o vidro. Finalmente preparada para ver o estrago feito por Firmino na noite anterior.

As sardas e o ardor em minhas bochechas deram-me as boas-vindas, sendo velhas conhecidas minhas. Meu cabelo, que caía até um pouco abaixo dos ombros, ainda exibia um punhado de mechas loiras. Resquícios da vez em que o pintei completamente de loiro.

Como se combinasse com o conjunto, lá estava o hematoma em meu lado direito. Cobrindo não apenas a bochecha, como uma parte pequena do meu maxilar. *“Filho da puta!”*, pensei, em um acesso de raiva temporário. Porque, assim que me acostumei a imagem, eu notei uma outra marca bem mais profunda. Levei a mão até o meu pescoço e as toquei. Como se ainda fosse capaz de sentir os dedos de Santiago sobre mim. Nunca escondi o apelo que a dor me causava, mas, até então, nunca imaginei que de onde vinha *essa pequena* fagulha inexplorada também pudesse vir o desejo irracional de experimentar mais. Ir até o meu limite.

Mesmo que não soubesse qual ele era.

O som de algo caindo dentro do quarto fez-me despertar do transe inofensivo, e voltar à realidade.

Enxuguei-me parcialmente, e me cobri com a toalha mais macia que havia sentido ao redor do meu corpo em toda a minha vida. E, mais curiosa do que assustada, eu deixei o banheiro e me juntei ao intruso no quarto, deparando-me imediatamente com Javier.

— Ele quer vê-la — avisou, mantendo seus olhos em meu rosto. Ainda que estivesse diante de uma mulher parcialmente molhada, e nua por baixo da toalha.

— Você poderia ter batido. — Eu o encarei do outro lado da cama, sem um pingo de vergonha enquanto o via depositar duas caixas de luxo vermelhas sobre a cama. — Você viu a minha bolsa? — perguntei de repente, ao me lembrar que a única forma de manter contato com Ochoa era com o telefone que eu havia trazido comigo e que se encontrava na *clutch* perdida. — Javier?

— Você não vai precisar dela. Agora se vista e me encontre lá fora, Santiago não gosta de esperar.

— *Não gosta*... e nós não podemos permitir que o *impaciente* Sr. Salvatore, fique irritado, não é? — Nunca fui boa em esconder o meu lado cínico, ou atrevido, mas com Javier eu me sentia *quase* segura. Era como se soubesse, intuitivamente, que ele seria incapaz de me machucar.

Eu esperava estar certa, porque não era de confiar em muitas pessoas.

— Santiago pediu que trouxesse também alguns comprimidos. — Vi-o estender uma cartela de remédio. — Ele quer que você os tome, caso esteja com dor. — Javier olhou para o lado atingido da minha bochecha como se

estivesse com pena, o que acabou com a animosidade que pudesse sentir por ele.

Sempre odiei que se compadecessem de mim, ou que me vissem como uma órfã coitadinha e vulnerável. O papel nunca me coube, e não iria começar agora.

— Foda-se o que você e aquele homem querem. — A dor permaneceria. Eu dependia dela para sentir que ainda estava viva.

Javier me encarou por um instante, até que se retirou. E, dessa vez, a porta do quarto não foi trancada, mas eu duvidava que não houvesse uma horda de homens no lado de fora agindo como se eu fosse *extremamente* perigosa.

Sem entusiasmo, eu me vi abrindo o pacote maior e me deparando com um vestido amarelo suave, de um tecido tão fino, que gritava *exorbitantemente caro*. Hesitei antes de pegá-lo, mas acabei por o transpassar ao redor do meu corpo. Finalizando com um laço em minha cintura. Continuei a vasculhar a caixa à procura de peças íntimas, encontrando abaixo do papel de seda uma calcinha minúscula de renda preta.

Subi-a pelas pernas, sentindo-a pequena. Pelo menos, um número menor do que eu usava normalmente. As tiras nas laterais tão finas que afundaram em meu quadril. Acreditando se tratar de um erro, eu fechei a caixa e me dediquei à outra, que foi onde encontrei um par de sandálias *nude*. Saltos altos, solado vermelho...

Como se eu fosse uma boneca, um corpo sendo adornado.

Com o rosto limpo e o cabelo ainda molhado, eu me olhei em frente ao espelho do *closet*, cujos armários encontravam-se vazios. O tecido fluído do vestido, por sorte, escondia o fato de que eu estava ligeiramente *apertada* lá embaixo. A cor clara deixava-me ainda mais pálida. Era como vestir uma

segunda pele. Ignorei o fato de que, através do tecido levemente transparente, podia-se ver a cor rosada de meus mamilos, cuja ausência de sutiã os deixou livres, pesados sob o vestido.

Impassível, eu deixei o quarto instantes depois. Não precisava de coragem para sair, e sim de um motivo. E já o tinha. Javier me lançou um olhar rápido ao me ver *pronta* e simplesmente começou a caminhar, esperando que eu o seguisse. A apreensão só veio quando descemos a escada lateral da ala de Santiago, nos juntando ao restante do *exército* enquanto fazíamos o mesmo caminho de ontem.

Em direção ao estábulo.

Com o dia claro e extenuante de tão quente, eu registrei cada parte escondida pela escuridão da noite passada, mas nenhuma memória se assemelhava ao que meus olhos curiosos enxergavam agora. A propriedade era enorme, uma área florestal tão densa e extensa que deveria ser considerada ilegal. E havia latidos, distantes, mas altos o suficiente para que ficasse claro a existência de vários cães.

Encarei Javier, em busca de respostas.

— É mesmo necessário toda essa segurança? — puxei assunto. — Cães, dezenas de homens armados. Só falta você me dizer que em algum lugar aqui dentro há um arsenal de guerra...

Existiam boatos a respeito de um túnel debaixo da casa principal. Mas nunca foram confirmados. Ochoa mesmo nunca teve certeza ou foi capaz de encontrar alguém que dissesse com todas as letras ter visto algo do tipo.

— Você não deveria acreditar em tudo o que escuta, *gatita*.

Ou talvez devesse.

— Eu não disse que escutei algo.

Javier me encarou de canto, o gesto foi o suficiente para que nós dois soubéssemos que, um, ele havia falado demais. E dois, eu tinha conseguido o que queria: informação.

Sentindo-me com o humor melhor, dirigi a minha atenção ao comboio de sedãs com placas militares passando em alta velocidade pela estrada ao lado de onde caminhávamos. Não pude me impedir de procurar por quem levavam, mas não consegui identificar nada de concreto. Apenas a suspeita de que Santiago poderia estar envolvido com algum deles de alguma forma... Mas quem e até que ponto?

Olhei para trás conforme o comboio se afastava, e em seguida continuei a caminhar ao lado de Javier. Segui calada, pensativa, até o momento em que me deparei com uma parte da propriedade, que não havia sido capaz de identificar na noite anterior: a arena de corrida e treinamento externo. Um acréscimo ao estábulo, acredito eu.

E era justamente aqui que o *bicho-papão* se encontrava.

O corpo másculo, inclinado sobre a cerca de proteção. E o olhar, indo e vindo no animal a correr dentro da arena. E se o que diziam era verdade, a única fraqueza desse homem eram os seus cavalos.

— Ele tem que ter algum ponto fraco. — Lembrava-me de ter perguntado a Ochoa. Santiago poderia ser o maior narcotraficante desse país e um assassino de sangue frio, mas, droga, deveria ter algo que lhe colocasse de joelhos. — Qualquer coisa.

— Eu não contaria com isso — Ochoa respondeu. — Já vi aquele homem matar amigos de infância, como se não significassem nada. Não entre naquela casa esperando que ele vá se apaixonar por você... Santiago pode te querer na cama dele, mas é só isso, Manoela. Ele não tem coração.

Alguém nesse meio tinha?

— Há os cavalos. — Ramírez, que até então tinha escutado a conversa sem acrescentar nada, decidiu falar: — A coleção dele é valiosa. E até onde eu sei, ninguém tem permissão de se aproximar dos animais.

— Cavalos? — O que havia de mais em cavalos?

— São somente animais, Ramírez! — Ochoa grunhiu.

— Para ele são bem mais do que isso, Manoela irá entender quando os vir.

Não levei fé nas palavras de Ramírez, tão descrente quanto Ochoa na época, mas o infeliz não errou. Não se fôssemos levar em conta o fascínio com que Santiago encarava o espécime feroz à sua frente. Pela altura e constituição física do bicho, ficou fácil compreender por que as cercas eram maiores do que normalmente seriam e tão mais reforçadas.

Talvez por eu ser menor do que a maioria das mulheres, eu temi o animal assim que o vi. Havia algo de sombrio nele, e não me referia à evidente violência que emanava. Era mais a sensação de que *aquilo* poderia me esmagar com uma única pisada e o faria sem dó. Como o seu dono tentaria.

Não me atrevi a dar qualquer outro passo em direção aonde Santiago e o animal estavam, escolhendo manter uma distância segura. Pelo menos enquanto avaliava o real poder de ameaça que o cavalo representava.

O quão boba eu era por não ter medo de qualquer um desses homens, mas ter medo da besta feroz*?*

— Vá até ele. — Escutei a voz de Javier ao meu lado, mas foi como não se o tivesse feito. — Manoela?

— Eu escutei — disse, antes de o fazer. Passadas curtas e demasiadas lentas, que foram suficientes para perceber que eu estava certa na noite passada, nada em Santiago soava inofensivo. Cada centímetro dele era intimidante. Peito largo, torso coberto por músculos sólidos. E se o que havia conseguido ver ontem à noite em meu quarto fosse uma prévia do que encontraria em algum momento, havia uma linha fina de pelos escuros que começavam desde os primeiros botões abertos de sua camisa e desciam até se perderem por dentro da calça.

Se não fosse o bastante, o infeliz era cheiroso. Uma mistura intensa, viril. Capaz de deixar as pernas de qualquer mulher bambas.

"Mas eu não era qualquer mulher", precisei me lembrar.

O que mais me preocupava desde que soube que teria de seduzi-lo, no entanto, não era a sua brutalidade ou selvageria. E sim o fato de que o homem tinha o dobro da minha idade.

Ficando ao seu lado o mais silenciosamente possível, Santiago pareceu se dar conta da minha presença.

— Dormiu bem? — perguntou, mantendo seus olhos focados no animal, que se deteve no interior da arena como se também fizesse caso da minha presença. Só que não foi força ou beleza que enxerguei ao encarar dentro dos olhos negros como carvão, foi loucura.

— Irá se decepcionar se eu disser que tive uma noite terrível? — Consegui dizer, atraindo a atenção de Santiago, que me encarou, observando com cuidado o hematoma que não tive como esconder.

Seu maxilar cerrou, o que não o impediu de se virar. Voltando a se inclinar sobre o cercado.

— Eu não sou um homem de alimentar decepções, Manoela — disse,

ignorando-me por completo enquanto observava a *besta feroz*, que aparentava estar muito mais agitada agora.

— Deixe-me adivinhar, você sempre espera o pior de todos? — perguntei, mantendo os braços cruzados em frente ao meu corpo. Fiquei a um passo atrás de Santiago, temendo me aproximar mais e acabar sob a mira do animal.

— Isso evita alguns problemas, não acha? — Fui incapaz de pensar em alguma resposta ao ouvir o relinchar vindo da arena. Impressão ou não, era como se cada galopar que a besta desse o chão ao redor vibrasse.

— Vejo que ele te impressionou.

— O quê? — perguntei, distraída.

— Kaiser. — Acenou para o cavalo, e eu meio que sorri. Porque a última coisa que estava era impressionada. — Você não consegue desviar seus olhos do animal.

Verdade, mas não pela razão que ele imaginava.

— Imperador — traduzi o significado de seu nome, nem um pouco surpresa. — Claro que ele teria esse nome.

— Não me culpe, eu não sou o primeiro dono dele. O arrogante aqui não fui eu.

Encarei-o, nem um pouco convencida. Porque algo me dizia que, se tivesse a chance de nomear Kaiser, o infeliz teria lhe dado um nome igualmente arrogante.

— Quantos cavalos possui? — desconversei.

— Nesse estábulo são treze.

— Todos parecidos com... *ele*? — Um monstro feroz de quatro patas.

— Em valor, sim. Em comportamento, não. Kaiser é o que podemos chamar de temperamental.

— Como o dono?

Santiago sorriu, as linhas finas de seu rosto mostrando-se visíveis.

— Não sou temperamental, Manoela. Sou objetivo. Quando vejo algo que desejo, eu tomo. E se alguém me desagrada...

— Você o tira de seu caminho — falei sem pensar, voltando minha atenção aos homens que, de repente, haviam se aglomerado ao redor da arena. Dois na outra ponta, e um à minha direita.

Ochoa também tinha proteção, mas nada *desse* nível.

— Por que *ainda* estou aqui? — sussurrei, querendo encontrar sentido em qualquer uma de suas ações. Depois de ontem, eu realmente acreditei que a essa altura estaria morta.

— Primeiro você se alimenta, depois conversamos.

— Não quero comer, só quero... uma resposta que explique porque eu estou viva.

Santiago me fitou, surpreso, por eu estar sendo direta. Ele não era o único *objetivo* aqui ao que parecia.

— Tem certeza de que deseja ter essa conversa de estômago vazio?

Não sei se o infeliz podia escutar, mas eu estava faminta. Só que me conhecia, jamais conseguiria comer sem que ele me dissesse o que esperava de mim. A incerteza tinha o poder de drenar com qualquer necessidade que pudesse ter.

— Com fome ou não, eu prefiro conversar.

— Claro. — Ele se virou ao dizer com a voz macia, obrigando-me a

erguer o rosto se quisesse encará-lo. A barba por fazer, cobrindo o seu maxilar, parecia um pouco mais cheia do que ontem. Por todo o caminho que seus olhos percorreram ao olhar para mim, mantive a respiração suspensa. Santiago não me tocou, e não acho que pretendia. Não com seu *exército* espalhado às margens de onde estávamos. Ainda assim, eu o senti averiguar com cuidado a extensão do hematoma. — Tomou os comprimidos que enviei por Javier?

— Não dói — voltei a mentir. *Às vezes, era tão fácil.*

Surpresa, eu o vi estender a mão e averiguar por conta própria, fazendo-me comprimir os lábios, porque sim... eu sentia dor. Mas não muita.

— Não dói, não é? — disse, com a voz dura e, em seguida, completou: — Venha, nós não teremos essa conversa aqui.

Com a mão que havia me tocado no rosto, Santiago a apoiou em minhas costas conforme me guiava até o interior do estábulo. O número de pessoas aqui dentro hoje era menor do que eu teria imaginado. O que mostrava, outra vez, o quanto Ramírez estava certo sobre a adoração dele por esses animais.

— Quanto eles valem? — perguntei baixo, sem saber para onde olhar.

Todos os cavalos dentro de suas baias possuíam aparência imponente, mas não tão bárbara quanto a de Kaiser. Ainda assim, eu duvidava que a pequena coleção mantida a sete chaves tivesse lhe custado pouco... Cada animal aqui dentro deveria valer milhões, droga!

O homem era louco.

— Mais do que essa sua cabecinha poderia imaginar. Mas, para mim, não é o dinheiro que os tornam valiosos. É a história por detrás de cada um.

— E você os coleciona...

Ele não me respondeu, deixando-me quieta para admirá-los enquanto atravessávamos o estábulo. Na frente de cada estrutura individual, havia uma bandeira que representava seu país de origem: Itália, Estados Unidos. Brasil.

— Kaiser vem de onde?

Santiago me encarou, acenando para que eu subisse à sua frente.

— Javier não mentiu a seu respeito. Você é uma *coisinha* curiosa, não é? — A voz soou ameaçadora, assim como o seu toque em minhas costas, incentivando-me a subir os degraus.

Alcancei o alto da escada rapidamente, e segui pelo mesmo corredor estreito da noite passada. Santiago só passou por mim ao chegarmos no escritório. Esse sendo o momento em que ele relaxou e acendeu um cigarro, com uma tranquilidade que homens como ele não deveriam demonstrar.

— Sobre o pesadelo da noite passada, é um acontecimento frequente? — A pergunta pareceu inocente, mas nada aqui o era. Eu conhecia o jogo.

— Eu não me lembro de nada — menti, temendo ter falado o nome de meu pai. Ainda que Ramírez tivesse confirmado que tudo o que eu gritava era *papá*. Eu o chamava durante o sono, revivia a cena... até ficar tão exausta que desistia de dormir.

— Não se lembra de ter gritado por seu pai? — Balancei a cabeça, vendo-o se aproximar. — Nem de implorar pela vida dele? — Santiago ergueu o meu queixo. — Diga-me como o seu pai morreu, *amor*. Preciso admitir que fiquei curioso.

Santiago não me pareceu curioso, e sim desconfiado. Seu polegar passeou pelo meu rosto vagarosamente, detendo-se sobre o meu lábio.

— Ele foi assassinado. — Seus olhos ganharam uma intensidade diabólica, que eu só tinha visto em duas ocasiões. Quando matou o meu pai, e

quando atirou em Jiménez. Em contrapartida, senti seus dedos escorregarem pelo meu pescoço, primeiro onde ele havia deixado marcas e só depois, em direção ao medalhão que eu usava.

Santiago o colocou entre os dedos e, em seguida, olhou dentro dos meus olhos.

— Esse não é um mundo seguro para uma garota como você, mas acho que já percebeu, não é?

— Eu sei me cuidar sozinha. — Afastei sua mão do único elo que ainda tinha com o meu pai, irritada, por vê-lo tocar e sujar o meu medalhão.

— Acho que não, *preciosa* — rebateu, com a voz intencionalmente mansa. — Caso contrário, não teria acabado nas mãos de Jiménez e nem tido a estupidez de entrar dentro da minha propriedade com o intuito de me matar. — As narinas de Santiago se alargaram, incapazes de esconder o que ele realmente sentia. — Eu a admiro, no entanto. Há muito tempo não conhecia alguém com a ousadia de acreditar que poderia foder comigo e sair ilesa...

— Eu não fui até o fim — sussurrei, com a respiração fraca apenas pela sensação de ter os seus dedos escorregando pelas laterais do meu quadril, levantando o tecido fino do vestido de forma tão lenta, que foi como se o avanço acompanhasse as batidas vagarosas do meu coração.

Então, quando o senti prestes a alcançar a lateral da minha calcinha, Santiago desceu os seus dedos refazendo todo o caminho.

— Não, você não foi — grunhiu, rouco, tornando-me incapaz de impedir que o ardor a se espalhar pelo meu corpo alcançasse o meio de minhas pernas de forma desenfreada e tóxica.

"Não era possível que eu estivesse excitada apenas por causa do toque desse maldito", pensei, atormentada. Deslizei o olhar até onde ele me

tocava e o assisti enfiar seus dedos por baixo da tira apertada envolta do meu quadril, afundando a mão grande sobre a minha carne.

Zonza, eu arfei com a sensação que se repetiu quando Santiago fez o mesmo com o outro lado do quadril. Puxando-me de uma só vez em sua direção e me colocando sobre a mesa em que eu havia me apoiado.

A polpa da minha bunda estalou ao bater sobre a madeira escura e fria, um som altamente erótico que me deixou sem graça.

Do meu quadril, as suas mãos passaram a percorrer o alto de minhas coxas. De forma tão suave, que poderia muito bem ter sido considerada uma tortura. Não somente para mim, pois o maxilar cerrado de Santiago denunciou o esforço que o homem vinha fazendo para se controlar.

A respiração pesada, ofegante pra caralho, continuou a ser exalada sobre o meu rosto, deixando-me bêbada com a sensação. O hálito, que desejei poder lamber e senti-lo no céu de minha boca, foi o responsável pelo atual estado de insensatez no qual me encontrava.

Ainda assim, quando ele olhou para baixo, mais precisamente para o meio de minhas pernas e prendeu a respiração, eu fiz o mesmo. Notando que apenas um filete da calcinha negra havia sido revelada. A boceta, praticamente exposta por causa do tecido estreito, mostrou-se não apenas vermelha pela depilação recente como também úmida. O contato com a renda áspera sendo a responsável por me deixar assim, agindo como se fosse uma preliminar sádica e doentia.

E talvez tenha sido. Pelo brilho nos olhos do filho da puta, eu cheguei a conclusão de que ele não tinha errado o meu número. O desgraçado tinha feito de propósito!

— Eu sabia que você ficaria perfeita dentro dela — grunhiu baixo, referindo-se à calcinha que cobria apenas o suficiente da minha vulva. —

Sente como *isso*... esfrega o seu clitóris? — Ele friccionou a renda sobre o monte inchado, bem devagar. — Como mantém sua boceta apertada?

Respirei com dificuldade, tremendo inteira ao ter o tecido rugoso enfiando-se entre os meus grandes e pequenos lábios. E se na parte da frente ela era assim, atrás poderia ser considerada algo mais indecente do que teria sido um simples fio-dental. Fina e levemente incômoda.

O *esfregar* continuou indo e vindo pela boceta inteira. O dedo pressionando em círculos a entrada, e em seguida... subindo até o meu clitóris, que pareceu palpitar e inchar contra a sua mão. Tudo foi acontecendo tão rápido que, quando respirei fundo, minhas pernas involuntariamente se fecharam, para contrariedade de Santiago.

— Não — ladrou, como se tivesse poder para exigir qualquer coisa. — Eu as quero abertas, *amor*. — Ele as escancarou de uma só vez. Impondo-se rudemente entre as minhas coxas enquanto eu caía para trás em busca de apoio na mesa.

Nossos olhares travaram um no outro, comigo tentando compreender o que se passava em sua mente. O que com Santiago mostrou-se ser um esforço inútil, porque era óbvio que ele queria tudo de mim. Cada pedaço.

Sacudi a cabeça em resposta as dúvidas invadindo-me por dentro: o rosto do meu pai voltando à mente, assim como a recente culpa. O que me deixou outra vez sem fôlego, arfando baixinho em busca de controle. Não era como se eu não tivesse sido preparada para estar aqui. Eu só não podia me esquecer quem era o homem intempestivo por trás de todo o prazer que vinha com ele.

— Não me olhe como se eu fosse um monstro...

"*Mas você é*", pensei.

E era o pior entre todos eles. O mais malvado e cruel. Você é o meu pesadelo, em pessoa.

Fechei os olhos, não por revolta. E sim porque Santiago se aproveitou do meu momentâneo estado de vulnerabilidade para enfiar a mão por dentro da minha calcinha e afundar os seus dedos em minha boceta encharcada, sem realmente me penetrar. Não fui a única a gemer ao me dar conta do que ele tinha sido capaz de fazer comigo em tão pouco tempo, o infeliz também urrou. Como o animal que era.

Respiramos insanamente juntos. Santiago esfregando o polegar por toda a minha vulva inchada e excitada, que, mesmo molhada, pareceu apertada demais para suportar a ponta do seu polegar grosso. Não era possível. Ramírez não era pequeno, mas algo me dizia que Santiago estava em um outro nível...

Seus pés, os dedos. A mão larga e áspera. Eu não queria nem imaginar como ele seria lá embaixo, pensei, ao umedecer os meus próprios lábios com a saliva.

— Toda melada, caralho! — o homem grunhiu, rouco. Metendo o dedo do meio, só a pontinha dele, em minha entrada enquanto o resto de sua mão me apertava inteira. A palma, massageando o meu clitóris carente.

Tentei segurar a sua mão, impedir que ele continuasse a espalhar os arrepios tomando-me por completo, mas não havia força no mundo que o impedisse de continuar. Seu braço permaneceu rígido, as veias saltadas e os músculos evidentes.

E, meu Senhor, eu tive medo do que aconteceria.

— Você tem noção de que eu sinto o seu cheiro gostoso daqui, sua infeliz? — Seu dedo me penetrou, a boceta se abriu para recebê-lo. Em seguida, ele enfiou mais dois, até me fazer sentir ardida de tão preenchida.

— Para... Eu... eu não... — *O que eu iria dizer?*

Que não o queria? Que não estava excitada?

— Você ainda é um bebê, porra! Toda apertadinha por dentro. — Oscilei, jogando a cabeça para trás. — Eu passei a madrugada inteira desejando estar aqui... — referiu-se à parte mais sensível e exposta do meu corpo, enquanto ia e vinha. — Sente como me suga, amor? Como é gostoso?

Eu sentia, só queria poder *não sentir*, pensei em meio ao beijo violento que me deu. Meus lábios sendo pegos de surpresa com toda a brutalidade.

— *Sabe o quê?* — chamou a minha atenção. — Anjos não deveriam cheirar a sexo ou beijar da forma como você faz... Só que você não é um anjo, é? — Santiago empurrou os seus dedos tão profundamente, que fui capaz de sentir o aro gelado de seu anel contra a boceta quente e melada. A carícia foi tão intensa que minhas paredes vaginais pulsaram.

O pior é que eu não estava apenas molhada onde ele me tocava, toda e qualquer excitação pareceu ter escorrido pelo interior de minhas coxas. Lambuzando o pulso de Santiago enquanto seu relógio raspava a pele ao redor.

— Algo me diz que você é uma diabinha. — O infeliz mordiscou o meu lábio, recusando-se a se afastar. — Seus olhos não me enganam. Eles dizem tudo o que eu preciso saber.

Eu deveria ter lhe perguntado o que enxergava ao olhar para mim, mas, agindo como um animal, Santiago me puxou. Agarrando-me e me deixando tão desorientada, que eu não sabia se olhava para o volume assustador por baixo de sua calça ou se o encarava.

Escolhei a segunda opção, sentindo-o dar outro passo que manteve

minhas pernas decididamente abertas. O que me fez ter uma noção muito mais clara do que me aguardava. Tanto que, assim que a ereção grossa se aninhou no meio de minhas coxas, eu as tentei fechar. Não tinha maneira no mundo em que eu fosse permitir que algo daquele tamanho me penetrasse. *Aquilo*... iria me rasgar ao meio.

— Não faça isso, porra — grunhiu, sobre a minha boca. — Não me olhe ou aja como se não soubesse como o sexo funciona. Esse é um jogo fodido.

— Não é um jogo — gemi, assustada.

Homens com a sua altura e porte físico normalmente costumavam ser... grandes em tudo. Mas Santiago não me pareceu apenas grande, o infeliz tinha a carne grossa e pesada. A calça que vestia, já não era capaz de esconder sequer a robustez da cabeça do seu pau.

E *ele* inteiro latejou contra o meu ventre. Forçando, exigindo ser liberado. O filho da puta queria me comer e, dessa vez, ele não recuaria.

Tateei o seu peito à procura de estabilidade, algum ponto firme em que me apoiar. Meus olhos indo de encontro ao crucifixo que ele carregava tão orgulhosamente entre o caminho de pelos escuros.

— Desabotoe a minha camisa — ordenou, vendo onde meus olhos permaneciam. Encarei-o, ciente de que não era boa em seguir ordens, mas acabei cedendo e fazendo exatamente o que havia me pedido.

Meus dedos abriram botão por botão, enquanto a pele queimada de sol era revelada.

— Se não for mais rápido... nós ficaremos aqui todo o maldito dia, amor. A ideia me agrada, não vou negar, mas eu sequer estou dentro de você ainda, porra. Então se apresse. — As palavras foram grunhidas contra a

minha testa enquanto eu prestava atenção ao que fazia.

Senti os beijos que deixou, a barba do seu queixo raspar e se esfregar em mim. Como se eu fosse o seu bichinho.

Fazendo com que o trabalho de desabotoar os últimos botões fosse infinitamente mais difícil. Meus dedos tremiam, sem razão específica, e somente quando cheguei ao último foi que puxei a camisa branca por dentro da calça e a afastei apenas o suficiente para que pudesse admirar o seu corpo. Além das tatuagens em seu braço e pescoço, havia algumas no lado direito do seu abdômen. Todas em preto e branco, de traços suaves e, ao mesmo tempo, agressivos. Símbolos que não decifrei, um castelo assustador... e o rosto de uma garota jovem rodeado por rosas que reconheci imediatamente: *a irmã dele.*

Fascinada, eu estendi a mão a fim de tocá-la, mas Santiago apertou minha nuca em resposta. Como se dissesse um sonoro *não*, e deixasse claro que a imagem era especial demais para que meus dedos a tocassem, então... obrigando-me a desviar os olhos eu notei o punhado de cicatrizes que o homem carregava em sua pele.

Cicatrizes que variavam entre cortes e marcas de disparos.

E nelas, surpreendentemente, eu pude tocar. Santiago não se incomodou quando deslizei o dedo por suas cicatrizes enquanto tentava imaginar a história violenta por detrás de cada uma. Ao lado do crucifixo, por exemplo, havia uma que só poderia ter sido feita por alguma bala. Abaixo, no lado esquerdo do seu abdômen, outra que me pareceu um rasgo como se quem o acertou tivesse feito questão de puxar a faca. Não deveria, mas a aparência delas...

Tudo isso me excitou.

A ideia de que, em breve, eu teria dentro de mim um homem marcado

pela violência que o rodeava... ou melhor, que *nos* rodeava, tornou tudo mais intenso. Ainda que o fato de esse homem continuar vivo após todos os malditos atentados me preocupasse.

— Elas te assustam? — perguntou, erguendo o meu rosto com o mesmo dedo que tinha estado dentro de mim, trazendo o cheiro de minha excitação junto dele.

— Não, pelo contrário — revelei confusa, sentindo por baixo da minha mão a cicatriz em seu peito. — Elas me deixaram com ainda mais vontade.

SANTIAGO SALVATORE

Filha da mãe, safada!

Sucumbir à infeliz não fazia parte do plano. Porque eu não tinha dúvida, manter as mãos longe de Manoela teria sido o mais inteligente a se fazer. Mas como resistir a olhos tão tempestuosos e febris, e toda a raiva que emanava a cada mentira que dizia?

Ou então a essa inocência jogada na minha cara pela mulher... que deveria ser tudo, menos inofensiva. Eu era um desgraçado impiedoso, mas, admito, o temperamento explosivo da garota me excitou. Pôs-me de joelhos, facilmente.

Algo que nunca havia acontecido.

Com os dedos de volta a sua boceta, sentindo-a me apertar, eu procurei pela sua boca encontrando a mesma resistência das outras vezes. Beijá-la era um desafio que eu estava mais do que disposto a vencer. Por isso, sem pensar no fim que a ninfeta gostosa teria, eu a golpeei com os dedos até fazê-la gritar.

E ela o fez.

Ofegante, suada. O rosto de expressão angelical, transformando-se em algo pecaminoso. Cheio de luxúria crua, e ela sequer havia gozado.

Exigindo tudo de mim, eu me afastei. Puxei os dedos melados de sua excitação e os apoiei sobre a mesa. Enquanto me convencia de que trepar com ela, uma só vez, não mudaria o seu destino. Manoela era uma mulher morta.

Com ela respirando de forma lenta, eu fitei o decote que cobria os

seios redondos e o tecido fino, incapaz de esconder os mamilos duros de meus olhos. Eu poderia tê-lo arrancado com as próprias mãos, mas não havia nada mais erótico do que *ordenar*... e ser atendido.

— Desfaça o nó de seu vestido. — Como da primeira vez que pedi algo a ela, Manoela hesitou. Rendendo-se com tanta dificuldade, que foi impossível não me excitar. Assisti ao momento em que as mãos delicadas envolveram o laço, que rapidamente se desmanchou, fazendo com que o tecido do vestido, que eu havia escolhido essa manhã, se abrisse revelando a pele extremamente branca do seu corpo.

Engoli em seco ao ver o umbigo pequeninho, a tatuagem abaixo dos seios. A barriga plana, e o cós apertado de sua calcinha. Então o que soou como rendição, pareceu tortura. E eu me vi enfeitiçado pela cadela.

— Tire-o todo, *amor* — pedi rouco, vendo-a deslizar as alças finas do vestido, que se espalhou sobre a mesa, expondo os seios mais lindos e redondos que vi na vida. — Caralho, por onde se escondeu por todo esse tempo? Se soubesse que havia uma *coisinha* como você andando por aí, eu já a teria encontrado...

Manoela soluçou, seus seios subindo e descendo diante dos meus olhos. E sem que pudesse me controlar, eu contei as sardas espalhadas ao redor de sua pele. Caindo de boca em cada pequena pinta, e as chupando enquanto sentia o arrepio da carne cheia e o gemido engatinhado.

Choque puro foi tomando aqueles lindos olhos, como se sentir prazer não fosse algo a qual estivesse acostumada.

Um homem, era o que ela tinha dito. *Um* filho da puta que teve suas mãos sobre essa delícia antes de mim. Nunca tive problemas em dividir, ou até mesmo compartilhar. Mas dessa vez havia algo diferente, algo que eu ainda não era capaz de explicar.

O pensamento deixou-me impaciente e possessivo. Desafivelei com rapidez o cinto da calça que vestia, surpreso por ter Manoela me ajudando a descê-la pelas pernas. Sua avidez indo de encontro ao que havia por baixo da boxer preta, seu maldito olhar detendo-se no comprimento grosso.

O desejo febril que enxerguei através dela, foi o que me levou a agarrar um punhado do cabelo castanho e o puxar, forçando-a a gritar um gemido doloroso.

— Você sabe o que fazer, porra! — Não pedi, mas ela entendeu.

E de forma suave e trêmula, a garota segurou o meu pau. Não com uma mão, mas com as duas... e o trouxe para fora, que saltou duro, assumindo o seu lugar. Seus dedos não se detiveram, subindo e descendo ao redor da espessura enquanto ela beliscava o próprio lábio com o dente.

Com o seu cabelo enrolado em meu punho, eu a fiz me olhar. A boca entreaberta parecendo molhada, como se a baba que escorresse de sua boceta também fizesse em sua boca. Obrigando-me a beijá-la, ainda que soubesse que isso lhe causaria dor. Eu tentei ser suave, lhe dar prazer de outra forma que não com a boca, mas não era tão resistente assim.

— Sinto muito, *amor* — falei, afastando sua mão e rodeando o meu próprio pau com força.

— Pelo quê? — murmurou em meio ao beijo.

— Pelo que farei agora.

Com um único movimento, eu a virei, trazendo suas pernas ao chão novamente, e a empurrando contra a mesa. Vendo a perfeição que era o seu corpo miúdo por trás. Mesmo que de salto, Manoela se viu obrigada a ficar na ponta dos pés a fim de ficar na altura certa.

Sua bunda mostrando-se como imaginei, redonda e gorda. Tão

gostosa, que fui incapaz de não a tocar. Um tapa firme bateu contra a pele macia enquanto ela ofegava e afundava o rosto contra a mesa de mogno agora bagunçada. O tesão veio tão forte, que eu sequer pensei em afastar os papéis por baixo dela, não que Manoela parecesse incomodada.

Com o rosto deitado sobre a madeira fria, eu a vi morder o lábio e fechar os seus olhos. Aproveitei o momento que tinha para admirá-la enquanto abria a gaveta bem ao lado, retirando de dentro o envelope de camisinha. Meu olhar permaneceu preso a todo o instante no corpo ofegante da infeliz, enquanto, com a boca, eu rasgava o papal laminado e o esticava ao longo da ereção sem qualquer dificuldade.

O mesmo não podendo ser dito ao me ver empurrando a cabeça do meu pau em sua bocetinha estreita. Se ao olhar, eu a achei pequena; ao penetrar, eu tive certeza. Manoela gemeu baixinho, e repetidas vezes, conforme o meu quadril a estocava mais fundo, golpeando-a sem dó. Eu poderia ter parado quando a senti choramingar, mas não seria justo. Nem comigo e nem com ela.

Em casos assim, enfiar tudo de uma só vez era o ideal. Ela não fraquejaria, e eu não seria torturado. E foi assim, com cada polegada de pau dentro dela, que grunhi asperamente. Sentindo-me ser inteiro e engolido, sua boceta pulsando de forma incontrolável. Como se a infeliz fosse gozar a qualquer momento.

Recusei-me a sair, precisando de um segundo. Um caralho de segundo, até me sentir no controle novamente e pronto para golpeá-la. Quando comecei, o seu corpo se moveu sobre a mesa com a força das estocadas. Indo e vindo enquanto arrastava com ela tudo o que havia sobre a estrutura rígida.

— Meu Deus! — um gemido lhe escapou. — Santiago... Isso é... —

Melhor do que imaginei que seria.

Tesão foi tudo o que senti naquele momento, do tipo mais visceral e bruto. Meu quadril bombeava tão forte contra a sua bunda, que a pele clara começou a ficar vermelha. Assim como ficou a marca do tapa que lhe dei.

O que só me fez ir mais fundo, fazendo-a gozar tão rápido e intensamente, que Manoela passou a lutar contra mim. Debatendo-se sobre a mesa e tentando sair do meu controle, como se o prazer a tivesse enlouquecido. Seu corpo foi para a frente, mas eu a puxei de volta. Empurrando o meu pau até o talo, e a fazendo estremecer outra vez.

E das duas uma: ou ela nunca tinha gozado ou não tinha gozado... tão gostoso assim. Porque gemendo a cadela estava; e se o líquido escorrendo sobre os pelos escuros e aparados ao redor do meu eixo duro, fosse um sinal... a garota estava inteira melada.

— Aguenta, *amor*, aguenta tudo. Deixa vir. — Segurei-a pela cintura, impedindo-a de se mover. Eu praticamente já não saía de dentro dela, de tão grudado que estávamos.

Respirei fundo, como se o ar dentro do escritório já não fosse suficiente e senti cair uma ou outra gota de suor em suas costas, atingindo-lhe tão quente, que ela arqueou o corpo a cada gotícula.

— Não... não... não... — Vi-a morder parte do seu braço, enquanto era novamente apertado. Seu orgasmo não tinha vindo inteiro, veio em pequenas partes. Deixando-a louca.

Insana e desesperada sob mim.

— Caralho, você tinha que ter uma boceta tão gostosa? — Afundei, onde já não havia espaço.

E porra, para caber inteiro nela é porque eu havia ido além do meu

limite. Normalmente eu me continha, segurava parte do meu ímpeto, mas com Manoela não foi possível.

— Não posso mais... não dá...

O seu gemido baixinho, a forma como tentou arranhar a mesa, fez-me gozar forte; despejando jatos abundantes de sêmen dentro da camisinha.

— Porra de mulher gostosa — grunhi pesado sobre ela, lambendo as costas suadas e escorregadias. — Você queria conversar e saber por que eu a mantive viva até agora. Acho que o que acabamos de fazer responde a sua pergunta.

Infelizmente, não respondia as minhas. Porque a incerteza que sentia antes de tudo acontecer, tornou-se maior com o passar dos minutos. Comigo recusando-me a sair de dentro dela.

— E agora? — murmurou, ainda sem fôlego, no instante exato em que Javier adentrou o escritório. Como se estivesse apenas à espera, e com certeza escutado a tudo.

Não era raro que algo assim acontecesse. Por isso, olhei para trás com meu pau ainda afundado no interior de Manoela, semiereto apesar do orgasmo.

— Os carros já estão prontos — Javier anunciou, esforçando-se a não olhar para a mulher nua e curvada sobre a minha mesa. Manoela, por sua vez, congelou ao escutar a voz dele, ficando inteira rígida. — Devo pedir para que Firmino suba? — Essa era a ordem, eu terminaria com a garota e ele cuidaria do resto.

Só que meus planos haviam mudado, porra! Em algum momento durante o sexo mais explosivo que tive nos últimos tempos, eu percebi que – por mais reservas que tivesse em relação a ninfeta –, eu não estava disposto a

deixá-la morrer ainda.

Sei que haveria consequências e que eu provavelmente me arrependeria no futuro, mas a decisão estava tomada.

— Avise a Firmino que houve uma pequena mudança de planos.

SANTIAGO SALVATORE

Manoela mal respirava debaixo de mim. Era como se soubesse que qualquer palavra errada tivesse o poder de me fazer voltar atrás. Isso é, claro, se a garota compreendeu a conversa acontecendo entre mim e Javier. Não que a considerasse burra; em cada frase dita, desde que nos conhecemos, Manoela deixou claro que eu estava lidando com alguém inteligente.

Mais esperta do que deveria.

Deixei que se virasse, sentando-se sobre a mesa, enquanto tinha a decência de parecer minimamente incomodada com a sua nudez na presença de outro homem. A única coisa a impedir que Javier a visse inteiramente era o meu corpo a cobrindo. E assim permaneceria.

A pele avermelhada pela intensidade do que fizemos, os olhos lânguidos, cheios de uma expectativa, que me deixou ainda mais excitado. A verdade é que a bagunça sexy que a ninfeta se tornou após o sexo era... atordoante. Cabelo embolado, molhado de suor. Assim como seus seios e barriga. Não era apenas a boceta a estar melada agora, era ela inteira.

Era como se ela tivesse acabado de correr uma maratona sob mim e com o meu pau profundamente enterrado dentro dela.

— Você me trouxe até aqui para me matar. — Não foi uma pergunta, e a frieza com que jogou as palavras deixou-me novamente duro.

Lembrando-me da camisinha, eu a retirei, dando-lhe um nó e a dispensando antes de responder Manoela.

— Eu deveria.

E falava sério. Mantê-la viva era uma péssima ideia. Talvez a pior que

eu tomava desde que assumi *El Castillo*, mas eu teria de ser cego ou doente para negar que tínhamos química. Não a do tipo que me fazia gostar do sexo, e querê-lo com certa constância.

Não, a química a que me referia era aquela capaz de enlouquecer um homem. Tirar por completo sua razão a ponto de querer foder a infeliz dia e noite. Eu sei, eu a tinha conhecido há pouco menos do que 24 horas, mas não precisava de muito para decidir que a queria em minha cama. Com toda a raiva que parecia exalar dela, assim como a loucura.

Seu gemido era gostoso, a boceta apertadinha. E o mais surpreendente, Manoela possuía olhos de quem parecia nunca ter sentido prazer.

Mantê-la viva por mais algum tempo, com certeza deixaria Firmino furioso. Para ele, o destino de Manoela já estava definido e ela não passaria do dia de hoje. Algo que até essa manhã, eu também acreditei. A mudança de planos, o teria em um humor filho da puta por um longo tempo. Mas leal como era, o infeliz acabaria mais cedo ou mais tarde por aceitar a decisão. Não era como se ele tivesse escolha.

— E não vai mais? — perguntou, soando ávida de tão cínica.

— Santiago? — Javier voltou a chamar, tão impaciente quanto eu estava. — E se ele tentar subir?

Observei os olhos dourados da garota se contraírem, como se tentasse ler todos os segredos que havia dentro da minha mente. Eu desejava fazer o mesmo com ela, porra.

— Se Firmino insistir em subir, e ele vai, o impeça.

A conversa que eu pretendia ter com o infeliz, não aconteceria na frente de Manoela.

Com a saída de Javier, demasiada lenta para o meu gosto, eu voltei meus olhos ao corpo nu da garota. Ela não era apenas miúda, boa de se pegar no colo, ela também era sensível. Sua pele marcava com uma facilidade que deveria fazer tudo, menos me excitar. Da mesma gaveta que retirei a camisinha, eu peguei uma caixa de lenços umedecidos e a limpei.

Sua primeira reação, foi a de fechar as pernas, impedir-me de fazer o meu trabalho. Mas forcei minhas mãos, e a sequei livrando-me do lenço em seguida.

— Por que mudou de ideia? — A pergunta soou inocente, mas ficou claro a razão de tê-la feito.

— Quer mesmo saber?

Ela assentiu, enquanto eu levava o dedo até sua boca e via o estrago que meus beijos e os seus próprios dentes haviam causado.

— Sabe o que descobri com *isso*... que acabamos de fazer? — Como uma boa garota, ela esperou que eu continuasse, mostrando-se insaciável por qualquer informação que lhe pudesse fazer algum sentido. — Nós somos feitos do mesmo material, Manoela. Somos fodidos, iguais.

Eu a senti puxar a mão pousada em meu peito, de repente, desistindo da ideia de me tocar.

— Eu não sou uma... — reagiu tempestivamente.

— Vamos lá, diga.

— Eu não sou uma assassina. — Seus olhos arderam em febre, mas suas palavras fizeram-me rir em sarcasmo.

— Pode não haver morte em suas mãos, mas há em seus olhos. — A violência estava lá, explicita. Feroz.

E talvez fosse essa merda que estivesse me deixando tão ligado.

— Isso não nos torna iguais!

— Torna — insisti. — Em muitos aspectos, nos torna exatamente iguais.

Manoela não gostou de escutar o que, para mim, era uma verdade, e tentou se levantar ainda que nua. Deixei-a tomar o seu tempo e aceitar o que eu havia lhe dito, não era como se fosse fazer diferença.

Além disso, havia trabalho à minha espera. Os homens armados no andar inferior, estavam ali por um propósito que ia além de fazer a minha segurança.

Abotoando a camisa que Manoela havia desabotoado antes, eu a observei andar pelo escritório enquanto se vestia. Fascinado em vê-la subir a calcinha pelas pernas macias. E ainda mais, ao constatar que a garota parecia tão perdida quanto confusa.

Ela não era a única.

— O que acontece comigo então? — perguntou ao se dar conta de que eu sairia em breve. — Você desiste de me matar, e...

— Nós terminaremos essa conversa quando eu voltar — alertei-a, ao eliminar a distância entre nós dois, sem paciência alguma para todas as suas perguntas. — Até lá... o seu trabalho é ser uma boa garota e não me causar problemas.

A garota separou os lábios vermelhos como se fosse protestar, mas eu a impedi, aproximando a boca da sua e murmurando:

— Não perca o seu tempo fazendo perguntas. — Eu a beijei suave a fim de não machucar a boca já inchada. — Tudo o que importa agora é que você é minha, *amor*.

E, ainda que fosse a porra de um risco, eu não estava entrando nisso

às cegas.

Sendo ou não um problema, como Firmino e eu acreditávamos, manter a garota viva e sob o meu teto talvez fosse mais útil do que o contrário. Não que houvesse alguma chance de isso aqui durar...

Manoela era fogo, mas eu me recusava a ser o único a me queimar.

SANTIAGO SALVATORE

Três meses depois...

Abotoei a camisa *Armani* às pressas, com o olhar vidrado no corpo feminino, ainda quente e suado sobre os lençóis. O dia sequer havia começado, e meu cérebro irrequieto fervia. Inclusive, no que se referia à mulher deitada em minha cama.

Três meses haviam se passado e Manoela continuava uma incógnita. Porque, ainda que houvesse suspeitas, ninguém foi capaz de confirmá-las, deixando-me sem nenhum rastro ou evidência do seu passado, que não o pouco que Manoela revelou entre uma conversa e outra. Não que eu acreditasse em suas histórias.

Havia algo por detrás do que a garota dizia, suas palavras soavam sempre tão militarmente ensaiadas. Eu as escutava e fingia acreditar em sua doçura fingida e devoção. Seguiria assim até o dia em que a encurralaria contra a parede, e exigiria respostas, fazendo com que a ninfeta me dissesse que tipo de filho da puta estúpido ela pensava estar lidando.

A essa altura, Manoela sequer devia estar respirando. Só que, pela primeira vez na vida, não eram os meus instintos a serem ouvidos, e sim o meu corpo... que a desejava de forma primitiva e obsessiva.

Por mais maluco e viciado que estivesse na cadela, eu sabia que a infeliz mentia. Só precisava descobrir em relação ao quê, pensei, apertando a mão em meu pescoço rígido. O local exato em que a diabinha cravou seus dentes brancos e afiados na noite anterior.

A prova de que eu estava certo quando falei que éramos feitos do mesmo material. Manoela gostava e se excitava até, não apenas ao sentir dor, mas ao causá-la.

Não importa o quanto mentisse para si e fingisse não ver que o ardor dos seus olhos era o mesmo que o dos meus. Ou que o seu coração batia com a mesma violência e selvageria. Coisa rara de se encontrar.

E essa era toda a razão pela qual eu a vinha mantendo. Ainda que Firmino fizesse questão de me lembrar, dia após dia, que o tempo de Manoela se esgotaria em breve. Como se a maldita decisão estivesse em suas mãos, e não nas minhas.

De modo agressivo, eu admirei os seios fartos, detendo-me em uma outra marca de mordida. *Dois animais, é o que éramos.* E pensar que a infeliz tinha apenas vinte anos, literalmente um bebê... mas mulher o suficiente para aguentar a minhas exigências e ainda foder com a minha cabeça. As roupas sensuais que vestia, a forma como sorria para os meus homens, e não para mim.

E, claro, as besteiras que dizia na cama a fim de me empurrar...

Eu conhecia histórias parecidas e com fins trágicos. Já vi homens perderem tudo: a vida, o dinheiro, seus cartéis. Mas o que fosse a bruxaria que a garota me jogou, em algum momento próximo ele teria fim. Porque a verdade era que eu me recusava a me tornar outro número, tanto que tudo o que precisava era dar a ordem a Firmino.

Uma única palavra e Manoela não seria mais um problema.

Sempre atormentado no que se tratava da infeliz, eu desviei o olhar do seu corpo e o fixei em seus olhos dourados, inundados de raiva e loucura. Manoela não era a única frustrada pela interrupção que tivemos, pensei, caminhando até a mesa de cabeceira ao lado da cama e pegando a *9mm*

mantida sempre a um palmo de distância, apenas por precaução, certo de que a teria atenta a cada passo que eu dava dentro do quarto enquanto me preparava para descer até o porão.

O telefonema recebido, minutos atrás, ainda martelava em minha cabeça, trazendo à tona a maldita enxaqueca. Em qualquer outro dia, eu não veria problema em ignorar a chamada de Firmino, algo que estive perto de fazer dado as circunstâncias, mas uma ligação realizada horas depois de termos enviado dois carregamentos com mais de dez toneladas de *oro blanco* para fora do país, soava tão estranho, que nem mesmo a boceta de Manoela me impediria de atender.

O gemido que liberou ao me sentir esticar o corpo sobre ela e pegar o celular na mesa, ressoava em meu ouvido como um castigo. Assim como a forma irritada com que me encarou, ao ver que eu teria de sair sem fazê-la gozar. A expressão em seu rosto bonito, por pouco não me fez voltar para dentro dela e terminar o que havia começado.

Caralho, eu mal podia respirar longe da infeliz, ou estar em um mesmo cômodo sem querer fodê-la inteira. Essa era a verdade.

Amaldiçoei-a, sentindo o sangue ferver em raiva e, em seguida, jurei a mim mesmo acabar com a vida do responsável não apenas pela intromissão, mas por foder com meus negócios.

Esse não era o primeiro carregamento que eu perdia por causa de uma emboscada mal executada. Na última vez, um de meus caminhões havia sido apreendido pela única unidade de controle da Narcóticos[9] que eu ainda não havia conseguido algum controle significativo. O contato que possuía lá dentro era fraco, insuficiente para me dar qualquer informação válida. O que me deixava sem saber o que esperar de Stevie, o filho da puta da DEA, que vinha há algum tempo procurando por problemas.

A única razão pela qual não havia dado um fim a ele, era porque sabia que: um, qualquer ataque em sua direção me teria sob a mira da DEA; e dois, o que fosse que ele estivesse planejando parecia pessoal.

Voltando minha atenção à cama eu notei, não pela primeira vez, a forma como Manoela me estudava quando pensava que eu estava distraído; fazendo aumentar a sensação de que, se eu a forçasse um pouco mais, a garota acabaria escapando por entre os meus dedos. Era uma rota de fuga, aliás, o que ela parecia buscar quando me olhava dessa forma.

Um meio de se livrar do meu domínio. De sair da porra da minha vida.

Ao ser pega em flagrante, eu a vi desviar seus olhos. Escorregando-os até o coldre agora equipado e, em seguida, virou o corpo nu na direção das cortinas que se encontravam abertas. Ignorando-me por completo enquanto fitava absorta o amanhecer sangrento de Sinaloa, como se eu não tivesse acabado de estar dentro dela, fodendo-a e a fazendo gritar o meu nome.

Sua indiferença, quando não estávamos nos atracando, deixava-me louco. Mas dois podiam jogar esse jogo, Manoela descobriria em breve.

— Não deixe o quarto até que eu volte. — Arrastei os dedos pelo seu quadril, apertando-o. — Melhor ainda, não saia *dessa* cama até que eu esteja de volta. Eu ainda não terminei com você.

A garota não respondeu, e a vontade de esganá-la veio tão forte quanto a de fodê-la. *Outra vez.*

O problema era que nenhuma das opções eram viáveis no momento. O que não me impediu de deslizar os dedos até o seu ombro e afastar as mechas castanhas de seu cabelo, expondo não apenas as pequenas sardas por ali espalhadas, como também a tatuagem em sua nuca, onde tracei as linhas finas da palavra *Libertad,* indo parar em sua espinha, cada osso dela. Seria

naquele pedaço de pele, no alto de suas costas, que eu iria marcá-la.

Essa foi a forma que encontrei de mostrar a ela como eu tratava o que considerava meu.

Certo de que cada minuto era valioso e que lá embaixo, no porão, Firmino chegaria em breve com as explicações de que precisava, eu segurei um punhado do seu cabelo e beijei a pele nua que, em breve, estaria coberta por tinta.

Sem me preocupar com a maneira com que Manoela se fechava dentro do seu mundinho depois que *fodíamos*, eu me afastei disposto a deixar o quarto.

A ideia de trancá-la passou pela cabeça, não vou negar. Mas se quisesse ter alguma paz pelas próximas horas, sem seus gritos histéricos e todo o drama que vinha quando ela se sentia acuada, o melhor era oferecer à garota a falsa sensação de liberdade.

Era o que ela queria, não era?

Ser livre.

Ao alcançar o corredor, pedi para que os capangas permanecessem em suas posições. No lado de fora, pela saída da piscina, a escolta sempre era reforçada. E se fosse para ser honesto, o problema não era a possibilidade de Manoela escapar. Isso jamais aconteceria, o problema aqui era saber que enquanto eu trabalhava... a pequena infeliz andava por aí atiçando a mente dos meus homens.

A impressão que tinha era a de que Manoela dava corda para eles, para que *eu* me enforcasse.

Encaminhei-me até o porão, onde um grupo de homens se encontravam à minha espera, inclusive Javier e James. Acenei para os dois,

confirmando o que já imaginava. Firmino ainda não tinha retornado do galpão onde o carregamento fora feito na noite anterior. A ordem foi somente uma depois que me contou o que havia acontecido: ninguém sairia vivo daquele lugar.

O que Incluía cada pessoa responsável pela pesagem e transporte do pó até a carreta. Não havia tempo para interrogar um por um, nem paciência, e a forma de se eliminar um rato antes que a merda se espalhasse, era somente uma: exterminando-o.

— Achei que tivesse pedido para que seguissem o carregamento e tomassem providências se algo desse errado... — Javier e James se entreolharam. — Qual dos dois vai me dizer o que deu errado?

Firmino me considerava louco por ter passado a enviar segurança extra para toda a carga que deixava o país, mas algo me dizia que esses ataques não eram ao acaso e que estavam apenas começando.

— Os agentes de Stevie, Santiago. — *Como da outra vez, porra!* — Assim que o motorista passou por *Odessa*, eles interceptaram a carreta. O motorista partiu para cima, mas eram muitos. Se tivéssemos ficado, não teríamos conseguido impedir que a carreta, que ia para *El Paso*, atravessasse. Foi uma escolha que tivemos que fazer.

Javier estava certo, se tivéssemos perdidos as duas cargas o prejuízo seria incalculável. No momento, dado as circunstâncias, tudo o que seria necessário fazer era recarregar a outra carreta e a liberar antes das 24 horas do prazo combinado com os texanos.

— Para onde levaram a outra carga? — perguntei, irritado.

— Voltou para o galpão. Firmino recebeu e fez a vistoria antes de te telefonar. Assim que der o aval, nós a liberamos. Agora, quanto à cocaína que perdemos...

— Eu a quero de volta. — Havia poucos lugares na Terra em que a DEA poderia esconder um carregamento tão grande. Com as ações certas, eu a teria de volta em breve. — Alguém mais sabe?

Imaginei a informação chegando até Ochoa ou algum outro cartel, inimigo ou não. Seriam muitos com interesse em colocar as mãos nessa mercadoria.

— Não temos certeza, mas você sabe. Informações como estas se espalham rapidamente.

"Era o que eu temia", pensei, ao acender um cigarro.

— Essa é a segunda carreta que aqueles miseráveis me tomam. — As tentativas de apreensão sofridas ao longo dos anos, nunca deram em nada. Até agora. Ser pego pela segunda vez em uma rota – ainda que diferente da anterior –, significava apenas uma coisa: havia alguém, burro o suficiente, disposto a foder com o meu negócio.

E não acho que se tratava apenas do agente Stevie.

— E se forem os colombianos? — Javier supôs. — Não é segredo que Esteban apunhalou pelas costas o seu último sócio. — Eu conhecia a história. Antes de se tornar aliado de Juan Carlos, o miserável havia entregado o parceiro de anos para os federais. Apagando da Terra cada maldita pessoa que pudesse depor contra ele e sua possível ligação com o narcotráfico.

— A troco de quê? — Esteban ganhava três vezes mais trabalhando comigo, do que ganharia se estivesse sozinho. — Ele não seria tão estúpido, o cabra tinha um parafuso a menos, mas dependia de mim para que sua cocaína deixasse a Colômbia.

Agitado, soltei a última baforada do cigarro e o apaguei com a sola do sapato. Estava prestes a pedir que Javier telefonasse para Firmino, quando ele

apareceu no salão oval seguido por um infeliz sendo arrastado por dois de meus soldados. Reconheci o colete da DEA, e encarei o homem, que deveria ter impedido a apreensão, ou pelo menos, tentado.

— Desculpe a demora, Santiago. Tive que fazer uma pequena parada no caminho, porque achei que gostaria de falar com o nosso amigo aqui. — Firmino não estava errado, pensei, ao analisar o rosto ensanguentado do agente, que foi empurrado em direção ao chão.

O trato que fizemos era simples. Já que Adam estava em um dos escritórios americanos infiltrados dentro do México, ficaria sob sua responsabilidade me avisar sobre possíveis abordagens. Além de manter o olho em seus superiores e em qualquer informação que chegasse a meu respeito na mesa de Stevie. Algo teoricamente fácil para quem possuía vinte anos de agência e uma maleta com mais de um milhão em dólares em suas mãos como incentivo.

Aproximando-me do miserável, eu permiti que a raiva fluísse assim como o desejo de descontar nele todo o prejuízo que seus colegas estavam causando aos meus negócios. Por isso o chutei na boca do estômago, antes de forçá-lo a olhar para cima.

— Você garantiu que tudo estava sob controle, Adam. Ou estou errado? — inquiri, forçando-me a ser paciente. — Lembro-me perfeitamente das palavras que usou... *Não se preocupe, Salvatore, o senhor será o primeiro a saber se houver alguma abordagem em andamento...* — repeti suas palavras, assustando-o ao chutá-lo outra vez. — O trato era esse, não? Você cuidaria para que o seu pessoal não ferrasse com os meus negócios; e, em troca, eu não *foderia* com você e sua família! O que foi que deu errado?

Adam recuou ao me ver aproximar. Além de Firmino e Javier, havia outros três homens assistindo tudo.

— O que você quer? Mais dinheiro? Ou decidiu, de repente, que está pronto para morrer?

— Eu não sei o que aconteceu.

— A porra que não sabe! — grunhi, ao explodir. — Você me fez perder cinco milhões em uma manhã de domingo, em que tudo com o que eu tinha que me preocupar era em foder minha mulher e, em seguida, acompanhar uma senhora de 72 anos à igreja. Mas, então, eu recebo um telefonema dizendo que os filhos da puta da DEA interceptaram o meu carregamento, Adam. Algo que, para mim, estava como certo, entende?

— Eu não tive culpa, merda... Alguém ligou... Quando vi já era tarde.

Alguém ligou?

— E você não pensou em rastrear a ligação? Ou até mesmo em me avisar? — Impossível que ele não tenha tentado, pensei, notando a forma assustada com que Adam agora me olhava.

— Eles tiraram... o meu acesso, não sei explicar. Eu tentei, mas acho que eles sabem sobre nós. — Do outro lado da sala, Firmino estreitou os olhos.

Não seria surpresa alguma se estivesse pensando a mesma coisa que eu no momento. Porque, se Adam estivesse falando a verdade e seu acesso foi realmente cortado, toda a minha operação corria risco.

— Para onde levaram o carregamento? — Eu não iria estender a situação para além do que podia. Domingo era a porra de um dia sagrado para a minha família, e tanto quanto podia, eu evitava apertar o gatilho em respeito. Mas, às vezes, era preciso quebrar as minhas próprias regras por um bem maior.

— Eu não sei. — Adam sacudiu a cabeça com veemência, com o suor

escorrendo do seu rosto pálido.

— Você não sabe — Tirei a arma do coldre e a engatilhei, disposto a não perder tempo. — Vamos lá, deve ter algo que possa me dizer. Alguma ideia, ou a porra de uma pista!

— Sua cocaína pode estar em qualquer lugar dos Estados Unidos agora. Frederick irá usá-la como barganha para a reeleição à presidência. A ordem é essa, apreender o máximo que conseguirmos... — Eu não dava a mínima para Frederick, Manolo tinha planos que me levavam a acreditar que o tempo do *honesto político* sentado na Casa Branca estava perto do seu fim, e com razão.

Governos anticorrupção não geravam lucro aos nossos negócios.

— Qual é o problema com esses políticos ultimamente? Desde quando combater o tráfico virou arma de campanha?

Adam engoliu em seco.

— Por favor, se me soltar eu posso tentar descobrir para onde o carregamento foi levado, apenas me deixe ir...

Meus homens olharam para baixo diante do pedido desesperado do agente, cientes de que o trabalho que Firmino teve em arrastar o infeliz até a minha propriedade significava que as chances do homem sair daqui eram mínimas.

— Não gosto quando mentem, Adam. E você mentiu.

— Tente entender, eu fiz o que pude.

— Se *esse* foi o melhor que você tinha a oferecer, então eu sinto muito, amigo, mas o seu serviço já não me é útil.

— Salvatore, por favor, eu tenho uma família... minha esposa está grávida. — Claro que estava, essas vadias sempre estavam.

— Não se preocupe, eu não sou o monstro que dizem. — Brinquei com a arma em minha mão, enquanto o silêncio se espalhava através das paredes e o teto alto do porão. — Jamais permitiria que sua esposa ficasse sozinha em um mundo tão cruel e perigoso. — O olhar de Adam se mostrou aliviado por um instante, até que o desgraçado se lembrou de com quem tratava e ficou tenso. — Eu farei com que ela vá com você, então acho que os vejo no inferno, não é?

— Seu filho da puta! Deixe-a em paz, minha esposa não fez nada!

Eram nesses momentos, que precediam a morte, que a verdadeira face de alguém aparecia. Eu gostava de forçar, de vê-la surgir. Porque, costumeiramente, ela confirmava que eu estava certo.

Ignorando-o, eu acenei para Firmino, que realizou uma chamada rápida e trouxe o telefone para que Adam escutasse. Não era como se eu esperasse pela traição do filho da puta, mas era precavido. E preferia manter um olho ao redor das pessoas com quem lidava, o que incluía suas famílias.

Bastou alguns segundos para que a ordem fosse dada, e a casa de Stevie invadida.

— *Adam, querido? O que está acontecendo... Adam? Há homens aqui...* — Eu podia apostar que sim.

Assisti ao momento em que o infeliz me encarou, já sem esperanças, mas com tanta raiva que tenho certeza de que se pudesse me matar com as próprias mãos, o homem o faria.

— Vamos lá, eu vou perguntar de novo. Você tem ideia de onde possa estar o meu carregamento?

— A DEA está vindo atrás de você — revelou, convencido de que nada que dissesse me faria mudar de ideia agora. Não falei sobre a verdadeira

face? — Mas eles não são os únicos. Pode me matar se quiser, seu filho da puta, mas saiba que muito em breve será você na posição que estou hoje!

Havia poucas coisas que me faziam perder a paciência. Ser ameaçado era uma delas. A ideia de matar a esposa de Adam não tinha se concretizado até então, fora apenas uma intimidação para que o infeliz abrisse a boca. Infelizmente, para ela, seu marido era um desgraçado *fodendo* o homem errado.

— Dê a ordem — falei a Firmino, que hesitou por um momento. Esse não tinha sido o combinado. — Agora, Firmino. Dê a maldita ordem, eu quero a cadela desse infeliz morta!

— Vocês escutaram — Firmino murmurou para quem estava no outro lado da linha.

E o som ouvido foi o esperado. Choro e pedidos de misericórdia.

Até que o tiro foi dado, e tudo se tornou silêncio. Do tipo mais assustador.

— Seu maldito! — Adam bradou, sem forças, chutando e gritando, enquanto tentava se livrar das amarras feitas por Firmino.

Por fim, ele abaixou a cabeça e respirou pesadamente.

— Quero que entenda que poderia ter evitado o que acabou de acontecer, mas você pediu por isso ao escolher o outro lado...

— Eu escolhi o lado certo! — "*Mas pegou dinheiro do lado errado*", pensei furioso, seguro do que iria fazer. Dois disparos saindo da minha pistola foram ouvidos em seguida, o primeiro o fez uivar de dor. O segundo, o enviou diretamente para o lugar que merecia: o inferno.

— Eu já nem sei que porra dizer a você, Santiago! — Firmino esbravejou, assim que o corpo de Adam caiu no chão duro. — Enterrar

federais não é o que fazemos!

— O bastardo nos traiu. — Esse tinha sido o seu erro, aceitar meu dinheiro ciente de que, na primeira oportunidade, me apunhalaria pelas costas. — Eu apenas dei a ele o que me pediu. — Virei-me, sem nenhum remorso. — O que importa agora é descobrir quem está por trás das ações da DEA. Se houve um telefonema...

— Ele poderia estar mentindo.

— É nisso que acredita? Realmente? — Bastou um olhar para descobrir que essa era a última coisa que Firmino acreditava. O infeliz só não me queria transtornado. Obcecado com a ideia de um complô sendo formado pelas minhas costas.

— O que eu sei é que, quando a Narcóticos descobrir o que fez com esse homem e a sua esposa, eles não irão deixar barato. Corrupto ou não, Adam era um deles.

— Queime os corpos. Sem rastros, eles não poderão me acusar de nada formalmente. — A menos, é claro, que a DEA soubesse sobre o acordo feito por mim e Adam. Se fosse verdade, eles saberiam a respeito do seu desaparecimento em questão de horas. Talvez até menos.

Firmino contornou o corpo no chão, aproximando-se de onde eu estava.

— Você não pode continuar se arriscando da maneira que tem feito. A história com Jiménez por pouco não foi um desastre. Já pensou se, em vez de seguir você, aqueles infelizes tivessem ido para o lado de Ochoa? — Encarei Firmino, meu silêncio soou como resposta. — Ok, você teria matado todos eles. É isso que tem feito com quem entra no seu caminho, não é? Por que, então, a cadela dormindo em seu quarto continua viva?

Eliminei a distância entre nós dois, com poucas passadas. O *assunto Manoela* sempre voltava à tona.

— Não me force, Firmino, porque eu não pretendo ter essa maldita discussão com você outra vez.

Dei a ordem para que retirassem o corpo da minha frente. Havia negócios a serem resolvidos e que dependiam da minha atenção. Ao ver que Firmino e Javier eram os únicos a permanecerem comigo, eu me sentei e inclinei-me sobre as pernas encarando o chão frio, cujo resquício de sangue ainda podia ser visto.

— Estou preocupado, Santiago — o infeliz admitiu. — Esse é o pior momento para que esteja ocupado *fodendo* e brincando de casinha... Se as coisas saírem do controle, nós somos os que mais temos a perder!

— E você acha que eu não sei? — Estiquei as pernas, fitando o teto enquanto procurava por uma solução para o problema que tínhamos a um passo de sair de controle. — A diferença aqui, Firmino, é que eu não pretendo recuar. Não vou me esconder ou interromper qualquer uma das operações. Se esses desgraçados querem se apossar do que é meu e entrar no meu território, então que estejam preparados para o que farei a eles!

— Cuide para que tudo esteja resolvido em até uma hora, Firmino. E organize a equipe que sairá comigo. Eu tenho coisas mais importantes com o que lidar agora. — Como a ligação que pretendia fazer a Manolo e a ida até a igreja com Mercedes.

Com ele jogando o aparelho não rastreável sobre a mesa, eu acenei, para que ambos me deixassem sozinho.

A ligação não demorou a ser atendida, mas nem mesmo a camaradagem entre mim e Manolo fez com que me acalmasse.

— *Senhor Salvatore, a que devo a honra?* — Manolo respondeu, a voz tranquila demais para que soubesse o que acontecia por aqui.

— Eu preciso do seu contato dentro do FBI. — Ele ficou em silêncio por um longo tempo.

— *Não me foda, Santiago.* — Ao ver que eu falava sério, respirou fundo. — *O quão sério é?*

— Isso é o que pretendo descobrir.

— *Cara, eu não gosto de dever favores àquele filho da puta. A menos que você esteja com a porra de uma arma apontada em sua cabeça... eu não te aconselharia...*

— Ainda não estou, mas algo me diz que, em breve, isso é exatamente o que irá acontecer. — Eu não estava mentindo, ou exagerando. Manolo, por sua vez, parecia não saber o que dizer. — Então?

— *Vou ver o que posso fazer, mas saiba que ele pode não querer falar com você.*

— Então faça com que ele queira, Manolo. Eu não estaria atrás de um agente de merda se não fosse importante.

A verdade, é que eu estava curioso para descobrir que tipo de informação a DEA tinha contra mim e quem era o seu contato no lado de fora.

E eu precisava de acesso à isso antes que fosse o meu rosto a estampar cada um dos jornais desse país.

— *Devo me preocupar?*

— Depende. É você quem está me armando contra mim?

— *Há quanto tempo estamos nisso, Santiago?* — A tempo suficiente

para que eu confiasse nele.

Manolo e eu nos conhecemos anos atrás, quando os seus negócios começaram a me dar trabalho na fronteira. Não duvido que a vontade que senti de meter uma bala em sua testa, ele também tenha sentido. Se não fosse pela emboscada que sofremos, talvez nunca tivéssemos ficado do mesmo lado.

— Tempo demais para que eu possa contar. — Vinte e cinco anos envolvido com os negócios de Juan, e eu me sentia velho pra caralho.

— *Ochoa sabe dessa merda?*

— Ainda não, mas notícias correm. Não dou meio dia para que ele me ligue contestando a forma como conduzo os negócios.

— *Ochoa ainda vai te dar trabalho.*

O meu problema com Ochoa era um pouco mais sério do que ele imaginava. Meu pai confiava quase que cegamente no desgraçado. Considerava-o até mesmo um amigo, mas eu não era tão crédulo assim. O filho da puta poderia apertar a minha mão, mas ao virar as costas a conversa era bem diferente. Ochoa nunca esteve satisfeito em ter que abaixar a cabeça para qualquer uma de minhas ordens. Seu desgosto era óbvio, e irritante.

Só que chegar a fazer algo que pudesse colocar em risco os nossos negócios, era um passo que eu não sei se ele daria. Eu já o tinha visto em ação, sabia os subterfúgios que usava para se safar de problemas. Ochoa jogava sujo – todos nós jogávamos –, mas ele, acima de tudo, tinha o caráter de um covarde.

— Meu problema com Ochoa será resolvido no tempo certo, Manolo.

— *Não duvido, meu amigo. Agora me diga, em que tipo de problema nós nos metemos?*

— O do tipo que vale milhões se não for recuperado logo. — Ele assoviou. — A outra razão pela qual estou telefonando é porque preciso que rastreie um carregamento apreendido, Manolo. Não posso permitir que fiquem com o que é meu, não dessa vez.

Todo o trabalho minucioso e preciso que era feito, não seria subjugado dessa forma. O esquema de distribuição era simples, mas essencial para que não houvesse imprevistos. Das centenas de caminhões espalhados pelo norte do México, que saíam para rotas reais diariamente, dezenas deles eram premiados com nossas mercadorias. Exigindo que cada passo fosse acompanhado, desde a logística... até a rota e o grupo de policiais certos.

Ao encerrar o telefonema, fumei uma pilha de cigarros, um atrás do outro, enquanto repassava cada minuto dos últimos sete dias. Mas nada havia passado despercebido, nada que me fizesse acreditar que fôssemos ser atacados.

Juan Carlos sempre disse que a minha desconfiança seria o meu fim. Que eu deveria ter um pouco mais de fé nas pessoas, mas meu pai nunca esteve dentro de minha cabeça. Se estivesse, mesmo que por um minuto, ele perceberia que eu era um filho da puta a um passo da insanidade. *Só sabia esconder bem.*

Apagando a última ponta de cigarro no chão, eu me levantei e voltei a guardar o revólver no coldre. Saindo do porão instantes depois, sem deixar de pedir aos homens, que faziam a ronda no lado externo para que redobrassem a atenção hoje. Principalmente no que se referia a proteção ao redor de Mercedes, que, como matriarca da família, me fazia acompanhá-la todos os domingos ao Santuário que ajudou a erguer em homenagem a *Santa Muerte*, a quem era extremamente devota.

Com a mente a mil, eu fiz uma última ligação no caminho. Dessa vez,

para um dos homens mais respeitados desse país.

— *Salvatore?* — O general atendeu, surpreso com o telefonema inesperado. Não era sempre que eu entrava em contato, tanto quanto podia eu optava por lidar com meus imprevistos sozinhos. Mas Ulisses me devia, e eu nunca tive o menor problema em cobrar.

— Eu tenho um problema, general. Um, que se não for resolvido, passará a ser seu problema também.

A conversa com Ulisses durou tempo suficiente para que compreendesse o que eu esperava que fizesse. Com a garantia de que teria sua cooperação, eu subi parando na sala de jantar, onde Rosa e Mercedes tomavam o café da manhã. Não era segredo para ninguém dentro dessa casa que a presença de Manoela nas áreas comuns era algo a se evitar.

Mercedes rejeitou a ideia de manter a garota por perto, tanto quanto Firmino o fez. Mas com minha avó havia um agravante, seu sexto sentido para enxergar problemas costumava ser certeiro.

— Que bom que decidiu se juntar a nós, meu neto — falou, mordaz, acenando para que eu me sentasse ao seu lado, à extremidade da mesa. Onde era o meu lugar. — Pensei que aquela mulher não te deixaria sair da cama.

— Apesar de não ver sentido, eu jamais esqueceria o compromisso que tenho com a senhora, avó.

— Eu não gostaria de vê-lo esquecer seus deveres para com essa família, Santiago.

— Isso não vai acontecer.

— Já faz meses...

— Mercedes. — Era indiscutível o respeito que eu tinha para com ela, o que não significava que acataria qualquer uma de suas exigências. —

Manoela fica, até que eu decida o contrário.

Ela assentiu, orgulhosa, e em seguida olhou para o caminho de onde surgi.

— Está tudo bem com os negócios?

— Nada com que a senhora precise se preocupar.

Ela olhou para as minhas mãos, e então compreendeu tudo, passando-me um lenço para que eu a limpasse. Ou tentasse, porque parte do sangue havia secado. Nada que não fizesse parte do meu dia a dia.

— Quero apenas que tome cuidado, meu neto. — Ela apoiou a mão sobre a minha e em seguida fitou Rosa, à sua frente, que até então tinha estado calada.

Seu cabelo escorrido era inteiro preto. O rosto limpo de maquiagem e as roupas tão comportadas como alguém que possuía a aprovação de Mercedes teria. Ela era o que Juan e minha avó pareciam acreditar que eu deveria tomar como esposa. Tranquila, obediente. Talvez fosse Rosa o problema e a minha evidente falta de interesse, ou então, esse não era exatamente o momento.

Porque eu sabia que, quando colocasse a porra de um anel no dedo de uma mulher, seria até *que a morte nos separasse.*

— Por que não corta um pedaço do bolo que fez essa manhã para Santiago, Rosa? — minha avó sugeriu, agindo como se a violência a nos rodear não interferisse em nossas vidas. — Rosa está cada dia mais prendada, meu neto. Tudo o que ela precisa é de um marido que saiba dar valor as suas qualidades. Ninguém nessa mesa está ficando mais jovem.

A repreensão direta fez com que as bochechas de Rosa ficassem vermelhas, o que não era excitante para mim. Eu não queria pureza sobre a

minha cama, gostava do sujo. Do insano.

Esperando pela minha resposta, eu assenti e ela sorriu, servindo-me do maldito bolo.

— Bom, não é? — Mercedes perguntou enquanto eu encarava Rosa, que tinha olhos ávidos por aprovação.

— Está ótimo. Tenho certeza de que o homem que te tomar como esposa, será um homem de sorte. — Ela sorriu enquanto eu me levantava a fim de subir com o intuito de terminar o que havia começado antes de ser interrompido.

Fome eu tinha, mas não de comida.

— Não se atrase, Santiago. Eu gostaria de me confessar com o padre Alonzo essa manhã.

— Eu desço em uma hora — avisei. — Tente apenas ser um pouco menos ranzinza hoje, Mercedes. Porque Manoela irá nos acompanhar.

Isso a enfureceu.

— Como pode continuar exibindo essa mulher por aí como se ela significasse algo, Santiago? As pessoas já estão comentando...

— A senhora acha que eu dou a mínima para o que as pessoas pensam? — grunhi, notando que minha avó não era a única desgostosa à mesa. Rosa não exibia mais o sorriso ansioso em me agradar. Qualquer amabilidade tinha sido substituída por uma expressão séria.

— Você pode não se importar, meu neto. Mas eu sim.

Sacudi a cabeça, sem paciência.

— Manoela e eu desceremos em uma hora. Estejam prontas — lembrei-a, afastando-me enquanto jogava para trás o meu cabelo e lambia o

lábio inferior, sedento por encontrar algum resquício do gosto da infeliz a me atormentar dia e noite.

MANOELA GARCÍA

Enrolada no lençol negro, eu deixei a cama de Santiago, ignorando o seu pedido, e indo até o meu próprio quarto. Se quisesse ter a chance de contatar Ochoa teria de ser agora. Normalmente eu usava o tempo que ele cuidava de seus negócios ou fazia as vontades de sua avó para falar com Miguel, mas hoje não seria possível.

E o receio de receber algum de seus *telefonemas dominicais* no momento errado, era o que me preocupava.

A liberdade que Santiago me empurrava goela abaixo, era tão falsa quanto as palavras que saíam de sua boca. Ele havia devolvido o meu celular no mesmo dia em que decretou *sua sentença*. E com ela, veio o *ir* e *vir* dentro da propriedade sempre que eu quisesse, desde que nunca desacompanhada.

Os *seus soldados,* como eu os chamava, asseguravam-se diariamente de que eu não causaria problemas em sua ausência. Além, é claro, de me manterem o mais distante possível de Mercedes e a sua doce Rosa. Não que as duas fossem as únicas a quem ele tentava me manter fora do caminho. Já que por alguma razão, Santiago evitava a todo custo me deixar sob os cuidados de Firmino.

Depois de me certificar de estar sozinha, eu digitei algumas poucas palavras:

Santiago quer que eu o acompanhe à igreja. Assim que puder ligo para você.

Ao terminar, eu esperei a fim de ver o *sinal de recebido* aparecer e apaguei a mensagem, jogando o celular sobre a cama como se não tivesse nada a esconder. Para alguém sem amigos e família na cidade, não era como se eu pudesse me dar ao luxo de ser vista em conversas ou telefonemas.

Com o barulho vindo do lado de fora do quarto, e pensando se tratar de Santiago, eu retornei à área de estar da suíte, tendo a infelicidade de me deparar com Firmino em sua *ronda* diária.

O cretino fazia questão de verificar as coisas sempre que podia, mas eu nunca me deixava intimidar. Por isso eu o encarei a cada passo que dei até estar de volta ao quarto de Santiago. Batendo a porta com tanta força, não duvidei ter alcançando o meu objetivo: irritá-lo.

Diferente do que acontecia com Santiago, eu não fazia a menor questão de fingir ser algo que eu não era para Firmino. Primeiro, porque seria perda de tempo. Ele já me considerava uma *cadela sugadora*... e não por me colocar de joelhos para o seu patrão. E segundo, porque mesmo sendo o seu braço direito, Firmino não tinha poder sobre Santiago.

Não quando se tratava de mim.

Desfazendo-me do lençol, eu fitei a cama onde Santiago e eu dormíamos. As lembranças do que fazíamos sobre esse colchão, eram suficientes para que a parte mais quente do meu corpo se apertasse em necessidade.

A vontade que sentia daquele homem, era o que tornava minha raiva tão letal. Querê-lo me deixava furiosa, como se eu já não estivesse no controle de minhas emoções.

E então, em vez de me acalmar a raiva inflamava, fazendo-me acordar todas as manhãs e olhar para o homem ao meu lado, desejando poder acabar com tudo de uma vez por todas. Seria tão fácil. Eu ainda tinha a lâmina que

ele me deu, e agora, mais do que nunca, eu tinha acesso total a sua vida.

Ou quase, porque quando se tratava de negócios, tudo o que eu conseguia era o pouco que ouvia aqui e ali. O rascunho das rotas de carregamento jogadas no lixo tempos atrás, e usados recentemente, foi um achado de sorte. Eu sequer acreditei quando as encontrei. E talvez por isso tenha decidido esperar um pouco mais antes de compartilhar a notícia com Ochoa, que não esperou nem um dia que fosse para atacar.

Lembrei-me do sexo, do quão insaciável o monstro se mostrava depois que derramava sangue. O simples pensamento me fez apertar o punho, e seguir até o banheiro. Abri os jatos de água gelada e as deixei cair sobre o meu corpo. Eu não queria o conforto da água quente, não quando o toque possessivo daquele homem ainda podia ser sentido sobre a minha pele.

Tremendo de frio, eu me forcei a suportar o ambiente gelado. Recusei-me a virar ao escutar passos que só poderiam pertencer a Santiago. O reconheci pelo cheiro, a mistura erótica de tabaco e menta que parecia lhe seguir...

Não querendo ter outra discussão, eu me vi prestes a desligar o chuveiro. Meu erro, foi não ter sido rápida o suficiente, porque ao tentar interromper o fluxo de água, Santiago colocou a sua própria mão sobre a minha. Girou-a, até que a água, agora insanamente quente, recaísse sobre nós dois conforme ele se aproximava.

Não fui capaz de sentir o tecido de sua blusa ou algo o cobrindo em seu peitoral, apenas o jeans grosso que ele não havia retirado e que parecia incapaz de conter a ereção pressionando minha bunda nua e mordida.

A voz rouca e agressiva, foi o que bastou para me fazer fechar os olhos e pulsar ardida entre as pernas.

— O que falei sobre me esperar na cama, porra?

SANTIAGO SALVATORE

Afundei o rosto no pescoço de Manoela, que involuntariamente empurrou o traseiro gostoso contra a ereção já formada dentro da calça jeans que eu sequer tive tempo de retirar. A verdade é que sabia perfeitamente o que iria acontecer se eu não tivesse entrado com roupa e tudo debaixo dos jatos de água que a molhavam.

Porque, com a maior cara de pau, Manoela teria se afastado. Impondo a maldita distância entre nós dois, que tanto me perturbava.

Com sua mão estendida, eu a girei, para que a água gelada fosse substituída, preenchendo o banheiro rapidamente de vapor. Eu queria as paredes desse banheiro queimando como *eu* queimava por dentro.

Resistente como era, Manoela ainda tentou se desvencilhar, mas não admiti. Em vez de deixá-la ir, eu a empurrei contra o azulejo frio e deslizei a barba por fazer pela linha de sua coluna, causando-lhe pequenos arrepios de protesto.

Automaticamente, uma de minhas mãos se fechou contra a polpa gostosa de sua bunda, apertando-a até praticamente afundar meus dedos em sua pele. Isso, enquanto eu a mordia em seu ombro com a mesma brutalidade com que a safada marcava o meu corpo ao gozar.

— Se você soubesse como me irrita quando não me responde. — Emaranhei parte do seu cabelo grosso, e a fiz virar o rosto parcialmente. Sua bochecha permaneceu grudada ao azulejo, assim como os mamilos intumescidos.

Em silêncio, ela devolveu o olhar que gritava fúria e raiva. Os olhos dourados mostrando-se orgulhosos e desafiadores, mesmo quando se fechava

dentro de si, eram a razão pela qual Firmino não confiava na infeliz. De acordo com ele, Manoela tinha olhos mentirosos. Lábios traiçoeiros e uma boceta em busca de problemas. Eu ria quando o escutava falar, mas sabia que ele não estava errado.

Principalmente, por conta do efeito que a desgraçada tinha sobre mim. Manoela deixava-me agitado. Neurótico. Possessivo.

— O que espera que eu te responda? — Acompanhei o mover dos seus lábios, um ato que sempre me punha duro. Não vou negar, a boca apertada dessa garota era a minha fraqueza. — Que precisei sair da cama porque nós dois passamos a noite fodendo, e eu não aguentava mais? Ou porque, depois de gozar sobre mim, eu precisava me limpar e arrancar o seu cheiro do meu corpo?

Camisinha era algo que usávamos *quase* sempre, mesmo com Manoela tomando pílula. O que não me impedia de tomá-la no seco, sem nada entre nós dois.

— Gosto do meu gozo em você, *amor*. — E falava sério. Nada me deixava mais insano do que tirar para fora e sujá-la com sêmen. — Gosto de saber que se algum desavisado se aproximar do que é meu, será o meu cheiro que ele irá sentir. — A infeliz se debateu; o corpo pequeno mostrou-se inútil em me afastar.

Cada tentativa de Manoela em me manter distante, deixava-me mais fissurado. Era o desafio que eu gostava.

A atitude arisca fez-me cavar entre as mechas grossas ao redor dos meus dedos. E apertá-las um pouco mais. E Manoela gostava, um puxão mais forte, uma mordida profunda em sua carne, e o seu orgasmo vinha em instantes, fosse no meu pau ou boca.

— Não sou animal para ser marcada, Santiago — ladrou irritada. — E

não quero que sintam o seu cheiro em mim, seria... degradante.

— Ser minha é degradante? — exigi saber. — Não cuspa no prato que come, *amor,* ou melhor, no pau em que goza... a menos que seja para me dar prazer. — Seus olhos se estreitaram, furiosos. — Há muita mulher lá fora implorando para que eu as coloque em seu lugar.

A safada ciumenta me empurrou, virando-se para ficar cara a cara comigo. Eu não era o único territorialista aqui, Manoela já tinha deixado claro que no dia em que eu me deitasse com alguma puta, ela nunca mais abriria as pernas para mim. A infeliz tinha coragem, eu precisava admitir.

— Não estou pedindo para ficar. Estou? — Balancei a cabeça de um lado a outro, cerrando o maxilar ao conter seu descontrole.

Segurei seus punhos acostumados a baterem em meu peito, sempre que algo a desagradava . Suas reações violentas não me impediam de ser um homem paciente, mas tudo tinha limite.

— Mulher *minha* sente prazer em ser minha, Manoela. Não vergonha. — Impus a perna entre as suas coxas, exigindo que as abrisse.

A bandida lutou, se debateu. Meu pau gostou da brincadeira e ela também. Porque os seios úmidos ficaram intumescidos, raspando o meu torso, como dois pedacinhos de fruta madura.

— Até quando vamos jogar esse jogo? — rosnei baixo quando Manoela se soltou e cravou as unhas em minhas costas, abrindo as feridas antigas feitas por ela. — Você luta comigo, mas gosta. Me procura à noite, ferra com a porra da minha cabeça por achar que pode me ignorar...

— Você é um animal! — gritou, escandalosa. — E posso te ignorar a hora que eu quiser. É meu direito!

— Seu direito? — A garota lutava tão bravamente, que chegava a ser

engraçado vê-la se render aos meus beijos e carícias, mansinha como uma gata.

— Eu te odeio — admitiu, não satisfeita em apenas me causar dor.

O que ela parecia não compreender ainda, era que, quanto mais me empurrava, mais doente por ela eu me tornava.

— Não há problema em me odiar, Manoela. Problema nós teríamos se você começasse a mentir para mim.

10

MANOELA GARCÍA

Essa não era a primeira vez que Santiago deixava clara a sua aversão por mentiras ou, então, que disparava pequenas ameaças, como se testasse minha reação a elas. Ou quisesse simplesmente me apavorar. Algumas vezes ele conseguia; mas em outras, eu o ignorava. Fingia que não era o filho da puta mais perigoso desse país a tentar foder com a minha cabeça.

Com a mão se fechando ao redor do meu pescoço, eu não tive outra escolha que não a de encará-lo. A essa altura, ter a marca de seus dedos em minha pele não era algo que me surpreendia. Ou assustava. Santiago fazia questão de que vissem a prova do que ele fazia comigo entre quatro paredes. Não para se autoafirmar, o infeliz não precisava, era mais como um sinal. Um alerta para que nenhum outro homem se aproximasse.

— Eu deveria ter escutado Firmino — murmurou, a centímetros de distância da minha boca. Tudo com ele era uma tortura. — Se ele tivesse *cuidado* de você antes, tudo seria mais fácil agora.

Entreolhamo-nos, enquanto eu o sentia arrastar sua outra mão até o meio de minhas pernas. Seu dedo afastou os grandes lábios e afundou por toda a minha boceta como se me castigasse. Tive o clitóris beliscado e esfregado; a aspereza com que o fazia aflorava as sensações de prazer e dor, deixando-me desorientada.

Em momento como este, em que Santiago trazia Firmino à tona, eu me questionava quanto tempo mais teria até que ele descobrisse a verdade. A tensão da incerteza vinha sendo tamanha, que meus pesadelos haviam piorado.

A cada vez que Santiago me deixava a fim de ir cuidar de seus

negócios, eu sofria com o pensamento de que aquele poderia ser o dia em que o homem descobriria sobre mim. Então a porta se abria no seu retorno, e eu me via procurando dentro de seus olhos por evidências de que a minha hora tinha chegado.

Querendo minha atenção só para ele, Santiago circulou minha entrada e, repentinamente, afundou dois de seus dedos dentro de mim, fazendo-me gemer. A mão que segurava o meu pescoço, deslizou até que ele apertou com ganância os meus seios, voltando a empunhar o meu cabelo molhado e o puxou. Tentei imaginar o que poderia tê-lo deixado nesse humor violento. Mas conhecendo-o como o fazia, supus que a razão fosse a mesma de todas as outras vezes que Santiago entrou nesse quarto com mãos sujas de sangue e procurou tão avidamente por mim.

— Se acha que me tirar da sua vida a tornará mais fácil, por que não acaba comigo de uma vez por todas? — Responder a esse homem era como brincar de roleta russa com uma arma. Imprevisível.

Três meses. E eu já não tinha mais certeza se algum dia teria a minha liberdade. Física ou emocional. Era como se a cada beijo ou sexo feito, uma parte minha fosse entregue a esse homem e aprisionada dentro dessas paredes.

— Tudo a seu tempo. — Suas palavras me irritaram, surpreendendo-me ao perceber que eu daria qualquer coisa para nunca mais ter que sentir raiva.

— Vai sentir minha falta quando eu me for? — perguntei, provocando-o. Ter seu corpo tão próximo ao meu, e completamente nu, deixava-me zonza. Cada pelo, cada músculo. O encaixe era perfeito, pensei, angustiada. Correndo os meus dedos pelas cicatrizes do seu peito enquanto evitava olhar dentro de seus olhos. — Ou vai colocar Rosa em sua cama

assim que eu sair por aquela porta?

Santiago segurou-me pelo rosto, através do aperto em meu cabelo, e me fez encará-lo.

— Por que insiste em trazer Rosa para as nossas discussões?

— Porque ela quer você! — gritei.

— E isso a irrita? — Comprimi meus lábios, recusando-me a lhe responder, e o empurrei com intenção de deixar o boxe. O que estava a um passo de acontecer, quando o escutei:

— Vá até a bancada e se curve! — ordenou, e foi o que bastou para que minhas pernas formigassem. — Me ouviu, Manoela?

Nervosa, dei-me conta de que com Santiago havia somente duas opções: dizer não e forçá-lo a ser cruel. Ou simplesmente fazer. Nos dois casos, eu sempre gozava.

Caminhando para longe, eu parei em frente ao espelho embaçado que, com a minha respiração, tornou possível enxergar os contornos de meu corpo. A bagunça que eu estava, desde o cabelo jogado em minhas costas, até os pingos grossos que ainda escorriam...

— Estou esperando, Manoela! — o homem rosnou do boxe, enquanto terminava de se lavar.

Afastei os poucos objetos da bancada e me curvei. O som dos seus dedos passeando pelo seu próprio corpo, deixou-me excitada. Eu quase podia imaginar a mão larga, envolvendo o próprio pênis e testículos. Passeando asperamente pelo seu torso ardendo pelos meus arranhões. Atordoada, eu abaixei a cabeça e ofeguei baixinho.

O ruído do chuveiro sendo desligado, fez-me sofrer em antecipação. O que ele faria comigo? Chuparia? Tocaria?

Ou iria me bater?

Droga!

— Às vezes, eu acho que você gosta quando eu a castigo. — Escutei sua voz, mas nenhum sinal do que ele faria a seguir. — É como se pedisse por isso, *amor*. — Apertei, com força, uma coxa na outra fazendo-o rir. — Me diga... — Estremeci inteira ao tê-lo deslizando o dedo pela minha espinha... ossinho por ossinho. — Você me irrita de propósito?

Santiago empurrou sua ereção contra a minha bunda, mantendo um braço de cada lado da bancada. Senti-o latejar no alto de minhas coxas, e aguardei.

Gemendo alto ao ter seu quadril, e os pelos ásperos ao redor do seu eixo, friccionando a minha boceta. Fechei os olhos, ainda com a cabeça baixa. Recusando-me a erguer o rosto e vê-lo atrás de mim. O efeito que Santiago tinha sobre o meu prazer, e orgasmos, era coisa de outro mundo. Era uma vergonha ter de admitir, mas teve vezes que gozei somente com o som de sua voz em meu ouvido.

— Irrita, Manoela? Me responda, caralho! — Um tapa foi ouvido em minha carne, e eu entendi o tipo de castigo que receberia. O que doía tanto, que ele só parava quando eu implorava... pelo gozo.

— Não!

— Acha que não sei quando mente para mim? Acha, garota? — Deu outro tapa, no mesmo local, sobre a pele ainda queimando.

Era assim que a mente desse monstro funcionava. E maldição, se eu não gostava.

Essa era a razão pela qual me sentia tão culpada quando o seu pênis saía de dentro de mim. E do porquê eu me sentia... vendida. Uma traidora

tentando convencer a si mesma de que gostar de trepar com o diabo, não significava que eu estava disposta a perdoá-lo por seus pecados. Ou viver feliz para sempre ao seu lado no inferno.

Prazer nenhum que esse homem me fizesse sentir, o tornava humano aos meus olhos. Pelo contrário, quanto mais eu o conhecia, mais percebia que havia tudo em Santiago. Menos humanidade.

— Eu acho que não... — Caso contrário, eu já estaria morta, pensei ao mesmo tempo em que ria recebendo outro tapa.

— Acha, não é? — Santiago acariciou a polpa da minha bunda, como se tentasse espalhar o ardor. Diminuí-lo. — E se eu disser que não acredito em nada do que diz? E que nunca acreditei, desde o primeiro dia? — Abri os meus olhos, finalmente o procurando através do reflexo do espelho. — Que a única razão de estar viva é porque estou tão viciado em você, que me recuso a deixá-la ir. *Ainda*. Lembre-se bem desse *ainda*, Manoela.

Então outro tapa foi ouvido, e sentido, mas dessa vez eu me encolhi inteira. O infeliz tinha batido em minha vulva. Um estalo tão alto e profundo, que, quando ele afastou os seus dedos, a excitação escorreu por eles. Melando minha bunda. Eu poderia ter gozado ali, naquele momento, se não fossem as palavras que tinha escutado sair de sua boca e o medo de que ele descobrisse a mentirosa que eu era.

Eu já não estava achando graça nenhuma quando o senti circular meu ânus, como se imaginasse o momento em que o tomaria para si. Até que, empurrando-me um pouco mais, eu o vi se ajoelhar atrás de mim e me chupar.

Metendo sua língua sobre o meu clitóris inchado, pressionado pelas pernas que eu ainda mantinha fechadas. Naquele momento, eu desejei ter o que apertar, qualquer coisa. Apenas para conter a onda de prazer que veio

com as lambidas. Assim como a tensão.

Ramírez me chupou, muitas e muitas vezes, mesmo sendo um egoísta na cama. Mas com Santiago, eu não sabia explicar. Só era diferente. O homem fazia com gosto, como se enfiar a cara entre as minhas pernas e me provar o excitasse da mesma forma que fazia comigo. Era insana a forma como empurrava o seu rosto, mesmo quando eu já não aguentava mais gemer e me contorcer.

— Eu vou... — choraminguei, baixo. E estendi as mãos até o espelho, desejando ser capaz de esmagá-lo entre os meus dedos. — Deus, Santiago, eu vou gozar se continuar...

O infeliz lambia do clitóris até a minha entrada, que parecia querer sugar sua língua para dentro tamanha a vontade de senti-lo ali em meu interior.

A ponta do seu nariz, raspando duro as extremidades da minha vagina, era um pequeno adicional que me tinha gritando sem qualquer esforço. Eu estava tão perto, que já podia sentir a dor e o frenesi ensandecido que começava pelo dedinho do pé e subia, espalhando-se até se concentrar em meu ventre.

Quando o primeiro tremor, anunciando o orgasmo, veio, meu estômago contraiu e eu me vi mordendo o meu próprio lábio.

Esse foi o exato momento em que Santiago se afastou...

— Não goze! — ordenou, enquanto eu sentia o meu coração praticamente saltar de dentro do meu peito.

O infeliz não podia estar falando sério.

— Santiago... — choraminguei, apertando uma perna na outra. Como se com o gesto, eu pudesse me impedir de gozar. Exigiria tudo de mim fazer

o que me pedia, droga!

— Eu disse para não gozar. — Ele voltou a bater em minha bunda e, em seguida, esfregou a cabeça do seu pênis duro contra a minha boceta. Deslizando para cima e para baixo enquanto eu lutava para não gozar; e mais do que isso, não empurrar o meu corpo para trás, enfiando-o dentro de mim e colocando um ponto final a esse maldito jogo.

Gozar, eu precisava gozar.

Chiei baixinho, incerta se as palavras tinham ou não saído de minha boca. Tudo o que eu sabia naquele momento, era que enquanto olhava para Santiago, através do reflexo, minhas unhas raspavam o mármore do banheiro sem realmente conseguir.

Certa de que, se continuasse o encarando, o meu corpo se renderia e eu gozaria, eu abaixei a cabeça e esperei até que ele me deixasse *vir*. E, lutando contra a maldita excitação, eu mordi o meu próprio lábio ao sentir o roçar dos mamilos duros sobre a bancada gelada.

— Levante-se, *amor*. — O infeliz acariciou o meu traseiro e se afastou, deixando-me insaciada e dolorida entre as pernas. — Mercedes nos espera, e eu não pretendo me atrasar.

SANTIAGO SALVATORE

Ao vê-la se levantar, eu limpei a minha boca dos seus sulcos. O gosto doce e o cheiro extremamente feminino seriam sentidos por toda a manhã enquanto o padre Alonzo pregava suas palavras tão seriamente. Encarando uma Manoela furiosa, eu a deixei se afastar vendo, através do reflexo do espelho, a bunda marcada por meus tapas. Saber que a todo o momento, ela estaria dolorida e carente do orgasmo não dado, ajudar-me-ia a passar pela manhã sem morrer de tédio.

Voltei ao quarto, a fim de apressá-la, encontrando-a em frente à cama, cuja camisa usada tinha sido dispensada assim que cheguei.

— De quem é o sangue? — perguntou, sem olhar para trás. — O que fez dessa vez?

— Nós já conversamos sobre todas essas suas perguntas e o quanto elas são irritantes — lembrei-a, separando algo para que pudesse vestir.

— Até quando vai me deixar de fora? — insistiu, como se eu lhe devesse explicações.

— São negócios, Manoela. *Meus negócios*. Não espere que eu os compartilhe com você.

— Eu sou boa para foder, mas não sou para que divida o restante de sua vida comigo, é isso? — quis saber, irritada, elevando o tom de sua voz. — Não posso andar pela sua casa, porque sua avó não suporta minha presença e Rosa parece querer me atacar a cada vez que me vê.

— Não as envolva em suas neuroses! — gritei de volta. — Mercedes tem todo o maldito direito de não querer uma estranha qualquer dentro da sua

própria casa, e quanto a Rosa, ela é inofensiva, pelo amor de Deus!

— Uma estranha qualquer... — Furiosa, ela se virou fazendo-me olhar ao redor, à procura de algum potencial objeto que a infeliz violenta poderia arremessar contra mim. Porque ela o faria. Manoela não tinha nenhuma noção de sobrevivência.

— Vá se vestir, Manoela — pedi, vendo a loucura surgir dentro de seus olhos.

— Quem você matou? — insistiu. — Quem irritou *El Señor de la Guerra* dessa vez? — A infeliz queria briga.

Ignorando-a, eu comecei a me vestir ciente de que Manoela permanecia parada em meu quarto. Nua como veio ao mundo.

— Estou te dando dez minutos, porra! Nem um segundo a mais — avisei-a.

— Eu gostaria de ficar em casa. — Ela cruzou os braços em frente aos seios volumosos enquanto eu me perguntava se ela não usava, de forma descarada, o seu corpo contra mim. Quero dizer... como discutir com uma mulher como ela estando nua em pelo à sua frente?

— Isso não vai acontecer — respondi, acreditando em suas más intenções. — Mercedes já foi avisada de que você se juntará a nós essa manhã.

— Pois diga a ela que estou doente.

— Não vou mentir para Mercedes, Manoela. Não por sua causa. — Eu a irritei com minhas palavras.

— Que diferença eu farei na preciosa igreja de Mercedes, Santiago? — exigiu saber. — Quando ela vai perceber que nem todo o dinheiro do mundo é capaz de impedir que vocês terminem no inferno?

Abotoei a camisa, lento, fazendo uso de toda a paciência que possuía.

— Quem, Santiago, manda erguer a porcaria de um santuário apenas para que possa pedir pela salvação do próprio neto?

Manoela gostava do confronto. E por muitas vezes era como se desejasse que eu perdesse a cabeça e a machucasse, de verdade.

— Vá se vestir. Deus não é algo que pretendo discutir com você.

— Ele nunca vai perdoar vocês. O sangue que há em suas mãos... — falou, como uma cadela ressentida.

— Não estou atrás de perdão, Manoela. — Caminhei até ela, e a segurei pelo pescoço realmente irritado. — E já que começou, quero que saiba que o sangue que escorre de minhas mãos, é tudo, menos inocente. Então pare de me testar, caralho, porque se há alguém com direito a ir e vir na droga daquela igreja, é a minha família.

Minhas narinas inflaram, enquanto a sentia ficar sem fôlego.

— Fui claro?

Ela empurrou a minha mão, depois que eu já estava disposto a soltá-la.

— Não existe céu para pessoas como você — disse ao se afastar com uma tranquilidade, que só poderia ser para me irritar.

Verifiquei o relógio, e grunhi:

— Você tem cinco minutos. — A porta do seu quarto se fechou, fazendo-me cerrar a mandíbula.

Eu vou descobrir o que esconde, porra! É só questão de tempo.

MANOELA GARCÍA

Encarei os vestidos luxuosos, sapatos caros e as joias. Não havia usado sequer a metade ainda, não estando presa dentro dessa casa. Não fazia sentido encher o *closet* com elas, se tudo o que Santiago gostava de me ver vestindo eram as lingeries que me comprava: rendas negras, couro, cetim. Espartilhos, meias 7/8, cintas-ligas...

Apenas o melhor para o maior.

Irritada, minha única vontade naquele momento foi atear fogo a tudo: as calcinhas que ele fazia questão de arrancar do meu corpo todas as noites. Os colares, que, por vezes, soavam como coleiras ao redor do meu pescoço.

Respirando fundo, e querendo vê-lo vermelho de raiva, eu escolhi um dos vestidos mais decotados e apertados que possuía e o vesti. Sem tempo para secar o cabelo, eu o amassei, deixando-o solto. Em breve, o liso escorrido, estaria substituído pela massa de ondas suaves que ficavam ao secarem ao ar livre. Completei tudo com um batom vermelho nos lábios e saltos altíssimos.

Olhei-me rapidamente no espelho de corpo inteiro, mal conseguindo respirar dentro do vestido, mas satisfeita com o que ele faria a Santiago e a cada homem que atravessasse o meu caminho hoje. Ochoa dizia que eu tinha tido sorte por ter puxado à *prostituta que me pariu*, que tínhamos os mesmos olhos e a mesma personalidade. Só que eu não considerava sorte, e sim maldição.

Nunca soube como sua mãe acabou escolhendo seu pai. — Escutei-o dizer certa vez. — Ela podia ter tido qualquer homem... podia ter tido o

mundo, se tivesse sido apenas um pouco menos orgulhosa. — Eu o encarei na época. — Você é como ela, criança. Bonita, mas não vale nada.

A lembrança me fez hesitar por um segundo. Talvez eu devesse avisá-lo sobre o sangue nas mãos de Santiago? E se a morte de hoje tivesse a ver com o passo que demos na noite passada? Outra carga apreendida... o homem deveria estar louco.

No instante em que peguei o telefone, disposta a enviar algo rápido, a porta do quarto foi aberta. Santiago estreitou os olhos para as minhas mãos e se aproximou sem dizer nada. Seu olhar varreu lentamente o meu corpo.

— Você só pode estar querendo foder comigo. — Ele tomou o aparelho da minha mão.

— Não vou trocar de roupa. É isso, ou fico em casa. — protestei, observando-o deslizar o dedo pela tela sem pedir licença, e o jogar sobre a cama ao ver que tudo o que havia registrado eram chamadas dele, e algumas fotos que eu tirava pela propriedade.

— Você não vai ficar, Manoela. Vestida como uma meretriz ou não, irá comigo.

Segui ao seu lado quando ele deixou o quarto, notando a forma como Firmino, ao nos encontrar na varanda da suíte, fez questão de me deixar um passo atrás. Como se me colocasse em meu lugar. Nos separamos quando Santiago entrou na casa para buscar Mercedes. Fiquei atenta a aproximação de Javier e James, enquanto o aguardava voltar.

Atrás de mim, eu notei não pela primeira vez, o quanto os dois eram bonitos, ainda que estivessem cobertos por tatuagens. Além das expressões sérias, eles também falavam pouco, e tinham o foco completamente nas

costas do patrão.

Graças à falta de vergonha de Santiago, os dois já haviam presenciado bem mais do que nossas discussões e brigas. O infeliz não fazia questão alguma de esconder quando fazíamos sexo. Acalorada, eu levei a mão até o pescoço e esperei que a brisa, mesmo que morna, me acalmasse por dentro.

O que não aconteceu.

— Bom dia, Srta. García. — Virei-me, ficando cara a cara com o cuidador do estábulo de Santiago. Um garoto com seus 17, 18 anos, que tinha um sorriso sempre que me via.

Com Santiago mantendo-me longe de seus negócios, eu precisava me virar como podia a fim de conseguir informações para Ochoa e Ernesto era uma boa fonte. Um sorriso meu, e o garoto saía me contando tudo sobre as funções de seu pai dentro dessa propriedade. Porque não era apenas dos cavalos que ele cuidava, ao que parece, o *bicho-papão* se fazia dos conhecimentos do pai de Ernesto, que era veterinário, para tratar de ferimentos e pequenos incidentes dentro de seu exército.

— Bom dia, garoto bonito — cumprimentei-o, deixando-o vermelho. — O que faz por aqui tão cedo? — Era domingo, não era possível que seu pai e Santiago o colocassem para trabalhar.

Com a expressão preocupada, Ernesto revelou:

— Meu pai está cuidando de um dos cavalos essa manhã, parece que ele foi intoxicado por causa de uma planta...

Assenti, tentando aparentar surpresa.

Conseguir as folhas de que precisava não tinha sido fácil, fazê-las chegar até um dos cavalos de Santiago, menos ainda. Por sorte, três meses eram tempo suficiente para que eu conhecesse a rotina do estábulo, quem

entrava e quem saía. Mas, principalmente, o que os alimentava.

— Santiago já sabe? — Ernesto negou, apreensivo. — Meu pai tenta não o perturbar com coisas assim, mas se perdermos Kheshi...

Kheshi? Não tinha sido ele o meu alvo. E sim a besta feroz. Porque se as histórias que Ernesto me contava fossem verdadeiras, Kaiser era um assassino, como o dono.

— Existe essa possibilidade? — perguntei, sentindo-me culpada. Eu sabia que algumas ervas podiam ser tóxicas e, às vezes, até mesmo letais a certos animais.

Minha intenção, porém, não tinha sido machucar um inocente. Eu queria que fosse o outro a ser atingido... o que realmente merecia.

— Sim, senhorita. Existe. — Eu podia ver o medo em seus olhos, e o remorso a me consumir.

— Não se preocupe, Kheshi irá ficar bem. — Eu esperava que sim, pensei, enquanto tocava o seu braço, com um propósito que ia além do de confortar o garoto. Tê-lo ao meu lado era uma vantagem.

— A nossa sorte é que não foi Kaiser, senão... — Santiago seria capaz de matar a todos, pensei.

Encarando-me como se soubesse o que eu pretendia, Javier balançou a cabeça me recriminando em uma de suas constantes tentativas de me impedir de cometer alguma besteira. A advertência silenciosa, no entanto, não me impediu de me aproximar de Ernesto e falar baixo:

— Qualquer problema que tiver com Santiago, me avise, sim? Você não tem culpa que ele seja louco por esses cavalos e os trate como se fossem tão especiais... — Porque, para mim, eles não eram.

— Eu... ele... — o garoto gaguejou, seu olhar se debateu em algum

ponto atrás de mim. Não me virei, nem mesmo quando escutei passos vindo em nossa direção.

— Você ainda não percebeu que está brincando com fogo, não é? — Javier se colocou ao meu lado e, em seguida, acenou para o ponto estratégico em que Santiago se encontrava.

O *bicho-papão* carregava um cigarro entre os dedos com uma expressão fechada. Mercedes e Firmino seguiam logo atrás dele, mas pareciam alheios ao que acontecia. Com um único movimento, eu o vi apagar a chama com a biqueira do sapato e murmurar para o homem de sua confiança algo que o fez se afastar e seguir o mesmo caminho feito por Ernesto.

O remorso me tomou, porque a última coisa que eu queria era que mais alguém se machucasse por minha causa. Ainda mais alguém inocente.

— Ernesto não tem culpa, nós só estávamos conversando — falei a Javier, que deu de ombros como se não se importasse.

— Explique isso a Santiago, Manoela. Não a mim.

11

MANOELA GARCÍA

A SUV conduzida por Firmino foi uma das últimas a deixar a propriedade, juntando-se ao comboio que seguia em direção a única paróquia da região. Não era de admirar que dinheiro sujo tenha levantado aquela igreja, e nem que as crianças dessa cidade fossem alimentadas com o mesmo dinheiro que matava seus pais. Na cabeça de Santiago, era uma troca justa.

Distraída com a paisagem do lado de fora, semelhante às encontradas em países, cuja guerra deixara seus rastros, eu tentei não me incomodar com o silêncio de Santiago ou com a presença de Firmino. Olhar para os carros e casas que passavam, nesse caso, era melhor do que saber que, de tempos em tempos, o infeliz que dirigia verificava-me através do retrovisor.

À frente do carro em que estávamos, Javier e James dirigiam. E logo atrás, vinha o veículo com Mercedes e Rosa. Incrível como pessoas que matavam famílias inteiras, tivessem tanto com o que se preocupar. Eu tinha nojo da religiosidade de Mercedes e sua necessidade em se mostrar tão caridosa. A velha sabia exatamente o que seu neto e filho faziam, acho até que se orgulhava.

Quem a maldita pensava que era para poder me julgar? Ou, então, me tratar como lixo quando era o seu neto o responsável por centenas de mortes em todo o país?

Pior do que ela, só Rosa, que veio parar nessa família quando ainda era pequena e foi criada por Mercedes como uma filha. Eles a consideravam a perfeição em pessoa. Devota, comportada. Educada. Tudo o que eu não era.

Não que eu acreditasse em toda essa sua pureza. Porque a maneira como Rosa olhava para Santiago não era nada inocente. Era o olhar de uma

mulher excitada. A infeliz o queria, e me odiava porque eu o tinha.

Com um par de óculos escuros cobrindo o rosto, eu continuei a ignorar o mau humor de Santiago até que senti seus dedos se afastarem do celular e afagarem minha coxa.

— Qual é a lógica que você vê em me irritar? — A pergunta veio áspera fazendo com que Firmino, ao volante, olhasse para trás através do retrovisor.

— O que eu fiz agora? — respondi cínica.

— O que foi que você fez? — Ele riu, sem humor. E a forma como apertou o meu joelho era a prova de que eu tinha acabado com qualquer paciência que Santiago pudesse ter reservado para o dia. — Hoje, foi você quem tocou outro homem. Quando for o contrário, pode apostar, Manoela, que arrancarei dedo por dedo do infeliz que encostar em você e, mais do que isso, eu a farei assistir para que nunca mais cometa o erro de permitir que algo assim se repita! — ameaçou, pegando-me de surpresa. Santiago era fechado, dificilmente demonstrava emoções que não fossem voláteis ou violentas, e aqui estava ele... deixando claro, à sua maneira, que eu lhe pertencia. — Fui claro?

Teimosa, eu não o respondi a princípio.

— Responda, Manoela. Eu fui claro?

— Claríssimo.

O homem não voltou a falar comigo, em vez disso manteve sua atenção na janela ainda que seus dedos permanecessem sobre mim como uma demonstração de posse. Olhei para o anel que carregava, o mesmo de tantos anos atrás, e senti o corpo inteiro enrijecer.

— O que significa o símbolo em seu anel? — tomei coragem para

perguntar, algo que sempre me inquietou.

Eu já havia visto outros homens com anéis como este. Ochoa tinha um, mas não representava nada. Eu queria saber o que o do Santiago representava.

— Por que quer saber? — Ele se virou, analisando com cuidado o meu interesse.

O homem era um filho da puta desconfiado.

— Esquece... — Não eram nem nove horas e eu já estava exausta, droga!

— *El Castillo*. — Ele apontou para o castelo retratado no anel.

— O seu cartel. Simples assim?

— Que significado achou que teria, Manoela?

— Não sei. Só achei que...

— Às vezes, as coisas são o que são. Sem subterfúgios ou mistérios.

— Não tem graça.

— Não é para ter — disse sério, olhando-me dentro dos olhos.

O contato entre nós dois foi cortado assim que o carro estacionou em frente à igreja. Observei pessoas humildes entrando na paróquia, e vi o instante em que o padre Alonzo se aproximou e esperou por Mercedes, que descia do veículo nesse instante.

Após acenar para Santiago, Firmino nos deixou a sós, como se obedecesse a algum pedido de seu patrão. E deveria ser mesmo, porque, quando me preparei para descer, tive o pulso segurado. Santiago não se importou que eu estivesse maquiada, e que o meu batom fosse de um vermelho vivo, ele simplesmente apertou o meu queixo e me beijou. De

forma bruta e lasciva.

Como um aviso.

— Não me faça perder a paciência, Manoela. As consequências para você irão muito além do que alguns dedos perdidos. — Ao se afastar, ele limpou o meu lábio com o polegar. — Agora vá e se junte a minha avó e, pelo amor de Deus, deixe Rosa em paz! A última coisa que preciso hoje é receber queixas dela a seu respeito...

— Mais alguma coisa? Alguma outra exigência, ou quem sabe... ameaça?

— Há sim — respondeu com a voz grave. — Tire a calcinha.

Sacudi a cabeça, prestes a negar, mas Santiago já não prestava atenção em mim e sim à mensagem que havia recebido em seu celular.

— Você não pode estar falando sério.

— Estou... e se eu fosse você não arriscaria descobrir. Porque se não tirar com as próprias mãos, eu não me importarei de eu mesmo a tirar.

Não, ele não se importaria. E foi por isso, para não ter suas mãos em meu corpo e sentir o orgasmo, que ele não me autorizou a ter, surgir. Eu ainda estava dolorida, contendo a excitação. E, possivelmente, muito molhada. Sem encará-lo, eu subi o vestido colado e balancei o quadril enquanto deslizava a calcinha minúscula e sem costura pelas minhas pernas e tornozelos. Tudo sob o olhar atento de Santiago. Sei que ele viu o vão entre as minhas coxas, e a boceta nua.

No final, eu levantei um pé depois do outro, e segurei a calcinha entre os dedos para que ele pudesse ver. O que não durou muito tempo.

— Desça, eu fico com ela. — Santiago a pegou da minha mão, seu polegar recaiu sobre a parte mais úmida do tecido. E como se não significasse

nada, ele a guardou no bolso de sua calça de alfaiataria e levou o próprio polegar à boca, em busca de algum vestígio da minha excitação. Ou gosto.

— Você é doente — murmurei, em outra tentativa de abrir a porta.

— Pensei que já estivesse acostumada, *amor*. — Habituado a ter sempre a última palavra, Santiago desceu antes de mim deixando-me perplexa por um segundo.

Javier, que se encontrava à minha espera no lado de fora, foi quem me acompanhou até a entrada enquanto Santiago ficava para trás.

Senti-me nua sem a calcinha, como se todos pudessem perceber.

Fingindo estar bem, eu me juntei as pessoas que entravam e suspirei resignada antes de seguir até onde Mercedes e Rosa se encontravam. Hesitei, porque não queria me juntar a elas, não sem Santiago ao meu lado, mas sabia que não tinha escolha. Olhei para trás uma só vez, apenas para verificar e pude ver não apenas o olhar de Javier em mim, como o de Santiago. Que pareceu me desafiar: *vá em frente. Seja uma boa garota.*

Argh! Eu iria mostrar ao desgraçado a boa garota que eu poderia ser.

Com um sorriso largo e forçado, eu cumprimentei o padre Alonzo que ainda conversava com Mercedes, como se ela fosse a única fiel presente na igreja, e me sentei ao lado de Rosa, que não tirou seus olhos de mim por um segundo que fosse. Seu olhar indo pelo meu vestido apertado, sapatos caros. Tudo o que ela não possuía. E jamais poderia usar.

Mercedes não permitiria que sua pupila se mostrasse como uma puta.

— Você não deveria ter vindo — a sonsa murmurou se aproveitando do fato de que ninguém nos ouviria. — Está nos constrangendo vestida dessa maneira.

Sorrindo, eu me virei para ela.

— Imagine então o que essas pessoas pensariam se soubessem que eu estou sem calcinha. — Ela me olhou com assombro. — Ah, isso a incomoda, não é? Não se preocupe, minha calcinha está no bolso de Santiago. Quando ele me devolver...

— Não seja baixa, garota! — A voz de Mercedes soou ao lado de Rosa, quando ela se sentou. O que incentivou todos ao redor a fazerem o mesmo. — Rosa não precisava escutar essas baixarias. Ninguém dentro dessa igreja precisa.

— Se o seu neto não tivesse insistido para que eu viesse, eles não teriam escutado.

— Meu neto está louco — grunhiu, oferecendo um sorriso as pessoas que passavam do nosso lado.

— Nisso nós concordamos — afirmei, notando o olhar irritado de Rosa ainda sobre mim. Encarei-a de volta, sentindo uma vontade de beliscar a pele daquela infeliz.

Fazê-la acordar para a vida.

— Ele nunca vai querer você. — Dei voz ao que esperava que fosse verdade. Mas, dessa vez, falei baixo. Me aproveitando da distração de Mercedes.

— Ele vai casar comigo.

Casar?

— Pergunte a Mercedes se não acredita em mim — falou para que a velha escutasse. Mas ela nada acrescentou.

O que essas duas estavam planejando?

A vontade de dizer à sonsa que ele não estaria vivo para se *casar com ela*, passou pela minha cabeça, mas não era isso que me incomodava e sim o

fato de que Rosa realmente parecia acreditar que algo assim aconteceria.

Que ela e Santiago... terminariam juntos.

— Você é patética! — provoquei, olhando para a frente a fim de encerrar a conversa.

— Pelo menos, eu não sou uma prostituta. — Como uma criança, eu levei meus dedos até o braço de Rosa e o torci. Ela não gritou, sequer chiou em dor. Mas o seu bonito rosto ficou vermelho, o que me fez sorrir com sinceridade, pela primeira vez, desde que abri meus olhos essa manhã.

Minutos depois, com as duas me ignorando, Santiago se juntou a nós sentando-se entre mim e Rosa. Fez-me revirar os olhos ao ver o sorriso que ela lhe deu assim que recebeu sua atenção. O padre deu início à missa, enquanto eu me esforçava para não achar tudo cínico demais.

— Nós sabemos que o México tem enfrentando situações difíceis nos últimos anos, o governo pode até não valorizar, mas há bons homens cuidando da população carente, fazendo o que eles mesmos não têm feito. — Olhei para o altar, vendo que de um lado, encontrava-se a Virgem de Guadalupe. E do outro, a *Santa Muerte* de Mercedes.

O discurso tendencioso de Alonzo não era qualquer surpresa. Sua missão na Terra era exaltar a família Salvatore.

— Não podemos nos esquecer de ser gratos a quem olha por nós, a quem está presente em nossa comunidade — Abaixei a cabeça, sentindo-me enjoada. — Alguns males são para o bem, no final.

Os males aos quais o padre se referia eram as mortes? Ele estava falando sério?

— Hoje também será realizada a missa em homenagem a Celeste, a nossa querida jovem que nos deixou tão tragicamente, anos atrás...

Observei a expressão séria de Santiago, ele não havia dito nada sobre ser aniversário de morte de sua irmã. Quem quer que o olhasse jamais imaginaria que esse homem sofria por causa do que havia acontecido. Nem mesmo eu acreditava. Voltei meu olhar para a frente, furiosa comigo mesma por ter esquecido algo tão importante, porque meu pai havia morrido apenas poucos dias depois de Celeste. Eu deveria ter lembrado, deveria ter...

— Ela era inocente, teria sido uma boa mulher... — Alonzo continuou, mas eu já não o escutava. Não completamente.

Porque inocente era o meu pai. Apenas ele!

Um nó se formou em minha garganta ao reviver tudo de novo, meu desespero. A dor que senti por todos esses anos e que ainda machucava. O rosto que nunca fui capaz de esquecer. Todo aquele sangue.

— Manoela? — Santiago me chamou ao ver que meus dedos tremiam.

Encarei-o, sem realmente vê-lo. Consciente de que Santiago era o monstro dos meus pesadelos, e que estar perto dele... fazia arder algo em meu peito. Queimar de forma violenta. O que não era certo, *não podia ser*.

Nervosa, eu pedi licença sem entrar em detalhes. E segui até o lado de fora da igreja. Talvez fosse o medo que estivesse mais latente nessa manhã, ou talvez, tivessem sido as palavras do padre. De qualquer forma, só consegui me sentir no controle de minhas emoções quando a brisa quente atingiu o meu rosto.

Sinaloa era sempre quente, e o vestido não ajudou em nada a me *refrescar*. Permaneci a poucos metros de distância da porta, incapaz de voltar para dentro. Ainda que ciente da presença dos homens de Santiago, principalmente de Firmino, que foi o único com coragem de se aproximar.

— Você deveria estar lá dentro — falou, sem esconder as armas que levava nem o mau humor no qual se encontrava. Pelo visto, quem ditava o *temperamento do dia* de Firmino era Santiago. — Por que não entra e facilita o meu trabalho? A última coisa que esses homens precisam é de distrações...

— Eu sou uma distração? — perguntei, arredia. Sem esconder que o antagonismo que Firmino sentia por mim era recíproco.

— Para Santiago e alguns de meus homens você tem sido sim uma infeliz distração. Mas sabe disso, não é? Hoje mesmo, Ernesto aprendeu, da forma mais dura, o quanto é importante manter os olhos e as mãos dele para si.

— Ele não me tocou — falei, nervosa. — Você viu que ele não me tocou.

— Eu apenas obedeço às ordens de Santiago, Manoela. Nada mais do que isso.

— Todos vocês são loucos.

Firmino não rebateu a acusação, seu olhar estava atento ao carro preto que se aproximava da igreja em alta velocidade.

— Entre! — ordenou, ao mesmo tempo que sons de disparos foram ouvidos.

Firmino não hesitou em revidar, assim como o restante do *exército* que, de repente, estavam todos atirando em direção ao furgão.

Atordoada, eu congelei em reposta à loucura que lugar havia se tornado tão rapidamente. Até que senti o meu corpo ser empurrado para trás enquanto balas eram disparadas em minha direção. Com a força do impacto, minhas costas bateram contra as portas da igreja. Uma bala passou a poucos centímetros de distância do meu rosto. Se não fosse por Javier, que continuou

a me afastar, eu, com certeza, teria sido atingida.

Javier, no entanto, não teve a mesma sorte, fazendo-me gritar ao vê-lo ser baleado. Sem prestar atenção a mais nada, eu mal notei quando Firmino avançou sobre mim e me arrastou até o interior da igreja. Assustada, eu olhei e escutei todas aquelas pessoas desesperadas, enquanto procurava instintivamente por Santiago, que correu em minha direção com a arma já empunhada.

Tive o rosto tocado, verificado. O homem tinha olhos loucos, e parecia atrás de alguma ferida ou sinal de disparo contra mim.

— Você está bem? — perguntou, nervoso. — Olhe para mim, Manoela? — Eu o fiz. — Onde está doendo? — Não estava doendo, acompanhei o seu olhar, que recaiu sobre o sangue do meu vestido.

— Não é meu. — Eu esperava mesmo que não fosse.

— Tem certeza, caralho?

— Sim, sim... não dói. Eu estou bem.

Ele me soltou, apenas o suficiente para que eu pudesse respirar.

— Não saia daqui! — ladrou e, em seguida, se afastou indo de encontro aos disparos, que não haviam cessado.

Assustada, eu demorei a perceber que estava rodeada pelo padre Alonzo e por Mercedes, que me olhava com olhos de desagrado, como se de alguma forma eu tivesse causado a confusão.

— Quem são eles? — perguntei, querendo respostas.

Porque o ataque não fazia sentido, não era algo que Ochoa teria feito sem me avisar. A não ser que estivesse relacionado ao sangue que vi nas mãos de Santiago essa manhã.

— Mercedes? — insisti, mas ela balançou a cabeça de um lado a outro.

— Este não é o lugar para termos essa conversa.

— Não é como se houvesse o *melhor lugar* para se ter *esse tipo* de conversa! — esbravejei, alterada. — Eles... eles dispararam contra mim, eu preciso saber.

Mercedes me encarou por um instante antes de dizer:

— Meu neto mexeu com quem não devia essa manhã.

Quando pensei no que poderia estar acontecendo lá fora, nos tiros que eu ainda escutava, eu dei um passo à frente, mas fui segurada pelas mãos enrugadas de Mercedes.

— A menos que queira ver Santiago sendo morto, você fica. — Engoli em seco, ainda aérea. Eu conhecia esse mundo, já havia visto e ouvido coisas demais. Mas o som dos disparos ainda tinha o poder de me arrancar o fôlego. Era como voltar ao passado.

As pessoas no interior da igreja continuaram a se espalhar, agitadas e chorosas. Sentei-me no último banco, querendo ficar sozinha. Até que todo o som parou, o padre foi de pessoa em pessoa, as acalmando. E quando a porta voltou a se abrir foi Firmino quem entrou, seu olhar procurava por mim e Mercedes. Sem dizer nada, ele nos levou até o fundo do santuário, Rosa e até mesmo o padre Alonzo nos acompanharam.

Entramos pelo que me pareceu ser um túnel subterrâneo e, quando saímos, era como se estivéssemos a quilômetros de distância da igreja. Não havia som algum.

E o silêncio persistiu até que uma das SUVs de Santiago estacionou em uma ruela estreita e nós entramos. Seguindo a direção de casa.

— Achei que fosse mais esperta. — Escutei a voz de Mercedes. — Mas você não é, assim como não é a mulher certa para Santiago. — Encarou-me, furiosa. — Quando te mandarem fazer algo, você faz, Manoela. Seu comportamento tem decisão direta se meu neto vive ou não.

— Vocês perderam a cabeça se acham tudo isso normal...

Não vou negar, meu sangue ferveu, cada partícula dele. Não saber o que havia acontecido era desesperador. Javier entrou na minha frente para me salvar, mas tinha sido baleado em troca. E Santiago... eu não fazia ideia do porquê ele não estava aqui comigo.

O armamento e a segurança ao chegarmos na propriedade de Santiago, claramente havia dobrado. Fomos aconselhadas a entrar na casa, e permanecer dentro dela até que Firmino obtivesse mais informações. Por uma das janelas largas da sala de estar, consegui ver vários de seus soldados rodeando a propriedade. Concentrados, como se estivessem preparados para a guerra.

Sem o costume de compartilhar do mesmo ambiente que Mercedes e Rosa, eu me senti fora de lugar. Andando de um lado a outro, inquieta.

— Você deveria subir e se trocar, está imunda — Mercedes ladrou ao passar por mim e ir até o sofá onde se sentou ao lado de Rosa, que parecia uma rata de tão assustada. Observei-as conversarem baixo, apoiarem-se uma à outra de forma maternal.

Um tipo de relacionamento que eu nunca tive.

Observei-as por um longo tempo, não querendo admitir que o aperto em meu peito pudesse ser carência. Desde pequena preferi dizer a mim mesma que não ter uma mãe não fazia diferença, mas agora eu me perguntava se as coisas por acaso tivessem sido de outra forma, se eu também não seria uma Manoela diferente?

Deus, como eu odiava a mulher que me trouxe ao mundo!

Mesmo com a proximidade de Firmino ao redor, eu continuei a observá-las. Um nó se formou em estômago ao ver Mercedes segurar a mão de Rosa com carinho, antes que seu telefone tocasse e ela o atendesse.

As palavras *meu filho* foram ouvidas, como um cumprimento, deixando-me gelada de tão alerta. Mas a velha não era burra e, após ver que tinha minha atenção, ela acenou para Firmino e se afastou com o telefonema ainda em andamento. O que eu não daria para ser a porcaria de um mosquitinho.

Notando minha avidez em direção à Mercedes, Firmino decidiu se aproximar.

— Você deveria estar com Santiago — disse ao homem, quando ele se colocou ao meu lado.

— E você sequer deveria estar aqui.

Eu o encarei, sabendo que ele não se referia a *essa parte* em específico da casa e sim a vida de Santiago.

— O que realmente aconteceu naquela igreja, Firmino? Quem Santiago provocou, para que isso acontecesse?

— Como se eu fosse te dizer...

Balancei a cabeça, pelo visto eles realmente me deixariam de fora.

— Se eu soubesse com quem vocês estão lidando, eu não teria ido para fora.

— Você se acha realmente esperta, não é? — grunhiu baixo, colocando-se ainda mais perto. — Todas essas perguntas, as tentativas de ouvir o que não é da sua conta... Só que está enganada, se acha que irei permitir que foda com tudo.

— Você é neurótico como Santiago! — retruquei de volta, e ele bufou.

Não iria permitir que Firmino me intimidasse. Não tive medo dele no passado, e me recusava a ter agora. Tudo o que eu tinha era raiva, precisei me lembrar. Somente raiva de todos eles.

Algum tempo depois do infeliz ter se afastado, escutei o seu telefone tocar. Os *não* e *sins* murmurados deixaram todos apreensivos. Menos eu.

Porque só havia um homem no mundo a fazê-lo responder com tanta obediência. O que significava que Santiago estava vivo.

— Sim, ela está aqui. — Firmino ergueu o olhar, passando-me o aparelho. Hesitei antes de o pegar, ignorando completamente o olhar assassino que recebi de Rosa.

— *Suba para o meu quarto e permaneça lá até que eu retorne.*

— Por quê?

— *Apenas faça o que estou pedindo, Manoela. Sem discussões.* — Ele parecia exausto. A um passo de explodir.

— Como... — ... *você está?* Pensei em perguntar, mas me recusava a ser tão fraca. Em vez disso, perguntei sobre o homem que me salvou ao entrar na minha frente. — Como Javier está? Ele foi baleado, e...

— *Você jura que está preocupada com ele, porra?* — Santiago gritou do outro lado. — *Quer saber? Passe o telefone para o Firmino, Manoela.*

— Só me diga se alguém se machucou. — *Ele, você*. Eu precisava saber.

— *Eu quero que você suba e tranque a porta depois que entrar na suíte.*

— Santiago...

— *Me ouça pelo menos uma vez! Pode fazer isso?*

Senti como se todos ao redor pudessem escutá-lo.

— Posso.

— *Ótimo, agora passe o telefone para o Firmino.* — Não tive chance, porque o próprio infeliz arrancou o aparelho da minha mão. E assentiu quando Santiago percebeu que era ele. Notando os dois outros homens armados dentro da sala, eu me vi pensando como Ochoa, e no quão fácil seria para que qualquer um deles mudasse de lado.

— Ele me quer lá em cima — falei assim que a ligação foi encerrada, subindo logo atrás dele.

Por todo o caminho até a ala de Santiago, eu só conseguia pensar em como seria fácil para Firmino desaparecer comigo. Não havia ninguém aqui para impedir que ele fosse até o fim dessa vez.

O infeliz deve ter tido o mesmo pensamento porque, antes de destrancar a porta da suíte, ele hesitou encarando-me como se pensasse duas vezes.

— Ele me quer viva — o lembrei.

— Por enquanto. — Abriu a porta. — Agora entre.

Passei por Firmino com um sorriso cínico e fiz exatamente o que Santiago pediu. Eu me tranquei por dentro, atravessei a sala da suíte e fiz o mesmo com a saída que dava para a varanda. Com as cortinas fechadas, eu olhei ao redor, querendo me certificar de que não havia nada fora do lugar – como uma possível câmera ou escuta – e fui até o meu quarto.

O número do celular de Ochoa foi discado rapidamente, mas somente na terceira chamada ele atendeu.

— O que está acontecendo? — perguntei. Ele deveria saber. — Atacaram Santiago durante a missa na igreja... por pouco não me atingiram.

Ochoa permaneceu quieto, até que perguntou:

— *É seguro falar?*

— Sim. Santiago não voltou e eu estou trancada na suíte.

— *Eles podem estar te escutando.*

— Não estão. Eu revisto esse lugar todos os dias, Ochoa. Agora, se sabe o que está acontecendo...

— *Não sei ao certo, e se o que escutei for verdade aconteceu há poucas horas.*

— Ele matou alguém hoje. — Compartilhei o que eu sabia. — Eu vi o sangue. — Não apenas em suas mãos, como em suas roupas.

— *Não foi simplesmente* alguém, *criança. Ele matou um agente da DEA.*

Minhas pernas fraquejaram, não era possível. O que Santiago tinha na cabeça, droga?

— *Manoela?* — As palavras de Mercedes vieram à minha cabeça, ela sabia. E ainda assim manteve-se tão calma. — *Ele vai acabar matando a todos nós, percebe? Santiago não pensa nas consequências, tudo para ele é preto no branco. Ou se está do lado dele...*

— Ou não está.

— *Consegue entender que tipo de homem esse infeliz é, Manoela?* — Não sei por que Ochoa vinha se esforçando tanto para que eu não me esquecesse de quem Santiago era.

Não era como se esquecer fosse possível.

— O que acontece agora?

— *Bem, se Santiago retornar, você não fará nada. Agora, se ele morrer ou for pego pelos agentes, aí você terá que arrumar uma maneira de desaparecer. Pelo que conheço dessa família, eles não irão sossegar enquanto não vingarem a morte do infeliz. Ouso até dizer que Juan Carlos é capaz de finalmente dar as caras se isso acontecesse...*

— E não é o que queremos.

— *Não, criança. Não é.* — Ochoa queria o império dos Salvatore no chão, para que ele pudesse assumir o Conselho e liderar em absoluto. A morte precipitada de Santiago só faria os negócios voltarem para as mãos de Juan. — *Sei que não vê a hora de sair daí, Manoela. Mas preciso que seja paciente. Esse ainda não é o momento.*

— Quando será?

— *Quando eu tiver acesso aos negócios que Santiago está fechando fora do país, e a localização exata de Juan Carlos. Até lá, você permanece onde está.*

Mantive para mim a suspeita de que eu não sairia dessa casa, eu não era um bebê chorão. Podia lidar com o fato que parecia a cada dia mais uma verdade. Ainda assim, não conseguia passar meus dias sonhando com a promessa de liberdade de Ochoa.

— *Eu preciso desligar, Manoela. Se mantenha atenta, porque a guerra que esse infeliz tanto procura está muito perto de começar.*

12

SANTIAGO SALVATORE

O carro que James dirigia acelerou pela rodovia, levantando poeira enquanto voltávamos para casa onde Javier já havia sido enviado para ser atendido. Ir até o hospital nesse momento seria uma péssima ideia. A DEA não pensaria duas vezes antes de mandar seus agentes interceptarem qualquer um de meus homens. Não, para situações como essas havia o Dr. Martino. O filho da puta era o veterinário dos meus cavalos, mas vinha salvando minha pele há anos.

Javier, no final, teve sorte. Porque o outro capanga baleado não teve o mesmo fim. Seu corpo foi retirado do local, assim que esvaziamos a igreja, e queimado. Sua família receberia ajuda para seguir em frente, e nós retaliaríamos, no momento certo.

Não era com eles que eu estava preocupado, para falar a verdade. E sim com Manoela. Desde o instante em que desliguei o telefone, após a nossa conversa, eu vinha tentando empurrar para longe o fato de que ela poderia ter morrido hoje.

— Eles sabiam onde estaríamos — James falou, sisudo como sempre. — Adam deve ter dado com a língua nos dentes antes de ser pego.

Talvez eu não fosse o único tentando me dar bem sobre a nossa relação. Se eu não estivesse tão ocupado fodendo Manoela a cada minuto livre do dia, teria tido tempo para prever coisas assim acontecendo.

— Algo me diz que isso é maior do que a gente imagina, James. Tem merda grande vindo por aí.

Pensei no homem que perdi hoje, e nos dois outros feridos. Era de se esperar que, após todos esses anos, eu estaria acostumado com algo tão banal.

Afinal, eu era o homem que tirava vidas sem pensar, mas nunca foi tão simples. O peso das mortes que carregava em minhas mãos, acompanhava-me para cada lugar que eu ia. Era um peso grande a se carregar, mas era o meu peso.

— Esse ataque não vai ficar por menos. Você sabe, não é? — James assentiu, voltando sua atenção à estrada.

Sempre fui bom em planejar rotas de fuga, trajetos, mas também era bom em organizar ataques. Era muito bom, para falar a verdade. Tudo o que precisava era descobrir a cova dos agentes da DEA nessa região. Um problema que já havia jogado sobre as costas do general VilaReal minutos atrás. Essa era a razão pela qual o infeliz estava em minha folha de pagamento, e o dinheiro que ganhava não era pouco, merda! O tanto que eu vinha o ajudando a se promover também não.

Passei o restante da viagem até a propriedade calado, nenhuma surpresa ao ver dezenas de homens espalhados assim que os portões se abriram. Antes de me juntar a Mercedes e Firmino, eu dei algumas ordens específicas e pedi que se preparassem, porque poderíamos sair a qualquer momento. Dependia apenas da velocidade com que Ulisses me entregaria a informação que eu precisava.

Ultrapassei a entrada principal da casa, indo diretamente até onde acreditava que minha avó estaria. E foi ali que a encontrei ao lado de Rosa, que se levantou rapidamente ao me ver e correu em minha direção, hesitante ao ver o estado em que eu me encontrava. Manoela nunca teria feito a expressão que Rosa fez ao ver o sangue em minhas mãos. Porque a verdade era que Manoela não se importava. E quando o fazia, era mais por algum fio de justiça fora de hora que surgia dentro dela. Eu já tinha visto sua reação à morte, ela não chorou, não esperneou ou perguntou se eu estava louco. Ela

aguentou, como uma boa garota teria feito.

Rosa era o que meu pai e Mercedes pareciam considerar que um homem como eu deveria tomar como esposa, mas ela não era uma *boa garota*. Não para o mundo que me cercava.

— Você está bem? — perguntou com a voz baixa, ficando para trás enquanto eu me dirigia a Mercedes, que tinha o semblante sério.

— Seu pai telefonou. — Claro que ele teria feito. — E estava agitado, Santiago.

— Juan Carlos não tem com o que se preocupar, assim como a senhora — garanti, porque era a verdade. Eu jamais permitiria que algo acontecesse a qualquer um dos dois. Se eles eram toda a família que eu ainda tinha, eu os manteria vivos. Não importa quem tivesse que matar para isso.

— Não dou uma hora para que esse ataque esteja em cada jornal desse país. Sabe como isso pode afetar os negócios? Se a DEA está mesmo de olho em você, nós temos um problema.

Eu a encarei. Não estava ignorando o problema, só queria saber como ele surgiu. A DEA ou o FBI nunca deram a mínima para os meus assuntos, e eu nunca fui descuidado. Sabia como encobrir provas, como manter a fachada de homem de negócios. Alguém estava querendo me queimar, alguém que sabia exatamente quem eu era e como trabalhava.

— Eu estou cuidando disso, Mercedes — falei, prestes a subir. Mas ela segurou o meu braço.

— Livre-se da garota, Santiago. O comportamento dela poderia ter te matado hoje. — Ao não obter uma resposta, algo concreto, Mercedes continuou: — Eu não confio nela, e você também não deveria.

Sacudi a cabeça, exausto.

— Eu tenho que lidar com várias coisas, Mercedes. Se precisar de mim para algo que não seja esse assunto, você sabe onde me encontrar.

Eu precisava ter uma conversa com Firmino e, em seguida, afundar no corpo de Manoela até esquecer a porra do dia que tivemos. Meu telefone poderia chamar a qualquer momento antes que eu tivesse que sair, então eu precisava estar preparado.

Avisado de que eu havia chegado, Firmino se juntou a mim na entrada da suíte. Onde eu ainda não tinha visto qualquer sinal de Manoela. Abri a porta do seu quarto e o encontrei vazio, abri as do meu e só então eu a encontrei. Dormindo.

Curvado sobre os lençóis negros, seu corpo estava encolhido como um bebê.

Fechei a porta, para não a acordar e ter alguma privacidade com Firmino.

— Atualize-me sobre os números.

— Continua na mesma, uma perda e dois feridos. Javier está bem, na medida do possível, mas ficará sem atirar por alguns dias.

— Não é com isso que estou preocupado. — Eu podia atirar e me proteger sozinho. Se os mantinha por perto, era porque sabia que o ataque podia vir de qualquer lado.

— O que pretende fazer agora?

— Retaliar.

— Não acha estranho que, de um tempo para cá, eles tenham tido acesso a tantas informações?

— Acho.

— Você vê o perigo, certo? — A DEA não estava apenas interceptando minhas carretas e tentando encontrar algo que me ligasse a elas. Eles estavam de olho em mim, na minha família.

— Nós escolhemos o homem errado para ter do nosso lado, Firmino. Deve ter alguém na porra daquela agência disposto a me ajudar. — Não que eu fosse confiar em qualquer um deles agora, mas se eu não resolvesse esse assunto a coisa ficaria feia nos próximos meses.

Eu já tinha pedido um favor a Manolo, que acabou não dando em nada. Seu contato dentro do FBI não tinha acesso as investigações da DEA. Se ele tivesse investigado mais de perto, teria criado problema para todos nós. Tudo o que o federal sabia era que lá dentro, pelo menos, não havia nada a meu respeito que indicasse a razão para me atacarem. Ainda.

Diferente da DEA, o FBI não queimava bala à toa.

— Ulisses irá me ligar a qualquer momento nas próximas horas. Esteja preparado — avisei a Firmino e me dirigi até o quarto.

Não houve tempo para banhos, ou qualquer outra coisa, eu somente desabotoei minha camisa, limpando as mãos com ela, e me deitei sobre o corpo macio de Manoela. A bunda gorda me recebeu, fazendo meu pau engrossar dentro da calça. Beijei-a, subi pela cintura fina e costela até estar inteiramente sobre ela.

— Você voltou. — A infeliz raramente soava tão doce.

— Esperava que estivesse mais aliviada com isso — grunhi, rouco. O perfume em sua pele deixou-me louco. — Nunca mais faça algo como hoje — pedi em seu ouvido.

— Havia homens seus lá fora...

— E um deles está morto, porque tentou impedir que você fosse

alvejada.

— Javier? — A desgraçada continuava preocupada com ele.

— Não. Javier segue vivo.

— O que eles queriam, Santiago? Por que atacaram assim, na luz do dia?

— Porque matei um deles.

— Por *deles*, você quer dizer?

Respirei fundo, cansado de suas perguntas.

— Quanto menos souber, melhor para você, *amor*. Acredite em mim. — Beijei-a no pescoço, embriagando-me do seu cheiro.

— Você parece tranquilo para tudo o que aconteceu.

— Não estou, mas ficarei em breve.

— Haverá mais mortes, não é?

— Manoela, não há inocentes nessa história. Conversamos sobre isso hoje.

Debaixo de mim, ela se virou. Ficando cara a cara comigo.

— Eu não acredito em você. Todas essas pessoas morrendo, a cocaína que espalha...

Eu a fitei. Aí estava ela e seu senso de justiça cego novamente.

Mas não era com essa Manoela que eu queria lidar no momento. Era com a outra. A que perdia o controle quando eu a tocava.

Por isso antes que começasse, ou terminasse o que fosse dizer, eu a calei com minha a mão fazendo-a arfar em surpresa, os bicos de seio ficaram repentinamente intumescidos.

— Você sabe o que eu quero de você — disse com o rosto próximo ao seu, enquanto afastava suas pernas. — Sabe que a única coisa que preciso depois que volto da rua... é isso.

Enfiei meus dedos no meio de sua virilha quente.

— Meu corpo? — perguntou baixinho.

— Seu corpo. — Penetrei-a, cru e duro. — Sua boca... Seu cheiro. Sua pele. Seu gosto. — Eu a beijei, engolindo cada tremor e arqueio. — Eu quero tudo, Manoela. Caralho, eu não aceito menos do que tudo!

***

Havia amanhecido quando me juntei a Kaiser, no estábulo. Com o humor que me encontrava, eu não consegui passar mais do que algumas horas na cama. Mesmo com Manoela ao meu lado. Agora, depois de fazer a pequena ronda ao redor do estábulo e descobrir que um de meus cavalos poderia ter sido envenenado, eu percebi que tinha feito o certo em manter as baias de cada um deles separadas.

Eu tinha adoração por todos, mas se tivesse acontecido algo assim a Kaiser, eu não responderia por mim, pensei, levando-o até a arena abaixo do escritório. Normalmente, ficava como minha responsabilidade cuidar dele pelas manhãs.

Martino nem sempre estava presente, e Ernesto, que era quem cuidava das baias durante o dia, não tinha acesso a ele. O garoto, aliás, parecia assustado. E com razão. Eu já havia notado a forma em que olhava para o corpo de Manoela, e como era gentil. E porra, só ignorei porque o moleque era um fedelho. Mas a cena que presenciei ontem ultrapassou todos os

limites.

E a surra que ele levou extremamente necessária.

Com Kaiser a minha frente, eu ajustei sua sela e toquei sua cabeça quando ele a abaixou em sinal de respeito.

— Bom garoto... você nunca foi o problema, não é? As pessoas é que não o entendem. — O belo animal relinchou, como se concordasse. A ligação que tínhamos era surreal. Nunca me senti ligado a nada ou ninguém dessa forma, pensei, ao senti-lo ficar agitado. O que bastou para que olhasse para trás e me deparasse com Firmino, claro!

— É importante — falou, enquanto eu acenava para Ernesto, que tinha estado ali ao redor para que fechasse a arena. Afastei-me e peguei o telefone que me foi estendido.

— Santiago, na linha. — A voz no outro lado me saudou animada, dizendo tudo o que eu precisava ouvir. — Eu preciso das coordenadas. — Ulisses as passou, antes de eu prosseguir. — Não vai ser preciso que seus homens interfiram. Posso cuidar disso sozinho.

— *Tente não incendiar Sinaloa no caminho...* — Seu tom foi de advertência. Porque ele sabia que a sujeira que eu fizesse, ele teria de limpar no final.

— Achei que estivesse entediado, Ulisses.

— *Entediado, não louco.*

Encerrei a conversa não muito depois e me afastei entregando o telefone a Firmino.

— E agora? — inquiriu, querendo saber os próximos passos.

— Separe dez dos nossos melhores homens. A festa será mais cedo do que planejei. — Ele assentiu. — E Firmino? O que descobriu sobre o

envenenamento?

— As câmeras já foram analisadas, não há nada vindo de dentro dos estábulos. Não sabemos como Kheshi teve acesso às folhas, Santiago. Mas já passei sua ordem, hoje mesmo tudo será limpo.

Ele me encarou, mas não disse muito. Se foi intencional, eu descobriria em algum momento, porque agora tínhamos problemas bem mais graves com o que lidar. E Firmino concordava.

Voltei à suíte após uma rápida conversa com Mercedes, tomei um banho rápido e me vesti: camisa e calça pretas, botinas. E colocaria o colete que pegaria assim que descesse. Manoela, em silêncio, se apoiou contra uma das paredes do *closet*, observando-me. Ela me viu abrir o cofre pessoal, e tirar lá dentro duas armas. Havia outras coisas como: passaportes falsos, dinheiro rápido. E provas que algum dia me seriam úteis.

— Você irá atrás deles — concluiu ao me ver colocar as armas no coldre.

A infeliz não tinha se dado ao trabalho nem de cobrir o seu corpo.

— Você deveria ir se vestir. Mercedes quer que se junte a ela para o café da manhã hoje. — Ela não disse nada, apenas cruzou os braços e devolveu o olhar. — Eu preciso que você... se comporte, Manoela. Acha que pode fazer isso, por mim?

A garota assentiu, com uma expressão confusa. Mercedes nunca tentou qualquer aproximação com ela. Porque estava fazendo agora era uma incógnita para todos nós.

Sem tempo para conversa, eu passei por ela e tentei me convencer de que um beijo não era algo que eu fazia. Eu não era esse homem, porra!

— Santi? — Escutei-a chamar ao me ver afastar. — Tome cuidado.

Virei-me, olhando-a de costas. Seu corpo ainda estava encostado no mesmo ponto de antes. Deslizei meu olhar pelo traseiro redondo, sentindo meu pau inchar. O coque mal feito que ela usava deixando *Libertad* à mostra. As sardas...

— Eu vou.

MANOELA GARCÍA

Escutei a porta da suíte bater, e só então me aproximei do cofre. Eu já o tinha visto abrir e retirar coisas distintas dali de dentro, mas ainda não havia conseguido descobrir o segredo. Tudo o que possuía era o número zero que se repetia três vezes, e a letra C.

Dez dígitos. Eu nunca tentava mais de uma vez, com medo que ele fosse alertado de alguma forma. Bom, eu teria tempo para fazer isso depois, pensei afastando-me e atravessando a suíte e me trancando no meu quarto. Aproximei-me da sacada, vendo o momento em que os carros se afastaram e mais do que depressa digitei a mensagem para Ochoa:

Ele vai atacar a DEA.

A resposta não demorou a vir.

Claro que vai.

Esperei por alguns minutos, para o caso de Ochoa decidir me ligar. Quando ele não fez, eu me vesti com uma roupa de ginástica que usava para fazer minha corrida todas as manhãs e saí da suíte em seguida.

Eu ainda não havia visto Javier pelos arredores, Santiago se recusou a falar sobre qualquer um de seus homens e eu não fiz mais perguntas. Olhei para trás, enquanto me afastava da casa principal e notei que era *acompanhada* pelo caminho que fazia. Nada de novo nisso.

Enquanto caminhava, eu pensei na decepção que Mercedes teria ao não me ver à mesa na exibição ridícula, que era o café da manhã dela. Eu tinha estado lá uma única vez, e depois que ela pediu que eu me retirasse após um comentário ácido, Santiago nunca mais me convidou. No começo, eu imaginei que Firmino era o único a quem ele ouvia, já que pouco se falava em Juan Carlos nessa casa, mas a influência de Mercedes era notória dentro de cada parede desse *castelo*. A descoberta de que os dois odiavam minha presença só tornou tudo mais claro.

Curiosa com o estado do animal que tinha sido envenenado, como também para saber o que realmente havia acontecido a Ernesto, eu me aproximei do estábulo onde, claro, Kaiser corria como a besta inumana que ele era. Ramírez estava certo, a paixão de Santiago eram esses animais, mas entre todos, o que tinha seu amor e devoção era Kaiser. E ele reinava aqui dentro.

Como se soubesse o tipo de pensamento a rondar minha cabeça, Kaiser se deteve no meio da arena focando sua energia na única intrusa do seu território. Nem mesmo os homens armados de Santiago tinham autorização para se aproximar quando ele estava *solto.*

Se fosse um pouco mais fácil chegar perto, teria sido ele a estar doente agora. Não Kheshi, pensei amarga. Sorrindo preocupada ao ver Ernesto caminhar em minha direção pelo lado de fora da arena, permitindo que eu visse o estrago feito em seu jovem rosto. Tudo bem que, em alguns dias, o hematoma em seu queixo e nariz desapareceriam... mas, ainda assim, eu sabia que tinham sido causados por minha causa.

— Achei que Santiago não gostasse que o soltassem quando ele não está por aqui.

— E não gosta mesmo, mas Santiago pediu para que limpássemos o

interior dos estábulos. Ele está com medo que haja mais algum tipo de folhas venenosas espalhadas — falou, leal a seu chefe.

— Elas são tão perigosas assim? — Ele assentiu.

— Sim, estamos fazendo o possível para manter Kheshi bem, mas se ela não reagir aos medicamentos... nós a perderemos.

Com um nó em minha garganta, eu me voltei para o estábulo e encarei a besta feroz, que não parecia certo se se aproximava ou não.

— Sobre ontem, ficou tudo bem? — perguntei, distraída.

— Sim, quero dizer... Firmino pediu para que...

— Quê?

— Para que tomasse cuidado com você.

Ri, mesmo que por dentro estivesse nervosa.

— Você deveria escutá-lo, menino bonito.

— Eu não sou um menino, sabe? Sou um homem. Tenho 18 anos e...

— Você realmente deveria escutá-lo — repeti, porque o que fosse que Ernesto estivesse pensando só lhe traria problemas.

— Você é jovem demais para ele — falou, preocupado. — Eu tenho medo que ele... faça algo com você.

Engoli em seco, porque essa era a minha preocupação também. Mas esse problema, ele *era meu*. Não de Ernesto.

— Eu já ouvi histórias, sei o que aconteceu a algumas mulheres que... — Ernesto se calou, afastando-se de mim ao olhar para trás. Fiz o mesmo, querendo entender o que havia lhe assustado, e me deparei com Javier.

Um misto de alívio e raiva se apossou de mim. Ao que parece, ele tinha sido acertado no ombro já que exibia um curativo firme em seu braço.

— Vá cuidar da sua vida, Ernesto, e pare de dizer besteiras. Se Firmino o pega jogando conversa fiada em vez de fazendo o seu trabalho, as coisas não ficarão bonitas.

O pobre Ernesto se afastou e sacudi a cabeça.

— O que faz aqui? Não deveria estar descansando?

— Já descansei demais, merda! — protestou como se sentisse dor. — Além disso, com Santiago fora, alguém tem que manter o olho sobre você.

— Eu não posso ser um risco tão grande quanto você e Santiago parecem acreditar.

— Não se trata do risco que representa, Manoela, e sim do que pode te acontecer. — Eu não acreditava nele.

— Achei que o seu trabalho fosse proteger Santiago.

Ele negou, inclinando-se contra a cerca em um resmungo.

— Meu trabalho é fazer o que Santiago me pede. Se ele quer que eu cubra as costas dele, eu o farei; agora, se ele quer que eu a proteja...

— Eu não preciso ser protegida. — Não como eles faziam parecer.

— O que você disser, Manoela. — Seu olhar foi até Kaiser, que andava de um lado ao outro na arena, relinchando alto.

— Santiago não a quer perto dele.

— Você se refere a Kaiser ou ao Ernesto?

— Aos dois.

Bufei, ao ter minhas asas cortadas.

Da mesma forma como foram com Ochoa. Quando eu poderia finalmente voar? Desaparecer sem ter de olhar para trás?

— Como veio parar nesse mundo, Javier? — perguntei baixinho, fazendo-o virar o rosto na minha direção com seriedade.

— Como todos os outros.

A pobreza no México era grande, a podridão também. Não havia muitos finais para quem nascia na parte ferrada desse país. Se não fosse por Ochoa, eu teria acabado justamente como a minha mãe.

— Eu ainda não sei de que lado você realmente está. Não acha estranho?

Javier me encarou, procurando pelas palavras certas; quando não as encontrou, ele respirou fundo. Cansado.

— Ele é o preferido de Santiago, não é? — O infeliz permaneceu calado. — Eu consigo entender o porquê. Os dois são iguais. — Foi impossível deter a raiva que saiu com minhas palavras e Javier notou isso.

— Eu não continuaria brincando com a sorte se fosse você, Manoela. Vai chegar um momento em que ele não vai parar. — Ele estava se referindo a quem? Ao patrão ou ao cavalo? — O que for que estiver passando por essa sua cabeça, seria prudente que esqueça.

Como ele podia me ler tão bem?

— Como sempre, vocês só pensam no pior de mim.

Ele me encarou, em desafio.

Mas eu não queria mais jogar esse jogo.

— Eu vou voltar, está quente aqui fora... — Tanto quanto podia eu evitava tomar sol. Ficava vermelha muito fácil, e muitas vezes tive pequenos casos de insolação.

Quando queria usar a piscina, era sempre coberta por protetor solar.

Caminhamos em silêncio, e com um único aceno de um dos guardas na varanda, Javier me permitiu entrar sozinha. Só fui entender o porquê ao me deparar com Mercedes dentro da suíte. Algo que nunca havia acontecido.

— Onde esteve? — perguntou seca, sem esconder o desgosto por eu não ter me juntado a ela em seu café da manhã. E mais ainda por me ver vestindo roupa de ginástica, a que eu usava normalmente para me exercitar pela propriedade.

— Correndo... — Apontei o óbvio.

— Vejo que está melhor, e que se recuperou rápido do susto de ontem.

Mercedes era assustadora, à sua própria maneira.

— Não é como se eu tivesse outra escolha. Como o seu neto gosta tanto de dizer, as coisas *são como são.*

Ela franziu o cenho, e arqueou uma das sobrancelhas negras e bem-feitas.

— Eu esperei por você no café da manhã. — Vi-a andar pela suíte, com curiosidade. Aérea até, eu diria. — Da próxima vez que eu a convidar, não recuse. Essa é a minha casa, Srta. García. Meu pedido não foi um convite.

— Não me esquecerei na próxima vez.

Olhando-me com olhos de águia, ela se aproximou.

— Sabe, querida, quando o meu sobrinho nos avisou de que você passaria algum tempo nessa casa eu achei que se tratasse de apenas outro dos casos dele. — Mercedes sacudiu a cabeça, em desgosto. — Mas esse pequeno tempo se transformou em semanas, e as semanas tornaram-se meses. E você continua aqui. — Eu não fazia ideia de onde ela pretendia chegar com a

conversa, mas algo me dizia que eu não iria gostar. — Estive pensando ontem, e preciso que me responda uma coisa, Manoela. Você *quer* estar aqui?

Seus olhos negros mostravam sincera preocupação, isso ou essa era a sua forma de sondar se eu estava aqui por ter sido obrigada.

— Por que está me perguntando isso?

Mercedes sorriu, o rosto enrugado se transformando em nada do que eu esperava.

— Porque eu sou a única aqui, depois do meu neto, com a capacidade de te tirar desse lugar. Uma palavra sua e você está fora. Eu sei como Santiago pode ser obsessivo quando põe seus olhos em algo que o agrade. Mas não sei, ele vem tomando decisões ruins, as coisas não estão exatamente favoráveis nesse momento, para que ele possa se dar ao luxo de ter alguém como você... o distraindo. Então me responda, você quer ou não estar aqui?

Olhei de Mercedes e depois para os dois homens na varanda fazendo a segurança dela. Ao que parece, ninguém confiava em mim nesse lugar, e eles estavam certos. A vontade de pedir para que ela me tirasse daqui foi grande, mas Ochoa vinha repetindo a cada ligação o quanto estávamos perto. Eu precisava ser apenas um pouco mais paciente.

— Eu quero estar — menti, enquanto a observava se aproximar e com um único impulso, puxar o meu cabelo obrigando-me a encará-la.

— Se quer estar, então aja como a mulher que meu neto merece. Coloque a vida de Santiago em risco outra vez, e eu juro, Manoela, que eu mesma acabo com você. — Ela me soltou, comigo assustada. — Ficou com alguma dúvida?

Eu não estava errada a seu respeito. A mulher era sádica.

— Nenhuma — consegui dizer, apesar da raiva e do coração

martelando dentro do peito.

— Ótimo. Agora apresse-se e se vista de forma decente, porque você e eu daremos um passeio.

"Um passeio?", questionei-me ao vê-la deixar o quarto.

Cogitei a ideia de recusar, inventar alguma desculpa, mas a curiosidade falou mais alto. Por isso, depois de tomar um banho rápido, eu fui até o meu *closet* e escolhi um dos poucos vestidos *decentes* que havia por lá, transpassado e em um tom de azul que me lembrava o céu único de Marselha. Com pressa, calcei minhas botas e peguei a bolsa que usava a tiracolo, levando comigo apenas o essencial.

Desci pelo interior da casa e me detive em frente à sala de TV, onde avistei Javier. Aproximei-me, ouvindo o que dizia o telejornal, mas não com o mesmo interesse que ele mostrava. Pelo menos, não até o momento em que a repórter mostrou a fachada da igreja de Mercedes, retratando o tiroteio como uma briga entre cartéis rivais. Não citaram nomes, nem mesmo a ligação da DEA. Absolutamente nada que ligasse o incidente aos Salvatore.

— Ele também comprou os jornais? — perguntei, ácida.

— Suas perguntas estão começando a me irritar, *gatita*. — Elas também me irritariam se fosse o contrário. Mas de todos, Javier era o mais propenso a conversar comigo. Então eu insistia.

— Será que Santiago não vê, que se revidar a DEA terá um bom motivo para cair matando sobre ele? — Javier deu de ombros e desligou a TV, quando a notícia perdeu seu interesse. — Por que nenhum de vocês diz ao infeliz que está errado? Que vai chegar um momento em que todos morrerão por causa das decisões que ele toma? Como esperam ter paz, se...

— O desejo de Santiago nunca foi a paz, Manoela — Javier me

cortou, indiferente.

Calando-se ao ver que Mercedes nos observava de longe, com um interesse velado.

— Está pronta? — perguntou, comigo assentindo. — Ótimo, Javier, pelo visto irá nos acompanhar. Meu neto não confia na minha segurança para fazer a sua, ao que parece.

Olhei para Javier, esperando que discordasse. Mas Mercedes tinha falado sério, o que me deixava um pouco mais aliviada. Ao entrar no carro percebi de imediato que seríamos só nós duas e que Rosa não fazia parte *do passeio.*

— Onde iremos? — perguntei em determinado momento da viagem, começando a estranhar o fato de que estávamos nos afastando de Culiacán.

— Não seja curiosa — respondeu, com rispidez. — Você saberá quando chegarmos.

Eu a encarei. Mercedes, por vezes, parecia amarga. Ninguém naquela casa falava sobre o pai de seu filho, onde estava. Se havia ou não morrido. Tudo o que sabíamos era que o sobrenome que hoje ela levava pertencera ao pai de Juan Carlos e que ele vinha diretamente da Itália. O país onde a máfia era tão cruel e monstruosa quanto o mundo entorno de Santiago.

Engoli em seco, ao pensar em uma possível ligação. Mas Mercedes não seria tola de manter algo assim, não é?

— Algum problema? — A velha perguntou quando me pegou olhando em sua direção.

— Não. Nenhum. — Virei o meu rosto, atenta à estrada que pegamos até que a identifiquei. O que iríamos fazer em *El dorado*[10]*?*

Ao chegarmos à cidade, eu obtive a minha resposta ao ver que

entrávamos em um cemitério, um dos mais bonitos que eu havia visto até hoje. Calada, eu observei os três carros estacionarem, e a porta de Mercedes ser aberta. Javier contornou a SUV da frente, e fez o mesmo comigo. Segurando o meu braço, para que eu não fosse tão afoita em direção à Mercedes.

— Eu devo me preocupar? — perguntei, e ele assentiu.

— Eu não estaria aqui se ela fosse inofensiva. — Suas palavras deixaram-me em alerta.

A sensação de incerteza foi se intensificando conforme andávamos por entre os túmulos. Não foi até que o nome de Celeste Salvatore apareceu, que Mercedes se deteve. As rosas e margaridas compradas no caminho, faziam sentido agora. A velha tinha vindo visitar a neta.

Ao ver a data na lápide e o rosto jovem de Celeste, eu me dei conta de que, quando morreu, ela tinha apenas 16 anos. Pouco a menos do que eu tinha agora, mas a mesma idade em que me entreguei a Ramírez. Depois de muito insistir, Ochoa me contou, sem entrar em detalhes, o que havia acontecido a garota. Não que ele acreditasse no que os Salvatore diziam, porque, segundo Ochoa, Celeste não era tão inocente quanto o pai e o irmão retratavam.

Para mim, nunca importou se ela era ou não, ou o que lhe fizeram. Porque eu a odiava como odiava a todos dessa família, pensei, vendo Mercedes se ajoelhar diante do túmulo de sua neta. Era culpa deles que meu pai estava morto.

De cada um deles.

— Os infelizes a estupraram — Mercedes revelou, com imensa dor. — Por dias. Bateram nela, a cortaram. E a abusaram. Depois a enviaram de volta, praticamente morta. Os infelizes queriam que Santiago visse o estado em que a deixaram... E ela era só uma criança. Não sabia nada desse mundo,

não tinha culpa se a nossa família era quem era.

— Por que está me contando essas coisas? — Eu não fazia questão de saber, não queria que a raiva perdesse força em meu interior. Porque, se isso acontecesse, eu não teria força para fazer o que precisava ser feito.

Arrumando as flores sobre o túmulo, Mercedes permaneceu em silêncio como se orasse. Usei o momento para olhar ao redor, e notar a segurança da velha logo atrás. Assim como Javier.

— Isso é o que acontece as mulheres dessa família, Manoela — Mercedes falou, levantando-se. — Elas morrem. Aconteceu com Celeste, e com a mãe dos meus netos...

— A senhora está viva. — O que fosse que estivesse tentando me dizer, não fazia sentido. Não naquele momento.

— Estou, porque eu criei os homens dessa família. E porque, diferente da mãe de Santiago, eu nunca dei as costas aos nossos negócios. Sei de onde vem cada peso que gasto, e não o rejeito simplesmente por ser dinheiro sujo. Se minha família não fizesse o que faz...

— Outros fariam. — Era a desculpa usada por todos eles. Sempre.

Encarei o próximo túmulo que Mercedes se aproximou, mas dessa vez sem flor alguma para ser deixada. Pelo visto, o seu amor e luto pertenciam somente a neta.

Paola Salvatore era o nome da mãe de Santiago. Algo que ele nunca revelou. A foto na lápide retratava uma mulher jovem. Bonita. Uma versão parecida com a que Rosa era hoje, eu só não entendia por que não falavam a respeito dela. Ou se condoíam.

— Como ela morreu? — perguntei, desejando obter informações.

— Um acidente de carro. — Foi tudo o que Mercedes compartilhou.

— Claro que, se me perguntarem, eu não consigo realmente acreditar que tenha se tratado de um acidente.

— Não?

Ela balançou a cabeça.

— Paola não era o que podíamos chamar de leal ao meu filho. A língua solta da desgraçada selou o seu destino.

Entreabri a boca em choque, porque Mercedes não deveria estar dividindo isso comigo, deveria?

— Meu filho a amava, não é isso que estou dizendo, entende? Só que ela não era a esposa que ele merecia ter. Todos nós acreditamos que Paola se foi na hora certa.

— Seus netos também acreditam?

— Meus netos sabem que tudo o que importa é o sangue. E Paola não tinha o nosso sangue.

Segurei a vontade absurda de vomitar. Porque se o que Mercedes estava tentando me dizer fosse verdade, e não uma simples tentativa de me intimidar, alguém tinha assassinado a mãe de Santiago. Alguém próximo a ela.

— Desfaça essa carinha assustada, querida. E guarde a nossa conversa para você — falou com falsa preocupação, com a mão que tinha estado a limpar o túmulo da neta, agora em meu rosto. — Não sei o que a trouxe até o meu neto, muito menos o que a fez ficar. Mas preciso que saiba que há apenas uma coisa que Santiago almeja nessa vida, e pela qual ele seria capaz de fazer absolutamente tudo: casar-se com alguém como você e formar uma família não é uma delas.

Casar-se com alguém como eu? Essa não era a primeira vez que

Mercedes deixava essas mesmas palavras escaparem.

— Eu não sou a Rosa, não é?

Ela sorriu, com fingimento.

— Não, você não é. — Mercedes se afastou, deixando-me ali entre os dois túmulos.

Se sua intenção foi a de me atemorizar, ela não tinha conseguido. Quero dizer, não completamente. Olhei para trás, para ver onde a velha estava e a encontrei junto aos seus seguranças. Sem pressa em alcançá-la, eu notei a aproximação de Javier.

— Acredita que ela me ameaçou? — Eu me virei para ele. — A história triste da neta, depois a da mãe de Santiago... eles a mataram, não foi? A mãe dele...

— Está na hora de ir.

— Aposto que a velha adoraria que eu me juntasse a elas! — rosnei, com raiva. — Mas isso não vai acontecer, Javier. Não vai.

Para a minha surpresa, ao voltarmos, o carro de Mercedes já havia partido. Ela não esperou por mim, deixou-me apenas com o outro motorista e um Javier furioso.

Saímos do cemitério, e pouco tempo depois passamos pelo litoral de *Eldorado*. Olhar a praia de longe, não me pareceu suficiente naquele momento. Eu queria mais. Queria sentir a areia sob o meu pé, a água gelada. O sol em minha pele. Queria me sentir viva.

— Nós podemos parar? — pedi a Javier, sentindo que pouco a pouco eu perdia o controle. — Existe alguma chance de... pararmos só por alguns minutos?

Javier olhou para trás.

— Eu não vou tentar nada, eu juro. Só quero respirar. — Longe deles, longe de Santiago e daquela casa.

Pensei que Javier me negaria o pedido, e seguiria com a viagem. Em vez disso, ele ordenou ao motorista para que encostasse na calçada da praia. Olhei para fora, essa seria a primeira vez em muito tempo que eu estaria por conta própria. Sem a sombra de Ochoa, e a presença dominante de Santiago.

Hesitei antes de abrir as portas, escutando o que Javier tinha a dizer.

— Estou te dando dez minutos — disse, verificando o relógio em seu pulso. — Se tentar fugir, a ordem que eu tenho é para atirar.

Tudo o que eu havia comido durante o dia subiu pela garganta, e ali parou. A ideia de que Santiago tenha ordenado algo assim fez-me lembrar qual era o papel em sua vida.

— Você contou a ele sobre a parada? — Javier mantinha o telefone nas mãos, e de tempos em tempos digitava algo. Tenho certeza de que eram atualizações a meu respeito para Santiago.

— Ainda não.

Assenti, compreendendo.

Antes de contar, e Santiago negar, ele estava me dando dez minutos.

Saltei do carro, descalçando as botas, e corri até a areia. Cada passo que dei até o mar, fez-me pensar em como eu desejava ver-me livre... de tudo. A corda ao redor do meu pescoço parecia mais e mais estreita, puxada por três lados. Ochoa, meu pai... e Santiago.

Quando tudo terminasse, não restaria nada. Nenhuma emoção ou desejo fortes o suficiente para que eu pudesse dizer que me sentia viva. *Eu mal me sentia agora.*

“Você está mentindo”, a voz da minha consciência sussurrou. *Ele te*

faz sentir viva.

Ele fazia, mas somente porque o único momento em que meu cérebro inquieto e agitado tinha paz, era quando o infeliz me tomava. Empurrava-me além do limite. Não era saudável o que tínhamos, os penhascos que já havíamos pulado. As bordas que ultrapassamos. A linha tênue entre o que era e não certo, nada disso nos impedia.

Nós já havíamos fodido com tudo.

— Por que tem que ser tão difícil, *papá*? — murmurei, sentindo o mar gelado cobrir meus pés. — Por que não posso simplesmente matá-lo?

Oportunidades não me faltaram. As horas que passava acordada em meio a madrugada, observando-o dormir, como se não houvesse qualquer preocupação ou morte em suas costas. Tantas vezes não me levantei da cama, indo até o meu quarto para pegar a lâmina, mas ... não conseguia.

Algo me detinha, algo mais forte do que a raiva que eu sentia.

Pensei nas mortes que vinha causando ao ajudar Ochoa, no quão baixo eu estava chegando para conseguir justiça. A água bateu na ponta dos meus dedos, fazendo-me perceber o quão longe eu tinha ido. Naquele momento, descobri que tinha duas escolhas: eu podia continuar a andar até desparecer. Então, não haveria raiva ou dor.

Nem a culpa por querer Santiago.

Olhei para trás, vendo Javier correr em direção ao mar. E, em seguida, pensei em minha outra opção: voltar e não parar até destruir a todos, cada um deles.

Escutei o som na água, a pressa dele em chegar até mim.

— Ficou maluca, porra? — O homem me puxou, mas não me alcançou por dentro.

Olhar para Javier fazia meu coração ficar pequenininho. Ele era o mais próximo que eu tinha de um amigo, o único que eu seria capaz de pedir ajuda dentro daquela casa. E, ainda assim, não era do meu lado que ele estava.

A ordem que eu tenho é para atirar.

— Está quente — dei a desculpa, afastando-me dele e de cada lembrança ruim a me assombrar. — E eu não estou maluca.

Mas ficaria se não conseguisse matar Santiago.

13

SANTIAGO SALVATORE

Aguardei pela confirmação para entrarmos, com o braço do lado de fora da SUV, enquanto dois dos homens de minha equipe, faziam a ronda entorno do galpão apontado por Ulisses como o *escritório* da DEA na região. A julgar pela localização, distante do centro de Culiacán e qualquer outro centro metropolitano de Sinaloa, a operação deles vinha sendo feita na surdina.

O que me levava a questionar se o governo mexicano tinha acesso a essa interferência... Ou se o filho de puta do Stevie vinha agindo por debaixo dos panos e por motivos escusos. O ataque de hoje não parecia algo que a DEA teria organizado, mas ficou claro que havia pessoal deles envolvido.

Impassível, meus dedos continuaram a bater na lataria do carro enquanto Firmino fumava um cigarro atrás do outro, ao meu lado. Atento ao rádio de comunicação, de onde receberíamos o sinal para entrar e atacar. Através do retrovisor, eu verifiquei de tempos em tempos a SUV com placas camufladas. Assim como nossos rostos, que foram cobertos com balaclavas negras e os coletes à prova de balas que vestíamos. A ideia era entrar, metralhar cada ponto do galpão e sair.

— Você precisa cuidar melhor da sua cadela — Firmino falou em determinado momento, analisando a situação em que nos encontrávamos. — Se ela não tivesse deixado a igreja ontem, Javier não teria sido atingido. — Concordei com ele. — Nós teríamos reagido melhor, se não tivéssemos tão preocupados em mantê-la respirando.

— Ok — falei, atento à ronda. A submetralhadora em meu controle, ansiosa para entrar ação.

Firmino me conhecia bem o suficiente para entender que eu não falaria de Manoela agora. Não se quisesse manter a mente focada *nos negócios.*

— Ela é uma distração, Santiago. Está me ouvindo?

— Estou. — Só gostaria de não estar.

— Ouça meu conselho, porra, e se livre da garota! — *Por quê?* Considerei perguntar qual a razão de sua insistência justamente hoje. Tudo o que Firmino sabia a respeito de Manoela era exatamente o mesmo que eu. — E quanto ao envenenamento, não acha que...

— Você não vai querer ter essa conversa comigo agora, porra! — Eu o encarei. — Vai?

— A minha função aqui é mantê-lo vivo, Santiago, que merda!

Ri, sem humor.

— Acha realmente que Manoela representa algum risco a minha vida? — A lâmina debaixo do travesseiro em seu quarto não era nenhum segredo. Além disso, cada passo que a infeliz dava longe dos meus olhos era severamente controlado.

— Você não dormiria com a arma ao lado da cama se confiasse na cadela.

— Você está certo. E isso é tudo o que falaremos sobre ela agora. Um passo em falso, e esse prédio desaba sobre nossas cabeças. É isso o que quer? — Endireitei-me contra a poltrona da SUV preta e ouvi o chiado no rádio de comunicação seguido do sinal que aguardávamos.

— Está na hora da festa. — Bati com força na lateral da porta, e fiz sinal para que os homens, à espera nos outros carros, saíssem.

Deixei o veículo e abaixei os óculos escuros sobre a balaclava,

movendo meus ombros a fim de estalar alguns ossos. Era agora. Recarreguei a submetralhadora, e me coloquei em posição. Ao entrar, apontei para que alguns fossem na frente e fizessem o reconhecimento. O restante permaneceu no lado de fora, fazendo a vigilância enquanto explodíamos o galpão por dentro. Corpos caindo sem qualquer chance de reação.

Não paramos até que todo o lugar estivesse de pernas para o ar, a luz entrando através dos buracos de tiro ao redor da estrutura.

— Vasculhem tudo, inclusive os mortos. — Eu precisava descobrir se eles tinham algo sólido contra mim ou se as abordagens não passavam de intimidação.

Firmino me encarou, como se eu fosse a porra mais louca que já tivesse visto, mas o ignorei. E, em vez de seguir com eles, fiquei para analisar alguns dos papéis espalhados sobre o conjunto de mesas. Fiquei frustrado, por não encontrar nada que pudesse ser usado ou que justificasse a perseguição que vinham fazendo.

O que fossem que estivessem planejando, não era algo que queriam à vista ou que estavam dispostos a abandonarem.

Não que eu esperasse encontrar tudo que precisava para pôr um fim a essa história, a contagem dos corpos – seis no total – me foi mais do que suficiente. Ainda que eu soubesse que os agentes, que haviam ficado *para lutar*, eram apenas uma tentativa de cobrir a área para os que escaparam.

— Encontrou alguma coisa? — Firmino perguntou, ao me ver aproximar.

Neguei.

— Eles sabiam.

— Como?

— Eles sabiam, porra! Alguém deve tê-los avisado de que viríamos.

— Por que não encontramos o lugar vazio então? — Firmino quis saber, e eu quase sorri antes de contar a ele.

— Os infelizes ficaram para morrer. — Tinha sido uma isca, tudo preparado para me distrair do verdadeiro alvo, pensei nervoso, chutando a porcaria do computador.

— Você acha que eles arriscariam a vida de seis agentes apenas para não serem pegos?

— O que são seis agentes, perto da possibilidade de perderem toda uma operação? — ladrei, pedindo para que saíssem. Rápido.

— Eu quero o lugar queimando — ordenei.

— Santiago...

— Não sabemos se irão retornar, ou até mesmo se irão usar alguma evidência de que estivemos aqui como prova. Então dê a ordem, porque eu quero esse maldito lugar no chão.

Firmino assentiu, e fez exatamente o que pedi. Em questão de minutos, todo o interior do galpão foi tomado por fogo. Assisti de longe as labaredas atingirem o céu nublado, com ainda mais vontade de retaliar, de colocar as mãos no filho da puta brincando de esconde-esconde comigo.

— Essa é a única vez que falarei sobre isso com você, Firmino — disse, enquanto voltávamos para casa. — Algum filho da puta está atrás da minha cabeça, alguém que realmente acredita ser capaz de sentar-se onde me sentei, e assumir os meus negócios.

— Isso não vai acontecer.

— Deixe-me terminar, porra!

Ele se calou.

— Fiz muitos inimigos nessa vida, mais do que poderia contar. Por isso preciso que me prometa algo.

Firmino hesitou, mas assentiu. O infeliz sabia que o que eu estava prestes a pedir mudaria tudo.

— Se algum dia esses desgraçados me pegarem, e não houver chance de escapar, cabe a você apertar o gatilho. Eu prefiro morrer a ser torturado por um bando de americanos filhos da puta.

— Santiago...

— Fará isso?

Firmino me encarou, desviando seus olhos por um momento da direção.

— Você sabe que sim — garantiu e, em seguida, continuou: — Mas e quanto a garota? Digamos que isso aconteça... o que eu não acho que vai. O que faço com ela?

— Você faz o que eu deveria ter feito desde o começo — respondi, enquanto Firmino voltava sua atenção à estrada. — E quanto ao envenenamento, eu sei que foi ela.

A informação não surpreendeu Firmino, o fato de eu saber sim.

— Não vai castigá-la?

Olhei para ele, sério.

— Eu vou. — O joguinho de Manoela poderia ter matado um cavalo avaliado em milhares de pesos. Mais do que algum dia aquela cabecinha conseguiria calcular.

A descoberta não se deu pela câmera de monitoramento, e sim porque

eu sabia que a única pessoa dentro daquela propriedade com sangue frio suficiente para fazer algo assim, era ela. Suas saídas e constantes visitas ao estábulo... Se a cadela queria me irritar, conseguiu. Mas o seu pequeno ato de rebeldia não ficaria impune.

Através do retrovisor, pude ver o fogo subindo os céus. Em poucas horas, cada infeliz desse país ligaria o incidente na igreja a esse ataque. E, então, o inferno estaria criado.

Religando o celular durante o caminho, escutei chegarem meia dúzia de mensagens de Javier de uma só vez. Mas apenas três me chamaram a atenção:

Mercedes convidou Manoela para um passeio. Eu irei acompanhá-las.

Ótimo, tudo o que eu precisava era que Mercedes mudasse de postura em sua tentativa de intimidar Manoela. Minha avó não dava ponto sem nó, e não era exatamente a mulher mais afável do mundo.

As duas estão no cemitério, Santiago. Nos túmulos de Celeste e Paola.

Porra!

Manoela me pediu para fazer uma pequena parada no litoral, eu permiti. Já estamos voltando para casa.

Com a cabeça recostada contra o banco, eu olhei para fora da janela.

— Tudo bem? — Firmino indagou ao me ver sério.

— Mercedes levou Manoela até o cemitério — respondi.

— Tenho certeza de que não foi nada, sua avó comentou mesmo que desejava visitar o túmulo de sua irmã.

— Não gosto que conspirem pelas minhas costas, Firmino. — Eu o encarei, ciente de que ele e Mercedes eram bons amigos. — Odiaria descobrir que você e minha avó estão armando algo, e mais do que isso... agindo sem o meu consentimento.

O homem ficou calado, não havia muito o que dizer para falar a verdade. Não com tanto em minha cabeça. *Quem tinha vazado a rota dos carregamentos? Por que Stevie, de todos dentro da DEA, era quem vinha mantendo o olho sobre mim?* O contato de Manolo foi claro ao dizer que, se fosse uma operação oficial, o FBI saberia. *Então, que porra estava acontecendo?*

MANOELA GARCÍA

O lápis deslizou pelo papel com uma intimidade familiar. Os traços finos, no entanto, não escondiam a severidade do rosto que era desenhado. *Pela milésima vez.* Não importa o quanto eu tenha tentado não o retratar, porque o resultado no final era o mesmo. Sempre foi fácil para mim me expressar dessa forma e por muito tempo, no passado, eu me vi obcecada com o rosto e os olhos de Santiago, voltei acreditando que o tinha superado. Mas estar em sua cama, e vida, fazia com o que os meus dedos o trouxessem à tona até quando eu não queria.

As folhas amassadas e jogadas ao meu redor eram a prova. Encostada contra a sua cama, à meia-luz das luminárias altas da piscina eram a única claridade a entrar. As cortinas tinham sido abertas mais cedo e enquanto as horas passavam, minuto a minuto, eu fiz a única coisa que podia para distrair a minha mente.

Correr não adiantaria nada hoje. Não quando eram os meus dedos que desejavam ter toda a ação. Olhando para os olhos de Santiago no papel, eu pensei em todas as vezes que o encarei sobre mim. Questionando-me se algum dia conseguiria arrancar esse homem da minha vida, sem ser assombrada pelo seu fantasma, como fui por todos esses anos.

Assustada com o som da porta, batida à força, eu apertei o lápis contra o papel e continuei o meu desenho.

Mesmo concentrada, fui capaz de escutar seus passos pela suíte. O bater e fechar da porta do meu quarto. Seus grunhidos, como se ele estivesse furioso com alguma coisa. Então eu senti o cheiro de pólvora e fogo. O cheiro masculino e potente de sua pele quando ficava suada.

— Porra, Manoela. Já falei para não ficar no escuro dessa forma. — Ele acendeu a luz do quarto, fazendo-me piscar. — Que mania que tem de se esconder!

— Não estou escondida. — Eu só queria ficar em paz. A escolha do seu quarto não se deu por nenhum outro motivo, que não a vista indescritível da mata e a piscina.

Notei, com o canto do olho, quando ele se aproximou e se abaixou pegando uma das folhas descartadas.

— O que tanto desenha nesse caderno? — Eu nunca o deixava à vista, mas não era como se quisesse escondê-lo de ninguém. Eu só não via motivos pelo qual ele deveria descobrir que eu só conseguia retratar o seu rosto desde que entrei nessa casa.

Em silêncio, Santiago desdobrou uma das folhas jogadas no chão e ficou quieto. Olhei para ele, querendo ler sua reação, mas tudo o que consegui ver foram seus olhos vidrados no papel. Olhos que se fixaram em mim rapidamente.

— Você é boa.

— Eles não são nada. Eu só... gosto de desenhar. — *Muito.*

— O que são esses outros? — Ele pegou outra das folhas e sorriu ao ver que novamente tratava-se dele. — Vejo que tem uma obsessão aqui...

— Não é uma obsessão, eu só... Você tem estado na minha cabeça, então é mais fácil — admiti.

— Não disse que era ruim, *amor*, eu realmente gostei.

Eu não precisava da aprovação dele, e não a queria, mas saber que Santiago havia gostado mexeu comigo. Para o bem, mas também para o mal. Fez-me querer rasgar o desenho em que trabalhava, e todos os outros dele.

Mas também me fez querer mostrá-los a Santiago. Dividir com o infeliz uma pequena parte de quem eu era.

— O que há aqui que tanto te atrai? — perguntou, referindo-se ao fato de que sempre que eu queria ficar quieta, era para cá que eu vinha.

— A vista.

Santiago olhou para a frente, onde dava-se para ver a lua no reflexo da piscina.

E era a vista mais linda que eu já tinha visto. Uma das poucas belezas desse lugar, aliás.

— Não pare por minha causa. — Ele apontou para o caderno e, sem dizer uma palavra, sentou-se no primeiro dos quatro degraus largos que se perdiam na água cristalina da piscina.

Vi-o acender um cigarro, e nublar tudo ao redor com o cheiro de tabaco e menta. Ficamos assim por um longo tempo e, dessa vez, em vez de traçar o seu rosto, eu desenhei suas costas. Apenas um rascunho.

Não era apenas no papel que Santiago era lindo. Não da forma como homens costumavam ser, mas de uma forma violenta, brutal. Ele dificilmente estrelaria romances. Santiago parecia mais como o assassino louco de algum filme de suspense. *O vilão.*

— Você resolveu o que precisava? — Deixei de lado o caderno e me sentei ao seu lado sendo alvo da fumaça que exalou.

Com um sorriso apreensivo, eu tomei o cigarro de sua mão. Algo que ele odiava que eu fizesse.

Traguei uma única vez e tomando a iniciativa, expirei a fumaça em sua boca enquanto ele me puxava para o seu colo. O humor de Santiago era fácil de ser lido; ou ele estava nervoso ou não estava. E, nesse momento, eu

achei que estava furioso.

Com as pernas abertas, uma de cada lado de suas coxas, eu me sentei, colocando algum espaço entre nós dois e o observando me olhar daquele jeito dele, todo sério.

— Em que está pensando? — perguntei, antes de puxar a blusa do pijama que eu vestia expondo os meus seios a ele.

Santiago continuou a fumar, repetindo o que eu havia feito e expirando toda a fumaça contra a minha boca enquanto acariciava lentamente o bico dos meus mamilos.

— Em você.

— Algo bom ou ruim? — O medo de ele algum dia descobrir minhas razões de estar aqui, deixava-me em um estado constante de alerta.

— Depende. Normalmente meus pensamentos a seu respeito costumam ser sempre violentos.

Engoli em seco.

— Me diga...

Ele apertou um dos mamilos entre os seus dedos. Seus carinhos nunca eram suaves, mas esse foi tão áspero quanto o seu olhar naquele momento.

— Estou pensando, que seria capaz de arrancar o seu coração se me traísse.

Chocada, eu não soube o que responder. *De onde tinha vindo isso?*

— Como eu disse, pensamentos violentos...

Contrariando a razão – que me pedia para me afastar dele – e com o coração acelerado, eu apoiei minhas mãos sobre os ombros de Santiago e me aproximei. Beijei a boca dura, sentindo ainda mais o cheiro de pólvora. O

homem demorou a se render, até que me agarrou, prendendo-me em seu colo.

— Eu jamais te trairia — sussurrei a mentira como se ela fosse verdade.

Ele me encarou, em meio ao beijo.

— Eu juro.

— Se soubesse quantos juramentos já escutei nessa vida, Manoela, você não juraria tão facilmente. — Santiago tentou me afastar, como se estivesse cansado de lidar comigo. Mas eu me agarrei a ele impedindo-o.

Sempre que o infeliz passava tempo demais com Firmino, seu humor voltava nesse estado. Era como vencer uma batalha e, em seguida, ter de recuar.

— Caralho, eu nem ao menos sei por que ainda a mantenho aqui — revelou. — Você dá mais dor de cabeça do que estou disposto a aturar. — Suas palavras gelaram-me por dentro, por duas razões completamente diferentes.

Porque, por alguma razão doentia, eu queria que Santiago me quisesse. Que ficasse louco por mim. Também sabia que não podia correr o risco de tê-lo me descartando justamente agora.

— Você me mantém, porque me quer. — Beijei-o, com a boca molhada de antecipação. Santiago não demorou a participar, e em questão de segundos envolveu o meu cabelo entre os dedos e o puxou. — Você me mantém... porque sabe que o que fazemos é gostoso. — Deslizei a mão até o volume grosso e pesado em sua calça.

Santiago era enorme. Deixava-me assada na maioria das vezes. O pau era tão duro, que nunca entrava dentro de mim sem fazer estrago. Apertei-o, movendo a mão para cima e para baixo por cima do tecido grosso, sentindo-o

latejar asperamente entre meus dedos.

Sôfrega, eu o beijei como se minha vida dependesse disso. E era provável que dependesse, mas, naquele momento, o tesão falou mais alto. A vontade de estar com Santiago e esquecer o mundo no lado de fora dessas paredes altas.

Minha constante procura pelo seu quarto, poderia ser explicada pelas inúmeras tentativas de apagar o passado e o futuro da minha cabeça. Viver apenas o presente.

Com a boca inchada de seus beijos, eu me afastei apenas o suficiente para que ele me ouvisse.

— Me deixa chupar você? — pedi, com água na boca ao vê-lo assentir sem dizer nada.

Desafivelei o seu cinto, e puxei sua ereção para fora, que saltou dura, completamente ereta. Toquei-o rapidamente antes de me levantar, e abaixar meu short. Ciente do seu olhar a cada movimento que eu fazia. Cheguei a segurar as laterais finas da calcinha como Santiago gostava, decidindo no último minuto deixar que ele fizesse o serviço.

Com dois passos em sua direção, o rosto dele ficou na altura do meu umbigo, que ele sugou e chupou, arrepiando-me inteira, ao mesmo tempo que o tecido negro deslizava por minhas pernas. Tentei me afastar, com um propósito, mas ele me impediu. Deslizando a boca pelo baixo-ventre até alcançar a boceta sem pelo algum, o desgraçado inalou como se fosse a porcaria da cocaína que ele vendia.

Ergui os braços a fim de prender meu cabelo antes de me ajoelhar.

— Solto! — exigiu alto. — Eu o quero solto.

Deixei que as mechas caíssem ao redor dos meus ombros e braços, e

lambi meus próprios lábios antes de me inclinar sobre as pernas de Santiago e envolver a cabeça do seu pau com minha boca. Abri-a tanto quanto podia, o que nem sempre era suficiente para acomodar o membro inteiro desse homem.

Então eu o chupava de ladinho, e forçava até onde podia deixando-o louco.

— Você tem uma boca, que porra! — Santiago segurou-me pelo cabelo, movendo minha cabeça de uma forma que mal pude respirar.

Quando tentei, ele me forçou para baixo, latejando e socando rápido dentro de mim até que as primeiras gostas de pré-sêmen escorresse pela minha língua. Tentei engolir, desejosa do seu gosto em minha boca, mas as estocadas tornaram-se incontroláveis.

Eu já não estava no comando, e meus olhos ardiam em lágrimas enquanto eu praticamente me engasgava com a saliva e parte do seu gozo, tornando tudo mais sujo.

— Respira pelo nariz e relaxa o maxilar, *amor* — pediu, depois de estocar fundo em minha garganta. A carne ainda inchada, liberava jatos incessantes de sêmen. — Boa garota, agora engula tudo. — Ele me segurou pelo queixo, erguendo o meu rosto até que não sobrasse nada.

Lambi o seu pênis, até arrancar qualquer resquício de gozo em sua espessura. Quando me afastei, suada e com a boca dormente, o polegar de Santiago raspou o cantinho do meu lábio e o limpou.

Ajudando-me a levantar, ele ainda me beijou avidamente enquanto eu cedia a um impulso e o abraçava. Acalmando-me pouco a pouco. Sexo com ele deixava-me em um estado vulnerável. Às vezes, eu o odiava por mexer tanto com minha cabeça a esse ponto, mas, para uma garota que cresceu sem contato físico e emocional com outras pessoas, o que eu vivia com Santiago

era apenas... *muito* para ignorar.

Fechei os olhos com força, odiando sentir-me dessa forma. Até que, sem que eu esperasse, Santiago apertou o meu queixo e o ergueu.

Antes mesmo que abrisse a boca, eu soube que ele machucaria um pouco mais do meu coração.

— Só vou te dizer isso uma vez. Se chegar perto dos meus cavalos novamente, eu a faço comer do mesmo maldito veneno, Manoela. E acredite em mim quando digo, que não haverá ninguém para te socorrer.

O homem me afastou, deixando-me em pé nos degraus de sua piscina. Sentindo-me como se tivesse acabado de tomar um banho gelado, daqueles capazes de resfriar toda a alma. Envolvendo meus braços em volta do meu corpo, eu deixei que o frio se espalhasse, a única culpada por esperar qualquer outra coisa de Santiago era eu mesma.

Eu tinha que me lembrar de que ele era o monstro aqui... e que minha história não teria um final feliz.

SANTIAGO SALVATORE

Quando deixei o banheiro, com a toalha enrolada em meu quadril e o cabelo ainda molhado, Manoela não se encontrava nem perto de ser vista. O que imaginei que aconteceria, aliviado por não ter que lidar com ela agora. Não quando tinha assuntos a resolver, de qualquer maneira. Assuntos que a envolviam.

Vestindo-me rapidamente, eu coloquei o *Rolex* em meu pulso e me encontrei com Javier na varanda da suíte. Ele ainda usava a ombreira que o protegia da ferida causada pelo disparo que o acertou. Nada que nenhum de nós já não tivesse passado, ou soubesse como suportar.

— Eu vou até a cidade, James me acompanhará. Você fica responsável por ela.

— Claro — assentiu de volta, com um aceno.

***

Menos de trinta minutos depois, eu estacionei em frente ao *Palacio Dorado*[11], um dos poucos estabelecimentos desse setor que possuía sob o meu comando, e subi até a área privativa onde Ulisses já me aguardava.

Sentando-me ao seu lado, em uma das mesas com vista para a parte inferior da boate, dois *shots* de tequila foram postos à nossa frente.

— Assistiu ao noticiário? — perguntei, vendo-o assentir.

— Foi um grande estrago, mas nada que eu não possa lidar. — Ótimo, pensei, ao tentar recuperar o controle que perdia com Manoela. Não que eu

achasse que fosse conseguir, porque o assunto que havia me trazido até aqui hoje era justamente a infeliz. — Mas não foi por isso que me chamou, foi?

— Não — grunhi baixo, vendo algumas das *meninas* que já não eram de Jiménez se aproximar. Seus negócios, ao que parece, haviam sido repassados para os filhos.

Quando a morena se sentou no colo de Ulisses, ele não a afastou. Encarei a safada, com as pernas praticamente abertas na minha direção, e virei o rosto ao ter *minha própria bunda* sentando-se em meu colo. A mulher, na faixa de seus vinte e poucos anos, era bonita. Alguém que eu não me importaria em foder.

— Preciso que investigue alguém para mim — falei, sentindo os dedos da cadela em meu pescoço. O mesmo que exibia por aí com as marcas deixadas por Manoela.

— Quem? — perguntou surpreso, olhando-me com atenção ao ler o nome no papel.

— Essa não é a sua...

— Sim.

— Achei que Firmino tivesse cuidado desse assunto para você. — Ele tentou.

— Firmino não encontrou nada, não acha estranho? Tudo o que sei a respeito da infeliz é que ela foi parar nas mãos de Jiménez por causa do pai, que calhou de estar morto. — E claro, o fato de que ela continuava a me olhar como se me odiasse mais do que tudo, apenas para, em seguida, ficar louca em minha cama.

A razão que me tinha feito procurar por Ulisses, porém, surgiu depois da última tentativa de Manoela em me irritar. Só que, dessa vez, ela havia

passado de todos os limites.

— Vou fazer o melhor que posso, mas se está desconfiado, eu o aconselharia a manter os olhos abertos, Santiago. O risco, às vezes, não vale a pena.

— Você fala como Firmino. Por ele, eu já teria me livrado da garota.

— E por que ainda não fez?

— Eu estou curioso. — E era verdade. Quero saber, antes de qualquer coisa, o que a trouxe para mim. Depois disso... — Dei de ombros.

Certo de que, mais cedo ou mais tarde, Manoela teria de sair da minha vida para o bem dos meus negócios, e principalmente para o meu próprio bem.

14

MANOELA GARCÍA

Procurei pelo relógio sobre a mesa de cabeceira do meu quarto, quando a porta da suíte bateu. Três horas da madrugada era o que diziam os ponteiros e, para a minha irritação, eu não havia dormido um minuto que fosse desde que Santiago deixou a suíte. O filho da puta raramente desaparecia dessa forma, suas noites e madrugadas eram passadas comigo. Mais precisamente em sua cama. Incerta sobre o que realmente me tinha acordada, se a ausência de Santiago ou se suas palavras antes de sair, eu joguei o braço sobre o rosto em uma tentativa de finalmente dormir.

Mas, então, a ameaça velada voltou à mente. O desgraçado sabia que tinha sido eu a envenenar Kheshi, e tudo o que fez foi foder com a minha cabeça. Literal e metaforicamente falando.

Com o rosto afundado ente os braços, eu escutei seus passos aproximando-se da cama. Sempre foi da minha natureza, esperar pelo pior. E a julgar o cheiro de perfume barato que senti, eu não estava errada em pensar dessa forma.

Sentando-se ao meu lado na cama, o desgraçado teve a audácia de me tocar. Um gesto que eu rapidamente afastei ao vê-lo se inclinar em uma tentativa de me beijar. Levantando-me, eu o empurrei para longe, enquanto cobria minha nudez com o lençol sobre a cama.

— Não me negue seus beijos. — O homem me forçou a olhar em seu rosto.

— Você está cheirando a puta. Como espera que eu o deixe me beijar? — O comentário ácido o fez sorrir.

— Ciúme?

— Estou falando sério, Santiago. — Saí da cama, furiosa. — Se acha que eu vou aceitar que saia e trepe com qualquer puta e depois volte para a nossa cama convencido de que eu não farei o mesmo, é porque não me conhece. — A ameaça o irritou, fazendo-o vir atrás de mim.

— Que porra está dizendo?

— O que ouviu! — gritei. — Se você vai trepar com qualquer uma, então eu vou fazer o mesmo. — Deixei o quarto, furiosa. — E farei isso agora.

Olhei para trás, para ver sua reação, mas o infeliz foi mais rápido pegando-me pelo pescoço e me empurrando até a parede mais próxima.

Do lado de fora da suíte, James e Javier faziam a ronda, ambos parando para ver o que acontecia aqui dentro.

Quando a porta se abriu, em uma clara tentativa de interferência de Javier, Santiago estendeu a mão para impedir que qualquer um deles se aproximasse.

— Não se metam! — gritou, e o cheiro de álcool veio em meu rosto embriagando-me.

Segurei em sua mão, querendo afastá-la ou pelo menos fazer com que seu aperto afrouxasse.

— Eu não lido bem com ameaças, Manoela. Repita essa merda de novo, e eu corto a sua língua.

Insana, eu sorri perversamente gostando de saber que tinha esse poder sobre o infeliz.

— Me solta! — exigi com raiva enquanto esfregava o meu pescoço. — Você não toca em mim até que esse maldito cheiro de perfume barato te deixe. Não! — gritei mais alto, agindo como uma louca. — Você não toca em

mim nunca mais!

— Você está jogando um jogo perigoso aqui...

— Foda-se! — chiei baixo. — Apenas, foda-se você e suas putas!

Encostada contra a parede, eu tentei passar por ele, mas Santiago estendeu o braço impedindo-me.

— Será que pode parar de gritar e me ouvir, porra?

— Direitos iguais — foi tudo o que falei. — Não quero ouvir nada, apenas...

— Não há outras mulheres, Manoela. Que caralho!

— Eu não acredito em você. — Meu tom de voz foi mais baixo, enquanto eu esperava por uma explicação melhor do que a que ele tinha me dado.

— Eu não minto, amor. Diferente de você. — Ele afagou o meu rosto, beijando-me devagar. O gosto de tequila foi se espalhando fortemente pela minha boca.

Esse quente e depois frio de Santiago, deixava-me tonta. Ele me irritava, para em seguida acariciar. Afagava, e depois machucava. Eu não aguentava *não saber* o que esperar desse homem.

— Você está cheirando a...

— A puta, sim, eu já ouvi. Assim como espero que você tenha me ouvido. Porque eu falei que não estive com mulher alguma. Agora chega, volte para o quarto e durma por algumas horas. Nós temos um compromisso pela manhã.

Nós?

Santiago se afastou, deixando-me sozinha e confusa na sala. Do outro

lado, na área da piscina, Javier e James ainda observavam a tudo. Fazendo-me só então perceber que eu tinha estado apenas de calcinha por todo esse tempo.

Jogando-me na cama ao voltar para o quarto, eu não demorei a dormir. Só despertando ao escutar a voz de Santiago horas depois.

— Vista-se, porque estamos saindo.

Com o rosto afundado sobre o travesseiro, eu chiei antes de perguntar:

— Para onde?

— Visitar um velho amigo meu. — Aguardei por alguma outra informação, algo que me desse uma ideia do que ele esperava, mas Santiago deixou o quarto sem dizer mais nada.

Nem todo dinheiro do mundo o tornaria um cavalheiro, pensei, com amargura enquanto levantava e começava a me arrumar. Em momentos como estes, em que eu me lembrava de quem o infeliz realmente era, e do porquê de eu estar aqui, tudo se tornava um fardo.

A verdade é que tinha dias em que eu ficava tão cansada, que só conseguia desejar que ele morresse de uma vez. E que eu fosse a única a conseguir isso.

Sem ideia do que faríamos e para onde iríamos, eu peguei uma calça de jeans escura e uma regata branca, não me preocupando sequer em colocar sutiã. Para a minha surpresa, Santiago já havia descido quando deixei o quarto. E foi lá embaixo, em frente a um antigo *Corvette*, que eu o encontrei.

Surpresa por nunca ter visto Santiago na direção, eu me aproximei com cautela notando que o carro à minha frente era uma verdadeira relíquia.

— É lindo — falei, quando ele abriu a porta para que eu entrasse. Sua expressão estava tranquila, como se a noite passada não tivesse existido. Nem

sua frieza, nem os meus gritos.

Vi-o falar rapidamente com sua equipe de segurança e contornar o carro, sentando-se ao meu lado. Quando aceleramos pela propriedade, duas SUVs fizeram o mesmo logo atrás. O que era de se esperar.

O percurso que fizemos, nos levou para fora de Culiacán. E essa foi a segunda surpresa do dia.

— O que há com vocês e todo o mistério? Sua avó não me disse para onde estávamos indo ontem também...

— Não se preocupe, você vai saber assim que chegarmos... — falou despretensioso. — Agora, quanto a Mercedes, por que não compartilha comigo como foi a saída de vocês ontem?

— Ela te contou?

Santiago negou.

— Javier, claro — constatei.

— Então?

— Foi assustador — admiti. — Mas me ajudou a entender um pouco mais a seu respeito, vocês dois são muito parecidos.

— Seria estranho se não fôssemos, ela praticamente me criou.

— Você e o seu pai... também são parecidos? — falar sobre Juan o deixou tenso, pude ver pela forma como apertou o volante.

— Em alguns aspectos sim.

— Em quais? — Sorri inocentemente ao ver que ele me encarava com desconfiança. — É só curiosidade, Santiago. Casais trocam confidências, sabia? É algo normal. — Não que eu tivesse alguma vez experimentado o que era um relacionamento normal.

O que havia com Santiago era o mais perto de uma relação que eu já tinha chegado, e não era verdadeiro. Para nenhuma das partes, tentei me convencer.

— Meu pai e eu sempre quisemos a mesma coisa, mas buscamos por isso de forma distinta.

O que isso significava?

— Ele também tentou conquistar o mundo? Essa coisa toda de *rei da selva*?

— Ele tentou.

— No que são diferentes?

— Juan nunca quis guerra, Manoela. Tudo o que ele conseguiu foi na base de conciliações. Alianças. Não que não tenha sido um homem violento, ele foi... e ainda é, mas, assim como Alejandro, meu pai sempre preferiu resolver as coisas na conversa.

— Você quase nunca fala sobre nenhum dos dois. — Santiago se manteve calado. — Se eu tivesse uma família, eu falaria sobre eles. — *Eu realmente falaria.*

Sentindo um nó em minha garganta, virei o rosto para o lado de fora da janela. Observando a paisagem areada ao redor. Era como se estivéssemos em meio ao deserto.

— Às vezes, eu me esqueço de que você é só uma menina. — Não o encarei, não estando com os olhos embargados. — Vinte anos ainda não é nada, Manoela. Você não viveu porra nenhuma. Não tem ideia de como a vida pode ser complicada.

— Minha pouca idade não significa que eu não saiba das coisas. Eu sei — garanti.

— Se soubesse teria fugido de mim quando me viu. Se tivesse a porra de algum juízo nessa sua cabecinha, você jamais teria permitido que eu a tocasse.

— Você teria me matado. — Ele me olhou, realmente me olhou. — Você sabe, se eu tivesse tentado fugir...

Santiago deu de ombros, como se a resposta não fosse algo que eu precisasse saber naquele momento.

— Posso te pedir uma coisa? — sussurrei. — Se algum dia... você decidir...

— Pare! — exigiu, irritado.

— Estou falando sério, apenas me ouça.

— Eu disse para parar! — Ele jogou o carro no acostamento. — Não pretendo discutir esse assunto com você.

Tudo o que eu iria pedir a ele era para que me deixasse ser enterrada. Meu pai nunca teve isso. Santiago e sua família tiraram isso dele, tiraram *isso* de mim. Eu não tinha como sentir luto, não tinha onde chorar. Ou deixar flores.

Esse homem. Ele e sua família me tiraram tudo.

— Eu te odeio — falei, do fundo do meu coração.

— Sim, eu já escutei e entendi. Agora siga em frente.

— Eu te odeio com todas as minhas forças. — E nunca vou ser capaz de esquecer o que me fez. Nunca.

Sequei as lágrimas ao redor dos meus olhos, para que não caíssem. Se mal o fiz nos últimos anos, por que faria por Santiago? Não, eu era seca por dentro, como Ochoa dizia. Eu era seca. E jamais derramaria uma lágrima por

alguém que não fosse o meu *papá.*

Chateada, eu passei o restante da viagem calada. Só dando voz a minha curiosidade ao ver que nos aproximávamos de uma área inabitada, onde só havia claramente um bar para motoqueiros e um pequeno estúdio de tatuagem. Eu não fazia ideia de onde estávamos, deixei de prestar atenção na estrada quilômetros atrás. Por isso, quando Santiago saiu, a fim de cumprimentar o homem obeso e careca, repleto de tatuagens, que veio em nossa direção, eu hesitei antes de fazer o mesmo.

Javier e James apareceram na lateral do carro em seguida, todos se cumprimentaram como se fossem velhos amigos.

A porta do meu lado foi aberta por um Santiago impaciente. Ele acenou para que eu saísse, fazendo questão de me apresentar ao seu amigo.

— Doug, essa é Manoela. A garota que lhe falei. — O amigo de Santiago apenas acenou, como se não soubesse falar ou não quisesse. — Manoela, esse é Doug. O melhor tatuador da região.

Certo, eu só não entendia o que estávamos fazendo aqui.

Com outro aceno, Doug nos indicou o caminho para dentro de seu estúdio. O lugar era completamente diferente dos que eu havia frequentado na França, mas a julgar os desenhos que vi nas pastas abertas sobre a bancada de recepção, ele era bom.

— Será um prazer marcar sua pele — Doug falou, aproximando-se de mim e vendo o meu interesse. — Santiago estava ansioso para que eu te conhecesse. Me pediu, inclusive, para fazer algo especial para a garota dele.

— Algo especial?

Procurei por Santiago, parado logo atrás, mas a expressão em seu rosto era indecifrável.

— Do que ele está falando, Santiago? — perguntei, indo direto ao ponto enquanto o via aceitar a cerveja oferecida por Doug.

— Nos mostre o que desenhou, Doug. — O infeliz me ignorou. Pegando o caderno que lhe foi repassado, ele se sentou em uma das poltronas confortáveis de couro.

Vi-o virar as folhas, com diversos desenhos. Todos com o mesmo símbolo: um crucifixo.

— Tomei a iniciativa de fazer alguns mais robustos e outros delicados. Como não tinha posto meus olhos na garota ainda, seria difícil fazer algo para ela. Mas acho que algum desses desenhos vai te agradar.

— Santiago? — insisti ainda de pé.

Estava furiosa com o simples pensamento de que ele pudesse ter planejado algo assim. Quero dizer, era a minha pele, certo? Se eu quisesse tatuá-la de novo, eu seria a única a decidir!

Levantando-se, ele entregou a pasta e o desenho escolhido a Doug.

— Gostei dessa. — Espiei na ponta dos pés, a fim de ver e me deparei com um crucifixo de traços finos.

— Diga-me que não é o que eu estou pensando, Santiago — pedi, atordoada. — Por favor. — Ele não podia estar falando sério, não era possível.

Afastando o cabelo dos meus ombros, Santiago me virou e apontou sobre a minha pele onde queria o desenho.

— Você está me ouvindo? Eu te perguntei o que isso significa...

— É um lugar bem visível — Doug falou.

— Exatamente. Eu quero mesmo que todos a vejam.

Perdendo de vez a cabeça, eu me virei e o encarei.

— Qual é o seu problema? — Ele não se alterou. — Quem você pensa que é para tomar uma decisão como essa? Se eu vou ou não fazer, que desenho... o maldito lugar!

Santiago não me respondeu, e a sua calma me irritou ainda mais.

— Diga alguma coisa, Santiago. — Não me deixe falando como se eu fosse a única louca aqui, droga! — Diga. Alguma. Coisa!

— Prefiro esperar que se acalme. Até porque eu já me decidi.

— Você já... — Dei um passo prestes a bater no infeliz, mas temi sua reação. Uma coisa era eu ser agressiva quando estávamos a sós, outra seria desmoralizá-lo na frente de um amigo. Se ele fosse tão cruel quanto Ochoa era quando eu o respondia, eu sabia exatamente qual seria o resultado. — O fato de me ter em sua cama não me torna sua propriedade!

— Você está enganada — grunhiu, para que qualquer um pudesse nos ouvir. — Mas claro que você sempre pode dizer *não.*

— Posso?

Ele assentiu.

— Desde que esteja disposta a lidar com as consequências, então sim. Você pode.

Doug ouvia e assistia a tudo, mas não havia desconforto em sua expressão. Pelo contrário, ele parecia estar gostando de presenciar a briga.

— Qual é a consequência? — perguntei em um fio de voz.

— Ou você age como uma boa garota e permite que Doug a tatue, ou eu te marco como faço com os meus cavalos. — *A ferro e fogo...* Prendi a respiração, querendo como nunca atirar algo contra o desgraçado. Qualquer

coisa. — A questão não é o que estará em sua pele, no final, Manoela. Mas o que a marca vai significar.

Que eu era dele. Era isso que o desgraçado queria que todos soubessem.

Zonza, eu mal podia respirar. Parada na sua frente, eu o encarei pensando nas mil formas que poderia machucar o infeliz. Todas elas eram tão cruéis e trágicas, que me embrulharam o estômago.

E se eu não podia fazer qualquer uma dessas coisas, eu também não queria mais discutir. Então simplesmente lhe dei as costas e saí do estúdio alarmando cada homem de sua equipe, no lado de fora, enquanto me afastava. Andei sem rumo até chegar à estrada. E não parei.

Não havia vida ao redor, ou carros passando. Estávamos literalmente no fim do mundo enquanto eu me encontrava à beira do colapso, incapaz de escapar, mesmo que não houvesse amarras em meu corpo. A ideia de marcar minha pele, com uma tatuagem escolhida por ele era absurda. Eu era *muito minha*, para pertencer a qualquer homem.

Principalmente se esse homem fosse um Salvatore.

De repente, o corpo de meu pai surgiu diante dos meus olhos. Levei as mãos até a cabeça, não querendo lembrar o quanto eu estive sozinha ao vê-lo morto, e nem o quanto eu estava hoje, depois de todos esses anos.

Quando o passado veio à mente, não foi meu pai que surgiu. Foi Ochoa.

— Acha que ele me machucaria?

— Se descobrir quem você é? — Ochoa balançou a cabeça. — Não é com os machucados que eu me preocuparia, e sim com a maneira como ele a

matará.

— Ramírez não quer que eu vá.

Ochoa me encarou, sério.

— O que você quer? — Ele segurou meu queixo.

— Eu quero que ele pague pelo que me fez.

Vi-o sorrir, satisfeito.

— Então você sabe o que precisa fazer, criança.

Sim, eu sabia, e não pretendia desistir, pensei, ao olhar para trás. Estava completamente errada em imaginar que nenhum deles me seguiria, porque Javier, mesmo com o ombro enfaixado, se encontrava a um passo de distância e com uma arma prestes a disparar em sua mão.

Meu olhar procurou pelo seu, Javier era a única pessoa que eu minimamente confiava dentro daquela casa. Eu sabia que ele não me machucaria, a menos que... lhe fosse dada a ordem.

Forçando o controle, eu dei meia-volta, passando como uma fera pelo infeliz e voltei ao estúdio. Foda-se! Que Santiago marcasse o que quisesse em minha pele, porque, depois que ele estivesse morto, eu arrancaria cada tinta da tatuagem a unha.

— Pronta para começar? — perguntou, mas eu não parei para lhe responder.

Em vez disso, fui até o Doug e dei a ele permissão para que começasse.

Fui levada a uma das cabines, a cortina que servia como divisória ficando aberta.

— Será mais fácil se tirar a blusa... — sugeriu com cautela. — Não será um desenho rápido — explicou a Santiago, que assentiu como se meu corpo pertencesse a ele.

Bem, se o monstro autorizou, então não teria problema que eu levantasse minha blusa expondo os meus seios aos homens de sua equipe que estavam no lado de fora. A fachada de vidro permitia que eles vissem tudo. Com a mandíbula cerrada, Santiago, discretamente, se colocou na minha frente cobrindo o meu corpo do olhar de qualquer um deles.

— Pode ser que doa um pouco, eu colocarei anestésico, mas...

— Eu não tenho medo da dor. — Isso não havia mudado.

— Foi o que escutei — Doug disse baixo dando início ao seu trabalho.

Acomodei-me na cadeira estofada e fechei meus olhos indo para qualquer lugar em minha mente que não aqui.

Horas depois, o desenho finalmente ficou pronto. Hesitei antes de me olhar no espelho, ainda magoada, mas foi impossível deixar de apreciar a delicadeza dos traços. Por mais insana que tenha sido a decisão de Santiago, a escolha que fez... foi bonita. Com meus olhos ainda fixos no espelho, eu o vi se aproximar e deixar um beijo em meu ombro.

— Prenda o cabelo — pediu baixo. Mas eu sabia que era uma ordem.

— Você é tão doente — murmurei, puxando os fios grossos para cima enquanto ele aguardava com um sorriso.

— E você é minha... Quero ver alguém dizer o contrário agora.

SANTIAGO SALVATORE

Estacionei o carro em frente a um antigo restaurante da encosta de Sinaloa. Era final de tarde, e o céu sobre nossas cabeças começava a ganhar forma, anunciando a tempestade que cairia em breve. Confusa, Manoela me observou.

Não fazia parte de nossos planos o pequeno desvio.

— Achei que fôssemos para casa. — A palavra *casa* saiu de sua boca com uma facilidade assustadora.

— E nós vamos, mas depois — falei, prevendo a loucura que seriam os próximos dias. — Pensei em pararmos por algumas horas. Jantar, talvez.

Ela me olhou desconfiada, eu estava certo em dizer que éramos feitos do mesmo material. Manoela tinha mais em comum comigo, do que algum dia seria capaz de admitir.

— Eu costumava vir aqui com Celeste — revelei. — Ela adorava a comida desse lugar.

Mas não era só isso, distante de tudo, era fácil fingir me esquecer de que não era filha do maior traficante do país. Às vezes, eu pensava que sua morte tinha sido para o melhor, porque Celeste não seria capaz de ser a mulher que precisávamos que ela fosse.

Inocência não tinha espaço nesse mundo.

— Você também nunca fala sobre ela.

— Não há muito o que dizer. Celeste era... especial.

Manoela virou seu rosto, olhando o litoral a nossa frente. Estávamos a quilômetros de casa.

— Nós nunca saímos para jantar — disse, sem me deixar claro se era uma reclamação ou apenas uma constatação. — Podemos fazer isso hoje? Quero dizer...

— Podemos. — A resposta, a deixou ainda mais desconfiada. Até que percebeu que eu falava sério, e se virou para a frente sorrindo para si mesma.

Fazendo-me lembrar o quanto Manoela era jovem.

Deixamos o carro, as SUVs logo atrás. Com um único olhar, pedi que Javier e James mantivessem-se distantes. Não era apenas Manoela que precisava desse tempo, eu também sentia como se precisasse de minutos de calmaria em meio à tempestade de nossas vidas.

Entramos no restaurante simples, o dono do local me reconheceu. Não apenas pelas vezes em que tinha estado aqui no passado, mas por realmente saber quem eu era e o que fazia.

Acompanhando Manoela até a mesa localizada na área da sacada, eu pedi a ele para que garantisse nossa privacidade. Sentei-me, analisando o cardápio enquanto Manoela ia até o corrimão da sacada e sorria para a brisa a lhe atingir o rosto.

Vi-a fechar seus olhos, e respirar fundo, com o cabelo ainda preso no alto de sua cabeça, deixando exposta a tatuagem. A marca em sua pele, que me deixou duro desde sua finalização.

Minha. Cada linha de tinta ali presente, a fazia minha.

— Posso te fazer uma pergunta? — Manoela se virou, aproximando-se e se sentando ao meu lado, ainda que houvesse uma cadeira bem a minha frente.

— Pode, eu só não sei se a responderei.

Eu a vi hesitar.

— Quantas você marcou? — Meus olhos a encararam. — A tatuagem. Quantas, Santiago?

A filha da mãe estava me fazendo a pior das perguntas. Não sei se estava disposto a lhe responder. Era apenas revelador demais, porra!

— Quantas você acha que eu marquei?

— Todas que estiveram em sua cama?

Sorri, porque ela não podia estar mais errada.

— Escolha o que vai comer, Manoela. — Apontei para o cardápio que eu já havia analisado.

— Você me deve uma resposta.

— Eu te devo? — Eu não devia nada a ninguém. Muito menos a ela.

— Por favor. E não quero discutir — pediu, suavemente. — Só preciso saber.

Manoela manteve seus olhos em mim, até que pareceu desistir. Atendo-se ao cardápio sem qualquer interesse.

— Você é a primeira — respondi, de repente, fazendo-a erguer os olhos dourados novamente. — Agora, escolha. Eu realmente estou com fome.

Fizemos nossos pedidos e não demoramos a ser servidos. Não era como se o restaurante estivesse cheio.

Tacos de todos os sabores foram postos sobre a mesa, assim como duas *long necks.*

— Meu Deus, esse é... picante! — exclamou entre uma mordida e outra.

Inclinei-me em sua direção e limpei o resquício do molho em seu lábio levando-o até a boca e o provando.

— Apimentado, eu percebi. — Mas assim era a comida mexicana, certo?

Não deveria ser uma surpresa a Manoela, até porque, tequila e pimenta nunca nos eram demais em nossa terra.

— Não me diga que é uma mexicana que não gosta de comida quente?

— Talvez eu seja — revelou, dando de ombros. — Fazia muito tempo que eu... — Ela se calou, como se não quisesse continuar. — Bem, que eu como tacos.

Entreolhamo-nos, até que decidi mudar de assunto.

— Como está a sua pele? — Manoela reagiu bem a agulha, não reclamou da dor ou fez careta. Mas eu tinha o corpo tatuado, sabia que poderia doer.

— Está bem — mentiu. Algo que lhe parecia tão natural.

— Vai me perdoar algum dia? — referi-me à tatuagem e, pela primeira vez, tive 100% de certeza de que o que me respondia era verdade.

— Acho que não.

— Gosto quando é honesta, Manoela. Ainda que doa. — Ela afastou seus olhos dos meus, e os deslizou até a paisagem à nossa frente.

O mar estava agitado, prevendo a tempestade a se aproximar.

— Acha que o mar cura todas as dores? — Eu a escutei perguntar, mostrando-me confuso. — Às vezes, tenho a impressão de que se a gente andar até o final... — Ela continuou olhando para o horizonte. — As dores desaparecem.

Não gostei de como suas palavras soaram, pareciam apenas trágicas

demais. Até mesmo para ela, que era sempre tão dramática.

— O que sabe sobre a sua mãe, Manoela? — perguntei, curioso. — Sei que perdeu o seu pai, mas você nunca fala sobre ela.

Ao que parece, quando se tratava de família, nós preferíamos não compartilhar muito.

— É porque eu a odeio.

Não tive como não rir.

— Acho que a lista das pessoas que você odeia é bem extensa, não?

— Eu a odeio de verdade — disse, apertando o nó de seus dedos.

— Seu pai também a odiava?

— Não. — Ela se virou para mim. — Meu pai a amava, mas ela era uma...

— Uma?

— Uma prostituta — revelou com raiva, acrescentando em seguida: — Sei que é um pouco irônico que eu tenha terminado da mesma forma...

— Você não terminou — eu a cortei. — Fui o seu primeiro homem desde que Jiménez a encontrou, não é?

Ela assentiu.

— Então não volte a dizer isso a seu respeito. Eu não a vejo assim.

Manoela me encarou, e agora ela era quem parecia confusa.

Bebi um longo gole da minha bebida.

— Se eu não sou uma *mulher da vida*, o que eu sou então? — Acho que a pergunta não era somente para mim. Por vezes, a impressão que eu tinha era de que Manoela era apenas uma criança perdida.

— Você é *minha* mulher. Achei que já tivesse compreendido.

Manoela sorriu, lambendo os próprios lábios e ficando vermelha. A conversa manteve-se superficial até o momento em que escorreguei minha mão entre as suas coxas grossas e a acariciei por baixo da mesa. Não que estivesse preocupado com quem nos veria. A pequena fortuna que estava disposto a pagar ao dono do restaurante em agradecimento por não termos sido incomodados, era mais do que o suficiente para cobrir um mês inteiro de lucro do lugar.

— O que pensa que está fazendo...

Eu a toquei por cima do jeans grosso, meu dedo esfregando-a, fazendo com que Manoela fechasse as pernas de forma instintiva.

— Tocando no que é meu. Agora, fique quieta... e afaste suas pernas para mim. — Esperei, sentindo-a entreabrir as coxas, devagar.

Apertei com mais pressão sobre a sua boceta, meu dedo não podia sentir sua umidade, mas era perfeitamente capaz de senti-la quente. A aspereza do tecido deve tê-la excitado, porque Manoela mordeu o lábio gordo e voltou a fechar as coxas, agora, mantendo minha mão exatamente entre elas.

— Aqui não.

— Depois da exposição que fez hoje, você deixou claro que não é tímida ou tem vergonha na cara, *amor* — referi-me ao episódio do estúdio de tatuagem.

— Foi diferente.

— O que foi diferente? O fato de você ter se exposto para me irritar?

— Eles são seus homens, jamais me tocariam.

— Eu os mataria se tentassem — retruquei.

— Eu deveria achar nojento as coisas que você diz...

— Mas não acha. — Dei-me conta, beijando seu pescoço.

— Não, elas me deixam molhada.

— Caralho, garota! — grunhi, antes de pressionar minha boca na sua com tamanha violência, que a cadeira em que estava sentada foi empurrada. Puxei-a de volta para que pudesse senti-la perto. O cheiro, a boca. Cada pedaço indecente dela.

— Vamos para o carro — pediu, ao ver que eu estava a um passo de puxá-la para o meu colo. — Santi... por favor...

Levantamo-nos, e eu a deixei ir na frente. Pelo menos, até a entrada enquanto acertava tudo com o velho conhecido. Com um aceno, me despedi e me juntei a ela. Manoela encarava a chuva fraca que caía no lado de fora, com um sorriso largo em resposta a algo que Javier lhe dizia. Aproximei-me, calado, vendo-o olhar minha mulher, não com olhos que eu gostaria.

A sua interferência na noite passada, enquanto eu discutia com Manoela, ainda martelava em minha cabeça. O filho da puta estava disposto a quê? Impedir-me de gritar com ela?

— Não precisa — falei, quando ele estendeu de forma prestativa o guarda-chuva. Ao ver que a chuva corria em direção à entrada, molhando-os, percebi que Manoela também tinha sido atingida. Seus seios, mostrando-se inteiros por debaixo da blusa branca, agora transparente. Qualquer um podia ver as aréolas redondas com bicos intumescidos. Sem se importar, a infeliz saiu na chuva, esperando que eu a seguisse. Detive-me por um momento e encarei Javier.

— Acho melhor que comece a manter os olhos longe do que é meu — grunhi baixo, essa não era a primeira vez que o pegava a olhando.

Javier não reagiu, mas pareceu entender o recado, dando-me espaço para continuar.

— Achei que a ideia fosse entrarmos no carro — perguntei a Manoela, quando a vi apoiar as costas contra a lataria vermelha do veículo.

— A gente pode fazer isso — sussurrou, puxando-me para mais perto. — É só que... eu nunca fui beijada na chuva.

Dei outro passo em sua direção, praguejando internamente, porque, caralho, eu era muito velho para essa merda de *primeiras vezes*. Mas, Manoela, a infeliz, era diferente de tudo o que conheci nessa vida. E eu havia visto muita coisa.

— Ah, *amor* — murmurei contra a sua boca. Beijando-a devagar, o gosto picante em sua boca foi espalhando-se pela minha. — Você ainda vai me deixar louco.

Não permiti que falasse. Se Manoela queria ser beijada na chuva, então ela seria.

Transpassei os dedos em seu cabelo, segurando-a enquanto empurrava o meu corpo contra o dela. Um gemido baixo escapou por entre seus lábios, depois outro e outro. Cada um deles fez meu pau endurecer um pouco mais. Para a minha surpresa, Manoela o apertou por cima da calça jeans, exatamente do jeito que eu havia feito com ela antes. Importando-se menos com o fato de que não estávamos completamente a sós.

A equipe de segurança seguia dentro dos dois SUVs, logo atrás.

— A gente deveria entrar — pedi.

— Ou poderíamos ficar aqui... — rebateu, com um sorriso sacana em seu rosto bonito.

— Sua intenção na Terra é foder comigo, só pode!

— Apenas se você deixar. — A descarada enfiou a língua dentro da minha boca tomando todo o controle do beijo para si.

E eu deixei, porra!

Pela primeira vez na vida permiti que uma mulher fizesse o que bem entendesse comigo.

15

MANOELA GARCÍA

Assisti através da janela embaçada do carro de Santiago, a chuva cair lá fora. O que começou como um amasso indecente, terminou conosco – sôfregos e excitados – transando loucamente no banco de motorista. Agora, completamente nua e suada, eu havia retornado ao meu banco enquanto mantinha as pernas esticadas sobre o colo de Santiago, que massageava meus pés com as mesmas mãos que me tinham tocado inteira poucos minutos atrás.

Enquanto parte de nossas roupas se encontravam longe de serem vistas, Santiago permaneceu com a calça entreaberta em seu quadril.

Satisfeita após o orgasmo, eu recostei contra a porta do *Corvette* apertado e fechei meus olhos ao ser dominada pelo cansaço.

— A chuva não vai dar trégua. — Santiago deu voz a sua preocupação. — Melhor voltarmos.

Letárgica, eu sorri ao ver que o aquecedor fazia cócegas em minha pele enquanto me questionava o quanto seus homens poderiam ter visto do que fizemos. Os vidros não eram exatamente escuros, por isso esperava que a chuva tivesse nos protegido. O problema com Santiago, e o sexo que fazíamos a qualquer hora e lugar, era a vergonha que vinha somente depois.

— Acha que fomos vistos?

— É tarde demais para se preocupar, *amor*. — A mão que ele carregava o anel massageou meus dedinhos. E eu observei a ponta de minhas unhas vermelhas, fazendo um contraste nada delicado com a pele alva.

— Não estou preocupada, só queria saber.

— Faz diferença? — perguntou, com seu humor de volta ao habitual.

— Eu não me importo que vejam, mas não sei se gostaria de saber que você gosta de se exibir para os meus homens.

— Não é minha culpa se você os mantém sempre por perto. — Eu estava prestes a puxar meu pé, quando ele o apertou com um pouco mais de pressão.

— Excita que eles a vejam? — Eu não iria responder isso a Santiago, até porque eu não sabia. — Responda, Manoela.

— Você está me machucando — referi-me ao meu pé, e ele, antes de soltar, alisou onde agora estava vermelho.

— Você gosta.

Virei o meu rosto em direção à janela enquanto procurava por minhas roupas no chão do carro. O aquecedor, de repente, foi incapaz de manter o meu corpo aquecido. Com a calcinha em mãos, eu a puxei pelas minhas pernas e, em seguida, vesti a blusa encontrada no banco de trás, dando-me conta de que Santiago ainda aguardava por uma resposta.

— Supondo que eu goste, qual seria o problema? — perguntei. — É você quem está me fodendo, não é? Não é Javier ou James. E Deus me livre, não é o Firmino.

— Firmino não, mas os outros sim?

— Está me escutando, droga?

Era como se ele não quisesse me entender.

— Responda-me uma coisa, Manoela. Apenas uma.

Eu o encarei, com os braços cruzados.

— Você já percebeu a forma como Javier a olha?

Meu rosto deve ter ficado pálido, porque eu gelei por dentro.

— Você é louco.

— Percebeu ou não? — Eu sabia que qualquer resposta que eu lhe desse o deixaria furioso. Se mentisse, Santiago teria outro motivo pelo qual não confiar em mim. E se dissesse a verdade, ele poderia matar Javier.

Prestes a abrir a boca e pedir para que fosse compreensivo, ele me cortou:

— Nem se dê ao maldito trabalho de mentir. Seu silêncio é toda a resposta que eu preciso.

SANTIAGO SALVATORE

Um, dois, três...

E a porta do quarto de Manoela bateu. Não que eu tenha esperado uma reação diferente. O tempo tinha suas vantagens, e a cada dia que passava eu conhecia um pouco mais sobre a forma como sua cabeça funcionava. Acendendo um cigarro, eu me juntei a Firmino na varanda. Ele havia me telefonado quando eu ainda estava na estrada e me atualizado por alto sobre o telefonema de Ulisses.

— Alguma novidade sobre a DEA? — Depois do ataque e da retaliação, os noticiários mantiveram-se em completo e total silêncio. Todos sabiam o que acontecia quando se criavam teorias e davam destaque aos meus negócios.

— Sim e não. Eles ainda não fizeram qualquer pronunciamento, o que é estranho, Santiago. Mas... acho que finalmente tenho uma boa notícia para te dar. — Eu o encarei. — Ulisses me passou o endereço do seu carregamento.

Há quanto tempo eu não esperava obter essa informação, porra?

— Ótimo. — Era o que eu precisava para melhorar o meu humor.

— Não que eu ache seguro uma abordagem. Nós estaríamos em território internacional, Santiago. Se algo acontece, nem mesmo Ulisses ou os contatos dentro governo seriam capazes de interferir. — Firmino estava certo, como sempre.

Mas eu não iria escutá-lo, outra vez.

— Separe cinco homens. Manolo cuidará do resto. — Mesmo sem

perguntar, eu sabia que o infeliz colocaria a minha disposição a sua equipe pessoal, pensei, ao analisar o que precisaria ser verificado antes de viajarmos. — Quero sair em dois dias, então peça para que me preparem o jato.

— Não vai adiantar se eu tentar convencê-lo do contrário, vai? Se ao menos me escutasse...

— Eu sempre te escuto, Firmino. Aliás, não há ninguém que eu escute mais nessa casa do que você. — E era verdade. — Você foi leal ao meu pai, e é leal a mim... e é por confiar em você, que vou pedir para que não vá dessa vez.

— Porra, os Estados Unidos não são como o México, Santiago. Se o FBI decidir colocar as mãos em você, não há ninguém que poderá impedir...

— O FBI não vai saber que eu estarei lá. Ninguém vai.

Ele me analisou.

— E a garota? Se não vou, é porque Javier e James irão acompanhá-lo...

— Manoela não será um problema para você, Firmino, porque eu pretendo levá-la comigo.

O homem sacudiu a cabeça, frustrado, de tão irritado.

— Você só pode ter perdido a cabeça.

— Estou com a cabeça no lugar exato, e funcionando melhor do que nunca.

Ele me encarou, e então entendeu.

— Há algo mais por trás, não há? — Assenti, não querendo entrar em detalhes. Se meu plano funcionasse, ele saberia. — Não acha arriscado envolvê-la justamente nessa história?

Eu ainda não podia dizer, mas era algo que pretendia descobrir durante a viagem. Se Manoela tinha ou não ligação com o que vinha acontecendo a meu redor, em algum momento a infeliz deixaria escapar.

Ninguém conseguiria fingir tão bem e por tanto tempo assim.

MANOELA GARCÍA

Santiago estava estranho.

Não fez qualquer tentativa de aproximação no dia seguinte ao que jantamos juntos, mostrando-se mais calado do que habitual, pensei. E, enquanto tomava sol na piscina principal da propriedade, eu o observei de longe fazer planos com Firmino e James. Os três sentados em uma das mesas dispostas próximo de onde eu estava.

Eles tinham sido a razão pela qual eu tinha vindo para cá, aliás. Mesmo que besuntada de protetor solar.

Tentando escutar uma ou outra coisa, eu deixei o fone em meu ouvido no mudo. E de tempos em tempos, o verificava por detrás das armações de óculos escuros. O problema era que nada do que conversavam fazia sentido para mim.

Com o suor em minha pele, eu voltei a cobrir a tatuagem em minhas costas com um pequeno lenço, e me virei ficando com o bumbum para cima enquanto com o braço estendido brincava com a água com a pontinha dos meus dedos.

Apesar da conversa estranha de ontem sobre Javier, eu o vi se aproximar em determinado momento como se nada tivesse acontecido. Ainda que o clima ao redor não fosse dos melhores.

Desviei meus olhos da direção em que todos eles se encontravam, e, ao perceber que Santiago me observava de longe, eu me sentei.

— Srta. García, o suco que pediu. — Uma das funcionárias da casa trouxe o suco que eu havia lhe pedido ao descer.

Sorvi um gole da bebida doce, e sem me importar com mais nada, arranquei a parte de cima do meu biquíni voltando a me deitar. Não era apenas os três homens que estavam à beira da piscina, havia também um punhado fazendo a vigilância ao redor. Todos livres para verem o que Santiago considerava como dele, exposto. Sua pergunta de ontem, sobre eu ficar excitada em me exibir, ainda martelou por toda a noite em minha cabeça.

Fazendo-me perceber que não era o olhar de outros homens que me deixava acesa, e sim a reação que isso lhe causava. Eu sei, era um jogo perigoso irritar Santiago, mas também era divertido.

Com os olhos fechados, apreciando o calor, eu escutei os passos duros que só poderiam pertencer ao diabo em pessoa. Senti o peso do seu corpo sobre a espreguiçadeira quando ele se sentou e o seu toque gentil em meu quadril.

— Eu deveria castigar você por me provocar dessa forma. — Coloquei meus óculos sobre a cabeça, e o encarei. — Mas, em vez disso, vou deixar que se divirta. — Ele fitou meus seios expostos, mas não os tocou. — Depois do aviso que espalhei hoje, não são muitos os homens aqui dentro que irão se arriscar em olhar para você, *amor*.

Querendo encerrar a conversa, eu abaixei meus óculos e voltei a me deitar contra a espreguiçadeira afastando por completo a sua mão.

— Quero que arrume suas coisas ainda hoje — pediu, antes de se levantar. — Se tudo sair como planejado, nós viajaremos nas primeiras horas do dia.

— Viajar? — Endireitei-me, nervosa e, ao mesmo tempo, eufórica. — Para onde?

Ele sorriu.

— Não seja ansiosa, *amor*. — O infeliz se aproximou, beijando-me na testa. — Pense nisso como uma surpresa.

— Eu tenho medo das suas surpresas.

Santiago riu de canto e se levantou, retornando até a mesa onde os homens o esperavam. Ao ficar sozinho, já sem interesse ao que eles diziam, eu notei que o infeliz tinha falado sério sobre não ter qualquer atenção sobre mim hoje. O hematoma no rosto de um de seus homens mais próximos e leais passava perfeitamente a mensagem.

Ninguém olhava para o que era dele.

***

Com o copo do suco vazio, eu entrei na casa pela porta da frente na ponta dos pés não querendo ser vista ou ouvida por ninguém. Mercedes deixara claro que eu não tinha liberdade para ir e vir aqui dentro; e, para falar a verdade, eu sempre me sentia extremamente desconfortável quando Santiago me arrastava até o habitual café da manhã de domingo entre a família.

Prestes a entrar no corredor que me levaria à cozinha, eu passei em frente ao santuário de Mercedes, torcendo para que a velha não estivesse por nenhum lugar perto.

— Manoela? — Detive-me um pouco depois da entrada do santuário, amaldiçoando-a por ter me parado.

Tudo o que eu desejava era devolver o copo de suco à cozinha e, em seguida, desaparecer na ala de Santiago. Depois que contou sobre a viagem, eu não consegui deixar de pensar em tudo o que o seu convite poderia

envolver. O que ele pretendia ao me levar? E se essa fosse uma armadilha?

— Manoela, eu sei que é você.

Dei a volta, retornando até a porta entreaberta, e entrei na sala que ela costumava passar suas manhãs oferecendo e pedindo favores a sua adorada *Santa Muerte*.

— Como sabia que era eu? — perguntei, hesitante.

— Pelo perfume.

Assenti, olhando ao redor com atenção pela primeira vez.

Todas as imagens, oferendas e santos me davam arrepios. E o que fosse que a velha estivesse pedindo hoje, deveria ser em benefício de seu neto, porque vi a foto dele em suas mãos.

— Precisa de algo? — perguntei, vendo-a em frente à imagem de sua santa.

— Santiago me contou sobre a viagem que pretende fazer. — Ela se levantou, sem realmente me encarar.

— Sim, mas ainda não fiquei sabendo para onde vamos. — Talvez ela soubesse.

— Claro que não. — Observei-a andar pelo cômodo. — Mas não importa o lugar ou o que Santiago esteja planejando, querida. Eu te chamei aqui porque quero que me garanta que as suas ações não interfiram no retorno do meu neto para casa.

Não cabia a mim proteger Santiago, o caso era justamente o contrário aqui.

— Acredito que Santiago saiba como se cuidar. — Ela me encarou, desgostosa com a resposta. — Se for só isso...

— Não é. — A infeliz se aproximou tocando o meu rosto com a mão coberta por anéis. — Apenas... trate-se de se manter longe de problemas, se não me quiser como inimiga. — Ela deu duas batidinhas indolor em minha bochecha e se afastou. — Agora sim, isso é tudo.

Mercedes deixou a sala, e eu esperei até que estivesse longe para me aproximar da imagem da *Santa Muerte*. Em um impulso, levei a mão até ela, temendo tocá-la. A fé que algum dia houve em mim, já não existia.

Desapareceu com a mesma rapidez com que o sangue de meu *papá* se espalhou pelo chão de nossa casa.

— Se você escuta mesmo os desafortunados, deveria olhar por mim, não por Mercedes — falei amarga, traçando o rosto sulcado com os dedos. — Sou eu quem preciso de ajuda... não eles.

Virei-me ao escutar a aproximação de alguém. Apenas para dar de cara com Rosa.

— De que ajuda precisa? — perguntou, com a sobrancelha arqueada. Mas eu a ignorei, prestes a seguir o meu caminho. — Que ajuda, Manoela? — insistiu.

— Você melhor do que ninguém deveria conhecer o ditado. *A curiosidade matou o gato*, mas ela também pode matar mocinhas sonsas como você, Rosa. Por isso é melhor que saia da minha frente.

— Está me ameaçando?

— Não sei, será que eu estou? — debochei, baixinho. E em seguida acrescentei: — Querer você morta, não é exatamente uma ameaça. É apenas um desejo. Um enorme e imensurável desejo.

— Você é louca.

— Sou mesmo — admiti. — Por isso é bom que se lembre de ficar

longe da porcaria do meu caminho! Falta-me paciência para lidar com você.

Subi os degraus, mas antes que pudesse desaparecer da vista dessa mulher, ela fez questão de ter a última palavra.

— Tomara que você morra. E esse não é nem um desejo que eu tenho, e sim o de Firmino e Mercedes. — Olhei para ela, encontrando-a de braços cruzados e um sorriso doce em seu rosto sem graça.

Um sorriso que se transformou rapidamente em uma careta quando estendi a mão e lhe fiz um gesto feio e infantil com o meu dedo do meio. Ridículo, eu sei, mas a infeliz trazia à tona o meu pior. Perdendo apenas para Santiago.

16

SANTIAGO SALVATORE

Assim que pousamos, o piloto do jatinho acionou as luzes de alerta que liberavam a retirada do cinto. Fui o primeiro a me levantar, as pernas inquietas. Precisando serem esticadas. Fora a vontade insana de acender um cigarro. Ao fitar a parte detrás do avião, dividido por cabines privadas e confortáveis, meus olhos se detiveram em Manoela. Sua atenção voltada para a pequena janela do avião, enquanto tentava descobrir onde estávamos.

Durante a maior parte do voo, a garota se manteve afastada. Ouvindo suas músicas e desenhando em seu velho caderno, enquanto eu tratava de negócios com James e Javier. Acenei para que se aproximasse, e toquei em sua cintura. Descendo com ela ao meu lado.

— Já esteve no Texas, *amor*? — O sol queimava sobre nossas cabeças, uma temperatura bem mais árida do que em Sinaloa nessa época do ano.

Com o céu sem nuvens, tudo o que havia para ser visto era a pista de aterrissagem. Uma área ampla com grama baixa e alguns galpões onde eram mantidos jatos e bimotores particulares.

A base pertencia a um aeroporto privado, com acesso e restrições rígidas a fim de impedir a interferência dos federais e alfândega.

— O que viemos fazer aqui? — perguntou nervosa e, em seguida, olhou para onde um comboio de carros se aproximavam. — Santiago?

— Não se preocupe, eles são amigos.

Manoela não pareceu convencida, mas continuou ao meu lado.

— Achei que não confiasse em ninguém.

— Há algumas exceções — disse ao ver o momento em que Manolo saía do carro.

Assim como vários outros de sua equipe. Todos pareciam exatamente o que eram: criminosos. O infeliz, com um sorriso largo, era o mais intimidante deles. A cicatriz do lado direito da mandíbula costumava amedrontar os mais desavisados. Mas em momento algum, fez com que Manoela, por exemplo, olhasse para a outra direção. Pelo contrário, a garota o encarou. Avaliando-o, da mesma forma como foi avaliada.

Minha menina era corajosa. Caralho, se isso não me excitava.

— É bom te ver, Santiago. Estava começando a achar que teria de ir até o México para colocarmos a conversa em dia.

Poupando a nós dois de qualquer conversa fiada, eu dei espaço para que Manoela se aproximasse.

— Esse é Manolo Pérez — apresentei-o. — Uma das exceções que falei a você. — Ela não estendeu a mão a princípio, deixando a dele no ar, até que cedeu.

Os dedos finos e pequenos foram rapidamente esmagados pelos de Manolo.

— É um prazer conhecer a mulher que tem mantido o Sr. Salvatore tão ocupado. — Notei o esforço que ela fez para retirar sua mão de dentro da dele. — Claro que ela seria perfeita, não é, meu amigo? — dirigiu-se a mim, após uma longa verificação em Manoela.

Havia mais preocupação em sua brincadeira do que ironia. Mas antes que pudéssemos falar sobre o que o incomodava, eu me virei para Manoela.

— Quero que vá para o hotel com Javier. Não sei que horas devo terminar o que tenho que resolver, mas sairemos à noite — garanti. —

Manolo tem um clube que eu acho que irá gostar.

Javier se aproximou para levá-la com ele, nós já tínhamos resolvido nossos problemas. Ainda que o desejo que o infeliz sentisse pela minha mulher fosse evidente, o cabra continuava a ser o segundo homem em quem eu mais confiava na linha de frente. E se fosse para pensar friamente, quem melhor do que alguém que se importava, para cuidar de Manoela?

— Acredito que tenha um plano? — ele quis saber, assim que ficamos a sós. Eu o tinha atualizado sobre o que pretendia fazer e, como imaginei, o desgraçado se pôs a minha disposição.

— Vamos conversar sobre isso em breve, antes eu preciso de uma bebida. De preferência, uma bem forte. — Talvez assim eu conseguisse afastar Manoela da minha cabeça por pelo menos algumas horas.

— Agora entendo por que tem mantido a pobre garota para si mesmo. — Seu olhar atravessou o pátio e se fixou no corpo de Manoela, que caminhava para longe ao lado de Javier. — Se ela fosse minha, eu faria o mesmo.

— Mas não é — declarei o óbvio, fazendo questão de atravessar o seu caminho e o impedir de olhar para algo que pertencia a outro homem.

— Você até mesmo a marcou, porra — disse, agora sim preocupado.

Recebendo de mim apenas um aceno, Manolo entendeu que eu não iria entrar em detalhes.

— Por que a trouxe, Santiago? O que tem em mente já é bastante arriscado para envolver gente de fora.

— Há uma razão para que ela esteja aqui, mas esse é um assunto que pretendo lidar sozinho.

— Certo. — Fui analisado, na cara dura. — Por um momento achei

que tivesse ficado viciado na cadela. Nunca o vi territorialista com ninguém antes.

Sentei-me no banco de trás, ao seu lado, no carro, desconfortável por estar em uma cidade onde não podia contar com reforços do meu pessoal ou até mesmo com o apoio de Ulisses. Deixar Sinaloa sempre era um risco.

Principalmente porque, nos últimos tempos, eu sentia como se o preço pela minha cabeça tivesse dobrado de valor. Eram tempos difíceis para um homem em minha posição.

— A garota é bonita, Santiago. Jovem, também. Seria fácil se acostumar — acrescentou, dando de ombros. Como se dissesse que não seria nenhuma surpresa eu estar... o quê?

Viciado? Fissurado? Louco pela garota?

Porque a verdade é que eu estava tudo isso e um pouco mais, porra!

— Firmino tem uma arma apontada na cabeça dela 24 horas por dia, tudo o que ele precisa é de uma ordem.

— Que você ainda não deu. — Manolo inclinou-se para a frente, observando-me. — Se a trouxe até aqui, eu preciso pelo menos saber o que esperar da garota. Você aceitaria que eu arrastasse uma de minhas mulheres para o seu território sem dizer nada?

Nunca!

— É complicado. Tem algo a mais nisso, Manolo — admiti. — Não sei o quê ainda, mas toda vez que olho para aquela garota eu simplesmente sei que tudo o que sai de sua boca não é real. Manoela é... — *Perfeita demais para ser verdade.*

E se eu gritava, ela gritava mais alto. Se a mordia, ela me fazia sangrar. Era um toma lá, dá cá violento, mas que fazia cada nervo do meu

corpo vibrar, como nunca antes.

— Uma traidora? — concluiu. — Ela deve foder muito bem, porra! Se eu apenas desconfiasse de alguma das cadelas que passam pela minha cama, elas já estariam mortas. — Diante do meu silêncio, ele continuou: — Sua garota fode bem, não fode?

— Esse não é o assunto que me trouxe até o Texas, Manolo — o adverti.

— Eu sei que não. Mas quanto ao nosso outro problema, não há com o que se preocupar. Meu pessoal está a sua disposição.

— De quantos homens estamos falando?

— O suficiente para te tirar de lá se algo sair errado.

— *Nada* pode sair errado — frisei.

— Se depender deles não irá. — Manolo me empurrou o celular. — Alguns estão até mesmo fazendo a ronda. Já sabemos em que área do prédio industrial a sua *coca* está e como entraremos. Não estou dizendo que será fácil, mas se há alguma chance de isso acontecer, é com os desgraçados do seu lado.

— Quantas horas daqui até o local? — perguntei, atento às imagens que haviam sido tiradas. E como imaginei, o prédio era apenas fachada.

— Eu diria que umas duas, se não tivermos imprevistos pelo caminho.

Devolvi o aparelho a Manolo, e virei o rosto para o lado de fora da janela. Texas não era o estado mais desenvolvido dos Estados Unidos, essa parte em especial, dominada inteiramente por Manolo. Muitos poderiam não entender como alguém como ele conseguiu em tão pouco tempo o controle de uma das regiões mais disputadas pelos cartéis do tráfico no país, mas eu sim.

Manolo era como eu, sempre optou por atacar antes de ser atacado.

Ele não tinha escrúpulos ao mandar qualquer infeliz para o inferno, pelo contrário, fazia isso com prazer.

— Quando acha que poderemos atacar? — Eu não pretendia ficar nenhum dia a mais do que o necessário.

— Como falei, tenho o meu pessoal vigiando o prédio. Parece que há uma troca de patrulha a cada dois dias. — Manolo verificou a hora em seu relógio. — Eles têm uma equipe entrando na ativa em menos de uma hora; se atacarmos antes da próxima troca, então nós os pegaremos...

— Desprevenidos — completei.

— Essa é a ideia, meu amigo.

De acordo com Manolo, se tudo ocorresse como imaginava, os filhos da puta estariam com a guarda baixa, além de cansados. Seria fácil entrar, e mais ainda de sair.

— A vantagem está do nosso lado, cara, mas eu preciso saber se preciso me preocupar com a sua garota querendo foder com o nosso negócio. Não estou a fim de perder homens por causa da sua cadela.

Ele não era o único preocupado. Trazer Manoela comigo foi uma decisão calculada. Um risco que eu queria correr, apenas para tirar a maldita dúvida da cabeça. Que havia algo mais por trás de toda a sua encenação, era óbvio. Eu só precisava descobrir até que ponto essa garota de olhos de feiticeira, estava disposta a ir para foder comigo.

A espera pela investigação que Ulisses ficou de fazer a respeito dela vinha sendo maior do que pensei a princípio. E eu não gostava de esperar. Podia ser paciente em muitos aspectos, mas não era para nada que se referia a Manoela. Assim como a urgência que sentia de tê-la a cada minuto do dia, eu também era insaciável quando se tratava do mistério que a rondava.

Sempre querendo mais, sempre esperando pelo momento em que a veria se entregar. Permitindo-me saber exatamente quem ela era e por que havia entrado em minha vida.

— Santiago?

— Manoela não será um problema. — Eu me certificaria disso.

E se, ainda assim, o pior acontecesse, e a infeliz se mostrasse a cadela que Firmino acreditava que ela era, eu não teria outra opção que não fazer o que deveria ter feito há muito tempo: livrar-me dela.

MANOELA GARCÍA

Javier entrou na minha frente, verificando a suíte presidencial que Santiago havia reservado para que ficássemos durante a estadia no Texas. Nem se tentasse eu adivinharia que acabaríamos justamente em um dos estados mais perigosos, quando se tratava do tráfico, dentro dos Estados Unidos. A ideia, mesmo que momentânea, de que essa poderia ser uma viagem romântica, foi rapidamente descartada quando vi o arsenal de armas que ele havia carregado em seu arrogante avião.

— Por que estamos aqui? — perguntei a Javier, quando ele deixou o banheiro e depositou uma de suas armas sobre a mesa ao lado do imenso sofá branco onde eu me encontrava jogada. A suíte era enorme, com uma parede inteira com vista para o que eu acreditava ser a parte central da cidade. Havia prédios, avenidas cheias. Barulho.

Seria tão fácil sermos pegos aqui, pensei, levantando-me sobre o sofá e indo até a mesinha onde a arma tinha sido colocada. Peguei-a, curiosa. Testando-a em meu punho e apontando na direção de Javier, ela era maior e mais pesada do que a que eu já tinha tido em minhas mãos.

Javier, por sua vez, se aproximou com cuidado antes de tomá-la de mim.

— Às vezes, eu acho que você é louca.

Voltei a me jogar no sofá, entediada.

— E não somos todos?

— Nunca mais faça isso. Você pode acabar machucando alguém, ou pior, se machucando.

Sorri, vendo-o passar pelo sofá e se sentar na outra extremidade. A ideia de beber algo para relaxar passou pela minha cabeça e foi exatamente o que eu fiz. Servi-me de uma dose de uísque enquanto uma pequena careta se formou em meu rosto ao virá-la só de uma vez.

— E se eu disser que sei como manusear uma arma? Que já até mesmo atirei?

Não era uma mentira, pensei, ao vê-lo estreitar seus olhos.

— Qual é, Javier, que tipo de mulher estúpida você acha que eu sou? Meu pai foi morto por um filho da puta, eu cresci sabendo exatamente que mundo é esse. Se algum dia eu precisar atirar para não ser morta, eu saberei como fazer.

— Guarde o seu discurso ressentido, *gatita*, porque eu não acho que Santiago vai gostar de ouvi-la dizer essas coisas.

— Você não sente raiva dele? Quero dizer... olha a forma como Santiago trata a todos vocês.

— Ele é meu chefe, Manoela. E um bom chefe.

Eu o encarei, com curiosidade.

— Javier... você acha que Santiago seria capaz de te matar? — perguntei, dando voz a uma de minhas preocupações mais recentes.

— As únicas pessoas em quem Santiago não atiraria são as que possuem o mesmo sangue que o dele e, claro, o Firmino. O resto? — Deu de ombros, como se não se importasse.

Não que eu pudesse culpá-lo.

A tarde passou com Javier e eu assistindo a filmes aleatórios. Pedi o serviço de quarto, comemos juntos e conversamos. Por poucas horas, eu tive um gosto da Manoela que eu desejava ser um dia. Sem preocupações, ou

medos. Apenas uma garota de vinte anos, que tinha a vida inteira pela frente.

E o mais importante, que era livre.

Teria continuado assim, se não fosse o repentino toque do meu celular, que fez barulho, mesmo em modo vibratório. Levantei-me, para pegá-lo dentro da minha bolsa e gelei por dentro ao ver que se tratava de um número sem identificação.

— Eu... preciso atender. — E era verdade. Javier assentiu, mas manteve seu olhar sobre mim por todo o caminho que fiz até o quarto.

Fechei a porta, por precaução enquanto atendia ao telefonema de Ochoa. Atenta a qualquer barulho que viesse do lado de fora.

— Eu não posso falar agora, Javier está na sala.

— *Onde você está?* — Ochoa foi seco ao perguntar.

— No Texas — murmurei. — Parece que Santiago tem negócios para resolver com Manolo. — Eu tinha ouvido falar sobre Manolo Pérez, Ochoa o odiava. Mas nunca realmente havia ficado cara a cara com o homem.

E a impressão que tive antes mesmo de conhecê-lo estava certa: o homem era assustador. Uma versão americana de Santiago, muito mais marcada fisicamente. A cicatriz em seu rosto era a prova do tipo exato de homem que o infeliz era.

— *Filho da puta! O que esse infeliz está armando agora?*

— Eu não sei — respondi rápido. — Estou trancada nesse quarto a tarde inteira.

— *Quero que descubra o quanto antes, Manoela. E me avise na mesma hora. Eu confio em Manolo tanto quanto confio em Santiago.*

Não era como se Santiago parecesse confiar em Ochoa também... mas

decidi me calar e encerrar o telefonema assim que foi possível. Garantindo a Miguel que, no instante em que descobrisse o que estávamos fazendo aqui, eu voltaria a entrar em contato.

Voltei à sala da suíte, deparando-me com Javier apoiado em frente à porta do quarto.

— Santiago pediu para que telefone para ele. — Encarei-o à procura de alguma informação, algum sinal de que o infeliz tenha me dedurado. Mas optei por não adiar a ligação, e o fiz enquanto atravessava o interior da sala e apoiava a testa contra o vidro gelado da parede panorâmica.

— *Com quem estava no telefone?*

Pelo visto, Javier tinha feito o seu trabalho.

— Era engano.

Santiago respirou fundo, no outro lado da linha.

— *Que seja, Manoela!* — esbravejou sem paciência. — *Quero que esteja pronta por volta das nove, nós sairemos para jantar e, em seguida, nos juntaremos a Manolo em seu clube.*

— Tudo bem...

— *O que fez a tarde toda?* — perguntou, esforçando-se para ficar calmo.

— Assisti TV, almocei — disse ao verificar o relógio em meu pulso. Faltava muito ainda para que ele chegasse. — Santiago? — chamei-o antes que desligasse. — Quais são os riscos dessa viagem? Quero dizer... Você está em perigo?

— *Não.*

— E eu?

O homem respirou fundo no outro lado da linha.

— *Não tenho tempo para isso, Manoela. Não agora, ok?*

Santiago desligou e eu olhei para trás. Mais precisamente para Javier.

— Você é tão leal que me dá nojo! — falei, furiosa. E me tranquei no quarto.

Sentindo uma ansiedade tão grande, que foi impossível manter o que eu havia comido durante todo o dia em meu estômago.

17

SANTIAGO SALVATORE

Observei o andar inferior do clube para o qual Manolo nos havia convidado, o olhar certeiro em um único alvo: Manoela. A pequena infeliz que veio decidida a foder com o meu autocontrole justamente em território inimigo. Porque era assim que eu enxergava os Estados Unidos: um risco a minha liberdade, que me vi disposto a correr somente pelo prazer de provar aos agentes da DEA, que o que era meu não podia ser tomado.

Com a expressão carregada, eu me dei conta do quanto havia caído fundo. Manter os olhos longe de Manoela não era uma tarefa essencialmente fácil em dias normais, mas esta noite tornou-se praticamente impossível. O vestido que ela escolhera, mal cobria a pele branca. E as alças finas, caindo repetidamente em seus braços, deixaram-me duro em resposta.

Eu parecia um filho da puta obcecado assistindo-a de longe, subir as alças que cabiam a mim deslizar do seu corpo.

Ainda que a razão de tê-la trazido comigo para o Texas fosse uma armadilha, nada mudava o fato de que Manoela tinha um dono e que ele não estava disposto a deixá-la ir ainda.

Reclinado sobre a sacada, meus olhos se estreitaram conforme corpos suados, de homens e mulheres, pareciam esmagá-la por ser tão pequena. Não que Manoela se incomodasse, a infeliz dançava como se fosse livre e não a mulher do maior fornecedor de *oro blanco* dos Estados Unidos. Dizer que lá fora, aquém das paredes altas desse clube, não deveria ter dezenas de federais querendo colocar as mãos em mim, seria pouco perto da verdade. Porque se

eu estivesse certo, e normalmente estava, o número era infinitamente maior.

Desviando os olhos de Manoela, eu acenei para que Javier a trouxesse para cima. Trinta minutos dessa exibição indecente era tudo o que a garota teria de mim. Eu não a queria longe dos meus olhos, ou mãos. E muito menos como alvo de outros homens. Ciúme nunca foi algo que alimentei por qualquer mulher, não quando as possuía. Mas Manoela não era como as outras, a garota trazia o pior de mim à tona com a mesma facilidade com que eu a fazia gritar. Não importasse o motivo.

E tanto quanto essa merda me excitava, soava-me perigoso. Porque o meu pior não tinha escrúpulos, decência ou moral. Ele não tinha sequer controle.

Observei a aproximação de Javier, o murmúrio de algo próximo a seu ouvido. Algo que a fez erguer o rosto e me encarar. A sensação que me atingiu veio semelhante a primeira vez que a vi. Era essa mesma sensação que me dizia, dia após dia, que os olhos ferinos de Manoela seriam a causa da minha destruição.

Eu sabia disso, não estava alheio ao perigo dormindo e se esbaldando em minha cama todas as noites, mas havia uma parte dentro de mim que apreciava o risco. Mantê-la por perto como ter o pescoço de meu inimigo em mãos. Gostava de pensar também, que com um único aperto mais forte, todo e qualquer problema poderia ser exterminado.

Ao vê-los subir, observei com apreensão os olhares que Manoela atraía. O sentimento de posse latejava profundamente dentro do meu peito. Furioso comigo mesmo, eu demorei a girar o corpo em sua direção quando ela se aproximou apoiando-se sobre a sacada.

— Por que me chamou? — perguntou frustrada.

— Quero que fique por perto até que eu termine a conversa com Manolo. — Apontei para a poltrona em que o desgraçado assustador se encontrava. Eu havia tomado apenas alguns minutos para verificá-la, enquanto Manolo entrava em contato com um velho conhecido com quem vínhamos fazendo negócios. — É mais seguro.

— Eu estava segura lá embaixo! — rebateu, sem controle algum. — E...

— Acredite em mim, você não estava — cortei-a e, em seguida, beijei a boca esperta. Sem me importar com quem nos assistia.

O suor de sua pele, abaixo de meus dedos, deixou-me instantaneamente excitado. Esse era o problema de ter a ninfeta por perto, ela tornava impossível que me concentrasse ou pensasse em outra coisa que não o gosto de sua boca. Ou o cheiro de sua pele. Por isso que, tanto quanto podia, eu a mantinha longe de meus negócios.

Era mais seguro assim, para nós dois.

MANOELA GARCÍA

Molhei os lábios com o resquício da *margarita* servida pelo garçom destinado a atender às necessidades de Santiago. A reunião desta noite acontecia em um clube tipicamente americano: música alta, luzes fortes sobre nossas cabeças. E, claro, todo o tipo de droga tóxica e letal que pudesse existir dentro desse país. Se tivesse escolha, eu teria permanecido no andar inferior, e não aqui, presa em um ambiente privado e isolado. A segurança ao redor era tamanha, que se tornava fácil imaginar o tipo de assunto sendo tratado por Manolo e Santiago.

Inclinada sobre a sacada, assisti com desinteresse a multidão dançar e beber no andar inferior. Ignorantes ao fato de que a poucos metros de distância, ou degraus, mais precisamente, havia dois homens discutindo negócios que, se escutados, fariam com que qualquer um deles perdesse a cabeça.

Enquanto todos ignoravam a droga sendo consumida e repassada no andar inferior, eu fingia que o olhar de Santiago, cravado em minhas costas, não me deixava desestabilizada.

Merda! Eu estaria mentindo se ter a sua atenção não soasse como o tipo mais tortuoso de preliminar que o infeliz poderia me proporcionar. Não que houvesse escolha, porque as coisas eram sempre assim com esse homem. Um estalar de dedos firme, um olhar mais áspero e intenso, e eu sabia que seria questão de tempo até ter suas mãos sobre o meu corpo. Tomando tudo o que queria.

Apertei meu lábio inferior, odiando ter de admitir que, quando se tratava de nós dois, nem sempre ele tomava. Às vezes, nos momentos em que perdia completamente a cabeça e o controle do meu próprio desejo, eu me entregava sem resistência.

Ochoa dizia que estávamos perto de atingir nosso objetivo, o que significava que em breve não haveria mais discussões acaloradas no meio da madrugada ou em plena mesa de café da manhã, quase sempre pelas razões mais distorcidas e insanas. Nem haveria todo o sexo intempestivo e violento que compartilhávamos. Os gritos, suas exigências... os meus jogos.

O fato de estarmos perto também significava que em breve eu obteria a minha justiça. Não era segredo que a essência dominante de Santiago, poderia me cegar e consumir – de forma instável e avassaladora –, mas nem toda a força vinda daquele homem era capaz de me fazer esquecer o motivo pelo qual eu me deitava em sua cama todas as noites e o deixava me tocar... chupar. Morder.

Foder de todas as malditas formas.

Ou quase. Porque havia algo que o infeliz ainda não havia conseguido me convencer a lhe dar. E que tinha se tornado seu objetivo pessoal conseguir.

O mundo estava acabando, possivelmente pelas mãos de Santiago, e isso era realmente no que eu estava pensando?

Fechei os olhos por um milésimo de segundo, permitindo que o nó em minha garganta crescesse. A verdade é que nem se tomasse a garrafa inteira que Santiago e Manolo compartilhavam de suas cadeiras, eu conseguiria dar fim a sensação esmagadora em meu peito.

Ainda assim, eu olhei para trás. Querendo me servir de outra bebida, qualquer coisa, realmente. E como imaginei, deparei-me com os dois homens sentados de frente para a sacada, agindo e mostrando quem realmente eram: reis de seus próprios mundos.

Eu não estava errada em imaginar ter sido afastada porque estavam tratando dos problemas ocorridos nas últimas semanas. O ataque da DEA, a explosão dos grupos rebeldes... A visita a Manolo poderia significar muita coisa, mas principalmente que Santiago começava a perder a paciência. Isso, ou algo mais sério havia acontecido.

Algo que parecia fugir do meu controle...

Encarei o rosto inexpressivo de Santiago, e me esforcei em não demonstrar o que realmente sentia no momento. Os últimos dias não vinham sendo bons para ele, o infeliz andava agitado, irritado e tomando as piores decisões possíveis.

Porque, convenhamos, estar aqui era um maldito risco. Para todos nós. Ochoa costuma se referir aos Estados Unidos como o único lugar na Terra que ele escolheria não pisar. E com razão.

A agitação silenciosa de Santiago, porém, colocava em risco cada pessoa que estivesse ao seu redor.

O fato de estarmos cercados por todos os lados pela sua segurança e a de Manolo, fez-me sentir como se estivéssemos sob ataque. E se tratando de Santiago, eu não me surpreenderia se estivéssemos. Distraída, meu olhar passeou pelos rostos que eu conhecia, passando pelo pequeno exército de Manolo até chegar aos corpos femininos pela área privativa.

No entanto, nem mesmo as risadas e a dança dessas mulheres distraía qualquer um dos dois homens, cada um deles estava aqui por uma razão e ela não era pacífica.

Imaginei se Alejandro Salvatore não seria algum dos assuntos tratados por eles. A revolta de Santiago em relação à candidatura do irmão era clara, até mesmo violenta. Eu já tinha escutado os dois discutirem em determinados momentos, mas, ao que parece, ambos eram igualmente teimosos. Serem irmãos não os colocava do mesmo lado, ainda que ambos desejassem o controle de um país afundando em drogas, mortes e sangue.

O que me fez pensar por muitas vezes que se Ochoa não vencesse essa guerra, como planejava, o México acabaria nas mãos de não apenas um Salvatore, mas de dois. Eu só não havia descoberto qual deles era o pior.

Ou talvez tivesse, e só não estava disposta a admitir que havia me enfiado justamente na cama do homem mais perigoso desse país.

Com a coleira invisível em meu pescoço apertando, eu interrompi a varredura e voltei a olhar na direção de Santiago, que, com um único gesto, *exigiu* que eu fosse até ele. Adiei o momento, vendo-o murmurar algo a Manolo, que mais do que depressa se levantou e saiu, juntando-se a duas das dançarinas escolhidas por ele. Com o lábio ainda entre os dentes, eu avistei Javier a um passo de distância de seu patrão. Seu trabalho era sempre cobrir as costas de Santiago, e o infeliz o fazia bem.

Sem escolha, eu me deixei levar pela vibração pesada dentro da boate, cada batida da música alta parecia ecoar a tensão crescente que esse homem causava sempre que estava ao redor. Dei o primeiro passo em sua direção, meu corpo inteiro respondeu ao momento em que ele passou os dedos pelo

queixo e afastou as pernas. Como se ali fosse o meu lugar. A camisa azul que usava tinha os primeiros botões abertos e seguia dobrada em seus braços. A calça preta de alfaiataria revelava cada músculo do seu corpo. Um corpo que, à essa altura, eu conhecia em detalhes.

Respirei fundo, olhando-o dentro dos olhos. Era mais fácil assim, porque eles nunca me deixavam esquecer com quem eu estava lidando. O mundo poderia pegar fogo, meu corpo inteiro incendiar... mas os olhos de Santiago não mudavam.

Eles eram brutais, não por machucarem e sim congelarem.

Sem dizer nada, o infeliz esperou até que eu estivesse no meio de suas coxas para me tocar. Suas mãos passeavam pelo meu quadril, enfiando-se por dentro da saia apertada do vestido, colada a minha pele. Aguardei, procurando ao redor por olhares em nossa direção, mas não havia nenhum. Cada pessoa aqui presente parecia ter sido avisada para que mantivesse seus olhos bem longe de onde estávamos.

Pensei em perguntar a ele o que pretendia, mas com Santiago era sempre inútil. Ainda assim, quando seus dedos alcançaram a lateral da minha calcinha, eu não apenas me esqueci de como respirar, como apaguei cada sinal de alerta vindo do meu cérebro.

Como se estivesse enfeitiçada, eu olhei para o chão, vendo o tecido cair sobre meus pés. Um ato que fez meu coração bater tão forte a ponto de se igualar às batidas da música ressoando pelas paredes do lugar. Fiquei tonta ao ser alvo de seu olhar, e sensível como se cada pedacinho do meu corpo inflamasse.

Era isso, o seu toque ardia. Era pesado, profundo. Seus dedos

afundavam em minha pele, marcavam sem qualquer esforço. Causando-me uma dor tão aguda que ultrapassava a barreira física.

O mesmo acontecia com o prazer que eu sentia.

Nada, absolutamente nada, com Santiago era fácil. Terno ou calmo. Pelo contrário.

— Está suada aqui... — Ele tocou o interior da minha coxa, depois de me assistir dançar a noite inteira. — E aqui. — Uma de suas mãos escorregou até a polpa da minha bunda. — Será que... tem mais alguma parte sua molhada? — Ele ergueu o olhar e me puxou para o seu colo sem aviso.

Um sorriso cínico surgiu em seu rosto ao tocar a parte mais quente do meu corpo. Fechei os olhos ao ter seus dedos deslizando com facilidade; senti raiva por reagir tão rapidamente a ele e ainda mais raiva por desejar a luta que sempre vinha com o sexo entre nós dois.

Era com essa luta que eu aplacava o meu ódio.

— Diga que está dessa forma por minha causa, eu não vou aceitar menos do que isso, porra! — O grunhido veio alto o suficiente para que o meu olhar procurasse pelo de Javier, ainda prostrado atrás de Santiago.

Tão leal em sua função de mantê-lo vivo que não afastaria sua atenção do que acontecia de forma alguma.

Segurando meu queixo, para que eu olhasse *apenas* para ele, Santiago esperou pela resposta com impaciência. A verdade é que não havia um só pelo desse infeliz que soubesse como esperar por qualquer coisa.

— Você viu alguém se aproximar de mim esta noite? — A pergunta o

fez sorrir, algo que sempre soava assustador.

— Não me culpe por cuidar do que é meu, Manoela. Eu gosto de saber que está segura.

— Você quer dizer vigiada, não é? — A mão em que ele carregava o anel pesado se espalhou pelo meu rosto, um carinho de quem afagava para depois fazer queimar.

— Não importa como você queira chamar, *amor*. E sim o resultado.

Havia algo de venenoso quando Santiago me chamava de amor, era como se a cada vez que a palavra saía de sua boca, eu afundasse um pouco mais em seu mundo, deixando-me incerta sobre a possibilidade de algum dia emergir.

Com a respiração cada vez mais agitada por causa de suas carícias, tanto em minha perna quanto em meu rosto, eu não tive como me afastar ou resistir ao ter os dentes de Santiago afundando em meu pescoço.

— Eu quero que seja uma boa garota essa noite, *amor* — murmurou, enrolando um punhado do meu cabelo enquanto afastava por conta própria as minhas coxas.

Seus dedos refizeram o caminho que tinha feito ao me sentir molhada, só que dessa vez me penetrando profundamente. Senti a invasão, dois, três deles, dentro de mim. Minhas pernas esfregando-se uma na outra a fim de aplacar o intenso desespero que me tomou. Eu sabia o que vinha com o toque de Santiago, e não queria perder o controle na frente de todas essas pessoas.

— Santi. — Cravei as unhas em seu ombro, a única forma que encontrei de não gritar. — O que pensa que está fazendo? — perguntei

baixinho, com a voz falhando.

— Estou com a porra de meus dedos enfiados nessa sua boceta apertada, e você realmente quer saber o que estou fazendo?

Tentei me desvencilhar do idiota, mas o movimento serviu apenas para que o seu toque se tornasse mais intenso. O vai e vem de seus dedos, mais forte, como se eu estivesse sendo puxada em sua direção.

Entreolhamo-nos, e não foi difícil notar que não era a única aqui com a respiração agitada. Santiago bradava, com o suor escorrendo por seu pescoço.

— Você está se desfazendo em meus dedos, amor. Isso porque eu mal te toquei.

Empurrei-o com o pulso dessa vez, odiando ouvir a verdade por detrás de suas palavras, mas nada, nenhum soco que deixei em seu peito, o afastou ou o deteve.

— Você é doente! — esbravejei, agora contra a sua boca, que veio brutal em direção a minha. Mostrando-me, à sua maneira, que não haveria espaços para luta essa noite.

— Continue mentindo para você mesma, caralho! Faça isso o quanto puder, mas saiba que é apenas um desperdício de tempo porque não muda nada! — grunhiu, impedindo-me de respirar ou raciocinar com clareza.

Uma parte de mim seguia furiosa; a outra, prestes a ceder. A única consciência que tinha naquele momento, era a de que se ele continuasse a me tocar dessa forma, eu gozaria em breve. E claro, a de que ainda havia um par de olhos negros em nossa direção.

— Aqui não... — Eu não queria gozar na frente de Javier ou qualquer outra pessoa, não queria ser essa mulher. Mas continuei a escutar o som de seus dedos me penetrando, com a certeza de que estava molhada além da conta, e que meus gemidos podiam ser escutados por quem estivesse próximo.

A dor que precedia o prazer, veio com força enquanto nossas bocas discutiam da única forma que podiam. Ele me sugava com a língua, eu o empurrava com a minha. Em seguida, me deixava afundar em sua fúria. Ser arrastada para dentro dele.

Senti o peso do seu relógio de ouro em minha coxa, o arranhão que o objeto fazia. A queimação se espalhou pelo meu ventre... deixando-me desorientada de tão excitada.

Sei que deveria estar envergonhada, aterrorizada até, mas me sentia como se estivesse em carne viva. Por dentro e por fora.

— Sempre tão quente, *amor*... que boceta gostosa, porra.

Solucei, vendo que Santiago não ia parar, e que cada vez que saía completamente e me penetrava de novo, eu afundava um pouco mais em seu colo. O precipício para o qual ele sempre me empurrava com tanta facilidade estava ali, diante de mim. A diferença é que, dessa vez, ele parecia mais profundo.

— Ah, Santiago! Eu... — meu grito veio antes da explosão, latejei contra os seus dedos. Apertei-os em meu interior enquanto pulsava e o mordia em seu ombro a fim de deter o impulso de gritar mais alto.

Com meu corpo se acalmando aos poucos e o rosto escondido contra

ele, eu solucei em resposta ao beijo áspero e irritado que Santiago me deu logo após o orgasmo. Como se... ter seus dedos dentro de mim não fosse o bastante para demarcar seu território.

Com o profundo beijo veio também o aperto em um dos bicos do meu peito que eu sequer tinha percebido estar descoberto, seguido do puxão do tecido rugoso sobre a pele ainda arrepiada. *Ele queria me cobrir.*

Quando a razão me bateu, tudo o que consegui ver foram as luzes do teto da boate, piscando sobre nós dois e os olhos perfurantes de Javier, que havia assistido a cada minuto dessa loucura.

Notando que eu havia congelado de repente, diante dessa perspectiva e da atenção de seu segurança, Santiago grunhiu.

— Você gosta que ele assista, não é? Que a ouça gritar... — Não havia nada de amistoso em sua expressão, o que só me deixou mais nervosa. Porque eu não havia pedido por nada disso.

Mesmo que sua mão ainda estivesse no meio de minhas pernas eu procurei me afastar, querendo desafiá-lo, mas o homem não cedeu de maneira alguma.

— Fica! — exigiu ao me ver tentar levantar, forçando-me a vê-lo deslizar seu polegar de dentro de mim e o levar à boca de forma lenta e premeditada. — Eu não terminei com você ainda, *amor*. Esse foi só o começo.

18

MANOELA GARCÍA

Sentada no bar do hotel, completamente sozinha, eu provei da segunda dose de *Sex on the Beach*, que havia pedido desde que retornei à boate e me recusei a subir para o quarto como a *boa garota* que Santiago esperava que eu fosse. Passava da meia-noite, com toda certeza, mas não podia dizer ao certo que horas eram. Tudo o que minha *zonza* e *bêbada* cabecinha tinha certeza é de que era tarde e que eu havia sido dispensada pelo *bicho-papão* depois que Manolo o informou a respeito de um *pequeno imprevisto*.

Era esse *não saber* que me deixava doente, com o estômago revirado e a mente a mil.

Porque um *imprevisto* podia ser qualquer coisa, certo? Desde um problema com algum carregamento até... a possível descoberta sobre quem eu realmente era.

Droga! Como eu odiava não estar no controle, principalmente quando se tratava de Santiago.

Querendo passar despercebida, eu evitei fazer contato visual com qualquer um dos homens solitários espalhados pelo bar do hotel. Apesar do álcool soar ligeiramente doce na ponta da minha língua, eu permaneci fechada em minha própria concha. Incapaz de esquecer, por um segundo que fosse, a sensação de ter tido os dedos de Santiago dentro de mim menos de uma hora atrás. Suas palavras em meu ouvido, a maneira possessiva e crua com que agiu depois...

Outra dose e, dessa vez, eu sequer senti o gosto da bebida. O que era bom. Significava que o álcool estava fazendo o trabalho pelo qual eu o estava pagando. Embebedar-me. Fazer-me esquecer tudo o que tinha poder de me machucar. Ainda assim, continuei a voltar – repetidas vezes – ao momento em que fui dispensada, apenas minutos depois de me fazer gozar e gritar na frente de seus homens e de Manolo. Essa também tinha sido a razão pela qual eu me recusei a subir com Javier. Eu não queria ser o tipo de garota à espera em um quarto de hotel luxuoso. Sentir-me descartável enquanto ansiava, nervosa, por algo que eu sequer deveria querer.

Distraída, eu me recostei contra a banqueta. E avistei dois dos homens da segurança de Santiago prostrados no bar como se a presença deles – armados até os dentes – fosse absolutamente normal.

Terminei a dose em meu copo, sugando até o último resquício da bebida enquanto tentava entender qual era o meu papel nessa viagem, além de satisfazer as necessidades sexuais de *El Señor de la Guerra*, claro.

Mexi a casquinha de limão dentro da taça e respirei fundo. Senti-me como se tudo girasse ao redor, de forma lenta e enjoada.

Pelo som das passadas atrás de mim, eu notei a aproximação de alguém pelo meu lado direito. Mas não me virei, ciente de que só poderia ser Javier. Ele continuava sendo um dos poucos a terem permissão de estar por perto. Olhando-me de forma proibida, ou não.

— Você deveria subir — sugeriu, ainda de pé. Quando olhei para trás, percebi que Javier fitava a tatuagem de Santiago. A marca dele em minha pele. — Santiago não vai gostar de saber que esteve aqui por todo esse tempo.

Desconfortável, afastei o meu cabelo do ombro e o fiz cobrir minhas costas. Incerta sobre como deveria me sentir, se com raiva ou vergonha. Ou os dois. A Manoela que eu conhecia andava uma verdadeira bagunça.

— Foda-se, Santiago e você! — No momento, eu não dava a mínima para que o infeliz pensaria ou diria sobre a minha desobediência. Santiago não era o meu dono, não importava o que dizia a tatuagem.

Quando o garçom atendeu ao meu pedido, de uma outra dose, ele ficou desconcertado por ver Javier do meu lado. Assim como eu estava. O homem assistiu a tudo como se, de alguma forma, Santiago, ao me tocar, estivesse colocando o dedo em uma ferida. Ele escutou meus gemidos e me ouviu gozar. Não pela primeira vez, mas nunca de uma forma tão explícita.

Você gostou...

A falta de juízo dentro da minha cabeça sussurrou.

Gostou tanto que gozou forte.

— Sem mais bebidas para ela — Javier avisou ao garçom, afastando a bebida sobre a bancada assim como todo e qualquer pensamento a passar pela minha mente.

E eram muitos.

— Você não é ele! — protestei. — Não aja como se fosse! Dando-me ordens. Uma hora me olha como se eu importasse; e na outra, me trata como... — Eu estava confundindo tudo, sendo uma tola. Não era culpa de Javier. Não era culpa de ninguém que não de mim mesma.

Não era nem com ele que eu deveria estar gritando. Era com Santiago.

Dando-se conta do tormento que se passava em meu interior, Javier se sentou puxando a banqueta do meu lado.

— Escute-me, vai acontecer algo — ele disse, após dispensar o garçom. — Uma merda bem grande.

Encarei-o, sem dizer nada.

— Se quiser sair fora, esse é o momento.

Pisquei, um pouco mais confusa.

— Texas não é um estado pequeno, seria fácil desaparecer enquanto estiver aqui...

Desaparecer?

— Santiago o mataria se você me deixasse ir.

— Posso lidar com ele, Manoela — garantiu.

"E eu não podia?", questionei-me, com raiva.

Não somente de Javier e sua estúpida tentativa de *me salvar*. Se é que era isso que ele realmente pretendia. Então, havia a raiva por ter sentido prazer nas mãos de Santiago. E essa era sempre a pior. A mais devastadora, porque ela vinha noite após noite; e nem todo o ódio do mundo era capaz de fazer meu corpo não o sentir.

A verdade é que discutir com Santiago sempre me deixava excitada. Transar com ele, furiosa. Eu era incapaz de sentir um sem sentir o outro. Entregar-me a ele, sem querer machucá-lo. Gozar, sem querer vê-lo sangrar.

E foi por isso, por querer vê-lo sangrar, que eu me dirigi a Javier.

— O que você ganha me deixando escapar? — Por mais leal que ele se mostrasse, Javier sempre me surpreendia com suas ações. E até mesmo, suas tentativas de me empurrar para longe de problemas. — De que lado você realmente está, Javier? — Encarei-o, passando meu olhar pelo seu cabelo praticamente raspado. Os olhos escuros. O seu corpo. Ele era bonito, não de uma forma intimidante como Santiago, mas era. — Tem hora que você é o homem capaz de tudo para proteger os interesses de Santiago; e no minuto seguinte fala coisas, que me fazem acreditar que... não. Que você não daria a sua vida por ele.

— Só há um *lado* a se estar aqui — frisou para que não me restasse dúvidas. — Não escolhê-lo seria uma sentença de morte para qualquer pessoa. Isso não significa que eu não possa proteger você da merda que está vindo. E vamos ser honestos... — Ele se aproximou, com seu braço tocando no meu. — Quem você acha que ficará na linha de tiro quando a coisa ficar feia? Para Santiago, você é descartável, porra! Dizer isso a você, não me torna menos leal.

— Não — concordei inclinando-me na bancada e pegando a bebida que me foi afastada. — Só o torna um idiota.

Javier me observou engolir a bebida de uma só vez. Eu sequer parei para respirar, não quando o álcool desceu arranhando ou quando tive vontade de despejar tudo para fora. Eu continuei, como se ficar bêbada fosse meu único objetivo de vida.

Mas o álcool não o impediu de continuar, não tornou sua voz um murmúrio impossível de ser escutado. Pelo contrário.

— Santiago a trouxe por uma razão, Manoela. Já pensou o que poderia ser?

Tentei, vasculhei suas coisas, fiz perguntas aos seus homens. Até mesmo fiz uma busca na internet sobre os últimos acontecimentos da região, só que não havia encontrado nada que justificasse essa viagem. Muito menos a minha presença.

— Fora que expô-la como ele fez essa noite foi praticamente uma declaração.

— Declaração? — A bebida estava fazendo um ótimo trabalho aqui.

— Ele está dando a todos algo pelo que caçar, *gatita*. — Suas palavras foram a única coisa a fazer sentido durante toda a noite. — Quem quiser atingi-lo...

— Virá atrás de mim. — Gelei por dentro enquanto lentamente afastava a taça.

Era tarde demais, mas eu precisava de um mínimo de sobriedade se quisesse compreender esta conversa.

— Qual a razão de estar me contando tudo isso, Javier?

Nada vinha fácil nesse mundo. O que ele queria em troca?

— Você não está conseguindo enxergar. Não vê nada a sua frente, vê?

Batendo a unha, esmaltada de preto, na taça de cristal, eu pensei em suas palavras. No quanto elas faziam sentido e no quanto desejava não tê-las ouvido. Não porque desejava permanecer no escuro, eu só não queria mais

sentir tanta raiva.

Isso vinha me consumindo.

— Se sou descartável, por que Santiago me marcou? Por que fez com que todos soubessem a meu respeito? — Se ele queria me alertar, então que me explicasse tudo. — Qual o sentido nisso, Javier?

— Eu não tenho resposta para nenhuma dessas perguntas, Manoela. Sinto muito.

Entreolhamo-nos e, não pela primeira vez, eu me questionei sobre suas intenções. Javier me queria, estava claro há algum tempo. Mas o que ele ganharia enviando-me para longe?

Nervosa, eu apertei um lábio no outro, sentindo-me esgotada. Os olhos dele ainda estavam fixos sobre mim, como se quisesse me dizer algo mais ou pior... como se quisesse *fazer* algo a mais. Virei o rosto, a fim de evitar uma tragédia... que não tinha como ser evitada.

Não depois de escutar a voz do próprio demônio atrás de mim. E foi o que bastou para que meu corpo inteiro paralisasse.

— Resposta para que pergunta, *amor*, será que posso saber?

Não sei se Javier sentiu a apreensão que me tomou, mas ele me olhou de lado quando Santiago se impôs entre nós dois e envolveu minha cintura de forma possessiva fazendo-me sentir humilhada ao ver a forma inapropriada com que minhas pernas se apertaram uma na outra. Um pequeno gesto que foi o suficiente para me lembrar da atual ausência de calcinha.

— Por que não compartilham comigo a conversa que estavam tendo?

– A voz grave retumbou através das paredes altas do bar que, de repente, havia ficado vazio. — O assunto parecia *realmente* interessante.

O passo que Santiago deu fez com que Javier automaticamente se afastasse. E, agindo como um filho da puta, ele ergueu meu queixo e analisou o meu estado patético, como se tivesse o direito de controlar até mesmo quanto eu deixava ou não de beber.

— O silêncio nunca é uma boa resposta, sabe...

Adiantei-me, antes que Javier o fizesse:

— Eu estava apenas... perguntando que horas você voltaria.

Santiago sorriu, de um jeito que eu não gostava nem um pouquinho e, em seguida, me beijou. Assim, do nada. Sem suavidade ou carinho. Foi um beijo para mostrar que minha boca pertencia a ele, caso alguém ainda não tenha entendido.

— Claro que estava, amor. — Ele se afastou, dispensando Javier com um aceno. — Agora vamos subir para que eu possa te colocar na cama, você já bebeu demais por hoje.

A mão em minha cintura apertou-me com mais intensidade enquanto eu era praticamente *empurrada* até o elevador. *Empurrada*, porque eu mal podia me manter sobre as minhas próprias pernas.

A falsa fachada de compreensão de Santiago, desapareceu no instante em que as portas do elevador se fecharam a nossa frente. O ar quente, grudado em minha pele, tornou-se seco diante do seu olhar gélido. Encarei-o através do reflexo, mas ele não retribuiu o gesto. Concentrado demais em si mesmo enquanto exibia uma expressão assassina, ele dobrou a manga da

camisa com extrema eficiência e, em seguida, desabotoou os primeiros botões da camisa de seda que usava preparando-se para a sua própria guerra.

Mas ele não foi o único. Porque estar sozinha finalmente me permitiu sair de cima do salto altíssimo e, enfim, recuperar parte do meu equilíbrio. Parte, porque assim que meus pés tocaram o carpete frio do chão do elevador eu precisei me apoiar contra a barra atrás de mim.

— Não sei o que me enfurece mais, se é ver você nesse estado... — grunhiu baixo. — Ou saber que ainda não conseguiu compreender algo tão simples como *ninguém na porra do mundo a toca!*

Senti-o se aproximar, e instintivamente recuei. O álcool não me permitia assimilar as coisas da forma correta e olhando para ele agora... era como se Santiago tivesse o dobro de seu tamanho habitual. A voz alta demais. Grave.

Segurei com mais força o salto dos sapatos, e olhei para cima.

— Por que me trouxe? — Diferente dele, eu não falei baixo. Não dava a mínima para as câmeras no alto do teto do elevador, ou o fato de que, com certeza, estávamos sendo ouvidos. Porque se era guerra que esse homem queria, então eu a daria a ele. Estando bêbada ou não. — Que sentido há em me arrastar até a porra desse país se a ideia era me manter trancada nesse maldito hotel? — Avancei batendo meus sapatos contra ele. — Por que, Santiago?

Ele me atropelou, ignorando o assunto. E fazendo-me desejar estar sóbria.

— Não volte a mentir para mim, não na frente de meus homens! —

Santiago me segurou, empurrando-me contra a parede de aço subindo cada vez mais rápido. — Melhor ainda. Se o que vi essa noite voltar a se repetir, eu juro, Manoela, o sangue de Javier inundará as suas mãos. Deixando-as tão sujas quanto as minhas. Agora pare de gritar e seja grata por eu tê-la trazido comigo, porra. — Ele não se moveu, sequer deu um passo atrás em resposta ao meu ataque.

— Eu estou grata... muito grata por ter você me tratando como se eu fosse uma qualquer na frente de todos os seus homens. Mantendo-me fora do seu caminho, como se eu não tivesse ou pudesse ter nenhum desejo. Eu passei o dia sozinha. Achei que... eu não sei o que eu achei! — Engoli as palavras, recusando-me a deixar que ele soubesse que, por um mísero de segundo, eu tinha imaginado que a viagem se tratava de nós dois. E não dos seus malditos negócios. — Eu estou aqui porque você quer dar aos seus inimigos algo pelo que caçar, não é? Eu sou o alvo para essa maldita guerra que está arrastando a todos...

— Foi essa merda que Javier te falou? — perguntou de forma severa, e ainda assim controlada, irritando-me com todas as forças. — Isso era o que de tão interessante conversavam?

— Você não está me ouvindo...

Vi-o tirar a arma de trás da calça e olhar para o letreiro digital do elevador. Nós ainda estávamos no nono andar, até o último levaria alguns segundos a mais. E por isso, ele fez o impensável. Apertou o botão de emergência e nos travou.

— Você tem muito pouco tempo para me dizer a verdade... porque, quando as portas desse elevador se abrirem, eu farei com Javier o mesmo que

fiz a Jiménez. Você se lembra, não é? — Santiago verificou o relógio. — Supondo que leve menos de um minuto até o trigésimo andar... e que Javier é eficiente, algo me diz que, quando sairmos, é exatamente do outro lado do corredor que o encontraremos. E você me conhece, *amor*. Um disparo é tudo o que eu preciso para que ele esteja morto.

Eu conhecia suas ameaças, elas eram jogadas sobre mim com uma frequência que quase haviam me tornado asséptica a elas, mas eu também conhecia o homem a minha frente. Assim como sabia que era só questão de tempo para que seus ultimatos se concretizassem, eu também sabia que a ameaça a Javier era real.

— Você quem sabe então...

O elevador voltou a subir quando ele apertou o botão e fez um sinal em direção à câmera como se tudo estivesse perfeitamente bem. Assim como Santiago, eu acompanhei o letreiro digital até que chegássemos ao andar. Então a porta se abriu, mostrando o quanto o infeliz estava certo.

Mas não havia somente Javier no corredor. Vários de seus homens encontravam-se espalhados em forma de prevenção. Na verdade, o andar inteiro tinha sido isolado para que esse homem pudesse se hospedar aqui. Era insana a capacidade dele de controle!

— Ele não fez ou falou nada. Eu só...

Segurei o seu braço, o mesmo com a arma. Mas Santiago não me deu ouvidos, e caminhou até onde Javier estava. Apontou a arma na cabeça de Javier, que por nem um segundo recuou.

— Por favor, não — pedi, sabendo que era uma coisa estúpida a se

fazer.

Porque a verdade é que eu não deveria me importar, certo? Implorar por misericórdia tornava tudo pior.

— Dê-me uma boa razão para que eu não dispare, *amor*. Dê-me uma ótima fodida razão!

Olhei ao redor, me perguntando se ninguém iria fazer nada para impedir, mas os homens de Santiago pareciam tão frios e indiferentes quanto ele.

— Eu sou sua — falei em um fio de voz, de repente. — Você sabe disso. — Se era ciúme o que ele estava sentindo, minhas palavras o acalmariam. — Eu sou... completamente sua — insisti, entrando em sua frente. Ciente de que ele não havia feito nada para desviar a arma da cabeça de Javier. E que ele poderia não ser o único a ser machucado.

— Você deveria entrar, Manoela. — Olhei para ele assustada, e quando não segui suas ordens ele me encarou. — Agora. Ser teimosa não irá ajudar em nada.

Sabendo que ele veria minha negativa como um desafio para ir em frente, eu me afastei sem olhar para trás. Entrando na suíte e batendo à porta, eu fiquei estática. Incapaz de me afastar completamente. Eu sabia que se tentasse reabrir não conseguiria, e que o fato de não conseguir escutar a voz de Santiago ou Javier era preocupante.

Eu preferia quando ele gritava.

Enlouquecendo aos poucos, eu comecei a me lembrar de como foi ficar presa naquele armário. O medo, todo o desespero. Uma camada fina de

suor me cobriu e não fui capaz de permanecer um segundo a mais que fosse.

Caminhei até a parede inteiriça de vidro e apoiei minha testa, minha respiração formava pequenas nuvens contra a vidraça. A vista que possuía era a do Texas, mais precisamente de Houston, mas não era a cidade que eu via a minha frente. E sim *flashes* do dia em que perdi meu *papá*.

Foi somente o reflexo que surgiu através do vidro e o som da porta sendo aberta, que me fizeram voltar à realidade. Despertar de um pesadelo, apenas para cair em outro infinitamente pior.

Sem me virar, eu o observei entrar na suíte. O cabelo bagunçado, a blusa de seda por fora da calça, o olhar feroz. Escuro de tão violento.

— O que você fez? — perguntei, assistindo-o atravessar o cômodo, e se servir de uma dose extra do uísque do hotel. Bebendo-a de uma só vez. — O que fez a Javier? — insisti, sendo completamente ignorada.

— O gosto dessa merda que eles servem só não é pior porque já estou anestesiado de qualquer forma. — Eu me virei, cruzando os braços em frente ao meu corpo.

— Como pode estar tão despreocupado? — Santiago afastou o olhar da dose, e me encarou ainda distante. — Você está tão preocupado com a porcaria da qualidade dessa bebida, quando... — eu estava com medo de dizer as palavras, e mais ainda de escutá-las. — Por favor, me diga que você não fez isso... Seria insano até mesmo para você!

Batendo o copo com força sobre a mesa, ele me encarou.

— Eu dei a Javier o que ele merecia, Manoela. Nada menos do que isso.

Encarei-o apavorada, com meu coração batendo forte.

— Você o matou? — perguntei, em choque. — Como pôde...

— Ainda não — ele me cortou, seco, dando de ombros. — Mas como disse, eu dei a ele o que merecia.

Olhei para as suas mãos, havia um filete fino de sangue nelas.

— Você o agrediu. Você... é louco! Javier não fez nada! — gritei, nervosa.

Esse homem não podia continuar a agir dessa forma.

— Não é com o infeliz que deveria estar preocupada. — Ele voltou a encher uma dose de uísque com uma calma excessiva.

— Foda-se, não comece com suas ameaças ou intimidações!

Ele sorriu, o infeliz sorriu enquanto caminhava em minha direção. Passo atrás de passo. Até estar tão perto, que não tive outra opção que não a de olhar para cima.

— Sabe o quê? — Ele apertou meu queixo. — Qualquer outra mulher já teria perdido a língua por bem menos, Manoela. Então tome cuidado, porque essa foi a primeira e a última vez que a verei implorar pela vida de outro homem, me ouviu?

Sorri, amarga e ao mesmo tempo satisfeita. Era doentio, mas nada me dava mais prazer do que ver ele agindo dessa forma Insana. Mostrando ao mundo que ele também sangrava. Ainda que continuasse de pé.

— Você está com ciúme... só não entendo por que ainda o deixa

chegar perto de mim, se não suporta que ele me olhe!

— Não tem ninguém no mundo que me conheça tão bem quanto os homens que trabalham para mim, Manoela. E se tem algo que Javier sabe é o que aconteceria a ele se tocasse em você.

— E... se eu disser que ele tocou? Ou... que...

— Cale a boca!

Sorri, em fúria.

— E que talvez eu tenha gostado.

— Eu disse para calar a porra da sua boca! — Ele agarrou o meu cabelo, trazendo-me para mais perto.

— Ou o quê?

Encaramo-nos, e foi difícil. A fúria que dominava sempre vinha acompanhada da tensão sexual. E ela era devastadora.

— Ou eu a faço engolir palavra por palavra. Até que aprenda da forma mais difícil que me provocar é uma péssima ideia. A pior que poderia ter.

Santiago me soltou, deixando-me arfar em busca de fôlego e algum objeto que pudesse usar contra ele, qualquer coisa que não me fizesse sentir tão vulnerável na sua presença.

Porque, mais do que uma ameaça física, Santiago representava um perigo ao meu coração.

— Eu te odeio! — gritei, tão nervosa que peguei a tesoura sobre a mesa e a atirei contra Santiago, que se esquivou. Tudo para fazer com que me sentisse no controle novamente. — Odeio você. Odeio o que faz. Odeio tanto... que chega a doer aqui dentro. — Apontei para o meu peito. — E é uma dor tão grande, que está me deixando louca.

Fazendo-me contestar tudo pelo que tanto lutei enquanto ia irracionalmente atrás do vaso com flores mórbidas que odiei desde que as vi.

— Pelo visto, você quer briga essa noite...

— O que eu quero é que pare de me ameaçar e de me tratar como as putas com quem esteve... porque eu não sou uma delas. Me trazer até aqui para dar a seus inimigos algo pelo que caçar é...

Joguei o vaso com toda força que consegui, sem fôlego algum.

— Vejo que estamos de volta a esse assunto. É realmente por isso que acha que está aqui?

— Eu não sei. Você não me diz nada!

Santiago sacudiu a cabeça, aproximando-se sem cautela. Nem mesmo ao me ver procurar por algum outro objeto que pudesse me ser útil para machucá-lo.

— O que fiz hoje, *amor*, teve o único intuito de mostrar a cada maldito homem naquele andar que você é minha — garantiu, impondo se não minha frente conforme eu desviava para um lado e depois outro. Querendo escapar... — A tatuagem em sua pele? É porque eu quero que todos que a virem saibam que você pertence a um Salvatore. O cheiro que carrega depois que fodemos? É para que ninguém se atreva a encostar em você. Não estou te

tratando como uma puta, porra. Estou mostrando a todos qual é o seu lugar na minha vida! — Quando ele terminou, eu tinha o peso de papel entre os meus dedos. — Agora largue esse maldito objeto e venha aqui, antes que *você* se machuque.

— Pare de agir assim! — esbravejei, jogando contra ele o objeto, que acertou em seu braço. Eu podia saber atirar, fui ensinada por *papá* ainda criança, mas nunca fui boa em acertar o alvo. Acho até que se dependesse da minha habilidade nisso para sobreviver...

— Filha da mãe! Não é briga o que quer hoje... é luta, sangue! — grunhiu, aproximando-se.

— Pare de fingir que se importa comigo. Apenas pare! — Pouco a pouco, esse infeliz me confundia.

— Você não quer que eu me importe? — Ele ignorou o braço atingido, como se não doesse nada.

— O que eu não quero é que *minta*.

— Venha aqui. — Neguei, assustada. — Se não fosse tão teimosa, caralho, as coisas seriam mais fáceis para você, Manoela. Mas você não coopera. — Santiago afastou o peso caído no chão com o pé e, em seguida, me segurou com força. Beijou-me com fúria enquanto me empurrava para uma realidade que era só nossa.

E nela não havia errado ou certo. Quando Santiago me tocava, tudo era permitido. Deixando-me na borda de um universo paralelo. Aquém da realidade.

— Você deveria ter sido uma boa garota... — Reafirmando o seu

controle, Santiago arrastou a mão até a minha coxa, e a enfiou entre as minhas pernas, dando-se conta de que a calcinha que ele havia ignorado mais cedo, ao me tocar na frente de todos aqueles homens, já não era um empecilho para os seus dedos. Eu a havia tirado assim que foi possível, porque não existia maneira no mundo de continuar com ela molhada do jeito que estava. — Mas insiste em me desafiar, até que eu perca a cabeça.

Seus dedos afundaram em mim, a excitação de antes parecia ainda mais violenta agora. Porque meu corpo sabia como a noite terminaria, ou talvez não. Já que Santiago me virou abruptamente, empurrando o meu rosto contra a parede, enquanto eu contraía em desejo, insanidade e raiva.

— O que... — Prendi a respiração, ao tê-lo cravando seus dentes em meu ombro enquanto arrastava o dedo lambuzado até o meu ânus deixando-me em alerta.

Eu já o tinha sentido dentro de mim por trás, não *ele* inteiro. Na maioria das vezes eram apenas seus dedos e a cabeça de seu pau. O suficiente para que eu gozasse em instantes. Mas, até então, nós nunca tínhamos ido além disso. Não porque ele não queria, e sim porque eu sentia que não conseguiria. Essa era a última barreira em que me impus, quebrá-la, literalmente, era o mesmo que me tornar dele.

Entregar tudo de mim ao homem que eu jurei e que *precisava* odiar, até o último dia de minha vida.

Mas, dessa vez, foi diferente. Quando Santiago empurrou seus dedos no interior rugoso eu senti a força do homem sobre mim. A sua vontade insana de me possuir de todas as formas. Droga, eu até mesmo o ouvi grunhir de forma animalesca, como se a ideia de substituir os seus dedos pela

espessura grossa e pesada do seu pau fosse o suficiente para deixá-lo maluco.

Dessa vez, eu soube que ele não iria parar.

SANTIAGO SALVATORE

O tapa bem dado na bunda de Manoela reverberou pelo quarto, fazendo-a choramingar tão alto, que cada homem parado no corredor desse andar a escutou. Seu cuzinho apertado, virgem de pau, contraiu na ponta do meu dedo. Mas, em vez de empurrá-lo, eu arrastei a boca pela sua nuca. Mordendo-a e a chupando enquanto enfiava outro dedo na entrada apertada, alargando o máximo que podia do pequeno buraco.

Os beijos deixados em sua nuca, soavam mais como mordidas. Meus dentes cravaram fundo em sua pele, arrepiando-a inteira. Até que, sem fazer alarde, eu me pus de joelhos com um único propósito em mente: preparar o seu corpo para o que viria a seguir. Ela protestaria, gemeria de dor e me imploraria para parar.

E em qualquer outro dia, eu a escutaria.

Mas não hoje, não quando sentia crescer dentro de mim uma vontade insuportável de bater no peito e gritar que a infeliz era minha. Eu não queria o olhar de nenhum outro homem sobre ela, ou que qualquer outro descobrisse o quanto a ninfeta era gostosa.

— Santi...

— Fique quieta! — grunhi, separando a polpa de sua bunda e a mordendo. A vontade de estapeá-la inteira foi saciada com outro golpe duro de minhas mãos.

Até que a senti ofegar contra a parede, e arrebitar a bunda perfeita.

Foi então que salivei em desejo irracional e violento, esfregando meu nariz de cima a baixo na carne de sua pele, até que eu a chupei bem no meio e a enchi com saliva. Empurrei o líquido espesso para dentro com o dedo para que não escorresse para fora.

— Não — Manoela gemeu, sôfrega. Excitada, e ainda assim amedrontada com a ideia de me sentir inteiro dentro dela.

Não que a infeliz não estivesse pingando entre suas coxas, que seguiam úmidas e coladas uma a outra. Deslizar para dentro de sua boceta seria fácil, porra, o problema era que não era *ela* que eu queria foder essa noite.

— Sim, amor — rebati ao me levantar. — Eu vou te foder por trás. E dessa vez, não aceitarei *um não* como resposta. — Esse seria o castigo dela por ser tão atrevida.

Beijei-a na boca, puxando-a pelo queixo. Escutando-a arfar, derretida. Enquanto com a outra, eu desafivelei o cinto da calça, que ainda não havia retirado, e puxava o pau duro para fora. A mão ao redor do eixo, espalhou o pré-sémen enquanto tudo em que eu pensava era no orgasmo que a faria ter.

Liberando a ereção, eu usei um de meus dedos para esfregar sua boceta, sentindo-a estremecer dentro de meus braços. E com os dedos da outra mão, eu enfiei um pouco mais fundo dentro dela. Tirando-o assim que a senti pulsar. Pela frente e por trás. Com o pulso enfiado entre o vão fino das duas partes de sua bunda, eu a senti me apertar em uma tentativa fraca e silenciosa de me impedir de continuar...

Continuei com a tortura, beijando-a nos ombros e nuca, e a provocando dos dois lados, até que Maneola derreteu em meus braços, com

seu orgasmo a um passo de explodir.

— Dê-me a sua boca, *amor* — pedi, vendo-a virar o rosto e me encarar cheia de luxúria e receio. — Vamos, Manoela. Beije-me!

A ninfeta lambeu os próprios lábios, e aproximou a boca da minha. Fechando suas próprias pernas como se meus beijos fossem demais para que pudesse suportar. Quando a sua entrega se tornou evidente, eu voltei a envolver os dedos que tinham estado em sua boceta ao redor da minha ereção, mal cobrindo a circunferência grossa, e empurrei a cabeça larga contra o seu ânus, que mesmo lubrificado contraiu em resposta.

— Vai doer.

— Vai. — Eu não menti. — Mas também será a porra da sensação mais gostosa que sentirá, amor — garanti, seguro. — Quando me sentir por trás, inteiro, dentro desse seu cuzinho apertado, você vai entender o que é tesão, caralho! — A mordi no pescoço, empurrando um pouco mais, sentindo-a me sufocar tão profundamente, que quem grunhiu fui eu.

Liberei seu clitóris inchado, e arrastei a mão por sua pele suada até alcançar um emaranhado de cabelos, e os puxei. Fazendo-a arquear seu corpo involuntariamente para a frente enquanto jogava sua cabeça para trás. A curvatura perfeita para que eu pudesse tomá-la como desejava.

Feito um animal.

Manoela gritou ao me sentir inteiro dentro, pulsando uma e outra vez. Enquanto o meu membro latejava, o sangue corria pelas veias ressaltadas, parecendo grosso. Como o sêmen que, em breve, eu despejaria em seu interior. Não esperei que se acostumasse, não tive dó ou compaixão, porque

eu sabia. Manoela era como eu.

Ela gostava do difícil.

— Por favor... eu... isso é...

— Isso é o quê? — exigi saber. Escutando-a dizer a palavra *gostoso* baixinho. Como se admitir a verdade lhe ferisse o orgulho.

— Eu sei que é gostoso, amor. E agora sim, você sabe o que é ser inteira do seu homem. — A ninfeta ofegou, estendendo as mãos até a parede. Sem nada que pudesse arranhar ou apertar. Deixando-me com a certeza de que, se ela pudesse, cravaria suas unhas fora a fora sobre a minha pele. — Gosta disso, de saber que é toda minha? Cada pedacinho seu?

Manoela assentiu, ou tentou, porque a cada movimento que fez com a cabeça eu a puxei um pouco mais para trás. Como teria feito com a rédea de um cavalo. O termo nunca poderia ter soado tão perfeito. Até porque, à minha maneira, eu estava montado na infeliz.

— Eu não vou aguentar... Santi, eu não vou! — choramingou alto.

— Não quero que aguente, amor, quero que goze.

E a infeliz gozou, e teria acordado todo o maldito andar se alguém estivesse hospedado nele. A verdade é que eu o tinha mandado esvaziar apenas por precaução. Então nossa plateia, com toda certeza, foram os homens no lado de fora.

Que, se ainda não tivessem entendido, agora entenderiam: Manoela tinha um dono.

19

MANOELA GARCÍA

Santiago manteve-me em seu colo depois que nos limpou debaixo da ducha, mas o cheiro do que havíamos feito, excitação, suor e raiva, ainda parecia preencher todo o lugar. Encolhida em seus braços, eu senti a rigidez do torso despido, assim como o arrepio sobre a minha pele causado por estar como vim ao mundo: inteiramente nua. Tudo o que impedia o meu corpo de tocar o dele era a calça larga de moletom que Santiago havia vestido após deixar o boxe do banheiro.

Com acesso ao seu peito, eu escorreguei o dedo por uma das inúmeras cicatrizes detendo-me na que sempre me causava arrepios. Uma que só poderia ter sido feita por uma bala disparada próximo ao seu coração. Não tinha como ser outra coisa.

Quis perguntar quem tinha sido o responsável por essa, em especial, e por qual razão no mundo ele ainda continuava vivo. Ninguém sobreviveria a uma bala tão perto... *Eu* não sobreviveria.

— Estou cansada — admiti, sentindo o peso do dia, da viagem e da noite bater de uma só vez sobre mim. — O mundo em que você vive... é exaustivo.

Santiago percebeu onde minha atenção estava, e observou o caminho que meus dedos faziam.

— Elas parecem te causar certo fascínio... — afirmou, sabendo a verdade.

— Causam mesmo. — Ergui o olhar. — Elas nunca me deram medo.

— E o meu mundo?

Engoli em seco ao sentir o toque vagaroso em meus braços.

— Às vezes, sim.

— Achei que fosse uma garota corajosa...

— Ter medo não me torna menos corajosa, Santiago, apenas inteligente. Significa... que eu sei exatamente onde estou pisando. — O carinho cessou, enquanto Santiago me encarava sério. Diferente do dele, o meu olhar permaneceu em sua cicatriz. — Como a conseguiu? — Vi-me perguntando, a fim de cessar qualquer pensamento.

— Em uma briga. Anos atrás. — Lembrei-me das marcas em suas costas, algumas eram recentes outras não. O que me surpreendia era a quantidade de disparos que ele pareceu ter levado.

— Quantos tiros já o atingiram?

Santiago não hesitou antes de responder:

— Cinco.

Cinco. Que filho da puta resistia a tanto?

— Só falta me dizer que tem sete vidas... como os gatos, você sabe.

Entreolhamo-nos. Santiago não havia achado graça, se ele fosse supersticioso, o que eu duvidava, não veria mesmo.

— Não sou um homem fácil de matar, *amor*. Não se preocupe.

Ochoa dizia que, se algum dia alguém chegasse perto o suficiente para eliminar o infeliz, essa pessoa ficaria rica ou seria morta em seguida.

Era como se Santiago tivesse algum tipo de pacto diretamente com o diabo. A vida dele por todas as outras que ele tirava. Isso, ou a extrema devoção de Mercedes a *Santa Muerte* vinha dando resultados...

Desviei meus olhos do seu peito e do crucifixo pesado, e encarei a imensidão da cidade de Houston ainda no colo de Santiago, que traçava cada palavra da minha tatuagem na perna como se já as tivesse decorado.

Quae bersatur lectinatur...

— *Tudo o que vai volta* — murmurou o significado com a voz rouca, algo que nunca compartilhei com ele. — Realmente acredita nisso?

Enrijeci, sentindo-me exposta.

Como ele havia descoberto? Não me surpreendia o fato que ele tenha decorado as palavras, o que me surpreendia... era o seu interesse. Lembrei-me de todas as vezes em que traçou as palavras com as pontas dos dedos e beijou a pele marcada. Não tinha sido à toa.

Nada que esse homem fazia o era.

— Você não? — Encarei de volta. — Não acha que seja justo que a gente pague por tudo que fazemos em vida?

Santiago manteve-se calado.

— Seria crueldade não sermos cobrados por nossos atos, a vida perderia o sentido...

— Achei que não acreditasse em Deus — ele me lembrou.

— E não acredito, mas acredito em justiça.

Era atrás dela que eu estava afinal.

— Justiça com as próprias mãos, você quer dizer? — inquiriu brusco.

Levando-me a procurar por uma posição que me deixasse menos vulnerável, o que fez com que eu sentisse diretamente contra o meu bumbum a ereção dura de Santiago. Isso porque tínhamos feito sexo poucos minutos atrás.

— Por que não?

— Se isso te faz dormir melhor à noite, *amor,* então acredite. Não sou a melhor pessoa para filosofar sobre a vida com você.

Precisando compreender como a cabeça desse homem funcionava, eu insisti:

— Você não se preocupa com o que pode te acontecer, ou que todo o mal que causou as pessoas cobre o seu preço? As mortes...

— Eu nunca tirei a vida de um inocente, Manoela. Essa é uma certeza que eu tenho.

— Como pode ter tanta certeza? — perguntei, alterada. — Você ouviu essas pessoas antes de as matar? Procurou saber como ficaram suas famílias?

— Ainda estamos falando sobre mim? — O desgraçado foi direto ao ponto. — Ou toda essa sua revolta tem a ver com o seu pai?

— Deixe meu pai fora disso...

— Quando irá me contar o que realmente aconteceu a ele?

Nunca.

— Que tal quando *você* começar a falar sobre Juan? Então, quem sabe nós dois não trocamos figurinhas sobre nossos pais e sobre como eles não fazem parte de nossas vidas. Se bem que... o seu segue vivo.

— E isso a incomoda, ao que parece.

— Meu pai era um bom homem. Não merecia o que fizeram a ele.

Santiago estreitou seus olhos.

— Até homens bons cometem erros, *amor*. Mas não acho que você está pronta para ter esse tipo de conversa. Não se formos levar em conta toda essa sua adoração cega pelo seu pai.

Quis gritar a ele que meu pai era inocente e que o único erro dele tinha sido trabalhar para a sua família, e que, ao lhe tirar a vida, ele tinha tomado tudo de mim.

— Não era adoração, era amor. Mas isso quem é incapaz de *compreender* é você. — Levantei-me querendo ficar sozinha e, quando olhei para trás a fim de verificar se era seguida, eu me deparei com Santiago com a cabeça inclinada sobe o recosto da poltrona, como se estivesse extremamente cansado.

— Vá dormir, Manoela — disse, encarando-me através do reflexo do vidro. — Amanhã será um longo dia.

SANTIAGO SALVATORE

Mas acredito em justiça...

As palavras de Manoela ainda martelavam em minha cabeça ao acordar na manhã seguinte. Atormentado pelo mistério que a rondava, cheguei à conclusão de que permanecer ao lado dela na cama era um feito impossível. Pelo menos, se eu quisesse pensar com alguma clareza.

Eu ainda não havia conseguido esquecer o momento em que cheguei ao hotel e os vi juntos naquele bar. A conversa baixa, a troca de olhares. A forma como o infeliz olhava para ela. Então fiz o que deveria ter feito há muito tempo, e mostrei a Javier que, por mais que o considerasse o segundo homem de confiança no comando, ele não estava livre de punição. Avisei-o na primeira vez, achei que tivesse deixado claro, porra! Mas o desgraçado continuou a pairar sobre ela como um maldito gavião. Apenas à espera...

Filho da puta!

Agora, com uma xícara de café forte em mãos, eu não encarei a mesma vista da noite passada. Repassei cada palavra dita pela infeliz uma e outra vez. Porque, com ela, as coisas não eram tão simples assim. Manoela mentira, óbvio, mas por trás de cada mentira que dizia, havia algo a mais. Eu só precisava permanecer atento para descobrir.

— Bom dia. — A escutei dizer, e me virei deparando-me com toda a sua juventude. Sem rastros de maquiagem, sem exageros.

Eu havia a subestimado uma vez, e não voltaria a fazê-lo.

Como se tentasse decifrar em que humor eu me encontrava, ela rodeou a sala da suíte, e se aproximou. Querendo acesso a mesma vista que eu tinha. Houston era realmente impressionante.

— Como acordou essa manhã? — perguntei, passando o olhar pelo seu corpo. Lembrando o descontrole em que ficamos na noite passada. A luta...

Por um minuto acreditei que tomá-la por trás, como vinha desejando há tanto tempo significaria o mesmo que ter sua total rendição. Mas não era assim que a mente dessa garota funcionava.

— Quer saber se estou dolorida? — Os olhos afiados me encararam de volta.

Ela não deveria parecer tão tentadora, não depois de todos esses meses dormindo e acordando em minha cama. Mas aqui estava eu, duro, somente por vê-la envolvida em uma de minhas camisas.

— Está? — Eu sabia que não tinha sido suave, mas nunca o era.

— Não — respondeu, virando-se para a frente. — A única coisa que sinto é... um vazio. Como se algo muito grande tivesse entrado dentro de mim... e agora...

Filha da mãe!

Dei um passo em sua direção, e a vi se afastar com um sorriso cruel.

— Uma pena que você não vai entrar aqui de novo por um longo tempo...

— Quem disse que eu não vou? — grunhi, com cara de poucos amigos.

A ideia de ter estado na porra do paraíso, e vê-lo sendo me negado em seguida não era algo que me agradava.

— Eu estou dizendo. — Segurei-a pelo braço, e a trouxe para mais perto. — O corpo é meu...

— Não.

— E eu decido o que fazer com ele. A qual parte de mim você pode ter ou não acesso...

— Não.

— Eu menti ontem. — Dessa vez, foi ela quem fez questão de se aproximar. — Eu não sou sua. Nunca fui e nunca serei.

Estudei o seu rosto, os olhos inchados. Manoela tinha tido pesadelos essa noite, eu os escutei. *Sempre escutava.* Era como se a única cama que não as fizesse tê-los, fosse a minha. E eram eles os responsáveis por torná-la tão distante.

Sonhar com o pai dela... a quebrava.

— Você andou chorando?

— Eu não choro. Nunca.

Eu nunca a tinha visto chorar. Gritar furiosamente? Sim, por diversas vezes.

Mas não chorar.

— Nem quando perdeu o seu pai?

— Só por ele.

— Minha garota corajosa... — falei, orgulhoso dela. Não era fácil encontrar mulheres como Manoela. Eu conseguia enxergar sua vulnerabilidade, era bom em ler pessoas, mas também conseguia ver além disso. A força, o cinismo. *As mentiras.* — O que eu não daria para entrar nessa sua cabecinha e descobrir seus segredos. Tudo o que me esconde... e mantém para si. Fico louco só de imaginar o dia em que decifrarei você.

— Acho que *decifra-me ou te devoro* não se aplica a nós dois... Diria até que é o contrário.

— Está me dizendo que, se eu tentar entrar nessa sua cabecinha, você vai me devorar?

Manoela deu de ombros.

— Gosto que seja uma garota inteligente, *amor*. Eu realmente gosto.

Beijei sua testa com carinho. Até então, eu não tinha percebido que vê-la triste me afetava de alguma forma. Principalmente, porque não cabia a mim proteger Manoela.

Com suavidade, arrastei minha boca até a sua e a beijei. Seus lábios lutaram para não se abrirem, mas acabaram cedendo. O gosto do café se misturando ao gosto natural dela. Seu cheiro, sabor. Eu nunca tinha sentido ou provado algo tão gostoso.

Era como se ela não fizesse parte do meu mundo. Que todo o peso do crime e da violência, ainda não tivessem lhe alcançado. Mas tinha.

Manoela só disfarçava bem.

— Sobre ontem à noite... — Ela me olhou através do beijo. — Eu não a trouxe para torná-la um alvo. Ou te exibi porque quero que meus inimigos saibam sobre você.

— Não?

— Não. A ideia que outro homem a queira ou a machuque não me apetece. Quando digo que você é minha, não é mentira. Você é.

Afastei uma mecha de seu cabelo e deslizei meu polegar até seu lábio inchado, molhado do nosso beijo.

— Até quando? — perguntou em um tom de voz baixo, quase murmurado.

Sacudi a cabeça, porque a verdade é que eu não tinha uma resposta para a sua pergunta. Uma parte de mim gostaria de dizer que ela permaneceria ao meu lado por um longo tempo. Esse era o tanto que eu era viciado na garota. Mas a outra parte, a racional, sabia que não teríamos tanto tempo assim. Era esse lado racional, que vinha pondo um freio à loucura que sentia por essa infeliz.

— Você não sabe? Ou não quer me dizer?

— Eu não quero te dizer.

Ela assentiu, nem um pouco assustada, como se soubesse do seu

destino e o aceitasse.

Inclinei o rosto a fim de tomar sua boca outra vez, nós éramos melhores fazendo do que falando de qualquer forma. Mas, dessa vez, Manoela não foi tão participativa. Ela estava fria como gelo. Os olhos abertos durante todo o beijo, as mãos estáticas.

— Você faz perguntas inconvenientes, e depois me culpa por falar a verdade. Já percebeu?

— Você poderia mentir...

— Como você faz? — Ergui seu queixo. — Eu não minto, Manoela. Sinto muito. A verdade, por mais cruel que seja, é sempre melhor. Não sei se você mente, porque não quer encarar a realidade, ou se faz de caso pensado porque é cínica mesmo. Mas vai chegar um momento que suas mentiras irão destruí-la, *amor*. Cada pedacinho de você... até não sobrar nada.

— Talvez eu queira que não sobre nada.

— Odeio essa sua morbidez... — Beijei-a profundamente como uma punição, fazendo-a se render em meus braços.

MANOELA GARCÍA

Ochoa sempre disse que havia algo de errado em mim, talvez fosse pela forma como eu o encarava ou permanecia indiferente a seus gritos e ameaças. Ele odiava não ser capaz de me fazer chorar. Sem ideia de que o único momento em que permitia que lágrimas saíssem, fossem debaixo do chuveiro. Santiago estava certo, mentir me destruiria em algum momento, porque eu não estava mentindo somente para o mundo.

Eu estava mentindo para mim mesma. As lágrimas, que se misturava à água debaixo do banho, eram uma ilusão que eu criava. Não tinha como medir a quantidade, ou intensidade delas. E se eu não podia, então... não as considerava como choro.

Com a boca presa a de Santiago, eu percebi que, desde que entrei no mundo desse homem, a ideia de morte tinha se tornado... tentadora. Cresci sabendo que em algum momento estaria aqui, lado a lado com ele, mas nunca pensei em como seria afetada emocionalmente. Achei que sexo com ele seria um maldito sacrifício, e não algo pelo qual passasse os dias ansiando. Tão desejosa de senti-lo dentro de mim quanto de vê-lo morto.

Se ainda fosse só o sexo... mas eu já havia aceitado que o fato de sentir dor quando esse homem estava longe, significava algo que eu jamais seria capaz de dizer em voz alta. Mas me lembro de que esse desejo insano, sem nome, de sentir dor até não ser mais capaz de sentir, veio depois do sexo com Santiago. Acho que eu nunca quis tento morrer. Talvez, por nunca ter me sentido tão viva.

Gostar – tanto assim – de algo não deveria nos fazer ter vontade de morrer, não é? Mas me fez.

— Vista algo confortável, nós iremos sair. — Santiago se afastou, fazendo aumentar o vazio que eu sentia.

Vendo-o desaparecer dentro do banheiro, eu separei uma calça jeans escura e uma camiseta preta. Joguei a jaqueta de couro por cima, e um par de tênis branco. Quando Santiago voltou ao quarto, eu já estava pronta. Vi-o andar de um lado a outro, e se vestir. A barba por fazer estava maior essa manhã, e ele não pareceu preocupado em tirá-la.

Não que me incomodasse, eu gostava dela exatamente assim. Principalmente quando...

— Você parece distraída. — Seu olhar veio feroz em minha direção.

— Para onde vamos? Ou é outro dos seus segredos?

— Fiz uma encomenda a um amigo, então iremos até ele verificar se está tudo ok.

Fiquei parada, achando estranho.

— Que tipo de encomenda?

— Nada envolvido a drogas, não se preocupe. — Ele pegou a arma guardada no cofre do armário, e a colocou em seu coldre. Era algo que eu já tinha me acostumado, mas que nunca soaria como normal.

Nada nesse mundo era.

20

SANTIAGO SALVATORE

O sedã estacionou em frente a um enorme armazém, cujos portões se abriram assim que fomos identificados. Saltei do carro, enquanto Manoela olhava ao redor com desconfiança. Dário, o responsável pelo lugar e por proteger tudo o que havia aqui dentro, atravessou o pátio com um sorriso comedido.

Atento não apenas ao carro negro que tinha me acompanhado, como a saída estratégica de Manoela. Dário a olhou de cima a baixo, como qualquer homem teria feito.

— Trouxe uma companhia — falou em inglês, seguindo a minha ordem para mantermos a conversa em sua língua nativa.

Conheci Dário muitos anos atrás. Ele era conhecido nesse meio por ser um *realizador de desejos*. Seu serviço já me tinha sido útil outras vezes, e a discrição que oferecia junto era o que me fez procurá-lo outra vez.

— É confiável? — perguntou, comigo assentindo.

Olhei na direção de Manoela, que parecia alheia ao que era dito. Assim como ficava quando Manolo e eu conversávamos em outra língua que não o espanhol.

— É preciosa. É sua? — Claro que ele perguntaria.

Observei-o encará-la outra vez.

— Por que não mantém seus olhos e perguntas para si mesmo?

— Claro, claro... vamos ver a sua *menina*? — Assenti, voltando-me para Manoela. Pedindo para que me acompanhasse.

Atrás dela, James nos observava, uma mudança na segurança que não tinha passado em branco por Manoela.

Passando por dois longos corredores, ficou claro qual era o intuito desse armazém. Oferecer segurança a bens valiosos demais para serem guardados em simples cofres residenciais e, claro, manter *suas mercadorias* fora do radar da polícia.

O sistema de segurança era obviamente alto, por cima de cada galpão havia homens armados. E, assim como James deve ter notado, dois deles nos seguiam sem questão alguma de esconder a vigilância. Precavidos, eu gostava disso.

— Há câmeras no lugar? — perguntei, analisando o arredor.

— Não *nessa* parte do armazém. Fique tranquilo. — Um portão de ferro subiu, dando espaço a outro longo corredor. Caminhei até o final dele, e foi lá que avistei a *minha menina*.

Uma égua de raça pura, que no futuro geraria os potros de Kaiser. Mas essa não era a única razão pela qual a estava adquirindo. Com o interesse de Manoela em cavalos e montaria, eu estava dando à garota o seu próprio animal.

Admirado com a beleza da égua, eu me inclinei contra o cercado e a avaliei. O trote estava um pouco mais lento do que o esperado, e a pobrezinha parecia assustada.

— Houve algum problema durante o transporte? — perguntei, a fim

de me certificar.

— Não, nós seguimos suas ordens e a avaliação do veterinário. Acredito que esteja apenas assustada. Lugar estranho, pessoas estranhas. — Dário deu de ombros.

— Espero que não a tenham machucado... — disse ultrapassando a barreira de proteção e indo até o animal. Com um chamado baixo, a égua me avaliou, mas não resistiu quando afaguei a crina castanha e cheia.

Ela era perfeita.

De longe, Manoela nos observava com curiosidade. Acenei para que se aproximasse, mas ela apenas sacudiu a cabeça e desviou seu olhar para o lugar que estávamos. Pelo visto, a égua não era a única desconfiada aqui.

Com a proximidade de Dário, eu evitei demonstrar o tipo de importância que aquela infeliz tinha para mim e fui direto ao ponto.

— Irei transferir os dez milhões assim que ela estiver em segurança no meu estábulo.

Dário hesitou, antes de falar:

— Esse é o problema, Sr. Salvatore. Não foi fácil tirá-la de lá, aconteceram alguns imprevistos que... colocaram minha equipe em risco. Fora que me cobraram o dobro pelo transporte da égua...

— Deixe-me adivinhar, você quer mais do que eu lhe ofereci. — Rangi os dentes.

— Ela vale mais.

Poderia valer centenas de milhões a mais, e eu teria dado, se esse fosse o acordo que tivéssemos feito. Mas não foi.

— Você não verá um centavo a mais do que o combinado, Dário. — Segui até onde Manoela estava. — O acordo que fizemos não era esse, e se tem algo que não admito... é que quebrem acordos feitos, porra.

Manoela notou o tom elevado de minha voz, seus olhos desconfiados intercalando entre mim e Dário.

— Eu consegui 15 nela, Salvatore. Posso vendê-la por esse valor se não estiver disposto... — o infeliz ameaçou, deixando-me ligeiramente irritado.

Virei-me para ele, e o estudei. O homem baixo, sem postura. Suas roupas podiam ser caras, *ele* podia ser caro, mas era aí que terminava o seu valor. No final, a vida de Dário era tão necessária quanto a de Jiménez foi.

— Achei que me conhecesse melhor do que isso, Dário. E que, acima de tudo, soubesse que não lido bem com ameaças. O combinado era dez milhões... e já adianto. Se a égua não pertencer a mim, ela não pertencerá a mais ninguém. A escolha é sua.

— Há segurança por todos os lados, Sr. Salvatore. O senhor não é o único com poder de fogo aqui...

— Bem, nós podemos tentar, não é? — James sacou a arma do seu coldre, e os olhos de Dário se arregalaram. — A ordem que dei a meus homens foi apenas uma. Se eu não sair daqui em menos de uma hora, eles têm autorização para colocar o lugar abaixo. Então...

Dário olhou para a mulher ao meu lado, olhos de quem procurava por

algo para machucar.

— Como vai ser, Dário? Fechamos o negócio, ou colocamos um fim a esse valioso armazém?

— Filho da puta ganancioso! — grunhiu em seu inglês impecável. — Sua cadela sabe o fim que suas mulheres costumam ter? Como elas simplesmente desaparecem da face da Terra depois que você as usa?

— Eu não sou a cadela dele — Manoela disse, pegando a nós dois de surpresa. — O que ele faz ou deixa de fazer com as mulheres com quem trepou também não me importa.

Apesar de estar irritado por descobrir somente agora que a infeliz compreendia tudo o que era dito, eu sorri. Manoela não seria a *minha mulher* se não fosse tão atrevida, porra!

Afastei o meu olhar do dela e dei a ordem a Dário para que adiantasse os trâmites. Eu não deixaria o Texas sem levar a égua comigo. Minutos depois, passei o olhar pelos papéis e concordei sem assinar. Permanecendo no local até que o animal fosse levado.

— Vejo que tem um enorme apreço pela garota — sugeriu, algum tempo depois, ao estarmos a sós. — Tenho algumas joias em meu escritório realmente valiosas.

— Não sabia que trabalhava com joias, Dário.

— Há bastante procura, principalmente quando envolvem pedras preciosas. Gostaria de ver?

Estudei a expressão de Manoela no outro lado do galpão, agora,

realmente alheia ao que falávamos.

— Ela não é o tipo que gostaria de pedras preciosas... — Manoela era mais bruta.

— E ouro? Tenho uma peça bem especial. Diria até que única, como a *sua* garota. — Encarei-o, buscando alguma outra intenção por detrás de suas palavras, mas o infeliz parecia falar sério.

— Mostre-me a joia.

MANOELA GARCÍA

Dário e Santiago se afastaram, deixando-me a sós com James. Procurei em seu rosto algum sinal de que ele pudesse estar preocupado, mas parecia tranquilo. Isso é, para alguém que poderia sacar uma arma a qualquer momento e atirar em todos ao redor.

— Por que Javier não veio? — quis saber, já que Santiago não tinha me dado qualquer resposta quando lhe perguntei.

Encarando-me como se eu estivesse em busca de problemas, James sacudiu a cabeça.

— Se você ainda não sabe, é porque ele não contou. Se não contou, é porque não quer que você saiba. — Deu de ombros.

— Para um homem de poucas palavras, você pode ser bem irritante.

Ele estreitou seus olhos.

— Para alguém esquentando a cama do patrão, você pergunta demais.

Sorri, mas por dentro estava realmente preocupada.

— Ele está vivo, só me diz isso.

Santiago disse que não o havia matado, mas homens como ele eram capazes de tudo.

— Sua preocupação será a responsável pelo fim do desgraçado, é isso o que quer? Quanto mais perguntas e jogos fizer, maior a chance de Javier

acabar debaixo de uma vala!

— Você é como todos os outros. Não gosta de mim. — Eu já suspeitava, mas agora, vendo-o falar com tanta raiva... ficou claro seu desagrado.

— Não sou pago para gostar das putas de Santiago. Até porque elas nunca duram muito.

Encarei-o, com mais afinco.

— Uma pena... — falei amarga, mantendo a raiva que sentia presa dentro de mim. — Mas você terá o mesmo destino que todos eles... — Aproximei-me tocando o seu braço. — E no final, todos estarão dentro dessa tal vala para a qual acha que Javier irá. — *Não sobrará nenhum!*

James se endireitou ao perceber que Santiago voltava. Seu olhar intercalava entre nós dois. Com um aceno, ele deu a ordem para que eu o seguisse e, dessa vez, fiz sem protestar.

— Sua intenção é me ver matar todos eles, não é? Esse é o jogo aqui? — inquiriu entredentes enquanto nos dirigíamos ao carro.

— Não há jogo aqui. James apenas me irritou.

Santiago ficou em silêncio, carregando com ele não apenas a pasta com os documentos da égua, como também uma caixa preta de veludo, que atraiu minha atenção por um segundo.

Relembrando a conversa que escutei entre Dário e Santiago, eu inquiri:

— Quando ele disse... quinze... não era quinze mil, não é?

— Com certeza não, Manoela — respondeu como se essa tivesse sido uma pergunta estúpida.

— Então você pagou dez milhões a ele... por uma égua?

— Eu já paguei mais, *amor*.

— Santiago. É muito dinheiro, pense no tanto de pessoas que você poderia ajudar...

Ele se deteve e me encarou. O carro à nossa espera, se encontrava a poucos metros de distância. Mas toda a segurança ao redor parecia maior.

— Ela é sua.

— O quê? — Detive-me.

— Eu disse que a égua é sua. Um presente — grunhiu, irritado. — Se desejar vendê-la e alimentar o caralho que for, o faça. Mas preciso te alertar de que, se ela vale dez milhões hoje, em alguns anos valerá o dobro.

Ele continuou a caminhar, comigo o seguindo pelo armazém.

— Como pode valer tanto? É apenas um animal.

— Não é apenas um animal, porra! — retrucou. — A égua que estou te dando pertencia a esposa de alguém... muito importante em Dubai.

— E esse alguém *muito importante* te vendeu através do Dário? É isso?

— Não. Não é *isso*, Manoela. — Ele comprimiu o maxilar.

— Então o que... — A razão me alertou. — Dário a roubou.

— Esperta como é, eu não esperaria menos de você.

Santiago abriu a porta para que eu entrasse e, em seguida, deu a volta no carro. Quando se sentou ao meu lado, eu me virei para ele:

— Está me dizendo que irá me presentear com uma égua roubada? — O desgraçado não podia estar falando sério.

Será que ele não conhecia a palavra limite?

— Não, *amor,* eu estou te presenteando com uma égua preciosa. De valor inestimável. Aprecie o presente e pare de fazer perguntas.

O carro começou a andar, comigo pensando mil coisas diferentes. Mas apenas uma delas continuou a martelar em minha mente uma e outra vez. Até que não consegui manter a dúvida para mim.

— E quando eu for embora? — atrevi-me a perguntar, fazendo-o me encarar. — O que fará com ela?

Santiago me estudou, e logo depois voltou seu rosto para a frente. Seu olhar, mesmo que breve, disse-me *tudo* menos o que eu desejava saber.

Aumentando a sensação de estar à margem de um barquinho, que a qualquer momento naufragaria. *O problema?*

É que só havia um colete salva-vidas a bordo, e ele não era o meu.

***

Naquela noite, assim que deixei o banheiro após um longo e necessário banho, eu voltei ao quarto e me deparei com Santiago sentado e já arrumado sobre a cama. Detive-me por um segundo, assombrada pela sua beleza. A roupa escura fazia com que seus olhos assumissem um tom de azul perigoso. Diria até que bem próximo à calmaria antes da iminente tempestade.

Observando-me, desde as unhas de meus pés até os fios molhados, Santiago se levantou. A caixa preta de mais cedo, em suas mãos. Olhei dele para o objeto, sem compreender o que pretendia... até que ordenou:

— Vire-se. — O infeliz apontou na direção do espelho de corpo. — Vamos, *amor,* eu não tenho a noite toda.

Fiz o que pediu, vendo o meu próprio reflexo. Mas não era ele a ter minha atenção, e sim o homem atrás de mim que, com cuidado, abriu a caixa preta e tirou dela uma joia de ouro... Demorei a entender do que se tratava até que ele puxou o meu cabelo para trás, e rodeou meu pescoço com o aro dourado.

Devo ter me esquecido de como respirar, porque, quando o fecho do cordão fez *click*, eu senti como se estivesse sufocando. Ou, então, essa fosse justamente a intenção de Santiago.

Satisfeito, ele procurou pelos meus olhos. E, em seguida, beijou a pele nua dos meus ombros.

— Linda.

— Eu não vou usar... não vou, Santiago. — Agitei-me como se fosse

me virar, mas ele me manteve parada.

— Sinto muito, *amor*, mas não há opção para você dessa vez.

— Isso é...

— É um colar. Nada mais do que isso. — Não era apenas um colar, era a droga de uma... — E se quer saber, ele me custou um bom dinheiro. Aproveite, porque normalmente não sou tão generoso. — Ele se afastou, verificando o relógio como se estivesse com pressa.

— Devo me sentir grata então? — perguntei nervosa.

Com um sorriso cínico, ele assentiu.

— Sim, porra, você deve.

Com Santiago terminando de se arrumar, eu me encarei diante do espelho. Questionando-me o quanto havia mudado nos últimos meses. Meu cabelo estava maior, e eu havia emagrecido. A tensão deixava o meu estômago sensível a tudo e qualquer pressão. Toquei o meu pescoço, sentindo o aro gelado do colar enquanto *me* prometia ser forte por todas as *Manoelas* que pudessem haver dentro de mim, mas, principalmente, por aquela que sentia como se estivesse traindo o único homem que jurou amar na vida.

Virando-me para a cama com o quarto vazio, já que Santiago saíra na frente, eu olhei o vestido que havia escolhido assim como as *lingeries*. A vontade que tinha era a de rasgá-lo em pedaços assim como sentia estar o meu coração. Ou seria a minha alma?

Levando a mão até o pescoço, prestes arrancar a maldita *coleira*, eu me detive no último momento percebendo que essa não era a melhor maneira

de machucar o infeliz. Contrariá-lo só o tornaria mais ávido pela minha rendição. E não era isso o que queria.

21

SANTIAGO SALVATORE

Recostado contra a poltrona do clube, eu assisti a outra rodada de bebida ser servida. Ao meu lado, Manolo se encontrava evidentemente alterado, fazendo-me suspeitar que as razões da sua inquietude iam além do álcool bebido até o momento. Caralho, o infeliz podia ser esperto em muitos aspectos, mas tinha um único defeito: o apreço pela merda tóxica que vendíamos. Diria até que essa era a fraqueza que o levaria à destruição. Todo homem tinha uma.

Por algum tempo, achei que fosse realmente imune aos *pecados* e *fraquezas* da carne, mas estava errado. Porque meu ponto de desequilíbrio não só existia como tinha nome e sobrenome. E um temperamento infernal, mantendo-me aceso 24 horas por dia. Manoela era o veneno a correr por minhas veias, o impulso que fazia o meu coração bater dia após dia. A infeliz era porra do ar que eu respirava, e isso não era exagero.

Mas era um problema. Um dos grandes.

Agitado, levei o *shot* da tequila à boca e a virei perdendo a paciência com a demora de Manoela. Eu só a havia deixado para trás porque Manolo e eu ainda tínhamos assuntos a tratar. Um dos assuntos sendo o ataque que iríamos colocar em prática amanhã, pensei, com o olhar fixo nas coxas grossas da americana dançando diretamente para mim. Havia outra no colo de Manolo, bem mais satisfeita por estar sendo tocada.

A diferença era que ele estava interessado, eu não.

— Vejo que está tenso. — Fez uma pausa ao avaliar distraidamente a *minha* dançarina. — Pensei que, depois do espetáculo de ontem, estaria um pouco mais relaxado. — Ignorei-o, vendo a calcinha vermelha da americana em plena exibição. Eu deveria ter ficado excitado, porra!

A mulher era exatamente o tipo que eu escolheria para foder em qualquer outro momento. E Manolo sabia disso.

Estendi a mão, tocando a perna da americana, que sorriu. Mulheres assim costumavam usar tanta coca, que dificilmente faziam diferença sobre quem as tocava. Por muito tempo eu não me importei com isso, mas não agora.

Nesse momento, o que ferrava com a minha cabeça e deixava o meu pau duro era saber que eu era o único homem com acesso irrestrito ao corpo de Manoela. O único a tocar suas partes mais íntimas e beijar sua boca gostosa. Eles podiam olhar, até mesmo desejar, mas no final de cada noite seria na minha cama que a garota se deitaria.

— Chega, querida! — pedi, sem paciência. — Vá procurar outro pau onde sentar esta noite, sim? Eu não estou no clima.

Ela me encarou, confusa.

Algo que Manolo rapidamente resolveu ao dispensá-la.

— Essa obsessão com a garota é pior do que imaginei!

— Achei que estávamos aqui para falar sobre negócios.

— Não fode, Santiago. Nós já falamos o que tinha para ser dito. O fato de ter dispensado Daisy me preocupa... Ela é a melhor que temos por

aqui.

Sorri amargo.

— Já foi dono de uma boceta, Manolo? — inquiri, sério. — Ou teve a certeza de que a mulher em sua cama só fode você? Geme para você? E goza... por você? *Isso* não tem preço, meu amigo.

— Está me dizendo que...

— Não estou dizendo nada, apenas colocando as cartas sobre a mesa. Eu não preciso de Daisy ou qualquer outra cadela se esfregando no meu pau, não enquanto tiver Manoela.

Manolo me encarou, preocupado.

— Só tome cuidado, porra. Já vi homens se foderem por causa de uma boceta, Santiago. Além disso... — Ele se deteve ao olhar para a frente, ficando rígido.

Acompanhei o seu olhar, verificando o arredor e teria passado direto se não fosse a infeliz caminhando em nossa direção. Cada músculo rígido do meu corpo reagiu no mesmo instante à presença dela. Da única forma que ele sabia fazer: ficando duro.

— Filha da puta! — Coloquei o copo agora vazio da tequila sobre a mesa e me levantei. Ciente de cada olhar era dirigido a ela. A infeliz estava praticamente nua, porra!

Vestido justo, inteiro em renda preta e transparente, revelando a qualquer homem a calcinha estruturada e acinturada usada por baixo. Se não fosse o bastante, havia o sutiã, erguendo os seios incríveis para quem

quisesse ver.

Faltava vergonha na cara a essa infeliz, só pode!

— Ok, talvez eu te entenda. Sua garota não é qualquer boceta, não é? — Meu maxilar enrijeceu. — Se não estivesse tão territorialista, você sabe o que eu te proporia. Sempre gostei de compartilhar...

— Ela não!

Manolo e eu já tínhamos estado com a mesma mulher, no mesmo momento. Era um jogo arriscado, mas excitante. Só que Manoela não faria parte desse jogo, eu o mataria antes de ele sequer pensar em tocar nela.

Sacana, o infeliz limpou o canto da boca, como se apreciasse o que via e isso me deixou ainda mais irritado.

— Sabe o que dizem sobre cobiçar mulher alheia, não sabe, Manolo?

O desgraçado riu e levantou as mãos, rendendo-se.

— Olhar não tira pedaço.

— Olhar não, mas eu sim.

Ainda sorrindo, ele recostou contra a poltrona circular e bateu no espaço vazio ao seu lado, para que Manoela se sentasse.

Voltei minha atenção a ela, e senti meu pau latejar ao vê-la usando o colar.

— Poderia ter vindo nua, que não teria feito diferença nenhuma, caralho.

— Se acha que não faz, então não verá problema se eu tirar a roupa... Está quente aqui. E você já me exibiu para todos eles de qualquer forma. — A infeliz deu de ombros.

Entreolhamo-nos, antes de Manoela passar por mim e se sentar onde Manolo indicou. Que era basicamente entre nós dois. Eu sabia o que o filho da puta pretendia.

— Santiago pode não ter dito, mas eu não sou deselegante. Você está linda, Manoela.

Ela o encarou desconfiada, e pegou o *shot* sem dono sobre a mesa e o bebeu.

— Manoela não precisa de elogios, ela sabe que é bonita. E que me pertence. — Eu a trouxe para o meu lado. A bunda se arrastando pelo banco de couro.

— Acho que já ficou claro para todo mundo, Santiago. — Ele olhou para o colar que ela usava, forçando-a a desviar seus olhos dos dele.

Assistindo a Manolo enfileirar a carreira de coca sobre a mesa, eu pedi que nos trouxessem mais tequila ouvindo a risada baixa de Manoela a alguma brincadeira do infeliz.

Toquei sua tatuagem por trás, como sempre fazia, mas ela se desvencilhou do meu toque aproximando-se de Manolo.

— Já experimentou o *oro* dos deuses, minha linda? — Manolo perguntou, em espanhol.

Mas não era como se houvesse a necessidade. A infeliz compreendia

tudo o que falávamos, ela só tinha sido esperta a ponto de não revelar a carta na manga.

— Não.

— Gostaria de provar? — Ele fez uma fileira para ela, que em resposta apertou o lábio inchado entre os dentes.

— Sim.

— Não — falei logo em seguida fazendo-a se virar na minha direção.

— Se eu quiser, eu vou sim. — Manoela se inclinou, mas eu a segurei pelo pescoço. — É apenas coca, Santiago. Não seja hipócrita a ponto de...

— Sabe como cheguei até onde eu estou hoje? Passando bem longe de porcarias como essa. Eu vendo cocaína, Manoela. Mas não a uso. — Observei o esforço descomunal que ela fez para não jogar na minha cara algumas de suas respostas malcriadas.

Os olhos dourados pareciam pegar fogo... seria só questão de tempo.

— Deixe-a ter só um gosto, Santiago — Manolo interferiu, quebrando a tensa troca de olhares.

Encarei Manoela, esperando pelo seu próximo ato. E teimosa como era, a infeliz se inclinou até a fileira de pó e a cheirou. O rosto foi jogado para trás enquanto ela inspirava profundamente. Dessa vez foi Manolo e eu que nos encaramos, com o mesmo maldito pensamento passando por nossa cabeça: essa não era a primeira vez que ela usava esse tipo de porcaria.

— Sua inocente garota não é tão inocente assim, é? — Manolo

provocou, em sua língua nativa. Mas eu apenas sacudi a cabeça.

— Fale em espanhol, não faz diferença. Ela compreende cada palavra que você diz. — Manolo a encarou, com um sorriso cínico em seu rosto marcado.

— Linda e inteligente... — o elogio a fez sorrir, tudo parte do jogo que tinha como intuito me irritar.

Mas não era a porcaria de sua atuação que me preocupava, e sim o fato de que ela simplesmente me desobedeceu e cheirou a porra da coca. Sem hesitar. Só que mulher minha não perdia a cabeça dessa forma. Eu a queria sóbria sobre a minha cama. Fosse de álcool, drogas, ou qualquer outra merda tóxica. Fornecer para o inferno, não significava que eu pretendia viver por lá. Hipocrisia ou não, essa era a verdade.

O movimento repentino ao meu lado fez-me observar Manoela que havia se levantado.

— Aonde vai?

— No banheiro, posso? — Incapaz de desviar meus olhos dos seios redondos, ou da cintura fina... cada pedaço exposto do seu corpo, eu assenti.

— Não demore.

— É só um banheiro, Santiago. Sabe? Fazer xixi, coisas assim...

Manolo riu, e eu não tive como desviar meus olhos enquanto a infeliz se afastava. A tal calcinha era comportada na frente, mas atrás... deixava muito pouco para a imaginação.

Sacudi a cabeça, tentando me reorientar enquanto confirmava cada uma de minhas suspeitas. Essa garota era a minha fraqueza. E se estivesse certo, também seria a minha destruição.

MANOELA GARCÍA

Dizer que as últimas 24 horas da minha vida não tenham me afetado seria a maior das mentiras contadas por mim. Se por fora, eu aparentava ter todo o controle sobre minhas emoções; por dentro, eu estava em frangalhos. O toque de Santiago ardia, suas palavras machucavam. E ainda assim, eu sentia como se precisasse de mais. Cocaína não era o problema, ele era.

O risco que corria era por causa dele, pensei, ao entrar em um dos tantos banheiros do clube. Tendo a sorte de o encontrar vazio, eu caminhei até o espelho e o encarei. Meus olhos estavam dilatados, a boca seca. E o coração... bem, eu não queria avaliar o estado dele agora.

Por isso, apenas me segurei contra a bancada por um minuto. Sem fechar os olhos, temendo que ao fazer eu fosse perder completamente a cabeça. Pelo menos por uma noite, eu não desejava ver o sangue do meu pai espalhado pelo chão. Ou os olhos gelados do homem com quem eu vinha dormindo. Os dois, lembravam-me sempre do que eu tanto desejava esquecer.

Eu menti ao dizer que nunca havia experimentado cocaína, eu já o tinha feito e conhecia exatamente o tipo de efeito que a droga causava em meu corpo. Não era boa, ou agradável. Fazia-me sentir como se estivesse flutuando, sem controle algum. Então vinha a agitação, a vontade de me... machucar. Fazer parar a dor, mas ela nunca parava.

Nervosa, eu sacudi a cabeça e umedeci minhas mãos. Molhando a nuca em uma tentativa tola de esfriar o meu corpo. Ergui o rosto somente ao escutar a entrada abruta de alguém dentro do banheiro.

Precisei de três segundos inteiros até assimilar a imagem mostrada através do reflexo. Três segundos que foram suficientes para que Ramírez atravessasse o banheiro e se colocasse a minha frente.

Fechei os olhos, pensando se tratar de alguma alucinação, mas eu sabia que não era. E, pela primeira vez, percebi que preferia que a invasão tivesse sido feita pelo *bicho-papão.*

— O que faz aqui? — perguntei, alterada.

— Nem imagina? — Sua voz causou-me calafrios. — Desde que chegou ao clube, eu estive esperando pelo momento em que a encontraria sozinha... — O desgraçado me encarou dos pés à cabeça, daquele mesmo jeito que sempre me causou asco. — E aqui está você, não apenas parecendo... mas agindo como a puta de Santiago Salvatore.

Meu pulso se levantou, prestes a bater no infeliz, mas ele o segurou.

— Você não deveria estar aqui... Se Santiago nos pega juntos... — As chances de ele nos matar seriam muito grandes.

— Não dou a mínima para o que Santiago fez ou fará! — Ele tocou o meu rosto, como fez tantas outras vezes. — Senti saudades, Manoela. — Seu corpo foi pressionado ao meu, e enrijeci ao senti-lo duro. Nojo era o que eu sentia por esse homem. — Mas não é por isso que estou aqui, eu vim porque Ochoa anda desconfiado da sua eficiência... ele quer respostas. O que você não tem lhe dado.

— Como não? — rebati, odiando ser pressionada. — Eu falei para ele que, assim que descobrisse, entraria em contato. Enviar você até aqui... só vai colocar tudo a perder.

— Não. O seu silêncio é que pode ferrar com tudo! Ou vai me dizer que até agora não descobriu por que ele a trouxe até aqui? Qual o intuito dessa viagem?

— Santiago não é burro, Ramírez, e você sabe disso. Ele não conversa comigo sobre negócios, sequer me permite estar por perto...

Tudo o que eu havia conseguido até então, eram pequenas peças que, se juntas, vinham desestabilizando a vida desse homem. Mas era pouco, eu tinha noção disso.

— Já faz meses, Manoela e até agora você não entregou a Ochoa a única informação que realmente o interessa. Será que trepar com Santiago tem tomado tanto assim o seu tempo?

— Vá à merda, seu filho da puta! — Bati no maldito, e o empurrei.

— Você é minha, caralho! — grunhiu baixo.

Mas eu apenas sacudi cabeça de forma negativa.

— Eu nunca fui sua. Não fui quando tirou a minha virgindade e nem em nenhuma das vezes depois disso. Nunca, Ramírez. Eu preferia morrer a algum dia... ser sua.

O infeliz me segurou pelo braço, com força. Eu já o tinha visto irritado antes, mas nunca como agora. *Foda-se!*

— Agora saia daqui antes que Santiago apareça. Ele não vai demorar a suspeitar da minha demora.

— Ele a mantém em um cabresto, não é? — Ramírez encarou o meu

pescoço, mais precisamente o presente de Santiago. — Até coleira você tem. — Afastei sua mão quando tentou tocar o colar. — Só me responda uma coisa, Manoela. Você já imaginou como o assassino do seu pai reagirá quando souber que você é filha do homem que ele acredita que o traiu e que fez com que sua querida irmã fosse morta?

Eu conhecia a forma como Ramírez agia, sorrateiro. Mau-caráter. Vingativo.

— Ele me mata se descobrir. Você sabe — falei, com frieza. Deixando que sua boca procurasse pela minha, e a tivesse. Senti-o arrastá-la pelo meu rosto, seu cheiro forte deixou-me enjoada.

Eu não era a única a temer que as loucuras de Ramírez, ferrasse com tudo. Ochoa sempre demonstrou preocupação. O fato de ele o ter enviado agora, só podia significar uma coisa: ele estava perdendo a paciência.

— Acho que prefiro você morta a vê-la se fartando na cama de outro homem... — Claro que preferia, o idiota era louco. — Aproveite enquanto pode, porque Ochoa não é o único perdendo a paciência.

Pois que perdessem, não eram eles se sacrificando aqui. Era eu. O meu corpo e a minha vida.

— Sai daqui, Ramírez — pedi, pela última vez. — Agora.

Ramírez contraiu o maxilar, ao não enxergar nada dentro de mim. Qualquer emoção, ou raiva. E ao se virar, ele encarou o próprio reflexo enquanto arrumava seu cabelo negro bem penteado. Quanto a mim, a primeira coisa que fiz assim que me vi livre foi limpar os rastros do seu beijo com a palma da minha mão.

E esse foi o momento em que Santiago adentrou o banheiro, nos fazendo olhar imediatamente para trás.

— Ramírez... Ramírez... é sempre um desprazer vê-lo. Ainda mais... estando com as mãos em algo que não lhe pertence — Santiago disse, com uma calma que me arrepiou inteira. E deve ter feito o mesmo com Ramírez, pois o infeliz pareceu congelar ao meu lado. — Infelizmente para mim, eu não fui capaz de escutar nada do que disseram, mas, infelizmente, para vocês... nós temos toda a maldita noite. — Ele se aproximou, depois de apontar para a câmera e revelar como descobriu sobre nós dois. — Então, qual dos dois irá começar?

Santiago se apoiou contra a bancada, deixando visível em sua mão a sua *9mm*, ao mesmo tempo que se desfazia do paletó, e dobrava as mangas da camisa de seda vermelha.

O infeliz, tenebroso.

Encarei seu rosto inexpressivo, mas dessa vez fui completamente ignorada. Seu olhar manteve-se inteiramente sobre Ramírez. As duas famílias podiam fazer negócios, mas era evidente que não se entendiam. Os Salvatore possuíam todo o poder que os Ochoa desejavam para eles.

— Vamos lá, caralho! Comecem a falar!

O grito me fez recuar, porque ele ressoou grave pela parede do banheiro. Encarei Ramírez, implorando em silêncio para que ele não estragasse tudo. O infeliz tinha de se lembrar que, se dissesse a coisa errada, nós dois sairíamos mortos daqui.

— Então ela é sua — falou, como se não soubesse. — Eu deveria ter

desconfiado.

Minta, Ramírez, mas minta muito bem.

Santiago deu um passo à frente, ameaçador e instável. Mostrando-se como o monstro que era.

A mandíbula apertada, os olhos frios. As mãos... eu conhecia a letalidade daquelas mãos.

— Ela é a razão pela qual anda tão ocupado, não é? Eu só não esperava que tivéssemos o mesmo gosto para putas, Santiago. Mas pelo visto... nós temos.

Santiago calculou cada maldita palavra, e então sorriu.

— Então é isso que irá dizer, que você veio atrás da minha mulher e que a abordou sem imaginar que tinha um dono? — *Ele não era meu dono, porra!* — Você deveria mentir melhor, Ramírez, talvez ter algumas aulas com Manoela. Ela sim, mente bem. Não é amor?

Comprimi meus lábios, em revolta.

— Se está dizendo...

Então, como o infeliz que era Santiago avançou sobre Ramírez e o empurrou contra o espelho. Seu rosto sendo massacrado contra o vidro que se partiu em milhares de cacos.

O som de sua cabeça sendo batida uma e outra vez foi ouvido, fazendo-me esperar pelo pior.

— Sabe o quê, Ramírez? — falou baixo. — Hoje me parece um bom

dia... para finalmente acabar com você. Sempre me faltou um motivo concreto para entregar sua cabeça a Ochoa, mas ver você aqui... com as mãos em Manoela... fez-me compreender uma coisa. Eu não preciso de motivos. Eu posso fazer a porra que eu quiser e ninguém... irá me parar.

Os homens se entreolharam. E o tanto de medo que vi em Ramírez, eu vi de raiva em Santiago.

Por que tudo que esse homem tocava terminava em sangue?

— Santiago. — Eu ia implorar para que parasse. Temendo que, ao machucar Ramírez, o idiota acabasse por dar com a língua nos dentes. Mas antes que eu tivesse a chance, Santiago ordenou para que James me tirasse dali e me levasse para o carro.

Antes de sair, eu ainda olhei para trás uma última vez, vendo o estado assustador que se encontrava o seu rosto. Eu deveria sentir pena... qualquer coisa, mas não conseguia. Ramírez merecia sofrer, tanto quanto Santiago sofreria. Sendo arrastada por James, eu tropecei entre os meus sapatos e o segui. Vendo-me presa no estacionamento do clube, sem ideia do que poderia estar acontecendo no andar superior.

Suada e gelada, eu sentia como se meu coração voltasse a bater lentamente... cada pequena batida, soando baixa e amedrontada. Como se temesse mostrar algum tipo de vida.

— Por que não podemos voltar ao hotel? — perguntei a James, mas ele não me respondeu. — James?

— Apenas fique quieta, merda! Tem ideia do que fez dessa vez?

— Eu não fiz nada.

— Eu realmente não sei por que ele ainda não te matou, porra! — grunhiu mais para si do que o contrário.

O carro voltou a ficar em silêncio, por dez, vinte... trinta minutos, até que avistei Santiago entre vários de seus homens. Em questão de segundos, ele entrou no veículo e deu a ordem para que James dirigisse.

— De onde conhece Ramírez? — A pergunta veio séria. Letal.

— Como?

— Não se faça de idiota, Manoela. De onde conhece aquele infeliz?

— Jiménez. — Encarei-o confusa, eu estava tonta demais para pensar em algo... então apenas arrisquei. — Ele esteve na boate uma vez... acho que, se você não tivesse ficado comigo, Ramírez teria. — Santiago avaliou o que eu havia dito, sem demonstrar qualquer sinal de que acreditava ou não.

Com ele era sempre assim, essa maldita incerteza.

— Sobre o que conversaram?

— Não foi nada, ele só quis dizer que eu não deveria me acostumar a estar do seu lado... apenas isso.

— Apenas isso.

— Então ele não tentou te beijar? Ou empurrou o corpo contra o seu? Você parecia confortável, Manoela. Confortável demais para o meu gosto, caralho! — rugiu, e por estarmos dentro do carro sua voz soou ainda mais ameaçadora.

— Se viu o que ele tentou fazer, então você me viu lutar.

— Você não entende, não é? O desgraçado sequer deveria ter chegado perto de você. Queria que, ao menos uma vez, você me obedecesse, Manoela. Uma maldita vez. — Ele pegou a caixa que o homem sentado ao lado de James segurava e a empurrou em minha direção.

— Abra! — ordenou.

Receosa, eu peguei a caixa e a abri. Quando vi o que havia ali dentro, senti como se estivesse em um maldito pesadelo. Outro, dos tantos que tive durante a vida. A vontade de vomitar veio com força enquanto eu reconhecia o anel ligado ao dedo.

Mas não havia só um... havia cinco. Santiago havia arrancado cinco dedos de... Ramírez. Com as mãos tremendo, eu fechei a caixa e a afastei, curvando meu corpo para a frente enquanto eu tentava lutar contra a ânsia de vômito.

— Pare o carro — pedi, sabendo que não iria conseguir por muito mais tempo. — Eu...

Surpreendentemente o carro parou no acostamento, comigo pulando para fora assim que foi minimamente possível. Não vou negar, em questão de segundos tudo o que eu havia comido e bebido foi colocado para fora. Meu estômago doeu pela força que tive de fazer, enquanto sentia cada pelo do meu corpo arrepiar diante dos passos de Santiago atrás de mim.

Quando terminei, ele me ajudou a ficar de pé e limpou minha boca com um lenço. Acho que nunca tremi tanto em toda a minha vida.

— Não me toque, por favor! — pedi, ao ter seus dedos deslizando pelos meus braços. Após me oferecer a garrafa de água que tinha trazido com

ele. — Qual é a porra do seu problema, Santiago? O que você fez...

— Ramírez vai me agradecer por eu ter tirado apenas alguns dedos dele, *amor,* porque o contrário teria sido a vida.

— Tudo com você sempre será resolvido na violência, não é? Nada pode ser conversado...

— Ele beijou você.

— Ou discutido. Você apenas vai lá...

— Ele. Beijou. Você.

— Então você o agride e lhe tira os dedos? Não sente qualquer remorso... ou arrependimento?

Levando-me para dentro dos seus braços, de forma possessiva, Santiago beijou minha testa suada e murmurou:

— O único arrependimento que tenho é o de não tê-lo matado. — Suas palavras soaram tão frias quanto seus olhos.

Gelada por dentro e por fora, eu não tive outra opção que não a de permanecer em seu abraço. Não havia força suficiente para me afastar naquele momento. Ainda que o abraço não fosse carinhoso. E sim para me machucar.

— Você disse que queria ver o homem que eu era uma vez. Abra bem os seus olhos, *amor,* porque eu o estou mostrando a você.

— Eu não gosto do que vejo — rebati.

— É bom que aprenda a gostar então, porque eu não pretendo mudar, Manoela. Assim como não pretendo deixar que saia da minha vida, aqui é onde você pertence e é aqui que ficará por um longo tempo...

Se esse homem não estivesse me segurando, eu teria caído no chão com absoluta certeza. Todo resquício de força e resistência que pudesse haver dentro de mim hoje foi drenado por suas palavras. Esmagadas em um único segundo.

Repassando a sentença uma e outra vez em minha mente, eu fechei os olhos, imaginando por que ele simplesmente não enfiava a mão no meu peito e arrancava o meu coração. Doeria menos.

22

SANTIAGO SALVATORE

O sangue imundo de Ramírez já não manchava meus dedos. Os mesmos, que agora tocavam uma Manoela nua sobre a cama. Minha pequena fera era insaciável. Gozava com o que fosse que eu fizesse a ela. Sua boca, boceta. Até mesmo beijos em seus seios, um pouco mais intensos, a faziam se desmanchar sob mim. Não que eu fosse o único a me tornar violento aqui, pensei, ao sentir o ardor deixado pelos arranhões de Manoela em meu torso e abdômen na noite passada.

Ambos estávamos furiosos, cada um pelo seu próprio motivo. E foi o *meu motivo* que fez com que meu cérebro continuasse a voltar até o desgraçado do Ramírez e as últimas palavras ditas pelo infeliz antes que os homens de Manolo o levassem. Falei sério, esse era o meu arrependimento, porra, ter permitido que ele saísse com vida daquele clube. No instante em que olhei para Manoela, e a escutei dizer todas aquelas mentiras, eu soube que não viveria em paz enquanto Ramírez respirasse.

Ela foi minha antes de ser sua.

Isso foi o que ele cuspiu entre um grito e outro de dor. O que me paralisou por um breve instante, para, em seguida, tirar-lhe a consciência com um único soco. Mas não era dor que eu pretendia lhe causar, e se não fosse Manolo a me arrastar para longe, eu sabia exatamente o que teria acontecido.

Ela foi minha antes de ser sua.

Caralho, eu me conhecia. E sabia que seria incapaz de esquecer essa merda. Porque, mais do que violento, eu era rancoroso. E foi todo esse rancor que ditou o sexo da noite passada. Manoela estava entorpecida, gritando que eu era um monstro. Mas bastou um beijo mais forte, uma puxada em seu cabelo para que o meio de suas pernas ficasse molhado. Então nós dois cedemos. Cada um passando por cima do próprio orgulho para estar juntos.

Porque o meu lado racional, o que estava ciente e atento a mulher infernal que Manoela era, não pretendia perdoá-la por ter mentido. Eu sabia que ela tinha estado com outro homem antes de mim, mas não imaginei que esse filho da puta pudesse ser o Ramírez.

Eu jamais teria tocado na infeliz se soubesse.

Escorregando o dedo pelo seio redondo de Manoela, eu o arrastei até a sua tatuagem. Sua pele não tinha perdido o calor do sexo violento que fizemos, antes que ela caísse exausta ao meu lado. Nem mesmo o meu gozo foram limpos dela ainda, e eu gostava que fosse assim. Agora mais do que nunca, queria que ela cheirasse ao homem que a possuía.

— Seria muito mais fácil se você não fosse tão gostosa, porra — murmurei, irritado por querê-la de novo.

Firmino estava certo, eu só podia estar perdendo a cabeça. Porque, quanto mais descobria a respeito do passado e as mentiras de Manoela, mais sedento e possessivo eu me tornava.

Uma prova sobre suas verdadeiras intenções era tudo o que eu precisava, lembrei-me. Uma única, e todo o tormento chegaria ao fim. Foi esse o pensamento que me fez saltar da cama e ir cuidar dos meus negócios.

Frustrado, passei a mão pelo cabelo e levei o notebook até a mesa da antessala. Devo ter trabalhado em cima dos mapas e dados, por pelo menos três horas, porque, quando dei por mim, a madrugada tinha dado espaço ao dia que amanhecia.

Não muito tempo depois das seis da manhã, eu acabei recebendo a ligação que esperava. Recostado contra a cadeira, eu ignorei o telefonema. Conhecia o infeliz, e sabia que ele não desistiria enquanto não conseguisse falar comigo.

— Ochoa — saudei-o, ao finalmente atender. — Gostaria de dizer que é um prazer falar com você, mas nós dois sabemos que... não é.

O miserável estava nervoso, e com razão.

— *Eu vi o que fez a Ramírez* — declarou. — *Isso não vai ficar assim.*

— Você nunca me surpreende, Ochoa. Enquanto fazia seu sobrinho gritar, e lhe ensinava uma bela lição sobre não tocar na mulher alheia, eu quase podia imaginar o quão irritado você ficaria quando soubesse. Isso me fez cortar o segundo dedo, depois o terceiro... Não costumo mentir, você sabe. Deixá-lo irritado é algo que me... proporciona uma enorme satisfação.

— *Você é um filho da puta doente.* — A forma como me chamou, fez-me lembrar de Manoela.

— Não tenha dúvida. E se não estiver satisfeito com o estado em que deixei Ramírez, é só dizer, porra. Dar cabo da vida dele não será problema

nenhum, pelo contrário.

Era o que eu faria de qualquer maneira. Mais cedo ou mais tarde.

MANOELA GARCÍA

A ameaça feita por Santiago ao telefone fez-me ter certeza de que, no outro lado da linha, quem o escutava era Ochoa. O que me fez hesitar por um instante antes de me aproximar dele por trás. Com os braços cruzados em frente ao meu corpo, procurei não fazer barulho ou chamar sua atenção. Principalmente, porque o *bicho-papão* parecia mais atento ao telefonema do que ao mapa aberto em seu computador ou a folha rabiscada sobre a mesa.

Rua Filipinas.

Número 508. Galpão central...

"O que isso significava?", pensei, desviando meu olhar ao ver que Santiago me encarava. Forçando um sorriso, eu toquei seus ombros. Massageando-os enquanto fingia não ter visto absolutamente nada.

— Você não é estúpido, Ochoa. Me conhece melhor do que isso, e sabe que a vida do seu sobrinho vale tanto quanto a de qualquer mendigo. — Ele se levantou, bruscamente, empurrando a cadeira para trás e me fazendo recuar. — Essa é a última vez que te dou esse aviso: outra de suas ameaças e eu farei questão de cavar eu mesmo o buraco em que você será jogado. Entendeu?

Estática em meu lugar, eu mantive meus olhos sobre o mapa. Passei o

olhar pelas ruas, tentando reconhecer o local, mas tudo o que identifiquei foi o bairro que a tela retratava. Voltei minha atenção ao papel, e reli as informações. Gravando-as em meu cérebro.

Rua Filipinas.

Número 508. Galpão central...

As palavras se repetiram, para que eu não as esquecesse, o que se mostrou útil, pois assim que Santiago notou meu interesse, ele se aproximou e fechou o notebook. Rasgando a folha em seguida, e jogando o que restara do papel na lixeira.

O que fosse que esse endereço significasse, eu tive certeza de que era a razão pela qual estávamos aqui. Ochoa precisava saber ainda que as chances de se tratar de algo relacionado a Juan Carlos fossem mínimas. Quero dizer, quem em sã consciência se esconderia justamente no país inimigo?

Não fazia sentido.

Com o olhar fixo no notebook fechado, eu tentei me lembrar de alguma outra possibilidade. Algo relacionado ao que tenha escutado nos últimos dias. Mas tudo o que veio a minha mente, foi o carregamento roubado de Santiago.

Mas não, ele não seria tão louco! Ou... seria?

Passei a mão pelo meu pescoço. Sentindo a pele dolorida, marcada pela força com que ele me tomou na noite passada. E todas as horas em que me manteve debaixo do seu corpo pesado. Eu ainda podia senti-lo entre as minhas pernas, droga! Não foi sexo, ou nada parecido com o que fazíamos. Foi castigo.

— Manoela? — Olhei para o lado. Vendo que ele já tinha me chamado uma vez e eu não havia respondido de tão distraída. — Você terá que tomar o café da manhã sozinha, eu tenho alguns últimos acertos a fazer com Manolo no clube e assim que terminar nós voltamos para Sinaloa.

— Ainda hoje? — perguntei, olhando a mesa posta do café. Parecia ter de tudo.

— Essa é a ideia. — Assenti, não querendo parecer preocupada, mas não devo ter feito um trabalho muito bom porque Santiago se aproximou avaliando-me. E sem que eu esperasse, beijou minha boca dormente. Seus dedos procuraram pelo meu cabelo, puxando-os com a mesma intensidade com que esse homem comandava o seu mundo.

Ofeguei em um protesto, quando ele me pegou no colo e me colocou sobre a mesa.

— Não pode ficar só mais um pouco? — O homem negou, acariciando o meu mamilo exposto.

Tudo o que me cobria no momento era a calcinha e uma de suas camisas que eu havia simplesmente jogado sobre os meus ombros.

— A única coisa que eu gostaria de comer essa manhã, *amor*, é você. Só que acho impossível que não esteja... dolorida. — Eu estava. — É melhor

que seja assim, eu me conheço. Se começar qualquer coisa com você agora, eu não serei capaz de parar.

— Se você não tivesse que ir, não haveria necessidade de parar...

— Mas eu preciso — disse, sem me dar nenhuma outra informação relevante, fitando-me como se enxergasse cada pedacinho meu por dentro.

Desconcertada, eu olhei para o lado e peguei uma das uvas a fim de provar. Eu não tinha percebido até então o quanto estava faminta. Era difícil pensar, ou dar voz a qualquer outra necessidade quando estava na presença de Santiago. Ele tinha o poder de dominar tudo.

— Por que está me olhando dessa forma? — perguntei, sentindo o azedo da fruta explodir em minha língua. — Fiz algo? — Santiago estreitou os olhos, mas antes de dizer qualquer coisa, eu levei o outro pedaço da uva até a sua boca fazendo-o prová-la.

E ele fez, sugando não apenas o pedaço da fruta como também a pontinha dos meus dedos.

— Isso é você quem tem que me dizer, *amor*. — Com uma pequena mordida que foi além da fruta, eu puxei minha mão de volta enquanto tentava encontrar sentido em suas palavras. — Termine o seu café, você não tem se alimentado direito nos últimos dias. Eu vou me vestir.

Vi-o se afastar, sem condições de rebater sua afirmação. Até porque, desde que chegamos ao Texas, o meu estômago se mostrou mais sensível do que o normal.

Paciente, eu esperei até que a porta do banheiro se fechasse e corri na direção do meu celular, que se encontrava ao lado da cabeceira. Com o

aparelho já em mãos, eu aguardei até que pudesse ouvir o barulho do chuveiro e só então disquei o número que havia decorado de Ochoa.

Dando-me conta tardiamente de que... Santiago nunca havia sido tão descuidado com nada relacionado a seus negócios. O mapa, o endereço... Tudo ali, bem na minha frente para que eu pudesse ver. A menos que essa tenha sido a sua intenção.

Olhei mais uma vez para a porta trancada, a um passo de apertar o botão e completar a chamada, quando desisti da ideia.

Porque agir dessa forma seria justamente o que eu faria se estivesse desconfiada. Eu testaria meu oponente, o faria se entregar. E se Santiago estivesse minimamente certo sobre sermos feitos do mesmo material, então ele agiria como eu.

O filho da puta estava me testando!

***

Depois de quase dois dias sem colocar meus olhos sobre Javier, eu o vi entrar no quarto da suíte como se absolutamente nada tivesse acontecido. Sem dizer nada referente a discussão com Santiago, ele pediu para que eu separasse as malas e que me arrumasse, pois Santiago já se encontrava à minha espera no estacionamento do hotel. O hematoma em seu rosto era apenas outra amostra do que Santiago era capaz, não que me surpreendesse.

Ao terminar, segui atrás de Javier enquanto me perguntava que tipo

de negócio Santiago precisou resolver para que o levasse perder todo o dia. Esse foi o momento em que o celular em meu bolso vibrou, quando ainda estávamos no elevador. Olhei para a frente, vendo a expressão atenta de Javier, e em seguida li a mensagem de Ochoa:

Acabei de descobrir o que aconteceu, sua infeliz.

Ao que Ochoa se referia?

Como deixou escapar uma informação como esta?

Eu não poderia digitar uma resposta agora, não com Javier tão perto. Por isso, a contragosto, abri a imagem que Ochoa enviou em seguida.

Que nada mais era do que o link que levava à página de um site noticiando o ataque a um dos principais galpões da DEA. Um, que havia deixado dez agentes feridos, e pelo menos três civis mortos. Isso tinha acontecido no começo dessa tarde, poucas horas atrás.

Cometa mais um erro como o desses últimos dias, Manoela, e eu juro que eu mesmo a mato.

Com os dedos tremendo, eu apaguei mensagem por mensagem, sentindo a garganta secar. Eu não podia me preocupar com Ochoa nesse momento, não estando prestes a encarar Santiago. Por isso, respirei fundo e tentei apagar os últimos minutos da minha mente, fingindo que estava tudo, perfeitamente, bem.

— Você continua brincando com fogo... — Javier grunhiu, contrariado.

— Não sou o único aqui, sou? — Encarei-o, forçando-o. — Santiago não gosta da forma como me olha, mas você continua fazendo.

— A questão não é mais como eu te olho, Manoela. E sim como você reage a isso. — Calada, eu o encarei até que percebi que ele também o fazia. Por sorte, as portas do elevador não demoraram a se abrir. — Vamos, Santiago não quer chegar tarde ao aeroporto.

Ao sair do elevador, eu me deparei com um imponente carro à nossa espera no estacionamento. Caminhamos até ele enquanto permitia que Javier abrisse a porta para que eu entrasse, vendo-o contornar o veículo e assumir a direção em seguida.

Assim que me sentei no banco de couro confortável e avistei o seu rosto, eu fiquei boquiaberta. Havia um corte no lado direito dele, algo que parecia já ter sido visto por algum médico. Além do sangue em sua camisa.

— Você está... bem? — Santiago levou o cigarro até a sua boca e o tragou.

— Melhor impossível. — Me ofereceu o cigarro, algo que nunca fazia. — Venha aqui.

Olhei para a frente, incerta sobre obedecê-lo.

— Manoela?

— Como isso aconteceu? — perguntei ao me aproximar devagar.

Negando o cigarro, enquanto estendia a mão para tocá-lo, fiz com que a expressão de Santiago se tornasse indecifrável.

— Fazendo o que eu faço de melhor. — *Claro.* — Vem, Manoela. — Ele se referiu ao seu colo. E quando me sentei, o vidro da frente magicamente subiu, impedindo que fôssemos ouvidos e vistos. — Agora me beije. — Santiago estava suado, com o corpo inteiro quente.

Era assim que esse homem ficava a cada vez que voltava para casa com sangue em suas mãos. Era como se a violência o excitasse, e o incitasse a ser mais brutal. Só que na cama, completamente dentro de mim.

— Vai te machucar...

— Não, não vai. Agora faça, Manoela. Me beije, porra — pediu, segurando com força a minha nuca.

Com as mãos em seu pescoço, eu inalei o seu cheiro. O aroma masculino de sua colônia seguia forte. Gostoso. Beijei Santiago com todo cuidado para não o machucar, toquei seu lábio devagar, um beijo depois do outro. Até que ele perdeu a paciência e me beijou com vontade. Enfiando as mãos entre as minhas pernas.

— Eu estava louco para fazer isso desde a hora em que acordei, caralho! — Seu dedo me penetrou por baixo do vestido e arqueei meu corpo.

Eu estava tão perdida. Bastava isso para que eu o quisesse dentro de mim.

— Você... eu quero você. — Não seus dedos, ou sua boca. Eu o queria inteiro dentro de mim.

Montei em seu colo, vendo-o recostar contra o banco de couro do carro e me deixar fazer todo o trabalho. Santiago tragou o cigarro novamente, a fumaça preencheu o pequeno espaço. Desafivelei o cinto, puxei seu pau para fora e me sentei sobre ele de uma só vez sentindo-me ser rasgada de dentro para fora.

Toda a espessura grossa de Santiago latejou em meu interior, e eu me vi tão sensível que... podia jurar ter sentido o sangue correr por cada uma das veias inchadas do seu membro. Nós dois gememos; o som que escapou de sua garganta saiu mais como um grunhido animalesco do que qualquer outra coisa. Foi um sexo duro, rápido. Tive meu cabelo puxado para trás. Meu corpo arranhado por suas mãos sujas de violência. O sangue seco em sua camisa manchou minha pele, minha roupa. Mas, principalmente, a minha alma.

Foi assim que eu me senti depois que gozei. Manchada por esse homem.

Arruinada.

Ofeguei, buscando apoio em seus ombros. Onde afundei o meu rosto e tentei recuperar o fôlego. Eu ainda estava com Santiago inteiro dentro de mim, que mesmo após o gozo seguia duro.

Recusando-me a olhar em seu rosto, eu permaneci em seu colo.

Aninhada enquanto ele acendia outro cigarro. Pele com pele. Cheiro de tabaco e gozo ao redor.

— Nós poderíamos ter feito isso durante o voo, mas acho que você não faz o tipo que curte sexo nas alturas... — Tentei soar despreocupada, enquanto mal podia controlar os solavancos que sentia meu coração dar dentro do peito.

— Isso não é um filme, Manoela.

— Ou um livro... — conclui, ao me lembrar de uma ou outra história com cenas assim. Romances não eram o meu gênero literário favorito, a verdade é que, pelo meu próprio bem, eu sempre optava por fantasia. Um mundo que não existia, uma outra realidade... mesmo que utópica. Sim, eu preferia isso a histórias que sempre pregavam finais felizes.

Porque a verdade é que eles não existiam.

— E você não vai me salvar no final, não é? — murmurei enquanto ele afagava o meu cabelo com a mão em que não segurava o cigarro.

— Não, amor, eu não vou.

Sorri, apática. De que adiantava, afinal, Santiago me salvar do mundo quando o monstro da história era ele?

— Pronta para voltarmos para casa?

Há quanto tempo, eu não tinha um lugar para chamar de casa?

— Sim. Eu estou.

Uma parte de mim desejou acreditar nele e, realmente, ir para casa. A

outra, rezou baixinho para que Ochoa estivesse certo e que tudo isso estivesse perto do fim, porque eu já não sabia quem eu era.

23

Um mês depois...

MANOELA GARCÍA

Olhei para fora da janela do carro que Javier dirigia, tão aérea que não conseguia identificar onde estávamos. A ordem tinha sido clara, ele me levaria até o hospital e, em seguida, de volta para casa. Só que eu não queria voltar, não depois da consulta de hoje.

Nós podemos abrir o envelope agora, e conversarmos sobre o resultado...

Tinham sido as palavras da minha doutora, as mesmas palavras que me fizeram pegar o envelope sobre a sua mesa e sair do seu consultório sem dizer absolutamente nada. Lembro-me de ter me trancado no banheiro, pensado mil vezes antes de rasgar o maldito envelope, mas desisti da ideia no último minuto.

Porque, lá no fundo, eu sabia o que encontraria escrito ali, só não estava pronta para lidar com esse pequeno problema ainda.

Acho que nunca estaria.

Você precisa ter certeza... precisa fazer algo...

Eu não precisava de certeza nenhuma, só precisava esquecer e fingir que nada disso estava acontecendo comigo.

— Manoela? — A voz de Javier no banco da frente fez-me recobrar a razão. — Está tudo bem?

Assenti, mecanicamente. Olhando-o através do retrovisor.

Um mês havia se passado desde que voltamos do Texas, e tanto quanto podia as coisas se mantinham calmas. Ochoa seguia cada vez mais insistente, cobrando-me por informações que eu não tinha como dar. Não se quisesse agir com cautela. Além do quê, Santiago e eu andávamos distantes. Confusos. A viagem me fez perceber o quanto eu tinha ficado vulnerável em relação a ele, a confirmação assim como todas as consequências que vinham com ela eram a razão de eu estar sentindo-me tão fora do ar.

Como agora, em que eu tentava trazer à tona onde posso ter falhado para chegar a situação na qual me encontrava. Sempre fui tão rigorosa... mas remédios falhavam, certo? Principalmente quando se esquecia de tomá-los ou o nervosismo se tornava tão insistente que nada permanecia por muito tempo em meu estômago.

Vinha sendo assim desde que pisei nessa casa, afinal.

— Tudo ótimo — menti, desviando os meus olhos dos dele.

Não era como se eu *não* tivesse opções, certo? Eu poderia... O pensamento foi interrompido quando Javier estacionou na vaga de sempre. Eu não tinha notado que já tínhamos chegado, nem há quanto tempo estava parada dentro do carro.

Ele se virou para trás.

— Você sabe que pode confiar em mim, não é?

— Sua lealdade é dele, não minha — falei, magoada comigo mesma.

Estava prestes a sair quando ele acrescentou:

— Minha lealdade é sua, se a quiser. Você não anda bem desde que

voltou do Texas... está na cara que tem algo acontecendo. Santiago pode ignorar, mas eu não vou fazer o mesmo.

Até ele sabia que Santiago vinha ignorando minhas crises... fosse de raiva ou...

— Você não pode me ajudar.

— Se me disser o que está acontecendo, talvez eu possa.

— Você não pode, acredite em mim. A menos que consiga apagar todo o maldito passado e trazer os mortos à vida, nada do que fizer poderá me ajudar. Eu... — *Eu estava destruída.*

De tantas formas, que Javier não podia sequer imaginar.

— Manoela? Está me ouvindo?

Eu o encarei.

— Onde Santiago está?

Ele se conformou em não receber uma resposta.

— No estábulo.

Era na direção contrária que eu iria então. Em vez de subir pela escadaria da ala de Santiago, eu entrei pela entrada principal, escolhi a melhor das garrafas no bar pessoal de Mercedes e subi. Foda-se, eu queria a bebida mais forte hoje. Qualquer coisa que me fizesse apagar.

Dirigindo-me até a suíte, eu entrei e deixei que a porta batesse, vendo-me finalmente sozinha. A bolsa a tiracolo foi jogada sobre a cama enquanto

eu me servia de uma dose direto da garrafa e procurava pelo envelope. Encarei-o, sentindo raiva. Achei melhor escondê-lo até que estivesse minimamente preparada para abri-lo.

Algo que nunca aconteceria.

Infelizmente, eu não estava conseguindo fingir muito bem essa manhã. Porque a possibilidade de ter sido tão descuidada voltou à mente repetidas vezes. Obrigando-me a tomar outra dose a cada vez que a realidade me batia. Dessa vez, eu queria me punir, ser a única a me castigar.

Todo o esforço que fiz, tudo o que sacrifiquei seria em vão, pensei em pânico. Olhei para a lâmina debaixo do travesseiro com o mesmo fervor com que olhava quando Santiago dormia ao meu lado. Seria tão fácil, então por que eu simplesmente não fazia?

A pressão de Ochoa sobre mim vinha sendo como um relógio, ele queria algo e eu queria lhe dar. Mas Santiago não compartilhava nada. Teste ou não, ele tinha ficado ainda mais fechado sobre os negócios depois da viagem.

Irritada, eu joguei a garrafa longe. O cheiro de álcool preenchendo o quarto. Então eu enlouqueci. De raiva e desespero, mas principalmente de medo.

Porque o resultado naquele exame mudaria toda a minha vida.

Apertei a lâmina com força e rasguei fora a fora o lençol, com a mesma gana com que gostaria de fazer em minha pele. Ou no coração daquele homem. Fiz isso até que as plumas do colchão se espalhassem com o vento que entrou pela sacada. Penas e mais penas, sobrevoando a cama. Mas

eu não estava satisfeita, eu precisava machucar alguém. Causar a mesma dor que eu sentia.

Eu queria morrer.

SANTIAGO SALVATORE

Firmino caminhou de um lado ao outro, agitado. Havia muito trabalho a ser feito, o que incluía cinco carregamentos fechados a serem enviados para os Estados Unidos nos próximos dois dias, e ainda assim ele não conseguia disfarçar o seu fodido descontentamento. Era como se a presença de Manoela soasse cada vez mais perturbadora para Firmino. E eu o entendia.

Porque compartilhava da mesma inquietude e necessidade de colocar algum espaço entre nós dois, antes que me deixasse levar e *fodesse* com tudo.

— A cadela está estranha — deu voz ao que o preocupava.

— Não a chame assim — retruquei, irritado. — E sim, ela está estranha. Acabei de enviar uma mensagem a Javier perguntando se eles já chegaram... — Manoela tinha estado aérea esta manhã e, para o desespero de todos, o silêncio daquela mulher soava mais alto do que os seus gritos.

— Não me refiro apenas a hoje, Santiago. A garota anda estranha desde que vocês voltaram. — Ele estava certo.

Os surtos, os pesadelos cada vez mais constantes. A porra da forma como ela me olhava, como se de alguma forma machucasse. Não que estivesse sendo fácil para mim, eu ainda não havia conseguido esquecer o que me foi dito por Ramírez e isso era o que vinha tirando-me a porra do sono.

O problema? É que a morte dele seria por todas as malditas razões erradas. O que levaria *El Castillo* a um caminho sem volta e a uma guerra declarada aos Ochoa.

— Ela tem bebido e falado demais... até Mercedes notou. Não acha que está na hora de... — *Livrar-me dela.*

— Ainda não.

— Quando então, porra? Quando ela foder com todos nós? — Firmino não fazia ideia, mas quando disse a Manoela que não pretendia deixá-la ir *ainda,* eu tinha falado sério.

Principalmente porque eu não conseguia deixar de esquecer o fato de que a garota teve a chance de foder comigo e com os meus negócios. E não o fez. Uma palavra mal colocada, qualquer informação dita a pessoa errada, e tudo teria voado pelos ares. Eu poderia estar preso agora, porra.

Só que Manoela não abriu a boca, ela só... pirou depois daquele dia.

— E quanto ao que Ulisses descobriu, você ainda não me disse nada.

Não disse porque nem eu mesmo havia compreendido o significado das imagens que ele tinha arranjado de Manoela, dias depois de voltarmos do Texas.

Abri o cofre protegido por uma imensa pintura, e peguei a pasta com as fotos. Jogando-as sobre a mesa.

— Isso foi tudo o que ele encontrou.

Firmino a abriu, contraindo o queixo em seguida. Atento as fotos retiradas da câmera de monitoramento do Aeroporto Internacional de Culiacán.

Verificando a data, ele finalmente disse:

— Isso foi o quê, um mês antes do seu aniversário? — Assenti. Manoela entrara no país semanas antes de nos conhecermos e, infelizmente, isso era tudo o que eu tinha sobre ela. Além das poucas verdades em meio a tantas mentiras que me dizia diariamente.

— De onde era o voo que ela veio?

— França.

Firmino assoviou.

— Ela mentiu para você sobre o pai, então? — Era algo que eu vinha tentando descobrir. Porque sua dor não me parecia uma mentira, aliás, sua dor era a única coisa que soava minimamente verdadeira na garota.

— Ou não, e ela realmente voltou porque o pai foi morto. — Dei de ombros.

— Isso é o que você acredita ou está se esforçando em acreditar? — Firmino indagou, nervoso. — Tenho você como um filho, Santiago. Odiaria que algo lhe acontecesse, não é a primeira vez que temos essa conversa e duvido que seja a última, mas porra... essa garota cheira a problemas. Basta olhar para ela.

De Firmino, eu voltei minha atenção para as imagens jogadas sobre a mesa. As mesmas perguntas a me atormentarem: Por que Manoela voltou ao país e quem realmente era o seu pai?

A linha de raciocínio foi interrompida quando o telefone de Firmino tocou, e ele me encarou. A troca rápida de palavras e a garantia de que me informaria sobre o que estava acontecendo, chamou a minha atenção.

— O que foi agora?

— Era James. De acordo com ele... sua garota está causando alguns problemas dentro da suíte.

Era só o que me faltava, caralho! Levantei-me e me dirigi até a suíte o mais rápido possível. Depois, é claro, de dispensar Firmino. Tê-lo comigo só a deixaria mais nervosa, e até que eu soubesse com o que estava lidando, eu preferia estar a sós com Manoela.

Subi os degraus da ala privada, e ainda da varanda pude observar a destruição feita. A infeliz tinha colocado o lugar no chão. Havia cortes em suas mãos, do vidro quebrado, sangue em seu rosto e uma expressão tão perdida em seus olhos, que por um momento eu me perguntei se ela não tinha tentado tirar a porra da própria vida.

Sem pensar direito, eu caminhei até Manoela. E a fiz me olhar. Pequenos arranhões eram tudo o que havia em seu rosto. Nada além disso. Toquei o seu corpo, procurando por algum outro corte. Jurando a mim mesmo que lhe tomaria a lâmina assim que fosse possível. Eu não confiava a minha vida a essa infeliz, a dela... muito menos.

Manoela era louca. Eu podia ver traços da mesma selvageria dentro de seus olhos. Só que diferente de mim, ela não queria machucar ninguém além de si mesma.

— Diga-me o que aconteceu. — Recusou-se a me responder. — Manoela? — voltei a perguntar, apreensivo.

— Eu estraguei tudo — admitiu, sem fazer sentido. — Ele nunca vai me perdoar... e a culpa é sua!

— Quem não vai te perdoar, porra? Quem? — Tentei fazer com que parasse de se debater e fizesse algum maldito sentido.

— O meu pai — murmurou tão baixo, que quase não a escutei.

— Seu pai... morto? — A garota me encarou, e a velha raiva pareceu se apossar dela fazendo-a reagir e lutar comigo. Bater em meu peito até se cansar. E, então, ela se afastou, obrigando-me a segui-la até o quarto, cujo estado era ainda pior. Manoela, por sua vez, pisou nos cacos desorientada e praticamente nua. Como sempre.

Dentro do cômodo, o cheiro de álcool era infinitamente mais forte, confirmando o que eu já suspeitava: ela estava bêbada, merda.

— Vai me explicar o que está acontecendo aqui? — Eu a segurei, impedindo-a de ir até a sacada do seu quarto e fazer um escândalo ainda maior. — Por que seu pai não te perdoaria? Por que nada do que diz faz sentido, porra?

— A culpa é sua — voltou a repetir ao me encarar. — Eu nunca deveria ter permitido que me tocasse, que me tomasse *meus* beijos ou qualquer outra parte do *meu* corpo. Porque agora... agora eu não tenho nada, Santiago. Nem a mim mesma! — gritou, em choque. Completamente fora de si. — Eu deveria ter te ouvido, porque você estava certo quando disse que eu me arrependeria de te conhecer. Eu me arrependo, e não há nada que eu faça que mude a forma como me sinto. Nada que arranque você aqui de dentro! — Ela apontou para o próprio coração.

— Esse é o problema? — A garota sacudiu a cabeça e se sentou no sofá, trazendo as pernas para cima. — Você é minha e isso a deixa louca?

Manoela se mostrou agitada, inquieta. Se eu não a conhecesse, e soubesse que cocaína não era permitido aqui dentro, eu poderia dizer que ela estava drogada.

— Não. Esse não é problema — respondeu ao me encarar. — O problema, Santiago, é que eu sinto coisas que não deveria. — Aproximei-me dela, com cautela. — E se por acaso, essas coisas... forem amor? Eu não sei amar... — disse baixinho, como se a ideia a deixasse perplexa. — Eu não posso amar!

Suas palavras me paralisaram, enquanto tentava descobrir que merda estava acontecendo. Só o álcool não poderia tê-la deixado dessa forma, tinha algo a mais por trás. Caso contrário, a palavra *amor* sequer teria escapado de sua boca.

— Eu não estou pedindo que me ame. — Nunca pedi.

— Você não entende! — gritou, como se o único a não fazer sentido aqui fosse eu.

— O que eu não entendo?

— Eu te odeio, realmente odeio. Mas quando estou longe... sinto que falta uma parte aqui dentro. — Ela voltou a apontar para o próprio peito. — É como se eu tivesse sido repartida e entregue a você. Cada pedaço meu... e não havia muitos, Santiago. Nunca houve. — Manoela se levantou, agitada. — Eu estraguei tudo e agora não consigo consertar. Ou voltar atrás e não sentir...

Eu a abracei por trás, querendo silenciá-la. Odiando a confusão em que se encontrava.

— Eu não posso querer você. Não posso! — Seu grito rasgou ao

mesmo tempo que o seu pequeno corpo perdeu resistência, e ela desabou comigo a mantendo de pé.

— Não me queira então, amor — falei baixo, em seu ouvido. — Mas *não me queira*... comigo. Na minha cama e na porra da minha vida. Odeie-me... comigo dentro de você, beijando sua boca. Possuindo cada parte sua que foi repartida. — Manoela se agitou, debatendo-se em meus braços. — Não sinta nada, mas não seja capaz de viver longe de mim. É assim que vai ser — sussurrei enquanto a sentia lutar para respirar.

Tão forte, tão fundo.

— Você vai me destruir e acabar com a minha vida. Eu sei que vai! — rebateu enquanto lágrimas grossas caíam sobre o meu braço. Fazendo-me lembrar do que me disse certa vez.

Eu não choro. Nunca.

O que tinha acontecido então, porra?

Eu a virei para que pudesse olhar dentro de seus olhos, e meus lábios tocaram os seus com o mesmo desespero que Manoela sentia.

— Só se você deixar, amor. — *Só se você deixar.*

Sua boca gostosa se entreabriu, perdendo a resistência, buscando abrigo em meus braços. Escutei-a gemer baixinho, o som sendo abafado pela força com que a beijei. Eu não queria afastá-la, vê-la escapar por entre os meus dedos.

Ou fora de meu controle.

Talvez essa fosse uma forma egoísta de querer alguém, mas era a única forma que eu sabia.

— Não chore — pedi, limpando o seu rosto com o meu polegar enquanto a impedia de se afastar.

Era insanidade, porra, mas eu a queria aqui e agora. Ver finalmente os rastros de sua fragilidade, torceu-me por dentro. Qualquer resistência que existisse em estar com ela, desmoronou no instante em que sua boca procurou pela minha com avidez e necessidade. Deixando claro que eu não era o único fodido aqui.

Éramos iguais até nisso.

MANOELA GARCÍA

Com os braços de Santiago ao meu redor, insistentes e dominantes, eu me mantive sobre a cama enquanto me permitia soluçar de tanto chorar. Eu não teria feito isso de outra forma que não depois de ter ingerido tanto álcool.

E, como se ele me segurasse e protegesse do mundo lá fora, eu tentei imaginar como seria se não estivesse na cama com o próprio *bicho-papão.* Quando Santiago finalmente adormeceu, meus olhos seguiram abertos. O que me deu a chance de ver uma estrela cadente atravessar o céu vermelho de Sinaloa.

— Faça um pedido, Manoela... antes que a estrela desapareça. — A voz do papá *soou em uma lembrança dolorosa. — Peça o que mais quer no mundo inteiro.*

Olhei para ele e sorri fazendo o meu pedido:

— Eu pedi que você esteja para sempre comigo, papá. *Acha que a estrela vai me ouvir?*

Um suspiro cansado lhe escapou, mas ele não me respondeu.

— O que você pediu? — perguntei a ele.

— Não se pode contar o que se pede, minha menina, senão o pedido não se realiza.

Lembro de ter ficado chateada e, noite após noite, ter ido até o lado de fora de nossa casa e esperado por outra estrela passar. Mas ela nunca apareceu...

Até hoje.

— *Faça um pedido, minha menina. Faça.* — Escutei sua voz em minha cabeça.

Eu já não era nenhuma criança, não tinha fé em nada que não na justiça que procurava. Mas, naquela noite, eu cedi e fiz o meu pedido.

Querendo com todas as minhas forças que, dessa vez, ele se realizasse.

***

Quando voltei a abrir meus olhos, o dia ainda não havia amanhecido. E, para a minha surpresa, não era apenas Santiago a estar no quarto. Firmino, o cão de guarda, também se encontrava. Seus olhos passeavam pela bagunça que eu havia feito no dia anterior enquanto seu patrão se vestia às pressas.

Algo havia acontecido.

— O que foi? — perguntei, ignorando o olhar que Firmino lançou diante da minha nudez. O problema é que não havia lençol sobre a cama com o qual eu pudesse me cobrir.

Eu havia jogado tudo no chão.

— Nada — Santiago grunhiu, nervoso. Deixando-me de fora novamente.

Levantei-me às pressas, prestes a segui-lo, mas Firmino se deteve na minha frente.

— Deixe-o em paz. Você já fez estrago demais por um único dia, não acha?

— Diga-me o que aconteceu.

— Não é da sua conta.

— Então eu vou perguntar a ele. — Forcei minha passagem, não dando a mínima para o estado em que me encontrava. Não era como se os seus homens mais próximos já não tivessem visto tudo.

— Você fica. Melhor ainda, você volta para a sua cama... e não saia dela até que Santiago volte.

Apertei meus lábios um no outro, inconformada.

E ao olhar para Santiago no outro lado da suíte, eu percebi que já o tinha perdido. Ele era *todo negócios* novamente.

— Faça o que Firmino mandou, Manoela. E tente não criar problemas. — O homem passou o olhar ardendo em chamas pelo meu corpo nu, mas em seguida virou o rosto.

Como se me desejar fosse um erro.

24

SANTIAGO SALVATORE

Saltei da SUV quando James estacionou na beira da estrada. Puto da vida por ver que a carreta, que deveria ter chegado à fronteira dos EUA, horas atrás, foi incendiada com toda a maldita carga dentro. Firmino, que se manteve calado desde o instante em que deixamos a suíte, me seguiu pela estrada vendo com seus próprios olhos o tamanho do estrago.

Não que ele pudesse ser calculado, a merda tinha sido feia.

Para azar de todos, eu estava com um humor do cão. Era madrugada ainda, e o episódio só não havia sido denunciado porque o general VilaReal interferiu, caso contrário o lugar estaria lotado de agentes da Narcóticos e a ineficiente polícia do México. Não sei se essa foi a intenção, mas quem quer que tenha sido o responsável por atacar o fez antes de entrar na jurisdição americana. O que teria sido um problema infinitamente maior.

Prevendo uma possível emboscada, eu saquei a arma e rodeei a carreta em busca de corpos.

— É nosso? — perguntei a Firmino, que assentiu. O homem no chão ainda respirava, mas não acho que sobreviveria por muito mais tempo.

Empurrei sua perna, para ver se ele reagia. Mas tudo o que fez foi gemer.

— Você viu quem o atacou? — Ao se esforçar, um líquido escuro escorreu de sua boca. Merda. Abaixei, fechando os seus olhos e ao me levantar dei a ordem a Firmino, para que ele o fizesse enfim descansar.

Olhando ao redor, as marcas de pneus, os tiros na carreta. Percebi que a artilharia tinha sido pesada, e que poucos homens dentro do México além de mim a possuíam. Algo me dizia que o ataque, assim como os três últimos, não tinha nada a ver com qualquer um de meus declarados inimigos... e sim ligação com um filho da puta, que eu deveria ter matado quando tive a chance.

Recordei-me das mortes das últimas semanas. Carregamentos sendo saqueados. Grupos rebeldes trabalhando em meu território. Tudo tão militarmente arquitetado...

Dirigi-me até a parte de trás da carreta, tudo exatamente igual à cena dos outros ataques. Dois soldados de Ulisses se aproximaram a fim de cobrir as minhas costas, e enquanto Firmino conversava com o general eu me deparei com o corpo que acreditava ser do motorista. Ele ainda estava no banco da carreta, a pistola em seu colo. Mas foi a ausência de qualquer dedo que me fez parar.

Só havia um homem que retaliaria dessa forma. Aquele cujos dedos eu arranquei.

— Filho da puta! — Firmino olhou na minha direção ao me ver grunhir. — Eu quero aquele desgraçado morto até o final dessa semana. Estão me ouvindo? A partir de hoje, o homem que me trouxer Ramírez Ochoa terá bem mais do que o meu respeito. — Eu queria que a notícia se espalhasse. — Se me trouxerem ele vivo, eu faço o infeliz rico!

— Santiago... — Firmino pediu cautela. — Tem certeza do que está fazendo?

— Nunca tive tanta certeza na vida. E não será apenas a porra de um

dedo que eu arrancarei dele agora, Firmino. Será a vida.

A possibilidade de que os ataques não fossem ocasionados por necessidade de território ou retaliação passou pela minha cabeça. Porque a fúria que vi nos olhos de Ramírez, na última vez que nos enfrentamos, tinha o mesmo nome da mulher que vinha me pondo de joelhos.

— Você vai entrar em guerra com Ochoa se o fizer.

— Que se foda! Estou por aqui com aqueles dois. — Isso, se Ochoa não estivesse ciente do que o sobrinho estava fazendo.

— Ochoa sempre foi leal a Juan, Santiago... quebrar essa aliança agora...

— Você disse bem, ele foi leal a meu pai. Não a mim.

Aproximei-me do general, enquanto dava a ordem para que meus homens espalhassem gasolina na carreta.

— A Narcóticos vai chegar a qualquer momento — ele avisou. — Não seria bom que encontrassem você por aqui.

— Já estou saindo. Eu só... precisava ver com os meus próprios olhos.

— Se quer meu conselho, recue. Você mexeu em um vespeiro que está desencadeando outros. Não é só com a DEA que temos que nos preocupar agora... Os grupos rebeldes estão nervosos. — Claro que estavam. E algo me dizia que quem os vinha deixando dessa forma era o mesmo responsável pelo ataque. — Você tem deixado muita gente furiosa, Santiago.

— Alguém está tentando foder comigo e meus negócios, a única

resposta que terão de mim... é o ataque — deixei claro. — Esse é o momento em que você me fala se está do meu lado ou contra. Porque, quando eu começar, nada no mundo vai me deter.

— Você sabe que estou. — E esperava mesmo, porque a tendência era que as coisas piorassem.

— Fogo! — Um dos homens gritou, fazendo-nos afastar. Depois que Ulisses saiu, pegando a estrada, eu observei de longe o que havia feito para encobrir o que restou do carregamento.

— O que pretende fazer agora? — Firmino quis saber.

— Visitar Ochoa. — Só assim descobriria até que ponto o infeliz estava envolvido nas artimanhas do sobrinho. — Se tiver sorte, eu elimino Ramírez por lá mesmo.

— Eu não vou perder meu tempo tentando te convencer do contrário. — Não iria adiantar de nada mesmo.

— A hora dele chegou, Firmino. Nem que Ochoa implore pela vida do infeliz, eu volto atrás. Ramírez já é um homem morto.

Bati na lateral do carro, dando a ordem para seguirmos, e olhei uma última vez para o retrovisor vendo o fogo incendiar a estrada enquanto a maldição da voz de Ramírez voltava a minha cabeça.

Ela foi minha antes de ser sua...

Ele podia estar certo, eu não tinha sido o primeiro de Manoela. Mas em breve... seria o único homem *vivo* a ter possuído a infeliz. Em todos os sentidos.

— Seu pai vai se opor ao que tem mente, Santiago.

— Dessa vez, eu acho que não.

Juan Carlos podia ser amigo de Miguel, mas ele não era estúpido. Quando ficasse sabendo do que vinha acontecendo, ele aprovaria a minha decisão. Eu o conhecia.

Quando se tratava de vingança, nós éramos iguais.

MANOELA GARCÍA

Acordei com o meu telefone vibrando debaixo do travesseiro, horas depois da saída de Santiago. Após o sexo de ontem e o fato de termos passado o dia inteiro na cama, eu havia apagado. Preguiçosamente, eu olhei para o lado de fora e me senti mal por ter perdido toda a manhã. Em dias normais, eu não dormia tanto. Preferindo usar o meu tempo para vasculhar a suíte ou qualquer outro cômodo dentro da casa que pudesse me ajudar a descobrir algo útil a ser usado contra Santiago.

Levantando-me, eu hesitei antes de atender ao telefonema de Ochoa.

Suas ligações nos últimos tempos vinham cheias de ameaças, e tentativas de me fazer lembrar tudo o que havia perdido. Antes mesmo que eu pudesse dizer *olá*, ele começou:

— Santiago acaba de colocar um preço na cabeça de Ramírez. Tudo, Manoela, absolutamente tudo o que escutar daqui para a frente deverá ser informado, me ouviu? Não quero que deixe passar nada!

— Achei que fôssemos deixar Ramírez fora dos negócios, Ochoa — lembrei-o, respirando fundo a fim de conter a onda de enjoo. — Se esses últimos ataques foram feitos por ele e Santiago descobriu, quem garante que não seremos os próximos?

— Isso não vai acontecer, Ramírez fez o que fez por vingança. Ele não consegue aceitar que você dorme com o filho da puta. Na cabeça do meu sobrinho, você gosta.

Gelei por dentro.

— E talvez ele esteja certo, não é? Você se acostumou a dormir na cama do inimigo...

— Não! — protestei. — Isso é mentira!

— Então prove, Manoela. Prove me dando exatamente aquilo que eu preciso para pôr um fim a todos os Salvatore.

Eu sabia que ele tinha um olho em Alejandro, algo marcado para acontecer. Mas o irmão de Santiago, vivo ou morto, não faria diferença alguma para mim. Não era ele com quem eu deveria me preocupar.

— Faça o seu trabalho e não se esqueça do porquê está aí, minha criança. Lembre-se do seu pai, de tudo o que viu esse homem fazer a ele. E mais ainda, lembre-se a quem você deve a sua vida. — Eu nunca iria esquecer. *— Ingratidão é algo que não perdoo. Me ouviu?*

Eu não era ingrata.

— O que quer de mim?

Eu era a única fazendo tudo errado aqui.

— Quero que me telefone se qualquer coisa soar estranha. Comece com isso, e então eu te direi o que fazer em seguida. E Manoela... se você desistir, Santiago ganha. É o que quer?

— Você sabe que não.

— Então, criança. É bom que pare de mentir para si mesma e termine o que começou. Nada na vida que está levando, é real.

Ochoa desligou o telefone, enquanto o meu coração se enchia de uma raiva já íntima. Uma velha conhecida.

Deixei o quarto, meu estômago ainda mais enjoado, só que antes que pudesse recorrer a água gelada que sempre aliviava o desconforto, eu me detive deparando-me com Mercedes na antessala da suíte.

— Com quem estava falando? Santiago me disse que não tem família por perto.

— E não tenho mesmo — falei, passando por ela. — O que faz aqui?

Não era costume a digníssima avó de Santiago aparecer. Normalmente acontecia o contrário, e ela me evitava como se eu fosse a encarnação de tudo o que mais detestava.

— Você não me respondeu...

— Era engano, quer verificar? — Estendi o celular a ela, em uma atitude arriscada. Porque eu ainda não havia apagado a ligação.

— Não há necessidade. — A escutei dizer após fitar o aparelho.

— Santiago ainda não voltou, se é por ele que procura.

— Não é — revelou. — Estou aqui para ver você. — Eu a encarei, agora com o copo de água em minhas mãos. — Notei que as garrafas de álcool dessa casa têm desaparecido. E só hoje fiquei sabendo que meu neto deu a ordem para que os empregados as guardassem. — Ela notou, contrariada, a bagunça ao redor do quarto. — Qual é o problema agora?

— Nenhum.

— Está infeliz aqui? — Voltei e encará-la. — Está pronta para deixar o meu neto?

Claro que a razão de sua vida não seria a sua preocupação comigo. Eu não era Rosa, ou alguém com quem ela se preocupasse.

— A senhora deseja tanto me ver saindo da vida dele... que não consegue nem disfarçar.

— Eu *não tenho* por que disfarçar, querida — declarou. — A verdade é que se você saísse por bem, seria muito mais fácil para todos dentro dessa casa.

— Santiago nunca vai me deixar ir. — Não com vida.

— A menos que alguém *peça* por você.

— E esse alguém seria a senhora? Não, obrigada. Eu não quero ir embora, estou muito bem onde estou.

Os olhos negros se estreitaram, em desagrado.

— Rosa me contou uma coisa esses dias, algo que me deixou preocupada.

Eu não a encarei, porque sabia o que Rosa tinha lhe dito. Fui burra por não ter avisado a infeliz o que aconteceria a ela se abrisse a boca para alguém, depois de ter me visto passar mal.

— Ela disse que você tem andado... enjoada. — De todos com quem não desejava ter essa conversa, Mercedes era a principal delas.

Principalmente ao ver a forma sinistra com que encarou o meu

abdômen.

— Tenho o estômago sensível. — E tinha mesmo.

Mercedes se aproximou, eliminando a distância entre nós duas.

— É bom que tenha mesmo, querida. Melhor um estômago sensível do que não ter nenhum.

Outra de suas ameaças veladas. Assim era Mercedes, a católica fervorosa.

Fiquei sozinha, enquanto a porta da frente bateu com força. Outra dose de algo muito mais forte era o que eu precisava. Porque o álcool até agora não tinha feito nada, sequer resolvido qualquer um de meus problemas.

Depois de passar na cozinha da casa principal, e vasculhar tudo sem encontrar nada, eu tive outra ideia, uma um pouco mais ardilosa. E sem pensar demais, eu me dirigi até o quarto de Rosa. Entrei sem bater ou pedir licença, deparando-me com fotos dela com Santiago, Mercedes. E uma garotinha que só poderia ser Celeste.

Pois que fosse, todos iriam queimar, pensei ao jogar as fotografias no chão, nervosa porque a sonsa não perdia uma chance de tornar a minha vida miserável dentro dessa casa.

— O que pensa que está fazendo? — Escutei sua voz, quando estava a um passo de atear fogo ao montante de coisas que juntei. — Manoela?

Deixei que o fósforo caísse, e entrei na sua frente quando ela tentou escapar fechando a porta do quarto conosco dentro.

— Hoje... nós vamos aprender uma lição, Rosa. Uma que eu aprendi muito cedo. Tenho certeza de que já ouviu o ditado *em boca fechada não entra moscas*, não é? — Seus olhos se arregalaram. — No seu caso, eu mudaria um pequeno detalhe... Boca fechada... não perde os dentes. Porque é isso o que vai acontecer se você continuar falando coisas que não sabe a meu respeito. — Eu a empurrei, com força.

— Você está louca... Não sei como Santiago...

— Santiago, claro. Tudo por causa de Santiago! Quando irá entender que aquele homem não te quer, Rosa? Que é comigo que ele dorme e se levanta? Comigo que ele fode até cair exausto...

— Você é uma vadia.

— Sou. Sou isso e muito mais. E quer saber de uma coisa? Santiago gosta... ele gosta tanto, que não consegue se livrar de mim.

— Você não significa nada, Manoela. Talvez não tenha entendido ainda, mas Mercedes e Juan nos querem juntos. E Santiago os respeita, é isso que mais cedo ou mais tarde vai acontecer. E quando acontecer, não será porque sou a puta que dorme com ele, será porque serei a sua esposa. A mãe dos filhos dele. A dona... dessa casa.

A mãe dos filhos dele. Ela?

Pensei nos planos que todos faziam pelas minhas costas, de tudo o que já poderia estar premeditado e tentei respirar fundo ao entrar em pânico. Tão fundo que doeu por dentro.

— Você está errada. — Ri amarga, essa era sempre a melhor forma de me defender. — Tão errada, que não pode sequer imaginar. — Estava

começando a ficar quente dentro do quarto, e Rosa percebeu.

— Deixe-me sair, sua louca! Santiago vai te matar quando descobrir o que está fazendo...

— Santiago já deveria ter me matado há meses e eu ainda respiro, Rosa. Isso é com o que deveria estar preocupada. — Ela se calou, olhando séria para o meu rosto. — Acha mesmo que eu não sei que essa sempre foi a intenção dele? Que se eu estou aqui de pé... é porque ele quer?

— É só sexo! — rebateu.

— Se você não estivesse tão preocupada em se manter intocada, saberia que nunca é só sexo. Ainda mais com um homem como Santiago.

As palavras não deveriam ter saído tão duras ou cínicas, o fato é que saíram. O calor dentro do quarto obrigou-me a olhar para a frente assistindo o fogo queimar atrás de Rosa.

Dei um passo em sua direção, deixando-a verdadeiramente assustada.

— Mercedes nunca irá permitir que ele fique com você, não importa o *que tente empurrar* para Santiago... ninguém vai acreditar que é dele. Mulheres como você são piores que prostitutas.

Eu sabia exatamente o que me fez avançar sobre Rosa, uma única palavra mal escolhida e ela teve o seu bonito rosto arranhado e os seus cabelos puxados. Ser chamada de prostituta era algo que jamais aceitaria, porque me fazia lembrar a infeliz que me tinha trazido ao mundo. Ela era a *prostituta* aqui, não eu. Com seus gritos soando altos e escandalosos, não foi surpresa alguma ter sido arrastada para longe da infeliz após a porta ser chutada e aberta.

— Que porra, Manoela! — Javier me segurou, enquanto outro segurança adentrava o quarto em uma tentativa de apagar as chamas de fogo. Que nem eram tão altas assim...

Obrigando-me olhar para ele, Javier avaliou os meus olhos. Como se procurasse por algum sinal de que eu estava fora de mim.

— Você não pode ter bebido... Santiago mandou esconder tudo. Então me diga que merda aconteceu aqui?

— Ela pediu por isso, ela sempre pede. Mas da próxima vez não será apenas o cabelo que arrancarei dela...

Sem dizer outra palavra, Javier me arrastou de volta à suíte. Enquanto tudo girava ao meu redor, eu podia não ter colocado uma gota que fosse de álcool na boca hoje, mas sentia como se houvesse algo muito mais venenoso em meu interior.

Algo como o sangue dessa família.

Calado, Javier me levou até o meu quarto, e trancou a porta atrás da gente. Ele parecia preocupado.

— A infeliz acredita que ele irá ficar com ela... e talvez fique. Não é?

— O que está acontecendo? — desejou saber, fugindo da minha pergunta.

— Os filhos dele serão os dela — disse aleatoriamente, sentindo-me zonza. — Acha que ele vai me esquecer? Quando eu for embora...

— Você não vai embora, Manoela.

Eu o encarei.

— Eu sei que não. Ele me mataria antes que eu pudesse escapar.

Javier não retrucou, ele sabia que era verdade.

— Diga-me o que está acontecendo... eu preciso saber o que esperar para poder te proteger!

— Engraçado, você quer me proteger... e ele destruir.

Javier deu um passo à frente, e eu o observei se aproximar. E teria deixado ir muito além apenas por raiva, se já não tivesse tanto pelo que me arrepender. Eu não queria mais uma culpa sobre as minhas costas.

— Saia.

— Não vou deixar você desta forma.

— Eu pedi que que saia! Eu quero ficar sozinha. — Não era nem querer, era um precisar.

— O que for que estiver te deixando assim, me fale... Você acha que não, mas eu posso te ajudar.

— Você não pode. Acho até que ninguém dentro dessa casa conseguiria me ajudar. A culpa pelo que está acontecendo é minha, de mais ninguém. Agora, por favor, deixe-me em paz.

Javier saiu, como pedi, deixando-me sozinha para ver as horas passarem. Andei pela suíte, tão exausta e preocupada, que nem desenhar me acalmou. Quando dei por mim, era noite e Santiago não havia dado nem um sinal de vida.

Javier pelo contrário, entrou e saiu, trouxe meu almoço. Permaneceu ali, à espreita. Como se, a qualquer momento, eu fosse cometer alguma loucura. O infeliz sabia, ele tinha entrado naquele mar comigo. Ele ouvia as coisas que eu dizia. E mais do que isso, Javier me conhecia.

Quando finalmente aquietei e me deitei sobre os lençóis da minha cama, eu devo ter adormecido rapidamente. Voltando a acordar, somente ao sentir o peso de Santiago afundar o colchão ao meu lado.

Arqueei o corpo de forma involuntária quando o senti tocar minha tatuagem daquele jeito lento que fazia sempre. Subindo e descendo o dedo indicador pelo traçado delicado, até que ele a beijou. O que me permitiu sentir o cheiro de pele limpa e sabonete masculino que emanava dele.

— O que pretendia ao colocar fogo no quarto de Rosa? — A pergunta veio clara, sob a voz grave.

Claro que ele já saberia.

— Machucá-la. — Achei que fosse óbvio.

— Não quero que volte a se aproximar dela ou até mesmo de Mercedes, Manoela. Está me ouvindo? — Fechei os olhos, não querendo escutar nada que ele tinha a dizer. Não hoje. — Estou preocupado com você, amor. Preocupado de verdade, porra.

Senti o meu coração ficar pequeno e fechei os olhos com força, e de tão cansada, caí no sono outra vez. Mas, então, o passado me alcançou em forma de pesadelos. Todos tão reais que me fizeram gritar.

Olhei para trás, mas o homem que me perseguia não tinha rosto. Mas eu sabia quem era, eu o conhecia pelo cheiro.

— Você mentiu para mim — grunhiu, me agarrando por trás. — Me traiu! — Tentei me debater, mas ele não permitiu. — E por isso terá o mesmo destino que o seu pai!

Senti suas mãos ao redor do meu pescoço. Seus olhos sobre mim... Eu já tinha tido esse sonho antes, só que ele nunca terminava dessa forma.

Comigo sendo morta pelas mãos de Santiago.

Acordei assustada, e como no sonho as mãos de Santiago estavam em mim.

— Calma, amor, está tudo bem — garantiu, sem me convencer.

— Não está... nunca vai ficar. — Pulei da cama, tremendo. Meu pescoço doía, meu coração também. Tudo parecia machucado.

— O que aconteceu? Você sempre tem pesadelos, mas esse foi diferente. — Claro que foi, normalmente eu sonhava com o meu pai indo embora.

Dessa vez, eu sonhei que estava sendo morta pelas mãos do homem com quem eu dormia diariamente. Fechei os olhos, vendo-o entrar debaixo do boxe e me abraçar. Mas nada, nenhuma garantia ou carinho que Santiago me fizesse naquele momento faria com que acreditasse que tudo ficaria bem.

— Ninguém vai te machucar enquanto estiver comigo. Eu juro.

Ele podia estar certo, mas não era a dor que os outros me causariam que me deixava preocupada. E sim a dor que amar esse homem... já me causava.

25

MANOELA GARCÍA

O vento bateu quente contra o meu rosto conforme eu acelerava os passos na pequena estrada, em uma corrida que eu gostaria que fosse capaz de salvar a minha vida. Suada e ofegante, eu me detive à beira do penhasco que havia logo depois da mata, que rodeava parte da propriedade. Essa não era a primeira vez que realizava o percurso, tanto que já o seria capaz de o reconhecer de olhos fechados. Com os músculos de minhas pernas queimando pela intensidade da corrida, eu me alonguei antes de retornar.

O corpo suado, empurrado ao limite, refez todo o caminho até a ala privativa. Onde me detive, porque, antes mesmo de subir, fui capaz de escutar vozes masculinas da varanda. A presença de Santiago e Javier sendo rapidamente identificadas.

Senti o olhar desejoso do *bicho-papão* sobre o meu corpo, fazendo cada pedaço de minha carne tremular em antecipação. A verdade é que eu não fazia ideia se algum dia deixaria de reagir a esse homem dessa forma. Tudo nele me afetava, desde a maldade até os breves e raros episódios de humanidade que demonstrava ter.

De longe, o vi tragar o que restava de seu cigarro e o amassar com a sola do sapato em seguida. Ignorando ambos, eu tentei passar sem ser incomodada, mas Santiago não permitiu.

— Não entre ainda, eu preciso falar com você. — Olhei dele para Javier, perguntando-me se o teríamos como plateia. — Rosa veio falar comigo hoje de manhã... — Outra vez? — Ela está bem assustada com o que

aconteceu ontem.

Ergui o meu queixo, sentindo os protestos do meu *sensível* estômago. Por todas as razões erradas, eu temia.

— Aposto que sim. — Voltei a me afastar, mas ele entrou na minha frente.

— O que deu em você? Javier tira os olhos por um segundo e você quase põe fogo na casa inteira!

Depois da noite passada, eu achei que esse assunto seria esquecido. Nem eu mesma compreendia como pude fazer aquilo, ou talvez... sim. Eu o fazia.

— Rosa mereceu — falei a verdade. — E tem mais, talvez Javier não seja a melhor pessoa para *cuidar de mim*. — O infeliz sabia demais. Enxergava-me por dentro. — E, por favor, está muito cedo para que você comece. Eu já não sou capaz de lembrar de metade das discussões ou ordens que me dá, Santiago. Não use roupas curtas, não deixe que a toquem. Olha o que eu faço... olha do que sou capaz. Eu estou olhando, droga, e odeio tudo o que eu vejo. — Seus dedos apertaram o meu braço, machucando-me.

Quando fiz uma pequena careta de dor, ele me soltou.

— *Ninguém me machuca*. — O lembrei do que havia me dito na noite anterior. — Acho que isso não se estende a você, certo? — desejei saber, com raiva.

Santiago, por sua vez, não reagiu bem ao meu comentário. Mas em vez de ser grosseiro, ele foi seco. Frio como uma maldita pedra.

— Mercedes não a quer à mesa de café da manhã hoje e, para falar a verdade, nem eu a quero.

A vontade que senti de gritar com Santiago, só não veio mais forte porque eu estava realmente enjoada. A pele fria.

— Espero que a sua avó também revogue minha participação na missa de domingo. Será um favor que ela me faz ao não me obrigar a participar dessa palhaçada.

Santiago me encarou, carrancudo.

— Deixe a religião de Mercedes fora disso, Manoela. Você pode não acreditar em Deus, mas ela sim.

— Acha mesmo que, se houvesse um Deus, Ele gostaria de ver alguém dessa família pisando em uma de suas igrejas? O que vocês fazem é uma blasfêmia. Enterram corpos a semana inteira para, no domingo, caminharem sobre essa maldita terra e pedirem perdão! — Eu me aproximei deles. — Só que não existe perdão para pessoas como vocês... nunca vai existir!

Santiago estendeu a mão e, por um segundo, eu achei que ele fosse me atingir. Realmente, me atingir.

— Bata. Eu já estou inteira marcada por você... o que será um hematoma a mais?

Se era para me bater ou não, eu nunca saberia. Mas não tive como recuar quando ele se aproximou falando baixo:

— Saia da minha frente... Agora, porra!

Nos entreolhamos, duelando em força. Eu com certeza sairia machucada em um confronto, mas jamais o permitiria sair sem estar sangrando. Isso nunca!

— Você quer saber qual é o meu problema, Santiago? Eu vou te dizer... você é o problema. A maldita razão pela qual eu estou enlouquecendo! — Ele enrijeceu e, quando deu um passo em minha direção, eu empurrei a porta da suíte. Vendo tudo nublado diante dos meus olhos.

Absurdamente cansada por ter que lidar com todas as versões de Santiago.

Por insistência, Javier veio atrás de mim alcançando-me antes que eu pudesse me enfiar debaixo do chuveiro.

— Ele te bate? — quis saber, em um tom de voz sério.

Eu poderia dizer que sim e foder com o filho da puta, mas Santiago era homem demais para bater em mulher por outra razão que não a sexual, não era assim que ele me punia por ser ardilosa.

Por isso sacudi a cabeça, em uma negativa.

— Não é esse tipo de hematoma que me referi, Javier.

— Eu já dei a chance de sair desse lugar, Manoela. Aposto que Mercedes também o fez. Por que continua aqui, se age como se não suportasse?

O problema não era esse, o problema era que eu suportava. Só não podia.

Cada embate, cada briga, nada mais era do que a minha tentativa de manter o muro entre mim e Santiago, de pé.

— Porque eu não posso.

— Sei que não deseja meus conselhos, mas escute-me bem. O que for que estiver planejando é melhor que desista. Se isso, de alguma forma tiver a ver com todo o inferno perseguindo Santiago, ele não vai deixar que saia dessa viva.

Dei de ombros.

— Não acho que exista algum final em que isso aconteça de qualquer maneira, Javier. Independentemente do que eu fizer ou deixar de fazer...

Relembrando o maldito pesadelo, eu lhe dei as costas e me tranquei no banheiro, sentindo-me fraca, e não apenas fisicamente.

***

Horas depois, já de madrugada, eu acordei com o som de vozes sendo murmuradas na sala da suíte. Ainda na cama, eu tentei identificar de quem eram as vozes. Levantei-me somente após escutar a voz de Santiago se alterar, como se discutisse com alguém. Na ponta dos pés, eu me aproximei da porta que seguia entreaberta, com o intuito de escutar o que era dito.

Com Santiago sentado de costas para a visão que eu tinha, Firmino podia ser visto com perfeição. Nenhum deles deram-se conta de que eram

observados.

— Você deveria ter convencido Juan a não vir — Santiago pediu baixo, ao mesmo tempo que o meu coração acelerava ao escutar o nome de seu pai.

Porque o maldito era a razão de eu estar aqui. E se o seu paradeiro fosse descoberto, então tudo o que eu mais queria se tornaria possível.

Ninguém sabia ao certo onde Juan Carlos seguia escondido por todos esses anos. Santiago pouco falava a respeito dele, mas eu já tinha pegado uma ou outra vez os dois ao telefone. Era assim que Juan se comunicava com Ochoa também. Apesar do seu desaparecimento, nos negócios e em Sinaloa, os dois nunca deixaram de manter contato, mesmo que os telefonemas fossem esporádicos e rápidos a ponto de serem irrastreáveis.

— Eu tentei, mas você o conhece. Ele está decidido a vir, os negócios com Ochoa o têm preocupado. E você sabe... é mais fácil ter a ligação rastreada do que descobrirem sobre a vinda dele. Já fizemos isso antes.

— Fizemos, mas não estávamos sob ataque, porra!

Os dois homens se encararam, sem dizer nada sobre o que exatamente pensavam.

— Seu pai quer vir, eu acho que pode ter a ver com a recente indisposição dele... Você e Mercedes são toda a família que Juan têm, Santiago.

O filho da puta estava doente? Era isso?

— Não se esqueça de Alejandro.

— Quem parece se esquecer dele... é você. Não acha que está na hora de se acertarem? Ninguém teve culpa pelo que aconteceu com Celeste.

— Ninguém teve? — O homem se pôs de pé, de forma brutal. — Não volte a dizer uma asneira como essa, Firmino. Porque você sabe que há um culpado fora... e eu não vou desistir de procurar por ele.

— Quem fez aquilo com sua irmã pode estar morto, já pensou sobe isso?

— Não está — declarou, com segurança. — O filho da puta só é muito covarde para se mostrar...

Ochoa costumava dizer que a morte da irmã de Santiago, o tinha deixado tão louco, que o infeliz realizou uma verdadeira chacina dentro do país. Só que, de acordo com ele, o mandante da emboscada nunca assumiu sua autoria. Cínico como era, Miguel nunca perdia a oportunidade de afirmar que a própria Celeste havia buscado por aquilo de alguma forma, que ela era bonita demais para não atrair atenção masculina, e que tinha sido descuido de Santiago não impedir o tal sequestro.

Ainda de acordo com ele, a morte do meu pai foi apenas um bode expiatório. Uma tentativa do infeliz em culpar alguém que não a ele próprio.

— Já faz anos, Santiago.

O *bicho-papão* acendeu o cigarro com uma calma fria.

— Os anos não a trouxeram de volta, trouxeram?

Firmino abaixou a cabeça. Ele podia ser um desgraçado, mas se preocupava com Santiago de tal forma que tornava impossível que eu

pudesse fazer metade das coisas que deveria. Não sem chamar sua atenção.

— Você sabe que eu o tenho como um filho, assim como tenho Juan como um irmão. Nunca duvide disso.

— Eu não duvido, mas não concordo com a vinda de Juan para esta casa. — Ele o encarou, voltando ao assunto. — E já que não tenho escolha, eu quero que cuide da chegada dele e que não conte nada a ninguém até que meu pai esteja seguro. Peça para que dispensem metade do pessoal de manhã, eu quero apenas gente de confiança aqui dentro. Se algo acontecer...

— Nada vai acontecer.

Santiago ficou tenso, incrédulo.

— Se tem uma cabeça que vale mais do que a minha dentro desse país, Firmino, é a cabeça de Juan.

E com razão. Por todos esses anos, Ochoa tentou encontrar algum rastro, qualquer pista que nos ajudasse a acabar com o infeliz. Mas nunca descobriu nada. Se eu odiava Santiago pelo que me fez, Ochoa odiava Juan por não ter lhe tornado chefe de *El Castillo*. Simples assim.

— Para quando está programada a viagem?

— Ele deve chegar depois de amanhã, pela madrugada. Juan não queria fazer alarde e...

— Correr o risco de eu o impedir de vir.

Firmino assentiu e, em seguida, acrescentou:

— Só temos um problema nisso tudo. — Santiago o encarou. — A

garota.

Claro que ele me veria como um *problema*. O que Firmino não imaginava era de que tipo e tamanho de problema eu seria para ele e seus patrões. Ignorando o aperto que sentia em meu peito, que parecia implorar para que eu agisse com cautela, eu não pude me ajudar. Sabia que essa era a chance que Ochoa e eu tanto esperamos, e que com ela eu teria finalmente a minha liberdade.

— Eu cuido dela — Santiago declarou, sério. — Apenas se certifique de que nada dê errado.

— Manoela vai nos foder... aqueles olhos estão ávidos para isso!

Santiago arrancou algo do bolso e estendeu a Firmino.

— Desapareça com isso. — Demorei a identificar o objeto, até que o fiz.

Tratava-se da minha lâmina. Olhei para trás, eu sempre a deixava sobre a cama, mas não arrisquei em me afastar e procurar por ela. Não havia necessidade.

Santiago a tinha me tomado.

— Por que só agora?

O infeliz malvado sacudiu a cabeça, recusando-se a dar mais respostas. Seco como era, ele se encaminhou até a varanda com o cigarro entre os dedos, calado, como se algo, além da vinda de Juan Carlos, o preocupasse.

Por descuido, eu o observei se afastar. Querendo entrar dentro da cabeça daquele homem e fazer estrago. Eu queria que ele sentisse não apenas a dor a me consumir, mas também o desespero que vinha com a certeza de que... éramos impossíveis um para o outro.

Foi só quando voltei a olhar na direção de Firmino, que me dei conta de que ele me encarava do outro lado da suíte. O que me deixou com apenas duas opções: recuar, e entrar. Ou fingir que nada tinha acontecido – e que eu nada havia escutado.

Eu me tornaria o seu alvo de qualquer maneira. Então empurrei a porta, e me dirigi até a geladeira atrás da bancada da cozinha. Meu coração batia tão forte, que só poderia ser consequência do que eu havia descoberto.

Segurei o copo de água com força, tentando me acalmar. Talvez ainda houvesse a chance de cumprir com o juramento que fiz... Mesmo que ao fazê-lo eu estivesse colocando o pai do bebê que suspeitava carregar, debaixo da terra.

Foda-se, porque nem se eu quisesse eu poderia voltar atrás agora. Pelo meu *papá* eu tinha de ir até o fim!

SANTIAGO SALVATORE

Afastado de Firmino, eu disquei o número seguro de Juan Carlos enquanto andava de um lado a outro na varanda da suíte. Amaldiçoando-o pela decisão de vir até Sinaloa no pior momento possível. Não eram só os recentes ataques que me preocupavam, havia o filho da puta do agente DEA, que, por mais vigiado que estivesse sendo, poderia vir a agir a qualquer momento. Quando se tratava daqueles filhos da puta, eu preferia não arriscar.

A verdade é que havia tanta pergunta sem resposta nos últimos tempos, e um desejo tão feroz e irracional por Manoela, que eu já não conseguia manter meu foco que não na ninfeta.

O corpo gostoso, os gemidos... a boceta quente. Caralho!

— *Santiago.* — A voz de Juan soou-me grave e rígida, como sempre.

A última vez que o tinha visto foi há pouco mais de um ano. E por mais que meu pai mantivesse contato com Ochoa e até mesmo com Alejandro, eu era o único que sabia exatamente o seu paradeiro. O que tornava a responsabilidade de mantê-lo vivo inteiramente minha. Uma promessa que me fiz no dia em que enterrei Celeste.

— Por que só fiquei sabendo agora da sua visita? — Andei pela varanda, inquieto.

Até que me sentei em uma das espreguiçadeiras, com a mão na nuca enquanto sentia o cérebro agitado latejar.

— Foi a forma que encontrei para que não me impeça de visitar minha própria família, filho. Não os vejo tem algum tempo.

— Esse realmente não é um bom momento, Juan. — Diria até que era o pior, para que ele tivesse essa ideia estúpida.

— E você acha que eu não sei? — rebateu com frieza. *— Ochoa tem estado preocupado com os negócios... O que me faz querer saber, por que fui saber sobre as apreensões da DEA e os ataques rebeldes que têm acontecido, por ele e não por você. Quando te passei El Castillo, Santiago, foi para que tomasse as decisões certas...*

— Me surpreende que Ochoa saiba tanto a respeito do que acontece dentro do meu território. — Eu não gostava de toda essa maldita interferência. A vontade que tinha era de mandar Ochoa se foder junto com a aliança feita por ele e meu pai.

Tê-lo debaixo da minha asa, não me trazia qualquer benefício. Pelo contrário.

— Ochoa não tem culpa do que vem acontecendo, Santiago.

Respirei fundo, essa não era a primeira vez que discutíamos sobre a lealdade de Ochoa ou Ramírez. Juan prezava pela lealdade de seu compadre, só que eu não.

— Você descobriu isso como? Em dois ou três minutos de conversa com o desgraçado? Falei e repito, Juan. Não se envolva nos negócios, que hoje são meus!

— Não quero me envolver, só ter certeza de que está fazendo as escolhas certas. A guerra a qual quer dar início, pode resultar em mais

mortes do que está considerando.

Aí estava, Juan Carlos nunca foi a favor da maneira como eu solucionava os problemas. O infeliz era violento? Sim. Mas apenas se essa fosse a sua última opção. Meu pai não era um assassino que traficava drogas, ele era um traficante que, por vezes, precisava matar.

Eu não.

— *Quanto a Ramírez...*

— O que tem?

— *Imagino que esteja planejando uma caçada ao infeliz.*

— Estou. — E não apenas porque ele vinha fodendo com meus negócios, mas porque havia tocado em algo que me pertencia. Feito bem mais do que tocar, se o que me disse era verdade.

— *Tudo por causa da garota?* — Eu não havia conversado sobre Manoela com Juan, e nem pretendia. Ela era assunto meu.

— Firmino, suponho?

— *Não, o desgraçado é leal a você, porra! Não foi ele quem me disse nada, e sim Mercedes.*

— Claro.

— *Tenho escutado muitas coisas a respeito dessa garota, Santiago. Coisas das quais não gostei.*

— Manoela é um problema, que na hora certa será resolvido, Juan.

— Pelo seu bem, eu espero que sim. Odiaria vê-lo cair por uma cadela. Já vi isso acontecer a muitos homens... e o fim nunca é bonito.

— Isso não vai acontecer — garanti, querendo encerrar a conversa.

A verdade é que eu sabia que não poderia continuar adiando essa decisão. Homens como eu não podiam cometer erros *desse tipo*. Vi e ouvi coisas demais ao longo de meus quarenta anos, para saber que Manoela não poderia ficar para sempre.

O que não me impedia de estender o seu prazo... até quando fosse possível. Apenas o pensamento de perdê-la trazia um gosto amargo à boca, um que até então eu nunca havia sentido.

— Sei que não conversamos sobre isso, Santiago, e você já está velho demais para essa merda. Mas preciso que saiba que não é bom se apegar a nada nesse mundo... Das três mulheres que amei, duas delas estão mortas. Se recuperar de algo assim nunca é fácil, você não sai inteiro depois de uma perda.

Eu sabia disso, caralho! Perder Celeste me afetou da mesma forma, se não mais. Minha irmã foi o anjo dessa família, o único ser bom a carregar o sangue Salvatore nas veias. Ela não precisava ter a morte que teve, e isso foi o que me causou mais raiva... porque Celeste era inocente.

— Ninguém toca na garota até que eu diga o contrário, Juan. Já avisei isso a Firmino, e o estou fazendo com você agora. Manoela vive até que eu decida que não! — O senso de lealdade de meu pai e Mercedes era semelhante ao de Firmino. Eles seriam capazes de tudo para garantir o bem-estar dessa família.

Mesmo que tivessem que matar a única mulher que eu desejava poder manter viva.

Encerrei o telefonema e permaneci onde estava, olhando para o nada até o instante em que avistei Manoela de pé na cozinha. Seu olhar preso a Firmino, como se enxergasse nele o seu maior inimigo. E talvez ele fosse mesmo.

Distraído, eu me inclinei sobre os joelhos e olhei ao redor. Notando o caderno deixado sobre a espreguiçadeira, ao meu lado. Abri-o, com curiosidade, passando o olhar sobre os diversos desenhos feitos por Manoela. Meu rosto, corpo. Tatuagens. Ela os havia gravado em sua mente de tal maneira que eles pareciam quase reais. Continuei a virar as páginas grossas, até que vi algo fora do comum. O desenho de uma casa velha envolvida por fogo, chamas altas, como se incendiassem até o céu.

A garota era boa, porra. Mas sentia que havia algo por trás do desenho. Olhei para ela, ainda de pé próximo a bancada, e a vi me encarar de volta. Seus olhos se estreitaram em assombro ao se dar conta do caderno que eu segurava.

Não precisei perguntar, não era necessário.

Porque, naquele momento, eu tive certeza de que tinha sido assim que seu pai morreu.

26

MANOELA GARCÍA

Apesar dos passos e conversas atrás de mim, eu fingi estar concentrada no ir e vir de minhas pernas. O sol batendo forte contra as minhas costas parecia queimar a pele branca. Fazer arder cada pedacinho. Não que eu me importasse, essa era uma das últimas preocupações que eu tinha no momento. Foda-se se, em breve, as sardas estariam em maior quantidade, e espalhadas por todo o meu corpo. Havia algo bem mais importante com o que lidar agora, pensei, esperando que os minutos passassem até que não houvesse riscos de Santiago voltar.

Olhei para trás, a fim de verificar quem é que havia ficado para fazer a minha segurança e me deparei com James. Em certos momentos, eu o preferia a Javier. James não fazia perguntas, ou agia como se eu estivesse prestes a cometer um erro. James não se importava.

Deixando a piscina, eu me sequei rapidamente, e entrei na suíte. Onde me dirigi até o meu quarto, cuja porta bateu ao ser trancada. Nada nos próximos minutos poderia dar errado.

Com os dedos firmes, ainda que meu coração não estivesse, eu disquei o número de Ochoa. Algo que sabia que teria de fazer desde essa madrugada quando escutei a conversa entre Firmino e Santiago. Desde então, eu tinha contado as horas, os minutos... cada maldito segundo até estar sozinha.

— *Espero que seja importante* — Ochoa atendeu, cansado das minhas informações superficiais. — *Manoela?* — inquiriu, ao não escutar o som de

minha voz.

A verdade é que minha cabeça estava girando, eu só não sabia exatamente para que lado ainda.

— Ele está vindo para cá — revelei, tentando aparentar uma calma que não sentia. — Juan Carlos, Ochoa... Nós finalmente vamos poder terminar o que começamos e eu...

Senti uma dor forte em meu estômago, que pareceu subir até onde meu coração batia devagarinho. Acho que até ele estava com medo de que eu o machucasse. Respirei fundo, afastando qualquer dúvida que pudesse existir. Eu não nadei todo o maldito oceano para morrer na praia.

— *Explique-me isso, criança.*

— Juan Carlos está vindo para cá... Escutei uma conversa entre Firmino e Santiago.

— *Tem certeza de que escutou bem? Manoela... se isso for mesmo verdade...*

— É verdade, eu juro. Ele estará aqui amanhã, pela madrugada.

Ochoa divagou, dizendo o nome do possível aeroporto privado que o avião de Juan pousaria. Sua mente indo longe, enquanto fazia seus planos.

— Miguel? — chamei-o, querendo me certificar de que teria sua ajuda. — Você precisa me tirar daqui.

— *Calma. Primeiro preciso ter certeza de que o que me disse é mesmo verdade, se tudo sair como o planejado então... eu mesmo a tirarei*

daí, criança. Confie em mim.

Eu queria confiar, mas os anos tinham me ensinado de que homens como Ochoa, Santiago e Ramírez não eram confiáveis. Por isso, eu desejava tanto minha liberdade, uma outra vida. Um outro nome. Longe de tudo e todos.

Ainda que doesse.

— *Preciso que preste bastante atenção ao que irei te dizer agora, Manoela. Se tudo der certo, Juan Carlos sequer chegará a pisar nessa casa.* — Ochoa riu, vingativo. — *Imagine os noticiários, minha criança.* — Suas palavras fizeram meu estômago embrulhar. Não era para ser assim, certo? Pensei que, quando o momento chegasse, eu me sentiria vitoriosa. Mas prazer, de qualquer tipo, era tudo o que eu não sentia. — *Seu pai ficaria orgulhoso, Manoela. Ele realmente ficaria.*

Respirei fundo, e segurei o telefone com mais força antes de finalmente perguntar:

— E quanto a Santiago?

— *O filho da puta finalmente vai receber o que merece, criança. Um passe direto para o inferno, assim como o pai.*

Ochoa encerrou o telefonema e, por alguma razão, minhas mãos tremiam, suadas de nervoso. Imaginei esse momento tantas vezes que chegava a doer, porra. Mas não foi alívio que senti. Pelo contrário.

Foi desespero.

SANTIAGO SALVATORE

O mapa aberto sobre a mesa de mogno fria, continha as novas rotas de carregamento a serem feitas nas próximas semanas. Um acordo prévio feito com alguns federais no lado de lá da fronteira, me garantiriam olhos cegos, bocas mudas e ouvidos surdos. Com um *X*, na estrada que ligava *El Paso* ao Texas, eu procurei por atalhos apropriados, caso viéssemos a ter problemas. O que eu esperava que não acontecesse dessa vez.

Sozinho no escritório do estábulo, eu seguia atento ao que acontecia ao redor. Havia escurecido já há algum tempo, o dia inteiro passado praticamente cuidando dos preparativos para que Juan não apenas chegasse com segurança, mas que também passasse despercebido pelos olheiros de Stevie, que muito em breve descobriria que, se não fosse para jogar do meu lado, era melhor nem participar da partida.

A paciência aqui havia acabado. Agora era a hora de atacar cada um dos filhos da puta que me irritaram. E eu os veria cair... um a um.

Ao fazer um círculo estratégico em uma via próxima a *San Antonio,* no Texas, eu escutei os relinchos dos cavalos no andar inferior. Verifiquei a hora, passava das nove, porra. Não era como se algum dos homens devesse estar por aqui, principalmente, porque Firmino fora avisado sobre o meu desejo de ficar sozinho.

Quando o som não diminuiu, e os cavalos mostraram-se ainda mais agitados, eu liguei a tela de monitoramento e procurei pelo que poderia ser. Meu olhar recaiu sobre cada uma das telas até que encontrei a razão da

selvageria no andar inferior: Manoela.

Paralisado, eu a observei caminhar pelo corredor extenso. Vestindo nada mais do que uma camisola fina e transparente, cuja barra seguia até o chão.

— Que merda pensa que está fazendo, amor? — questionei baixo, arrastando a porcaria da cadeira ao vê-la se aproximar da baia em que ficava Louise, a égua que havia lhe dado de presente. A mais próxima a Kaiser. Que, por sinal, era o único que ainda não havia relinchado, ou se agitado. O que me preocupou fazendo-me questionar o quão perto o animal esperava que ela chegasse, antes de assustá-la.

Ao descer os degraus com urgência, eu a vi deslizar os dedos pela madeira das baias com seu olhar fixo em Kaiser, que a encarava com a mesma intensidade. Então, mesmo após todos os avisos que lhe dei, Manoela fez o inimaginável: ficou nas pontas dos pés ao se aproximar cada vez mais do único animal dentro desse maldito estábulo que eu não confiava. Fosse a segurança dela, fosse a de qualquer outra pessoa.

Kaiser era temperamental, violento. Nasceu assim, e morreria da mesma forma.

Sabendo que estava sendo incitado, Kaiser reagiu. Relinchando tão alto, que Manoela afastou a mão da madeira no instante exato em que o corpo pesado do cavalo sacudiu a estrutura de madeira da baia. Ele com certeza a teria derrubado de susto, se eu não a tivesse puxado pela cintura.

Senti sua respiração tão agitada ao segurá-la quanto imaginei estar o seu coração.

— O que faz aqui? — inquiri, irritado. — Sabe que Kaiser não é confiável, porra!

— Você também não é.

— Manoela. — Eu a virei.

Surpreso com o quanto era fácil para ela me deixar louco. Excitado. Um olhar sobre o tecido fino de algodão, e eu soube que não havia nada por baixo da camisola. Seus mamilos estavam intumescidos, fosse pelo frio ou a energia densa espalhando-se pelo local. E se havia algo a cobrindo, deveria ser bem pequeno. Facilmente rasgável.

— Eu só queria te ver — revelou, com as costas magras batendo contra a baia, que Kaiser havia acabado de empurrar. Manoela era atrevida, destemida, mas nos últimos tempos soava como alguém ansiando por se meter em problemas realmente graves.

Era como se o botão de sobrevivência, que existia em cada pessoa, *nela*... ele tivesse sido desligado. A verdade é que, desde o dia em que a vi perder o controle, eu sentia como se a infeliz precisasse de ajuda. E rápido.

— Você poderia ter me ligado, e eu teria ido para casa.

Ela engoliu em seco, desviando seus olhos dos meus.

— Como se liga para alguém e diz que sente saudade... se está claro que a pessoa a tem evitado? — Acariciei o seu rosto, ouvindo-a se queixar.

Algo que normalmente ignorava em minhas mulheres, mas Manoela não era qualquer mulher. E eu queria mesmo que ela sofresse com a distância, que me quisesse por perto, *dentro dela*. Sobre a nossa cama. Eu

queria a infeliz carente de mim.

— Não tenho te evitado. Estou apenas com muito na cabeça, Manoela. Fora que... — Ficar perto dela distraía-me completamente. Ainda mais agora.

Com a garota agindo de forma tão destrutiva, eu tinha a sensação de que a estava assistindo caminhar até a porcaria de um penhasco. Sem poder fazer nada para impedir que se jogasse.

Calada, Manoela deslizou seus dedos pelo meu rosto com suavidade. Diferente da forma possessiva com que eu sempre a tocava.

— Já desejou que tudo fosse diferente? Que as coisas não precisassem ser tão violentas? — perguntou, de repente. Sem fazer sentido algum. — Ou que não houvesse tantas mortes? — Seu dedo passeou pelo contorno do meu maxilar, enquanto ela seguia aérea. Em um mundo que, no final, era só nosso.

— Nunca. — E falava sério. — Eu sou exatamente o que está vendo, *amor*. Não vou mudar. E duvido que algum dia o mundo deixe de ser violento.

Seus olhos encontraram os meus, tristes. Como se essa fosse a resposta errada a lhe dar quando eu sequer sabia que era um jogo.

— Se arrepende de algo? Quero dizer... já machucou alguém e... depois desejou não ter feito?

— Qual a razão de todas essas perguntas, Manoela?

— Me responda. Não é possível que nunca tenha se arrependido de nenhuma morte que causou.

— Só há um arrependimento em minha vida, amor. E você sabe muito bem qual é. — Eu a encarei, profundamente. Vendo a garota congelar diante de meus olhos. Deixando claro que o que Ramírez disse era verdade, não que tivesse dúvidas. O infeliz não me irritaria, a esse ponto, por nada. — A única razão pela qual o maldito ainda respira é porque Manolo me tirou de cima dele antes que eu pudesse enviá-lo para o inferno. — Eu a segurei pela nuca, impedindo-a de virar o rosto. — Mas, da próxima vez, não haverá Manolo ou qualquer outro filho da puta. Entendeu?

— Como você... — Os lábios vermelhos se moveram, deixando-me aceso.

— O desgraçado me contou que *você foi dele antes de ser minha*... E usou exatamente essas palavras.

Manoela forçou o seu rosto para longe, mas eu a obriguei a me encarar.

Não adiantava de nada fugir agora. Eu queria seus olhos sobre mim, e toda a maldita verdade sendo dita. Porque a ideia de que outro homem tenha tido e tocado na minha ninfeta orgulhosa, deixava-me puto da vida. Com vontade de assassinar um.

De preferência, o infeliz.

— Você mentiu para mim. Não uma ou duas vezes, mas várias. — Meus dedos subiram pela sua nuca, emaranhando-se em seu cabelo e os puxando.

— Meus pecados não são maiores do que os seus. — A língua afiada retrucou, ainda que ofegante.

— Diga-me por que realmente está aqui.

— Eu queria te ver, já falei.

— Para quê? — Eu não acreditava que pudesse ser tão simples quanto ela queria que eu acreditasse. — Para perguntar se eu queria que as coisas fossem diferentes? —Vi-a sacudir a cabeça, de um lado a outro.

— Não. Eu vim aqui para saber se você é capaz de ter sentimentos ou de se arrepender. Se quando te acertam... você sangra ou sente dor? Às vezes, eu acho que você não é sequer humano, Santiago. Que não há nada aí dentro... — Ela estendeu a mão até o meu peito, e eu poderia até ter dito que, por muito tempo, achei que não tivesse nada.

Mas que, desde que *ela* apareceu em minha vida, algo havia mudado.

— Responda-me *você* então. Se as coisas pudessem ser diferentes, o que mudaria? — Seus olhos me atingiram de modo febril. Como na primeira vez em que eu a tinha visto. — Responda, porra.

— Você — murmurou, enlaçando os dedos em meu pescoço, fazendo com o que o eixo duro entre as minhas pernas saltasse contra a sua barriga. — Eu desejaria não ter te conhecido.

Sorri, amargo. Porque eu conhecia a sensação. Quantas vezes não desejei que essa garota não fosse uma ilusão? A porra de uma peça pregada pela minha cabeça? Alguém que eu pudesse arrancar de dentro de mim sem sentir-me ser quebrado?

Mas então bastava que eu a olhasse para cair na real. Manoela não era e jamais seria facilmente esquecível. A garota me atormentaria por cada hora do meu dia e pelo resto de minha vida.

Durasse ela o tempo que fosse.

— E se eu disser que foi o destino quem nos uniu? — Ela arregalou aqueles olhos lindos. — Que se não tivesse sido *dessa forma*, teria sido de outra?

A garota arfou, com a boca próxima da minha, enquanto eu lentamente a empurrava contra a baia. Comigo ali, as chances de Kaiser a machucar eram mínimas. O que não significava que o animal se manteria quieto.

Uma sacudida foi sentida, quando ele avançou sobre a baia empurrando o corpo delicioso de Manoela contra o meu. Minha pequena ninfeta estava cercada pelos dois lados. E sinceramente? Era difícil saber qual de nós dois era o mais violento aqui.

Kaiser ou eu.

— O que pensa que está fazendo? — perguntou baixinho.

— Você queria me ver.

A infeliz sorriu com malícia.

— Isso não significa que... a gente vá...

— Transar loucamente? Só parar quando você estiver ardida e grogue pelo orgasmo? Ou então... quando implorar para que eu saia de dentro de você?

— Eu nunca imploro.

— Não implora mesmo, e eu amo isso em você, garota. O quão

resistente é. — Beijei-a duro, excitado pra caralho.

Por baixo do tecido fino da camisola, era possível ver os mamilos avermelhados. Pequenos e pontudos. Assim como cada curva de seu corpo. E só por isso eu o rasguei, de cima a baixo, expondo a pele sardenta aos meus olhos.

— Diga a quem pertence.

Ela sacudiu a cabeça, rindo, mas inteira arrepiada.

— Diga, Manoela.

— A mim. Eu sou minha.

— Não, amor... você não é. — Meus dedos deslizaram pelas suas coxas, enrolando o tecido fino que restara em seu quadril até que ele estivesse embolado em sua cintura.

A pele por baixo da minha mão estava eriçada. Eu praticamente podia sentir suas coxas estremecerem diante do toque.

— Você se tornou minha desde a primeira vez em que eu a vi, *amor*. Você parecia tão assustada. E, ao mesmo tempo, corajosa. Ninguém nunca foi tão louco de entrar em meu território e achar que poderia me matar! Acho que eu me apaixonei por você naquele momento.

Manoela arfou, deixando escapar um gemido, se por sentir minhas carícias ou escutar o que eu havia acabado de admitir, eu não sabia.

— Por que eu fui louca? — perguntou, receosa.

— Não, Manoela. Porque você foi corajosa. — Mordisquei seu lábio,

sentindo a calcinha fina enrolar entre os meus dedos. Era de algodão, fina como a camisola.

Ao escutar o som agudo que lhe escapou, eu apertei as laterais da pequena peça e a desci, deixando-a pendente em seu quadril.

Olhei para baixo, vendo a boceta nua e branquinha, dando espaço ao clitóris inchado. Com o dedo, eu o acariciei, fazendo-a arquear seu corpo inteiro para a frente, como se estivesse tão sensível entre as pernas, que um maldito toque fosse demais para que pudesse suportar.

— Você já está toda molhada, *amor*. Como é possível? — A carícia se aprofundou, enquanto eu ia e vinha sobre a entrada apertada, ensopando meus dedos com os seus fluídos.

O cheiro de sua excitação preencheu todo o estábulo. Meu peito mostrava-se tão selvagem quanto a agitação ao redor. Era como se cada animal aqui dentro conseguisse sentir o cheiro de fêmea faminta...

O cheiro da minha fêmea.

O pensamento fez-me atacá-la, empurrá-la contra a madeira dura da baia. A bunda deliciosa bateu contra a proteção de madeira enquanto eu a puxava para cima, colocando-a em meu colo.

Fui envolvido pela ninfeta, suas coxas macias e grossas, apertando-me com força enquanto a via lutar para respirar em meio ao aperto que lhe dei.

Erguendo o seu queixo, eu a fiz olhar para cima e a beijei. Engolindo-a inteira e de uma só vez. Com dificuldade, Manoela me ajudou a desafivelar o cinto, a fim de descer o cós da minha calça. Revelando o pênis pesado. O *frenesi* veio tão quente e instável, que não houve tempo sequer para retirar a

sua calcinha.

Não que o pequeno pedaço de pano fosse barreira suficiente para me impedir de tomá-la. Nada seria.

— Santi... — A escutei gemer meu nome ao mesmo tempo que a penetrava. Não cabia preliminares hoje, porque eu não tinha dúvidas de que a vontade de Manoela era a mesma que a minha. Se perder na loucura que ficávamos quando estávamos juntos. — Merda, Santi... que gostoso.

Senti-a cravar as unhas em meus ombros, meu pau buscando espaço dentro da bocetinha apertada. Quente como o inferno. A sensação era sempre a mesma, como se eu a estivesse esticando, rasgando inteirinha. Cada pedaço molhado dela. Por isso os gemidos descontrolados e a expressão sôfrega.

— Caralho, amor! — grunhi. O pulsar incessante trouxe-me rapidamente a borda. Não era possível que, com apenas alguns golpes, eu me encontrasse a um passo de gozar. — Se não parar de fazer isso, eu não vou durar, porra! Você é... deliciosa demais.

Senti os espasmos do meu pênis dentro dela, o esticar dolorido. Mas eu não me renderia ainda, não sem antes fazer minha ninfeta gozar.

Então, estocada atrás de estocada, eu a empurrei. Mal saindo e já a penetrando novamente. Não havia como, no mundo, ficar longe dessa garota. E quanto mais selvagens ficávamos, mais suor e energia densa escorria entre nós dois.

Puxei seu cabelo, dei tapas em sua bunda. Afundando meus dedos em sua carne enquanto a trazia para perto e ia cada vez mais fundo. Incapaz de manter a boca e o pau longe dela. Era como se fosse perder a maldita guerra

se o fizesse.

Manoela gozou primeiro, escandalosa e rendida, seu grito fazendo com que Kaiser se agitasse e empurrasse a cerca de proteção do outro lado da baia trazendo Manoela para a frente.

Ela deveria estar assustada, qualquer um teria ficado, mas ter Kaiser ali... observando a tudo. Enquanto nos empurrava, pareceu tê-la deixado ensandecida. Sua boca me procurou sôfrega, cheia de uma vontade que nenhum orgasmo conseguiria saciar.

Era uma necessidade de alma, de enxergar a pessoa por dentro. De a tomar por completo, fazê-la se render... e se curvar. Algo no qual nenhum de nós dois era bom.

Éramos suor, tesão e loucura. Ainda que, após o gozo, ela estivesse completamente derretida em meus braços.

— Está tudo bem? — perguntei entredentes, sentindo-a mansa. Sem forças. Manoela assentiu, os olhos febris como se desejasse me dizer algo, mas foi a sua boca quem falou ao me beijar profundamente.

Quase como uma rendição.

— Sabe o quê, amor? — rosnei em seu ouvido, sentindo-me dono dela. — Não importa o que pense, ou diga. Você é minha, sim. E eu não sou bom em manter as mãos longe do que é meu... ou a boca. Quero você inteira, Manoela. A cada minuto do dia! Entende isso?

— Não. Eu não entendo — murmurou, sem fôlego, fazendo-me estreitar os olhos para a sua rebeldia. — Você quer que eu seja sua, mas não se deixa ser meu... como pode isso?

Foda-se! Quando essa garota iria entender que tomá-la como minha e mostrar a cada homem a quem ela pertencia... era o mesmo que dizer que eu era dela, caralho?

— Diga que é minha — exigi, impaciente.

— Você sabe a resposta.

— Diga! — A golpeei, sabendo que isso a deixaria na borda. Eu podia sentir o seu orgasmo se formando entre as suas pernas outra vez, enquanto ela pulsava tão fortemente, que sentia que era capaz de gozar naquele mesmo momento. Se não fosse o meu autocontrole.

— Nunca. Eu nunca... vou... — Beijei-a duramente, irritado e possessivo.

E como se soubesse que eu estava por um fio, Kaiser ficou mais selvagem, fazendo com que cada empurrada dele coincidisse com os meus golpes. Manoela arfou, mordendo a boca gostosa, e quando eu gozei fundo, em jatos grossos e violentos, minha ninfeta voltou a gritar. O estábulo inteiro foi ficando em silêncio depois de seu ato.

O vestido rasgado permitiu que eu forçasse o meu corpo e sentisse sua pele suada.

Abracei-a, ainda que não a tivesse afastado da baia. Uma ordem, e Kaiser recuou. Em meus braços, Manoela me pareceu vulnerável. E, ao mesmo tempo, que isso me excitou, preocupou.

— Sua. Eu sou sua — revelou, com olhos tempestuosos. — Você não tem ideia do quanto dói dizer essas palavras, mas eu sou completamente sua, Santi. Acho que jamais conseguiria sentir isso por outro homem.

— Você não vai sentir.

Porque, de uma forma ou de outra, eu seria o seu último.

27

MANOELA GARCÍA

O ponteiro do relógio marcava quatro e quarenta e cinco da manhã, fazendo-me piscar, depois de uma madrugada inteira em claro, à espera de que, a qualquer momento, Santiago fosse saltar da cama e sair. Então, como se a espera não fosse tortura suficiente, eu me recordei dos últimos meses. Cada pequeno acontecimento, olhar, beijo... e toque, que fizeram com que, de alguma forma, hoje eu me sentisse mais dele do que minha.

Em algum momento, não sabia exatamente qual, eu deixei de me pertencer.

Como se minha pele e cheiro... até mesmo os meus pensamentos, tivessem sido drenados de dentro de mim, e entregues a Santiago. Com os olhos em seu corpo, estendido ao meu lado na cama, eu contei cicatriz por cicatriz enquanto os minutos passavam. Fitei, com um desejo proibido, os músculos que me tinham sustentado apenas poucas horas atrás. Eu ainda o sentia em meu interior, como se após o gozo o espaço preenchido pelo seu pênis permanecesse cheio. O que me fez estremecer, e sentir vontade de chorar.

Só que não era para ser assim.

Ao escutar o celular de Santiago tocar, eu fechei os olhos rapidamente fingindo dormir. O colchão balançou, quando ele se levantou e, ainda na penumbra, eu o vi ir e vir pelo quarto acertando os últimos detalhes.

— Eu te encontro na garagem em vinte minutos — disse a Firmino.

Pegando-me de surpresa ao vê-lo encarar a cama e o lençol negro a me cobrir, dando-se conta de que eu estava muitíssimo acordada.

— Não quero que saia desse quarto. Para nada, Manoela. — Na última vez que havia me pedido algo assim era porque estávamos sob ataque.

Agitada, e incapaz de permanecer deitada, eu me levantei seguindo-o como uma garotinha prestes a dizer adeus. Eu queria me despedir... acho que era isso. Mas não sabia como ou por que a ideia machucava tanto.

Então eu apenas o observei tomar banho, se vestir e, em seguida, se armar com suas duas pistolas *9mm*. Não que eu achasse que elas seriam as únicas que ele usaria, dificilmente o exército de Santiago deixava a propriedade sem estarem armados até os dentes com submetralhadoras. Compactas e letais.

— Volte a dormir, Manoela. Está cedo ainda — sugeriu ao me ver apoiada no batente da porta do quarto. Os olhos ávidos sobre cada passo que o homem dava.

Ao passar por mim, dirigindo-se à sala, eu o acompanhei. No outro lado, na varanda, Javier e James já estavam a sua espera. Por isso, antes que chegássemos até lá, eu o chamei:

— Santi? — Agi por impulso, certa de que aquele provavelmente seria o último olhar que receberia dele.

— Se cuida. — Santiago me encarou, e eu temi por um instante ter dito a coisa errada. Sem emitir qualquer som ou sequer sorrir, o *bicho-papão* caminhou até onde eu estava e ergueu o meu queixo, beijando-me como só ele sabia e podia fazer.

Foi preciso toda a força que possuía, para não me segurar em seus braços e estragar tudo. Quando, enfim, se afastou, Santiago beijou a minha testa.

— Você também, amor.

Escutei os passos se afastarem e a porta bater. Mas não vi mais nada. De propósito, eu havia fechado meus olhos, porque tive medo de estragar tudo. Um olhar errado, alguma palavra que revelasse o plano... E mais ainda, tive medo de que as lágrimas que se formaram ao redor de meus olhos... caíssem.

Forçando-me a respirar fundo, eu recordei o telefonema de Ochoa, enquanto segurava o meu medalhão com força. Pensando que, no passado, Miguel jurou que me daria a chance de matar Santiago. Que colocaria uma arma em minhas mãos quando o momento chegasse. Mas a arma a qual se referia não era real, e sim metafórica. Porque o disparo dado por mim, foi feito no momento em que contei a ele sobre Juan Carlos.

Então, duas certezas me atingiram: a primeira, era a de que estava a um passo de conseguir o que tanto queria.

E a segunda, era a de que, hoje, eu teria finalmente o sangue Salvatore em minhas mãos.

28

SANTIAGO SALVATORE

A caminhonete disparou pela estrada rumo à pista de voo que era mantida em um rancho próximo a Culiacán. O modo mais fácil e seguro de sair e entrar do estado sem atrair atenção indevida da Narcóticos ou até mesmo do FBI. O comboio de cinco carros seguia enfileirado sobre o chão de terra da antiga propriedade, que hoje se encontrava vazia. A chácara era ocupada esporadicamente por um ou outro homem de minha equipe, com o intuito de manter o local sob vigilância.

Ao chegarmos, o jato com autorização para pousar e decolar em qualquer território mexicano – graças a uma autorização extrajudicial conseguida por Ulisses –, havia acabado de aterrissar. Homens armados desceram dos veículos, esperando pacientemente até que a pequena porta do avião se abrisse e Juan Carlos aparecesse.

O velho não havia mudado nada, pelo menos não em um primeiro momento. Porque Firmino e eu desconfiávamos que o peso da idade vinha cobrando o seu preço em meu pai. Não que ele fosse admitir. Juan era orgulhoso, gostava de estar rodeado de mulheres jovens e bonitas, o que ainda acontecia com frequência.

— É bom te ver, Juan — cumprimentei-o assim que seus pés bateram sob o chão escaldante de Sinaloa.

— Digo o mesmo, meu filho — respondeu saudoso puxando-me para um abraço apertado. — É bom estar de volta ao único lugar que chamo de lar. Infelizmente... as circunstâncias têm me mantido longe de casa e da família

— falou com frieza.

Juan nunca foi exatamente um pai amoroso, ou fácil de lidar. Desde cedo, ele deixou claro o que esperava de mim e Alejandro, e nos criou para que, algum dia, assumíssemos o comando de *El Castillo*. Se ele amou ou não minha mãe, se sofreu com sua morte... era algo que eu nunca soube realmente. Mas se havia algo que aprendi com ele era a nunca demonstrar qualquer tipo de emoção ou fraqueza. Ele perdeu sua esposa e continuou. Perdeu sua filha e, por mais que o tenha destruído, ele continuou. A única razão de Juan Carlos ter abandonado tão cedo os negócios era a perseguição do FBI e a acusação grave contra ele sobre a morte de um importante, mas intrometido juiz.

Quando esses infelizes iriam aprender a não enfiar a porra do nariz onde não deveriam? Se ficassem quietos, e recebessem as maletas de dinheiro que estávamos dispostos a lhes entregar em troca de cooperação, nada de mal lhes aconteceria. Era simples.

— Alejandro sabe que viria? — perguntei, porque algo me dizia que meu pai desejaria ver o filho do meio. E, quem sabe, colocar algum juízo na cabeça dele.

As eleições estavam perto, em três ou quatro meses. O que hoje era apenas uma candidatura se tornaria oficial. Alejandro iria às ruas lutar pelo que acreditava... ou queria que o povo mexicano acreditasse. Eu não dava a mínima se ele queria pagar de bom moço, só não queria que o infeliz fodesse com meus negócios.

— Ainda não. Mas saberá em breve. — Encarou-me como se me comunicasse de suas intenções.

— Eu não o aconselharia a convidá-lo, Juan, mas tenho certeza de que não irá me escutar. — Caminhamos até os veículos.

Antes de deixarmos a propriedade, Firmino e eu havíamos criado um esquema para que Juan estivesse em completa segurança. Dois carros seguiriam na frente, na única estrada possível. E eu estaria dentro de um deles. Logo atrás, viriam as últimas três SUVs. Com Firmino fazendo a proteção de seu velho amigo. Qualquer sinal de perigo seria comunicado a eles imediatamente, facilitando o retorno do comboio caso fosse necessário.

O risco era alto aqui, estava ciente disso.

Após um aceno a Firmino, eu entrei no veículo da frente. Javier e James comigo. O plano parecia estar em ordem, a viagem de volta até a propriedade não levaria mais do que uma hora, no máximo duas se houvesse algum contratempo pela estrada.

Trinta minutos depois, certo de que o restante do comboio seguia em um intervalo de espaço de pelo menos quinze minutos, eu notei uma caminhonete velha estacionada no acostamento. Um homem parrudo de chapéu ao telefone nos encarou quando passamos. Mas ele não fez qualquer sinal além de nos observar e falar com quem quer que fosse do outro lado da linha.

Olhei para trás, verificando se James também havia prestado atenção, e ele assentiu. Fazendo com que a inquietação já sentida, triplicasse. O perigo, eu sempre fui muito bom em pressenti-lo. Mesmo que, às vezes, decidisse ignorá-lo, como era o caso de Manoela.

— Há algo errado — falei, quando notei através do retrovisor a caminhonete retornando na direção contrária. Indo exatamente de encontro ao

comboio.

Com o celular em mãos, eu disquei rapidamente o número de Firmino, mas ele não atendeu. Tentei outra vez e nada.

— Caralho! — xinguei, nervoso. — Retorne, Javier. Acho que tem alguma merda grande acontecendo. — Melhor pecar por ser um filho da puta desconfiado, do que me culpar por não verificar o que estava acontecendo.

A toda velocidade, Javier atravessou a pista, fechando o trânsito enquanto diversos carros buzinavam. Do banco de trás, James me passou a submetralhadora, que eu mais do que depressa desengatilhei. Não havia maneira de sermos mais rápidos, o carro já estava em sua velocidade máxima quando o meu celular finalmente deu sinal de vida.

— Que porra está acontecendo, Firmino? — Havia o som de tiros sendo disparados ao fundo, o que me deixou nervoso. Dez minutos entre um comboio e o outro.

Eu poderia chegar lá e ser tarde demais, porra!

— Firmino? — Escutei sua respiração, não era o momento de pedir explicações, mas eu não podia ficar sem saber. A vida do meu pai dependia disso.

— *Embos... emboscada* — gemeu, o som das trocas de tiros foi se tornando mais alto, como se ele disparasse contra o seu alvo. — *Nos pegaram, caralho! Estamos cercados, Santiago. Seja rápido!*

Encerrei o telefonema, e olhei para Javier.

— Você ouviu. — Encarei a estrada, antes de fazer outro telefonema

pedindo reforços.

Pouco me importava como Ulisses garantiria proteção, mas ele teria de colocar seus homens na rua. Caso contrário, a cabeça do infeliz iria rolar. Estava finalmente na hora do general mostrar de qual lado se encontrava sua lealdade.

Agitado, eu me inclinei para a frente ao ver o caminhão encoberto atravessado na estrada, impedindo que o comboio passasse. Como imaginei, a caminhonete vermelha estava logo atrás. Agora vazia.

— Filho da puta! — A palma da minha mão bateu contra a lataria do carro enquanto o veículo de trás se posicionava ao nosso lado.

Metralhamos o caminhão por trás, interrompendo a chacina que acontecia; e, com ajuda das portas dos veículos que foram abertas, nós descemos. Javier e James se colocando ao meu lado enquanto disparávamos contra a cabeça de cada infeliz que atravessou o nosso caminho.

Olhei para trás, dando a ordem para que dois outros homens seguissem na frente. E contornei o caminhão velho, estampando a bandeira de algum grupo rebelde qualquer. Não que acreditasse que se tratasse de um ataque orquestrado por algum grupo rebelde. Os filhos da puta não tinham armamento para isso, que dirá colhões.

Um, dois, três corpos caíram em meu caminho até que finalmente avistei a placa do carro que procurava. O único em que meu pai e Firmino poderiam estar. De longe, identifiquei o motorista morto, dando-me conta de que o carro blindado já não era capaz de suportar o montante de balas atravessando a lataria reforçada. Nem mesmo os vidros.

Revistando o lugar, deparei-me com homens meus caídos no chão. Fiz a contagem rapidamente. Havia apenas dois do lado de lá que ainda resistiam.

Ulisses não tinha muito tempo. Nem eu.

Dando a ordem a Javier, para que cobrisse as minhas costas, eu atravessei com James até estar do outro lado da SUV preta.

Ofegando brutalmente ao sentir o ardor de um disparo bater contra o colete à prova de balas, olhei para baixo, mal tendo tempo de verificar o local atingido e, em seguida, atirei. A força e violência da sub fez cada músculo do meu corpo contrair.

— Não pare, caralho! — ordenei a Javier do outro lado. — Eu quero cada filho da puta caído no chão! — Nunca senti remorso pelas vidas que tirei, em momentos assim, muito menos.

Vendo uma forma de me aproximar, eu forcei a porta traseira da SUV, mas ela tinha sido trancada por dentro. Bati com o cotovelo, várias vezes, usando o cabo da sub para terminar de abri-la. Quando enfim consegui acesso, eu destranquei a porta e me deparei com Firmino jogado sobre o corpo do meu pai protegendo-o... com a própria vida, caralho.

— Firmino — chamei-o, ciente de que precisaria ser rápido. Eu precisava tirá-los daqui antes que tudo explodisse pelos ares. O carro podia ser blindado, mas ele não era à prova de fogo.

E esse lugar, assim como o inferno, iria queimar. Era só questão de tempo.

Olhei para trás, pegando a AK-47 do colo de Firmino, e o puxando. O

corpo pesado e coberto por sangue ainda respirava, mesmo que com dificuldade.

— Fica comigo, porra! — gritei, inclinando-me a fim de medir o pulso de Juan Carlos. Desacordado. Um, dois, três segundos... os mais longos da minha vida até então, e senti que não o tinha perdido ainda.

— Tire-o daqui... — Firmino pediu. — Leve-o e me deixe!

— Eu não vou deixar nenhum dos dois — garanti, usando de todo o meu controle para afastar um do outro, sem perder a porra da cabeça. Os tiros no lado de fora continuaram, mas não tão fortes como antes. Escutei, ainda que absorto, o som de outros carros se aproximando e torci para que se tratasse de Ulisses.

Quando a porta do lado de Juan se abriu, eu já tinha conseguido tirar o cinto que o segurava. Dois soldados do exército do general o levaram, ajudando-me, enquanto eu arrancava Firmino do carro que, em breve, voaria pelos ares.

— Santiago, isso aqui vai explodir! — Eu sabia, porra.

— Atirem no tanque! — ordenei, abaixando-me enquanto afastava Firmino daquela loucura.

Mais à frente, Javier ordenava aos homens de Ulisses para que levassem o meu pai. Ele tinha sido atingido e estava perdendo muito sangue. Tanto quanto Firmino, que segurou o meu braço afirmando que ficaria bem e que poderia esperar até que outro carro auxiliar chegasse.

Entre a cruz e a espada, eu o deixei seguro e voltei para onde tiros ainda eram escutados. Dessa vez, eu não me abaixei. Estava tão

transformado, que queria ser o único responsável pelas mortes dos infelizes que tinham ousado armar contra mim. Senti o apoio de James enquanto atirávamos por todo o lugar. E ainda que sentisse ter sido atingido, em algum ponto do meu corpo que sequer sentia dor, eu continuei. Até fazer com que o caminhão que havia sido a causa da emboscada explodisse pelos ares.

— Nós precisamos ir — Javier avisou, sério. Havia fumaça, corpos... e estilhaços por todos os lados. — Firmino não vai aguentar, Santiago.

Caminhei de volta até o carro, sentindo um zunido alto em meu ouvido. A pele em carne viva de tão exaltada. Nenhuma vida que deixei caída sobre os escombros tinha sido capaz de aplacar a fúria. Acho que nunca seria.

— Seu louco, você já deveria estar longe. — Firmino gemeu, quando me sentei ao lado dele, acenando para que o soldado de Ulisses nos tirasse daqui.

Calado, eu notei a quantidade de sangue que Firmino já havia perdido, o que me levou a bater o punho contra o carro, por puro ódio.

Porque o infeliz podia não ser um Salvatore, mas foi como um pai para mim por todos esses anos. Vê-lo morrer não era algo para o qual eu estava preparado.

— Fique vivo, porra! — pedi, amarrando um pedaço de pano ao redor do seu braço contendo parte do sangramento. Só que esse não tinha sido o único tiro que ele levou. — Não faça isso comigo, seu desgraçado. Só não faça.

Pensei em meu pai, que não estava em situação melhor. Foi escolha minha ficar para trás e cuidar de Firmino. Por uma única razão: ele teria

ficado se eu estivesse em seu lugar. O filho da mãe teria dado a sua vida por mim, caralho.

E pensar que eu o conhecia desde que era um moleque. O primeiro tiro que dei foi com uma de suas armas; se era tão bom atirador hoje devia isso ao homem sucumbindo ao meu lado.

Permaneci calado, sentindo a respiração de Firmino fraquejar. Raiva se misturando ao ódio.

Eu tinha sido traído.

— Ela sabia — Firmino falou, cansado. Como se pudesse ver para onde meus pensamentos corriam. — Ela sabia que o seu pai chegaria.

— Como?! Como, Firmino?

Soube ali que o filho da mãe tinha dado suas últimas palavras e que eu tinha acabado de perder o homem mais leal que conheci.

Tão leal que ele não teria mentido a esse respeito. Firmino não era mesquinho, ou vingativo. Ele era quem era. O arrependimento aqui era não ter lhe dado ouvido antes, quando ainda havia tempo.

Ignorei a dor dilacerante que sentia, enquanto milhares de lembranças invadiam a porra da minha mente. A primeira vez que vi Manoela. A forma como seus olhos traiçoeiros buscaram por mim... Eu sabia que não deveria confiar nela, sabia que havia uma enorme chance da infeliz ser quem Firmino dizia. Mas fui teimoso e, pela primeira vez, ignorei meus instintos, porque não conseguia imaginar foder outra boceta que não a de Manoela.

Pela primeira vez desejei tanto uma mulher, que arrisquei a vida de

todos para mantê-la viva.

Meu pai poderia estar morto agora, e a culpa seria toda minha!

Afastando os olhos de Firmino, que já não respirava, eu cerrei o punho com força. Apertei-o com tanta fúria, que por muito pouco não quebrei os meus próprios dedos. Só que a vontade a me dominar era a de esganar outra pessoa, torcer seu lindo pescoço até fazê-la confessar. Mentira por mentira.

Então, sem que pudesse deter meus pensamentos, eu recordei a forma como a infeliz me olhou essa manhã. A tristeza que imaginei ter visto não era real, e sim fingimento. Seus beijos, não eram meus, mas eram letais. Os únicos capazes a fazerem um homem com minha experiência ficar de joelhos diante de uma ninfeta, que deveria ter sido morta assim que pus meus olhos sobre ela.

Por um momento nesta manhã, eu cheguei a pensar que ela me pediria para não vir... sentia como se algo estivesse me puxando para trás. Para perto dela. Mas Manoela não fez nada para me impedir, ainda que soubesse o que aconteceria.

— Eu vou matar a desgraçada!

29

MANOELA GARCÍA

Meus dedos tremiam sobre o caderno de desenho aberto sobre a mesa de centro da suíte, enquanto eu tentava, sem sucesso, ignorar as infinitas possibilidades que se formavam dentro do meu cérebro. A TV em frente ao sofá, encontrava-se desligada, assim como a *Alexa*[12]. O celular, deixado ao meu lado, era verificado de dez em dez minutos. Apenas por precaução. Eu não sabia ao certo o que esperava que fosse acontecer, se Ochoa ou até mesmo Santiago telefonaria. Mas pela dor em meu estômago, quase visceral, algum deles tinha que entrar em contato comigo.

O som do grafite no papel rugoso, que até então costumava ter um efeito calmante sobre as minhas emoções, não fez nada para que eu me acalmasse ou deixasse de pensar coisas extremamente ruins.

Apertei-o enquanto liberava uma longa e severa respiração. Eu não queria ter dúvidas sobre o que havia feito, questionar minha decisão. Esse não era o momento. Santiago merecia o que iria acontecer a ele, todos mereciam.

Mas, então, por que eu me sentia como a vilã dessa história?

Como se tivesse acabado de trair o homem que eu... merda! Fechei os olhos, mal percebendo que a força empregada no ato também era usada no pobre grafite, que quebrou ao meio sobre a folha e o desenho inacabado. Tudo, porque eu sabia exatamente o pensamento que minha mente iria concluir.

Não era apenas o sexo que me mantinha ligada a Santiago. Ou

somente a raiva. Tinha algo a mais, algo que me fazia sentir culpada. Dia e noite.

Droga! Esse maldito plano nunca envolveu quebrar o pouco do que restava de meu coração no caminho.

Incapaz de conter meu cérebro agitado, eu comecei a me perguntar o que faria se Santiago morresse. Ou como voltaria, algum dia, a dormir... porque a ideia de fechar os olhos e saber que ele poderia estar morto, era sufocante.

E, então, meu estômago ficou vazio, ou talvez fosse a minha alma? Meu peito apertou, e uma vontade de vomitar surgiu. Eu ainda não havia colocado nada na boca, não conseguiria. Mas o que não havia em meu estômago, lutou para sair.

De repente, eu tinha me esquecido de como respirar. Porque se Santiago morresse, e ele tinha que morrer, pelo meu pai, nada nesse mundo me faria sentir viva novamente.

Eu já não teria razão pela qual existir.

Não haveria justiça a ser feita ou nenhuma outra emoção a ser sentida.

A imagem de *papá* veio em minha mente, eu já não era capaz de me lembrar dele com vida. Sempre que o passado vinha, ele era infestado pelo sangue ao seu redor.

O homem com quem eu vinha dormindo era um assassino. *E ele tinha de morrer.*

Repeti as palavras tantas vezes em minha cabeça, que o mal-estar aumentou fazendo-me abandonar o grafite e abaixar o queixo entre os joelhos enquanto fitava o desenho criado. Pela primeira vez em muito tempo, eu não retratei o rosto de Santiago, ou memórias do meu passado. Eu desenhei flores. Pequenas e grandes. De diversas formas. E eu odiava flores.

Elas me lembravam a morte.

Distraída, eu peguei o celular ao lado do caderno e reli a mensagem enviada a Ochoa, que o avisava sobre a saída de Santiago. Ele ainda não havia respondido, sequer me tranquilizado a respeito do que havia planejado. Era como se Ochoa me quisesse por fora do que aconteceria. Pensei em telefonar para ele, exigir informações, mas não tive tempo, porque, assim que disquei o primeiro número memorizado, o trinco da porta que dava para o interior da casa girou e dois homens entraram.

Não eram rostos que eu estava acostumada a ver ao meu redor. Não. Os homens, armados como verdadeiros soldados, faziam parte do pequeno exército da morte de Santiago. O mais letal.

Assustada, eu me virei na direção da saída que dava para a varanda, mas havia outros três deles vindo por ali. Em um mísero de segundo, eu olhei para a porta do meu quarto e calculei quanto tempo levaria para chegar até lá e me trancar, tudo isso, sem cair sobre a mesinha de centro ou esbarrar em algum móvel. As chances para tanto, eram mínimas, mas eu me recusei a deixar que simplesmente me pegassem.

Segurando o celular ao me levantar, eu corri. Somente ao alcançar a porta dupla aberta foi que percebi de que essa era uma luta inútil. Meu cabelo foi puxado asperamente pelas mãos de um deles, que me empurrou contra o

chão fazendo o aparelho escorregar para longe e minha cabeça bater com força contra a quina da cama. Por um instante, tudo ao meu redor girou. Tentei me levantar, sendo impedida. Então fiz a única coisa que podia, eu o chutei. Atingindo-o primeiro na perna e, em seguida, no rosto, mas não adiantou. O filho da puta me puxou pelo calcanhar e me arrastou até a sala, deixando-me tonta pela dor e aterrorizada por ter cinco desses homens pairando sobre mim quando eu mal podia me defender.

Um deles, o que segurava o meu celular, levou seu próprio telefone ao ouvido.

— Já estamos com ela — disse, com os olhos vidrados no meu rosto. — Como previu, ela tentou escapar, mas nós a pegamos antes que a cadela conseguisse.

Com quem o infeliz falava? O escutei dizer mais algumas coisas, mas em momento algum deixou claro quem foi que havia dado a ordem para me pegarem. Eu não era estúpida, sabia que o ataque orquestrado por Ochoa podia dar errado. Principalmente por conta das histórias a respeito de Santiago. Mas se ele tinha mesmo sete vidas... cinco já tinham sido perdidas, não é?

Vivo ou não, eu esperava que, pelo menos, Santiago tenha visto Juan Carlos ser morto. Que tenha sentido na pele o que era perder um pai.

Devagar, o homem ao telefone se aproximou, e pisou na minha mão com a botina dura e pesada fazendo-me gritar de dor. Engoli minhas lágrimas, não querendo que me vissem chorar enquanto sentia-me perder os sentidos, pouco a pouco. A sala ao redor já não era capaz de permanecer parada, ela girava no mesmo ritmo que o meu coração batia.

Naquele momento, eu me lembrei de duas coisas: o envelope não aberto, escondido no fundo da gaveta da mesa de cabeceira e o olhar que Santiago me lançou antes de sair essa manhã.

— Não, não. — Levei dois tapas leves no rosto. — Pode acordar, cadela. Ele quer você de olhos bem abertos.

Ele?

— Ele... quem? — perguntei sem forças, mas fui ignorada.

Sendo arrastada pelo interior da casa, eu vi um ou outro empregado sair do caminho para que que eles pudessem passar. Pelo visto, a ideia, ou ordem, era mostrar a cada desavisado o que acontecia com traidores. Não importa, se a traidora em questão fosse a mulher que passava as noites na cama de Santiago.

Corredores e mais corredores depois, nós descemos por uma pequena entrada, que me levou até o porão onde eu tinha estado em meu primeiro dia. Eu tinha tentado tantas vezes descobrir como chegar até aqui, se soubesse que tudo o que o que precisava era ser má...

Ainda que atordoada, eu notei que a sala oval continuava a mesma após todos esses meses. O cheiro de umidade, suor e uma boa dose de testosterona podia ser sentido de longe. Eu não me dei conta naquele dia, ou estive muito preocupada para notar, mas de um lado havia um bar abastecido com as bebidas preferidas de Santiago. O que revelava o tempo que o homem deveria passar aqui embaixo.

Havia portas de ferro espalhadas pela estrutura, e uma de aparência ainda mais pesada parecendo um exagero de tão indestrutível. Se havia

mesmo um cofre aqui embaixo, com armas e dinheiro sujo, ele estaria atrás daquela porta, não restava dúvida. Principalmente, por causa da fechadura eletrônica. Era como se a propriedade inteira não funcionasse de outra forma. Números, senhas. Apenas o melhor e mais sofisticado em se tratando de segurança.

Fui empurrada até uma das salas, que, naquele momento, pareceu-me muito como uma cela. Havia uma pequena cama de ferro, uma cadeira e uma luminária de luz amarela, que tornava o lugar ainda mais assustador. O chão áspero e sujo arranhou e feriu minhas mãos com a força do impacto com que fui jogada. Os dedos, que tinha quase certeza terem sido quebrados pelo brutamonte atrás de mim, doeram ainda mais.

Só que não era com eles que eu estava preocupada, e sim com o ferimento em minha cabeça. E o sangue que já tinha gotejado no pijama que eu vestia.

Passei a mão pela nuca, procurando o local da dor. E senti a umidade em meus dedos. Não era pouco sangue, como tinha esperado. Era muito.

Apoiei as duas mãos no chão, sentindo-me zonza e enjoada.

— Ela está perdendo a consciência... — o brutamonte falou com alguém no outro lado da linha.

Mas tudo em que conseguia pensar era que... Se Santiago estivesse vivo, e Ochoa não desse um jeito de cumprir sua palavra e me tirar daqui, em breve, eu é que estaria morta.

***

Despertei, sem ideia se havia dormido por horas a fio ou se havia desmaiado por apenas alguns minutos. À meia-luz, eu gemi ao ter minha mão segurada e rapidamente a puxei de volta. Lembrando-me de que havia me machucado. Um toque áspero a pegou novamente, sem se importar com meus protestos. Pisquei, várias vezes, assimilando aos poucos quem era o homem colocando uma tala ortopédica em meus dedos inchados.

Seu cabelo raspado, a expressão séria. Javier era tão novo...

Ele não deveria fazer parte de nada disso. Nenhum de nós dois, aliás.

— Não chegou a quebrar, mas foi por pouco. — Parecia que tinha anos que eu não escutava sua voz.

— Dói como se tivessem quebrado! — reclamei, sentindo alívio por vê-lo.

Sem resposta alguma dele, eu notei a mandíbula suja de algo que só poderia ser pólvora e poeira. Assim como os respingos vermelhos sobre a sua camisa. Dando-me conta de que, ao mandar Santiago para aquela emboscada, eu tinha colocado a vida de vários outros homens em risco. Quantos deles devem ter morrido por minha causa?

— Beba antes que alguém apareça. — Javier me estendeu um copo de água, trazendo à tona cada uma de minhas necessidades: fome, sede. Alívio da dor.

Peguei o copo de sua mão com tanta avidez, que só parei para pensar que poderia ter algo ali dentro quando senti o primeiro gole da água quente. Afastei o copo, olhando para dentro dele, lambendo o resquício da única

golada que tinha tomado para ver se sentia o gosto de algo a mais. Veneno, por exemplo.

— Beba. — Levei o copo à boca outra vez. Foda-se. — Tome isso, também. — Vi-o estender um comprimido. — Vai aliviar a dor que deve estar sentindo. Há um corte em sua nuca, eu já o limpei e fiz um curativo. Deve cicatrizar sozinho.

Minha primeira cicatriz de guerra, ou talvez não. Porque, por dentro, eu tinha sido retaliada. Cada pedaço do meu coração costurado ao longo dos anos... foi completamente rasgado no instante em que Santiago me tomou como sua.

Encarei Javier, que não havia me olhado dentro dos olhos ainda. O homem parecia um maldito robô.

— Javier? — Ele pegou o copo antes que eu terminasse de beber tudo. — Onde está Santiago?

Seus olhos vieram de encontro aos meus. Mas não tinham nada, somente raiva. Como se eu também o tivesse traído.

— Me ouviu, Javier?

— Ouvi, eu não sou surdo. — Ele se levantou, e a ideia de ficar sozinha novamente deixou-me apavorada. Não era como se eu tivesse medo de escuro, mas eu tinha medo de lugares fechados. Claustrofóbicos.

Não saber o que esperar era ainda pior.

— Responda-me então! — pedi, querendo que ele falasse comigo. Qualquer coisa.

— Você tem alguma ideia do estrago que causou? — Prendi a respiração, nervosa. — Acabou, Manoela. Não há maneira no mundo que a deixem viva.

— Só me diga se... *ele* está vivo.

Javier se deteve, comigo engolindo em seco. Perguntar sobre ele exigiu tudo de mim, principalmente, porque eu não sabia se estava preparada para a resposta.

Não, quando qualquer uma delas me machucaria.

— O que você acha?

— Morto? — arrisquei, ficando aterrorizada com a ausência de resposta.

O que me fez ofegar ao vê-lo se afastar. Meus olhos ficaram vidrados na porta de ferro, que foi outra vez fechada. Como tantos anos atrás, minhas unhas rasparam o chão enquanto eu continha um grito dentro de mim. Imagens de nós dois juntos me assombravam. Assim como tudo o que eu sabia a respeito dele. *Sete vidas*... o homem tinha sete vidas. Mercedes e suas orações. Todas as cicatrizes. As vezes em que Ochoa orquestrou um ataque...

E se todos estivessem certos, e Santiago fosse mesmo invencível?

SANTIAGO SALVATORE

Afastei-me da ala da UTI, após ouvir sobre o estado de saúde de Juan. Os passos duros ecoaram pelo corredor silencioso. Todo o andar havia sido esvaziado, assim como o hospital, que passou a receber apenas casos de emergência de última hora. Ninguém entrava sem autorização prévia de meus homens, uma precaução a fim de proteger a localização de meu pai. Seu médico e enfermeira eram os únicos que sabiam que *Manuel Arantes*, o nome registrado na entrada, era na verdade Juan Carlos Salvatore.

O homem a quem o FBI procurava até hoje.

A princípio, a incerteza de sua permanência no hospital e os riscos que isso traria era o que me deixava agitado e nervoso. Depois da conversa com seu médico, eu me dei conta de que o ataque ocorrido essa manhã alcançara o seu propósito. Meu pai era um homem praticamente morto.

Respirava por aparelhos, e apenas um maldito milagre o salvaria. E eu não era o que acreditava em milagres nessa família, Mercedes que sim.

Pensei em minha avó, no quanto a machucaria quando descobrisse. E, em seguida, pensei na responsável por tudo. Aquela mulher, com seus olhos endiabrados e língua ferina, deixou-me cego. Viciado no corpo jovem, na boca esperta. A beleza inocente. A infeliz parecia a porra de um anjo... só que caído. Era como se cada detalhe dela tivesse sido criado para foder com minha mente. Fazê-la querer a tal ponto que passei por cima de cada regra que levei anos seguindo sem me desviar.

E então, pela primeira vez na vida, eu abaixei a minha guarda.

Com o punho cerrado, eu desci ao andar principal e me dirigi até onde Ulisses se encontrava à minha espera. O general se recusou a sair sem uma atualização, e eram seus homens fazendo a atual ronda pelos corredores de cada andar dentro do hospital. E assim continuaria até o momento em que meu pai deixasse o lugar.

Dando-se conta do meu humor, Ulisses estendeu o isqueiro para que eu acendesse o cigarro. Nós estávamos, atualmente, na passarela que ligava um setor clínico ao outro.

— Como Juan Carlos está? — perguntou, após me ver tragar a fumaça, oferecendo-me todo o tempo do mundo.

Algo que eu já não tinha, se fosse para ser honesto. Não com o tanto de problemas aguardando por resoluções. Não era uma maldita coincidência que tenhamos sido atacados justamente após colocar a cabeça de Ramírez em jogo!

Fora que eles não poderiam ter sido mais certeiros. Pegar meu pai e eu juntos era o sonho de qualquer filho da puta a desejar o território de *El Castillo*.

— Praticamente morto! — cuspi as palavras, enquanto meu sangue fervia por dentro e meu cérebro, forçado a estar atento, ameaçava se render à velha enxaqueca. Eu precisava de uma dose forte de álcool, uma não. Pelo menos dez, até ser capaz de compreender como Manoela armou para mim debaixo do meu nariz enquanto se esbaldava em minha cama.

Dei outra tragada e, dessa vez, a fumaça foi expelida pelo nariz.

Densa, com cheiro forte de tabaco. O aviso de *"não fume"*, não me impediu de continuar. Pouca coisa o faria, para falar a verdade.

— Devo supor que Ramírez esteja envolvido?

— Não me resta nenhuma dúvida. — Se os ataques que me fez ao longo das últimas semanas tinham colocado sua cabeça a prêmio, o que fez hoje... o levaria em pedaços ao inferno. — Mas tem algo me que incomoda aqui, esse ataque não se pareceu em nada com os outros...

Ramírez me tirou três carregamentos, mas com rastros que deixavam claro que ele era um amador filho da puta, querendo apenas me irritar. Esse último não; cada detalhe, cada pólvora e bala no chão, deixavam claro que a emboscada tinha uma única finalidade: matar a todos.

O infeliz não era homem o suficiente para comprar essa briga comigo.

Mas eu conhecia outros homens que seriam. E era atrás deles que eu pretendia ir depois que matasse Ramírez e fizesse Manoela falar quem era o filho da puta por trás do esquema.

— Sua garota. Você tem andado desconfiado dela nos últimos tempos. — Ulisses não sabia sobre o possível envolvimento dela com Ramírez, ninguém sabia para falar a verdade. Essa era uma informação que levaria comigo para o inferno.

— A infeliz não fez tudo sozinha. Há alguém maior por trás dessa merda. — Eu suspeitava de uma ou outra pessoa. Mas precisava ter certeza antes de dar fim ao filho da puta errado.

— Alguém maior... Não são poucas as pessoas querendo sua cabeça, Santiago. Eu posso citar pelo menos quatro homens que fariam de tudo para

te ver morto.

Eu o encarei.

— Inclusive colocar uma traidora em minha cama?

— Você sabe que sim. — Ulisses me observou fumar, ele sabia que eu estava a um passo de explodir aqui. — Se quiser, eu posso desaparecer com ela sem que ninguém sequer perceba. — Eu não duvidava. — Imagino que queira cuidar das coisas primeiro, mas depois...

Esse era o papel de Firmino, sempre foi. Pensar nisso trouxe-me à borda.

— Eu cuido da garota. — Muito mais importante do que matar um inimigo, alguém na minha posição tinha que saber como se livrar do corpo. Entregar o de Manoela a Ulisses, seria dar munição ao infeliz para que, no futuro, ele jogasse comigo.

Eu podia estar cego de raiva, mas ainda não tinha me tornado estúpido.

— Concentre-se em descobrir algo sobre a emboscada. — Nada me tirava da cabeça que tudo estava interligado. A morte de Celeste, Firmino. A chegada de Manoela em minha vida. E agora o meu pai.

— Seria muito mais fácil se a sua garota cooperasse, Santiago.

— Já disse que dela eu cuido, porra! — Voltei a repetir, vendo-o se endireitar. — Se quer tanto me ajudar, Ulisses, se certifique de que Juan Carlos permaneça *desaparecido* para as autoridades. Reviste qualquer pessoa que entrar nesse hospital, e mantenha o andar dele isolado.

Se me pai iria ou não sobreviver aos disparos que levou, eu não tinha como prever. Mas se houvesse a mínima chance, por menor que fosse, de ele sair dessa com vida, então eu iria garantir que nenhum maldito federal colocasse as mãos sobre ele.

— Farei isso, Santiago. Não se preocupe. — Assenti ao vê-lo se afastar, deixando-me sozinho com toda a minha raiva.

Da passarela, pude ver as três SUVs que vieram comigo para o hospital. Em uma delas, James me aguardava para irmos para a casa. As outras, permaneceriam pelo restante do dia. Independente, se haveria ou não homens de Ulisses rondando o local. Agora mais do que nunca, eu precisava me certificar de que quem estivesse ao meu lado fosse realmente de confiança.

Terminei o cigarro, e o assistir cair sobre a praça que havia debaixo da passarela. O que fosse que estivesse fazendo adiar o meu retorno à casa, estava garantindo que eu não fosse cometer qualquer impulso, como, por exemplo, o de estrangular Manoela no momento que a visse. A infeliz iria morrer, não era algo a questionar, só que isso aconteceria somente depois que ela abrisse aquela maldita boca gostosa, e despejasse o que eu precisava ouvir.

A verdade.

Assim que verifiquei o número no visor do aparelho, eu cerrei o maxilar e o atendi.

— *Diga-me que isso não aconteceu.* — A voz grave de Alejandro, soou como previ. Enraivecida.

— Se a *isso* você se refere à tentativa de assassinato que sofremos, a única coisa que tenho para dizer é que não é da sua conta, porra!

Alejandro respirou fundo, nosso temperamento era o mesmo. A única diferença era que meu irmão tinha aprendido a controlá-lo. Enquanto eu nunca fiz qualquer questão.

— *Juan Carlos também é meu pai, Santiago.*

— Então você lembrou...

— *Você não é o único que mantém contato com ele, sabia?* — revelou. — *Ao contrário de você, nosso pai nunca deixou de me considerar como parte da família.*

Considerei o que me disse, Juan Carlos não era exatamente aberto ao que fazia e o que deixava de fazer, ainda que eu soubesse sobre os telefonemas entre os dois.

— Responda-me uma coisa, Alejandro. Você sabia que ele viria a Sinaloa? — Quando Alejandro não respondeu imediatamente, eu insisti: — Sabia, porra?

— *Não, mas desconfiava. Juan andava preocupado com os negócios, as decisões que você vêm tomando... Era só questão de tempo até ele decidir aparecer.*

O calado agora era eu, frustrado para dizer a verdade.

— *Eu tenho de vê-lo, Santiago.*

— Não. — A presença do, possivelmente, futuro governador de

Sinaloa a esse hospital, só nos traria atenção indesejada. O lugar de Alejandro era longe de tudo o que dizia respeito a essa família.

— *Não?*

— A menos, é claro, que você queira que Juan seja pego pelos federais, e que cada maldito jornal desse país esteja com uma fotografia dele estampada no dia seguinte à sua visita...

O cabra ficou em silêncio, como já esperava. Alejandro podia ser muita coisa, mas nunca foi burro.

— *Qual o estado em que ele se encontra?*

— Juan perdeu muito sangue. Mas foi o tiro na nuca que o está mantendo fora do ar. O médico está esperando o inchaço diminuir para ver como nosso pai irá reagir, mas as chances de isso acontecer são mínimas.

— *Caralho!*

— Se ainda é o homem que conheci, você também vai querer saber que nós perdemos Firmino nesse ataque.

— *Santiago...*

— Eu juro, Alejandro, que dessa vez... nada vai me parar até que eu obtenha cada uma das respostas que procuro. — Ele sabia ao que eu me referia. — Mesmo que isso custe a minha vida!

Nunca me perdoei por não encontrar o assassino de Celeste, essa era uma dívida que eu tinha comigo mesmo.

— *Avise-me se precisar de ajuda.* — O infeliz desligou, fazendo-me

lembrar de que eu não era o único a se ressentir pela perda de nossa irmã.

***

Ao retornar para casa, foi possível notar a diferença nas ruas humildes de Sinaloa. Era impossível que a notícia de uma emboscada não tenha se espalhado como pólvora ao ser acesa. Portas e janelas eram mantidas fechadas; se em respeito ou medo, eu não saberia dizer. Não naquele momento, quando tudo parecia incerto.

Pela primeira vez na vida, contestei essa vida. Os negócios, os galpões. A fachada que usávamos para vender nosso maldito *oro blanco.* Mas, então, recostado contra o banco do veículo que James dirigia em um silêncio sombrio, eu percebi que não saberia ser outro homem que não o que eu era. Nasci para ser *El Señor de la Guerra*, e morreria dessa forma.

Quando finalmente nos aproximamos da propriedade, eu me virei para James.

— Quero que separe dois homens para a segurança de Alejandro. Se meu pai e eu fomos um alvo, nada impede que tentem atacá-lo também.

— Está feito — garantiu, ao passar pelos portões de ferro fortemente vigiados. Havia mais segurança nas guaritas altas do que normalmente, o que não era de se estranhar.

Saltei do carro e adentrei a casa silenciosa. Ainda que fosse dia lá fora, tudo aqui dentro soava calmo. E o responsável pela penumbra, era o

luto.

Javier se encontrou comigo no meio do caminho ao me ver chegar e, juntos, seguimos pelo interior da casa.

— Onde ela está? — perguntei a Javier, que subiu os degraus atrás de mim.

Ele tinha sido enviado antes, porque, depois de Firmino, era o único homem em quem eu podia dizer que confiava.

— No porão, como pediu. — Não era do meu feitio torturar mulheres, porra, mas eu me recusava a ter de olhar na cara da infeliz nesse momento. Porque sabia o que aconteceria se o fizesse, o que acabaria por não me dar nenhuma das respostas que buscava. — Mas ela não está bem, Santiago. Juarez a machucou ao levá-la. Há um corte em sua nuca, e alguns dedos praticamente quebrados...

Continuei a andar, porque parar não faria minha mente encontrar alguma solução. Pelo contrário.

— Alguns dedos praticamente quebrados... é o que ela tem. — Virei-me para Javier, apenas para o caso de ele estar com pena da cadela. — Um pai *praticamente* morto é o que eu tenho deitado sobre a cama de um hospital, que pode ser cercado pelo maldito FBI a qualquer momento. Quer mesmo que eu tenha pena dela, Javier?

Ele não respondeu, preferiu ignorar a sua falha momentânea.

— Quando irá vê-la?

— Quando eu tiver certeza de que serei capaz de manter minhas mãos

longe da infeliz. — Nos dois piores sentidos: tanto sexual quanto violentamente.

Ao chegar no corredor da minha ala, deparei-me com a porta do quarto aberta. Mas não disse nada a respeito. Apenas entrei, exausto pra caralho e desabotoei a camisa que vestia querendo me ver livre de qualquer amarra. Meu primeiro instinto foi o de ir até a minha cama, como fazia todas as vezes em que chegava desvairado em casa. Mas Manoela não estaria ali, não seria o seu corpo que me receberia hoje. E eu a amaldiçoei por me fazer desejar algo impossível.

Escancarando as portas duplas, eu me detive ao ver Rosa sentada sobre a cama. Claramente à minha espera.

— O que faz aqui? — Eu ainda não havia retirado por completo a camisa, mas sua presença não me deteve.

Ela já não era nenhuma garotinha.

— Você... levou um tiro? — perguntou, fitando o meu abdômen.

— Não foi nada, passou de raspão. — E eu já havia cuidado disso.

Ela assentiu, assustada. Como se nunca tivesse visto a porra de um homem ferido.

— Eu vim perguntar sobre o Juan Carlos — admitiu nervosa, aproximando-se sem qualquer cuidado. — Preciso que seja honesta comigo, Mercedes me contou o que disse a ela... mas...

— Mas?

— Você faria qualquer coisa para proteger os sentimentos de Mercedes. Até mesmo mentir.

Encarei os olhos grandes e negros de Rosa, o nariz fino. A boca, como dezenas de outras que provei em minha vida. Ela era bonita, de um jeito entediante. Não fazia meu sangue ferver, ou incendiar. Não trazia o meu pior à tona, ou me tornava um infeliz possessivo capaz de arrancar o dedo de cada homem que ousasse lhe tocar. Rosa não era Manoela... e isso me enfureceu. Porque eu me vi desejando que fosse.

— Você me conhece bem... — falei, retirando o relógio e o coloquei sobre a mesa de cabeceira. E, em seguida, aproximei-me dela. — São quantos anos nessa casa, Rosa? Vinte?

— Vinte... e dois — gaguejou nervosa, quando a toquei em seu rosto.

Talvez eu devesse tirar a prova e confirmar que toda boceta era igual. Toda boca, todo olhar... E que a ninfeta *fodendo* completamente comigo, não significava nada.

— Você já é uma mulher. — Rosa tinha sido resgatada por Mercedes aos seis anos de idade, depois de uma visita da minha avó ao orfanato local. Desde então, ela foi criada como se realmente pertencesse a essa família.

Eu sabia dos planos de Mercedes e Juan, até mesmo ela sabia e, talvez, por isso me olhasse tão esperançosa. Apenas esperando pelo momento em que eu a reivindicaria.

Algo que, para falar a verdade, eu nunca planejei. Até agora.

Em um impulso mais racional do que o contrário, eu a beijei. Procurando pelo gosto que tanto ansiava e o calor nos lábios, que me punha

de joelhos. Esperei pelo gemido rouco, as unhas afundando em minha pele ao me agarrar. Mas não teve nada disso.

Rosa me beijou de volta, sem resistência. E não era o que eu procurava, merda! Como um filho da puta acostumado a depravação, eu ansiava por mais.

Mas não parei.

Nervoso, eu a empurrei mantendo o seu corpo magro preso à parede, enquanto os olhos de Rosa deslizavam até a mão que se esgueirava entre as suas pernas. Encontrando-a seca onde normalmente Manoela já estaria ensopada. Seu cheiro não era nada do que eu esperava. Ela não era nada do que eu esperava ou queria.

E ainda que gemesse ao ter meu toque em sua parte mais íntima, eu achei melhor afastar a mão de sua boceta enquanto a saia do vestido solto descia sozinha.

— Já tinha sido beijada? — perguntei, querendo saber até que ponto ela havia se guardado para mim. Foram anos a mantendo longe, apenas para ultrapassar essa barreira em um momento de raiva.

Eu queria punir Manoela e a mim mesmo.

— Não.

— Imaginei — falei seco, afastando-me.

Rosa era a epítome de uma carola, graças a criação que Mercedes deu a ela. Não era sua culpa se eu não apreciava *santas* em minha cama, pensei ao lhe dar as costas, prestes a entrar no banheiro.

— Santiago? — chamou-me, no último momento.

— Foi ela, não foi? A culpada pelo ataque... por isso a levaram para o porão?

Encarei-a, pensando no que dizer, mas não havia nada. A verdade era essa.

— Eu sabia que ela não prestava — divagou quando não a respondi. — Sempre atenta a tudo o que acontecia dentro dessa casa, todas aquelas perguntas. Mercedes estava certa, ela é o mal. Como pode ter permitido que ela entrasse nessa casa e nos fizesse tanto mal, Santiago?

Eu a encarei, com raiva.

— Saia! — gritei, furioso.

— Me desculpa, eu não quis...

— Eu disse para sair, Rosa! Agora, porra.

***

Passei os próximos minutos debaixo dos jatos de água fria. O sangue e o cheiro de morte foram limpos do meu corpo, descendo ralo abaixo. E o tiro de raspão que havia levado, seguia com o curativo feito. Nada profundo ou demasiado dolorido. A verdade é que a dor não era algo que eu sentia de forma recorrente. Não mais.

Quando percebi que não poderia adiar o inevitável, eu me enrolei em uma toalha, deixei o banheiro e me vesti. O céu estava escuro quando saí do quarto, e ainda que soubesse que precisava, eu não procurei por Mercedes. Imaginando que, à essa altura, ela estaria fortemente medicada ou recolhida em seu pequeno santuário.

Eu quase podia vê-la ajoelhada em frente a sua fiel *Santa Muerte*, suplicando pela vida de seu filho. Só que não poderia estar mais enganado, concluí, ao me deparar com minha avó de pé em frente à porta de ferro onde Manoela se encontrava. Havia uma pequena imagem em sua mão, que eu rapidamente identifiquei.

O que fosse a súplica que estivesse fazendo, ela o faria aqui embaixo.

Com as mãos enfiadas nos bolsos da calça escura, eu me aproximei, olhando para a mesma direção que Mercedes: a garota sentada no chão áspero ao lado da cama de solteiro, com o rosto afundado entre os joelhos.

— Ela tem que morrer — disparou antes que eu lhe perguntasse o que fazia no porão.

— E ela vai — respondi amargo, fazendo-a se virar e olhar para mim.

— Eu não fui a única a te pedir para se livrar da infeliz, meu neto. E agora... Firmino se foi, e o seu pai... — Minha avó apertou a imagem entre os dedos. — Os mortos não voltam do inferno, Santiago. Mas os vivos... quem escolhe onde eles permanecem somos nós.

— A garota vai pagar pelo que nos fez, Mercedes. Assunto encerrado.

— Eu quero que ela sofra. — Claro que queria. — Quero que sangre, como seu pai deve ter sangrado. — Mercedes não era uma mulher vingativa

ou cruel. Seu temperamento era forte, como era de se esperar de alguém que cresceu na pobreza e criou sozinha o seu único filho.

Pouco se era falado a respeito de meu avô nessa casa, o que sabíamos era que o infeliz havia se casado com ela em uma pequena capela quando tinha apenas 16 anos. Coisas assim aconteciam antigamente, ser abandonada grávida por um italiano de merda também. O que tínhamos do infeliz era o seu sobrenome, e nós o usávamos por direito.

Sem dizer outra palavra, Mercedes se afastou enquanto eu permaneci ali, com os olhos fixos na infeliz sentada no chão. Até que a vontade de estar cara a cara falou mais alto, e eu destranquei a porta entrando devagar. Manoela ergueu o rosto e apesar do estado deplorável em que se encontrava, foi como se *eu* é que tivesse levado um maldito soco. Seus olhos estavam inchados, sua boca idem. O pescoço vermelho, com rastro de sangue nele. Os filhos da puta realmente a tinham machucado.

Mas porra! Não era isso que ela merecia? Pedir a meus homens que fossem gentis com a responsável por enviar Juan para o hospital e matar Firmino, seria o mesmo que dizer que ela era a minha fraqueza.

O que a infeliz já não era, eu me certificaria disso.

Ao me ver de pé na porta, Manoela levou as mãos até o chão e o tentou apertar. O som de suas unhas raspando o cimento duro era áspero. Incômodo. Vi-a fechar as pernas, como se temesse algo pior. Assim como reconheci o pijama que ela usava essa manhã, agora completamente sujo.

Não era pena que eu sentia ao vê-la dessa forma, era fúria. Da mais crua e bestial.

Dando um passo atrás do outro, eu me pus a sua frente. Obrigando-a a erguer o rosto para me olhar.

— Eu confiei em você — disse, dando vazão a toda a raiva. — A tomei como minha. E como você retribui? — Segurei seu queixo com força, sabendo que a machucaria. — Traindo-me como se não me conhecesse. — Sacudi a cabeça. — O que achou que iria acontecer, Manoela? Qual era a porra do plano?

Ela me encarou, sem dizer nada. Só que olhar para ela me enervava, fazia meu sangue ferver e queimar por dentro.

Mas chega, toda essa loucura e obsessão acabariam agora!

— Você não esperava que eu voltasse, não é? — Agarrei o seu cabelo, ao vê-la ter a ousadia de me desafiar com o olhar. Nem mesmo assustada, a cadela se rendia. — Responda-me, porra. Fazia parte do seu plano me matar? — Apertei um pouco mais, fazendo-a ofegar de dor e de frio. O seu pequeno corpo tremia inteiro, mas eu usaria isso a meu favor. — Tragam-me um balde com gelo — pedi para qualquer um dos dois homens no lado de fora. — Se não vai responder por bem, eu a farei me responder por mal.

Afastei-me e dei a ordem para que eles a molhassem. Isso se repetiria a noite toda se fosse preciso. Manoela gritou, emitindo finalmente algum som, ao receber água em meio a pedras de gelo. Havia razão para mantermos dois freezers no porão, que iam além dos corpos que precisávamos esconder por um curto período de tempo.

— Encham outro.

— Não. Não... eu falo. — Os dentes brancos batiam um no outro. Seu lábio estava roxo. Afastando o cabelo molhado do rosto, ela me encarou. Mas não foi rendição que enxerguei em seus olhos, foi outra coisa. — Você está certo — falou como pôde. — Era para você estar morto... todos vocês.

Todos nós.

Por todos esses meses, eu a mantive com a desculpa de que estava curioso sobre o seu passado. Sobre quem ela realmente era. Que em nada tinha a ver com o fato de que essa garota, uma filha da puta traidora, me tinha nas mãos. Não era fácil para mim admitir que havia sido pego, que finalmente existia algo com que eu me importasse a ponto de cometer erros.

— Tragam-me outro — voltei a pedir e, quando eles trouxeram dois baldes cheios de água congelada, eu dei a ordem: — Façam isso a cada uma hora. Quando o corpo dela aquecer, vocês o resfriam de novo. E de novo...

Até que ela enlouquecesse, caralho!

30

SANTIAGO SALVATORE

Passava das nove horas quando eu me juntei à mesa de café da manhã onde Rosa e Mercedes me esperavam. Após deixar Manoela no porão, eu fumei um cigarro atrás do outro, até que joguei o meu corpo cansado e rígido sobre a cama. Foram minutos olhando para o teto do quarto, sentindo-me latejar em raiva e tesão. A infeliz tinha sorte que eu me neguei a tocar nela, caso contrário a teria machucado até fazê-la desejar a morte.

Incapaz de dormir facilmente, eu passei parte da noite analisando os últimos acontecimentos, até ser capaz de fechar os olhos sem ser assombrado pela ninfeta de olhos dourados. Mas como um lembrete, o quarto inteiro exalava o seu perfume. Algo envolvendo algodão e pimenta, que me fez sentir no céu e no inferno.

Apertei o punho sobre a mesa de café da manhã, sentado entre Rosa e Mercedes, que conversavam baixo sobre qualquer assunto para o qual eu não dava a mínima. Não quando meu pensamento vinha sendo tragado de volta a Manoela. Segundo após segundo. Pior do que deixar pontas soltas, era não saber o que fazer com elas...

— Me escutou, Santiago? — A voz de Mercedes me trouxe de volta ao que acontecia ao redor. Neguei, optando por ser honesto, e levei a xícara de café forte à boca. — Certo — ela continuou, com cuidado. Os olhos vermelhos da noite maldormida soava como um sinal de alerta para os desavisados essa manhã. — Perguntei que horas ocorrerá o enterro de Firmino. Eu realmente gostaria de comparecer.

Pela forma como me encarou, Mercedes sabia que as chances de eu permitir que ela fosse ao cemitério ou a qualquer outro lugar no momento eram mínimas. Nós tínhamos sofrido um ataque, merda, eu jamais me perdoaria se algo acontecesse a ela também.

— Será essa tarde, não sei ainda que horas. Javier está cuidando dos detalhes para mim — avisei. — Mas não há necessidade que você ou Rosa estejam presentes.

Eu estaria lá pela família.

— Firmino era um bom amigo, Santiago. — Se por amigo, ela queria dizer um confidente, então sim, ele era um bom amigo para ela.

Entreolhamo-nos. Muitos de meus homens morreram sem direito a um enterro. Eu pagava suas famílias pelo silêncio, mas principalmente pela discrição. E os recompensava pela lealdade de seus filhos ou maridos. Mas Firmino não era qualquer homem, porra!

Não era o melhor momento para estar em público, mas eu não o privaria ou a sua família de um enterro decente. O filho da puta teria o que merecia pela sua lealdade.

— Concordo com ele, tia — Rosa interviu, ficando do meu lado.

Suas bochechas estavam rosadas, provavelmente pela lembrança do que aconteceu na noite passada. Algo que não voltei a pensar, até esse momento. Assim como todo o sexo que tive ao longo da vida, *aquilo* não significou nada.

Frustrado, eu pedi licença às duas pouco tempo depois e subi para pegar minha carteira e arma, antes de ir ao hospital. Pelo que seria a última

vez. Não era uma boa ideia arriscar-me dessa forma, o incidente era recente, minha presença pela região só acarretaria uma atenção que eu não desejava obter no momento. Porque, até então, para todos do lado de fora, as únicas perdas que havíamos tido era Firmino e alguns de seus homens.

Com um objetivo em mente, eu atravessei a suíte, e entrei no quarto de Manoela. Indo direto ao seu closet. Não olhei para a cama, ou qualquer outro lugar em que tenhamos fodido, apenas entrei no cômodo repleto de roupas e procurei por um vestido preto que fosse minimamente decente para que a infeliz pudesse usar. Havia outra razão pela qual a presença de Mercedes não seria viável, e essa razão era porque Manoela iria comigo. Um pequeno presente que ela receberia antes do fim.

Com o vestido em mãos, abri uma das gavetas e amaldiçoei a ideia de procurar por alguma calcinha. Cheguei a pegar uma delas, segurá-la com força entre meus dedos, com os dentes tão cerrados que os senti ranger. Como o filho da puta que eu era, eu a levei ao nariz e a cheirei, o aroma nela era de limpeza. Algum produto. Mas de tão fissurado que era na minha garota, meu cérebro recriou o cheiro de sua boceta, fazendo-me salivar.

Fechei os olhos por um momento, pensando se valeria a pena saber exatamente o que a infeliz vestia por baixo do vestido justo. Não a ter usando nada, porém, seria uma tortura ainda maior. Então a coloquei junto com o vestido. Separei um par de sapatos, e deixei o quarto decidido a queimar tudo. Cada peça que a maldita vestiu. Cada rastro do seu cheiro e lembrança de sua passagem pela minha vida.

Ao sair da suíte, passei por James e Javier, que me seguiram sem falar nada. Duvido que eu fosse o único sentindo a perda de Firmino, mas homens nesse meio não possuíam fraquezas. A menos que desejassem ser mortos.

Antes de nos separar, entreguei a Javier o vestido e o que mais havia separado.

— Garanta que Manoela esteja pronta no horário certo. — Ele os pegou e assentiu, até pensei em deixá-lo ir sem outras instruções. Mas a raiva que sentia era tamanha, que eu precisava machucá-la de alguma forma. — Se ela perguntar para onde estamos indo, não responda. Se pedir por comida, não dê. A enfie debaixo de algum dos chuveiros do porão e pronto. Chega de regalia para a infeliz.

A única coisa a mantendo viva, era o que ela sabia e que se recusava a compartilhar. O que havia dentro daquela cabecinha traiçoeira era o que me interessava.

E eu não sossegaria até conseguir obter.

Deixei a propriedade com a mente a mil. Perder Celeste tantos anos atrás me destruiu, porra. Meu coração foi enterrado junto ao corpo da minha irmã, a melhor parte que havia em mim. Agora, com Firmino, o efeito era semelhante ao de perder um braço. A ideia de que, em breve, Juan também poderia deixar esse mundo... era demais para que eu pudesse lidar sem sentir o desejo de explodir esse país inteiro!

No tempo que passei no hospital, atualizei-me sobre o estado clínico do meu pai. Mas o quadro seguia estável, ainda que crítico. A transferência dele no momento não era possível, e isso não me trazia tranquilidade alguma. Aproveitei que ainda era cedo para verificar algumas questões inacabadas nos galpões e retornei para buscar Manoela. O tempo para um banho frio era tudo o que tinha, por isso rapidamente me vesti e desci para esperar que Javier a trouxesse.

Olhando a segurança através da sala principal, eu virei o rosto ao escutar passos suaves vindo pelo interior da casa. Rosa sorriu ao me ver, e se aproximou com um pouco mais de ímpeto.

— Mercedes está bem — informou, para que eu não me preocupasse. — Acho que consegui distraí-la um pouco hoje.

— Ótimo.

Nós dois olhamos para a guarita alta que ficava exatamente em frente à vista da sala.

— Sobre ontem... — começou. — Eu não me arrependo, eu gostei do beijo e... — Rosa se deteve, ao acompanhar meu rosto se movendo até o outro lado da sala. Onde uma Manoela estática nos encarava.

Sua reação ao nos ver tão próximos foi a de morder o lábio carnudo com força, a ponto de seus dentes deixarem marcas.

Os olhos contraídos travaram nos meus, como se eu lhe devesse alguma maldita explicação. A expressão em seu rosto poderia ser nula, mas o ardor dentro de seus olhos, não. Se havia algo de verdadeiro nessa garota eram eles.

Diante do desejo violento que se apossou do meu corpo, eu desviei meus olhos dos dela e verifiquei o relógio em meu pulso.

— Está na hora — avisei, afastando-me sem esperar que ela e Javier me seguissem. Não era como se houvesse outra possibilidade.

Enquanto caminhava em direção ao carro, repassei o estado do seu rosto. As olheiras escuras marcavam a pele alva. Havia pequenos arranhões

em sua bochecha. Sua mão seguia enfaixada. E o cabelo encontrava-se em uma bagunça, que não deveria ter soado tão sexy.

Abrindo a porta para que entrasse, eu aguardei por Manoela. Seus passos não pareciam de uma mulher prestes a morrer, a infeliz seguia orgulhosa. O que eu não daria para quebrá-la por dentro, porra. Nunca gostei que implorassem, mas da boca de Manoela eu gostaria de ouvir súplicas e pedidos de perdão.

— Entre no carro! — ordenei, ao vê-la hesitar. A respiração se mostrava tão pesada quanto a minha. Manoela queria brigar, discutir. Era boa nisso, mas ela não faria. Tive certeza quando a infeliz passou por mim e entrou. Virei-me para vê-la se acomodar no banco, os saltos em seus pés eram altos. A saia do vestido, tão apertada, que tornava difícil para que se movesse sobre o banco.

Sacudi a cabeça, transtornado, e bati com força a porta. Dando a volta para entrar no outro lado. Não houve conversas como das outras vezes, suas perguntas já não existiam. Nem qualquer tentativa de me dobrar, ou arrancar alguma informação. Sentado a poucos centímetros de distância, peguei-me observando suas mãos. Uma delas estava inchada; e na outra, suas unhas se encontravam curtas, como se ela tivesse continuado a raspar aquele chão imundo...

Voltei a mim somente quando o carro estacionou em frente ao cemitério. E foi nesse momento que Manoela me encarou, procurando por respostas. Mas ela não perguntou. Mostrar-se curiosa ou com medo, a mataria.

Quando o motorista da frente destravou as portas, eu a segurei pelo

braço antes que pudesse sair.

— Tente alguma coisa, e haverá pelo menos dez homens com a ordem para atirar em você.

— Achei que você seria o único a me matar.

— Eu disse atirar, impedir que fuja. E você está certa. Eu serei o único.

— Por que não fez ainda? — Não era pavor que encontrei em sua voz, era algo mais como... desespero.

Deixei a SUV sem respondê-la. Duvidando que ela não soubesse o porquê de eu ainda não ter apertado o gatilho em sua direção. Dessa vez, a segurança ao redor não estava encoberta ou afastada. Havia muitos dos homens treinados por Firmino ao longo dos anos, presentes aqui hoje. Tantos, que chegava a ser assustador.

A pedido meu, o cardeal Alonzo celebrou o enterro. Palavras bonitas e reconfortantes foram ditas, não para mim ou meus homens. Mas para a família de Firmino. Nós não precisávamos desse tipo de consolo, sabíamos exatamente quais eram as consequências de nossos *negócios*.

Com Manoela prostrada ao meu lado, eu me perguntei se a história triste sobre o seu pai seria verdade. Porque se fosse, a cena à frente mexeria com ela. E era isso que eu pretendia ao trazê-la aqui. Fazer com que a infeliz olhasse nos olhos das filhas de Firmino e soubesse qual era exatamente o tipo de dor que elas sentiam.

Eu havia perdido o meu homem mais leal, mas essas duas menininhas e sua mãe perderam tudo.

MANOELA GARCÍA

Firmino.

Santiago estava aqui por ele, e não pelo seu pai.

Um nó se formou em minha garganta ao perceber o que eu havia feito. Que todo o esforço e tudo que arrisquei... podem não ter servido para nada. Porque até então, eu não tinha notícias a respeito de Juan Carlos, se ele estava ou não morto. Se havia voltado para o seu esconderijo... Não que eu não desejasse ver Firmino morto, eu desejava, só que a incerteza do que havia realmente acontecido, fazia-me sentir como se todo esforço que fiz não valesse de nada!

— Firmino não foi o único. Você sabe — Santiago comentou, mas eu não conseguia prestar atenção, não com todos aqueles homens ao redor prestando suas condolências a um assassino. — Sua traição custou a vida de nove dos meus homens. Diga-me, Manoela... como é saber que, por sua causa, nove famílias foram destruídas? Não estou dizendo que haja um santo aqui, porra, mas você é tudo... menos inocente. Há tanto sangue em suas mãos quanto há nas minhas.

E se Juan Carlos fosse como o filho? Impossível de ser morto... Eu já tinha visto Santiago sangrar. Sentir dor. Ficar de joelhos. Por que então, ele não morria? Por que sair de algo que eu e Ochoa planejamos por anos, com apenas alguns malditos arranhões?

Coberto por um casaco negro, calça ajustada aos músculos de suas pernas e sapatos italianos, o homem se mostrava rígido, como se carregasse

uma faixa em seu abdômen. Mas isso era tudo. Baleado ou não, Santiago seguia de pé.

— Não é para mim que deve olhar, Manoela. É para o corpo. — Ele me encarou, de lado, com a mandíbula apertada. Os olhos tão azuis, que pareciam gelo.

Eu fiz o possível para não olhar para a frente. Eu não queria ver o corpo ou o caixão. Mas o choro insistente de uma criança fez-me virar o rosto e prestar atenção pela primeira vez às duas garotinhas no outro lado do jardim do cemitério. Ambas choravam, seus olhinhos fixados no caixão. Dei um passo atrás, mal podendo respirar. Mas Santiago me impediu, forçando-me a ficar.

A mais nova delas se aproximou da caixa de madeira... tocando-a como se não tivesse medo. Ela não deveria ter mais do que cinco anos, muito mais nova do que eu quando perdi o meu pai. E chorosa, a garotinha colocou o seu rosto sobre a tampa de vidro chamando por Firmino. Pelo seu *papá*.

Lágrimas de saudade cobriram os meus olhos. Lágrimas, que, dessa vez, eu não me importei em soltar.

— Q-Quem são e-elas? — gaguejei ao perguntar, tremendo inteira.

Santiago me encarou, senti sua atenção sobre mim, mas não me virei. Eu não queria que ele me visse chorar com a mesma dor que a garotinha parecia sentir.

Porque eu me vi inteiramente nela.

— A família dele — respondeu, seco. — Ou você achou que ele não tinha ninguém?

Eu achei. Achei que ele era apenas um filho da puta assassino. Mas então reconheci os mesmos olhos pretos do pai, o mesmo cabelo. A mesma dor que eu sentia. Haviam matado o *papá* dela. E a culpa era minha.

Virei-me, sem pensar direito, ficando tonta no processo, mas Santiago me segurou com seu olhar firme no meu.

— Ainda não terminou.

— Me deixa ir, por favor! — Eu imploraria se fosse preciso. — Só... me deixa ir.

Ele negou, com um aceno, e voltou a me empurrar para o mesmo local onde eu estava. A tontura fez-me lembrar o que mais havia em jogo agora, e todos os segredos que eu estava mantendo de Santiago e de mim mesma.

— Você fica até o final. Quero que veja exatamente o que provocou, Manoela. — Tive vontade de mandá-lo à merda. Eu estava tanta com raiva, tão confusa, que mal conseguia manter-me de pé.

Só que, droga, eu me recusava a ser a única a sempre sofrer nessa história.

As horas que passei naquele cemitério foram horríveis, o tempo não passava. Santiago me fez assistir tudo. No final, eu ainda o vi cumprimentar as garotinhas, fazê-las sorrir mesmo em meio a dor. O homem que sentia a perda de Firmino não era o mesmo que tirou a vida do meu pai. Esse homem aqui... parecia saber o que era compaixão, e eu o odiei um pouco mais por isso.

Sufocada com minha própria dor e raiva, eu apertei o meu pescoço

contendo não apenas o desejo surreal de vomitar. Os homens de Santiago tinham ficado irritados em ter que limpar minha sujeira essa manhã, mas comer vinha sendo impossível. Vendo-o de longe, ainda anestesiada, eu tentei não pensar... mas foi impossível não questionar o que tinha sido aquilo que presenciei mais cedo. Rosa... Se eu não estivesse ficando louca, eles tinham se beijado. A possibilidade de que algo mais pudesse ter acontecido foi todo o incentivo que precisava para me sentir mal. Um calor absurdo tomou conta do meu corpo enquanto eu me sentava em um dos bancos do cemitério e, por longos segundos, olhei para os meus pés. A terra, os sapatos agora sujos. Uma distração fraca para o ciúme que me vi sentindo. Além da vontade incontrolável de arranhar a cara daquela lambisgoia sem graça.

Então tudo o que escutei de Rosa por todos esses meses veio à tona. A promessa de um futuro entre os dois... Não deveria machucar pensar que realmente poderia acontecer, mas machucava. Porque eu não queria a boca de Santiago em outra boca, não queria suas mãos tocando outra mulher...

Se não fosse para me tocar, me beijar... se não pudéssemos nos ter, eu o preferia morto.

O pensamento deixou-me assustada por um segundo. E, ao virar o rosto, eu notei que Javier me observava de longe, com uma pergunta silenciosa em sua expressão. Acho que ele era o único que realmente se importava, mesmo estando furioso comigo.

— Está na hora de ir. — Santiago parou a minha frente, interrompendo a troca de olhares entre mim e Javier.

Levantei-me, ainda me sentindo mal e caminhei um passo atrás dele. O céu nublado deixava o clima úmido quente. Nem mesmo quando pequenas

gotas de chuva caíram sobre o meu rosto, senti algum alívio. Lambi meus lábios, dando-me conta da sede e da fome que sentia.

E ao me sentar ao seu lado no carro, eu só pude torcer para que Santiago não ouvisse o que meu estômago fazia comigo mesma. Por isso, cansada, eu apoiei a cabeça no encosto, adormecendo sem perceber.

Quando voltei a abrir meus olhos, foi como se tudo tivesse sido um maldito sonho, porque eu estava de novo no porão. E incerta sobre o que era real ou não, eu me arrastei até a pequena mesinha ao lado da cama e olhei para a comida que havia sido colocada ali. A primeira que eu via, desde que me trouxeram para cá. Da comida, eu olhei para a roupa com que tinham me vestido. Pijamas limpos, mas sem nada por baixo.

Perguntei-me, por um segundo, quem tinha feito isso, quem havia me visto nua, mas no fundo não importava. Nada naquele momento importou.

***

O pesadelo era o mesmo que tive durante todos esses anos, ele começava quando o assassino entrava na cozinha. Só que, diferente do que aconteceu na realidade, eu não esperava até que saísse para que pudesse correr até o corpo de meu pai. O que me fez parar exatamente em frente ao homem mau. E ele me segurou pelo pescoço o apertando até que eu mal tivesse forças para gritar por mim ou pelo meu pai. Esse era sempre o momento em que eu acordava.

Não foi diferente dessa vez. Sei que gritei, porque meu peito estava

acelerado quando abri os olhos. A mesma adrenalina correndo pelas veias e o mesmo vazio dentro do meu coração.

Em qualquer outra noite, eu teria rolado na cama e me forçado a esquecer. Mas, dessa vez, eu não consegui, ciente de onde estava e mais ainda de que não me encontrava sozinha. No outro lado do sótão escuro, Santiago seguia sentado em uma cadeira de ferro, observando-me dormir.

Senti o cheiro inconfundível de sua colônia, e o tanto de pólvora que o homem parecia sempre carregar em sua pele.

O que me fez sentar na cama e ficar cara a cara com ele. Suas pernas podiam até estar abertas de forma relaxada, mas a expressão severa em seu rosto revelava exatamente o contrário. Santiago estava tudo, menos tranquilo.

Eu o conhecia bem demais para pensar o contrário.

— O pesadelo me pareceu pior — disse. — Isso nunca foi mentira, certo? A perda do seu pai? — Permaneci calada. A última coisa que precisava agora era dar munição ao infeliz. — Onde as mentiras começam? Sua ida até Jiménez? A dívida do seu pai?

— Que diferença faz saber? O meu final será o mesmo...

— Não acha que me deve alguma explicação? — Ele se levantou, furioso. — Quem você pensa que é, porra, para entrar na minha vida, foder com tudo e... achar que vai ser morta antes de abrir essa sua boca traiçoeira?!

Engoli em seco, ao tê-lo apertando o meu rosto com fúria.

— Por quê? — quis saber. Inclinando-se sobre mim como um fantasma. — Apesar das mentiras e toda a besteira que me dizia, eu achei que

o que tínhamos, por mais fodido que fosse, era real, Manoela.

Não, ele não podia dizer coisas assim. Não agora. Já não tinha volta, eu sabia o que iria acontecer comigo. Desejar o contrário seria ainda mais doloroso.

— Como poderia ter sido real... se você sempre soube que teria de me matar, Santiago? — gritei de volta. — Acha que Firmino nunca me disse? Era só questão de tempo!

Com o maxilar cerrado, e uma expressão assassina, o *bicho-papão* me soltou, agindo como se me tocar fosse uma maldita tortura.

— Eu quero respostas, e você vai me dá-las. — Desviou do assunto, de repente. — Se foi mulher para entrar na minha vida e jogar comigo, será para dizer tudo o que eu preciso saber.

— Nunca.

— Levante-se, porra! — Hesitei, mas antes que ele pudesse me tocar eu tentei me erguer, tropeçando em minhas próprias pernas ao me pôr de pé.

Sem que tivesse escolha, eu fui arrastada até o lado de fora da cela, dando-me conta que o que passei até então não era nada perto do que Santiago pretendia fazer comigo. Olhei ao redor, notando Javier, James e dois outros homens sentados. Todos se levantaram rapidamente quando Santiago apareceu, mas nenhum olhou na minha direção. Era como se eu não existisse.

Deles, eu verifiquei a mesa que havia sido preparada com facas, pregadores... alicates. Até mesmo uma arma.

— Isso pode ser doloroso, ou não. — Santiago me fez sentar em uma

cadeira. E um dos homens puxou meus pulsos para trás. — Depende apenas de você.

Tudo o que Santiago fazia, causava dor. Com intenção ou não. Por que seria diferente agora?

Sentando-se em outra cadeira, uma bem próxima a mim, Santiago manteve as pernas entre as minhas, o jeans grosso raspando em minhas coxas nuas. Tudo o que eu vestia era um short curto de pijama e uma regata que mal cobria a pele resfriada. Meu corpo seguia tremendo, era como se tivesse sido acometida por uma febre que nunca passava. Tentei olhar para o homem a minha frente, lembrar de quem ele era, mas já não o reconhecia.

Não era o meu Santiago aqui, era o monstro. E eu tinha sido a responsável por trazê-lo à tona.

— Qual era o plano? — exigiu saber, olhando-me dentro dos olhos. Metralhando-me com uma pergunta atrás da outra. — Como descobriu onde deveria atacar? E o mais importante... quem foi o filho da puta que te colocou aqui dentro? — Prendi a respiração, tentando controlá-la mesmo que minimamente.

Eu poderia dizer a Santiago o que ele queria escutar, contar toda a maldita verdade, mas Ochoa tinha me salvado. Por mais traiçoeiro que o infeliz fosse, ele tinha me impedido de terminar como centenas de outras garotas, filhas do tráfico.

Ele não era a minha pessoa preferida nesse momento, mas eu devia minha vida a ele.

— Responda-me, porra! — pediu baixo, aproximando-se enquanto

me fazia recuar contra o encosto. Seu hálito estava tão perto, que eu quase podia sentir nossos beijos nele.

— Não. — Sem que eu esperasse, Santiago acenou para o brutamonte atrás de mim, o mesmo que havia amarrado os meus pulsos, e que agora puxava o meu cabelo para trás.

— Sou um homem paciente, Manoela. Se desejar, nós temos a noite toda... — Eu não sei se eu aguentaria a noite toda com todos esses infelizes sádicos olhando na minha direção enquanto era torturada. — A única coisa que não vou aceitar é que minta, me ouviu?

Pelo tempo que durou o seu jogo, Santiago não encostou a mão em mim. Isso não fez a dor cessar, e nem impediu que o desgraçado, segurando o meu cabelo com tanta força, não me machucasse.

Não que esperasse outra coisa dele. Pode ter sido só sexo para o maldito, mas foi o inferno para mim, porque eu gostei de cada minuto que passamos juntos. Das lutas, discussões. Do sexo sujo e suado...

— Para quem estava trabalhando, porra? — repetiu a pergunta de um milhão de dólares.

Dessa vez, quando me recusei a falar, não foi apenas um puxão que senti, foi a faca gelada, que o brutamonte havia pegado sobre a mesa, em meu pescoço.

— Eu não pos-posso di-dizer... — gaguejei imóvel, ciente de que, se me movesse um centímetro que fosse, a faca afundaria em minha pele.

— Não pode ou não quer? Porque são duas coisas bem diferentes.

— Eu não quero dizer. — Seus olhos se tornaram frios. Acho que nós dois estávamos cansados disso tudo. Ele de ter suas pernas entre as minhas, seu hálito indo e vindo sobre o meu rosto, enquanto eu era sacudida para permanecer acordada. Seus olhos passeavam pelo meu corpo agora suado, pelo vão dos meus seios, o meio de minhas coxas... Tudo isso me deixou vergonhosamente excitada.

— Pelo menos, você foi honesta. — Santiago se levantou e eu o acompanhei.

Vi-o escolher algo entre as armas sobre a mesa, e se voltar para mim.

— Essa é a última vez que vou te perguntar. Quem deu a ordem?

Santiago enxergou em meus olhos a resposta, e ela continuava sendo *não.*

Fechei meus olhos ao tentar respirar, apesar da lâmina em meu pescoço, e só os abri ao sentir o aro gelado da arma passear pelo interior de minhas coxas, indo e vindo, tão lento, que me senti arrepiar. Olhei para baixo, notando sua respiração mais pesada. Seu pênis estava duro. Engoli em seco procurando pelos seus olhos.

Algo neles me dizia que nada que eu fizesse... o faria me perdoar.

Eu o tinha perdido.

Com raiva, o homem subiu a ponteira da arma pelo meu corpo. Apertou-a contra a minha cintura até alcançar meus seios e, em seguida, se deter sobre o meu coração.

— Prefere morrer? — Eu já não sabia.

Tudo o que sempre desejei foi justiça e obter minha liberdade. Nada mais passou pela minha cabeça até que eu entrasse na vida de Santiago. Mas nos últimos tempos, quando comecei a perceber que havia me envolvido além da conta e que havia perdido o controle da situação, eu comecei a me perguntar se não seria mais fácil simplesmente me render.

Então não haveria culpa por querer tanto o único homem que não podia amar.

— Eu não sei... — revelei, entre uma puxada de ar e outra. — Não sei! — Senti uma lágrima escorrer pelo meu rosto. Uma única, mas que fez perceber que eu não aguentaria muito disso mais.

Aproximando seu rosto do meu, Santiago me fez abrir os olhos quando eu mal tinha notado que os havia fechado de novo.

— Responda-me, pelo menos, por que aceitou fazer parte disso? O que ganhou com essa merda, Manoela?

— Justiça — murmurei baixinho, e foi como se tudo, de repente, fizesse sentido para Santiago. A tatuagem. Minhas perguntas. O motivo pelo qual eu estava aqui. Cada uma de nossas conversas.

Com um único puxão em meu cabelo, Santiago conseguiu minha atenção. O corte em minha garganta ardia, minha cabeça latejava e eu estava faminta. Por isso, a última coisa que esperava era ter sua boca na minha, de forma violenta e feroz. Não foi um beijo erótico, foi uma punição.

Um castigo para me lembrar de que éramos bons demais juntos. Mas que ele ainda era o monstro da história e que eu não teria o meu final feliz.

— Eu teria te deixado viva — grunhiu, para que apenas eu o

escutasse. — Teria ido contra todos, caralho! — Respirei fundo, e meu coração doeu com a mesma intensidade com que as lágrimas desceram pelo meu rosto. — Eu teria lutado por você. Mesmo sabendo que tudo o que me diz é mentira... teria feito isso, porque nunca quis tanto uma mulher como quis você, maldição! Mas chega. — O homem se levantou, empurrando minha cadeira, que tremulou, mas não caiu. — Ninguém mente para mim.

Como eu sabia, pensei, enquanto desejava que suas palavras não fossem reais. Que o arrepio em minha espinha não se dava por saber que, de alguma forma, eu havia estragado tudo. A verdade é que eu nunca teria encontrado um equilíbrio.

Porque, ser leal ao meu pai significaria eliminar Santiago. E ser leal a Santiago, seria o mesmo que trair a lembrança de meu pai.

Eu não podia ter os dois.

Solucei, sentindo dor. E, pela primeira vez, me permiti pensar na vida que carregava em meu ventre. Eu o senti gritar comigo, implorar para que eu permanecesse viva... por ele. Só por ele.

Mas não podia. Eu não iria fazer isso.

Tanto que, quando Santiago empurrou a arma contra a minha testa, eu apenas esperei.

— Acho que nos vemos no inferno, amor. — Não fechei meus olhos. Deveria, mas não fui capaz.

Eu queria enxergar Santiago pela última vez quando ele disparasse, e queria, de um jeito absolutamente mórbido, que o infeliz se lembrasse dos meus olhos. Que eu o assombrasse pelo resto de sua vida, como ele me

assombrou até hoje.

Eu teria te deixado viva.

Eu teria lutado por você.

Não, não! Ele não podia me dizer essas coisas instantes antes de apertar o gatilho. Não era justo, com nenhum de nós dois.

— Santiago! — A voz de Mercedes soou ao longe, de repente. Como se ela tivesse corrido para chegar até o porão. Ainda assim, nenhum de nós dois se virou para encará-la.

— Você não vai querer ver isso, Mercedes — o homem declarou, de forma fria. Deixando claro que nada o faria mudar de ideia, nem mesmo a presença de sua adorada avó. — Essa garota já fez muito estrago por aqui.

Apesar da presença de Mercedes, o ruído do gatilho ainda pôde ser ouvido ao ser levemente apertado, o que me levou a prender a respiração.

— Acho que a infeliz nem começou, Santiago. — Mercedes se colocou ao seu lado tão gelada quanto o neto. — E antes que você continue... eu quero entender por qual razão a infeliz não te contou que está grávida.

Gelei por dentro, porque nem mesmo eu tinha cem por cento de certeza. Quero dizer, talvez eu tivesse, mas vinha negando para mim mesma a possibilidade de que pudesse estar grávida há muito tempo. Porque a verdade, por mais dolorosa que fosse, era que eu não desejava estar.

Carregar o sangue de Santiago dentro de mim seria uma traição ao meu pai. E eu já tinha falhado com ele de todas as formas possíveis.

Como se não tivesse mostrado nem metade de sua crueldade, Santiago afastou a ponteira da arma da minha testa e encarou a avó.

— De onde tirou esse absurdo, porra?

— Olhe isso. — A velha estendeu o envelope que eu ainda não tinha aberto e o entregou a Santiago, que o leu enquanto seus dedos grandes amassavam a porcaria do papel involuntariamente.

Vi-o respirar, um som animalesco escapando através de sua boca. Para só, então, erguer o rosto e me encarar.

Um milhão de perguntas soavam em silêncio entre nós dois.

Por que eu não havia contado? Como isso aconteceu? Foi de propósito?

Não tinha sido, e eu não contei por que nunca pretendi levar essa gravidez adiante. Sobre como aconteceu... a única possibilidade era a de que eu possa ter esquecido de tomar a pílula em algum momento. Viver ao lado de um homem como Santiago drenava a mente de qualquer mulher, eu nunca sabia quando iria dormir e acordar morta. Minha última preocupação era verificar a porcaria da cartelinha, ainda que a tomasse religiosamente. *Ou assim eu pensei.*

— Se ela realmente estiver, e for meu... isso não muda nada — bradou, mirando novamente a sua arma. Mas, dessa vez, Mercedes interviu ao tocá-lo no braço.

— Muda, Santiago. Isso muda tudo. — Ela me encarou, como se me considerasse um pequeno inseto do qual gostaria de esmagar com seus sapatos. — Nós somos o que somos, mas nunca manchamos o chão de nossa casa com o nosso próprio sangue. Não começaremos com esse bebê.

Santiago a escutou, com o olhar vidrado em meu abdômen mal coberto pela blusa do pijama. Então, foi como se algo dentro de mim se agitasse. Como se quisesse sair.

Respirei fundo, sentindo meus braços doerem. Enquanto via o homem a minha frente se transformar em um animal.

— Se isso for outra de suas mentiras... eu juro, Manoela, que a corto em pedaços. Cada pequena parte de você. — Ele me agarrou pelo cabelo, obrigando-me a manter os olhos sobre ele. — Vamos lá, porra, diga se o que está naquele papel é verdade!

Engoli em seco. *Como poderia não ser?*

— Sim. É verdade! — falei com raiva. — E não importa o que pense, esse filho é seu!

— Para o seu bem, eu espero realmente que seja.

Santiago me soltou, afastando-se de mim como se me desprezasse e eu fosse o pior tipo de mulher. Ninguém ao redor disse absolutamente nada, e o silêncio abrasador ao redor do porão fez com que seus passos parecessem trovões em meio ao céu.

Enquanto eu, bem, a única coisa que fui capaz de fazer ao vê-lo se afastar foi me render à exaustão, pendendo a cabeça para trás e chorando tudo o que eu não havia chorado até hoje.

31

MANOELA GARCÍA

Afundei a cabeça entre as pernas, olhando para a espuma da banheira enquanto sentia arder os arranhões em minha pele. A água, extremamente quente, parecia intensificar as dores do meu corpo. Por dentro e por fora. Desde a entrada de Mercedes naquele porão, um torpor se infiltrou em meus ossos de forma tão profunda, que eu ainda não havia conseguido definir se sua interferência tinha sido ou não boa.

A confirmação de que estava grávida, assim como a raiva transbordando que enxerguei dentro dos olhos de Santiago, deixaram-me zonza. Flutuando em um imenso vazio. No fundo, eu sabia qual seria o resultado, conhecia o meu corpo bem demais para ignorar as mudanças das últimas semanas. E, não pela primeira vez, eu escolhi fingir do que encarar a verdade.

Mentir, a ter de admitir que carregava o filho de Santiago em meu ventre.

Eu preferia qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa, a isso. Uma lágrima perfurou a nuvem de espuma cobrindo minhas pernas, e eu não fiz nada para impedi-la de cair. Não havia forças para tanto, nem mesmo para erguer o meu rosto diante do som severo dos saltos de Mercedes aproximando-se de onde eu me encontrava.

— Rosa irá trazer algo para que coma — falou, pegando a caneca de cerâmica ao lado da banheira, enchendo-a com água e a jogando sobre o meu corpo. Costas, ombros, pescoço... Tudo voltou a arder como se eu tivesse

acabado de ser cortada. De forma brusca, ela até mesmo lavou o meu cabelo sujo. Ainda que sem se importar em esfregá-lo.

— Você irá se alimentar e descansar. Amanhã, bem cedo, um médico virá vê-la.

Para quê? Me perguntei em silêncio, eles já não tinham descoberto o resultado positivo? Eu não precisava de ninguém tocando em meu corpo, ou me examinando. Se dependesse de mim, eu continuaria a agir como se não existisse bebê algum.

— Eu não quero ver nenhum médico.

Seu braço se deteve, antes que outro jato de água atingisse a minha pele. Como se ela soubesse que doía.

— Mas verá. A partir de agora, você fará exatamente o que eu disser. O bebê que espera é meu bisneto. — Ela estendeu a mão enrugada e tocou meu abdômen. — Eu não vou permitir que nada aconteça a ele, já perdi demais nessa vida.

— Como pode ter tanta certeza de que é de Santiago? Eu posso ter mentido...

Mercedes me encarou, e tudo o que consegui sentir era raiva. De todos eles. Levar essa gravidez adiante seria como trair a memória do meu pai. Dar as costas a tudo o que lhe prometi.

— Você não seria louca de se deitar com outro homem. Se o tivesse feito, Santiago já a teria matado há muito tempo. — Acho que ela estava certa, afinal.

— Não acha injusto colocar essa criança no mundo? — perguntei baixo. — Deus não gostaria de ver nascer um bebê com o sangue de um assassino... — O tapa forte que recebi de Mercedes, com a mão em que seu anel estava, fez com que meu rosto sacudisse.

De forma instintiva, eu toquei a pele atingida. E arfei. Orgulhosa demais para encará-la, nem mesmo quando a velha louca voltou a me dar banho.

— O que Santiago fará com você depois que essa criança nascer é problema dele, mas o que acontece a ela até lá é problema meu. Tente alguma coisa para impedir que esse bebê nasça e eu me certificarei de que se arrependa.

Mercedes se levantou, limpando as mãos em uma toalha seca e me entregando um roupão em seguida.

— Vista-se. Rosário deve chegar em breve. — Esse era o pior momento para que Rosa ficasse perto de mim, a última coisa de que eu precisava era ter de lidar com ela.

— Onde está Santiago? — Mercedes parou, ao ouvir a pergunta.

— Não acho que meu neto queira vê-la, querida. A razão pela qual ainda respira, é pelo que carrega dentro de você. Não ache nem por um segundo que conseguirá tirar alguma vantagem sobre essa gravidez, porque eu não vou permitir que aconteça. Você mentiu para Santiago uma vez, e eu duvido que terá a chance de fazer uma segunda.

Cobri-me com o robe, ao vê-la encarar o meu abdômen como se dentro dele houvesse um pote de ouro. Algo de valor inestimável. Ela queria

essa criança, eu podia sentir. Queria de uma forma que, talvez, eu nunca fosse...

Esperei até que saísse para o quarto, e enquanto dava o nó no robe, olhei-me no espelho. Havia olheiras roxas abaixo dos meus olhos, meus lábios pareciam rachados. Mas não era a ausência de vida em meu rosto que estava me deixando apática, e sim... a vida em meu ventre. O bebê estava me sugando.

— Que porra ela está fazendo aqui? — Assustei-me ao escutar a voz profunda de Santiago vinda de dentro do quarto. Não me atrevi a espiar, não queria ver ele ou qualquer outra pessoa. Em vez disso, apoiei-me na bancada fria de mármore e respirei fundo.

Eu deveria saber que ele não tinha mudado de ideia tão rapidamente. Santiago não era esse homem. Ele era o *bicho-papão*, eu precisava me lembrar.

— Quero saber em que momento eu autorizei que a trouxessem, Mercedes! — gritou, mais alto. Fazendo-me encolher. — Grávida ou não, o lugar de Manoela... é lá embaixo.

Não escutei a resposta de sua avó, mas pude ouvir o murmúrio.

— Santiago está certo, Mercedes. O que essa mulher nos fez... — Rosa acrescentou, fazendo-me cruzar os braços enquanto me enchia de coragem e saía. Detendo-me no batente da porta. Não olhei para o rosto da sonsa prestes a me atirar para o fogo, e nem para o de Mercedes. Parada ali, tudo que conseguia e queria olhar era Santiago.

— Vista uma roupa, você está descendo comigo. — As duas mulheres

ficaram em silêncio, enquanto eu atravessava o quarto e entrava no closet. Com o frio que fazia naquele lugar, eu procurei por uma calça de moletom e um suéter quente.

Peguei meias, uma calcinha limpa e... congelei ao ver que já não estava mais sozinha. Atrás de Santiago não havia qualquer uma das mulheres. Ele as tinha dispensado, ao que parece. Com as roupas em mãos, eu tentei passar pelo maldito a fim de me vestir no banheiro, mas fui impedida.

— Não tem nada aí que eu não tenha visto antes, então faça logo! — Encarei-o, sentindo a mão larga dele envolver o alto do meu estômago por um mísero de segundo, antes que Santiago a retirasse.

Afastando-me tanto quanto podia, eu subi a calcinha pelas minhas pernas, sendo alvo do seu olhar. Eu não queria sentir nada, ou pensar que isso era mais do que parecia. Santiago não me amava e uma parte de mim ainda o odiava. Então por que doía tanto a sua indiferença? Saber que ele e Rosa...

— Seja rápida, Manoela. Eu não tenho a noite toda, porra!

— O que há de tão urgente assim que não pode esperar que eu me vista? Rosa o espera em sua cama? Ou há algum outro defunto para ser enterrado? — grunhi as palavras, dando voz a minha raiva. Ficando imóvel ao vê-lo se aproximar e me segurar pelo queixo.

— Às vezes, eu acho que você deseja que eu a machuque. Talvez, se eu o fizesse, você teria todas as razões para realmente me odiar, não é?

— Quem disse que você já não me machucou? O que acha que é isso... — Apontei para o corte em minha garganta. — Você, seu filho da puta, já me machucou tanto, que eu não tenho mais nada a perder. Não tenho

família, não tenho alguém para amar.

— Você tem esse bebê.

— Eu não o quero! — gritei. — Não quero, Santiago. Não. Quero!

Como se isso o surpreendesse, Santiago ordenou, sério:

— Estou te dando um minuto para terminar de se vestir; se não o fizer, do jeito que estiver eu desço com você.

Tão controlado. Totalmente frio!

Aproximei-me dele, e segurei onde sabia que havia uma arma.

— Por que não me mata logo? — Ele me empurrou, com cautela. — Por que não acaba de uma vez por todas comigo e faz o que sempre desejou?

Eu não acreditava em nada que esse homem dizia, e não acreditei quando falou que me deixaria viva. Indiferente, seus olhos gelaram minha alma. Eu já o tinha visto com raiva, furioso. Mas nunca dessa forma. Então, eu o forcei, empurrei-o até o limite.

Eu já não tinha o que perder.

— Como acha que será quando essa criança nascer? — provoquei. — Seu filho terá o sangue de uma traidora, Sr. Salvatore. É isso o que quer?

— Não. Não é — falou com desprezo. — Mas Mercedes não se importa, desde que seja recompensada pelo que você tirou dela.

Eu tirei?

Isso significava que... Juan estava morto?

— O seu pai... ele morreu? — perguntei com ânsia. Desejando com todas as minhas forças que sim. — Santiago?

— Nunca mais pareça tão ávida, porra! Nada que tenha a ver com Juan é da sua conta. Nunca se esqueça disso.

Terminando de me vestir, no automático, eu observei as costas de Santiago que andava de um lado ao outro dentro do cômodo. Dando-me conta de que Juan Carlos ainda era o seu ponto fraco, morto ou vivo.

Prestes a sair do quarto, eu me detive ao vê-lo folhear meu caderno de desenho. Sua atenção voltada ao último rascunho que havia feito da minha antiga casa. Seus olhos vieram até os meus.

— Onde é isso? — Fitei o desenho. — Me responda!

— Não sei. Eu apenas desenhei. — Tentei passar por ele.

— Tudo o que sai da sua boca é mentira, não é?

— E da sua não?

— Nunca menti para você, Manoela. Nunca, porra. A única filha da puta traiçoeira aqui tem nome e sobrenome. Se é que o seu nome é real.

— Com todo o seu poder, você não mandou me investigar?

— Mandei. E já que tocou no assunto... por que não me diz o que fazia na França? — perguntou de repente, deixando-me gelada. Um sorriso ácido, formando-se em seu bonito rosto. — Foi de lá que veio, não foi? — Afastando-se, ele me liberou. — Poupe-me se for abrir a boca para mentir, a verdade é que eu não dou a mínima de onde você veio. O que importa agora é

para onde vai.

Santiago se afastou, esperando que eu o seguisse. Quando chegamos ao porão, eu hesitei antes de entrar no pequeno cômodo. Fui deixada sozinha, mas não consegui me mover quando a porta atrás de mim se fechou. Nunca tive medo do escuro, ou da morte. Muito menos do silêncio.

Mas, de repente, cada uma dessas coisas soava assustadoras para mim.

Aproximando-me da cama, eu me sentei e olhei para a porta trancada. A dormência invadiu o meu corpo. A ideia de que o sangue dessa família fosse venenoso e que, pouco a pouco, ele se espalhava dentro de mim... teve um efeito catalisador em meu peito, comprimindo-o.

Apertando-o de dentro para fora enquanto me esmagava aos pouquinhos.

SANTIAGO SALVATORE

— Eu não o quero. Não quero, Santiago. Não. Quero!

Eu já não sabia qual era o catalisador da minha raiva. Motivos não faltavam, mas Manoela parecia ter um lugar especial no pódio. Porque tudo ligado a ela, deixava-me na borda.

O fato de ela não querer essa criança, não deveria me incomodar. Mas incomodava.

Quem a infeliz pensava que era para rejeitar o meu filho, porra?

Subindo as escadas, eu me dirigi até onde sabia que encontraria Mercedes. Entrei em seu Santuário, vendo-a em frente à imagem de *Santa Muerte*. Minha avó era como a maioria dos católicos desse país, que acreditavam no poder da morte. A respeitava. Mas no caso de Mercedes, as duas tinham uma ligação profunda e íntima.

— Conversou com ela? — referiu-se à Manoela.

— O necessário. — Ficar perto da infeliz não vinha sendo fácil, então, tanto quanto podia eu a evitava.

A tentação era grande, assim como a vontade. Fosse de matá-la ou fodê-la.

— Estou preocupada, Santiago. — Mercedes se virou, com a expressão impassível. — Manoela não deseja a criança.

— Eu percebi.

Fui encarado.

— Por outro lado, eu o quero. Ele é sangue do nosso sangue... e pertence a essa família.

Claro que ela o queria.

— Manoela deveria estar morta, Mercedes. — A encarei. — Cometi o erro de deixá-la viva antes, e olha o que aconteceu.

Segurando em meu braço, Mercedes tentou apaziguar o meu ressentimento.

— Não estou dizendo que ela não irá... você sabe disso. Mas quero que garanta que eu tenha essa criança em meus braços antes.

— O filho de uma traidora.

— Não, meu neto. O seu filho. — Ela apertou seus dedos no meu braço. — Sei que está irritado, e com razão. Mas não deixe a dor te consumir a ponto de te cegar.

— Não estou cego, Mercedes. Ou com dor. — Afastei-me, ficando a cara a cara com a sua *Santa Muerte*, que pareceu olhar diretamente para dentro dos meus olhos. — Estou furioso.

Com Manoela e o filho da puta por trás desse ataque, mas, principalmente, comigo mesmo.

***

Os dias correram, assim como a notícia de que Firmino havia sido morto e o preço alto que eu estava disposto a dar pela cabeça de Ramírez. De preferência, colada ao restante de seu corpo. Se fosse para alguém dar cabo da vida do infeliz, esse alguém seria eu. Não falei com ninguém além do necessário, eu andava agitado.

Querendo e buscando por vingança. Homenagear aqueles que foram e os que em breve partiriam.

O gosto amargo voltou à boca, e não tinha nada a ver com o álcool que eu havia bebido nas primeiras horas do dia. A verdade é que se antes ele não fazia efeito em meu sistema, agora era como água. Eu precisava de mais, algo forte. Algo que fosse fazer a maldita culpa desaparecer.

Parado em frente a Kaiser, eu acariciei sua crina quando ele, obediente, abaixou a cabeça em minha direção. O animal sentia o meu temperamento, e agia como muitos vinham agindo ao meu redor: com cautela.

Com um relincho alto, e seus músculos ficando tensos, Kaiser denunciou a aproximação de outra pessoa na arena antes que eu me desse conta. O estábulo era o lugar que eu vinha passando a maior parte dos últimos dias, por não querer ver ou falar com ninguém.

A velha sensação de sentir-me mais animal do que homem era algo que havia aflorado.

— Santiago? — Não afastei a cabeça para olhar para Javier. Ele era o

único com coragem suficiente para me interromper nos últimos tempos. — Ochoa está aqui.

Olhei para trás, encarando-o.

A visita de Miguel Ochoa não era algo que eu esperava, não com a cabeça de seu sobrinho a prêmio por cada maldita esquina desse país. O general Ulisses vinha fazendo sua própria busca, claro, mas depois que o ataque se tornou exposto aos jornais, tanto ele quanto eu tivemos que recuar. Eu sequer podia ir até o hospital onde meu pai seguia internado. Não se quisesse colocar em risco sua localidade e estado de saúde. Caralho, eu vinha sentindo-me amarrado!

A DEA deveria estar a postos esperando por alguma retaliação da minha parte, uma caça incessante ao responsável que colocou o homem mais leal que conhecia debaixo da terra. Era questão de tempo até que Stevie, o maldito, enfiasse o bedelho em meus negócios.

— Leve-o até o porão, eu já me junto a ele — falei, puxando a rédea de Kaiser para dentro de sua baia. Como sempre, digitei o código de segurança e me certifiquei de que não havia qualquer risco de Kaiser repetir a merda que tinha feito assim que chegou as minhas mãos.

Minutos depois, eu desci os degraus que me colocaram frente a frente com Ochoa. O homem tinha uma expressão nervosa, não importasse o esforço que fizesse para não suar e mostrar o contrário.

— Não esperava sua visita, Ochoa. — Dei a volta na sala oval e me servi de uma dose de tequila. Olhando por um mínimo de segundo para a porta de ferro que mantinha Manoela isolada. O homem parado em frente a ela impedia que qualquer um visse o que havia lá dentro.

— Ouvi alguns rumores... quero dizer. Não é somente por isso que eu vim. Mas...

— Vá direto ao ponto, porra!

— Sinto pela perda de Firmino. Ele era... um grande homem. Leal também, como poucos. — Encarei-o, não podendo concordar mais.

— Pela primeira vez, você diz algo que eu concordo, Miguel. Firmino era leal, e não há muitos homens assim vivos. Os melhores ao que parecem, seguem morrendo.

O infeliz arqueou a sobrancelha.

— Foi por isso que veio? Para prestar suas condolências? — Ochoa nunca suportou Firmino, muito menos a influência que ele tinha sobre mim e o meu pai.

— Você sabe que não — declarou, nervoso. — Alguns rumores chegaram até os meus ouvidos, e eu precisava saber se são reais. Ramírez...

— Se tem relação com Ramírez, não são rumores, Miguel. Eu o quero morto.

O rosto do homem ficou vermelho, com o suor escorrendo.

O velho parecia um porco. Sempre reclamando, grunhindo. Fazendo-me perder tempo e paciência.

— Tenho certeza de que o que Ramírez possa ter feito... — Ele se calou, procurando pelas palavras certas. — Talvez se eu conversar com ele...

— O momento de conversar acabou, Ochoa. Ramírez sabia

exatamente o que estava fazendo ao atacar meus homens. Não uma vez, mas várias. Não apenas atacou, como fez questão que eu soubesse que era ele.

— Os dedos... — concluiu.

— Sim, os dedos. — Esse era um detalhe que ele fez questão que eu encontrasse. — Mas que, por alguma razão, não foram encontrados no ataque que matou Firmino e colocou meu pai naquela cama de hospital.

Esse era o principal motivo pelo qual eu não conseguia deixar de pensar que havia outra pessoa por trás. E que talvez essa pessoa fosse o infeliz a minha frente.

— Eu acho que sei onde ele pode estar — Ochoa revelou, como se pudesse ler a porra da minha mente e cada um dos pensamentos assassinos passando por ela. — Sei que temos nossas divergências, filho, mas sempre estive do lado do seu pai. Foram anos servindo Juan... mas preciso que acredite em mim. Minha lealdade também é sua.

— Está dizendo que Ramírez agiu sozinho? Que você não sabia de nada? — Inclinei-me para a frente, enchendo outro copo.

— Estou.

Virei o *shot* de tequila e ri amargo.

— Juro a você, Santiago, que se eu soubesse eu o teria impedido. Só fui descobrir a respeito dos ataques, quando soube que você o procurava. Ramírez... nunca...

— Ramírez nunca teria coragem? — completei, antes que terminasse. — Ao que parece ele teve, Ochoa. E você me conhece, eu não perdoo

traições.

Miguel me encarou do outro lado do porão e assentiu.

— Eu sei — disse, desviando seus olhos até a porta em que Manoela se encontrava. — Eu também não perdoaria se fosse comigo.

— Então não vai se importar que eu mate o seu sobrinho?

— Você está no seu direito. — Sim, eu estava, porra. — Se meu sobrinho fez o que fez, então ele tem que pagar.

— É bom saber que pensa dessa forma. Entrar em guerra comigo agora, seria um erro. — Nesse momento e em qualquer outro.

— Eu sei, é por isso que estou aqui. Para provar que vim em paz... que não quero guerra com você. Ramírez pode ter todos os motivos que teve para atacar, mas eu nunca os tive, Santiago. Você é como... da família para mim.

E como *prova* do que dizia, ele me entregou a possível localização de Ramírez. Despedindo-se em seguida, mas não sem antes olhar uma última vez na direção da porta.

Curioso filho da puta!

Javier se juntou a mim, instantes depois da saída de Ochoa. Seu olhar era interrogativo, até que ele se rendeu e perguntou:

— O que Miguel queria?

— Prestar as condolências a Firmino, e falar sobre o sobrinho. — Acendi um cigarro enquanto falava. — Na verdade, ele veio aqui para tentar

me convencer de que lado sua lealdade está.

— E você acreditou?

— Nem por um maldito minuto. — Traguei a fumaça, mantendo-a presa por algum tempo.

— Acha que Ochoa está por trás do que tem acontecido?

O que eu não daria para saber, mas eu conhecia o infeliz. Ele jamais deixaria rastros para trás se tivesse envolvido. Os dedos deixados eram coisa de Ramírez. Ochoa não teria permitido algo tão descarado assim. Ele era um filho da puta, mas era estrategista.

Ainda que o fato de ter sido *ele* o primeiro a me entregar a cabeça do próprio sobrinho, revelasse com que tipo de homem eu estava lidando.

— Não sei. — E por não poder dizer com todas as palavras que *não*, é que eu manteria um olho no infeliz. Assim como em todos os outros de quem desconfiava. — Estando ou não por trás, ele acaba de me entregar a cabeça de Ramírez. Por isso quero que enviem uma pequena equipe até Veracruz e averiguem tudo. Se o desgraçado estiver lá e, para o bem de Ochoa, eu espero que esteja, eu quero ser avisado imediatamente.

— Eu os acompanharei, se não se importa. — Esse seria o trabalho de Firmino, se estivesse aqui. — Sei que não sou o Firmino, mas sou tão leal quanto ele.

Encarei-o, com seriedade.

— Sua lealdade vai até onde, Javier? Porque Firmino era o tipo de homem que não hesitaria em atirar contra mim se eu corresse o risco de ser

pego. Esse era o tipo de lealdade que eu tinha dele.

Javier era o segundo homem jurando lealdade a mim hoje, no caso de Ochoa eu não acreditei. Mas no seu caso, sim.

— Leal até mesmo se tivesse que atirar em você.

— E nela? — Apontei para a porta. — Você a mataria se fosse preciso? — Javier hesitou, algo que esperava que fizesse.

— Se fosse um pedido seu, então sim.

— *É* um pedido meu — deixei claro. — Se em algum momento eu for pego, cabe a você disparar dois tiros, Javier. Um na minha cabeça, antes que me levem. E outro na de Manoela. — Encarei-o, analisando sua reação. — Ainda está disposto a assumir o lugar de Firmino?

Javier era a única pessoa a quem eu confiaria essa posição. Ainda que soubesse, lá no fundo, que o infeliz se sentia atraído pela mulher que vinha fodendo com a minha vida.

— Estou.

32

SANTIAGO SALVATORE

Na manhã seguinte à visita de Miguel Ochoa, eu tive a confirmação que precisava para atacar. Ramírez, assim como o seu tio afirmou, buscara refúgio em território inimigo. Mais precisamente em Veracruz, um dos poucos estados fora do meu domínio dentro do México. Lá, quem liderava era Osmar Molina, que detinha controle ao longo de toda a zona portuária do estado. Não que me fosse uma surpresa, Ramírez era exatamente o tipo de covarde que buscaria apoio do único cartel nesse maldito país, que era declaradamente contra o meu comando.

Osmar não era como os outros, ele não dizia algo querendo dizer outra coisa. O cabra e eu tínhamos os nossos problemas, mas até então era cada um na sua. O fato de ele ter acolhido Ramírez em seu território mudava tudo. Claro que entrar em Veracruz não seria fácil, haveria *olhos* por todas as partes, mas Ramírez teria o que merecia. Mesmo que tivesse que acertar cada filho da puta a entrar no meu caminho.

Ochoa deveria estar rindo agora mesmo da situação, o infeliz me conhecia. Sabia que eu iria atrás do seu sobrinho até no inferno se fosse preciso. O problema aqui era que, qualquer passo em falso, nos empurraria para uma maldita guerra.

Eu queria sangue, porra. Mas não o de Osmar.

Quanto a Veracruz, era preciso lembrar que o estado possuía um dos mais movimentados portos marítimos do mundo, com acesso irrestrito ao Golfo do México... e a todo tipo de transporte e carregamento marítimo. E era

pelo porto que a droga de Osmar entrava nesse país.

Verifiquei o telefone rapidamente, recebendo sinal verde de Javier. Ele havia descoberto onde Ramírez estava escondido, e a localização exata do galpão de *seu protetor*. Tudo o que precisava ser feito agora era uma ligação a Ulisses.

Disquei o número rapidamente, e aguardei.

— *Santiago.* — Atendeu do outro lado da linha.

— Preciso que entre em contato com Stevie, general, e repasse ao infeliz exatamente o que irei te dizer. — Contei a ele qual era o plano, ou parte dele. Porque eu não pretendia correr riscos.

Após a traição de Manoela, eu passei a desconfiar de tudo e todos. Lealdade e confiança eram, igualmente, frágeis e baratas dentro desse país.

— *Você sabe que, se o miserável da Narcóticos desconfiar, sou eu que me fodo, certo?* — Ulisses lembrou-me. — *Fora que Osmar está quieto, mexer com ele nunca é uma boa ideia, Santiago. Acredite.*

O desgraçado, a quem eu pretendia visitar muito em breve, era conhecido por estripar seus inimigos e jogar no Golfo do México.

Restos mortais eram encontrados em uma base diária pela baía...

— Apenas faça o que mandei, Ulisses, e eu garanto que não teremos mais problemas. Com nenhum dos filhos da puta. — Porque com Osmar envolvido na *minha guerra*, o meu problema se multiplicava por três:

Ramírez a quem eu eliminaria em breve.

Stevie, que não havia aprendido o seu lugar ainda na cadeia alimentar.

E Osmar... que entrou nessa de gaiato e cometeu o erro de escolher o lado errado.

Encerrei o telefonema e me recostei contra a poltrona. Irritado sobre as razões que me faziam continuar a vir até o porão a fim de colocar meus olhos sobre Manoela. Já não era apenas um vício, e sim uma obsessão. Das piores e mais ensandecidas. E foi essa energia densa, sempre tão latente, que me fez levantar e caminhar até a porta de ferro. De onde pude observá-la.

Apesar de estar acordado há horas, o dia ainda amanhecia. E se as nuvens pesadas cobrindo Sinaloa hoje fossem um sinal, era o de que o dia seria violento... já que, em breve, James e eu partiríamos para Veracruz e nos juntaríamos a Javier.

A porra do mundo estava prestes a explodir, e eu aqui. Obcecado pela infeliz traidora. Precisando apenas de um pouco dela, como se a sua visão me fizesse novamente respirar. Só que não adiantava, o ar que entrava... vinha ardido como fogo. Porque junto dele também vinha uma tonelada de raiva.

Atormentado, eu encostei a testa contra a porta fria da cela e a observei. Sentindo tudo em dobro, principalmente o tesão.

O que me fez lembrar do resultado de seu teste, as palavras de Mercedes... e tudo o que o bebê representava a minha família. Manoela carregava *o meu filho* em seu ventre. Algo meu que surgiu em meio à nossa loucura.

Eu conhecia os riscos do meu mundo, sabia que mais cedo ou mais

teria de ter meus próprios filhos e os ensinar tudo o que aprendi ainda criança. Torná-los letais e impiedosos para que sobrevivessem. Mas nunca imaginei que isso fosse acontecer com... ela.

E pior, que eu fosse me tornar tão possessivo e obcecado com a ideia de vê-la gerando meu bebê. Carregando em sua barriga o meu sangue.

Em qualquer outro momento, isso a teria tornado definitivamente minha. E eu rodaria a porra do mundo até encontrar um anel à altura da mãe do meu filho. Mas não era isso o que iria acontecer. Não quando sabia que Manoela teria de morrer pelas minhas mãos, mais cedo ou mais tarde.

— Chefe? — James se aproximou com cautela. — Está tudo pronto. Assim que der a ordem, nós saímos.

Assenti sem afastar os olhos de Manoela, que permaneceu todo o tempo deitada. Ainda que eu duvidasse que estivesse dormindo.

— Ela tem tido pesadelos? — Era impossível que os homens ao redor não tenham escutado seus gritos durante a noite. Eles nunca eram fáceis de serem ouvidos.

— De acordo com Javier, estão piores do que antes. — Claro que o filho da puta notaria algo assim.

Porque, apesar da distância que mantinha de Manoela, seus olhos nunca a abandonavam.

— Quero que escolha alguém de sua confiança para permanecer por perto enquanto estivermos fora. Ninguém, sem a minha autorização, entra nessa cela.

— Incluindo Mercedes? — perguntou, direto ao ponto.

— Não. Mercedes não fará nada, ela pode ser severa, mas não é louca. Eu me refiro a homens que tenham sido leais a Juan Carlos e a Firmino... — James assentiu, compreendendo meu receio.

Não que James estivesse fora desse grupo de homens, dispostos a vingar o antigo patrão. Mas ele não era com quem eu mais me preocupava; os outros, no entanto, eram difíceis de prever.

— A câmera dentro da cela ainda funciona? — perguntei, referindo-me ao objeto localizado de frente a cama. Se por precaução ou não, eu precisava manter meus olhos sobre a garota.

— Sim, vou liberá-la agora mesmo no sistema.

Dessa forma, eu poderia monitorá-la através do celular enquanto estivesse fora. A verdade é que toda escassa confiança que pudesse ter em relação a garota, desaparecera e com razão. O que me preocupava, porém, não era que ela fosse escapar ou me criar problemas. O incômodo agora era em relação à segurança do filho que ela esperava.

Ao voltar minha atenção para dentro da cela, eu me deparei com os olhos dourados abertos. Direcionados à porta, como se soubesse que havia alguém do outro lado. A infeliz sempre sabia.

Observei-a, sua expressão sonolenta foi sendo substituída por uma mescla de raiva semelhante a que eu sentia martelar entre os meus músculos e veias a cada minuto do dia. Uma emoção violenta que me guiaria pelas próximas horas, até que eu finalmente colocasse as mãos sobre Ramírez e... arrancasse o seu maldito coração.

— Nós vamos sair agora, James.

MANOELA GARCÍA

Analisei a luz vermelha piscar na câmera do teto da cela, tão pequena, que por muito pouco não passou despercebida. Mas aqui, até mesmo quando acendiam a única lâmpada do local, continuava escuro. Destacando qualquer outro ponto de iluminação. Mercedes, à minha frente, parecia aguardar que eu comesse a comida que me trouxera. Algo que me pareceu mais como ração para alimentar porcos, ou talvez fosse assim que eu estivesse me sentindo. Afinal, eu era o meio para um fim, não é?

A ideia de que a velha colocaria as mãos no bebê que eu carregava dava-me calafrios. Porque ela era a responsável por criar dois dos homens mais perigosos que eu conhecia em vida. Ela era a criadora de *bichos-papões* e eu odiaria ver o mesmo acontecendo a essa criança.

Engoli em seco ao perceber o quanto me doía pensar nele.

— Coma, querida. Você não vai querer colocar a saúde do meu bisneto em risco por uma birra idiota — disse, com maldade, fazendo-me desviar os olhos da câmera e a encarar.

O rosto envelhecido, parecia cético. Como se os anos de vida a tivessem tornado sábia e fria. Igual ao neto. Logo atrás dela, dois soldados do exército de Santiago seguiam de pé, não sei se para a segurança de Mercedes ou a minha...

— Não estou com fome. — E era verdade.

Meu nervosismo não me permitia sentir nada. Só ficar em alerta,

como se algo ruim estivesse para acontecer. A ausência de James ou Javier ao redor, reforçava a suspeita.

— Onde está Santiago? — A curiosidade falou mais alto, e eu dei voz a questão me perturbando desde que acordei essa manhã. Ainda que Santiago não viesse me ver todos os dias, em alguns momentos eu podia escutar sua voz no outro lado da cela.

Às vezes, quando a porta estava aberta eu o via passar, os pequenos vislumbres deixavam-me agitada.

— Se não soubesse o tipo de mulherzinha que você é, eu diria que está preocupada — disse, séria. — Faça um favor a nós duas, e não pergunte sobre o meu neto. Melhor ainda, aja como se ele não existisse.

— É difícil... quando ele é o pai do meu bebê.

— Como se você se importasse com essa criança! — bradou, enfurecida. — Não sei o que pretende recusando-se a comer, querida, mas eu não vou permitir que continue assim. Então, ou você passa a se alimentar por conta própria... ou eu pensarei em outras formas de mantê-la de pé.

Eu a encarei, não era medo que Mercedes me causava. Era outra coisa, algo muito mais perturbador e que, de alguma forma, me deixava confusa. Porque atrás dela, de todo esse cinismo, havia uma mulher forte. Ninguém sobreviveria a esse mundo, se não o fosse.

— Tudo isso é medo de que o bebê não chegue sequer a nascer? — Mercedes trincou os dentes.

— Isso não vai acontecer.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque eu vou me certificar de que nada aconteça a ele! — A velha colocou sua mão sobre a minha, e a apertou. — Você me deve essa criança, Manoela. Por tudo o que fez a minha família... é sua obrigação...

— Eu não sou obrigada a nada. — Tentei puxar a mão, mas ela impediu.

— Você é! — se alterou. — Ou pensa que o que fez a meu filho será esquecido? O bebê que carrega foi a forma que Deus e a *Santa Muerte* encontraram de me recompensar pela minha perda... e nada, querida, absolutamente nada, vai me fazer mudar de ideia quanto a essa criança.

— Sua perda. — As suas palavras foram tudo que consegui prestar atenção. Porque poderiam significar que Juan havia morrido...

Meu coração acelerou, batendo forte.

— Santiago não te contou nada a respeito do pai, não é? — Ela se levantou, rodeando-me e pousando as mãos em meus ombros praticamente.

A alça fina do pijama não me protegia do frio ou da aspereza do lugar, mas pelo menos eram roupas limpas que traziam para mim.

— Não. — Ela me analisou, escolhendo bem suas próximas palavras.

— Eu imaginei. Assim como imagino que exista tanta raiva dentro desse seu coração... que não consegue ver nada além da vingança que busca. Porque é isso que a motiva, certo? Vingança.

Sacudi a cabeça. Porque Mercedes não podia estar mais errada.

— Eu vim atrás de justiça.

— Chame do que quiser, querida. Porque, no final, o resultado é o mesmo. Você só é hipócrita demais para admitir.

— Não sou eu que tiro dezenas de vidas...

— Meu neto não mata inocentes.

— Isso é o que todos vocês parecem acreditar. — Recostei-me contra a cadeira.

Eu não iria perder a cabeça por causa dela, não iria me abater.

— Diga-me uma coisa, Manoela. *Você*... é inocente nessa história? Pode olhar para trás e me dizer que não há alguma morte em suas costas? Algo errado que não tenha feito para sobreviver?

Eu não podia dizer.

— Você não pode, porque no fundo é como Santiago — disse, arrepiando-me. — Por isso, eu não a quis dentro da minha casa. Porque sabia, apenas ao olhar para esse lindo rostinho que tem, o quanto é rancorosa e vingativa. Mas preciso avisar de que não é a única aqui em busca de *justiça*, meu neto também está e somente quando ele encontrar o responsável pela morte de Celeste... e descobrir quem é a mão por trás do que você tem feito, é que ele dará fim ao inferno que está prestes a começar. — Ela me encarou de frente. — Agora coma, querida. Meu bisneto precisará nascer bem forte, já que você não estará aqui para vê-lo crescer.

Mercedes empurrou o prato na minha direção e me deu as costas. Olhei para a comida, irritada, e a joguei longe. Sujando tudo ao redor. Eu não

queria comer, ou pensar nesse bebê. Eu só queria sair daqui e não sentir como se estivesse quebrada.

Partida ao meio.

Com as mãos tremendo de raiva, eu me segurei na mesa. Mas não sem antes olhar para a câmera. Porque algo me dizia que Santiago era o responsável por ela ter sido ativada, e que, de alguma forma doentia e obsessiva, ele estaria do outro lado observando tudo.

SANTIAGO SALVATORE

Veracruz, México.

O carro dirigido por um dos militares de Ulisses, percorreu toda a área portuária à vista. Navios de todos os tamanhos, contêineres e guindastes. Tudo bem diferente de Sinaloa. O voo que pegamos essa manhã havia pousado há cerca de uma hora, e como combinado com o general, dois carros fortemente armados encontravam-se à nossa espera.

Após avisar a Javier sobre o pouso, James e eu estávamos sendo levados até o nosso ponto de encontro. De lá, nós seguiríamos para o que, até então, envolvia o *resgate* de Ramírez, e a morte de Stevie.

Atento a estrada, eu abaixei o rosto por um segundo e me concentrei na tela do celular, mais precisamente na câmera que eu vinha observando desde que deixei Sinaloa. Não vou negar, a rebeldia da garota tinha-me na borda. Mas esse era um problema que eu resolveria ao voltar, não agora, pensei ao bloquear a tela do aparelho e o guardar dentro do bolso.

— Pelo visto, Osmar já sabe sobre a nossa chegada — comentei, ao observar a movimentação das ruas. Os olheiros, grupos de *soldados*... A diferença entre os homens do infeliz e os meus era nítida: cabras carecas, tatuagens no rosto e todo o corpo. Eram como malditos animais.

— É possível. Ramírez procurou por Osmar Molina assim que chegou, e desde então não foi mais visto. Não sabemos se está vivo ou não...

Vivo o infeliz com certeza estaria, Osmar não queimava fogo à toa. O problema era que, conforme passávamos pela cidade, uma coisa ficou clara: Miguel Ochoa não tinha revelado a localização do seu sobrinho por me ser leal, não, o infeliz queria que eu desviasse minha atenção do que era realmente importante e começasse uma guerra.

— Então Molina aceitou ajudar... a troco do quê? — James perguntou, atento à merda da movimentação ao nosso redor. Era bem capaz de estarmos sendo seguidos nesse exato momento, pensei, olhando através do retrovisor lateral.

Mas, se a minha chegada a Veracruz não passaria despercebida, restava-me uma única opção.

— Informação é o que ele quer — Nunca gostei do fato de Ramírez circular tão livremente por entre os territórios, isso para mim sempre soou como deslealdade. Mas Ochoa o defendia, dizia que o *rapaz* era confiável. E que isso para os negócios, no futuro, poderia vir a calhar.

Agora eu me perguntava *para quem* calharia.

— Mas não é só isso que Ramírez trará a ele... Quando Osmar descobrir sobre a Narcóticos, o infeliz ficará louco.

Avisar a Stevie sobre a minha localidade, não ajudaria apenas Ulisses que, graças a mim, seguiria com a imagem inabalável dentro do governo. Mas também as minhas motivações. O agente da DEA era alguém a quem eu queria dar cabo há algum tempo, mas não podia me arriscar a fazer isso em meu território. Aqui era outra coisa.

— Acho que podemos pular a parte do ponto de encontro — falei,

tomando uma decisão de última hora. — Avise a Javier para que nos encontre no galpão de Osmar, James. Não há por que adiar a conversa que pretendo ter com o filho da puta.

Através do retrovisor, James me encarou. Ele conhecia o plano original, um que não envolvia ficar cara a cara com a instabilidade de Osmar, o estripador.

Mas planos mudavam, não é mesmo?

***

Uma hora depois, com Javier e James ao meu lado, nós adentramos o imenso galpão próximo ao principal eixo portuário do estado. Rodeados pela segurança de Osmar, que nos olhavam como se trouxéssemos más notícias. O que não era mentira. Observando o local, eu notei os contêineres fechados... calculando na cabeça o tamanho do carregamento a sair do local por dia. Conseguir Veracruz sempre foi um desejo, que, graças a Ramírez, eu estava as vias de conseguir.

Ao chegarmos ao final do galpão, Osmar se pôs a nossa vista. O miserável sádico mantinha uma faca de corte de lâmina larga em mãos, mais do que apropriada para cortes profundos e difíceis. Havia um balcão de açougueiro a sua frente, e o infeliz usava um maldito avental.

Filho da puta medonho!

— Como sempre se divertindo — ironizei, ignorando os ossos sobre o

balcão.

A porcaria de Osmar não era da minha conta, diferente da razão que havia me trazido até aqui.

— Faz tempo — ele respondeu, estudando meus movimentos. — Gostaria de dizer que não sei por que está aqui, mas não gosto de perder tempo.

— Então somos dois — ressaltei, atento a cada movimento feito por seus homens.

— Soube que está sendo atacado... Só lamento pela morte do índio louco a te seguir! — Osmar riu, referindo-se a Firmino, enquanto eu me obrigava a permanecer calmo.

Esse não era um trabalho para covardes. Eu poderia desejar ver o homem a minha frente morto, mas se tivesse que apertar sua maldita mão para conseguir o que queria, então eu o faria.

— Não gosto de visitas surpresas, sabe. A forma como entrou na porcaria do meu território, como se tivesse permissão... deixou-me realmente chateado.

— Se sabe por que vim, então você entende a necessidade de estar aqui.

— Talvez. — Ele me olhou, meio louco. Fazendo-me notar o círculo que havia se formado em nosso entorno, deixando claro que, qualquer tentativa de ataque que fizéssemos, nós três seríamos alvejados. — Fico me perguntando o que você teria feito se fosse o contrário, nunca pisei *nas suas terras,* Salvatore. Você deveria ter feito o mesmo.

— Quanto mais rápido me entregar o que vim buscar, mais rápido e longe das *suas terras* eu estarei. É simples.

O filho da puta me encarou, desconfiado.

— Com você, as coisas nunca são tão simples.

— Entregue-me o desgraçado, Osmar. — Fui direto ao ponto, sem rodeios. — Ramírez tem uma dívida comigo, uma... que nem mesmo a morte dele será capaz de quitar.

Olhando-me como se eu fosse o verdadeiro monstro aqui, eu vi seus olhos se estreitarem. Como se planejasse o que fazer, ou antecipasse os prós e contras de me ter aqui em seu território. A questão aqui era que nada que o filho da puta fizesse agora mudaria o que estava prestes a acontecer.

E, se quisesse sair dessa vivo, eu precisava ser rápido.

— Sinto muito, mas eu não posso te ajudar. — Osmar acenou para o homem ao meu lado, como se a conversa tivesse terminado. — Se isso é tudo...

— Não é! — gritei, perdendo a porra da paciência. — E se não está disposto a cooperar comigo, talvez isso o faça mudar de ideia. — Retirei do bolso do paletó o telefone com as fotos que eu havia recebido há poucos minutos. Stevie e seus agentes saindo do aeroporto de Veracruz... à minha procura.

— Quem é?

Sorri, com frieza.

— Um filho da puta da DEA que o seu protegido colocou nas minhas costas, e que vai adorar descobrir o que você guarda aqui...

— Vá embora! — grunhiu, nervoso. — Ou melhor...

Osmar apontou a arma contra a minha cabeça, mas não recuei ou hesitei. Essa não era a primeira vez que eu passava por algo assim, e duvido que seria a última.

— Sabe, se você me matar... Stevie vai querer explicações e não irá parar até descobrir quem fez isso comigo. Então, de alguma forma, ele chegará até esse galpão lotado até o teto de drogas e armas, e a coisa ficará feia para você, Osmar. Eu sou a garantia de promoção de Stevie... Se ele me perder, alguém terá que me substituir, entende? — Claro que o miserável entendia. Ele não teria abaixado a arma se não fosse esperto. — Agora, se optar por me ajudar eu saio daqui e garanto que o filho da puta jamais chegue perto de você.

— Você o trouxe até aqui, lide com ele!

— Eu vou. Mas apenas se me entregar Ramírez. Caso contrário, não serei o único fodido aqui, Osmar.

O infeliz se pôs em silêncio, pensando no que fazer. Será que ele não escutava o tique-taque sobre nossas cabeças?

— Não gosto de ser manipulado, Santiago, eu realmente não gosto. — Osmar pareceu pensar em suas opções e, em seguida, acenou para o homem ao seu lado, que se afastou.

— Gostei do que fez no lugar, o cheiro de morte... é bem presente — puxei o assunto, apenas para irritá-lo.

— Foda-se! — grunhiu, de volta.

— Não fique tão nervoso, a sua ajuda significará muito para mim. Pode acreditar.

— Não confio em você, Salvatore. Ramírez está certo em querê-lo morto, o México só será um país livre depois que você tiver partido. — Sorri, ignorando-o. Porque até aquele momento eu estava calmo. — Fiquei sabendo que está trepando com a cadela dele... a putinha de Ramírez...

O comentário me paralisou, fazendo-me virar em sua direção prestes a cometer uma loucura. Cheguei, inclusive, a colocar a mão sobre a arma em meu coldre, Javier e James mostrando-se tensos ao meu lado. O lugar cairia abaixo, com toda certeza, se não fosse o retorno pontual do seu homem de confiança, trazendo com ele Ramírez, que rapidamente se deu conta de que tinha sido traído.

O infeliz me olhou com raiva, assim como olhou para Osmar.

— Que merda é essa? — gritou, furioso, tentando se soltar.

— Vá com ele, Ramírez, e não me envolva em seus problemas novamente. Eu não tenho nada a ver com isso!

— Você disse que me ajudaria, porra!

— Eu disse, mas não pensei que o desgraçado viria até aqui atrás de você. Por que não me disse que estava envolvido com a Narcóticos? — A confusão estampou o rosto de Ramírez, confirmando o que eu já imaginava. Não era ele no comando.

— Vamos, Ramírez. Deixe Osmar trabalhar. Nós temos muito o que

conversar. — Javier e James o arrastaram para fora. Comigo atrás deles.

— Achei que fôssemos cuidar de Osmar, chefe — James perguntou assim que nos vimos a sós, próximos ao comboio de carros.

— Não serei eu a cuidar de Osmar, e sim Stevie. Se tivermos sorte, nenhum dos dois sairá vivo.

Ao deixarmos o galpão, em direção ao esconderijo organizado por Javier, eu notei o silêncio perturbador de Ramírez. O homem era alto, magro. Traços físicos semelhantes aos de Ochoa. Eu não podia e não queria imaginar ele sobre Manoela, isso trazia o pior de mim à tona. Fazia-me ter vontade de arrancar sua vida... sem qualquer preliminar.

Vendo que eu o olhava, Ramírez trincou os dentes e me encarou, como se soubesse exatamente o que eu estava pensando. Então, o filho da puta sorriu.

— Vá à merda, seu escroto, porque essa é a última vez que você dará um sorriso em sua vida — grunhi baixo, e me virei para a frente.

Javier, ao meu lado, dirigiu por cerca de meia hora até chegarmos ao local exato. Uma casa de madeira velha, com paredes internas demolidas e amplas janelas.

Com a ronda feita pela equipe que nos havia acompanhado, eu permiti que levassem Ramírez até o interior da casa, caminhando logo atrás deles.

— Preparem tudo na saída da estrada! — ordenei a equipe, minha e de Ulisses. — Se as coisas saírem errado entre Stevie e Osmar, e eles tentaram me encontrar... Não quero que exista essa possibilidade, entenderam? — Javier assentiu, ele é quem ficaria para trás enquanto eu

cuidava de Ramírez.

Entrei no galpão, após olhar ao redor, vendo-o ser amarrado a uma cadeira velha. A boca se encontrava coberta por um pano sujo, depois que o infeliz abandonou o silêncio e decidiu compartilhar comigo o quanto irritante ele podia ser.

Caminhando até onde estava, eu o vi levantar o rosto surrado pelos meus homens enquanto pedia para que se afastassem. Javier foi o único a permanecer comigo. Aproximei-me de Ramírez, o sondando.

— As coisas não precisavam terminar assim, você sabe.

— Vá à merda, seu filho da puta louco. — Sorri, em ótimo humor hoje.

— Você fala como o seu tio. — Ramírez se calou. — O que me faz pensar... Ochoa está ligado a isso tudo? Ele é o filho da puta armando contra mim?

— Ochoa é leal, seu cretino. Sempre foi!

— Leal? Então por que ele se deu o trabalho de sair de Jalisco e ir até Sinaloa me entregar o seu paradeiro? — Ramírez não esboçou qualquer emoção ou surpresa. — Pensando agora, eu me pergunto aqui qual foi a razão por trás disso...

Ele se endireitou, eu era um louco desconfiado, mas tudo fazia sentido para mim. Quem garante que esse não era o plano deles? Me verem sendo morto por Osmar?

— As chances de você sair desse estado vivo... são mínimas,

Santiago. Osmar não vai permitir!

— Ele não vai permitir. — Ri, com sarcasmo. — Para me impedir de qualquer coisa, Osmar terá que estar vivo, Ramírez. — Olhei para o relógio. — E se eu estou certo, o galpão do filho da puta deve estar agora mesmo sendo revirado do avesso por Stevie...

Eu tinha deixado uma equipe para trás, para garantir que quando a troca de tiros cessasse... não sobrasse ninguém vivo dentro daquele galpão. Fosse do cartel de Osmar ou da DEA. E então, minhas mãos estariam limpas. E dois inimigos meus, mortos.

Essa era a única forma de eu sair de Veracruz, sempre soube disso.

Calado, Ramírez tentou descobrir se o que eu dizia era ou não verdade. Até que se rendeu. Sacudindo-se sobre a cadeira, em uma tentativa inútil de se soltar.

— Diga-me logo o que eu quero saber, Ramírez. Conte-me quem é o filho da puta querendo a minha cabeça, e eu posso pensar na possibilidade de deixar que saia dessa vivo.

— Eu não acredito em você. — Acenei para que Javier se aproximasse e me trouxesse o álcool e o isqueiro separados.

Eu iria fritar o filho da puta traidor... lentamente.

Os olhos de Ramírez se arregalaram quando álcool cobriu o seu pé direito e subiu por sua perna. O isqueiro em minha mão, foi acendido e apagado como um jogo divertido. E era mesmo.

— Vamos lá... eu vou perguntar outra vez. Quem é o manda-chuva

aqui? — Ele permaneceu calado, mostrando-se leal. Só que à pessoa errada. — Ochoa? — Afastei sua cadeira. O som da madeira áspera se arrastando pelo chão, soou agressivo. — Osmar? — Poderia ser qualquer um. — Esteban? Dê-me um nome, porra!

— Eu já falei, Ochoa é leal a seu pai. Ele jamais...

— O quê? Me mataria? Colocaria uma cadela dentro da minha casa para me destruir? — Ramírez engoliu em seco. O pomo de adão foi subindo e descendo, enquanto ele respirava fundo, completamente nervoso. — Por que ela foi colocada, não foi? Tudo aponta para vocês... eu só preciso da sua palavra...

— Você é louco, caralho!

— Eu vou mostrar o louco a você. — Com um pedaço de papel aceso, bem devagar eu ateei fogo na perna de Ramírez fazendo-o urrar de dor.

— Diga, Ramírez. Dessa vez... eu tenho todo o tempo do mundo.

— Você nunca vai saber... nunca. E quando se der conta... — gemeu, em meio a dor. — Será tarde demais. — Javier me olhou, esperando pelo momento em que eu daria a próxima ordem. — E quanto a Manoela... deve ser difícil saber que ela foi minha, não é? Que tomei tudo dela antes de você... — Eu me aproximei, sem me importar com o fogo.

— Santiago — Javier chamou, querendo que eu voltasse a razão.

Com um aceno, eu dei a ordem pela qual ele esperava. Vendo-o pegar o outro balde e apagar as chamas cobrindo a perna de Ramírez.

— Agora é a vez da outra perna... — o alertei, fazendo-o se agitar

sobre a cadeira.

Não havia pressa e, antes de matar o infeliz, eu queria que ele soubesse a quem a garota pertencia. E mais do que isso, que morresse em desespero.

— Você não tomou tudo seu desgraçado, você não chegou nem perto. Manoela é minha. — Ele sacudiu a perna agora em carne viva. — A merda que fez para me irritar foi inútil. Porque é o meu bebê que ela espera e carrega dentro do ventre. — Os olhos dele crepitaram. — É o meu sangue que aquela garota vai trazer ao mundo.

— Seu desgraçado! Ele nunca vai permitir... você vai ver!

Ramírez grunhiu de dor.

— *Ele* quem, porra?

— O homem que fará você cair, Santiago. Porque ele vai. É só questão de tempo.

— Despeje todo o álcool no infeliz.

— Achei que fôssemos interrogá-lo. — Encarei Ramírez. O desgraçado não iria implorar ou dizer nada, ao que parece. Então que queimasse de uma vez por todas!

— Ele não vai dizer. Além disso, eu o quero morto.

Javier terminou de jogar álcool no miserável enquanto Ramírez me observava circular a cadeira ainda brincando com o isqueiro.

— Você vai morrer, Santiago, escute o que estou dizendo!

Em algum momento, eu iria mesmo. Mas não hoje.

— Diga... e você vive — menti, gostando de ver a expressão de pavor assumir o seu rosto.

— Nunca. Eu prefiro ir para o inferno... o mesmo lugar para o qual já enviou tantas pessoas. Eu vou esperar você por lá, Santiago. Todos nós vamos.

Detive-me diante dele, com um sorriso cínico.

— Enquanto isso não acontece, diga olá a todos por mim. — O isqueiro foi jogado em sua direção, comigo ali, vendo-o queimar inteiro. A expressão de dor, os gritos...

— Ele vai matá-la... ele vai... — foram suas últimas palavras e elas se repetiram até que a sua pele derretesse e sua carne fritasse. Eu assisti a tudo.

Até que, em algum ponto, Javier me encarou, mostrando-se preocupado com a ameaça. Mas não houve tempo para conversa, porque os passos atrás de nós dois, só podiam significar uma coisa.

— Está tudo feito no galpão — James avisou, o ataque tinha sido organizado por ele. Ainda que a distância.

— Estão todos mortos?

— Sim. — Ele me estendeu o celular, onde pude ver o corpo de Osmar e Stevie sendo arrastados pelo chão.

— Se todos os dias fossem assim, eu já teria varrido esse país de miseráveis como eles. Uma pena que nem sempre é tão fácil... — Limpei

minhas mãos, e voltei o meu olhar ao corpo queimado. E assim permaneceria até que não restasse nada como prova.

— Nós vamos deixá-lo aqui? — Javier perguntou, começando a fazer os ajustes para a nossa partida.

— Vamos, menos a arcada dentária. Ela eu quero que seja enviada para Ochoa, junto de um cartão de agradecimento.

Ocupados, James e Javier se afastaram, deixando-me com a satisfatória certeza de agora ser o único homem vivo a ter conhecido o prazer entre as pernas de Manoela.

33

MANOELA GARCÍA

Engraçado como no escuro qualquer ruído ganhava força tornando-se agudo, estrondoso. Foi assim que as passadas duras se aproximando da cela soaram. Ameaçadoras em meio ao silêncio que fazia ao redor. Horas haviam se passado desde o acesso de raiva tido no café da manhã, então supus que fosse noite. Mercedes não voltou a me visitar, e a luz infravermelha continuou a piscar irritantemente. Até que tudo o que eu pude fazer foi contar cada passo obstinado que escutei...

Prevendo o exato momento em que o *bicho-papão* entraria.

Outra pessoa em meu lugar possivelmente estaria com medo, mas a verdade é que eu ansiava pelo instante em que o veria. E esperava por isso, pelo confronto, a briga. O toque.

Não ter tido notícias ou vislumbre dele por todo o dia, deixou-me agitada. Andando de um lado a outro dentro dessa cela, contando cada maldito minuto.

Tudo pelo momento em que Santiago entraria, dando fim ao silêncio absoluto.

Agora, depois de não ter conseguido pregar meus olhos por um só minuto durante todo o dia, eu me encontrava sentada diante da porta quando a vi ser empurrada. Forcei meu coração a manter a calma, mas ele reagiu intempestivamente, batendo acelerado, sem qualquer ritmo. Pisquei ao tentar assimilar o que era visto, e conforme me acostumava com a escuridão eu o

enxerguei. Em toda sua brutalidade e violência.

— Você deveria estar dormindo — comentou, grosso. Como se de alguma forma o infeliz tivesse me observado por cada maldito minuto das últimas horas.

Assistindo o meu corpo revirar sobre a cama estreita e desconfortável.

Atenta ao infeliz, eu notei rapidamente o tipo de humor em que ele se encontrava e o que isso significava. Seu desaparecimento não fora à toa, onde quer que esse homem tenha estado... havia sangue fresco em suas mãos.

— Eu não consigo — admiti. Fazia noites, madrugadas... dias, que eu não sabia o que era sentir-me descansada. Eu estava perdendo a noção do tempo tão rápido quanto a sanidade.

Era isso, dessa vez eu realmente enlouqueceria e tudo por causa desse infeliz.

— Assim como não consegue comer — afirmou, fazendo-me ter certeza de que era observada.

— Você é doente — falei, ao me levantar. Vendo-o rapidamente se impor.

Impedindo-me de dar outro passo que fosse.

— Talvez você queira ter essa conversa... sentada.

Encarei-o, pressentindo algo ruim.

— Ou talvez não.

— Sente-se, Manoela. — Santiago estendeu os braços como se fosse me tocar, mas em seguida se deteve, fazendo-me desejar que ele o tivesse feito.

Não importa se era para me machucar ou afagar, eu tinha me tornado viciada em tudo o que vinha do homem. E isso era desesperador.

— Você não cansa de controlar tudo? Tem me mantido nesse maldito buraco como se eu fosse uma prisioneira enquanto me assiste... isso é... você não tem o direito, Santiago. E vamos ser honestos aqui, não aja como se estivesse profundamente ferido com a minha traição, porque nada do que vivemos foi real. Você me fodia à noite e planejava a minha morte de dia.

— Eu não era o único.

— Você... — precisei me controlar. Não podia dizer nada a ele, não sem colocar Ochoa na berlinda. — Eu vou enlouquecer se me prender aqui embaixo até que essa criança nasça — declarei, cansada.

— *Essa criança*, a forma como você fala...

— O que esperava? — gritei, revoltada. — Eu não pedi por nada disso.

— Tem certeza? Eu já não sei o que acreditar, Manoela. Quem garante que não engravidou de propósito, porra? Que não fez isso como uma garantia?

— Nunca — falei com desprezo. — A última coisa que eu faria na vida seria *escolher* gerar um filho seu.

Sei que havia acabado de ultrapassar todos os limites, e que o

provoquei além da conta. Mas Santiago já não parecia em seu estado normal antes. Se havia sangue em suas mãos, era claro que ele estaria... pensando e desejando uma única coisa.

Empurrá-lo só o deixaria mais feroz.

— Não repita uma merda dessas outra vez, está me entendendo? — O desgraçado me segurou pelo queixo. — Não importa que você seja a porra de uma filha da puta, a criança que espera não tem nada a ver com as *escolhas* que faz. E até que você o tenha...

— Você está começando a falar como a sua avó. E a achar que esse bebê te pertence.

— Mas ele pertence, Manoela. — O homem me pressionou. — E quem está começando *algo* aqui é você, mas a me irritar. — Eliminando qualquer distância entre nós dois, Santiago me segurou pelo cabelo, fazendo-me estremecer dos pés à cabeça.

E fez o impensado. O desgraçado me beijou como se o dia de amanhã não fosse existir para nenhum de nós dois. E talvez não fosse mesmo, dado a bagunça em que nossas vidas tinham se transformado.

Afastando-se, apenas o suficiente para que pudesse me encarar, eu senti o fôlego me deixar. Odiando-me por admitir a mim mesma que havia sentido falta dessa loucura. Da sua insanidade e da minha falta de juízo.

— O que você...

— Não fale nada — pediu, enfurecido. Como se me desejar o irritasse. — Ouvir sua voz fará com que eu me lembre do porque isso *aqui* é errado... e eu não quero lembrar. — Fui empurrada até a parede mais

próxima, minhas costas batendo contra a umidade gelada. — Eu me recuso a lembrar, caralho!

Santiago voltou a tomar minha boca, envolvendo-me e cegando em um beijo profundo. Cheio de lascívia e luxúria. Sem que pudesse me controlar, eu me agarrei a ele. Temendo que no final seus beijos e toques se transformassem em outro pesadelo. Que nada disso fosse real.

Respirei com dificuldade quando ele tomou espaço e me encarou. Uma mão de cada lado, mantendo-me encurralada. Nos entreolhamos, fingindo que tudo o que havia para ser dito não fosse importante. Que eu não tinha tentado matá-lo, e que ele não havia matado o meu pai.

Os dedos deslizando pelo meu pescoço, fizeram com que minhas pernas bambeassem e todo o meu corpo perdesse a força. Então ele o apertou, e o fôlego tornou-se algo praticamente impossível de ser recuperado.

— Santiago...

— Cale a boca, porra! Apenas cale, caralho! — Fui beijada, mal podendo respirar. Seu corpo moendo o meu, enquanto ele empurrava a ereção dura contra o meu ventre. Fazendo-me gemer e choramingar. Porque, de repente, a vontade de senti-lo dentro de mim tinha ganhado uma outra proporção. Fazendo-me querê-lo de tal maneira que cada pedacinho de mim... ardeu em febre.

— Você fodeu com tudo, sua infeliz! — rebateu em minha boca, enquanto a fúria dentro dos seus olhos me atingia com força. — Eu confiei em você... eu confiei — disse baixo, com a voz grossa e rouca, seu punho batia contra a parede atrás de mim como se ele mal pudesse se controlar.

Se não fosse a sua mão envolta do meu pescoço, eu não duvido que teria escorregado até o chão e gritado de dor. Por tudo.

Cada perda que tive, cada pesadelo. Cada vez que senti saudade. Cada momento em que olhei para esse homem e pensei que ele era seria a minha destruição... E em como eu o odiava por me fazê-lo querer de forma tão insana e doentia.

Deixando-me sem nada.

Oca por dentro.

Você tem o bebê... você tem o bebê... pensei, sentindo-o escorregar a boca pelo meu corpo enquanto rasgava a blusa do meu pijama, como se o tecido fino não fosse nada. Então, ele chupou meus seios com voracidade, mordicando-os, e em seguida desceu até o meu umbigo. Esse foi o momento em que o homem se deteve, lambendo-o e me causando arrepios e tremores impossíveis de serem escondidos.

Desesperada, eu levei minhas mãos até os cabelos dele e o vi rodear minha cintura com as palmas grandes. Envolvê-la facilmente. Não quis pensar no que ele fazia, ou em que pensava... E como se me olhasse por dentro e enxergasse tudo o que eu carregava, Santiago ergueu o rosto.

— Ele é a razão pela qual está viva. Faça algo contra o meu filho, e eu juro... que transformo sua vida em um pesadelo. Um muito pior do que o que você tem noite após noite. — A ameaça fez com que minhas entranhas se revirassem e meus olhos se fechassem.

E junto da ameaça, eu senti o short pequeno ser descido pelas minhas pernas. Seu rosto afundou em meu baixo-ventre enquanto ele me cheirava e

suas mãos se fechavam ao redor da minha carne. Observei-o, esperando pelo que ele faria a seguir.

E o que Santiago fez, foi se levantar. Prendendo seus olhos aos meus para que eu não os desviasse, e desafivelou o cinto. Puxando o pau excitado para fora e me virando. Como da primeira vez que estivemos juntos. Fui penetrada sem camisinha, ou qualquer outro toque. Sentindo-o inteiro dentro de mim, tão duro e inchado que por pouco eu não sufoquei.

Santiago grunhiu, ao me sentir pulsar e eu juro que senti tudo. Seu latejar, as veias saltadas. O sangue grosso correndo por elas. A nossa loucura.

Fui empurrada contra a parede tantas vezes, que o bico dos meus seios foi arranhado pela aspereza dela. E, apesar do desconforto, eu não me importei. Eu só queria senti-lo em meu interior. Fingir que tudo era como antes... e que eu não estava sozinha no mundo.

Porque eu sabia que, quando Santiago saísse de dentro de mim, o inferno retornaria. E algo me dizia que o homem a me jogar era o único com a capacidade de me arrancar dele.

SANTIAGO SALVATORE

Gozei duro, com meu corpo tenso tremulando contra Manoela, que havia gemido e gritado instantes atrás o seu próprio orgasmo. E junto dele, vieram as lágrimas silenciosas. E eu a odiei por isso. Por me fazer sentir o desejo insano de estender a mão e limpar cada uma delas. Dizer que ninguém a machucaria, mas seria uma mentira. Porque eu o faria, em algum momento eu teria de fazer.

— Para quem você trabalha? — perguntei com brusquidão, mantendo-a imóvel. Meus dedos envolvidos ao redor do seu pescoço por trás. — Quem é o filho da puta, Manoela?

— Nunca... — ofegou, baixinho. — Nunca, Santiago.

Soquei a parede ao seu lado, e saí de dentro de sua boceta, vendo-a se apoiar contra ela enquanto buscava por ar. Recusando-se a se virar e olhar dentro dos meus olhos. Então eu a virei, ficando cara a cara com a infeliz. Notando o estrago que minha selvageria fizera em seu pijama. O tecido branco rasgado foi puxado em uma tentativa de esconder o seu corpo de mim e, em seguida, a calcinha foi subida por suas pernas. Tudo, comigo próximo a ela. Sentindo seu braço, o roçar de sua pele. Eu não iria deixá-la tão facilmente.

Eu queria respostas.

— Nunca o quê? Você não pretende me dizer? Ou...

— Eu não pretendo te dizer — disse, furiosa. — Se eu pudesse, pelo menos, apagar você da minha cabeça... a sua existência...

— Mesmo que me esquecesse mil vezes, Manoela. Eu voltaria a sua vida para fazê-la lembrar outras mil. — Ela me encarou, atordoada. — Eu sei, eu sou um maldito monstro.

— Você é. — Deslizei o dedo pelo seu rosto, sentindo um desejo violento de feri-la.

— Não se esqueça de que você pediu por tudo isso.

— Eu não pedi por esse bebê — falou tão baixo, que eu quase não a escutei.

Eu poderia gritar com a infeliz, machucá-la. Mas não adiantaria.

— Ao fechar a boca e não me dar as respostas que procuro, você está dizendo de qual lado está. Quando essa guerra tiver fim... todos que estiverem de um lado que não seja o meu, estarão mortos. Lembre-se disso. — Virei-me prestes a me afastar, quando me lembrei do real motivo que me trouxe até aqui embaixo. — Ah, Manoela? — Ela ergueu os seus olhos. — Ramírez não me é mais um problema. O filho da puta está morto.

Seu rosto vermelho empalideceu, e ela fitou minhas mãos como se esperasse encontrar sangue nelas.

Seu corpo pequeno deslizou até o chão, enquanto seus olhos se expandiam em descrença. Detive-me por mísero de segundo, recusando-me a sentir pena da infeliz, e então eu saí.

Não cabia a mim salvar essa garota dos problemas que ela mesma havia se enfiado.

34

SANTIAGO SALVATORE

Sentado em frente à mesa de escritório, eu tentei me concentrar nos números que a equipe de contabilidade havia me enviado essa manhã. Os *negócios de fachada* geravam seus lucros, além do dinheiro sujo que lavava. Mas não eram os números a me preocuparem. E sim a reunião que teria com Alejandro essa noite e, claro, a ameaça revelada por Ramírez antes que ele morresse. O que havia acontecido há exatos dois dias.

A essa altura, eu sabia que Ochoa já teria recebido o presente, e o aviso. Que poderiam fazê-lo ter duas reações: agir imprudentemente, e se entregar. Confirmando a minha suspeita, ou... sendo um desgraçado cínico. Que era muito mais a cara dele.

De qualquer forma, havia homens meus espalhados por toda a Jalisco prontos para impedir que o infeliz desaparecesse, ou saísse do meu radar.

Ele vai matá-la.

O pensamento, trazia sempre um gosto amargo a minha boca, fazendo-me dormir e acordar, pensando na possibilidade de perder o meu filho, e em consequência... Manoela. *Maldição!* Cerrei o punho e respirei fundo. Mantendo a calma, ou tentando.

A tela no monitor mostrava o quarto onde a infeliz se encontrava, e foi através da vigilância diária que eu constatei que a garota continuava a se recusar a comer e que pouco dormia. Quando seus olhos se fechavam, ela acordava gritando por causa dos pesadelos. O problema? É que, se a infeliz não dormia, eu também não conseguia. Estava viciado em simplesmente

assisti-la. A forma furiosa com que olhava para a câmera, como se quisesse me atacar. E então, como andava de um lado a outro, agitada. Um animalzinho enjaulado.

Duas batidas na porta fizeram-me dar conta da presença de Javier. Não vou negar, ele vinha servindo bem, tornando a perda de Firmino menos sentida.

— Sua avó está vindo para cá, ela pediu que te avisasse.

— Certo. — A visita dela não deveria ser por algum motivo banal, Mercedes não se daria ao trabalho de caminhar até o estábulo e interromper os negócios por besteira.

Voltei o meu olhar a tela, distraído apesar de tudo.

— Alguma novidade sobre Ochoa? — Dois de meus soldados haviam sido enviados para monitorar o filho da puta. O que significava que Ochoa tinha olhos sobre ele 24 horas por dia.

Onde ia, quem entrava e saía de sua propriedade. O que fazia. As mulheres com quem trepava. A ordem é para que nada passasse despercebido.

— Ele não deixou a propriedade ainda, é como se soubesse que estamos de olho.

Claro que sabia, o infeliz era um covarde, mas cuidadoso. E se tudo arquitetado contra os Salvatore ao longo dos anos fosse mesmo sua responsabilidade, então Ochoa era mais esperto do que imaginei.

— Eu não duvido que o infeliz saiba. Ochoa não é tão burro como

demonstra ser.

Alguém não passaria tanto tempo sem ser pego se o fosse. O meu erro foi subestimá-lo como fiz com Manoela.

— Acha mesmo que ele está por trás de tudo o que vem acontecendo? — Javier indagou. — Quero dizer, quantas chances o filho da puta não teve de nos atacar?

Várias, ele frequentava a porra da minha casa. Bebia da minha bebida, comia da minha comida.

— Se o desgraçado tivesse agido de outra forma já estaria morto. E ele deve saber. Mas, supondo que não seja ele... Ochoa não é alguém que eu quero ver vivo quando tudo estiver resolvido. Culpado ou não, eu o quero no mesmo lugar para o qual enviei Ramírez.

Javier concordou, com seu olhar na tela. Vendo o mesmo que eu: Manoela deitada sobre a cama estreita de solteiro, sua cabeça inteira inclinada para fora da cama. Assim como o cabelo. A infeliz estava enlouquecendo aos poucos e diante dos meus olhos.

— E quanto ao outro problema que temos? — referi-me ao território de Osmar.

— Tudo certo, já temos homens por toda a área. Quem não compreender que a chefia mudou...

— Sejam discretos. Eu não quero atrair atenção para o meu lado nesse momento. — Não quando pretendia entrar em uma guerra com o filho da puta *fodendo* comigo. — Quanto a Jalisco, continue a manter um olho em tudo o que estiver ligado a Ochoa. Eu quero ser informado sobre qualquer

passo que o infeliz der daqui em diante. Isso inclui os seus homens.

— Claro, estou cuidando de tudo — garantiu, dando espaço para que Mercedes entrasse.

Era raro a sua vinda até o estábulo, Mercedes não apreciava a adoração que eu tinha pelos animais mantidos aqui. Para ela, o meu hobby era insanamente caro, e um completo desperdício de tempo.

— Fiquei sabendo sobre a atenção que tem destinado a Ochoa — disse, com a voz distante.

— Ficou sabendo?

— Na verdade, ele me telefonou essa manhã. Lamentando o incidente com o sobrinho, mas mostrando-se disposto a superar qualquer inconveniente do passado com nossa família. — Claro que sim. — Ele perguntou pelo seu pai, Santiago.

Minha avó se aproximou da parede panorâmica, olhando para o interior do estábulo.

— E a senhora, o que respondeu?

— Que Juan estava ocupado.

— Ele não vai acreditar nessa merda.

— Eu sei. — Inclinei-me sobre a mesa, tendo a vista que ela tinha: a égua de Manoela na arena. — Estou começando a ficar preocupada, meu neto. Até mesmo a mais forte das esperanças chega ao fim.

— Juan é forte, ele vai sair dessa.

Fui encarado.

— Acredita mesmo nisso? — Ela sabia a verdade.

— A senhora não?

— A idade me trouxe bastante experiência, Santiago. Consigo enxergar coisas que não são ditas ou ouvidas. Não só em relação a Juan, mas a garota também.

— O que está tentando dizer?

— Você a quer. Não entendo por que, ou como. Mas a quer.

— Nunca escondi isso de ninguém. O que não muda nada, qualquer coisa que eu tivesse com a infeliz terminou no instante em que ela me traiu.

Desejá-la poderia me deixar louco, agitado a cada noite. Mas assim como eu não confiava facilmente, eu não esquecia. E o que Manoela me fez jamais seria esquecido. Traição no meu mundo, se pagava com morte.

Era uma pena eu ter que ensiná-la essa lição.

— Não ache que sinto prazer em alertá-lo, mas, pelo bem de todos dentro dessa casa, eu espero que esteja sendo honesto. Os Salvatore não foram feitos para o amor — confidenciou. — Seu pai não deve ter contado, mas seu avô... ele era como vocês. Até que um dia o *ragazzo* teve de voltar para a sua casa, no outro lado do oceano, deixando-me com a promessa de que contaria a meu respeito a sua família. Só que você conhece a história, seu avô nunca voltou.

— Italiano filho da puta!

Mercedes assentiu.

— Eles não o teriam deixado ficar com uma mexicana sem eira nem beira, Santiago. Eu não era como eles.

Se o que Juan dizia era verdade, e nosso avô tivesse ligação com a máfia italiana. Então não, eles não teriam mesmo. Acho até que seriam capazes de exterminar toda a nossa família se soubessem de nossa existência.

— Mas agora a senhora é — garanti, porque em armamento éramos iguais a qualquer filho da puta estrangeiro.

— Sim... agora eu sou. — Ela me pareceu perdida com as lembranças**,** **c**omo se ainda a ferissem. — Não permita que ela o destrua, Santiago. Não deixe que a história se repita.

Mercedes tocou o meu rosto e olhou para o monitor, onde se podia ver Manoela. Uma expressão de desprezo cobriu o seu rosto, mas ela simplesmente se afastou, deixando-me a sós.

Voltei a atenção ao ponto de antes. E enquanto enchia a primeira dose de tequila do dia, eu jurei que não permitiria que a *cadela traidora* ficasse sobre a minha pele.

— Sua infeliz. — *Eu deveria ter matado você quando tive a chance.*

***

Naquela noite, assim como o combinado, eu me encontrei com

Alejandro na estrada da fronteira de Culiacán. Com ele à espera em um carro negro, eu o vi sair e entrar na parte de trás da SUV, desabotoar o terno caro e me encarar.

A divisória de vidro erguida, impedia que Javier e James escutassem qualquer coisa no banco de trás. Então, eu peguei a tequila no bar do veículo e servi dois *shots*.

— Como estão as coisas? — perguntou, sério.

— Nenhuma atualização. Juan... você sabe.

Alejandro assentiu, parecendo procurar pelas palavras certas antes de prosseguir:

— Estive conversando com alguns médicos, não revelei a identidade do nosso pai, é claro, mas relatei o seu quadro clínico. Pode ser que eles ajudem...

— Não envolva sua politicagem nisso, Alejandro. Não acha que já não tentei de tudo?

Médicos, especialistas. Tratamentos novos e caros. Ninguém com quem tenha falado foi capaz de me dizer o que eu desejava escutar.

— Você não ouviu o meu médico ainda. Por que tem que reagir tão contrário a tudo que proponho?

— Porque eu não confio em você — revelei, sem pensar duas vezes.

— Se não confia, por qual razão me chamou até aqui então, porra?

Olhei para o lado de fora antes de o responder, a noite já tinha caído.

Passava das dez horas para dizer a verdade. E o local deserto em que nos encontrávamos, tinha uma razão. Como candidato a governador, Alejandro não queria ser visto na minha presença. E quanto a mim, eu não podia correr o risco de ter meus negócios com o atual governador indo por água abaixo *ainda.*

— Porque estive pensando que, assim como eu fui um alvo, você também pode ser. — Não fazia sentido exterminar dois Salvatore e deixar que um sobrevivesse. Principalmente alguém tão parecido comigo. — Talvez esteja finalmente na hora de unirmos forças e lutarmos contra o inimigo que temos em comum, Alejandro. Não mais entre nós dois.

— Você e essa maldita guerra... não vê que está arriscando tudo? Desde que Celeste morreu, você perdeu a porra da cabeça, Santiago!

— Não se engane, meu irmão, ou menospreze a *minha guerra*. Porque é justamente ela que o irá eleger.

Alejandro se calou, em uma admissão silenciosa de que eu estava certo. Quem melhor do que alguém que cresceu dentro do maior cartel do país para se declarar um político antidrogas?

— Você sabe que eu não tinha escolha, Santiago. — Encarei-o, tentando compreender ao que se referia. — Nenhum castelo possui dois reis.

Acendi um cigarro e ofereci o isqueiro a ele, que se negou. Ao contrário do que teria feito no passado.

— Eu sei.

— Não é um mundo fácil esse que vivemos...

— Nunca acreditei que fosse. Não foi isso o que Firmino nos ensinou — pensei, saudoso. Sentindo um maldito aperto no peito ao pensar no infeliz. — Ele queria que conversássemos. Ele implorou por isso, porra!

— Mas você nunca o escutou — Alejandro bufou, recostando a cabeça contra o banco de couro como se também estivesse cansado. — Celeste não teria sido feliz, sabe? — falou após algum tempo. — Cada dia que passa, eu vejo que o que aconteceu... talvez tenha sido o melhor. Essa vida a esmagaria, Santiago.

— Eu teria cuidado dela.

— Não, porra. Você a teria mantido presa. Sufocado até... Caralho, teria dado no mesmo! Celeste não precisava viver o que vivemos, ver o tipo de homem que nos tornamos... Ela não teria aguentado.

O fato de ele, *dessa vez*, estar certo me irritava. Enfurecia até. Mas não deixei transparecer, não naquele momento. Porque as palavras de Alejandro fizeram-me pensar no filho que Manoela esperava. Na pequena vida que em breve viveria nesse maldito mundo que nos rodeava.

— Eu vou ser pai — revelei, pego pelo momento.

A mão, irrequieta apesar do cigarro, afastou o cabelo para trás.

— Não me diga que engravidou uma cadela qualquer... achei que fosse mais inteligente do que isso, porra!

— Não é uma cadela qualquer. — Era a minha cadela.

Minha mulher.

A infeliz responsável por deixar nosso pai em um maldito estado vegetativo. Eu tinha de me lembrar.

— Como Mercedes está lidando com a notícia?

— Ela quer a criança.

— Deixe-me adivinhar... a criança, mas não a mãe dela. Estou certo?

— Não a culpo, Manoela não é o que podemos chamar de inocente nessa história.

— Manoela. — Ele me encarou, testando o nome da mãe do seu sobrinho em sua boca. — Inocência nunca foi o que procuramos em nossas mulheres, de qualquer forma. Quanto mais perversas, melhor, certo?

— Como o futuro governador de Sinaloa, achei que seu gosto tivesse mudado.

— Uma santa para a mídia é o que meu secretário de campanha quer que eu consiga. — O infeliz deu de ombros. — O que não me impede de ter amantes por fora.

Encarei-o, satisfeito por pelo menos ver que o velho Alejandro ainda estava ali apesar de tudo.

— Você não mudou nada, caralho.

— Nunca disse que mudei, irmão. Nunca disse. — Ele virou a sua própria dose.

Comigo sorrindo, porque eu não estive errado. Alejandro era e sempre seria como eu, só que em breve... o filho da puta estaria enfiado no meio de

gigantes.

Homens corruptos, jogos políticos...

Eu não esperaria menos de um Salvatore.

— Que você tenha o mundo, Alejandro — desejei, batendo o copo contra o dele.

— E que você vença a porra dessa guerra, irmão — acrescentou, com um sorriso frio.

35

MANOELA GARCÍA

O transdutor do ultrassom deslizou pelo meu abdômen, sobre o gel gelado. Enquanto eu olhava para os quadros de bebês na parede do consultório do médico que iria acompanhar a minha gestação. Eu não o conhecia, Mercedes havia me trazido até ele por considerá-lo um excelente obstetra. De acordo com ela, era ele quem cuidava de Rosa. O que me causou instantânea antipatia.

Forçando-me a não olhar para a tela onde mostrava o bebê, eu tentei distrair a minha mente do que eu não queria ver, ou sentir. Estava assustada, e não deixaria que algo tão pequeno me fizesse esquecer porque eu não podia amá-lo.

Não ao bebê, e não ao homem que o tinha colocado dentro de mim.

— Ela está entrando na décima quinta semana. E, ao que parece, tudo está bem. Batimentos normais, o tamanho... veja... — Eu não vi, mas aposto que a velha ranzinza sim. — Menino ou menina, ele será grande — disse, ao apontar para o que deveria ser um monte de círculos em preto e branco.

Ainda assim, não pude deixar de notar a euforia de Mercedes diante do bebê. Fechei os olhos por um instante, eu só tinha 20 anos... não sabia o que era cuidar de alguém além de mim mesma. Sempre vivi à espera do dia em que entraria na vida de Santiago. Eu não tinha ideia do que fazer com uma criança... e o medo de me apaixonar por ela e...

— Quanto ao sexo, a senhora deseja saber? — Sei que a pergunta não

foi feita para mim, e sim para Mercedes, mas não pude deixar de responder.

— Não — falei, sem me preocupar com o olhar da velha.

— Eu gostaria de saber sim. — O médico assentiu, mas não falou nada. Apenas terminou de mostrar outros detalhes da ultrassonografia e acompanhou Mercedes até o consultório ao lado da sala de exames.

Fiquei para trás, sabendo que deveria me vestir, mas, sozinha, ignorar a imagem gravada na tela foi impossível. Então eu me aproximei, vendo o ponto redondo que havia sido marcado.

Esperei que a culpa e a raiva viessem, mas nada. Tudo o que senti era que eu não estava pronta para algo assim ainda.

O pânico me invadiu, fingir naquele momento já não era possível. Havia mesmo um bebezinho dentro de mim, e eu... eu só não sabia o que fazer com ele. Ou como ser mãe. Cuidar de outra vida. Impedir que o machucassem.

Escutei quando o médico voltou a sala, desligando a tela e impedindo-me de ver qualquer uma das imagens registradas.

— A Sra. Salvatore está lá fora a sua espera. — O escutei, mas não reagi. — Caso tenha alguma dúvida ou queira simplesmente conversar. — Eu o encarei, perguntando-me se ele era confiável. — Como mãe de primeira viagem, pode ser que fique insegura no começo, mas há grupos que poderiam ajudá-la...

— Não, eu não quero fazer parte de nenhum grupo. — Ajeitei-me, nervosa. — Quero apenas... eu quero saber o que teria de fazer se decidisse não levar essa gravidez adiante?

O homem me encarou, surpreso com a pergunta.

— Eu não realizo *esse tipo* de procedimento, lamento— falou, em um tom frio. Deixando claro que era contra a ideia azucrinando-me por dentro de modo irritante e repetitivo.

— Mas conhece alguém que faça? — insisti, sem pensar, recebendo do médico um olhar cheio de julgamento.

— Não.

Em silêncio, ele deixou a pequena sala enquanto eu voltava à realidade e começava a me vestir. Minutos depois ou toda uma eternidade, eu voltei ao consultório deparando-me imediatamente com Santiago. Como se a cavalaria tivesse sido chamada.

Eu deveria ter imaginado que o *prestigiado obstetra* me deduraria. Sigilo médico ao que parece não fazia parte dos atributos profissionais do digníssimo.

— Vamos — Santiago ordenou, olhando-me como se eu fosse a porcaria de uma assassina.

Pegando minha bolsa, eu passei por ele sem olhar para trás, mas assustadoramente ciente de que havia muita segurança ao redor. Mais do que qualquer outra vez que eu tenha visto em alguma de minhas vindas ao hospital.

O que me fez pensar na possibilidade insana de que Juan Carlos talvez estivesse mais perto do que havia imaginado até agora.

Apertando o botão do elevador, eu continuei a ignorar o homem

pondo-se ao meu lado. Como se cada enfermeira desse maldito hospital não tivesse olhado para ele e o desejado. Ou sorrido, em uma tentativa vulgar de atrair sua atenção. O que tinha me deixado furiosa!

Não que o infeliz tenha respondido ou reagido a qualquer uma delas, Santiago parecia não ter olhos para ninguém além de mim. Como se temesse que, ao virar para o lado, eu fosse simplesmente escapar. E talvez eu fosse mesmo, em algum momento... se conseguisse fugir.

— Nós teremos uma filha. — Seu comentário me fez encará-lo com ódio. Porque eu não desejava saber. — Uma pequena garotinha... que você está pensando em impedir que nasça. — As palavras vieram duras, confirmando a minha suspeita.

Ele sabia sobre a conversa que eu tinha tido com o médico.

— Quando eu penso que não posso esperar mais nada de você, Manoela... você me mostra como eu estava enganado. E olha que eu pensei que fosse o único monstro da história. — As palavras insensíveis trouxeram lágrimas aos meus olhos, enquanto as portas do elevador se abriam, com ele ao meu lado aguardando que eu entrasse.

Quando o fiz, Santiago apertou o botão que ia direto para a garagem, mas não se juntou a mim.

— Javier te espera lá embaixo. — Ele ia se afastar, quando segurou uma das portas impedindo-a de se fechar. — Há segurança em todos os andares, então não perca o seu tempo fazendo paradas... ou me criando mais problemas.

Encarei-o, incapaz de reagir. Tudo em que conseguia pensar era que

teríamos uma garotinha... e que esse mundo possivelmente a destruiria.

Como um robô, eu caminhei até a garagem. Sentindo-me ficar um pouco mais gelada a cada passo que dava em direção ao carro. Ignorei os olhares dos homens de Santiago ao redor, enquanto tentava respirar e conter o meu choro de desespero, que pesou sobre mim quando entrei na parte de trás da SUV, e olhei para o meu abdômen com raiva.

— Manoela.

— Ele vai destruir ela... todos eles irão. E eu não vou poder fazer nada, Javier! Nada! Porque eu estarei morta! — gritei, em um acesso de raiva, batendo no recosto até que meus braços doessem. O ataque foi realmente violento, e eu me recusei a escutar Javier ou qualquer outra pessoa que tenha tentado me acalmar. Foi assim, até que mãos fortes me seguraram mantendo-me presa em um abraço tão apertado que me permitiu reconhecer o *cheiro* dele.

— Não te preocupa imaginar que essa criança pode ter o mesmo destino que a sua irmã? — inquiri, nervosa. — Que, quando ela estiver maior, as pessoas tentarão machucá-la? Porque me preocupa, Santiago...

— Eu jamais permitirei que algo aconteça a ela. — Neguei, sacudindo a cabeça. — Ela é minha, e eu protejo o que é meu.

— Assim como protegeu Celeste? — A pergunta o deixou transtornado. E a mim também.

Porque, ainda que Santiago não falasse sobre a irmã, era visível o quanto ele se culpava.

— Se eu fosse você... escolheria muito bem as suas palavras a partir

de agora — grunhiu entredentes. — Eu posso não matá-la, mas nada me impede de cortar a sua língua fora, *amor.*

Tê-lo me chamando dessa forma depois de tanto tempo, fez-me sentir um frio na barriga.

— Faça o que quiser, eu já não me importo. Só quero que esse inferno tenha fim!

Seus olhos me encararam, drasticamente, enquanto ele dava a ordem a Javier para nos tirar dali. Conforme a SUV se afastava, eu limpei o meu rosto e olhei para trás. Para o hospital sitiado. Com a certeza de que Juan Carlos estava ali, e mais do que isso... que Ochoa seria capaz de vender a própria alma em troca dessa informação.

SANTIAGO SALVATORE

Andei de um lado a outro dentro do escritório, permitindo que as palavras ditas por Manoela essa manhã me atingissem. A acusação, a lembrança de que eu não havia conseguido proteger Celeste. Porra! Esteve além do meu alcance impedir que a levassem, e olha que não teve um só dia por um longo tempo em que não tenha repassado cada decisão tomada naquela época. A infeliz não precisava jogar merdas assim na minha cara, porque eu fazia um excelente trabalho ao culpar a mim mesmo.

Como se eu não tivesse sido capaz de oferecer a minha própria vida como barganha, a fim de impedir que Celeste fosse levada. Porque eu teria feito, assim como estava disposto a fazer pela criança que Manoela carregava.

Minha garotinha... sangue do meu sangue.

A herdeira de todo o meu império.

Quando a raiva ameaçou me consumir, eu me dirigi até a suíte, dispensando James assim que o vi na varanda.

Com passos firmes até o quarto, eu estranhei não tê-la encontrado. Não na cama, e não em seu closet. Só então a procurei no banheiro, encontrando Manoela envolta pelo vapor dos jatos quentes caindo em cada lado do boxe. Mas não sobre ela.

Bastou vê-la ali, virada de lado enquanto observava a forma levemente arredondada que sua barriga vinha ganhando, para que meu

coração aquietasse. Ou explodisse de vez. A mudança em seu corpo era pequena, praticamente imperceptível. Mas não para os meus olhos.

Eu conhecia o corpo dessa ninfeta como conhecia o meu. Havia decorado cada sarda, as contado. Sabia as áreas que lhe davam prazer, e as que a faziam gritar. Sabia até mesmo a forma de tocá-la se desejasse que Manoela adormecesse em meus braços.

Assustada, Manoela me encarou através do reflexo do espelho enquanto eu empurrava uma das portas de vidro e assistia a sua nudez com uma saudade que me revoltou. Deixando-me agitado.

Então, como se fosse o único maluco aqui eu desabotoei a camisa, e a retirei. Fiz o mesmo com a calça e os sapatos enquanto me aproximava dela por trás. Que, paralisada, foi incapaz de dizer algo ou me impedir. Não que seus protestos fossem me deter.

Nada naquele momento me faria desistir de tocar a garota. Por isso, com poucas passadas, eu me coloquei atrás dela. Meu olhar preso ao seu, enquanto a sentia prender a respiração.

— Eu não o quero aqui — pediu, baixo. — Saia.

— Gosto da mania que você tem de achar que pode me dizer o que fazer, Manoela. — Meus dedos acariciaram seus ombros, descendo e subindo por seus braços. — Quando é óbvio que eu não obedeço a qualquer tipo de ordem. Ainda mais se for sua.

Minha mão escorregou até suas costas. Os dedos se mostrando grandes demais se comparados a cintura estreita, e foi ali, em seu baixo-ventre, que a toquei. Sentindo o pequeno inchaço.

— Como pode rejeitá-la? Algo que surgiu da gente?

— Você não entende.

— O que eu não entendo? Que você quer tanto se vingar de mim, que seria capaz de machucar a si mesma e a esse bebê para conseguir?

— Eu nunca... eu... não faria isso.

— Eu espero realmente que não, porra! Porque ela pode não ter sido planejada, mas eu a quero.

— E o que eu quero? — perguntou, irritada, ainda que em um tom de voz baixo. — A decisão de seguir ou não com essa gravidez deveria ser minha, Santiago. Só minha!

— Me odeia tanto que não consegue sequer aceitar essa gravidez? — rebati, furioso.

Vi-a me encarar através do reflexo, e assentir.

— Acho que sim.

Respirei fundo.

— Responda-me uma coisa. Se tirassem alguém da sua vida violentamente, você não procuraria por vingança?

— Por *justiça* sim.

— Justiça, vingança. Não importa o nome que dê. E sim o que você estaria disposta a fazer pelo seu objetivo.

— Eu estaria disposta a tudo — falou sem pensar.

— Então por que acha que eu não seria capaz de fazer o mesmo pela minha irmã? Que não tenho o maldito direito de caçar e matar todos que a machucaram? — Seus olhos se estreitaram, em desconfiança. — No que isso nos difere, Manoela? Você quer justiça pelo seu pai, estou certo? — Ela comprimiu os olhos, sem revelar nada. Mas não era preciso. Eu desconfiava há muito tempo de qual era a sua história e os motivos que a trouxeram até a minha vida.

Só achei que conseguiria lidar com o sonho idiota de uma garota achando que poderia entrar na minha vida e me destruir. Não que ela não tenha me enfeitiçado, ou cegado para tudo o que era importante.

Só no meio do caminho, eu comecei a me questionar se o que éramos na cama não poderia superar a violência cometida no passado.

— Meu pai era inocente! — protestou com fogo nos olhos.

— E a minha irmã não?

Manoela virou as costas para mim, de repente. Como se já não quisesse ter essa conversa.

— O nome de seu pai me foi entregue junto de outros quatro, Manoela — revelei, fazendo-a se deter e me encarar alarmada. — Ele era o responsável pela segurança de Celeste. E minha irmã confiava nele, assim como Juan Carlos.

— Eu não quero escutar. — Tapou seus ouvidos, como se tivesse medo da verdade.

— Mas vai. — Eu a impedi de fugir do assunto. — Porque é por causa dele que você entrou na porra da minha vida se achando no direito de

foder com tudo.

— Como...

— Com quem acha que está lidando, *amor*? Eu desconfiei, mas Firmino me convenceu de que estaria morta. Então o atentado veio... e tudo fez sentido. Sua raiva fez sentido! Não sei no que acredita, mas precisa saber que o seu pai estava lá quando a pegaram e ele ajudou a encobrir os rastros dos filhos da puta que a estupraram!

— Meu *papá*... não era ruim. Ele era inocente! — gritou, com os lábios trêmulos. — Ele jamais seria capaz de machucar alguém. Ele nunca...

De tão nervosa, ela mal respirava. O que me obrigou a segurá-la.

— Se Calixto era inocente, então por que ele entregou a minha irmã nas mãos dos homens que a mataram? Se você visse, caralho, o estado que a jogaram aqui... Celeste ainda respirava, Manoela. Ela morreu nos meus braços.

A raiva e a lembrança vieram tão profunda, que senti como se vivesse tudo de novo. O corpo praticamente sem vida em meus braços, seus olhos se fechando. Os machucados que fizeram na minha irmãzinha... as lágrimas em seus olhos. Celeste me abraçou com toda força que foi possível ao me reconhecer, e então ela morreu.

Meu peito se encheu de uma dor profunda. Uma velha conhecida. Vindo tão feroz, que quando meu punho acertou o boxe do banheiro, o vidro temperado trincou. Assustando Manoela, que também tinha lágrimas em seus olhos. Mas, diferentes das da minha irmã, elas não seriam as suas últimas.

— Eu falei a você, Manoela. Não há inocentes nessa história.

Só monstros.

36

MIGUEL OCHOA

Encarei a foto que havia retirado de uma das gavetas de minha mesa. Mantida ali há tanto tempo, que era como se fizesse parte da mobília. Na imagem, uma Manoela com longas tranças era mostrada. O nariz fino salpicado de sardas e os olhos dourados como os de sua mãe, mas infinitamente mais desafiadores.

Havia uma força na garota que nunca houve em Yolanda. E, por mais distante que eu tenha tentado estar dela, eu não posso negar que a admirava por fazer questão de se mostrar forte, e nunca demonstrar medo. Não que Manoela *não* o sentisse, mas ela era esperta e sabia que mostrar fraqueza diante de mim e Ramírez a tornaria um alvo fácil.

E isso a garota nunca foi.

Amassei a maldita foto, odiando a incerteza de não saber se a infeliz estava ou não viva. Eu não falava com ela há semanas, e o seu celular seguia desligado. O que me deixava com pouquíssimas opções.

Depois da morte de Ramírez, merecida, dado a imprudência em que vinha agindo, eu não podia perder Manoela. O plano nunca foi esse.

Até porque, não era Ramírez quem assumiria o meu lugar. Sempre tive isso bem claro em minha mente. Não, quem assumiria no futuro seria outra pessoa.

Isso é, se ela ainda estivesse viva.

O telefone sobre a mesa tocou, e ao identificar o número eu

rapidamente o atendi.

— Espero que tenha uma boa notícia para me dar, meu dinheiro não é capim, merda! Estou te pagando muito para nada.

— *Calma, Ochoa. Eu consegui alguém lá de dentro.* — Minha mão se fechou, enquanto eu esperava que continuasse.

Porque alívio mesmo só sentiria quando descobrisse o que havia acontecido com Manoela.

Com Santiago vivo, e nenhum sinal de Juan Carlos, as coisas poderiam ter facilmente se complicado. Por isso recuei, esperando que minha criança fosse inteligente o suficiente para sair dessa viva.

Olhei ao redor da casa, vendo as empregadas agitadas. Eu não ficaria aqui por muito tempo, sabia dos olheiros de Santiago e mais ainda da possibilidade de, a qualquer momento, o desgraçado aparecer e explodir com tudo. Então não, eu não daria bobeira. Os preparativos para a minha fuga já estavam sendo feitos, e quando o miserável descobrisse seria tarde demais.

— *Não foi fácil, eles são leais. Mas havia um disposto a nos ajudar.*

— Não vou nem perguntar se ele é de confiança, porque está claro que não. Quanto que nos pediu?

— *Não foi pouco, o infeliz é esperto. Disse que o risco era grande demais e que, para garantir o que queríamos, ele... teria de se arriscar.*

— Ele ao menos entregou a informação que te pedi?

Isso era o que mais me preocupava. Porque se Santiago a tivesse

matado, não seria ele a dar início a essa guerra. E sim, eu.

— *Está.* — Graças a Deus, porra! — *Só que tem mais... Ao que parece há um boato circulando dentro da propriedade que a garota pode estar grávida. E ele a tem mantido presa, poucos homens têm acesso a ela.*

Parei de escutar o que o maldito dizia. Porque a ideia de Santiago tocar no que era meu já me enjoava, mas colocar um filho no ventre dela? Um maldito filho?

Quem aquele filho da puta pensava que era, maldição?

— Eu vou matar o desgraçado! Esquartejar osso por osso... Mas antes eu quero ver essa criança morta. — Nenhum fruto daquele miserável sobreviveria no ventre de Manoela.

Nem que eu fosse o único a arrancá-lo de dentro dela!

Eu não aceitaria menos do que quando ela saiu. Vazia. Seca por dentro. Era assim que minha Manoela voltaria para a sua casa.

— Quanto a Juan Carlos — disse, ainda na linha. — Ele continua sendo o meu foco. Então é bom que descubram onde o infeliz está e por que não tem entrado em contato comigo! E me descubram isso, rápido!

— *Eu vou, não se preocupe. Ao que parece... o homem de Santiago não sabe nada a respeito.*

Impossível.

— Ofereça mais, então. Tenho certeza de que, com o valor certo, a boca dele irá abrir.

Eu não tinha desistido do plano, ainda que tivesse recuado. O mover das peças não iria alterar o resultado do jogo, não se eu pudesse evitar.

Até porque, não era só Santiago e Juan Carlos que eu desejava ver morto agora, era também a criança que Manoela carregava.

Encerrei a chamada, furioso. Mais preocupado do que quando a comecei.

— Você conhecia bem o meu papá*? — Manoela perguntou, com duas tranças de cada lado em seus ombros. Olhar para ela... doía. Mas eu finalmente havia encontrado um motivo pelo qual mantê-la ao meu lado.*

Calixto pode tê-la tido por todos esses anos, mas Manoela agora era minha.

Eu não matei a piranha da sua mãe à toa.

— Sim, criança. Eu o conhecia muito bem.

— Ele falava sobre mim?

— A todo o momento. — Ela sorriu, inclinada sobre o caderno de desenho.

— O que tanto desenha aí? — Ela congelou, olhando-me hesitante.

Os olhos dourados fizeram o meu estômago afundar.

— O homem que matou o meu papá *— disse baixinho. — Eu não quero nunca me esquecer dele. Nunca, tio.*

Olhei no papel os olhos azuis de Santiago. Comuns aos Salvatore.

Eles me fizeram lembrar a garota morta tantos anos atrás, do seu rosto assustado ao me reconhecer. Eu a enviei para o inferno, mas não sem antes tomar o que podia da infeliz. Fui o primeiro, mas não o último. E ela gritou.

Aquela foi a primeira vez que tive sangue real em minhas mãos. Sangue dos Salvatore, mas não seria a última.

— Você tem sorte que eu a encontrei a tempo, criança. Se ele a tivesse achado...

— Ele teria me matado — ela completou, fria demais para uma criança de apenas doze anos. — Eu sei. E é por isso que eu não posso me esquecer dele. Porque se algum dia eu o vir de novo, eu não vou correr, Miguel. Eu vou matá-lo — falou baixinho, como se me contasse um segredo, fazendo-me compreender a arma letal que eu tinha em mãos.

Ainda andando pela casa, eu acendi um charuto enquanto pensava que, em breve, eu a traria de volta. E então nada nem ninguém a tomaria de mim novamente.

Era um juramento.

37

SANTIAGO SALVATORE

Acordado em meio à madrugada, eu me inclinei sobre a sacada enquanto amaldiçoava o tempo e a paciência que eu não possuía. Para conseguir o que queria, eu tive de recuar e esperar a poeira abaixar antes de dar as caras por Jalisco e colocar Ochoa contra a parede. Então aqui estávamos, adiando o inevitável.

Enquanto minha mente criava teorias conspiratórias impossíveis de serem detidas. Porque, de repente, eu comecei a pensar na morte de Celeste. O clima de guerra da época, os atentados... era como se estivéssemos de volta para um passado nebuloso.

Tragando a fumaça, e a prendendo por poucos instantes antes de soltá-la, eu tentei me convencer de que em breve tudo estaria resolvido. Para o bem ou para o mal.

O problema aqui, era que agora havia muito em jogo. Uma pequena vida da qual eu não permitiria que a maldade do meu mundo alcançasse. Não ainda. Jurei a mim mesmo que a protegeria, como não fui capaz de fazer com Celeste.

E essa era toda a razão pela qual Manoela vinha me deixando furioso. Porque eu sabia que o que falava era verdade. Que, no fundo daquele coraçãozinho gelado, ela não estava pronta para ser mãe. Ela não tinha estrutura emocional para tanto. Podia até ser a garota mais corajosa que conheci na vida, mas era também a mais assustada. Vulnerável.

E na maior parte do tempo, eu não fazia ideia de com qual delas eu

estava lidando.

Agitado e prestes a acender outro cigarro, eu desisti da ideia ao escutar o grito de Manoela vindo do seu quarto. Eles eram tão comuns, porra! E sempre que a atingiam, parecia que eu também o era. Por isso, ignorando a raiva, eu atravessei a suíte e entrei em seu quarto, vendo-a se debater sobre os lençóis, completamente suada.

Aproximando-se enquanto ela parecia chorar em seu sonho, eu me ajoelhei sobre a cama com o intuito de acordá-la. Mas Manoela passou a lutar comigo ferozmente, como se em seu sonho também houvesse alguém sobre ela.

— Merda! — Amaldiçoei, quando ela cravou as unhas em meu braço e gritou. Minha mão foi até o seu pulso, fazendo com que se detivesse. — Manoela? Acorde, porra!

As palavras pareceram surtir efeito, pois ela abriu seus olhos dourados em meio a escuridão e os arregalou.

— Foi só um pesadelo, droga. Fale comigo.

Ela negou. Gelada como pedra, apesar do corpo suado.

— Você o mata todas as noites em meus sonhos — confessou, baixo, contra a pele do meu peito. — E a cada vez eu sinto que... morro um pouquinho mais junto com ele. É horrível. — Estendi o braço a fim de puxá-la para mais perto, mas senti a batida que deixou contra o meu torso. E, dessa vez, eu não fiz nada para impedi-la, permitindo que descontasse sua raiva e dor sobre mim. — As coisas que você disse sobre ele... eu já não sei o que é real ou não. Estou com medo de...

Ele não ser inocente.

Vendo o desespero em seus olhos, e outro de seus acessos de raiva, eu desejei que o homem que matei tantos anos atrás fosse o que Manoela pensava e não uma mentira. Ainda que isso a fizesse me odiar pelo resto de sua vida.

— Você deveria dormir.

— Eu não quero dormir... eu... eu não consigo. — Ela fez como se fosse se levantar e apontou para a sua barriga. — Isso aqui... faz-me sentir doente na maior parte do dia e... — Era normal, porra. Os enjoos. As tonturas.

Ainda assim, eu não pude deixar de notar se não estava esperando demais de alguém tão jovem. Manoela era incapaz de desistir da ideia de justiça, seus olhos me diziam isso. E eu temia que fosse passar todo o período de sua gravidez rejeitando a própria filha.

— Eu vou te levar para o meu quarto. — A garota franziu o cenho, confusa. — Você não tem pesadelos lá, Manoela. É somente por isso.

Peguei-a no colo, e a deitei sobre a minha cama. No quarto ao lado oposto do seu. A camisola que a infeliz vestia era tão fina, que pude sentir cada curva do seu corpo. Exigindo todo o meu autocontrole para não tocá-la, como se ainda fosse minha.

— Não me olhe dessa forma — pediu, fazendo-me engolir em seco.

Porque essa era a única forma que eu podia olhar para essa mulher. Com desejo, com raiva. Com esse sentimento a martelar dentro do peito. Sem nome e sem voz.

— Já quis tanto algo, que seria capaz de cometer os piores erros para ter? — perguntei com a voz rouca. — Eu sei o que preciso fazer, Manoela, mas gostaria de não ter que fazê-lo. Machucar você... — Deslizei os dedos pelo seu rosto. — Vai foder comigo. Então, talvez eu finalmente me torne o que tanto me acusa: um monstro.

Eu estava prestes a me afastar, quando a senti segurar o meu braço suavemente. Respirando de forma pesada, ruidosa.

— Meu pai nunca vai me perdoar por tudo isso... você, o bebê. Não era assim que tinha que acontecer.

A culpa que me dominava por querê-la, também parecia lhe afligir.

— Seu pai está morto, *amor*. Pare de jogar a porra da responsabilidade do que faz e do que quer, sobre ele. Você tem se escondido... e isso só mostra o quanto está assustada.

Ela me soltou, encolhendo-se sobre os lençóis. Eu deveria tê-la deixado sozinha, mas não pude. Em vez disso, sentei-me na poltrona diante da cama e retirei a camisa por cima com ela assistindo a tudo. Seus olhos ficaram vidrados no corpo que era revelado. Então ela os fechou, e fingiu dormir. Seu corpo rolou pela cama, irrequieto. E os olhos indo e vindo sobre mim, até que finalmente pegou no sono, deixando-me ali com uma única maldita certeza:

Quando o momento chegasse, tirar a vida dela me destruiria.

***

Era de manhã quando me juntei a Mercedes e Rosa, para o café. Sem paciência alguma para lidar com nenhuma das duas. Mas, principalmente, com Rosa e a sua tola esperança. O telefonema recebido logo pela manhã, era o responsável por me deixar preocupado a ponto de mal conseguir me concentrar.

— Vejo que acordou de mau humor, sequer nos desejou um bom-dia — Mercedes reclamou.

— O hospital ligou, precisarei ir até lá. — Fazia pouco tempo desde a última visita a Juan Carlos. Eu vinha tentando não arriscar, mas sabia que precisava.

— Manoela tem consulta hoje... os exames que ela fez há alguns dias precisam ser mostrados ao médico.

— Eu a levo.

— Eu gostaria de ir e acompanhar à consulta. Aproveitar para ver o seu pai.

Como não sabia os motivos pelo qual havia sido chamado, eu achei melhor que Mercedes não fosse.

— Talvez não seja o melhor agora, Mercedes. Você fica. Assim que tiver notícias, eu a informo.

— Não vai adiantar discutir, não é?

— Hoje não. — Eu não estava com paciência. Passar a noite vendo a

infeliz dormir, tinha me deixado duro e irritado. Furioso, para falar a verdade.

Sem me demorar, eu retornei ao quarto e pedi que Manoela se arrumasse. Chegamos ao hospital meia hora depois, ela indo até o consultório, onde a deixei com James enquanto eu me dirigia até o andar superior.

— O que houve? — perguntei, assim que o médico, que cuidava do caso de Juan, apareceu no corredor da Unidade de Terapia Intensiva, mostrando-se discretamente animado.

— Seu pai apresentou uma melhora significativa nessa madrugada, Sr. Salvatore. Fizemos alguns exames neurológicos logo pela manhã, que confirmam o retorno de atividade cerebral. Achamos que ele deve acordar a qualquer momento — disse enquanto caminhávamos até o quarto onde meu pai se encontrava.

Vendo-o através da divisória, sem poder realmente me aproximar, eu me perguntei se sua melhora não era resultado da tal fé de Mercedes. E todas as horas que ela passava ajoelhada em frente à sua *Santa Muerte.*

— É uma boa notícia — falei, aliviado por dentro, mas também preocupado. Principalmente com a segurança do hospital. — Quero que me garantam que, se Juan acordar, ele saia daqui vivo. — Eu não iria aceitar menos.

— Nós faremos o que estiver ao nosso alcance, não se preocupe.

— Não, vocês farão tudo. Até mesmo o que não estiver ao alcance desse hospital. Está me ouvindo? — O médico assentiu, deixando-me a sós com Juan.

Aproximando-me do corpo imóvel, eu segurei sua mão. A mesma contendo o anel de *El Castillo*. Seu estado fez a enxurrada de ressentimento triplicar dentro de mim. Acho que finalmente entendia como Manoela se sentia. Porque, nesse momento, eu a odiava com a mesma intensidade e loucura com que a desejava.

Os minutos passaram, comigo recordando cada aviso dado por Firmino. Até mesmo os de Juan. Quando dei por encerrada a visita, eu ergui o meu olhar em direção à divisória e estaquei ao ver que, no outro lado, Manoela olhava abismada para o interior. A *pequena infeliz.*

Levantei-me, e só então ela desviou os olhos traiçoeiros do homem deitado sobre a cama. Calado, eu deixei o quarto e cheguei ao corredor.

— O que pensa que está fazendo aqui, porra? — Olhei para os lados, à procura de meus homens. — Onde está James?

O desgraçado era para estar cuidando dela, mais precisamente. Garantindo que Manoela se mantivesse longe da UTI.

— Ele está... vivo — ignorou-me por completo, focada em Juan Carlos, como se a imagem dele naquela cama a deixasse ávida. E eu sabia exatamente pelo quê.

Segurei-a pelo braço e a arrastei até o elevador. Furioso. Alguém nessa porra de lugar iria pagar por permitir que a garota o visse. Descemos rapidamente até o andar da recepção e, quando me viu, ficou claro que James a estava procurando.

— Achei que a ordem fosse não tirar a porra dos olhos sobre ela! Que caralho vocês pensam que estão fazendo? — gritei, com meus dedos ainda

em torno do braço fino de Manoela.

Com raiva, James a encarou ao mesmo tempo que Javier se juntava ao grupo, que ao que parece estava agitado pelo sumiço da infeliz.

— Eu achei que a cadela estivesse no banheiro... ela disse que precisava ir...

— Eu vou te mostrar a cadela! — Manoela se agitou, enfrentando-o. Mas eu a segurei com mais força, impedindo que a pequena ferinha colocasse as garras para fora.

Ela era boa nisso.

— Tirem-na da minha frente. E não deixem que ela fique sozinha até que eu esteja em casa.

Eu não daria chance para o azar dessa vez, pensei, encarando Manoela, que se soltou e saiu na frente, andando como se fosse a porra da rainha desse lugar. E talvez ela fosse. Porque era o meu filho que a ninfeta carregava.

Vendo-a se afastar, eu chamei James. Javier foi o único entre os homens a permanecer ao redor.

— Chame-a de cadela novamente, que eu o faço dormir e acordar debaixo da terra, porra. — James assentiu, sem graça, mas obediente.

Olhei para Javier, e o vi preocupado.

— Ela o viu, não foi? — quis saber.

— Sim.

— Acha que...

— Vá com ela — cortei-o, antes que ele desse voz as minhas preocupações. — E se certifique de que Manoela não crie problemas.

Se houvesse mesmo uma chance de Juan Carlos sair dessa vivo, absolutamente, nada poderia dar errado.

MANOELA GARCÍA

Com os braços cruzados, eu aguardei pelo carro, recebendo um olhar assassino de James, que passou direto até o veículo da frente. O som da porta batendo, soou alto e ameaçador. O infeliz me odiava, e parecia nutrir esse sentimento há tanto tempo, que já não era capaz de esconder. A verdade é que muitos dos homens de Santiago me olhavam com essa mesma raiva.

Como se eu fosse uma puta traidora. E eu era.

Algo me dizia que pessoas querendo o meu pescoço dentro daquela casa era o que não faltavam. E eles nunca deixariam Santiago esquecer o que eu tinha feito a ele, principalmente se o velho sobrevivesse.

Virei meu rosto para longe de James, quando Javier passou por mim abrindo a porta com brusquidão. E acenando para que eu entrasse.

Fiz-o, sentindo-o tão bravo como todos os outros.

Entreolhamo-nos através do retrovisor, e eu percebi que o que havia descoberto tinha deixado a todos nervosos. Eu não deveria saber que Juan seguia vivo, ou onde ele estava.

— Acha que... Juan ainda vai sair daquela cama? Ou...

— Pare de fazer perguntas! — pediu, irritado.

Isso me fez pensar que Ochoa não pararia até conseguir o que queria. Ele podia não ter ideia se eu estava viva ou não, mas isso não mudava nada.

— *Ele* não vai parar até que Juan esteja morto, você sabe — revelei. Não era uma ameaça, eram fatos.

— Diga isso a Santiago, Manoela. Ele vai gostar de saber que você conhece tanto assim a mente do filho da puta por trás de tudo isso. — Javier se virou para trás, antes de dar a partida. — Santiago já está por aqui com você, porra!

— E você? — o provoquei.

— Não brinque com a sorte, *gatita*. Você pode estar carregando o filho de Santiago, mas isso não o impede de machucá-la de outras formas. E se ele achar que deve, ele vai. Não duvide disso.

Eu não duvidava. Havia formas muito piores de se castigar alguém do que a morte.

Ainda assim, por mais que ter visto Juan Carlos naquele estado tenha me feito sentir certo prazer, eu não pude deixar de pensar que ele estava correndo risco. Se Ochoa descobrisse, nada, nenhum daqueles homens o impediriam de terminar o que havíamos começado.

O que seria uma pena para Santiago.

38

SANTIAGO SALVATORE

Com longas passadas, Javier e James me acompanharam pelo caminho que ligava o estábulo à casa principal. Atrás deles, dois outros homens acostumados a monitorar as câmeras tentavam explicar a falha ocorrida no sistema durante a noite. De acordo com eles, por cerca de uma hora inteira o sistema havia ficado fora do ar, e as trancas eletrônica abertas.

O que acendeu dois alertas em minha cabeça. O primeiro, em relação aos estábulos. E o segundo, em relação ao túnel abaixo da casa.

— Quero que reforcem a segurança no porão. Se algo assim voltar a acontecer...

— Foi um caso isolado, chefe. Talvez tenha ocorrido um pico de energia — um deles comentou.

— E quanto aos geradores? Não tem como ter sido a porra de um pico de energia! — grunhi, e dispensei os dois homens com ordem estrita para que descobrissem o que havia acontecido.

Qualquer coisa, que não a desculpa que haviam me dado até agora.

Subindo os degraus da suíte, com Javier e James em meu encalço, eu notei a forma como o segurança deixado para vigiar Manoela no tempo que estive fora olhava para a área da piscina, mal notando a nossa presença. Somente ao chegar no topo da escada foi que pude entender o alarde feito pelo filho da puta. Porque, deitada próxima a borda da piscina, havia uma Manoela praticamente nua.

Sua mão ia e vinha sobre a água gelada, enquanto o seu corpo inteiro seguia sob o sol. Como se a estrela central do Sistema Solar tivesse tirado o caralho do dia para beijar cada pequena parte da garota. Salivei diante da imagem, e não devo ter sido o único, porra!

De forma lenta e premeditada, meu olhar percorreu os pés pequenos e delicados... cujas unhas haviam sido pintadas de um vermelho vibrante. E então se detiveram no minúsculo tecido no meio de suas pernas, que mal cobria a sua boceta. Os seios cheios, abaixo do biquíni estreito, que não faziam nada para esconder os mamilos duros.

Sacudindo a cabeça, eu me detive minha atenção no seu abdômen, que parecia crescer a cada dia que passava. E que a infeliz exibia assim, para que qualquer homem pudesse ver.

— Nos deixem a sós! — ordenei, furioso. Sem olhar uma única vez para trás, mais concentrado na infeliz sentando-se assustada e me encarando por detrás dos óculos escuros.

Do ponto em que me encontrava, ela olhou para os homens descendo pelo caminho que eu havia acabado de subir. Pondo-se de pé, ela afastou os óculos escuros e me encarou. Em um desafio silencioso que deixava claro que ela sabia o poder que tinha sobre mim. Principalmente quando se mostrava dessa forma.

Manter as mãos longe dela noite após noite enquanto a assistia dormir em minha cama, não vinha sendo uma tarefa fácil. Eu não a tocava, não por respeitá-la, e sim porque temia o que fosse acontecer comigo se tivesse apenas um gosto do pecado que Manoela era. Ainda que, lá no fundo, eu soubesse que essa era uma batalha perdida. Porque chegaria o momento em

que mesmo em meio à penumbra eu aceitaria o convite feito por seus olhos e, então, nada me arrancaria de cima dela. Nem mesmo um guindaste, porra!

— Qual é o caralho do seu problema? — grunhi, explodindo.

— Do que está falando?

— Da sua falta de roupa, Manoela. Veja a forma como está vestida! — Ou melhor, como não estava. Ao vê-la se afastar, eu notei o fio dental enfiado entre as suas nádegas, apertando a boceta que há muito tempo eu não provava. Ou metia o pau.

Louco, era isso que eu estava ficando. Só podia ser!

— Olhe para mim quando eu estiver falando, porra! — Eu a segurei pela nuca e a fiz me encarar, com os olhos febris, ardentes.

— Você nunca se importou — disse, com os lábios vermelhos. Como se eu tivesse os beijado a noite inteira .

O fato de não tê-lo feito, foi o que me fez perder a cabeça e respirar fundo.

— Você não estava carregando a minha filha antes.

— Então é isso, o problema todo é... eu estar carregando a sua filha?

— Entre e vista uma roupa, Manoela. A partir de hoje, você não chega perto de nenhum de meus homens a menos que esteja vestida.

— Você não pode estar falando sério. Isso é loucura!

— Você me ouviu...

— Sim, ouvi e não gostei. Isso é exagero até mesmo para você.

Ri, amargo. Porque era exatamente isso que eu me tornava perto dela: um filho da puta exagerado, que sentia tudo ao extremo.

— Desde que entenda o que falei, Manoela. Você pode me considerar o que quiser. Louco, doente. Um...

— Filho da puta! — grunhiu, furiosa. Afastando-se enquanto rebolava a maldita bunda apertada em minha direção. — E eu não vou esconder meu corpo, não viverei em um cabresto. Você que ensine seus homens a não me olharem. Porque eles olham, Santiago, e com cobiça!

Irritado e ciumento, eu a puxei pelo cabelo, fazendo-a gemer de forma sacana, ainda que sentisse dor, e a beijei sôfrego, de saudade e raiva.

Como a boca dessa mulher era capaz de me arrastar até as profundezas do inferno, eu não sabia. Mas era lá que eu me sentia estar, queimando por dentro. Fogo puro correndo por minhas veias. Inchando o meu pau, que latejou duro contra a infeliz.

— Você ainda vai me fazer perder a cabeça, Manoela. — Ela lambeu os próprios lábios, fazendo-me dar conta de que eu não era o único excitado com a discussão. — E quando isso acontecer, nem que implore, eu vou parar, está me ouvindo? — Eu a trouxe para mais perto e olhei para baixo, o corpo pequeno, inteiro arrepiado.

Sem fôlego, eu a encarei dentro dos olhos. Sentindo que Manoela ardia igual. Como se eu não fosse o único atormentado.

Voltamos a nos beijar, e quando seu gemido se tornou alto eu a mordi. Não queria a garota gritando e gemendo. Não queria meus homens escutando

o quanto eu era fraco quando se tratava dela.

Por isso eu me detive, só por isso.

— Você não quer que eles saibam, não é? — concluiu. — Que descubram que não pode manter suas mãos longe, que me odeia tanto quanto eu te odeio, mas que não vive sem mim.

Segurando-a pelo pescoço, eu a soltei. Caindo na real.

Estar aqui, ceder as suas provocações... havia muito em jogo agora para que me distraísse. Manoela já esteve sob a minha pele uma vez, eu não permitiria que se repetisse, pensei, ao lhe dar as costas. Apagando com as mãos o resquício do fodido beijo em minha boca, enquanto corria a certeza de que por dentro... eu jamais seria capaz de arrancá-la.

39

MANOELA GARCÍA

Escovei a crina de Louise com calma, o movimento fez com que minha cabeça anuviasse. *Combatente gloriosa*, esse era o significado do nome francês que havia escolhido para a égua que Santiago me presenteou. A pelagem castanha brilhava. Assim como os olhos da mesma cor. Opostos aos meus. Com Lou, eu tinha sido capaz de entender o fascínio do homem por todos os seus cavalos.

Porque ela era linda. Irradiava força, mas era gentil como Kaiser nunca seria. E essa era a razão pela qual eu passava parte do meu dia com ela. Um dos únicos desejos que fiz a Santiago e que ele permitiu.

Senti meu rosto esquentar ao me lembrar dos beijos roubados, da intempestividade com que ele me empurrava contra uma parede qualquer, de repente, e me arrancava todo o meu juízo com um beijo. Um toque. Então, da mesma forma que começava ele se afastava.

Como se o rompante o deixasse furioso.

Quietinha, eu tentei não pensar nas coisas que vinham mexendo comigo, no fato de eu não conseguir levantar pela manhã por sentir-me doente. E menos ainda no pequeno bebê crescendo dentro de mim. Os enjoos, a tontura, era como se tudo estivesse acontecendo para que eu prestasse atenção a minha bebê. Que me desse conta dela.

Mas eu fazia, dia e noite. Não conseguia não pensar, por mais que tentasse. Eu só não queria.

Então, da bebezinha eu pensei em Juan Carlos. A razão pela qual Santiago deveria passar tanto tempo fora. Acredito que no hospital. Os únicos momentos que o via era quando ele passava por mim durante o dia, e a troca de olhares era intensa. Ou quando vinha até o seu próprio quarto, que tinha se tornado o meu, e se sentava na poltrona. Assistindo-me dormir. Ou tentar.

Às vezes era fácil, eu estava exausta na maior parte do dia. Mas, em outras, eu o assistia fumar – a fumaça saindo pelas portas duplas, que davam para a piscina – com meus olhos presos aos dele. Nenhum de nós dois dizia nada, mas era como se disséssemos. Porque, às vezes, vê-lo ali me fazia ter vontade de chorar. Apenas por saber que não tínhamos futuro.

Que, no final, seria apenas ele e a nossa filha.

A menos que eu fugisse... pensei, dando vazão ao meu lado rebelde nunca desistente. Mas eu sabia que, se ousasse sair, eu passaria a vida sendo caçada. Santiago nunca me permitiria desaparecer.

Suspirando, eu afastei o pente da crina de Lou. Imaginando que, a poucos passos, James estaria à espreita. Ele parecia ser o responsável por me vigiar agora. E com razão.

Escutando cada murmúrio e passo dado no lado de fora, eu tentei descobrir se a agitação ao redor se dava pela falha no sistema. Não que alguém tivesse compartilhado comigo o problema que Santiago vinha tendo com a segurança. A forma como descobri foi escutando uma ou outra conversa.

Preocupada, eu me inclinei sobre a cerca de proteção e observei lá fora. Vendo o exato momento em que James e Ernesto passavam. Ambos estavam conversando baixo, concentrados. O olhar do homem de confiança

de Santiago cravou em mim, fazendo-me questionar até que ponto ele era leal às ordens do chefe. Porque, por alguma razão desconhecida, eu estava temendo pela minha vida.

Sentia a tensão ao redor. Todos os olhares e a raiva.

Eu tinha causado isso a mim mesma, e não podia negar que eles tinham razões para me odiarem tanto quanto eu odiava a todos.

Distraída, eu me assustei ao escutar a sacudida de Kaiser ao lado da baia de Louise. Era sempre assim quando eu estava por perto, algo o inquietava deixando-me nervosa. Agitada igual.

Abrindo a porta da baia de Lou, eu avistei James agora sozinho. Falando com alguém ao telefone, mas, assim que me aproximei, a chamada foi encerrada e ele me levou de volta para a suíte, sem dizer nada.

A verdade é que James nunca falava.

Somente ao chegarmos foi que tive a confirmação. Algo havia acontecido para deixar a todos agitados. Principalmente Santiago, que atravessou a varanda assim que me viu, como se quisesse ter certeza de que eu estava bem. Eu ou a sua filha.

— Em que momento o alarme soou? — perguntou, encarando James.

— Há poucos minutos, Ernesto viu a baia aberta antes que algum desastre acontecesse. E não durou muito, foi como... uma queda. Como foi dito a você antes.

— Uma queda. Um sistema como esse não sofre quedas, James. A menos que...

Nervosa, eu o interrompi:

— O que aconteceu? Eu vi a agitação...

— Não aconteceu nada — desconversou, nervoso. — Mas não a quero de volta ao estábulo até que eu diga que é seguro, me ouviu?

Franzi o cenho, inconformada.

— Eu não vou ficar sem ver Lou. — O infeliz estava prestes a me ignorar e partir com James. — Me ouviu, Santiago? — repeti suas palavras, fazendo-o se virar.

— Esse não é um bom momento, Manoela. Se sabe o que é bom para você, então irá me escutar e acatar.

— Isso é uma ordem ou um pedido?

— É o que eu estou dizendo que é, porra. Quando se trata da sua segurança... — Nós ficamos sozinhos, quando James percebeu que essa não seria uma discussão rápida. Ou indolor.

— Não diga que se preocupa comigo, porque não é verdade. Agora tudo o que importa para você é essa criança e...

— Alguém tem que fazer, não acha? — Ele veio atrás de mim quando adentrei a suíte. — Já que, no mundo de fantasia em que vive, não existe bebê ou gravidez. — Ele me segurou pelo queixo, detendo-me. — E maldição! Eu gostaria de dizer que é apenas com a minha filha que estou preocupado, mas nós dois sabemos que não é.

Santiago grunhiu baixo, deixando-me surpresa. Ao se afastar, eu senti

meu coração bater devagarinho. Como se estivesse com medo de fazer barulho e desmoronar.

Sozinha na suíte, eu me sentei no sofá. E fechei os olhos. Segurando meu abdômen pequeno com tanta força, como se o gesto pudesse protegê-lo da loucura desse mundo.

O problema é que nada a protegeria da *nossa* loucura.

Santiago e eu, nós dois não éramos normais. Caso contrário, ele não teria saído excitado e eu não estaria insanamente necessitada.

Depois daquela tarde, os dias passaram devagar. Ninguém conseguia entender o que estava acontecendo com a segurança da casa. E, pelo humor de Santiago e suas insistentes e repetidas perguntas, Ochoa parecia ter desaparecido da face da Terra.

Assim, em um piscar de olhos, a segurança ao redor da casa aumentou drasticamente, assim como em meu entorno. E mesmo que o *bicho-papão* não dissesse com todas as letras, o infeliz sabia que Ochoa era o único responsável por tudo o que vinha acontecendo. E ele o estava caçando, agora mais do que nunca.

O problema é que, quanto mais dias passavam sem notícias de Miguel, mais irascível Santiago se tornava. As portas batiam, ele gritava e grunhia com tudo e todos. Andava agitado, nervoso. Exalando fúria, mas também excitação. Eu quase podia sentir o dia em que ele perderia a porra da paciência e me tomaria contra uma parede qualquer.

Uma parte de mim temia que o dia chegasse, e a outra aguardava ansiosamente. Porque meu corpo era um traidor, ele desejava e ardia pelo

único homem que não podíamos ter.

Então, em determinado dia, Santiago chegou irrequieto na suíte com seu olhar fixado ao meu.

— Faça uma mala. Nós vamos viajar. — Levantei-me surpresa seguindo-o até o quarto.

— Você vai me dizer para onde se eu perguntar?

— Eu tenho assuntos a resolver, isso é tudo o que precisa saber por ora. — Encarei-o confusa. — Apenas arrume suas coisas.

Eu o vi me dar as costas, enquanto uma das empregadas parecia ter subido para fazer a sua própria mala.

— Leve algum biquíni com você, ou melhor, escolha um maiô que cubra o seu corpo.

— Eu não quero ir — falei, nervosa. Achando-o agitado demais. Santiago dessa forma, nunca era um bom sinal. Além disso, para que eu usaria um biquíni? Quero dizer, o mundo estava desabando sobre nossas cabeças... e ele queria... ?

— Não estou te dando opção, *amor*. Faça a mala, ou outra pessoa a fará por você. — Ele se trancou no banheiro, deixando-me cara a cara com a menina da limpeza. Uma bonitinha loira com olhos lânguidos, que eu ainda não tinha visto por aqui.

— Você é nova? — perguntei, curiosa.

— Sim.

— Por que ele a chamou? — Eu me aproximei.

Santiago e eu não estávamos fazendo sexo, ele mal me tocava, droga! E se o desgraçado estivesse fazendo com outra pessoa? Rosa podia não o agradar, mas a garota diante dos meus olhos? Com rostinho de safada?

Ela era exatamente o tipo do meu homem.

— Eu... eu não sei.

— Você não sabe. — Ela parou o que fazia, fechando a gaveta de cuecas de Santiago e dobrando as peças em uma mala negra. — Você sabe pelo menos que aqui dentro tem um filho dele, certo? Um filho não, uma garotinha. — A sonsa piscou seus olhos na minha direção, com falsa inocência.

— Eu sei. Sei também que, quando a criança nascer... a senhora... vai... desaparecer.

Sorri, amarga. *A infeliz.*

— Você está certa. — Aproximei-me tocando seu lindo cabelo loiro. — Mas até que isso aconteça nada me impede de desaparecer com você. — Ela fechou a cara. — Agora arrume as coisas de Santiago e, em seguida, as minhas. Estou me sentindo muito cansada hoje.

O meu humor, nem o do infeliz ao meu lado, melhorou nas próximas horas. Pegamos um helicóptero no heliporto sobre o terraço da propriedade e, em seguida, atravessamos o Golfo do México até que uma ilha apareceu no meio do nada.

Árvores altas, como pinheiros e palmeiras. E uma enorme propriedade

à beira-mar. Eu sabia que existiam locais como esses, e que eles eram fortemente assegurados. Além, é claro, de pertencer a pessoas exorbitantemente ricas. Abismada, eu olhei para o homem ao meu lado, que parecia tranquilo.

Como se já tivesse feito esse mesmo trajeto uma centena de vezes.

— É sua? — referi-me à ilha.

— Não que faça alguma diferença, mas é.

O helicóptero pousou, levantando poeira ao redor. Cobri meus olhos, tendo ajuda para sair.

O chapéu panamá sobre a minha cabeça, impediu que o cabelo cobrisse o meu rosto, mas nada ajudou com o vestido que eu usava. Senti Santiago descer logo depois, Javier e ele conversaram rapidamente. Até que o segundo apontou para a direção da casa e dois homens puderam ser vistos: Manolo e Esteban.

Pelo visto estávamos diante de uma reunião do Conselho. O integrante faltando, sendo a razão de todo o alvoroço.

— Eu tenho assuntos a resolver, Maria irá te mostrar o quarto... se quiser, peça ao marido dela para que te mostre a região. — Santiago não me encarou, deixando-me com Maria e James enquanto ele se afastava com Javier.

Atordoada com a beleza do lugar, eu olhei ao redor. O *bicho-papão* parecia nutrir certo fascínio em estar rodeado por mata. Porque o que eu vi deixou claro que, se eu ousasse entrar dentro dela, eu desapareceria em um piscar de olhos. Era uma mata densa e alta. O cheiro de pinho e de terra, fez-

me respirar pela primeira vez em anos.

— O Sr. Salvatore pediu que fizéssemos um jantar comum para essa noite, nada especial. Mas se a senhora quiser, eu posso preparar algo de sua preferência. — Maria me encarou, fitando minha barriga.

— Não há necessidade, eu como qualquer coisa — menti, porque a verdade era que eu não andava comendo nada.

— Sabe, eu conheço algumas receitas ótimas... acho que irei preparar para você. Mercedes me disse que tem tido alguns problemas estomacais. Foi assim com o meu filho também. Até o último mês, nada parava na minha barriga.

— Até o último mês? — perguntei, desesperada.

Incerta sobre suportar tanto.

Deixada no quarto, com uma varanda que dava para o Golfo, eu me inclinei sobre a sacada e observei a movimentação da segurança. Não só a de Santiago. Mas de todos os três homens.

Eu não sabia ao certo sobre o que eles conversariam, ou no que isso representaria a vida de Ochoa, mas decidi que não iria ficar trancada dentro do quarto. Ainda que estivesse me sentindo cansada. Então, trocando de roupa, eu escolhi um dos biquínis que a novata colocou na mala e desci. Despistando não apenas Maria, como também James.

Sentir os pés sobre a areia branca, teve efeito imediato sobre mim. Às vezes, a gente só se dava conta do que precisava ao obter. E até aquele momento, eu não tinha ideia de que precisava estar aqui. Sentir o mar tocar meu cabelo. Minha pele. Ser beijada pelo sol.

Foi com esse pensamento que eu entrei no mar e mergulhei, sentindo a água salgada relaxar o meu corpo a ponto de me fazer deitar sobre a areia em seguida. Enquanto admirava o céu tão azul como os olhos de Santiago.

Não imagino quanto tempo eu devo ter ficado ali, sob o sol. Mas sei que, quando voltei a abrir meus olhos, tudo em mim ardia. A pele, o corpo. E mais do que isso, a sombra sobre mim pertencia ao homem dos meus sonhos. Aquele a invadir noite após noite o meu sossego.

— Eu deveria bater em você por ser tão imprudente, porra! — Ele puxou a alça do meu biquíni, e eu me movi desconfortável. — Você poderia ter tido uma queimadura, Manoela! Tem noção?

— Eu... eu acho que adormeci. Você melhor do que ninguém sabe que eu não tenho dormido bem — peguei-me explicando. — A água gelada deve ter me acalmado a ponto de me fazer apagar.

Ele se afastou, e só então eu me sentei sentindo e vendo o quanto eu estava vermelha. Com sua ajuda, eu me levantei. E limpei a areia do meu corpo.

Os olhos intensos de Santiago estavam presos a cada gesto que eu fazia.

— Suba para o quarto, chega de sol por hoje.

— Você já resolveu o que tinha de resolver? — Ele me encarou, e apenas sacudiu a cabeça. Deixando claro que não me responderia.

Subi até o quarto, com ele atrás de mim. Sentindo seu olhar por todo o meu corpo. Mas precisando seriamente acalmar o ardor a me irritar.

— Eu vou tomar um banho. — Eu precisava sentir a água gelada sobre mim, ainda que soubesse que arderia.

Minutos depois, de volta ao quarto, eu estaquei ao ver Santiago inclinado sobre a varanda. Vestia nada mais do que a calça que ele usava antes. Seu cabelo estava revolto e os pés descalços.

Aproximei-me por trás, tudo a me cobrir era uma toalha felpuda que eu sequer havia enrolado direito. A fim de não a sentir sobre a minha pele. O som do helicóptero se afastando ecoou sobre nossas cabeças, fazendo-me olhar a partida do que me pareceu ser Esteban e Manolo.

— Eles já estão indo embora?

— Sim.

— Então você já resolveu tudo...

— Nós não vamos ter essa conversa, Manoela. — Ele se virou, parecendo a tempestade em pessoa. O pior? Era que o sol que havia me queimado, parecia ter sido substituído justamente por nuvens pesadas. E elas pareciam querer cair a qualquer momento.

— Se não vamos conversar, o que faremos então? — provoquei-o, ciente do perigo. — Discutir? Bater um no outro? Ou foder?

Um grunhido escapou da boca dele, fazendo-me engolir em seco e perceber que eu o tinha empurrado em seu limite.

Finalmente.

40

SANTIAGO SALVATORE

A partida precipitada de Manolo e Esteban não foi ao acaso, a ideia de que o colombiano passasse a noite na mesma casa, onde a mãe da minha filha dormiria, não me agradava. Sem saber em quem confiar, eu me sentia como se pisasse em ovos. E não cometeria o erro de permitir que um infeliz como ele chegasse perto de Manoela.

Quanto a Manolo, ele mesmo se convidou a voltar para a costa em busca de sua própria *boceta*. De preferência, uma que não estivesse carregando um bebê em seu ventre. Não que houvesse julgamento em suas palavras, Manolo parecia até estar se divertindo com a situação na qual me encontrava, diferente de mim.

Não vou negar que uma das razões pela qual não insisti em sua permanência foi porque não confiava em Manoela. Ela era autodestrutiva, seria capaz de qualquer coisa para me irritar ou se ferir. Causar dor a si mesma. Posso ter corrido risco em deixá-la entrar em minha vida, mas não permitiria que houvesse risco de qualquer tipo em relação ao bebê que ela esperava.

— Você deveria tentar descansar — falei, preocupado.

— Estou *cansada* de tentar, Santiago. Isso, aliás, é tudo o que você tem me pedido nos últimos tempos. É como se tivesse se esquecido de que sou uma mulher.

Afastei-me dela, ao dizer:

— Acredite em mim... eu não esqueci.

— Então por que não me toca? — perguntou alterada. — Você me olha como se quisesse me foder, mas faz de tudo para não chegar perto. Sei

que deseja me ver morta, eu conheço muito bem essa porcaria de sentimento, mas isso nunca me impediu de ir para a cama com você. De gozar e...

— Cale a boca, Manoela! — alertei-a, a um passo de perder a cabeça. — Eu sei exatamente o que está tentando fazer, e não vou cair no seu jogo. — Ainda que estivesse duro, sedento por um gosto que fosse dessa infeliz. — Eu me deixei levar uma vez e isso quase matou o meu pai, porra!

Observei o movimento característico de quem engolia a raiva. Manoela estava furiosa, e foi dessa forma, afogueada, que a ninfeta desfez o nó de sua toalha e a deixou cair por seu corpo fazendo-me grunhir como um animal. A besta selvagem dentro de mim, acordou, levantando-se para a batalha.

A mandíbula travou, e precisei de todo maldito controle que possuía para não atacar a tentação à minha frente.

— Porra, como senti falta disso... de olhar para você! — De contar as sardas do seu corpo, meter a boca no meio de suas pernas. Foder ela inteira.

Atordoado com a visão do corpo nu da safada, eu gastei meu tempo admirando com lentidão cada detalhe. A saudade de foder ela, fazendo doer algo em meu peito. Algo que não tinha nome, e nem mesmo fazia sentido. Se ela ao menos não estivesse queimada dos pés à cabeça, eu pensaria em formas de castigá-la por me provocar. Mas as marcas de sol deixadas sobre a sua pele pareciam não tê-la afetado somente onde a marca de biquíni a tinha protegido.

A pele branquinha ao redor dos mamilos, e a boceta lisinha... A mera visão fez-me salivar. Mas tesão mesmo, eu senti ao olhar o monte inchado em seu ventre. A curva pequena, e ainda assim... tão representativa.

A ninfeta estava carregando algo precioso dentro dela, algo que era meu.

Esse foi o pensamento que me fez atravessar o quarto e parar diante de Manoela. Temendo perder a cabeça, porque eu sabia, a hora que pegasse essa garota eu não iria parar.

— Eu gostava mais quando não me olhava como se eu fosse frágil. — Ela se aproximou, na ponta dos pés, cujas unhas estavam pintadas de um vermelho vivo. Justamente a cor que eu mais gostava de ver nela.

Fosse as roupas justas, o batom marcado... as calcinhas pequenas e enfiadas em sua bunda.

Impassível por fora, ainda que completamente excitado, eu a esperei se aproximar. Sentindo o toque macio e quente de suas mãos sobre o meu peito, deslizando por cada cicatriz. Manoela me enlouquecia com essa merda. Então, dando vazão ao seu próprio desejo, ela apertou os lábios ao redor de uma delas. A boca molhada e gulosa fazendo-me grunhir alto.

Extravasar cada minuto dos dias que passei privando-me dessa mulher. Só que, porra, por mais sério que levasse os laços familiares e por mais certo do que precisava ser feito, fingir que não queria Manoela deixava-me louco.

— O que pensa que está fazendo, caralho? — perguntei, emaranhando a mão em seu cabelo enquanto ela continuava com a tortura.

Seus lábios se arrastavam por toda a minha pele marcada.

— Se você não vai me tocar, eu toco em você. — Seu olhar travou no meu, enquanto ela sugava e mordiscava meu peitoral, cravando os dentes nos músculos rijos, e os puxando com intenção de me causar dor. — Acho que o que dizem é verdade... a gravidez nos deixa excitada... 24 horas por dia. — A voz rouca, sedutora, causou-me arrepios. — E é assim que eu estou, Santiago. Preciso tanto que me toque, que me faça sentir dor e prazer... eu quero a sua boca em mim, porra! Eu estou aqui!

Sim, ela estava. E era a única a pedir por isso!

— Sua infeliz, gostosa!

Empurrei-a até vê-la cair desejosa sobre a cama. Puxei-a pelas pernas, trazendo-a até a beirada dos lençóis brancos e macios. Meus dedos deslizaram pelo tornozelo fino, sentindo o quanto ela era delicada. E ainda assim, a garota mais corajosa que conheci.

Agora, porém, junto com a excitação havia uma pequena dose de pânico, como se ela não soubesse o que esperar de mim. Respirei fundo e fiz o que gostaria de ter feito há dias, eu afundei a cabeça entre as suas pernas pegando-a de surpresa.

Com voracidade, eu chupei seus grandes lábios. Comprimindo o clitóris rosado. Tudo em uma única lambida. Apertei a carne macia e gordinha, e a escutei soluçar. Seus pés estavam afastados, cada um de um lado na beirada da cama, arqueando junto do seu quadril. Pedindo por mais. Como se eu fosse capaz de *não* a chupar. De enfiar a língua dura na sua carne, e tomar o que era meu. Seu gosto doce derreteu em minha boca feito mel, grudento, gostoso, fazendo-me sugar sua boceta até matar a minha sede enquanto a infeliz rebolava o quadril contra o meu rosto, soluçando baixinho como se também sentisse saudade. De tudo.

E foi dessa forma que a safada gozou. Agarrando-se aos lençóis enquanto apertava as coxas brancas ao redor do meu rosto. Com a boca ensopada, eu salpiquei beijos em sua virilha, fazendo-a estremecer, sentindo a pele inteira dela arder. A temperatura de Manoela estava alta, tanto pela insensatez de dormir sob o sol quanto pelo sexo que fazíamos.

Da virilha, eu escorreguei a boca até o baixo-ventre, alcançando seu abdômen, que foi onde me detive, para desespero de Manoela, que pareceu se esquecer de como respirar.

— Já a sentiu se mexer?

Ela negou, esbaforida.

— Acho que é cedo. — Deveria ser mesmo, porque a barriga de Manoela mal havia se formado, ainda que ela tivesse passado dos quatro meses. A curva bonita, podendo ser vista somente de lado.

Beijei sua barriga devagar, sentindo-me possessivo com as duas enquanto meu cérebro apagava da mente tudo o que naquele momento, eu não queria pensar. Ou lembrar. Foda-se, se quando levantássemos, eu tivesse um país para controlar e toneladas de cocaína a vender. Porque aqui, com Manoela sob mim, eu era apenas a porra de um homem obcecado pela única mulher com coragem suficiente para me trair.

Com quarenta anos de idade nas costas e tendo vivido tudo o que vivi, era fácil compreender o que eu sentia. Admitir que era o problema.

Mas como sempre, quando se tratava dela, meus olhos permaneceram abertos.

— Me beija aqui... — pediu, levando uma de minhas mãos até a sua boca. Seu abdômen subindo e descendo, assim como os seios.

Escorreguei a boca pela pele ardida, escutando-a gemer a cada chupão e pequena mordida. Só parei quando alcancei o mamilo vermelho, que só deixou de ser sugado quando Manoela emaranhou seus dedos em meu cabelo e me puxou para cima do seu corpo. As pernas abertas, mostrando-se um perfeito encaixe. Então eu a beijei na boca, sentindo-a se render enquanto matava a minha saudade dela, do seu cheiro. O gosto, a sua fome.

Em resposta, Manoela entrelaçou os seus dedos em meu cabelo com ainda mais força. Inclinado sobre ela, com o apoio de meus braços, eu forcei meu corpo a permanecer distante. Não querendo que ela sentisse o meu peso.

— Sou pesado demais, porra! — falei, vendo-a com sua teimosia costumeira.

Sem se importar em ser esmagada por mim enquanto enlaçava as pernas ao redor do meu quadril, deixando claro o que queria, a infeliz abaixou a minha bermuda até o meio do quadril e liberou o meu pau, que deslizou para dentro de sua boceta, como se aquele fosse o seu maldito lugar. E ela estava melada. Apertadinha.

— Sou louco demais por você, caralho! Alucinado...

— Você não é o único — gemeu entre um beijo e outro. — Eu também sou. — Manoela se agarrou ao meu corpo, cravando as unhas em minhas costas enquanto eu a penetrava.

Devagar, fundo. O oposto do que fazíamos. Pele com pele, suor com suor, nossas bocas eram incapazes de se afastarem. Acho que nunca beijamos tanto ou respiramos um sobre o outro. Quando senti que perderia a razão, e que os golpes estavam-na fazendo sacudir sobre o colchão, eu a coloquei montada em mim em um movimento ágil, sem ter de sequer sair de dentro dela.

Então eu a vi cavalgar de forma lenta, como se quisesse sentir cada polegada dentro dela; e, em seguida, gemer, ao tê-lo fundo em sua boceta. Sua entrega foi tão intensa e desprendida, que eu a sentia bater contra as minhas bolas. Apertá-las ao subir e descer.

Quanto mais lento ela ia, mais perto do gozo eu me encontrava. Foi esse o momento em que a segurei pela nuca, com força, e a golpeei sem dó. Manoela não parecia sentir dor, ou incômodo. Pelo contrário, ela implorou e choramingou para que eu fosse mais rápido e fundo. Quando as estocadas ficaram mais violentas não havia distinção de onde ela começava e eu terminava. Éramos um só, sôfregos, suados. Tesão e raiva.

O segundo orgasmo dela veio antes do meu, o pulsar de sua boceta drenou-me seco até não restar nada. Meu gozo inteiro escorreu por suas pernas, nos inundando.

— Isso foi...

— Gostoso pra caralho!

— Com você sempre é — admitiu, deitando-se sobre o meu peito e deixando que seus cabelos caíssem ao meu redor.

— Está tudo bem? Eu...

— Você não me machucou, Santi. Nunca dói com você.

Manoela finalmente pareceu capaz de adormecer. Seu corpo se rendeu sobre mim, buscando aconchego. Em minutos, eu a escutei respirar baixinho e perder a consciência. Diferente de mim, que fui incapaz de fechar os olhos por toda a maldita noite, remoendo por dentro o quanto eu era suscetível quando se tratava dessa pequena infeliz.

A verdade é que Manoela era o meu desejo mais violento. Arredio. E como me negar algo que eu queria? Que até então, era meu? Para tomar, foder.

Castigar.

Não sei quanto tempo se passou, mas devem ter sido horas. Porque, quando Manoela se moveu sobre mim, eu percebi que ainda não tinha sido capaz de pregar os olhos.

Quieta, ainda sobre o meu corpo, a ninfeta respirou fundo e afundou o rosto em meu peito. Seus dedos passeando por todos os lugares.

— Em que está pensando? — perguntei, baixo.

— Em nada.

— Manoela? — insisti, recusando-me a vê-la se fechar outra vez.

— Em você, em nós dois para falar a verdade — suspirou. — Não consigo deixar de me perguntar se... você teria mesmo atirado em mim naquela noite. Se não fosse pelo bebê, e o que Mercedes descobriu... você teria me deixado ir...

Deixado ir. Um termo bonito demais para o que eu teria feito com ela.

— Você não quer falar sobre isso agora, *amor*.

Manoela se virou, os olhos dourados sendo todo o brilho que eu via no momento.

— Talvez eu queira.

— Não me faça perguntas para as quais já sabe a resposta. Não estou dizendo isso porque quero te ferir, ou talvez eu queira. Já nem sei, porra! Sinto vontade de... — Ela se inclinou, como se fosse se levantar, mas eu a impedi. — Toda vez que olho para você, a vontade que tenho é de... terminar o que comecei naquele porão. Acabar com esse tormento que sinto, toda essa raiva. Mas estou de mãos atadas, Manoela. Enquanto a minha filha estiver dentro de você, eu jamais seria capaz de lhe arrancar uma gota que seja de sangue.

Manoela assentiu, como se soubesse que agora não adiantava chorar. Ela havia trazido o assunto à tona. Só fui honesto, caralho!

— Trair você foi a coisa mais difícil que eu fiz na vida. — A garota empurrou de leve a boca contra a minha, com seus olhos marejados. — E não deveria ter sido.

Essa era a primeira vez que ela aceitava falar sobre isso, e que tinha algo a contribuir que não suas insistentes recusas.

— Você me estragou para todos os outros homens, Sr. Salvatore.

Você... fodeu com tudo.

Eu a apertei, quando ela tentou se afastar, mantendo-a presa em meus braços enquanto minha boca ia de encontro a sua testa.

— Eu não te amo — falou, rendida. — Eu juro que não te amo.

Tive a impressão de que Manoela desejava dizer justamente o contrário, dada as lágrimas que agora caíam pelo seu rosto.

— Não amo, Santiago — insistiu, como uma criança birrenta.

— Eu também não te amo. — O que fosse esse sentimento esmagando-me por dentro, dia após dia, noite após noite, ele não era amor.

Não podia ser.

Manoela voltou a adormecer, deixando-me sozinho para questionar cada maldita consequência, se por acaso decidisse deixá-la viva. Mercedes, Juan Carlos. Os homens que trabalhavam para mim.

Eu teria de passar por cima de todos eles, mas principalmente por cima do meu orgulho se decidisse... por alguma razão, ficar com a infeliz.

Muito estaria em jogo, pensei, mantendo-a exatamente onde estava pelo restante da noite: fortemente presa em meus braços.

E se esse for o lugar dela, porra?

MANOELA GARCÍA

Com o rosto afundado no travesseiro macio, eu escutei o som das ondas selvagens batendo contra a costa, assim como a chuva que caía intensamente sobre a mata. Provocando aquele barulhinho gostoso e sonolento, que me fazia querer fechar os olhos e dormir pelo restante do dia.

Há quanto tempo eu não me sentia dessa forma?

Parecia loucura, mas desde que pisamos nessa ilha eu sentia como se um peso de mil toneladas houvesse sido retirado das minhas costas. Incerta sobre a hora e os meus pensamentos, eu fitei o céu nublado, sorrindo ao sentir a boca de Santiago deslizar pela minha espinha em direção ao bumbum.

— Acho que a gente precisa de um banho... — falei, lembrando-me de que não havíamos nos limpado depois do sexo de ontem. Seu cheiro ainda estava em mim.

O seu gozo entre as minhas pernas, e o meu gosto em sua boca.

— O que acha que estou fazendo, amor? Te limpando...

— Hum... — gemi, mordendo o meu lábio e empinando o bumbum ao sentir a mordida que deixou. — Está gostoso, mas estou falando sério... a gente precisa...

Santiago me segurou pela cintura, de repente, e me tirou da cama tomando o maior cuidado para não apertar o meu abdômen, que ao que parece ainda não havia acordado, pois eu não sentia enjoo algum. Apenas fome.

Do tipo mais insano possível.

— Eu vou te dar banho... e, em seguida, nós vamos alimentar a você e

a minha filha.

De pé no banheiro, eu observei o homem completamente nu e excitado se inclinar sobre a banheira e ligar os jatos de água quente que encheram rapidamente o espaço de mármore cinza. No tamanho ideal para duas pessoas.

Encarei-o quando Santiago se virou, sorrindo de lado. Daquele jeito imperturbado dele enquanto me puxava pelo queixo e me beijava. Tão devagarinho, que foi como se tivesse medo de me machucar.

Ou me fazer correr.

Ao se afastar, ele se sentou na banheira, abrindo as pernas para que eu pudesse me encaixar ali. E cumpriu com sua palavra ao deslizar o sabonete pelas minhas pernas, detendo-se entre elas. A primeira coisa que senti foi a maciez do sabonete, seguido da aspereza de seus dedos, que esfregou a espuma por baixo da água até me ter limpa.

Suas mãos subiram, lavando minha barriga, seios e pescoço. O que me deixou molenga em seus braços. E por onde o sabonete passava, seus dedos terminavam o trabalho acariciando-me inteira.

Quando terminou, eu tive o meu rosto virado vendo-me presa em um beijo que me deixou sem fôlego. Santiago tomou minha boca, cheio de saudade. A mesma comoção da noite passada. E foi em meio a esse beijo, que ele arrastou o dedo até o mamilo intumescido e o acariciou vagarosamente, da mesma forma como fazia com a minha tatuagem em alguns momentos.

Era como se ele tocasse algo precioso.

Com a boca ainda atada a sua, eu permaneci encaixada em seus braços. Até que olhei para a vista que tínhamos da mata através da janela panorâmica.

— Eu poderia viver aqui pelo resto da minha vida. — Santiago me fitou, as palavras fazendo-lhe sentido. Porque a verdade é que eu não tinha muito tempo. — Sem segurança, sem Mercedes... Só eu e você.

— Seria impossível, você sabe disso. — Sua voz saiu rígida. — Não vou e nem quero me afastar do império que comando, Manoela. Se esconder aqui, seria o mesmo que dar as costas a tudo o que conquistei em todos esses anos. Eu jamais faria isso.

"Nem mesmo por mim ou sua filha?", quis perguntar, mas não o fiz. Certa de que a linha que me mantinha atada a ele nesse momento era frágil demais.

— Eu sei — falei, o encarando enquanto meus dedos deslizavam por suas cicatrizes. Detendo-se na última que havia marcado o seu corpo. Ela ainda estava vermelha e inchada. — Já são seis... — Isso de alguma forma me afetou levando-me a beijar a cicatriz deixada pelo disparo. Ainda que eu soubesse que era a única responsável por ela. — Na sétima...

— Eu não sou supersticioso, Manoela — cortou-me.

E quando nos entreolhamos, eu me vi engolindo em seco.

— O meu pai era.

***

Horas depois, eu desci as escadas vestindo nada mais do que uma camisa de Santiago, que havia sido jogada sobre os meus ombros, e sequer sido fechada. Com a chuva forte dessa manhã, Santiago havia adiado por algumas horas o nosso retorno. O que nos deixou com a casa inteira para nós dois, já que Maria e seu marido haviam sido dispensados cedo.

Agora, perto do meio-dia, eu andei pela casa aconchegante observando cada detalhe dela, mais precisamente à procura de Santiago. Tudo o que havíamos comido foi o café da manhã na cama, e ele não tinha sido suficiente. Por acaso, foi na cozinha que o encontrei revirando os armários e a geladeira, como se estivesse com a mesma fome assassina que eu.

— Maria normalmente deixa comida congelada, vou preparar alguma coisa para nós dois. — Olhei para a bancada cheia de alimentos desconexos e comprimi meus lábios.

— Pode ser um sanduíche. — Ele se virou, seu olhar passeando pelo meu corpo. Indo até meu abdômen e voltou ao meu rosto.

— Melhor não, sente-se aí que eu preparo algo rápido. Posso não saber cozinhar, mas sei descongelar um prato.

— Eu ajudo. — Coloquei-me ao seu lado, e servimos a comida na varanda da frente. Por sorte, não havia sinal de Javier ou James pelo terreno, e onde quer que eles estivessem... que ficassem por lá.

Somente no final do almoço, vendo a chuva cair e molhar minhas pernas, foi que eu dei voz ao desejo que até então não havia compreendido.

Eu não queria ir embora.

— O que foi? — Santiago perguntou, ao me ver inquieta.

Sentada sobre o primeiro degrau da varanda, eu olhei para a cadeira logo atrás de mim onde ele seguia sentado.

— Eu não quero voltar — revelei, baixo. Com medo de que, quando voltássemos, todo o inferno recomeçasse. — Sei que você precisa, mas... eu não poderia ficar?

Viver em um inferno nunca foi um problema, eu não sabia o que era *não estar* dentro dele. *Mas e quando se conhecia o outro lado?*

— Não.

— Só por alguns dias, você poderia deixar quantos homens quisesse, eu me comportaria bem.

Desviando seus olhos de mim, Santiago fitou a tempestade. A cabeça longe, até que senti seus dedos afagarem meus cabelos.

Eu estava praticamente sentada a seus pés enquanto ele fumava o seu cigarro.

— Posso te dar um dia.

Sorri, olhando para trás.

— Obrigada — falei, ao vê-lo se levantar.

— Vou telefonar para o piloto e adiar o nosso retorno para amanhã. — Assenti. — Quanto a você, seria bom subir e colocar uma roupa quente.

Assenti, sabendo que seria inútil me vestir. Não quando pretendia passar o restante da tarde nua ao seu lado.

***

Jogados sobre a cama, após outra rodada de sexo, eu escutei o telefone de Santiago tocar. De olhos fechados ao meu lado, ele pediu para que eu o pegasse sobre a mesa de cabeceira. Senti um frio na barriga ao ver que se tratava de Mercedes.

Levantando-se, eu o vi se afastar, mas não fiquei parada. Enquanto ele atendia a avó, eu o segui pela casa quietinha.

— Mercedes, eu avisei ao piloto que sairei amanhã cedo. — Ele se calou, passando a mão pelo cabelo. — É só um dia. Não vejo como pode

mudar alguma coisa! — Detive-me no topo da escada enquanto ele a descia. — A garota não tem nada a ver com a minha decisão, pelo amor de Deus!

Vê-lo mentir não deveria doer, mas fez.

— Eu estarei em casa amanhã e então conversamos. Eu melhor do que ninguém sei o que ela nos fez, não preciso ser lembrado dessa merda a cada minuto do dia, porra!

Santiago amaldiçoou ao encerrar o telefonema e olhou para cima pegando-me no ato. Sem pensar no que fazia, eu fui até ele e o beijei em sua boca. Talvez assim ele se esquecesse de que me odiava, e eu me esquecia de que não havia salvação para nós dois.

Havia muitas razões pelas quais tudo isso aqui era errado.

— De novo? — perguntou, tenso ao se dar conta do que eu pretendia, comigo assentindo em desespero.

Porque o único lugar em que o sentia *meu* era quando Santiago estava dentro de mim. Quando isso acontecia, era como se fôssemos só nós dois contra o mundo inteiro.

— Vamos. — Ele me pegou no colo, e subiu as escadas em direção ao quarto. — Nós não temos muito tempo. — Intencional ou não, Santiago me fez sorrir triste.

Porque ele estava certo, o que menos tínhamos a nosso favor era o tempo.

SANTIAGO SALVATORE

Ajudei Manoela a subir no helicóptero, sob o olhar atento de James e o preocupado de Javier. Ambos haviam permanecido na casa de hóspedes pelo período que passamos na ilha, e só agora, pela tarde, foi que nos reencontramos. Seguindo atrás de Manoela e me sentando ao seu lado, eu calculei de cabeça o horário em que chegaríamos a Sinaloa. Uma hora era o tempo que levava da ilha até o literal do México, de lá até Culiacán seria outra hora. Até porque nós teríamos que trocar de piloto, reabastecer e só então voar para casa.

Ao meu lado, eu notei Manoela calada. Bem mais do que esteve nos últimos dois dias. Seu olhar foi direcionado a James, que a encarava como faziam vários dos homens que trabalhavam para mim. Era como se a quisessem estrangular, e com razão.

Por causa dela, o chefe deles estava preso a uma cama, sem previsão de alta. Ainda que tivesse apresentado uma pequena melhora nos últimos dias.

Temendo que acabasse por criar caso com James em pleno voo, eu entrelacei a sua mão a minha, o que a fez me encarar, deixando transparecer a parte dela mais vulnerável. Trouxe-a para mais perto e me inclinei sobre ela, murmurando em seu ouvido, para que somente a garota pudesse escutar:

— O único que pode tocar em você sou eu, Manoela. Seja para afagar, ou machucar.

Ela me encarou, confusa. Seus lábios inchados se contraindo em resposta.

— O que isso significa?

— Significa que sou um filho da puta egoísta quando se trata de você. E que ninguém tem permissão para encostar a porra do dedo em você, a menos que eu diga o contrário.

Dessa vez, eu fiz questão que os dois homens me escutassem.

E ao me virar, encarando-os, notei o olhar de desprezo de James sobre ela. Ao contrário do parceiro, Javier manteve a sua atenção em minhas mãos, que seguravam com força as de Manoela. Talvez ele fosse o único, além de mim, a compreender o que o gesto significava e as consequências que ele poderia vir a ter lá fora. No meu mundo.

41

MANOELA GARCÍA

Debaixo do chuveiro, eu deixei que a água quente cobrisse o meu corpo enquanto puxava o ar, uma e outra vez, fingindo para mim mesma que tudo estava bem e que o meu futuro não dependia de Santiago e sua família, ou pior, que essa dor em meu peito não tinha nome ou razão.

Segurei meu abdômen, e então solucei admitindo, não pela primeira vez, o quanto estava aterrorizada com essa gravidez e tudo o que ela representava. Medo pelo bebê, pelo seu futuro. Pavor por saber que eu não estaria nele. Não tinha dúvidas de que Santiago seria capaz de tudo para protegê-la, eu só não sabia se o *seu tudo* seria suficiente.

Sob o chuveiro, o choro escorreu com intensidade, mas não importava quantas lágrimas deslizassem pelo meu rosto, porque elas se perderiam junto da água passando despercebidas. Ainda assim, quando me olhei no espelho do boxe eu soube que havia chorado por toda uma vida, dado a cor vermelha ao redor dos meus olhos.

Então esfreguei o meu rosto, e respirei fundo virando para trás ao escutar a entrada abrupta no banheiro. Santiago havia saído cedo, se para o hospital ou um de seus galpões eu não fazia ideia. Tudo o que sabia é que ele não me acordou antes de sair. E isso me deixou nervosa, sem ideia do que poderia estar acontecendo. Porque, com Santiago, sempre havia algo acontecendo.

E agora, vendo-o entrar no banheiro, eu tive a confirmação ao identificar a arma em seu punho, apontada em minha direção. Como se a promessa de morte, adiada, estivesse a um passo de se cumprir.

Mas por quê?

— Saia, caralho! — Apontou para o lado de fora do boxe, à espera de que eu o obedecesse.

Engolindo em seco, e ainda molhada, eu saí. Sendo rapidamente arrastada para o lado de fora onde havia mais homens do que eu poderia ter previsto. Aterrorizada, eu olhei para Santiago à procura de respostas. Qualquer explicação.

— Revistem tudo, cada maldito canto desse lugar. Se ela o avisou, a prova tem que estar aqui... — Fui jogada sobre a cama sem entender nada, meu olhar procurando pelo de Javier, que não ousou me encarar de volta.

Somente James. E ele parecia vidrado com o que via.

Sobre a cama eu tentei me afastar de Santiago, temendo a sua ira. Mas quando fui para o meio dela, ele me puxou de volta pelo tornozelo sem se importar que cada homem ao redor me visse pelada. Furioso, sua mão envolveu o meu pescoço e ele o apertou contra o colchão, fazendo-me debater à procura de ar.

— Diga-me onde está o telefone que usou para avisar Ochoa! Eu quero falar com o desgraçado... e dizer que essa foi a última vez que o deixei foder comigo. — *Ochoa?* Olhei-o confusa, escolhendo ficar calada porque eu não fazia ideia do que estava acontecendo. — Vamos, porra! Abra sua maldita boca e me diga! — Santiago não me soltou, por mais que eu tentasse afastar a sua mão do meu pescoço. Fechei meus olhos, as tentativas diminuindo conforme me faltava o ar. Então eu o vi forçar a ponteira de sua arma contra a minha boca. — Diga, Manoela. Diga, sua puta! — Uma lágrima escorreu do meu olho, depois outra. Como se eu já não tivesse chorado um rio inteiro. Sacudi a cabeça da forma como pude. Negando tudo. — Era isso o que você queria, não é? Sempre foi...

— Santiago. — A voz de Javier foi ouvida, mas Santiago não me

soltou. — Você vai...

— Cale a porra da boca, Javier! Isso é entre mim e a cadela traidora! — Eu o senti sobre mim, o aro gelado da *9mm* fazendo-me engasgar. O homem estava fora de si! — Tenho certeza de que está exultante, *amor*, mas não comemore ainda... porque essa é a última vez que me engana. Está me ouvindo, caralho?

— Sua filha... — Respirei. — A sua filha...

Não sei porquê o lembrei dela, mas senti que precisava. Qualquer coisa para fazer esse homem voltar a razão. E não era pela minha vida que eu estava implorando, era pela filha dele.

O *bicho-papão* me encarou, fazendo-me enxergar tudo o que havia dentro dele: raiva, fúria. Mas principalmente dor.

Era como se eu tivesse acabado de lhe arrancar o coração fora.

— Você está me machucando — consegui dizer, em meio ao desespero.

— Nunca desejei tanto que essa criança não existisse como hoje, Manoela — admitiu, insano. — Mas uma hora ela terá de sair, não é? E então, quando acontecer, eu a farei pagar pela morte do meu pai, sua infeliz! E já aviso, que te farei implorar para que eu acerte uma bala em você de tanta dor que irei lhe causar.

O pai dele? Juan Carlos... estava morto?

Seus dedos liberaram o meu pescoço, mas eu não me movi. Mal conseguindo respirar. Minha cabeça girou, indo e vindo no que ele havia acabado de me contar. A movimentação ao redor continuou, objetos foram jogados no chão, minhas roupas sendo espalhadas. Santiago, por sua vez, assistiu a tudo com o olhar superior agindo como a porra do rei que ele era.

Afastou-se em algum momento e me deixou ali com dois de seus algozes.

Um, que não via a hora de me ver morta. E o outro, que sabia que se tentasse me ajudar... acabaria morto. Rastejando sobre a cama, eu me levantei. James entrou na minha frente, o olhar desprezível percorrendo o meu corpo enquanto eu sentia o meu estômago revirar. Eu precisava vomitar, era isso.

— Me deixe passar.

— Sua hora está chegando — grunhiu, baixo. — Você sente isso, não é?

Eu o encarei, James nunca tinha sido tão agressivo quanto nos últimos tempos. Mas desde a morte de Firmino era como se todos dentro dessa propriedade tivessem ficado malucos.

— Deixe-a em paz, James — Javier interferiu e isso bastou para que eu pudesse passar e entrar no banheiro.

Despejei tudo o que havia em meu âmago fora, inclusive o meu coração. Enquanto lá fora, na suíte, vozes e gritos eram ouvidos. Santiago soava ensandecido.

Ele não era o homem que havia segurado a minha mão e prometido que ninguém mais me machucaria. Não, o homem furioso lá fora era o que pretendia fazer justamente o contrário.

Com uma ajuda que eu não pedi, Javier me segurou enquanto eu me levantava. E por mais longe que seus olhos estivessem, eu o encarei.

— Dessa vez não fui eu. Eu juro.

Pelo menos *ele* tinha de acreditar em mim.

SANTIAGO SALVATORE

O velório de Juan Carlos aconteceu no dia seguinte ao meu confronto com Manoela. E ainda que eu não tivesse conseguido apagar o terror que vi em seus olhos quando a ataquei, eu seguia ali. De pé. Mal sentindo a porra do meu coração bater. A ausência de batimentos, nada tendo a ver com a morte de Juan.

Ele era meu pai, porra. Eu o vingaria, mas seguiria em frente, assim como segui depois de Celeste e Firmino. O problema aqui era Manoela. A infeliz traiçoeira, que entrou em minha vida apenas para mostrar que eu podia ter o maldito país na minha mão, assim como toneladas de cocaína, mas que também sangrava.

Quanto ao velório, a igreja de Alonzo tinha sido aberta ao povo de Sinaloa, que havia lotado as ruas de Culiacán em respeito e homenagem a um homem, que, apesar de fomentar a violência ao redor do país, também investiu dinheiro sujo em escolas, hospitais e igrejas. A fila de pessoas a entrar no pequeno santuário era imensa. E o lugar encontrava-se tão claustrofóbico, que me impedia de respirar.

O que me obrigou a sair em busca do ar quente e árido que circulava pelas ruas, como se o próprio inferno tivesse subido à terra em homenagem a Juan Carlos.

Eu não esperaria menos para o dia em que o enterraríamos.

Chegando ao lado de fora, eu tirei um cigarro do bolso e o isqueiro: um velho presente de meu pai. O fogo foi tragado rapidamente assim como o tabaco forte. E soltei a fumaça pelo nariz, enquanto observava o sedã prata estacionado no outro lado da praça. Dois homens seguiam olhando atentos a

tudo o que acontecia, não que eu não esperasse por isso.

A madrugada passada em clara serviu não apenas para ver e rever as gravações que a equipe do hospital me enviou. Como também para planejar a melhor forma de impedir que os federais interferissem em nossa despedida a Juan. Quanto às filmagens, guerrilheiros haviam entrado encapuzados pela porta da frente do hospital e se dirigido exatamente ao andar em que o meu pai se encontrava. E ninguém que tenha entrado no caminho deles, permaneceu de pé.

Cerrei o punho, levando com a outra mão o cigarro à boca. A recente melhora no quadro de saúde de meu pai o tinha enviado para fora daquele quarto áspero, e ainda que ele passasse mais tempo descordado do que o contrário, teria sido questão de semanas até que estivesse de volta as nossas vidas.

Pelo menos era o que os médicos insistiam em dizer.

Mais calado do que o habitual, eu passei as últimas horas inquieto, perguntando-me como Manoela teve a coragem de me apunhalar pelas costas pela segunda vez.

A infeliz não pensou? Não imaginou que eu tornaria sua vida um verdadeiro inferno?

Quem ela pensava que eu era, porra?

Fazendo a ronda ao redor, Javier se aproximou. Atento ao que acontecia, assim como eu.

— Ninguém encontrou nada, Santiago. Nenhuma pista, ou sinal de Ochoa. A casa que invadimos estava vazia.

— Queime a porra inteira então, e com todos dentro se for preciso. Mas o encontre, Javier. Eu não vou parar até que o infeliz esteja debaixo da

terra em que eu piso. Ninguém fode com um Salvatore e sai vivo para contar história. Essa será a última lição que Ochoa e a infeliz irão aprender em vida.

Javier assentiu, afastando-se ao notar a aproximação atrás de mim. Só que não me virei, eu estava ocupado demais prestando atenção ao que os federais faziam. Eles teriam de ter muita coragem para atravessar a praça e entrar nessa igreja. Infelizmente, para eles, a certeza sobre a morte de Juan Carlos teria de ser confirmada a distância.

Olhando de canto para o homem que se colocou ao meu lado, eu o escutei dizer:

— Mercedes me contou a respeito da sua garota. Se você não a matar, eu o faço. — A voz de Alejandro foi ouvida.

Não o respondi, por que sinceramente? Naquele momento, por mais fodido que estivesse me sentindo, eu não me importava.

Não havia esperança para nós dois.

— A criança nasce antes que qualquer coisa seja feita a ela. E não, Alejandro, você não encosta em Manoela. Porque, quando a hora da infeliz chegar, eu serei o único a torcer aquele pescoço! — avisei, sem emoção.

Os passos de Mercedes foram ouvidos algum tempo depois e ela nada disse. Apenas sofreu, como uma matriarca desse mundo faria. Calada. Sem derramar uma lágrima que fosse. Agora éramos três observando o carro do federal estacionado no outro lado da rua. Enquanto ao redor, as pessoas começavam a se dissipar.

Dei outra tragada e a fumaça que exalei saiu carregada, como cada músculo do meu corpo, que se encontrava ávido pela guerra que se aproximava.

E ela seria a última.

Ao ver que estava prestes a me afastar, Mercedes perguntou:

— Onde vai, Santiago?

Não respondi, e ela não insistiu ciente do que deveria estar passando pela minha cabeça. Se eu não podia dar fim a Manoela, *ainda*, então teria de encontrar outra forma de machucá-la.

42

MANOELA GARCÍA

Meu coração bateu acelerado por todo o caminho até o estábulo. Eu tinha estado ali tantas vezes que pensei, que se encontrasse Ernesto e implorasse por sua ajuda, talvez eu conseguisse escapar de Santiago. Isso, é claro, se ele se mostrasse disposto a me ajudar. Era um risco, como tudo na vida, mas se eu tivesse que fazer isso, tinha de ser agora.

Com Santiago e toda a família envolvidos com o velório e enterro de Juan Carlos, as chances de não acabar sendo morta eram infinitamente maiores.

Caminhando apressada pela mata escura, eu limpei as mãos na camisola branca, odiando o sangue que podia ser visto sobre elas. Eu não teria conseguido deixar o quarto se não tivesse atacado o homem que Santiago deixou para trás a fim de me vigiar. Com James fora do quarto, e um segundo de distração do infeliz deixado em seu lugar, eu consegui correr para fora da suíte.

Ainda que incerta, se o tinha deixado ou não morto.

Ao me aproximar do estábulo, meus passos diminuíram enquanto tentava identificar qualquer movimentação no lado de fora. Eu esperava não ter de entrar, não correr esse risco, mas se não tivesse escolha...

A única razão pela qual estava aqui era porque em todas as vezes que me afastei da suíte a fim de escovar o pelo de Louise, Ernesto sempre esteve por perto. Eu não mantinha dinheiro comigo, mas guardava um pouco em uma conta desconhecida a Ochoa. Não era muito, mas me ajudaria a fugir e, claro, pagar pela ajuda que recebesse.

Para o meu azar, eu não o encontrei em lugar algum fora do estábulo

fazendo-me pensar na possibilidade de entrar... O que me deixou nervosa.

Somente após verificar que a região continuava vazia, e que James ainda não tinha se dado conta do meu pequeno delito, foi que eu corri até o estábulo e digitei o código. O que se mostrou inútil, pois aparentemente os portões estavam abertos.

Claro, a falha no sistema, lembrei. Pensando que, se fosse rápida a falha na segurança acabaria por me ajudar. Com isso em mente, eu entrei no interior e procurei por Ernesto. Aliviada e prestes a ir até ele quando o encontrei no outro lado da arena, só que antes que pudesse, eu notei pelo canto do olho que a baia de Louise se encontrava vazia.

Merda!

Caminhei até ela, prometendo a mim mesma que seria rápida, mas assim que me aproximei, eu escutei Lou relinchar ao meu lado como em um aviso. O som alto, só não foi maior que o meu choque ao ver que atrás dela, quem estava solto era Kaiser. E ele parecia enfurecido, como se soltasse fogo pelas ventas.

Pus-me imediatamente atrás de Louise, que se recusou a sair da minha frente. Mas a besta feroz não se preocupou, sequer se intimidou. Kaiser apenas fez o que fazia de melhor.

E com um único avançar, jogou Louise para trás, que automaticamente me empurrou enquanto tentava evitar que o outro animal chegasse até mim. A força do impacto fez-me bater as costas contra a madeira rígida da baia. E com muita dor eu me arrastei para dentro, procurando um lugar onde me esconder.

Foi somente ao conseguir, que eu notei o sangue que escorria por entre as minhas pernas. A tonteira que senti, fez-me questionar se o que eu via era real. Tateei o chão gramado e arenado da baia, tentando me levantar,

pedir por ajuda, mas não tive forças para tanto.

Porque, de repente, tudo escureceu.

SANTIAGO SALVATORE

Assim que Javier aproximou a SUV da ala da suíte, eu pude notar a movimentação dentro da propriedade. Havia homens cobrindo a escada e acudindo alguém, que aparentemente havia sido baleado. O que me fez descer com o veículo praticamente em movimento e ir em busca de informações.

Ao me aproximar, notei que o infeliz caído era um dos que faziam a segurança de Mercedes. Procurei por James ao redor, e nada. Ele tinha ficado responsável pela vigilância de Manoela, o fato de não o ter feito, deixou-me instantaneamente irritado.

— O que aconteceu aqui? — perguntei, ao olhar para cima. Mas não era lá que a merda parecia ter acontecido. — Onde está Manoela? — grunhi a última pergunta, nervoso.

— Ela o atacou... e então correu. — Algum deles respondeu.

O infeliz sendo arrastado seguia respirando, ainda que tivesse acabado de ser acertado em seu estômago.

Olhei ao redor, e notei a aproximação de vários outros homens. Todos agitados.

— O sistema do estábulo teve outra queda, acho melhor irmos verificar... Ernesto disse que viu a garota por lá.

A garota... *Caralho!*

Todos vieram atrás de mim, percorrendo o caminho de chão até o estábulo, enquanto Javier tentava descobrir em que fodido lugar James havia se enfiado. Atravessamos a propriedade e só paramos ao chegar em frente à

arena, que se encontrava inteira acesa.

Ernesto, o garoto de olhares impróprios, parecia assustado no lado de fora. Tremendo, o infeliz.

— Onde ela está, porra? — exigi saber, mas ele apenas apontou para dentro, fazendo-me ter um mal pressentimento.

— Não sabemos, mas há algo acontecendo por lá. — Apontou para a direção em que eu olhava. — O sistema voltou a cair e...

Não fiquei para escutá-lo, e entrei deparando-me com uma verdadeira bagunça. Assim como eu, Javier também entrou sem dizer nada. Seguimos até o último corredor do estábulo, e antes mesmo de chegarmos eu identifiquei as passadas de Louise sobre o chão. Mas a égua, por mais ferida que estivesse, seguia de pé. *Por que ela não havia corrido?* As portas estavam abertas, porra!

— Lou... — chamei-a, preocupado com ela, mas principalmente por não ver Manoela em lugar algum.

Javier, a minha frente continuou a procurar por ela, detendo-se no interior da baia de Louise.

— O que foi? — perguntei, sentindo um calafrio.

— Você precisa vir até aqui — disse baixo, pegando o celular do bolso. — Agora, Santiago.

Hesitei por um maldito instante, nunca na vida eu senti o temor que me invadiu naquele momento. Já havia sofrido uma vez ao segurar o corpo de Celeste em meus braços. Mas nada se comparou ao terror que senti ao caminhar em direção à baia de Louise.

O sangue, em maior quantidade, parecia ter pintado o chão de vermelho. Os pés descalços de Manoela foram a segunda coisa que eu vi, e

então seu corpo apoiado sobre a baia como se ela tivesse tentado se esconder. Mas era tarde demais.

— Estou chamando a ambulância, Santiago.

— Não vai dar tempo, caralho! Peça para que tragam o carro... agora! — Javier ainda me encarou, querendo ter certeza. — Vai, porra! — grunhi, antes que Manoela se atrevesse a morrer em meus braços, como minha irmã morreu.

Com ela em meu colo, eu a tirei dali. Sem ouvir nada do que era dito ao redor. Atravessei o estábulo, louco de preocupação. Minha mente já pensando no pior, porque Manoela não tinha protestado, sequer reagido quando a peguei.

A próxima hora foi um teste de sanidade. A ida ao hospital nunca pareceu tão longa, ou aterrorizante. Seu pulso estava fraco, a pele pálida. Assim como os lábios. A garota mal respirava, porra!

Sentado com ela no banco de trás, e com Javier dirigindo a toda velocidade em direção ao hospital, eu a encarei.

Sentindo que pouco a pouco toda a força se esvaía de seu corpo, eu podia me lembrar da última vez que vi seus olhos dourados sobre mim, ela estava aterrorizada. Com medo do monstro que eu era. E com razão. Porque eu sabia que, se não fosse pela nossa filha, eu a teria matado.

Ainda que passasse todo o restante da minha vida arrependido.

Engoli em seco ao imaginar o bebê, e fechei os olhos por um maldito segundo. Mas não adiantou, porque eu continuei a enxergar o sangue em minhas mãos. Sangue esse... que eu não tinha causado.

***

Escutei o burburinho ao redor da recepção do hospital, mas tudo o que me alcançava era o zunido em meu ouvido e as palavras ditas a Manoela. Ainda no dia anterior.

Nunca desejei tanto que essa criança não existisse, como hoje.

Eu não era um homem acostumado a remoer ou me ressentir do que fazia, mas dessa vez foi diferente. Era a vida da minha filha que estava em jogo, porra!

Frustrado, eu me afastei da recepção e segui até a passarela. Irrequieto demais para ter de lidar com a pressão das vozes e a incerteza que estampava o rosto de Mercedes. Minha avó não perguntou o que havia acontecido, eu também não disse. Porque, no fundo, ficou claro que a falha no sistema foi o que fez com que Kaiser se soltasse e empurrasse Louise sobre Manoela. A égua havia se ferido, mas por tentar proteger a dona.

Só o pensamento trazia um gosto amargo a minha boca.

Acendendo um cigarro, a fim de aplacar a raiva, eu observei de longe o casal no final da passarela. A garotinha correndo a frente deles aproximando-se de onde eu estava e se detendo ao me ver, como se pudesse me enxergar por dentro. Cada pedaço danificado que eu possuía.

Então, seus lábios tremeram e ela se virou. Prestes a chorar, correndo de volta e se jogando nos braços do seu pai.

Seria assim que a minha filha reagiria ao me ver? Maldição, por que que a espera por informações estava demorando tanto?

Fechei os olhos, afastando a imagem do sangue que surgiu em minha mente. Tinha sido muito, mais do que qualquer pessoa seria capaz de perder sem sofrer algum dano. O mais irônico era que eu poderia ser capaz de

vender toneladas de cocaína, erguer um império forjado em cima de violência. Fazer dinheiro sujo, e o lavar. Ser um filho da puta inatingível.

Mas eu não tinha sido capaz de proteger Celeste no passado, assim como não fui capaz de proteger Manoela e a minha filha agora.

Absorto, eu acompanhei o exato momento em que o médico da emergência surgiu na recepção. O corpo cansado de minha avó se levantou, enquanto ela o escutava. E então, veio o assentir. O prender do choro. De dentro da recepção, Mercedes procurou pelo meu olhar e sacudiu a cabeça, pesarosa. Confirmando o que eu sabia desde o momento em que segurei Manoela em meus braços: a minha filha estava morta.

Aquele foi o dia em que eu descobri que havia uma dor muito maior do que a de se perder uma irmã. Descobri também que um homem podia ser quebrado de muitas maneiras. Essa era uma delas, acho até que a pior!

Manoela arrasou com tudo ao me trair.

E então a morte veio e esmagou com o que havia restado.

43

MANOELA GARCÍA

De olhos fechados, grogue pela medicação, eu consegui identificar o som das vozes distantes. Em alguns momentos, eu as entendia; em outros, acabava por perder a consciência logo em seguida. Mal conseguindo assimilar onde estava e o porquê.

Quando o fazia, a minha cabeça doía tão forte que eu rapidamente voltava a dormir. Como uma forma de me proteger da verdade. Era melhor assim, pensei, assimilando o pouco que havia permanecido em minha mente, e a dor surreal que senti ao ser levada pelos médicos para a sala de cirurgia.

Mas tudo parecia tão distante, que eu não sentia como se tivesse acontecido comigo. Eu não queria que tivesse acontecido.

Ela perdeu o bebê, e está perdendo muito sangue. Se não a levarmos agora...

Manoela? Você entende o que aconteceu? O que os médicos precisaram fazer?

Eu entendia, assim como sentia que passei pela dor de um parto, mas sem o meu bebê no final. O feto que tiraram de dentro de mim, estava morto. Sem vida.

E eu não conseguia deixar de achar que a culpa era minha.

— Não é estranho que o sistema eletrônico tenha falhado justamente na hora em que ela foi até lá? — Escutei a voz de Mercedes, distante. Como se estivesse em outro universo. — Quem garante que a infeliz não armou

tudo, Santiago? Ela nunca quis essa criança!

Respirei fundo, sentindo tudo doer por dentro. O choque deixou-me agitada, mas era tão difícil dizer qualquer coisa. Abrir a boca e gritar. Ou até mesmo chorar. Eu estava dopada.

— Eu ainda não vi as câmeras, quando o fizer... saberei. — Escutei a voz de Santiago, e foi como se tudo ruísse de uma só vez.

Depois do medo que me causou, eu havia tentado escapar do *bicho-papão* e desaparecer, mas então... tudo saiu do controle. Foi tão rápido, eu não pensei direito. Não imaginei que ao tentar levar Louise para a sua baia... eu fosse causar um acidente maior.

Eu só queria protegê-la.

A escuridão voltou a me tomar, comigo acordando no meio da noite. Ou da madrugada. Não tinha como saber, mas o breu lá fora era nítido. Movendo-me desconfortável, eu notei o homem sentado na poltrona do quarto gelado. Os ombros largos e o corpo alto, inconfundíveis.

Eu sempre o reconheceria. Ainda que mal pudesse enxergar.

— Eu vou te perguntar somente uma vez, Manoela. E não ouse mentir para mim. — A voz rouca arrepiou-me de forma negativa. — Você planejou o acidente? A perda do bebê? — Lágrimas caíram dos meus olhos, quando ele falou sobre a perda dela.

Porque não havia sido planejado. Eu tinha dúvidas, medo. Mas seria incapaz de fazer mal a nossa filha.

— Não. — Assim como não tinha armado para o pai dele.

— O que fazia no estábulo então? Por que ferir um de meus homens? — Não respondi, apenas olhei para o outro lado. — Responda-me, Manoela.

— Porque eu queria fugir — admiti, em um tom de voz baixo,

fazendo-o se levantar e se aproximar da cama.

— Diga-me o que aconteceu. Você tentou fugir, e... — Santiago tentou aparentar alguma calma, mas eu acho que ele não a possuía.

— Não. Eu não quero falar. Chega. — Quis me levantar, nervosa. — Só me deixe em paz.

— Como pode querer *ter paz*, se arrancou toda a minha? Se desde que entrou na minha vida...

— Eu disse para me deixar em paz! Saia! — gritei, como pude, completamente transtornada. — Só saia, por favor. Por favor... por favor.

Eu não queria olhar na cara dele. Ou sofrer, e chorar. Eu não queria sentir nada, nunca mais.

***

O perfume forte de Mercedes pareceu ter invadido todo o quarto. Porque desde que chegou, a fim de me fazer companhia, tudo o que sentia era ele. Enjoativo, como incensos e folhas ressecadas. Com o rosto virado para o lado da janela, eu assisti ao céu de Sinaloa com a certeza de que não havia dor maior do que a que eu sentia agora.

Era como estar sendo comprimida por dentro, de todos os lados possíveis. Piorava quando pensava na ausência de Santiago, noite após noite nos últimos cinco dias. Ainda que, às vezes, o seu cheiro fosse tudo o que eu sentia ao acordar.

Um cheiro que Mercedes havia feito desaparecer no instante que entrou. Com a perda de sangue e a cirurgia que sofri, eu precisei ficar em observação para o caso de apresentar alguma sequela ou dor extenuante. Fora

o acompanhamento psicológico que o hospital sugeriu e eu neguei veementemente. Eu sei, o mais certo seria ter aceitado, mas não queria falar com ninguém sobre o que havia acontecido. Eu não queria sequer pensar sobre isso. O frio que sentia por dentro era a prova de que eu vinha conseguindo ignorar bem a minha perda.

Entrando no quarto, uma enfermeira baixinha se aproximou para retirar a medicação intravenosa em meu braço. Os olhos esperançosos da mulher faziam parecer que a vida era bonita. Ela nunca deve ter tido alguma decepção, pensei, amarga. Nem amado o homem errado, ou perdido uma parte de si.

Uma que nunca imaginei que fosse me fazer tanta falta, o ato instintivo de levar a mão até o abdômen perdeu o sentido; e, ao perceber que eu o fazia. A enfermeira me encarou com pena.

Não importava o quanto eu aparentasse ser forte, eles sempre me olhariam dessa forma. Como a órfã que perdeu a mãe e o pai. Como a mulher que perdeu o seu bebê.

Quando eu deixaria de perder?

— Quando poderei ir embora? — perguntei, em um fio de voz, encarando-a como se desprezasse tudo o que ela representava. Era mais fácil odiar o mundo do que chorar por causa dele. — Eu não quero mais ficar aqui! — Até porque nada do que eles fizessem, traria o meu bebê de volta.

— O médico irá dizer durante a visita. Seja só um pouco mais paciente — falou, como se eu tivesse motivos pelo qual ser paciente.

Como se, lá no fundinho do meu peito, eu não quisesse correr para longe desse lugar. E desaparecer para sempre.

Do outro lado do quarto, Mercedes me encarou. Ela nunca dizia o que

realmente pensava, mas seus olhos sim. E eles me julgavam como se a culpa pelo que aconteceu fosse toda minha.

Ao ficarmos sozinhas, eu notei com o canto de olho que a velha se aproximava, recusando-me a encará-la ou lhe dar alguma atenção.

Não havia mais razão pela qual ela tinha que estar ao redor. Sua bisneta estava morta!

— Acredito que esteja feliz agora — disse com a voz mordaz, deixando-me confusa. Além de ciente do porquê eu havia ficado por todos esses dias internada, já que só de escutá-la eu me senti cansada. — Finalmente conseguiu o que queria. Matou o meu filho, a minha bisneta. — Ela segurou o braço no qual a enfermeira havia acabado de retirar a medicação intravenosa, e o apertou com as unhas grandes. — Eu não vou permitir que faça o mesmo com o meu neto, sua cadela! — A raiva que vi em seus olhos fez-me entender o que ela pretendia.

E o quanto seria fácil para Mercedes se livrar de mim.

Encarei-a, sem medo.

— Eu não tenho mais nada a perder. — Seus olhos se estreitaram, afiados. — Você não é a única que a perdeu, sabia? E duvido que sinta algo perto do que estou sentindo agora. Porque você ao menos teve Juan Carlos ao seu lado por anos, eu não. Eu sequer a peguei em meu colo...

— Você não a queria.

— Eu estava com medo! — gritei, abalada. — Já sentiu isso, Mercedes? Você é mulher, sabe que esse mundo... nos engole facilmente se deixarmos. Você deveria ser a única, entre todos, a entender o que estou sentindo. A compreender como estou vazia por dentro.

Eu havia perdido uma parte de mim, uma que jamais iria recuperar.

Alívio, era a última coisa que eu sentia.

— Se deseja me ver fora do seu caminho, então peça ao seu neto para terminar o que ele começou. Não que vá ser difícil, eu já me sinto morta.

Por alguma razão, Mercedes me soltou. Afastando-se até a janela com os olhos perdidos.

— Muitas no seu lugar já teriam desistido — disse baixo. — Você é forte, Manoela. Mas não é confiável. E é por isso que merece morrer.

Engoli em seco, e virei o meu rosto.

Foda-se o que essa velha pensava, já não doía pensar no futuro. Porque eu sabia que ele não existiria, eu estava vivendo em espera. Torcendo para que Santiago acabasse com tudo de uma vez por todas.

Essa não seria a maldita liberdade que tanto quis, mas pelo menos eu estaria livre de todos eles.

SANTIAGO SALVATORE

Kaiser pareceu notar o meu humor quando entrei em sua baia, o meu silêncio dizia tudo o que havia a ser dito. Eu estava com raiva, furioso, com sangue nos olhos. No lado de fora, o veterinário e seu filho aguardavam pela ordem, mas, antes de chegar a tanto, eu precisava me despedir. Ou sei lá, apenas olhar para ele e enxergá-lo como realmente era. E como tantas outras vezes, eu acariciei a sua crina escura. Só que agora, sem qualquer rastro de carinho. Apenas fúria, do tipo mais letal.

Qualquer afeição que tivesse pelo animal havia sido esmagada pelo seu ato violento. Eu deveria ter sabido, ele nunca foi confiável. Mas eu também não era.

— Você a machucou, porra... você... — Minha voz embargada foi contida. — Você matou a minha filha. Gostaria de dizer que eu sinto pelo que irei fazer agora, mas não seria verdade. Sangue se paga com sangue, Kaiser. E o que você tirou de mim, eu irei tomar de você hoje.

Kaiser me encarou, de lado, como se realmente pudesse entender o que eu dizia.

— A infeliz traiçoeira pode ter quebrado o meu coração, mas foi você que o arrancou fora. — Todos que mantinha debaixo das minhas asas pareciam se voltar contra mim.

Como se o que eu desse não fosse suficiente. Como se minha crueldade os incitasse a serem piores.

Tremendo de raiva, eu olhei para ele e, em seguida, chamei o veterinário.

— Pode começar.

Com a entrada dele, Kaiser se mostrou rapidamente agitado. As drogas anestésicas o impediriam de sentir dor, levando o animal a uma parada cardíaca em poucos minutos. Tudo para que Kaiser nunca mais ferisse ou matasse alguém.

O corpo tensionado se agitou agressivamente quando a primeira dose foi injetada. Então o animal cedeu, desmoronando aos poucos. Outra dose, e dessa vez ele não se moveu. Mas seus olhos permaneceram em mim a todo o momento.

O veterinário e o seu filho se afastaram, deixando-me sozinho quando pedi que o fizessem. E sem pensar no que fazia, eu me coloquei à altura de Kaiser. E o assistir morrer. Minhas costas apoiadas contra a baia enquanto o nó preso em minha garganta crescia de forma bruta e dolorosa.

Aquele foi o momento em que eu me dei conta de que não era inatingível como sempre gostei de acreditar. E porra, eu posso não ter ido ao chão quando perdi Celeste, mas estávamos falando da minha filha, caralho! Um pedaço meu e que eu também não fui capaz de proteger.

A dor fez-me jurar a mim mesmo que haveria sangue em breve pelas ruas de Sinaloa, ainda que nesse momento... o sangue a escorrer fosse o meu.

E ele vinha do fundo da minha alma.

***

Quando deixei o estábulo, Javier foi o primeiro a me abordar. Passei reto pelas outras baias, o silêncio ao redor mostrava o respeito ou o medo que os outros animais tinham por Kaiser, que já não respirava. O que me fez lembrar dos avisos recebidos pelo veterinário tantos anos atrás, depois de um

incidente com Kaiser que matou um dos cuidadores desse estábulo e feriu outro, o mais seguro teria sido sacrificar o animal, já que ele não respondia a qualquer comando ou adestramento. Mas eu me recusei, achei um ato desnecessário na época. Eu gostaria de poder voltar atrás.

Porra, como eu gostaria!

Pisando duro, eu esperei que Javier me acompanhasse até o escritório no andar de cima. Manoela estaria a qualquer momento em casa, e James já havia ido buscá-la.

— Eu consegui ajuda de fora, a falha no sistema não era ao acaso. Era intencional. — Diminuí meus passos e o encarei. Ninguém ao redor nos ouvia, ainda assim eu fiz questão de fechar a porta.

— O que está querendo dizer?

— Alguém daqui de dentro andou *brincando* com o sistema. — Meu punho cerrou.

— Quem? — Javier sacudiu a cabeça e ligou o centro de monitoramento. Mostrando a falha nas câmeras também.

— Pode ter sido qualquer um, Santiago.

Pensei em suas palavras, e me voltei para o andar inferior. Vendo vários de meus homens irem e virem.

— E quanto ao momento que Kaiser atacou Manoela? — Javier comprimiu os lábios, incerto. — Conseguiu algo?

— Sim, mas não sei se seria uma boa ideia ver... é bem forte.

Mais do que o que eu tinha acabado de fazer? Impossível.

— Mostre-me! — ordenei a ele, que voltou a ligar o sistema de monitoramento. A tela se mostrou escura por um longo tempo, do período em

que tinha estado desligada, até que a imagem apareceu.

Manoela entrando no estábulo, chamando por Ernesto. E então tentando se proteger de Kaiser. De pé, com as mãos em cada lado da mesa, a única certeza que eu tive foi a de que, se não fosse por Louise, ela também estaria morta.

— A falha aconteceu a instantes de ela entrar. Era como se...

— Soubessem que Manoela estava indo para lá.

— Sim — Javier confirmou, e eu trinquei a mandíbula ao ver o momento em que Kaiser as atacou.

— Desligue essa porra! — pedi com a voz embargada.

Porque Manoela não havia pedido por nada daquilo, ela não se jogou na frente do animal de propósito. E ela definitivamente não quis matar a nossa filha.

— Escolha somente homens de confiança, Javier, os mais letais. E os avise que a guerra finalmente começou. Nós vamos caçar Ochoa, e não vamos parar até que seja o sangue dele em minhas mãos.

Nem que eu tivesse que arrastá-lo pessoalmente até o inferno.

44

MANOELA GARCÍA

Com a ajuda de Mercedes, eu esperei até que a SUV dirigida por James, estacionasse em frente ao hospital. O que não demorou mais do que alguns minutos. Ao entrar, eu me encolhi no banco de trás e a vi se encaminhar até o outro carro do comboio. Deixando-me sozinha com James e outro dos capangas de Santiago. Cansada, eu fechei meus olhos. Certa de que em vinte, trinta minutos no máximo, eu estaria de volta ao lugar em que tudo começou.

Lembranças do que passei naquela casa invadiram a minha mente de tal maneira que que deveriam ter-me feito sentir tudo. Mas eu não sentia nada. Vinha sendo fácil fingir que por dentro eu não estava destroçada. E com o rosto apoiado no banco, eu observei as ruas de Sinaloa... as casas coloridas. As ruas lotadas. Engraçado como era difícil me sentir em casa ao olhar ao redor. Foram poucos anos fora do país, mas a impressão que dava era a de que tinha sido uma vida. Então, mesmo que distraída, eu notei o carro de Mercedes separando-se do nosso. Olhei para a frente, sem entender, e vi que James não fazia o retorno para a propriedade.

Nada com que eu devesse me preocupar, pensei, sonolenta. Só caindo em mim ao escutar a voz confusa do outro homem.

— Para onde estamos indo, *cabrón*? — ele perguntou a James, que não respondeu. — Que porra de estrada é essa? — insistiu, deixando-me em alerta. Olhei ao redor, enquanto me dava conta de que estávamos perto de sair de Culiacán.

— James? — Dessa vez, eu fui a única a perguntar. — Para onde está me levando?

Talvez tivesse sido uma ordem de Santiago, a possibilidade não seria absurda. E com o silêncio que o infeliz fez ficou claro que ele não pretendia dividir comigo o meu destino. Apreensiva, eu continuei a prestar atenção para onde íamos. A rota diferente de tudo, só depois de passarmos pela fronteira entre Culiacán e a cidade vizinha foi que me dei conta de que íamos em direção ao aeroporto particular. O mesmo que Santiago usava para entrar e sair do estado.

Olhando-o através do retrovisor, eu senti minha espinha gelar. E comecei a pensar em minhas possibilidades. Com o trinco fechado, não teria chance de correr. E se tentasse, nada me tirava da cabeça que James seria o homem a atirar.

Meia hora depois, a SUV preta parou em meio ao deserto total. Não havia nada ao redor. Apenas um carro estacionado a quilômetros de distância, que só voltou a estrada ao identificar o nosso carro. Quando compreendi o que estava acontecendo, eu percebi que nada do que tentasse fazer aqui, me salvaria.

Então eu me virei para James.

— Ele vai te matar por isso. Pode ter certeza. — Assim que minhas palavras saíram, dois homens fortemente armados desceram do outro veículo e vieram em nossa direção.

O *cabrón* ao lado de James mostrou-se nervoso e, quando pegou a pistola para se proteger, o infeliz no banco do motorista foi mais rápido e o matou.

— Por que está fazendo isso? — exigi saber, recebendo silêncio como resposta. — Seu traidor filho da puta! — gritei quando fui arrastada para fora do carro. — Santiago nunca vai te perdoar, James! Nunca!

Olhei para trás, enquanto era empurrada por todo o caminho, e vi uma

mala sendo entregue ao filho da puta. Mais do que isso, eu vi o momento em que um dos capangas bateu em seu rosto. Com força.

Nervosa e desesperada por saber que ele mentiria a Santiago, eu me virei. Tremendo inteira ao entrar dentro do carro. Todo medo sentido até então triplicou ao olhar para o lado e reconhecer o homem que estava ali.

— É bom vê-la de novo, minha criança.

SANTIAGO SALVATORE

Inclinado sobre a sacada da varanda, eu observei o comboio entrar a toda velocidade pela propriedade. A contagem rápida fez-me dar conta da ausência de um dos carros. O que me fez levantar e descer a escadaria, no exato instante em que Javier a subia com o telefone em seu rosto enquanto gesticulava com uma expressão séria.

Não precisei perguntar nada ao vê-lo encerrar a chamada após garantir a alguém no outro lado da linha a assistência necessária. O fato de Javier ter engolido em seco sinalizava que tínhamos problemas. E dos grandes.

— James... ele está em algum buraco fora de Culiacán. Parece que houve uma emboscada no caminho, e o obrigaram a dirigir até fora da cidade. Eles... eles a levaram, Santiago.

Não sei como permaneci impassível a cada palavra dita pelo homem. Ou talvez soubesse sim, porque notícias ruins eram tudo o que eu vinha recebendo nos últimos tempos.

— Ochoa — conclui, furioso por dentro. Javier confirmou esperando pelo que eu diria a seguir.

Mas tudo em que conseguia pensar era que, se Manoela foi a responsável por isso, ela tinha acabado de cometer o maior erro de sua vida.

— Vá buscar James e o traga até aqui assim que chegarem. — Estava exigindo tudo de mim para não perder a porra da minha cabeça.

Contei o ocorrido a Mercedes, que se mostrou surpresa, mas se manteve calada. Rosa, por sua vez, tentou se aproximar e puxar assunto, mas eu a dispensei, sem paciência alguma trancando-me na suíte e indo até o quarto de Manoela.

— Sua maldita! — grunhi, atirando uma prateleira inteira de perfumes e joias no chão. Não havia mais sentido pelo que manter tudo, se a infeliz havia escapado.

E, após me sentar sobre os lençóis amarrotados, eu me vi rodeado pelo cheiro da safada. Seu xampu, sua pele. O gosto que tinha sua língua. Lambi o lábio inferior, como se fosse capaz de sentir até mesmo o seu sangue em minha boca. Minhas narinas se alargaram, enquanto eu pensava em todo o tipo de tortura que faria se voltasse a colocar minhas mãos sobre Manoela.

E eu iria.

Horas depois, em frente a James, eu refiz pela milésima vez a mesma pergunta. Seu rosto havia sido socado no lado direito, o olho mostrando-se inchado. E por mais que tivesse me respondido a cada pergunta feita, eu ainda não estava satisfeito, eu queria que ele repetisse essa merda até que ela fizesse sentido na minha cabeça.

Até que ambos os homens se mostrassem cansados. Porque não havia explicação que não a mais óbvia. Ainda assim eu me vi fazendo a pergunta da qual havia fugido até aquele momento:

— James? — Fiz-o me encarar. O silêncio que havia tomado a propriedade significava apenas uma coisa. Eu estava furioso, e cada um deles sabia o que acontecia quando eu ficava assim. — Ela quis ir?

Não seria a primeira vez que Manoela tentava escapar, ou me traía. Saber que ela e Ochoa tinham conseguido devastar com a porra da minha vida e saíram impunes... não, eu não iria permitir!

— Quis, caralho? — insisti, atormentado por dentro.

Um aceno e eu tive a confirmação. Javier, do outro lado, olhou para baixo, como se também não esperasse o maldito golpe.

— Você sabe o que fazer — falei com ele, que me encarou e concordou. Estava na hora de atear fogo a cada rua desse país. E, dessa vez, eu só iria parar quando os encontrasse.

***

Adentrei um dos esconderijos de Ochoa, uma velha casa localizada em *Nuevo Laredo*. Próximo à fronteira com os Estados Unidos, porém interditada quase que inteiramente pela barragem erguida pelo governo americano. Alguns desses lugares eu conhecia de velha data, no passado Juan e Ochoa fizeram um mapa com possíveis locais a se esconder quando as coisas ficassem feias. Teoricamente, ambos eram os únicos com acesso a tais lugres.

Mas Juan Carlos jamais cederia sua posição sem me entregar o tal mapa. E havia muitos pontos marcados. Essa não era a primeira propriedade que colocávamos abaixo, mas era o mais perto que havíamos chegado do seu rastro nos últimos dez dias.

E ele estava cheio. Empregados tinham sido encontrados, e o rastro de pneus na estrada nos diziam que estávamos no rastro certo de Ochoa. Era como se o filho da puta tivesse saído às pressas, e eu contava com isso.

Porque, quanto mais afobado ele se mostrasse, mais erros cometeria.

Pisando sobre os escombros deixados pelo meu exército, eu escutei os passos duros feitos pela botina que usava. E, então, encarei cada um dos funcionários que haviam restado na casa. Meu olhar se arrastando pela fileira que haviam feito. Todos lado a lado. Havia dois mortos no andar de cima. Restavam três.

Quatro, se fôssemos levar em conta o capanga de Ochoa que, ao que parece havia sido deixado para trás, e que agora se encontrava caído no chão. A cabeça foi mantida imóvel pela vítima de Javier enquanto James revistava todo o andar superior.

Com a AK47 em minhas mãos, eu me aproximei de uma das empregadas. A mais bonita delas. Ochoa gostava de moças assim, que pareciam precisar de homens como ele.

— O filho da puta esteve aqui? — perguntei, acariciando o seu rosto. — Diga-me e eu não farei nada a você.

Com os olhos arregalados, ela olhou para o homem na outra ponta, confirmando minha suspeita, e então voltou seus olhos para mim.

— Não se preocupe com ele, querida. Só comigo. Eu sou o homem com todo o poder aqui. — Apertei o seu pescoço. — Então vamos lá, Ochoa esteve aqui?

Ela assentiu, nervosa. E diferente de Manoela, implorou por sua vida como as cadelas costumavam fazer. Vi-a se rastejar no chão, segurar-me pela botina, suplicando para que eu a levasse com ela e a tirasse desse lugar. Havia muitas assim por aí.

E elas não prestavam.

— E a garota? — *A minha cadela traiçoeira,* minha mente perversa sussurrou, comigo rejeitando violentamente a ideia. Porque Manoela não era mais minha.

— Também... ela estava com ele — respondeu em um sussurro. — Era uma moça bonita, mas...

— Santiago? — James chamou, mas eu não o encarei. Não ao me ver prestes a questionar a infeliz sobre o que ela iria dizer. — Esse povo mente,

essa daí em especial tem cara de que seria capaz de tudo para sobreviver. — E ela tinha mesmo.

Se eu não a matasse, ela com toda certeza acabaria na cama do homem errado em algum momento.

Levantando-me, cego de raiva, eu encarei James e sem remorso algum assenti. Ele sabia o que o gesto significava.

Diante de Javier e do homem no chão, eu me agachei com toda a calma do mundo e cortei o seu rosto. Lado a lado. Em dois traços que juntos formavam o sinal de um crucifixo.

— Eu não vou matar você — falei, puxando-o pelo cabelo sujo. — Vivo você me será mais útil, principalmente porque, quando entrar em contato com seu patrão, e eu sei que vai, eu quero que lhe dê um recado. — O olhar do homem se estreitou. — Diga a Ochoa que não adianta ele fugir, mais cedo ou mais tarde eu vou encontrá-lo e, quando isso acontecer... ele vai me pagar com a vida.

O tiro que dei na perna do infeliz não o mataria. Não se ele fosse esperto.

— Termine o serviço, James! — ordenei, caminhando até o lado de fora.

O chão de terra árido e o sol quente sobre as nossas cabeças, me fez dobrar as mangas da camisa assim que cheguei no alpendre da residência. Não vou negar, eu amaldiçoei Ochoa enquanto descia os degraus e olhava a mata ao redor. Havia carros espalhados por toda a região. Caçando-o e o perseguindo. Dando-me a garantia de que, em algum momento, aqueles dois seriam pegos.

Eles tinham de ser.

— Santiago? — Javier chamou. — Você precisa atender a isso. — Ele apontou para o celular velho, que deveria pertencer ao infeliz sangrando lá dentro.

Sem demora, eu o atendi.

— *Hernandez?* — O homem no outro lado chamou, comigo reconhecendo sua voz imediatamente. — *Conseguiu escapar?*

— Não é Hernandez, Ochoa. Sinto muito.

Um longo silêncio se fez até que ele falou:

— *Santiago.*

— O único.

— *Vejo que ainda não desistiu de me procurar. O que é uma pena...* — *disse cínico.* — Esse não é um jogo divertido.

— Talvez não para você. Porque para mim... está sendo. A caçada sempre foi algo que me deu extremo prazer, Ochoa. Fazê-la com você é como... se estivesse atrás de um porco. Suado e imundo. E você sabe o que fazem com porcos, né?

— *Você não me põe medo, Santiago.*

— Não? — grunhi, irritado. — A cadela que pôs em minha vida foi por que então, porra? Eu teria te respeitado muito mais se tivesse olhado na minha cara e se declarado meu inimigo, Miguel! Muito mais!

Ele sorriu.

— *Ela te afeta, não é? O inatingível Santiago Salvatore.*

— Eu vou matar você, Ochoa. Escute o caralho que estou te dizendo. Então, eu vingarei a morte do meu pai e a da minha filha...

— *Não se esqueça de Celeste, Santiago. Sua irmã era... uma boa*

garota, não era? — A voz rançosa soou irônica, fazendo-me congelar e imaginar coisas terríveis. Porque eu conhecia a forma como homens como ele pensavam e agiam.

Porra, eu tinha visto o estado em que Celeste foi jogada na porta da minha casa.

— Você armou tudo, não foi? A emboscada, o estupro... o corpo dela sendo abandonado! — gritei, cego de raiva. — E então, você traiu e matou o pai de Manoela. Como ela pode te seguir depois de tudo isso, caralho?

Um silencio se fez no outro lado, e então ele falou:

— Você está errado, meu filho. O pai de Manoela não está morto. Ele está vivo. E não vai permitir que você volte a se aproximar dela. Nunca mais.

A ligação foi encerrada, deixando-me ali, no meio do nada, com uma notícia que abalou a porra do meu mundo.

— Santiago? — Javier chamou, mas eu não me virei.

— Manoela é filha dele — falei, preso em um limbo.

E, a menos que toda a raiva e a dor que a infeliz jurou sentir fossem mentiras, ela não fazia ideia de quem era realmente o seu pai.

45

MANOELA GARCÍA

De braços cruzados eu caminhei pela imensa propriedade para a qual Ochoa havia nos arrastado. A cada lado que olhava, um dos capangas que o seguiam, e que possivelmente me viram crescer, parecia manter seus olhos sobre mim. Eles me conheciam, sabiam que fui em grande parte a razão pela qual muitos deles tiveram problemas com o chefe. Como chamavam a Ochoa.

Forçando uma tranquilidade que eu não sentia, eu passei por todos aqueles corredores e portas. Vendo no mausoléu um lugar e tanto para se esconder. Depois de quase ser pego, fazia sentido que Ochoa nos trouxesse diretamente para cá. Escutando os seus passos atrás de mim, eu me detive no batente da porta que dava para a parte de trás da propriedade. O jardim largo, cheio de esculturas cafonas e um labirinto tenebroso, parecia combinar com o estilo de Miguel. Ainda que eu soubesse que o lugar não pertencia a ele.

Quanto tempo será que Ochoa pensava que poderia continuar a fugir de Santiago? Qualquer um poderia ver que o *bicho-papão* acabaria por nos encontrar, mais cedo ou mais tarde.

Em outra vida, que nem fazia tanto tempo assim, eu acharia que o plano que fizemos funcionaria. Mas não mais. Agora eu conhecia quem realmente era *El Señor de la Guerra* e sabia exatamente como a sua mente funcionava. E quanto mais Ochoa tentasse fugir, mais impiedoso Santiago se tornaria quando nos encontrasse.

Isso, se eu não conseguisse escapar de Miguel antes. Porque era nisso que eu vinha pensando desde que o vi naquele carro. O sorriso amarelo e a expressão satisfeita. Como se tivesse me feito um favor. Eu teria vomitado, se aquilo não fosse lhe dizer o que realmente pensava sobre estar cara a cara

com ele novamente. Sabia que devia a minha vida a Ochoa, mas já havia entregado tudo o que eu tinha ao infeliz.

— Você não é mais a mesma — disse, com a voz séria. — Achei que se mostraria ao menos feliz por eu tê-la tirado daquele homem.

Eu o encarei, sem sentir nada, pensando não somente *naquele homem*, mas na filha que havia perdido. Minha garotinha. Não havia tido um só dia desde que acordei naquela cama de hospital em que não pensei se seus olhos teriam sido azuis como os do pai, ou dourados como os meus.

Se ela seria feliz. Se seria doce, ainda que dentro desse mundo.

Engolindo em seco, esforçando-me para não chorar, eu assenti.

— Eu estou — menti.

Eu sempre fui tão boa nisso. Que conseguia olhar no meu reflexo a cada manhã e dizer que não estava sofrendo. Que não sentia falta de Santiago, que não sentia a perda da minha bebê. Olhar para mim e dizer que a sensação de estar sendo esmagada por dentro não era nada além do que alívio. Mas, no fundo, eu sabia que não era.

Eu estava definhando aos poucos longe de Santiago.

— Não parece. — Ele tocou a minha mão, e meu primeiro impulso foi o de o impedir. Mas não podia deixar transparecer o nojo que sentia de tudo isso.

Dele principalmente.

Santiago estava certo, não havia inocentes nessa história. Porque eles morriam cedo.

— Como pôde permitir que ele a engravidasse, minha criança? — A pergunta veio cheio de julgamento e ressentimento.

Como? O que ele achava que eu fazia dentro daquela casa? Foram meses pertencendo a Santiago. Dormindo e acordando com o monstro, deixando-o tomar tudo até não restar nada. E por mais que não quisesse ter de admitir, *ser dele* me fez descobrir quem eu realmente era.

Havia uma parte em mim, cínica e cruel, que até então eu desconhecia.

— Eu não quero falar sobre isso, Miguel. — Voltei minha atenção ao jardim e todos os muros verdes e altos do labirinto, entrelaçando-se como veneno. Um jogo maldoso, para o qual não havia saída. Pelo menos era o que Ochoa dizia.

— É melhor assim — falou, insistindo no assunto e me fazendo sentir vontade de gritar com ele. — Você não conseguiria lidar com *tudo isso* carregando um filho. Filhos, aliás, são uma fraqueza.

Eu o encarei. Pensando que, por pior e mais bárbaro que Santiago fosse, ele nunca teria soado tão frio. O homem desejou a nossa filha desde o início, e ele lutou por ela... A lembrança fez-me piscar os olhos até que as lágrimas de dissipassem.

— Achei que não chorasse — falou, severo. — Não me decepcione agora, caralho. Onde está a Manoela que eu conhecia? Que me garantiu que destruiria Santiago?

Engoli em seco, sem a mesma confiança e certeza de Ochoa. Fora que *aquela garota* já não existia. Em algum momento, ela morreu.

Senti o peso de sua mão em meus ombros, em um afago indesejado.

— Sei que ela está aí em algum lugar, criança. Sabe por quê? Porque Santiago ainda vive. E até que o filho da puta apodreça no inferno... você não terá paz. Pense que ele é o único homem na Terra capaz de te impedir de ter

sua liberdade...

Ignorei as palavras de Ochoa, naquele momento.

— Ele vai nos encontrar.

— Eu sei. E, quando isso acontecer, você terminará o que começou. Não foi esse o juramento que fez a seu pai?

Confusa, eu o encarei vendo-o se afastar, e só então eu olhei para as minhas mãos. Como se pudesse enxergar todo o sangue que havia nela, tudo o que provoquei em tentar obter minha justiça. Sei que ultrapassei alguns limites, e que fiz coisas que jamais imaginei ter de fazer. Mas tudo o que fiz foi para sobreviver e obter a minha justiça.

Você terminará o que começou.

Você...

Terminará...

Aquele foi o momento em que deslizei até o chão, escondendo-me atrás da pilastra e chorei. Porque eu sabia que Ochoa estava certo. Eu só teria minha liberdade no dia em que Santiago estivesse morto.

***

Dois dias depois daquela manhã, eu entrei no escritório da casa de Ochoa. Escutando-o falar ao telefone de forma nervosa, rodeando o escritório, eu me apoiei sobre a mesa.

— Sim, eu sei. Foda-se... ele não pode interferir nisso. Não, Esteban não atende as minhas ligações. Não tem como eu enviar a porra da coca se ela não chega até mim! Eu sei o que tenho que fazer. — Ochoa me encarou. —

Quanto ao rapaz... descubra por que o infeliz não atende mais aos seus telefonemas!

Ochoa terminou a ligação, e recostou-se contra a poltrona. Eu não o tinha visto essa manhã, e tanto quanto gostava de estar longe dele eu estava preocupada. Seus homens se encontravam agitados ao redor da propriedade e isso nunca era um bom sinal.

— Achei que tivesse se precavido. Feito um bom estoque... — falei ao compreender o tamanho do seu problema.

— Eu fiz — grunhiu, furioso. — Mas o filho da puta está queimando tudo o que vê pela frente. Ele fodeu com tudo o que eu tinha!

— Inclusive o seu *oro blanco*. — Revirei os olhos, e teria achado graça se não fosse por saber que *tudo isso* era sinal de que Santiago estava acuando Ochoa.

E quando Ochoa se via acuado, ele fazia merda.

— Tem certeza de que não sabe nada que possa nos ajudar? Qualquer coisa, Manoela.

Eu tinha. Eu conhecia aquele lugar de cima a baixo.

Podia armar uma emboscada facilmente, mas não faria.

— Já te disse tudo o que sabia — menti, dando a ele a melhor resposta que poderia.

Ochoa me analisou, provavelmente se lembrando de todas as vezes que menti para ele e seus homens. Foda-se, falei sério com Mercedes. Eu não tinha mais nada a perder.

E essa sensação aumentava a cada vez que via o hematoma em minhas costas, gerado pelo empurrão. O médico, ao assinar minha alta, disse que eu poderia ter quantos filhos quisesse no futuro. Mas eu não queria outro

bebê, e sim o que eu perdi. A dor que ainda sentia, não era apenas a emocional, meu abdômen seguia dolorido e eu me via mais cansada do que o de costume. Não que pudesse me dar ao luxo de demonstrar qualquer fraqueza diante de Miguel.

Ele me engoliria viva se eu o fizesse.

— Como conheceu o meu pai, Ochoa? — perguntei, de repente. Essa era uma curiosidade que sempre tive. — Como vocês...

— Ele era um bom amigo, já falei. — Sua resposta deixou-me ainda mais interessada, fazendo-me questionar pela primeira vez se sua amizade com meu *papá* seria igual a dele com Juan Carlos.

— Por que então ele trabalhava para os Salvatore e não para você? Quero dizer... — Ochoa abaixou os seus olhos, irritado. — Que tonta que eu sou... ele *trabalhava* para você — constatei de repente.

— É complicado, criança.

— Quando vai perceber que não sou mais uma criança? — Ele não sabia o quanto me irritava ser tratada como uma.

Meu pequeno acesso de raiva o fez recostar-se contra a poltrona de couro e me encarar. Havia um brilho diabólico por trás das íris negras.

— Você não é mesmo.

— Diga-me, Ochoa. Se meu pai *trabalhava* para você, significa que... foi você quem armou para pegarem Celeste, não foi? A ordem saiu daqui.

Ele não me respondeu, mas não precisava.

— Ela era só uma criança, Miguel. Só uma...

— Eu tive minhas razões! — o infeliz me cortou. — Confie em mim. Não sou o vilão dessa história, Manoela. Eles é quem são! Aquele homem...

ele matou o seu pai. E eu juro por tudo o que me é mais sagrado, o seu pai era inocente. Ele era o melhor homem que eu conheci... — Lágrimas desceram pelo meu rosto enquanto Ochoa contornava a mesa e me abraçava. — Ele não merecia morrer daquele jeito, criança. Principalmente, porque ele não teve culpa.

— Quem teve então? — exigi saber.

— Os homens que machucaram a garota. A ordem não era para matá-la, apenas pressionar Juan Carlos. Mas tudo saiu do controle e apenas para que saiba, o seu pai jamais teria concordado em me ajudar se fosse o contrário. Acredite em mim. Santiago deveria tê-lo escutado, se ele não fosse tão irredutível... muitas pessoas estariam vivas hoje. Mas aquele infeliz não escuta, Manoela. Ele só vai e faz. Ou você acha que, quando Santiago nos encontrar, ele irá parar para ouvir o que eu tenho a dizer? Não, ele não vai.

Ochoa me encarou.

— Seja forte, criança. Vingue o seu pai... e então...

— Eu nunca vou estar livre — falei, antes que ele me prometesse o impossível. — Santiago morto ou não, Ochoa. Eu nunca vou saber o que é liberdade.

Eu fazia parte desse mundo tanto quanto todos eles. E agora eu entendia, desse mundo só se saía de uma forma: morto.

— Seu pai teria orgulho da mulher que se tornou, Manoela. Ele realmente teria.

Ochoa não tinha ideia, mas as suas palavras terminaram de partir o meu coração.

SANTIAGO SALVATORE

O general VilaReal entrou no carro, parado na beira da estrada, e me entregou o envelope com o que havia encontrado de informação sobre Ochoa. Depois de revirarmos a maior parte dos antigos esconderijos do Conselho, uma ordem foi dada para que um olheiro fosse colocado em cada aeroporto do país, pelo menos até que a caçada terminasse. Agora, com as informações obtidas por Ulisses em minhas mãos, eu me amaldiçoei por não ter feito a conexão antes e, pelo menos, cogitado a ideia de que Miguel fosse se esconder justamente no antigo território de Osmar, que vinha sofrendo as consequências após a morte de seu *comandante*, e se enfiado em uma guerra interna entre grupos rebeldes.

Já que, até então, ninguém havia assumido oficialmente o território, que em breve seria meu.

Eles só precisavam se matar antes.

— Onde fica a propriedade?

— No norte de Veracruz. Longe da área portuária. — Estudei as fotos tiradas por cima da imensa propriedade a partir de um *drone*. O lugar era majestoso, como era de se imaginar a residência de alguém como Osmar. A única falha era que não era inacessível.

E Ulisses concordava comigo, caso contrário não teria pedido pelo encontro.

— Posso te ajudar, você sabe — sugeriu. — Mas antes preciso que me dê certeza de que os homens que estão ao seu lado são realmente leais, Santiago. — Essa era uma pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo há vários dias. Levando-me a brincar, literalmente, de roleta russa. E Javier

vinha sendo o executor. Qualquer sinal ou olhar mal dado, e o infeliz atirava. Não vinham sendo dias fáceis para os homens que me seguiam. — Sua garota não teria sido capaz de escapar sozinha. A falha no sistema somente alguém com acesso ao sistema conseguiria. Andei pensando e...

— Acha que há um traidor ao meu redor. — O general assentiu, confirmando o que eu já imaginava. Dirigiu seu olhar até onde Javier e James seguiam parados, atentos à estrada. — Seu homem, lembro de você ter falado que ele vinha lhe causando problemas em relação à Manoela. Os olhares, certo?

Javier? Observei-o, sisudo. O filho da puta nunca me fez desconfiar de sua lealdade, nem mesmo um filho da puta incapaz de manter seus olhos longe de Manoela. Fora que Firmino confiava no cabra cegamente.

E eu também.

— Uma coisa é desejar a minha mulher, outra... é foder comigo.

— Apenas pense...

— Não foi ele. Mas... — Comecei a pensar. — Não me surpreenderia se fosse o outro. — Apontei para James. Eu não dividi a desconfiança com ninguém, porque ele sempre se mostrou leal. Só que a sua declarada aversão a Manoela por muito tempo me preocupou. — Ele era um dos homens extremamente leais a Firmino. Teria seguido o infeliz até o inferno, se isso significasse que conseguiria trazê-lo de volta.

Então, como se precisasse, eu repassei a história contada por James após a emboscada sofrida por ele, e a cautela com que vinha agindo nos últimos tempos. O acidente com Manoela, quando estava sob os seus cuidados.

Era muita coincidência.

— Estive tão centrado em foder com Ochoa que... não me dei conta — grunhi, furioso. — O traidor estava bem debaixo dos meus olhos, porra!

— Isso acontece mais do que você imagina — Ulisses revelou, ao meu lado. — Já lidei com muito rato, Santiago. Você não faz ideia.

Com o punho cerrado eu tomei a decisão.

— Ele será próximo. — O general assentiu.

Ficando para trás, dentro do carro, quando eu o deixei. A arma em minhas costas, sendo retirada sem pensar duas vezes.

Javier e James notaram minha aproximação, mas foi o olhar de James que se contraiu ao ver o que eu segurava.

— Seu filho da puta! — Soquei o seu rosto com a ponteira da pistola. E, em seguida, a afundei em seu crânio. Arrastei-o até a SUV da frente, o empurrando contra a lataria do carro. — Diga-me, por quê? — Ele grunhiu em dor, o que era de se esperar. — Diga, James. O que ganhou com isso?

— Ela matou Firmino, e matou... o seu pai. Não fiz isso contra você, Santiago. Fiz contra ela!

Cheio de raiva, eu o empurrei outra vez contra o vidro. Até vê-lo sangrar.

— Manoela era minha para castigar. E para o que mais eu decidisse fazer com ela! Eu era o único a tomar essa decisão, James! Sua lealdade... não me pertence, caso contrário... — Ele não a teria machucado e nem a entregado a Ochoa.

— Ela não quis ir, quis? — perguntei, prestes a matar o infeliz.

— Não. Ela não quis... ela sequer sabia.

— Você pediu por isso, James. — Eu me afastei, engatilhando a

arma. — E você, melhor do que ninguém, sabe o que acontece quando mentem para mim.

James, com todo o seu orgulho, não implorou por sua vida. Ele me encarou, como o filho da puta corajoso que era, e aceitou a sua morte.

O único tiro dado atravessou o seu corpo e o vidro já danificado da SUV; o impacto fazendo um estrago. Outro infeliz que havia ido direto para o inferno.

É, o lugar estava se enchendo rapidamente.

— Prepare tudo, Javier, nós atacaremos em breve.

***

Com tudo preparado para a viagem, eu procurei por Mercedes ao redor da casa, encontrando-a em seu lugar favorito: o seu santuário. Mercedes não fazia perguntas, mas fiz questão de compartilhar com ela o que havia acontecido a James e a razão pela qual ele não me acompanharia.

Então, como se se preparasse para a guerra, eu a encontrei de joelhos diante de *Santa Muerte*.

— Chegou a hora — avisei, vendo-a se levantar com os olhos cobertos por uma preocupação silenciosa.

Assim era ela.

— A *Santa Muerte* irá acompanhá-lo, meu neto. — Ela se aproximou enquanto eu pensava que *"quem melhor do que a morte para me garantir a vida?"* — Tome cuidado com o seu coração. — Senti a sua mão sobre o meu peito, dando-me conta de que ela não se referia ao órgão em si, mas à mulher

que o possuía. — E faça o que tiver que fazer para vingar a morte de todos os que perdemos.

— A senhora sabe que eu farei.

Ela assentiu, e eu a beijei na testa. Afastando-me depois de garantir que estaria de volta assim que fosse possível. Ao sair, eu me deparei com Rosa próximo as escadas, que não disse nada. Apenas me encarou de volta, temerosa.

A tensão em meus ossos, intensificando a certeza de que só havia me restado duas opções: matar Ochoa ou morrer.

46

SANTIAGO SALVATORE

Parado em frente à escadaria externa da casa em que Ochoa se encontrava, eu assisti aos homens ao meu redor subirem os degraus em suas posições. Um atrás do outro, armados até os dentes, e com um único objetivo em mente: colocarem o maldito lugar abaixo. Nós já havíamos deixado um rastro de sangue e mortes ao ultrapassarmos os portões de entrada. A ordem agora era caçar o filho da puta por todo o restante do lugar. E só parar quando eu o tivesse sob a sola do meu sapato.

Equipados com submetralhadoras, infinitamente mais rápidas do que as costumeiras Aks[13] que usávamos em combate, eu senti que essa era a guerra que busquei e me preparei por todos esses malditos anos.

Celeste, Juan Carlos, Firmino... a minha filha.

Eu faria o infeliz pagar por cada perda que tive, jurei, ao cerrar o punho e prosseguir. Vendo as fileiras de homens se dividirem em dois grupos, que seguiram para lados opostos da casa. E, como uma orquestra bem elaborada, eu me vi no meio de todos eles.

Não me chamavam de *El Señor de la Guerra*, por acaso. Posso ter estado cego, enfeitiçado pela maldita ninfeta, mas eu era a porra do rei desse país!

Comandava um dos maiores impérios de drogas nesse lado do Atlântico. E iria lembrar Ochoa disso hoje.

— Atirem em tudo o que passarem na frente de vocês! — ordenei. —

E se encontrarem Ochoa, tragam-me o infeliz respirando!

Javier aproximou-se com cautela. Esse não era o melhor momento para conversarmos. Ele sabia a quem deveria procurar, e me trazer. Javier, mais do que todos os outros, seria o único a não machucar Manoela. Porque, quando eu me visse cara a cara com a garota, a última coisa que faria a ela seria feri-la.

— Encontre-a para mim, Javier. E cuidado. — O cabra assentiu, afastando-se em seguida e me deixando com os meus homens em meio ao inferno iniciado essa manhã.

Cômodo por cômodo, gritos de empregadas, corpos no chão. Sangue, parecia sempre haver sangue ao redor. Focado, eu passei por cima de tudo o que havia em meu caminho e rastreei o som ininterrupto dos tiros, soando como um chamado. Até que me vi em meio a uma troca de tiros ocorrendo no interior da sala de música.

O fato de os capangas de Ochoa se empenharem tanto em proteger o que havia do outro lado, fez-me questionar se o infeliz que eu procurava não se encontrava exatamente atrás daquela porta.

Com James morto, eu não quis contar com a sorte. Não sabia até que ponto ele e Miguel estavam conectados, se sua traição continuou após *a entrega* de Manoela ou se aquele tinha sido um caso isolado. Porque chances de me matar, o desgraçado teve. Inúmeras vezes.

Então, reforçando o ataque de meus homens, eu me coloquei em posição e comecei a atirar. Sentindo a adrenalina percorrer cada osso e músculo do meu corpo. Era para isso que eu havia nascido, porra! Parei somente ao ver cada um dos *cabróns* caídos no chão. À espera da próxima

ordem, eu passei por todo o exército que seguia de pé e acenei para que se espalhassem pelo interior da casa. Dois ou três deles, seguindo-me enquanto eu empurrava a maldita porta com um chute violento.

Adentrei o cômodo escuro, revistando todo o lugar.

— Eu posso sentir de longe o cheiro de porco suado... Ochoa — grunhi, furioso. — Vamos lá, apareça seu infeliz! — Olhei ao redor, havia lençóis brancos cobrindo móveis e objetos. Um cômodo fantasma, eu o chamei. — Até quando acha que conseguirá fugir e se esconder de mim, porra?

Escutei seus passos, mas não o vi.

— Você demorou, Santiago! — o infeliz ladrou, alto, e eu acenei para que os homens atrás de mim entrassem e procurassem pelo infeliz, que só poderia estar escondido por trás de algum dos móveis.

— Seu estuprador filho de uma puta! — Continuei a procurar por ele, mas o som de disparos sendo trocados no lado de fora do salão era estrondoso. Parecia tomar toda a casa! — Eu vou explodir o seu cérebro, Ochoa. E depois... assar você.

— Você está aqui por Celeste...? Ou pela sua filha? Não... acho que está aqui pelo seu pai, não é?! — o infeliz gritou, deixando-me a cada minuto mais irritado.

E a verdade é que estava aqui por todos eles.

— Seja homem, porra! E apareça.

— Ah, Santiago. Não seja tão impaciente... Tenho certeza de que

Manoela vai adorar fazer parte da conversa. Fiquei sabendo que você... realmente se apegou a ela — grunhiu, e eu continuei sem o menor sinal dele. Tudo o que podia ser escutado era a sua voz. — Mas preciso ser honesto, eu não nunca teria permitido que você a tivesse. Manoela é especial.

— Ela é sua filha — reafirmei o que já sabia enquanto circulava o salão, e, de longe, deparei-me com o sapato do infeliz.

— Achei que tivesse notado a semelhança. O ódio que sentimos por você e sua família, é igual...

— Manoela sabe? — questionei, querendo obter as respostas para cada pergunta que me fiz ao longo dos últimos meses.

— Na hora certa, ela vai descobrir. Depois que você estiver morto, pode ser um bom momento.

— Diga-me, Ochoa. Como conseguiu envolver Calixto em toda essa história? — Pus-me na frente dele, pegando-o de surpresa enquanto apontava a arma em sua direção. Ochoa também ergueu a sua, mostrando-se suado e cansado. Claro que ele estaria dessa forma. — Como aconteceu?

— Isso não importa.

— Importa para mim, caralho! Você fodeu a cabeça da sua própria filha por anos...

— Não! Você fez isso, Santiago! — acusou. — Ela assistiu a tudo... Viu o filho da puta que realmente é!

— O pai dela era culpado? — Essa era a pergunta valendo um milhão *de dólares* aqui.

— O pai dela sou eu!

— Ele era, Ochoa? Me responda, porra!

O desgraçado sorriu, amargo.

— Calixto era um bom homem e leal a você. Mas mais ainda a garotinha que criou como se fosse dele, entende? Foi uma escolha fácil. Celeste ou Manoela.

— Onde ela está? — referi-me a minha garota. — Onde, Ochoa?

O infeliz atirou na minha direção. Matando um dos homens que entrou na minha frente, a fim de me proteger. E obrigando-me a procurar um ponto de segurança. Tiros foram trocados, eu o escutei grunhir, como se o tivesse acertado. E o teria feito mais, se não tivesse tido que recarregar a minha própria arma. E esse foi o maldito momento em que o perdi.

Ochoa se fez da entrada de dois capangas, que começaram a avançar em nossa direção, e correu.

Amaldiçoei-o por toda uma vida, mas logo me dei conta de que o filho da puta não iria longe. Não se o sangue a pingar no chão fosse dele.

Foda-se! A casa estava sitiada de qualquer maneira, e se ratos não sairiam... porcos muito menos, pensei, ao seguir o seu rastro. Gota por gota! E, se a dor em meu ombro significava uma coisa, era que eu em algum momento tinha sido acertado também. Não que fosse capaz de enxergar o sangue ou sentir a dor de uma bala sendo atravessada. Provavelmente, o colete me protegeu, concluí, tirando-o enquanto verificava rapidamente o local do impacto e atendia ao rádio comunicador.

— Ela está no labirinto, eu acabei de entrar.

As palavras de Javier me fizeram olhar para a frente e identificar o maldito labirinto. A porcaria mais insana que vi na vida.

Coincidência ou não, era para lá que o rastro de sangue se perdia.

— O porco está solto. Manoela não é a única aí dentro, Javier. A caçada continua! — esbravejei, levando alguns homens comigo em direção ao labirinto enquanto pensava que só sendo muito doente para criar algo assim, porra.

MANOELA GARCÍA

Sentir-se vazia, tinha seus benefícios. E, quanto mais ignorava a dor em meu peito, mais centrada nas palavras ditas por Ochoa eu me tornava. O passado, as suas promessas de liberdade. A forma como me incentivou a alimentar essa raiva dentro de mim, dia após dia. Não que o sentimento já não existisse, Ochoa só o tornou letal. Destrutivo.

Fez com que a obsessão que tinha por Santiago, se transformasse em loucura. Do tipo mais cruel e sanguinário.

E quando esse sentimento ameaçava me consumir, eu fechava os meus olhos e me lembrava do meu pai. Mas agora, nem mesmo a sua lembrança me aquietava, porque eu já não sabia em que acreditar.

Não tinha mais certeza de nada.

Eu estava presa em um mundo, em que ninguém era confiável.

E se o lado em que estive por todos esses anos, não fosse o lado certo? E se tudo em que acreditei e que me trouxe até aqui, fosse uma mentira?

— Não. — Sacudi a cabeça, recusando-me a pensar por um segundo que fosse que o meu pai pudesse ser o culpado pelo que aconteceu a irmã de Santiago. Fiz isso, enquanto andava teimosamente pelo labirinto do jardim.

Jurando a mim mesma que não iria permitir que as dúvidas apagassem as lembranças que eu tinha de meu *papá*. Não seria justo, pensei, dando-me

conta de que estava perdida.

Em mais de um sentido.

Ochoa havia me alertado sobre esse maldito lugar, e pedido para que eu ficasse longe. Mas eu não era boa em seguir ordens e, como sempre, a minha curiosidade falou mais alto. O que me fez recordar todas as vezes em que Santiago disse o quanto eu era destrutiva, e se fosse para ser honesta, eu era mesmo.

Mas como não ser quando não se tinha nada a perder?

Como se um prelúdio do que aconteceria, eu olhei para o céu azul sobre a minha cabeça, ao mesmo tempo que escutei sons que fizeram minha espinha rapidamente congelar. Assustada, eu tentei calcular aproximadamente a distância que o jardim ficava da casa principal, mas tudo o que pude confirmar era que o local era distante o suficiente para que sons como os que eu escutava chegassem até mim.

A explosão ao longe fez-me compreender então a única possibilidade: o lugar estava sendo atacado.

O frio se infiltrou através dos meus ossos, e eu lutei para respirar. Pensando, planejando o que fazer. Eu sabia que estava perdida, e que o mais seguro seria esperar que me tirassem daqui. Se Ochoa ou Santiago, eu jamais saberia... porque eu não era mulher de esperar por nada. E o que fosse que estivesse acontecendo lá fora, eu tinha certeza de que tinha a ver comigo e com tudo o que fiz nos últimos meses.

E, diferente de Ochoa, eu não pretendia passar a vida fugindo.

A decisão veio após perder a minha filha. Por ela eu teria corrido de

Santiago e do seu controle. Mas por mim eu sentia como se não importasse.

Como falei, eu não tinha mais nada a perder. E uma garota sem medo, era uma garota disposta a tudo. Inclusive a morrer.

Fora que agora estava mais do que claro, que eu só teria a minha liberdade quando essa guerra terminasse.

"O que acha que o infeliz fará quando descobrir que está comigo, Manoela? Ele irá matá-la." As insinuações de Ochoa voltaram à mente, como uma lembrança inoportuna. Miguel vinha mexendo com a minha cabeça, tentando me fazer sentir como a garotinha de antes.

E eu não fiz nada para que ele pensasse que eu não era, porque com Ochoa, às vezes, o melhor era se manter calada. Eu conhecia o peso de sua mão e não precisava de nenhuma outra dor em meu corpo. Além disso, eu não queria arriscar e deixá-lo saber que não pretendia passar o resto dos meus dias ao seu lado.

Não que depois de hoje esse fosse um risco a se considerar, porque algo me dizia que as chances de Ochoa sair daqui com vida eram mínimas. E as minhas também.

Enquanto andava apressada pelos corredores do labirinto, em busca de uma saída, eu tentei manter a calma. Voltando atrás a cada vez que me enveredava pelo caminho errado. Não era possível que o dono desse lugar fosse tão cruel a ponto de soltar suas presas e esperar que elas saíssem daqui. Ou talvez, essa fosse mesmo a intenção. Que elas nunca saíssem, pensei friamente, enquanto o som alto de tiros sendo disparados se mostrava cada

mais próximo de onde eu me encontrava.

Tive a confirmação quando, ao virar um dos corredores, eu me deparei com um corpo recém-caído no chão. Olhei para trás e ao redor antes de me aproximar, e ao fazê-lo procurei pela pistola que ele com certeza carregava. Ao encontrá-la, eu verifiquei o número de balas recarregadas, e voltei a me levantar, tomando o maior susto da vida ao me virar e ficar cara a cara com Javier.

De forma instintiva, eu apontei a pistola em sua direção, impedindo-o de dar um passo a mais que fosse. Havia uma pequena fonte de água entre nós dois, mas eu rapidamente a contornei.

— Abaixe isso, Manoela — pediu, em voz baixa, fazendo-me recordar todas as vezes que olhei para Javier e o considerei um *quase* amigo. E ele foi, por algum tempo ele realmente foi. Mas sua lealdade sempre esteve em Santiago.

Ao mesmo tempo que eu o admirava por isso, eu também o odiava.

— Onde o seu chefe está? — perguntei, indo direito ao ponto. Eu não queria machucar ninguém que não fosse Santiago. Ele era o único aqui, com o poder de me destruir.

De todas as formas possíveis.

Era o infeliz o meu problema, o assassino dos meus pesadelos.

O único a possuir meu coração.

Só que chega, eu o queria de volta! Batendo dentro do meu peito, e incapaz de sentir qualquer outra emoção. Porque, quando achei que tínhamos

alguma chance, Santiago mostrou que não. E quando comecei a enxergar e desejar a bebezinha em meu ventre, ela me foi tirada. Assim como o meu pai, pensei, recusando-me a chorar.

Eu era mais forte do que qualquer dor que pudesse sentir, eu não teria sobrevivido se não o fosse.

— Solte a arma, *gatita*. É para o seu bem, porra!

Neguei, porque se o fizesse eu estaria abaixando a guarda, e isso era algo que eu não faria novamente.

— Ele vai me matar se eu o fizer.

Javier sacudiu a cabeça, a expressão em seu rosto fez-me acreditar que, independente da decisão que tomasse, eu acabaria morta. Então eu a segurei com mais força e a mantive apontada em sua cabeça. Ainda que a distância.

— Eu quero falar com ele — exigi, trêmula de raiva. — Agora, Javier!

Perguntei-me se eles já haviam descoberto sobre James, e o que teria acontecido comigo se em vez de Javier a minha frente fosse o outro, o traidor. *Eu esperava que o infeliz estivesse morto.*

— Abaixe a arma, primeiro... — Voltei a negar. — Vamos conversar.

— Não há nada a ser dito a você. Santiago é o único com quem eu quero falar! — gritei, assustada.

Ciente de que essa era a guerra que Santiago cavou por todos esses

anos. Mas hoje era o dia, e nós finalmente descobriríamos quem a venceria.

Um estrondo foi escutado próximo aonde estávamos, e por mais que quisesse virar meu rosto eu não o fiz. Concentrada em Javier, que só se moveu ao receber o sinal pelo rádio comunicador. Então, como se houvesse um ímã a atrair o *bicho-papão* diretamente até mim, eu o vi surgir. A expressão em seu rosto era feroz, o que me fez cambalear para trás. Não por medo, mas... por saudade.

O infeliz era muito para que eu tivesse que lidar enquanto mal conseguia manter-me de pé. E como em um passe de mágica, toda a dor que prendi em meu interior por todos esses dias, pareceu me atingir. Eu não o tinha visto depois que pedi para que me deixasse sozinha. Eu não assisti a sua dor, não soube sequer se ele sofreu como eu... E, em meio a tantas recordações e dúvidas, eu me lembrei de cada beijo. Como se ainda pudesse senti-los sobre os meus lábios agora secos. Às vezes em que nos amamos, irascível e violentamente. Ou que desejei que tudo pudesse ser diferente, sabendo lá no fundo que jamais seria.

Depois de tudo, foi Santiago quem me fez chorar.

Ele era a minha fraqueza.

— Vá atrás de Ochoa, Javier. Eu cuido dela — ordenou ao seu homem de confiança, ainda que Javier tenha hesitado. Ele, melhor do que ninguém, sabia o risco que era nos deixar a sós. Éramos um perigo um para o outro, sempre fomos.

Minha arma continuou erguida, mas agora o alvo era outro. E eu me recusei a desviá-la. Santiago sempre foi o meu objetivo de qualquer forma. Não que o infeliz demonstrasse medo, ou cautela diante da arma apontada em

sua direção. Porque, sem dizer nada, ele se aproximou. E cada passo que o infeliz deu, eu recuei em resposta.

Temendo que estar perto dele, fosse me arrancar o juízo... e o ar.

Junto de todo o resto.

— Fique onde está! — exigi, furiosa por ele me subestimar.

Eu seria capaz de atirar no maldito apenas para provar que eu podia. E o faria se precisasse.

— Diga-me, amor. Em algum momento desde que saiu da minha casa, você realmente pensou que eu não viria atrás de você? — A voz grave e confiante me abalou. — Que eu não a procuraria até o inferno, se fosse preciso?

— Nós estamos no inferno — disse alto. Firmando a arma em meu punho para que ele não se aproximasse.

— Sim, nós estamos. Mas não precisa ser assim, porra!

— Eu falei para você não se aproximar... — Que parte do *fique longe* ele não conseguia entender?

Sua mandíbula travou, e ao me ignorar eu o vi dar outro passo.

Então eu atirei, a bala passando a milímetros de distância do infeliz. O que o fez enrijecer. Não tinha sido um erro, eu não quis acertá-lo, *ainda*.

Mesmo sabendo dos riscos, porque boa atiradora eu nunca fui.

— Eu amo isso em você, caralho! — rosnou, feroz. Enquanto retirava

por completo a balaclava embolada em seu pescoço, e abria o colete já danificado.

Deixando claro que eu não tinha sido a primeira adversária que ele havia encontrado essa manhã. Só que, diferente dele, não havia nada para me proteger.

Apenas eu mesma, e toda a minha coragem.

— Até assustada você permanece corajosa... — cuspiu, engatilhando sua própria arma. *Apenas para o caso*. O filho da puta sempre foi e sempre seria desconfiado. — Sabe o que é pior, Manoela? O mundo teria sido seu, amor. A parte mais cruel e violenta dele. E todos... teriam sido obrigados a se curvar quando você passasse.

Engoli em seco, afastando a possibilidade da cabeça. Esse não era o momento para pensar em como tudo poderia ter sido, e sim em como seria daqui para a frente.

— Eu nunca quis fazer parte disso. — Da vida que ele e Ochoa levavam.

Ainda que soubesse que havia nascido em meio à violência que o dinheiro deles financiava.

— Tem certeza? — inquiriu, com raiva. — Porque eu não acredito em você, tudo o que fala é tão verdadeiro como as mentiras que me contou, Manoela. E você acredita nelas, esforça-se tanto... para não enxergar o que é real. — Respirei fundo, enquanto, por dentro, eu tremia inteira. — Você pode não aceitar, mas foi feita para esse mundo, amor.

— Nunca. — Sorriu, amargo.

Atrevendo-se a dar outro passo, e me obrigando a segurar com mais força a arma enquanto eu me recusava a abaixar a guarda. Eu conhecia o filho da puta, ele tentaria jogar comigo. Mas eu não iria permitir. Ochoa disse que, para vencer essa guerra, o diabo seria capaz de tudo.

Eu acreditava nele.

— Acho que está na hora de jogarmos todas as cartas sobre a mesa — soou sério. — Toda a raiva que sente pelo que eu fiz ao seu pai, em algum momento terá de passar.

— Como? — perguntei, ultrajada. — Eu vi o que você fez a ele, Santiago! E o meu pai era...

— *Inocente.* Sim, eu conheço a história. E quer saber, amor? Você está certa... Calixto era inocente. — Meu sangue gelou, essa era a primeira vez que Santiago admitia a possibilidade.

Eu só não sabia o que ele pretendia com isso.

— Fique onde está, eu já pedi!

Entreolhamo-nos, e por um segundo imaginei que Santiago sentisse pena de mim. Que seu olhar fosse de... compaixão. Algo que eu nunca precisei!

— Você não queria ter vindo, não é? — ele perguntou, fazendo-me recuar. — James contou tudo. Ou quase. — Encarei-o. — Só me responda uma coisa. Foi você quem contou a Ochoa onde Juan Carlos estava? Me traiu... depois de se deitar comigo?

Neguei, atordoada.

— Não. Eu te falei... eu tentei te falar. Mas você não me ouviu!

A culpa encheu os seus olhos, tão azuis e gelados como no dia em que o vi pela primeira vez.

— Eu sinto muito, por tudo! — falou, perto demais. — Não tem um maldito dia desde que você desapareceu que eu não me peguei pensando no que fiz a você, Manoela. A nossa briga! Se eu não tivesse a assustado... Se eu pelo menos soubesse, porra! Só que, para mim e para todos dentro daquela casa, Calixto era culpado. Isso foi o que Ochoa queria que todos nós pensássemos.

— Do que está falando? — perguntei, confusa.

— Ochoa planejou tudo — revelou, de repente, fazendo-me contrair o rosto. — Ele é o filho da puta jogando com todos nós!

Não! Recusei a ideia, porque Ochoa nunca me faria mal dessa forma. Mentir sobre o meu pai, e deixar que ele levasse a culpa?

— A falha na segurança, Manoela...

— Aquilo foi um acidente — sussurrei, nervosa.

— Não foi. A falha foi intencional. James...

— Você está mentindo! — gritei, tão alto que senti o arranhar seco em minha garganta. — Querendo me machucar, mas eu não vou deixar! Nunca mais, Santiago... nunca mais!

Eu ainda podia sentir em meus ossos o medo que me tomou no dia em que Santiago apertou o meu pescoço, e empurrou a maldita arma contra a

minha boca. O pavor que me invadiu naquele momento, e a forma repentina como deixou de ser *o homem a dizer que ninguém me machucaria*... para o *homem a querer me matar*.

Atordoada, Santiago se fez da minha distração e cobriu a ponteira da arma que o tinha como alvo. Como se com o gesto ele pudesse impedir-me de atingi-lo.

— Ochoa foi quem mentiu para você o tempo todo, Manoela. É o que ele tem feito de melhor, foder sua cabeça... e derramar o sangue daqueles com quem me importo. Celeste, o meu pai. Firmino. A nossa filha! — Havia raiva em suas palavras, mas também havia dor. Da mais visceral.

E naquele momento eu quis tanto acreditar nele, achar um culpado para tudo isso que não fosse nós dois. Mas nada era tão simples assim... e Ochoa, bem, Ochoa havia me salvado. Ele foi o único a estender a mão quando eu perdi o meu pai. Ele me protegeu, e me escondeu do *bicho-papão*. E nunca me fez achar que a justiça que eu buscava, era um erro.

— Ochoa cuidou de mim. Ele...

— Ele mentiu! E sequer contou a você que Calixto não é seu pai, Manoela. Acorda, caralho! — Por muito pouco eu não deixei que a arma caísse, e, desorientada, eu dei um passo atrás.

— O que está dizendo? Que loucura é essa? — Santiago tentou encostar em mim, mas eu não permiti. Empurrando a arma contra o seu peito. Impedindo-o de dar outro passo que fosse. — Explique o que acabou de dizer... Agora, Santiago!

O homem me encarou, e pouco a pouco afastou a arma apontada para

ele. Acabando com toda a minha resistência. Com as mãos trêmulas, eu percebi que dessa vez não conseguiria impedi-lo, não com o tanto de informação em minha mente.

— Diga que é mentira... que você está tentando me ferir... — Eu o encarei, em súplica.

— Eu não minto, Manoela. E jamais o faria com algo tão sério. Calixto não é...

O som atordoante de um disparo foi ouvido, fazendo com que Santiago se calasse e o seu corpo fosse jogado para a frente com a força do impacto que o atingiu em suas costas. Com um último passo em minha direção, eu o vi xingar e me cobrir com o seu próprio corpo. Impedindo que qualquer uma das balas me atingissem. Olhei para ele, erguendo o meu rosto. Pensando que o colete o protegeria, que Santiago era mais forte do que qualquer atentado, mas o sangue que o vi cuspir, de repente, me fez entrar em desespero.

— Santiago? — chamei-o apavorada. Vendo-o desmoronar diante de meus olhos. Seu corpo pesado, caindo no chão como se todo o seu império caísse com ele.

Deixando-me completamente sem reação.

— Termine o que começou, criança. — A voz fria de Ochoa fez-me erguer o rosto, e ver que ele tinha sido o único responsável. Claro que o infeliz o atingiria pelas costas, era isso que covardes faziam, não era?

Encarei-o, mal sentindo a minha respiração.

Porque até aquele momento eu achei que fosse a única com poder de

manter o meu mundo de pé, que o controle estava inteiro em minhas mãos. Mas ele nunca esteve.

— O que Santiago disse é verdade? Me responda, Ochoa! É verdade, droga? — Eu já não sabia por que eu chorava, mas sentia como se nunca mais fosse conseguir parar.

A raiva nunca me atingiu tão forte, deixando-me insana de tão louca. E eu tentei não olhar, não ver Santiago.

Caso contrário, eu não iria aguentar.

— Termine o que começou — Ochoa insistiu, fazendo-me perceber que a arma continuava em minha mão.

Neguei, sem força alguma.

— Até que me diga se o que ele falou é verdade eu não apertarei gatilho algum! — gritei, mal vendo o sangue se espalhar ao redor de Santiago. Porque vê-lo deixou-me tonta, e me empurrou de uma só vez até o passado.

Meus joelhos fraquejaram diante da visão. Mas eu sabia que, se me ajoelhasse agora, Ochoa exterminaria a nós dois. Eu conhecia o maldito!

E ele jamais permitiria que eu chorasse pelo seu maior inimigo.

— Por tudo o que sacrifiquei, Miguel — implorei ao infeliz, precisando saber. — Tudo o que fiz por você... Diga-me a porcaria da verdade!

Ochoa hesitou, com suor escorrendo de sua face. Eu já havia visto

essa expressão em seu rosto antes e ela nunca significava coisa boa.

— Você é minha, criança. Sempre foi. E essa é toda a verdade que precisa saber por agora. — *Eu era dele?*

— Como?

— Não vamos ter essa conversa aqui, Manoela. Eu sou o seu pai, mas sua mãe, *a puta que te pariu,* mentiu ao fazer com que Calixto acreditasse que você era dele. Mas, no fundo, nós três sempre soubemos a verdade. Sua mãe era como você, Manoela. Mentia tão fácil quanto respirava! — Vi-o se aproximar, completamente paralisada. — Agora, se não vai terminar essa merda, deixe que eu mesmo o faço.

Firmino deu-me as costas, e apontou a arma apoiada em seus ombros na direção do corpo de Santiago, que já não se movia, ou reagia.

A AK-47 que segurava, tendo sido a responsável por atravessar o colete, foi apontada em direção ao peito de seu inimigo... e, quando ele se viu prestes a disparar, eu falei com toda a coragem que possuía:

— Eu vou terminar, Ochoa. — E eu iria!

Cheia de raiva, eu ergui a minha própria arma, ainda que tudo dentro de mim estivesse esmagado, e apontei nas costas de Ochoa que parecia esperar que eu desse um fim definitivo a vida de Santiago. O que percebi, naquele momento... que eu jamais seria capaz de fazer.

Então, com todo o ódio que estava sentindo eu descarreguei a arma em Ochoa, até que não restasse mais balas.

Fiz pela mentira, por me enganar por todos esses anos. Mas,

principalmente, por levar o meu homem ao chão.

Ochoa caiu, juntando-se a todos os outros mortos. E atordoada, eu passei por ele e me ajoelhei ao lado de Santiago. Sentindo-me presa em um maldito *déjà vu*, mas não era o sangue de meu *papá* em minhas mãos, era o de Santiago.

— Santi... — Tentei acordá-lo. Fazê-lo ao menos abrir os olhos, mas nada. Ele não reagia. Então eu me pus sobre ele, querendo que me sentisse, que falasse comigo. — Eu te proíbo de me deixar, Santiago. — Sacudi-o, desesperada. — Você não tem esse direito, está me ouvindo? — Meu estômago revirou, em apreensão quando o silêncio permaneceu. — Fica comigo, por favor. Fica comigo.

De repente, eu escutei a movimentação de seus homens ao redor, e todas as vozes gritando... Até que um deles se aproximou, e eu o reconheci. Porque era o único em quem eu confiava.

— Peça ajuda, Javier. Peça por ajuda, agora! — ordenei, afundando o rosto no peito de Santiago.

— Você precisa se afastar... — Recusei-me quando Javier pediu, porque eu não pretendia soltá-lo até que alguém viesse acudi-lo. Um médico, a ambulância. Não importava! — Manoela?

— Não! — gritei, segurando o rosto de Santiago com as duas mãos e beijando a sua boca. Apenas um roçar de lábios, mas que durou toda uma vida. Foda-se se tudo o que senti foi o gosto forte de sangue, e a frieza repentina que o tomou. Porque eu queria senti-lo, eu precisava. A sua pele, sua carne. — Não faça isso comigo, seu desgraçado! — briguei com ele, ao sentir que todo ele ficava frio. — Você ainda tem que me tornar a sua rainha.

E eu... eu quero carregar os seus olhos, Santi! Quero vê-los crescer ao seu lado... quero que me dê a família que eu nunca tive! — Eu estava prestes a gritar com ele por não acordar, quando Javier me segurou puxando-me com força para que os homens de Santiago o verificassem.

E eu assisti a tudo, debatendo-me em recusa, até que um deles encarou Javier e acenou... como se fosse tarde demais, fazendo-me gritar tão alto que o lugar inteiro estremeceu.

— Não, não! — Eu me agitei, querendo me soltar. — Você não pode me deixar! Diga isso a ele, Javier. Diga, porra!

Não era justo que Santiago me fizesse amá-lo para, em seguida, partir.

— Eu não vou aguentar se ele me deixar — falei, em prantos. — Eu já perdi tanto... Não posso perdê-lo também. Eu não posso! — murmurei, ainda nos braços de Javier, que me segurou como se soubesse que ao me soltar eu desabaria.

Transtornada, eu só conseguia pensar em tudo o que Santiago e eu não tínhamos vivido. E no quanto era injusto que ele me abandonasse. Porque, depois de tudo o que perdi, eu merecia uma vida inteira ao lado desse homem.

Eu realmente merecia.

Revoltada, eu continuei a me debater com medo que o levassem de mim, até que consegui me soltar e voltei a ne aninhar nos braços de Santiago.

— Fica comigo. Por favor, amor. Eu juro que... esqueço o passado se você voltar para mim, amor. Não quero ser livre... não quero passar a vida fugindo do que eu sinto. Eu quero você — solucei contra o seu peito,

sentindo as lágrimas se misturarem a todo o sangue. — Me desculpe, se não fui capaz de te dizer isso antes, Santi. Me desculpa... só... não me deixe também.

Eu não iria suportar outra dor como essa, mas talvez fosse tarde demais para qualquer súplica. Porque aquele foi o momento em que eu percebi que o coração do homem que eu amava, já não batia.

EPÍLOGO

Cinco anos depois...

MANOELA SALVATORE

O som das folhagens, batendo umas nas outras lá fora, enquanto o vento soprava em meu ouvido, fez-me arrepiar inteira. Como em um aviso de que *ele* havia chegado. Era sempre assim, esse maldito frio na barriga. Esse apertar em meu coração, como se eu nunca fosse ser capaz de me acostumar com a ideia de que... Santiago e eu tínhamos o mundo inteiro aos nossos pés. E toda uma vida pela frente.

A comoção que se instalava sempre que o via retornar de sua mais recente *batalha*, fez-me afastar do interior do estábulo e olhar o horizonte. Cinco anos mudavam uma mulher; às vezes para o bem, outras não.

No meu caso, apenas exaltou cada traço de minha personalidade. Fez-me mais forte. Além, é claro... de me fazer finalmente compreender que deitar-me na cama de Santiago Salvatore era o meu destino.

Ele estava certo.

De alguma forma ou de outra, nossos caminhos teriam se cruzado. Fosse aqui, fosse no inferno.

Desde a manhã em que o coração de Santiago parou de bater, eu sabia o que era perder o chão. Ver seu mundo ruir inteiro... de uma só vez. Já tinha sido rasgada por dentro, uma, duas vezes. Mas nunca dilacerada. Se alguma vez estive perto de realmente enlouquecer, foram naqueles vinte minutos em que o senti morto.

Porque Santiago morreu, apenas para voltar à vida mais forte.

Impiedoso e cruel.

O *bicho-papão* não tinha sete vidas. Aquele foi o dia em que ele mostrou a todos nós que, apesar da violência que causava, as guerras, a disputa por poder, dentro dele havia mais vida do que morte.

Nunca vou saber se foram as orações de sua avó para a *Santa Muerte* ou as minhas súplicas que o salvaram, a questão é que ele foi e voltou. E ao abrir seus olhos, na manhã seguinte a sua internação, Santiago chamou por mim. Esbravejou para que todo o hospital o ouvisse. Só se acalmando ao me ver, e como em todas as outras vezes que *nos reencontramos* eu senti a sua força, a brutalidade. Senti-o me atrair... como se ao seu lado fosse o único lugar possível a se estar. Então, sem que eu esperasse o homem deitado sobre a cama de hospital se levantou, ainda abatido, e me pediu em casamento.

Seja minha, amor. Case comigo, porra. Esqueça o maldito passado.

Eu disse sim, para tudo. Para ele, mas, principalmente, para o futuro que desejava ter ao seu lado.

E não teria chegado até aqui se não tivesse me afastado do passado, das memórias ruins. As enterrado junto do corpo de Ochoa. A descoberta de que o miserável era meu pai, e que nunca, em todos aqueles anos, sequer chegou perto de me contar, fez-me o odiar tão fortemente que eu reneguei tudo. O seu cartel, a sua lembrança. Santiago, por mim, apagou o rastro de Miguel Ochoa da face da Terra. Proibiu que tocassem em seu nome nas ruas. Matou cada infeliz a segui-lo.

Assim como eu o matei dentro de mim. Dia após dia.

Porque não me importava que compartilhássemos o mesmo sangue, que de alguma forma doentia a *mulher que me pariu* tenha sido tão cadela a ponto de mentir para Calixto. Eu nunca realmente conheceria os detalhes, mas gostava de pensar que *papá* sabia que eu não era dele, e que ainda assim... me amou até o final. Ele morreu para me proteger. Traiu Santiago para não me perder.

Ele era inocente.

Senti a lágrima vir, mas então a limpei do meu rosto. Deixando as lembranças no passado, em uma caixinha que eu só abria quando estava sozinha.

E esse, não era o caso agora, pensei, vendo meu pequeno anjo de cabelos negros correr todo o caminho até o estábulo.

Celeste. A garotinha que era todo o meu mundo, assim como era o do seu pai.

— Corre, mamãe! — gritou, agitada e impaciente como sempre. — O *papá* tá chamando e ele vai ficar *bavo* se não te achar. — Sorri, pegando-a no colo.

Não que ela gostasse de ser tratada como criança.

— Ele que mandou você dizer isso, não foi? — As bochechas gordinhas da minha menina de apenas quatro anos ficaram vermelhas. Havia tanto em Celeste de mim, mas havia muito mais de Santiago.

Os olhos azuis... com o mesmo ardor e sagacidade do pai. A mesma

intensidade arisca, violenta. Celeste não era uma criança birrenta, ela era madura demais para isso. Mas ela sabia o que era ficar brava, tinha acessos de raiva. Era teimosa e impulsiva.

Deixando a todos dentro dessa casa loucos.

Mas não havia uma só pessoa que não a amasse, porque por baixo de toda essa braveza havia um coração enorme. Apaixonado por todas as coisas que não deveria.

Por muito tempo eu temi por sua segurança, o que poderia vir a acontecer a ela no futuro. Mas todo e qualquer receio passou conforme Celeste crescia. Foi assim até que eu vi que ela era cria de cobra. E que tinha sangue nos olhos como o pai. E isso em vez de me assustar, fez-me admirá-la.

Porque eu sabia que ninguém a tiraria de mim. Seu pai e eu não permitiríamos, mas Celeste também não se renderia. Ela era forte como Santiago, e corajosa como eu fui por todos esses anos.

Minha filha tinha o pior de nós dois, mas também o melhor.

E ela era linda, como um anjo. E letal, como seria a bisneta de Mercedes. A neta de Juan Carlos... e a filha de *El Señor de la Guerra*.

— É porque ele tá com saudade, mamãe — revelou, mansa.

— Como está sua avó? — perguntei enquanto fazíamos o caminho até a casa principal.

— Rezando... — disse baixinho, porque, no fundo, Celeste tinha medo das imagens no santuário de Mercedes. Não que ela fosse admitir. —

Eu *tava* com Rosa — falou em seguida. — Mas ela disse que *tava* muito ocupada para mim. — Seus olhos azuis se encontraram com os meus, maliciosos. — Ela *tava namolando*, mamãe. Eu vi.

— Celeste...

— Eu vou contar para o meu *papá*. E ele vai *biga* com ela. Você vai ver.

— Eu não vou ver nada, mocinha. Quantas vezes já não disse para não implicar com Rosa?

A expressão em seu rosto se tornou inocente.

— Não *plico* não, mamãe. Ela é minha amiga. — Como dizer a minha filha para não mentir, quando passei a vida mentindo? Como não olhar para ela e não me ver em cada detalhe?

— Você sabe que eu te amo, não é? E que não gosto quando mente.

— Eu sou como o *papá*, mamãe. Eu não minto nunca. — Ela me abraçou, afundando o rostinho infantil e sonolento em meu pescoço.

Não havia anoitecido ainda, mas os dias de Celeste sempre eram agitados. E pouco a pouco ela passava a conhecer a propriedade, de tanto que ia e vinha. Claro que, sempre acompanhada por alguma segurança. Fosse Javier, fosse outro de nossa confiança.

Javier, pensar nele sempre aquecia meu coração. Porque o tempo nos fez amigos, não importa se sua lealdade fosse estar sempre em Santiago. Se do meu marido viria o comando a que ele sempre escutaria, porque Javier tinha toda a minha lealdade. Ele, entre todos os outros, foi quem fez o

possível e o impossível para garantir que meu marido fosse salvo. A ida até o hospital, a segurança reforçada. A promessa de que nada nos aconteceria enquanto ele estivesse à frente.

Prestes a falar com Celeste sobre o banho que ela tomaria antes de dormir, eu me calei, assim como todas as vezes em que o via. E não vou negar, a forma como esse homem me olhava ainda me deixava inteira arrepiada. Acho que isso nunca iria mudar.

Sério, ele acenou para que os homens o acompanhando se espalhassem. E ainda de longe, encarou-me dos pés à cabeça de forma intensa e crua. Deixando claro os pensamentos a passarem por sua mente.

Eu o entendia, porque eles eram exatamente os mesmos que os meus.

Impaciente, ele nos encontrou na metade do caminho. Pegando Celeste no colo, e a beijando. Fazendo-a rir por causa da barba em seu rostinho.

— A mamãe correu, *papá*. Como o senhor pediu. — Revirei os olhos, sendo puxada por Santiago, que me beijou primeiro na testa e em seguida na boca. Forte, duro. Ainda que fosse um simples roçar de lábios.

Ao sentir o cheiro de pólvora vindo dele, eu o encarei, seu olhar me dizendo tudo o que eu precisava.

— Não me diga que teremos outra guerra...

— Não seria a primeira, amor.

— Nem a última. — Eu sabia que a paz jamais existiria inteiramente no mundo de Santiago Salvatore.

Ele não seria o homem por quem me apaixonei – louca e obsessivamente, se aceitasse abandonar essa vida. Santiago havia nascido para a guerra, eu nunca tive dúvidas disso. Cada fibra, cada músculo desse homem grunhia ataque.

Revolta, fogo.

Mas o mesmo acontecia comigo. Éramos almas gêmeas, do pior tipo.

Descendo o meu olhar até as suas mãos, eu procurei pelos vestígios de sempre. Querendo saber o que esperar do homem essa noite.

— Não olhe dessa forma para mim, porra — grunhiu baixo, para que somente eu o escutasse. — Não precisa haver sangue em minhas mãos para que eu queira você.

Sorri, sentindo uma vontade absurda de beijá-lo.

— Gosto de estar preparada.

— Para que, mamãe? — Celeste me ouviu, seu sorriso banguela fazendo meu coração se encher de amor. Não havia mais raiva destrutiva dentro de mim, porque não havia sobrado peças sobre o tabuleiro.

Todos os nossos inimigos estavam mortos. O que restou foi... o rei e a sua rainha.

Liberando nossa filha, que insistiu em descer, Santiago voltou seus olhos na minha direção e segurou a minha mão. Beijando-a. O anel de rubi, sangrento como ele, apertado em meu dedo fino. Como uma coleira de luxo, grande e chamativa.

Então o seu toque veio por trás, na área exata em que a minha tatuagem ficava.

— Vá para o quarto e me espere. Nua. Eu vou deixar Celeste com Mercedes e já a encontro.

— Sua filha...

— Eu sei, ela me contou. — Celeste havia gritado com Javier hoje de manhã. Dizendo para quem quisesse ouvir que não gostava que ele ficasse *seguindo ela.*

— Santi? — o chamei, antes que se afastasse, a fim de levar nossa filha até Mercedes e Rosa. Não vou dizer que a relação com as duas tenha ficado mais fácil com o passar dos anos, Rosa ainda se ressentia que eu tenha tomado o seu *futuro marido* e Mercedes ainda me olhava como se jamais fosse ser capaz de confiar inteiramente em mim. Ou me perdoar. Mas éramos uma família. Distorcida e tirana, mas éramos.

E, como a esposa e mãe dos filhos de Santiago, elas foram obrigadas a me respeitar.

— Eu te amo.

Com olhos diabólicos, ele me encarou e assentiu.

— Suba e espere por mim. Essa noite eu vou te mostrar o tanto que *eu* te amo, caralho.

Santiago não precisava mostrar nada, ele o fazia todos os dias. Ainda assim, eu fiz o que ordenou, subindo até o nosso quarto e me despindo. Peça por peça.

Muitos pensariam que essa vida era uma prisão, violenta e perigosa. Mas eu nunca antes tinha sido tão livre.

E a minha liberdade teve início quando parei de lutar contra o que eu sentia e admiti para mim mesma, que amar um homem como Santiago não era um pecado.

E ainda que fosse, eu não via o menor problema em me tornar uma pecadora.

SANTIAGO SALVATORE

Caminhei ao lado de Celeste, sentindo sua pequena mão ser engolida pela minha. A garota era teimosa e problemática como a mãe, sempre perguntando sobre tudo e agora, nos últimos tempos, recusando-se a ser carregada no colo. Como crianças de sua idade normalmente eram levadas por seus pais.

Não que o gênio dela me surpreendesse, seria muito esperar que Celeste fosse outra coisa que não um pequeno furacão. A gravidez de Manoela, não pegou a ninguém de surpresa na época. Depois de tudo o que havíamos passado, nós merecíamos a nossa própria família. Manoela fez-me respirar novamente, trouxe-me à vida de alguma forma. Eu devia a porra do mundo a ela, e ainda era pouco.

— Vai me dizer como se comportou enquanto estive fora, minha princesa? — Era difícil para um homem como eu ser delicado, ou sensível. Mas eu estava rodeado por mulheres; e no caso de Celeste, eu precisava dosar o Santiago com o poder nas mãos, e o Santiago, pai de família.

— Já disse *papá*. *Biguei* com Javier, comi tudinho que a vovó pediu. E cuidei da mamãe, como o senhor fala pra eu *cuidá*. Só a Rosa que tá namorando, sabe? Eu vi tudo, *papá*...

Minha pequena fofoqueira.

— Deixe a Rosa em paz, Celeste. Quero saber da sua mãe, ela passou os dias bem?

— Sim. A mamãe não faz bagunça, ela só grita, né?

Sim, Manoela gritava. E eu amava isso nela, todo o seu drama. Os escândalos. A forma despudorada com que agia. E mais do que isso, como ela me tinha em suas mãos.

Completamente.

Após deixar Celeste com a avó, eu refiz o meu caminho. Os negócios que andei vendo com Manolo nos Estados Unidos tinham a ver com a expansão territorial que vínhamos planejando. E Manoela estava certa, em breve nós entraríamos em outra maldita guerra.

Ao me deparar com Javier no caminho, eu acenei, pedindo que ele me acompanhasse até a entrada da suíte.

— Sobre Celeste...— Javier amava a minha filha, assim como ela o amava. Mas, por alguma razão, a menina vivia em pé de guerra com o pobre coitado. Eu já havia conversado com ela a respeito, explicado a necessidade de tê-lo sempre por perto, mas Celeste era só uma criança. E tudo que atrapalhasse sua sensação de liberdade e ser dona de si, a incomodava.

— Celeste já pediu desculpas, Santiago. Além disso, ela é só uma criança. Não se preocupe.

Era difícil não me preocupar, eu a amava demais para não temer que algo acontecesse a minha filha. Ainda que pudesse ver dentro de seus olhos o quanto minha menina era corajosa. Corajosa, e brava.

Falamos sobre negócios rapidamente, e o alertei sobre a próxima viagem que faríamos. Dispensando-o em seguida enquanto adentrava a suíte.

Não para a minha surpresa, eu encontrei as roupas de Manoela espalhadas pelo chão. A calça jeans que estava usando, jogada de um lado. A blusa branca, de outro. E a calcinha vermelha, bem diante dos meus olhos. Peguei-a, cheirando a pequena peça. E o cheiro da boceta molhada da minha mulher foi o que me fez salivar.

Lambendo meus próprios lábios, eu a cacei pela suíte, louco de vontade de me enterrar profundamente dentro da minha ninfeta. Foram apenas dois dias longe dessa casa, sem vê-la e compartilhar da nossa cama. E eu sentia que era demais, o animal dentro de mim havia sido sufocado até agora. Mas chega.

Estava na hora de deixá-lo aparecer.

— Não gosto desse jogo, amor. Apareça, porra! — grunhi, sentindo meu coração se agitar. Inflar em meu peito.

Olhei ao redor, deparando-me com as botas que ela havia retirado. E segui o rastro, encontrando-a de pé, no primeiro degrau da piscina.

Manoela olhou para trás, fazendo-me engolir em seco diante da visão de seu corpo. Eu nunca me acostumaria a isso, a saber que a possuía inteira. Havia dois malditos medos em minha vida hoje: que algo acontecesse a minha filha, e perder essa mulher.

Ainda que a única maneira de isso acontecer, fosse com ela morta. E nós dois sabíamos disso.

Aproximando-me devagar, eu desferi um tapa em sua bunda gostosa. Fazendo-a gemer baixinho enquanto eu a pegava em meu colo e a levava até a nossa cama.

— Fica de quatro para mim!

Ela sorriu, safada.

— Achei que fosse me mostrar o quanto me ama, Sr. Salvatore. Não me castigar.

Desafivelei o cinto, com pressa. Tirando o pau para fora, sem sequer terminar de me despir. Era sempre assim quando nos reencontrávamos. Esse fodido desejo insano!

— Mas eu vou mostrar, da única forma que eu sei, amor.

Ela se virou, empinando a bunda e curvando seu corpo sobre o colchão. E eu pude ver tudo. Desde a boceta sem pelo, lisinha... até...

O outro tapa, e dessa vez eu a fiz gritar. Foi mais forte do que eu. Manoela se contorceu, esfregando uma perna na outra enquanto eu afagava seu quadril e traseiro, espalhando sua dor. A mão áspera, carregando o aro gelado e pesado do anel de *El Castillo*, passeou pelo seu corpo. Como se o simples gesto a deixasse mansa, refém ao meu comando.

— Por favor, Santi...

— Por favor, o quê, meu amor?

— Deixe-me sentir você. Dentro de mim... Faz tanto tempo. — *Dois dias, caralho!*

Ajoelhei-me sobre a cama, e pressionei o pau duro contra a linha fina entre as duas bandas gordas de sua bunda. Manoela arfou, mordendo a boca quando a puxei pelo cabelo. Respirando da mesma forma que eu, de forma

bruta. Animalesca.

— É uma tortura ficar longe dessa sua boceta, amor. Porra, como eu senti sua falta!

Afundei dois, três dedos em seu interior. Sentindo-a melada, toda grudenta. A reação escandalosa e necessitada que teve, fez-me substituir o que deveria ter sido uma preliminar pelo meu membro, que implorou por um gosto da infeliz. Manoela estremeceu ao me sentir inteiro dentro dela, arfando e gemendo, enquanto se esticava feito uma gata no cio sobre a cama.

Então, sem que ela esperasse eu dei voz ao desejo que vinha atormentando-me nos últimos tempos. A vontade de vê-la inchada com meu filho novamente, carregando algo nosso em seu ventre.

Achei que, com o tempo, o sentimento de posse que sentia por essa mulher, fosse diminuir. Se acalmar em meio à certeza de que eu tinha o seu amor, mas não foi o que aconteceu. Ter Manoela em minha vida, carregando a porra do meu anel em seu dedo, só me deixou mais doente por ela. Obcecado.

— Eu quero que deixe de tomar sua pílula — falei, inclinando-me sobre ela, fazendo-a se curvar enquanto minha mão rodeava seu pescoço.

— Você quer...

— Sim!

— E se eu... se eu não quiser, Santi? Se achar que...

Ela estava fodendo comigo, só pode!

— Ao aceitar se casar comigo... você também aceitou carregar *todos* os meus filhos.

— Não — disse, com a boca afundada contra os lençóis. Fazendo-me arfar feito um animal sobre ela enquanto a sentia pulsar. Esmagar-me dentro de sua pequena boceta.

— Não? — grunhi, de volta.

— Não, amor...

— Manoela! — Procurei por sua boca, sôfrego. Não era bom em aceitar recusas, quando vinha dela então, caralho!

— Eu já estou, Santi — gemeu, em um choramingo. — Já tem um bebezinho aqui dentro. Eu... eu descobri ontem. — Parei de me mover dentro dela, e fiquei ali olhando para a mulher curvada sobre a minha cama, comigo praticamente montado sobre ela inteira. Pesado.

O tanto que eu amava a sua rendição, a sua entrega. Fitando-a daquele jeito, suada e com a respiração profunda, eu admirei a tatuagem marcada em sua pele.

Cada linha, cada traço dela.

E a beijei, sendo o único a me curvar agora.

— Eu sabia que você seria a minha perdição, amor. Eu sabia, porra!

***

Treze anos depois...

SANTIAGO SALVATORE

Observei o salão de festas, o olhar centrado em cada parte estrategicamente assegurada. Javier, na outra ponta, aproximava-se a fim de me atualizar sobre as últimas negociações com Manolo. Anos depois do alcance do território americano e nada parecia nos impedir a fazer o que sabíamos de melhor: espalhar o tal *oro blanco* pelo mundo.

Verifiquei o relógio rapidamente, dando-me conta do atraso de Celeste. Ela era a razão de termos reunido todas essas pessoas em nossa casa hoje. Tudo para comemorar seus dezessete anos de idade. Eu gostaria de dizer que tinham sido anos de paz.

Mas não foi assim.

E ainda que eu tivesse ateado fogo em meio mundo, eu não teria mudado nada. Porque eu nasci para ser quem era, e cada decisão que tomei durante a vida... trouxe-me até aqui. Ao dia em que veria as três mulheres mais importantes da minha vida sorrirem e dançarem. Como se o mundo lá fora, não fosse perigoso.

Por dentro desses portões, nada as atingiria.

Enquanto aguardava por Manoela e Celeste, eu observei de canto Maria Isabel passear entre os amigos mais velhos de sua irmã. O olhar fascinado, de quem sabia que ainda era muito jovem para estar acordada até essa hora. Mas eu jamais negaria nada a ela; das três, Maria Isabel era a mais... carinhosa. Lembrava-me muito minha irmã. E talvez por isso eu a mantivesse tão fortemente vigiada.

Ela era doce, inocente. Não merecia esse mundo, mas teria de aprender a viver nele se quisesse sobreviver.

Com o falecimento de Mercedes, três anos atrás, e o casamento de Rosa, as três assumiram a minha vida por completo. Eram toda a razão pela qual eu me recusava a perder, e a ser pego. E ainda que o meu *dinheiro sujo* pagasse aos federais pelo silêncio, eu sabia que sempre haveria alguém à espreita. Apenas esperando *El Señor de la Guerra* cometer um erro.

— Verificou se o avião pousou em segurança? — perguntei a Javier, preocupado com a última carga enviada para a Venezuela. De forma discreta, ele assentiu. — Certifique-se de que não haja problemas essa noite, os amigos de Celeste são um pouco agitados.

Não que ela fosse diferente. Mas minha filha sabia lidar com cada um deles, a sua própria maneira.

Enquanto aguardava as duas descerem, eu acendi outro de meus cigarros, e olhei para cima deparando-me com Manoela. Os anos só a tinham tornado mais mulher, a sensualidade inocente de antes fora substituída pela fantasia de todo homem. Manoela era uma *femme fatale* em todos os sentidos da palavra. Seu cabelo fora cortado mais curto ao longo dos anos, e ela o havia clareado, fazendo com que sua pele branca se tornasse quase transparente. Os olhos angelicais pertenciam agora à mulher que sabia que tinha o mundo em suas mãos.

Cada parte fodida dele.

Manoela não tinha medo, ela tinha respeito. Admiração pelo que eu fazia. Era ela a limpar o sangue de minhas mãos, e sugá-lo de minha pele. A lavar a sujeira da violência noite após noite. Minha mulher nunca pediu que

eu recuasse, que desistisse de uma guerra. Pelo contrário, ela me incentivou. Fez-me lembrar quem eu era.

E tudo o que já havia vivido.

Eu devia a porra da minha vida a essa mulher. Porque ela era a única a me fazer sentir como se pudesse respirar.

Incapaz de desviar meus olhos, eu percorri seu corpo com o olhar. Detendo-me no vestido preto. Ajustado em cada curva. A fenda na lateral, deixando à mostra a pele alva e macia. Respirei fundo, acenando para que ela viesse até mim e, quando o fez, eu a beijei.

— Você está linda. — E essa sempre seria uma verdade.

Tanto que era difícil ignorar o olhar que os pirralhos dos amigos de Celeste destinavam a minha esposa. A forma faminta com que a admiravam algo que jamais poderiam ter. Ou colocar as mãos.

— Você também. — Ela ajeitou a gola da minha camisa, e limpou os rastros de batom deixado em minha boca. — Tente apenas se comportar, hoje é um dia especial para Celeste.

Nos entreolhamos, tanta coisa sendo dita.

— Avisou a ela sobre o presente? — Manoela assentiu.

— Ela vai se encontrar com você no escritório, tudo bem? Tente não ser... tão direto. Ela ainda é muito nova, você sabe disso.

— Eu sei, amor. Claro que eu sei. — Despedi-me dela, mesmo que fosse estar longe só por alguns minutos, e me afastei. Deixando-a com Javier.

Pouco tempo depois de ter entrado no antigo escritório de meu pai, Celeste se juntou a mim, detendo-se ao ver a caixa dourada sobre a mesa.

— Mamãe disse que gostaria de falar comigo. — Assenti, contrariado ao vê-la agir como mulher. Acho que nunca a enxergaria dessa forma, por mais que Celeste já se parecesse como uma.

— Entre e feche a porta. — Ela o fez, e hesitou ao me ver apontar para a caixa onde seus olhos tinham estado.

— Abra, é um presente.

— Achei que você e mamãe já tivessem me dado a viagem. — Sacudi a cabeça.

— Aquele foi nosso, esse é meu. Agora abra, e veja se gosta.

Celeste se aproximou da mesa, jogando o cabelo negro para trás e respirou fundo ao abri-la. Seus olhos azuis expandiram-se ao ver do que se tratava o presente.

— É uma... É minha? — perguntou, ávida.

— Sim. Desde que saiba usá-la com sabedoria. Javier te ensinou a atirar, mas isso não significa que... — Em um impulso, Celeste contornou a mesa e me abraçou.

— Obrigada, *papá*. Muito obrigada! — Há tempos ela vinha tentando me convencer de que estava na hora de ter uma arma só dela. Algo com que pudesse se proteger.

Eu sabia que o momento chegaria, só não esperava que fosse tão

rápido, porra!

— Você sabe que algum dia será você a assumir o meu lugar, não é? — Ela assentiu.

— Não que eu espere que seja logo, *papá*, mas sim... eu sei.

— Quero que esteja preparada, minha filha. Porque nada nesse mundo é fácil. Veja tudo o que sua mãe passou...

— Ela te ama — Celeste me cortou. — Isso no final é o que importa, não é? Que vocês se amem.

— Quando ficou tão esperta?

— Não sou mais uma criança, Sr. Salvatore. — E isso era o que me preocupava.

— Para o mundo lá fora talvez você não seja, mas para mim você sempre será, Celeste. Então não me empurre, entendeu?

Ela sorriu, ignorando o aviso, e se afastou assim que Javier adentrou o cômodo. Impassível como sempre.

— Manolo está na linha — disse, enquanto minha filha se afastava. Vi-a hesitar, prestes a mostrar o presente a ele, mas Javier a ignorou. Era como se já não tivesse paciência para as criancices e implicâncias de Celeste.

Era melhor assim, pensei. A proximidade entre os dois sempre foi algo que me incomodou. Porque Celeste era possessiva como o pai, e para ela... tudo que lhe agradava, lhe pertencia.

Só que não Javier. Nunca o meu braço direito.

Eu o mataria se ele ousasse tocar na minha filha, com outra intenção que não a de protegê-la.

— O que Manolo queria?

— Ele está esperando sua posição sobre o que fazer com Esteban...

Esteban, Esteban. O filho da puta vinha nos dando alguns problemas nos últimos tempos. Olhando para o vazio deixado pela saída de Celeste, eu jurei a mim mesmo limpar a Terra de cada filho da puta que pudesse representar um risco às mulheres da minha vida no futuro.

— Dê a ordem para que o matem.

***

Sentado ao lado de Manoela, no carro que Javier dirigia, eu o observei pegar a estrada principal cujo caminho só poderia levar a nossa propriedade. Esse foi o momento em que afrouxei o nó da gravata, que odiava usar, e encarei minha esposa. Sua mente hoje parecia estar longe, e com razão. Celeste havia viajado há alguns dias com os amigos da escola, e a noite de hoje, sem sombra de dúvidas, tinha sido importante para o futuro de *El Castillo.* E agora, em meio à madrugada, nós voltávamos da festa particular em comemoração às eleições ganhas por Alejandro, que em breve tomaria posse como o novo presidente desse país.

Orgulho, era o que eu sentia do filho da puta!

E eram as consequências dessa eleição a razão do silêncio de Manoela. Porque minha esposa sabia, nada no mundo seria capaz de nos parar agora.

O país acabava de se tornar, oficialmente, dos Salvatore.

— Não gosto que fique preocupada.

— Não estou — garantiu, encarando-me de volta. A boca, coberta por um batom vermelho, fazendo contraste com o branco de seu vestido. Manoela era a personificação da elegância essa noite, mas eu sabia que por baixo da seda que a cobria, ela usava uma lingerie sexy e indecente. Que eu passei a noite inteira imaginando o momento em que a tiraria de seu corpo. — O México é seu. Não acho que haja com o que nos preocupar.

— Você está errada, Sra. Salvatore — falei, entrelaçando sua mão na minha, com força. — O México não é meu... ele é nosso, minha rainha.

Levei o torso de sua mão até a minha boca, e a beijei. Incapaz de não reparar na pedra de rubi que carregava em seu dedo anelar.

— Tão galanteador. Nem parece com o canalha mandão que eu sei que você é.

Nossos olhos se encontraram, e ela sorriu, reforçando o que eu já sabia.

— Daqui até o inferno, amor. Você é a única — garanti, ciente de que, por essa mulher, eu desceria ao inferno e voltaria quantas vezes mais fosse preciso.

Só para fazê-la feliz.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a cada leitor que esperou pelo retorno e a chegada de *Sangue Real*. Ao carinho que tenho recebido de vocês no *Wattpad* e nas redes sociais.

E aos meus parceiros, que abraçaram esse projeto com tanto amor!

Vocês foram e são essenciais!

Não poderia terminar também, sem agradecer a Erica Macedo, que me incentivou tanto nesses últimos meses. E mais do que uma amiga, ela foi parte importante dessa história.

A todos vocês, muito obrigada por acreditarem em Santiago e Manoela!

BIOGRAFIA

JAS SILVA

JAS SILVA é formada em Publicidade e Propaganda, e hoje se dedica exclusivamente à carreira de escritora. Apaixonada por romances e finais felizes, suas histórias são recheadas de paixões avassaladoras e amores possíveis. Com mais de dez livros publicados, a maioria deles sendo best-sellers na Amazon, a autora cativa seus leitores pela pitada sensual e intensa de suas histórias.

Suas principais obras: Aconteceu Você, Doce Prisão, Instinto Indomável e o seu mais recente lançamento, O Barão do Café.

REDES SOCIAIS:

Site:

www.jassilva.com.br

E-mail:

jassilva.escritora@gmail.com

Instagram:

@jassilva_escritora

Página no Facebook:

@escritora.jassilva

***

E-books à venda na Amazon ou no Kindle Unlimited:

Clique aqui para adquirir o seu.

---

[1] Ouro branco da morte, em espanhol. Conhecido como cocaína, por alguns. Mas não é unânime.

[2] Cabrón: gíria em espanhol que quer dizer: viado, filho da mãe, corno, safado, filho da puta, etc.. usado como xingamento.

[3] Jesús Malverde, possivelmente nascido como Jesús Juárez Mazo, também conhecido como o "bom bandido", "anjo de pobres", ou o "narcossanto", é um herói folclórico, do estado mexicano de Sinaloa. Fonte: Wikipédia.

[4] Gatinha, em espanhol.

[5] Nossa Senhora da Santa Morte. Conhecida como a protetora de todos os tipos de viventes na marginalidade e perpetradores de delinquência, ela tornou-se a figura de devoção dos homens e mulheres que se sentem negligenciados pela sociedade. Nasceu, provavelmente de um sincretismo entre crenças católicas e mesoamericanas. Atualmente, ela é considerada parte da igreja católica tradicionalista Mexicana-Estadounidense.

[6] Sincretismo: reunião de doutrinas diferentes.

[7] A *Drug Enforcement Administration* é um órgão de polícia federal do Departamento de Justiça dos Estados Unidos encarregado da repressão e controle de narcóticos.

[8] Tradicional copo mexicano.

[9] DEA.

[10] Cidade do estado de Sinaloa.

[11] Palácio de ouro

[12] Amazon Alexa é uma assistente virtual.

[13] Plural de AK-47.